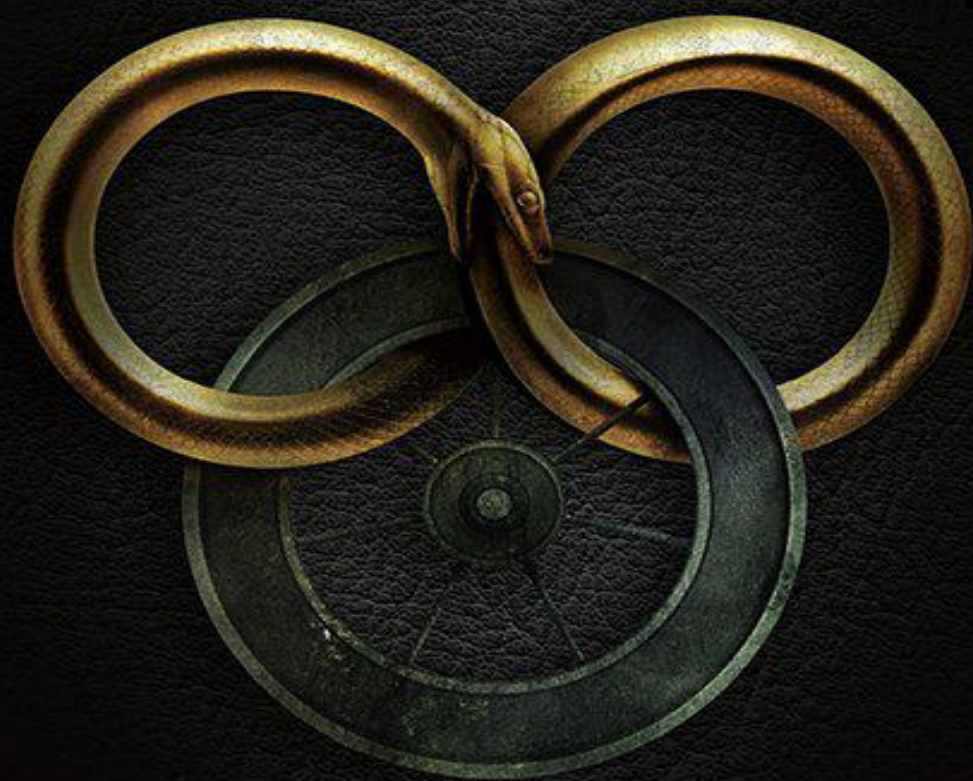


LIVRO 8 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O CAMINHO DAS ADAGAS



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times

Tabela de Conteúdos

[Capa](#)

[Título](#)

[Direitos autorais](#)

[Conteúdo](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

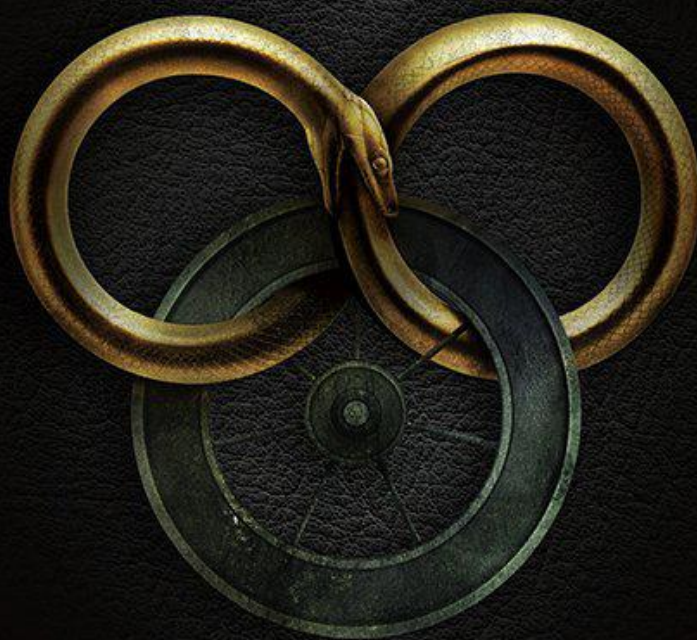
[Glossário](#)

[Sobre o Autor](#)

LIVRO 8 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O CAMINHO DAS ADAGAS



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times

Aclamação para A RODA DO TEMPO®

“Ao contrário de alguns dos autores de mega sagas, Jordan escolhe suas palavras com cuidado, criando pessoas e eventos que lhe renderam um enorme público. Por pura imaginação e habilidade de contar histórias. . . A Roda do Tempo agora rivaliza com *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien.”

—*Publishers Weekly* (starred review)

“Jordan consegue levar adiante sua impressionante construção do mundo nesta história detalhada de uma luta entre o bem e o mal. A história continua com seus inúmeros segmentos e subtramas, levando o leitor inexoravelmente para uma conclusão imprevisível.”

—*SF Site*

“As cenas de batalha têm a urgência sem fôlego da experiência em primeira mão, e... o mal atado nas forças do bem, os perigos latentes em qualquer salvação prometida e o sentido do ataque inevitável de eventos imprevisíveis carregam as marcas da experiência nacional americana durante os últimos três décadas.”

—*The New York Times*

“Sua escrita é distinta... pela riqueza de sua trama, com todo o charme e ingenuidade dos Irmãos Grimm e o comentário social/moral do *Admirável Mundo Novo* de Huxley. Com seus personagens bem desnudos, imagens escuras, alívio cômico, paisagens vívidas e um fascinante senso de atemporalidade, Jordan criou uma literatura complexa com uma linguagem e realidade própria.”

—Brewster Milton Robertson, *BookPage*

“Ao longo da preeminente saga de alta fantasia de Jordan... os personagens (os menores, bem como os maiores), o mundo e a fonte de poderes permaneceram notavelmente ricos e consistentes — nenhuma façanha média... Em meio a todo o Sturm und Drang, no entanto, há uma tensão cômica afinada que tanto deixa a história e adiciona ao seu desenvolvimento. Um grande épico de fantasia.”

—*Booklist*

“A verdade não é apenas estranha, é mais rica que a ficção, mas o universo fictício de Jordan se aproxima da variedade e complexidade do real... Enredos [são] dedilhados com ritmos de ondas longas ressoando algo como *eroica* de Beethoven.”

—Robert Knox, MPG Newspapers

“Aventura, mistério e coisas sombrias que se movem durante a noite — uma combinação de Robin Hood e Stephen King que é difícil de resistir... Além disso, Jordan faz o leitor... largar o livro lamentando a espera para o próximo título na série.”

—*Milwaukee Sentinel*

“A Roda do Tempo [está] rapidamente se tornando a saga de fantasia americana definitiva. É um conto de fantasia raramente igualado e ainda menos frequentemente superado em inglês.”

—*Chicago Sun-Times*

“Não posso recomendar começar em qualquer lugar, só no início, mas os volumes só ficam mais ricos à medida que avançam.”

—*Locus*

“Nas décadas desde que a trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, foi publicada, muitos escritores de fantasia tentaram capturar o espírito dessa obra seminal. Embora muitos tenham sido capazes de imitar o estilo, desenvolver uma trama igualmente

rápida e complexa, e criar personagens convincentes, nenhum deles capturou o espírito de homens pequenos e poderosos, lutando contra uma força do mal avassalador. Robert Jordan tem isso.”

—*Ottawa Citizen*

“Magia, ritmo, detalhes e envolvimento humano, com certa sutileza de apresentação e uma grande visão central. Robert Jordan é um baita escritor!”

—Piers Anthony

“Jordan tem uma visão poderosa do bem e do mal, mas o que me parece mais prazeroso... são todas as pessoas fascinantes movendo-se através de um mundo rico e interessante.”

—Orson Scott Card

“Os personagens de Jordan [são] encarnados com os pontos fortes e fracos de homens e mulheres reais... Invoca o meio do fim do mundo de *The Stand*, de Stephen King.”

—*The Post and Courier* (Charleston, South Carolina)

“Jordan escreve com a visão austera da luz e da escuridão, e às vezes senso de maravilha infantil, que permeia as obras de J. R. R. Tolkien. Seu estilo é indubitavelmente seu.”

—*The Pittsburgh Press*

“O épico multivolume de Jordan continua a fazer jus às suas altas ambições. Tramas complexas, uma série de personagens fortes, detalhes luxuosos e um escopo panorâmico fazem desta série uma festa para os aficionados pela fantasia... Ricamente detalhado e vividamente imaginado.”

—*Library Journal*

“A escrita de Jordan é clara e sua visão é fascinante, assim como as filosofias que executam seus personagens. E falando de personagens, seria difícil colocar nomear um grupo mais interessante.”

—*Science Fiction Review*

“A complexa filosofia por trás da série *A Roda do Tempo* é exposta de tal modo que o leitor muitas vezes simplesmente sente surpresa ao retornar ao mundo real. As aventuras de Rand não acabaram e nem terminou esta série de fantasia para pessoas pensantes.”

—*Brunswick Sentinel* (Australia)

“Robert Jordan pode escrever uma história e tanto... [Ele] mantém o suspense agudo e as surpresas e as invenções muito bem andadas. Convincentes. Uma experiência emocionante.”

—*Isaac Asimov's Science Fiction Magazine*

A RODA DO TEMPO ®

por Robert Jordan

O Olho do Mundo
A Grande Caçada
O Dragão Renascido
A Ascensão das Sombras
As Chamas do Paraíso
Senhor do Caos
Uma Coroa de Espadas
O Caminho das Adagas
Coração do Inverno
Encruzilhadas do Crepúsculo
Faca dos Sonhos

por Robert Jordan
e Brandon Sanderson

A Aproximação Tempestade

O CAMINHO DAS ADAGAS



A TOM DOHERTY ASSOCIATES BOOK
NEW YORK

ROBERT JORDAN

Traduzido por Paulo Cilas

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia.

O CAMINHO DAS ADAGAS

Copyright © 1998 por The Bandersnatch Group, Inc.

As frases "A Roda do Tempo®" e "O Dragão Renascido™," e o símbolo da roda de cobra, são marcas registradas de Robert Jordan. Todos os direitos reservados.

Traduzido por Paulo Cilas

Frontispiece por Julie Bell

Mapa por Ellisa Mitchell

Ilustrações interiores por Matthew C. Nielsen and Ellisa Mitchell

A Tor Book

Published by Tom Doherty Associates, LLC

175 Fifth Avenue

New York, NY 10010

www.tor-forge.com

Tor® is a registered trademark of Tom Doherty Associates, LLC.
ISBN 978-1-4299-6059-5

First Edition: October 1998

First E-book Edition: May 2010

Manufactured in the United States of America

Para
Harriet
Minha luz, minha vida, meu coração,
para sempre

CONTEÚDO

MAPA

PRÓLOGO: Aparências Enganosas

1 Mantendo a barganha

2 Desenrolar

3 Um passeio agradável

4 Um lugar tranquilo

5 A Tempestade

6 Tramas

7 Um Curral

8 Uma Simples Mulher do Campo

9 Emaranhados

10 Mudanças

11 Perguntas e um Juramento

12 Novas Alianças

13 Flutuando como a Neve

14 Mensagem de M'Hael

15 Mais Forte que Lei Escrita

16 Ausências Inesperadas

17 Fora, no Gelo

18 Um Chamado Peculiar

19 A Lei

20 Em Andor

21 Atendendo às Convocações

[22 As Nuvens se Reúnem](#)

[23 Névoa de Guerra, Tempestade de Batalha](#)

[24 Um Tempo para Ferro](#)

[25 Um Retorno Indesejado](#)

[26 O Pouco Extra](#)

[27 A Barganha](#)

[28 Espinheiro Carmesim](#)

[29 Uma Xícara de Sono](#)

[30 Começos](#)

[31 Depois](#)

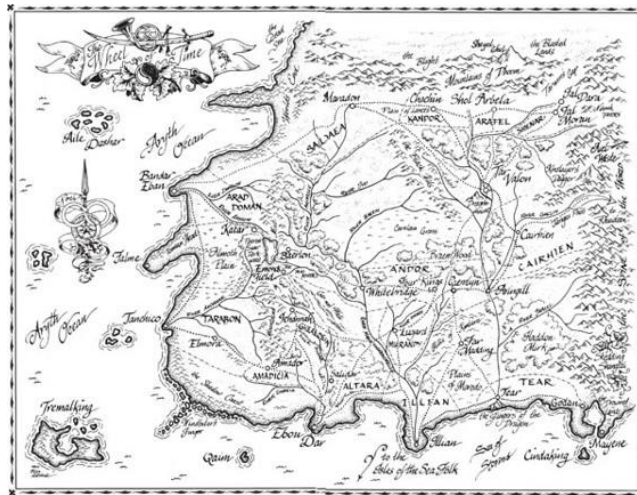
[GLOSSÁRIO](#)

Quem cear com os poderosos deve subir o caminho das adagas.

— Anotação anônima encontrada na margem de um manuscrito (acredita-se que data da época de Artur Asa de Gavião) dos últimos dias dos Conclaves Tovan.

Nas Alturas, todos os caminhos são pavimentados com adagas.

— Velho ditado Seanchan



PRÓLOGO



Aparências Enganosas

Ethenielle tinha visto montanhas mais baixas do que essas mal nomeadas Colinas Negras, grandes montes de pedregulhos meio enterrados, com passagens íngremes. Algumas dessas passagens teriam feito até uma cabra dar uma pausa. Você poderia viajar três dias através de florestas secas e prados de grama marrom sem ver um único sinal de habitação humana, então de repente encontrar-se a meio dia de sete ou oito pequenas aldeias, todas ignorantes do mundo. As Colinas Negras eram um lugar acidentado para os agricultores, longe das rotas comerciais, e mais difícil agora do que o normal. Um leopardo magro que deveria ter desaparecido ao ver homens observava de uma encosta íngreme, a nem quarenta passos de distância, enquanto ela passava com sua escolta armada. Ao Oeste, abutres rodavam círculos pacientes, como em um presságio. Nenhuma nuvem escondia o sol vermelho-sangue, mas até havia algumas nuvens. Quando o vento quente soprou, levantou nuvens de poeira.

Com 50 de seus melhores homens em seus calcanhares, Ethenielle montou despreocupadamente e sem pressa. Ao contrário de seu quase lendário ancestral Surasa, ela não tinha ilusão de que o tempo iria cuidar de seus desejos só porque ela detinha o Trono das

Nuvens, enquanto a pressa... Suas cartas cuidadosamente codificadas e bem guardadas tinham concordado com a ordem de marcha, e isso foi determinado pela necessidade de cada pessoa viajar sem chamar atenção. Não era uma tarefa fácil. Alguns acharam impossível.

Franzindo a testa, ela considerou a sorte que a deixou chegar tão longe sem ter que matar ninguém, evitando aquelas aldeias às moscas mesmo quando isso significava mais dias adicionados à viagem. Os poucos pousos Ogier não apresentaram nenhum problema — Ogier prestam pouca atenção ao que acontece entre os humanos, na maioria das vezes, e menos ainda nos últimos tempos, ao que parece — mas as aldeias... Elas eram muito pequenas para manter olhos e ouvidos para a Torre Branca, ou para este sujeito que alegou ser o Dragão Renascido — talvez ele fosse; ela não podia decidir o que seria pior — muito pequenas, mas os vendedores ambulantes passavam, eventualmente. Vendedores ambulantes carregavam tanto fofoca quanto bens comerciais, e falavam com pessoas que falavam com outras pessoas, rumores fluindo como um rio super ramificado, através das Colinas Negras e para o mundo lá fora. Com algumas palavras, um único pastor desavisado poderia acender um sinal de fogo a ser visto 500 léguas dali. O tipo sinal de fogo que incendiava bosques e pastagens. E cidades, talvez. Nações.

"Fiz a escolha certa, Serailla?" Irritada consigo mesma, Ethenielle fez uma careta. Ela podia não ser mais uma garota, mas seus poucos cabelos grisalhos mal mostravam que ela tinha idade suficiente para deixar sua língua irracional bater na brisa. A decisão foi tomada. Mas estava em sua mente. Pela Luz, ela não estava tão despreocupada como queria estar.

A Primeira Conselheira de Ethenielle guiou sua égua parda para mais perto do elegante capão negro da Rainha. De rosto redondo plácido e olhos escuros pensativos, Lady Serailla poderia ter sido uma esposa de fazenda de repente presa no vestido de equitação de uma nobre, mas a mente por trás dessas feições simples e suadas

era tão afiada quanto a de qualquer Aes Sedai. "As outras escolhas só traziam riscos diferentes, não menores", disse ela sem problemas. Corpulenta, ainda tão graciosa em sua sela como quando estava na dança, Serailla sempre foi suave. Não escorregadia, ou falsa; apenas completamente inabalável. "Seja qual for a verdade, Majestade, a Torre Branca parece estar paralisada e despedaçada. Você poderia ter sentado assistindo a Praga enquanto o mundo desmoronava atrás de você. Você poderia ter feito isso se fosse outra pessoa."

Foi isso que a trouxe aqui? Bem, se a Torre Branca não faria ou não poderia fazer o que tinha que ser feito, então alguém deveria. Que bem fazia proteger a Praga se o mundo desmoronava atrás dela?

Ethenielle olhou para o homem esguio cavalgando em seu outro lado, listras brancas em suas têmporas dando-lhe um ar arrogante, a espada ornamentada de Kirukan descansando na dobra de um braço. Foi chamada de Espada de Kirukan, de qualquer forma, e a lendária rainha guerreira de Aramaelle poderia tê-la carregado. A lâmina era antiga, alguns diziam ser forjada em Poder. O punho de duas mãos estava em sua direção como a tradição exigia, embora ela mesma não estava prestes a tentar usar uma espada como um Saldaeano de cérebro de fogo. Uma rainha deveria pensar, liderar e comandar, o que ninguém seria capaz de fazer enquanto tenta fazer o que qualquer soldado do seu exército poderia fazer melhor. "E você, portador de espada?", disse ela. "Você tem algum escrúpulo a esta hora tardia?"

Lorde Baldhere girou em sua sela de ouro para olhar para trás para as bandeiras transportadas por cavaleiros atrás deles, revestidas em couro trabalhado e veludo bordado. "Eu não gosto de esconder quem eu sou, Majestade", disse ele, exigente, endireitando-se. "O mundo nos conhecerá em breve, e o que fizemos. Ou tentamos fazer. Vamos acabar mortos ou nas histórias ou ambos, então eles podem muito bem saber que nomes escrever." Baldhere tinha uma língua afiada, e ele tendia a cuidar mais da música e de suas roupas

do que qualquer outra coisa - esse casaco azul bem cortado era o terceiro que ele já tinha usado hoje - mas, como com Serailla, as aparências enganavam. O Portador de Espadas do Trono das Nuvens tinha responsabilidades muito mais pesadas do que aquela espada em sua bainha encrustada de joias. Desde a morte do marido de Ethenielle há cerca de vinte anos, Baldhere havia comandado os exércitos de Kandor para ela no campo, e a maioria de seus soldados o teria seguido até Shayol Ghul. Ele não constava entre os grandes capitães, mas sabia quando lutar e quando não; bem como vencer.

"O local de encontro deve estar logo à frente", disse Serailla de repente, logo que Ethenielle viu o batedor que Baldhere tinha enviado na frente, um sujeito astuto chamado Lomas que usava uma crista de cabeça de raposa em seu capacete, aparecendo no topo do pico da passagem à frente. Com sua lança inclinada, ele fez o gesto de braço para "ponto de encontro à vista".

Baldhere balançou seu capão de ombros pesados e gritou um comando para que a escolta parasse - ele podia berrar, quando queria - em seguida, esporeou o baio para alcançar a ela e a Serailla. Era para ser um encontro entre aliados de longa data, mas enquanto passavam por Lomas, Baldhere deu ao homem de cara magra uma ordem para "Observar e avisar"; se algo desse errado, Lomas sinalizaria para que a escolta seguisse, trazendo sua rainha para fora.

Ethenielle suspirou levemente quando Serailla acenou, aprovando o comando. Aliados de longa data, mas os tempos criaram suspeitas como moscas no estrume. O que eles estavam prestes a fazer era mexer o monte e fazer as moscas voarem. Muitos governantes ao sul morreram ou desapareceram no último ano para que ela sentisse qualquer conforto em usar uma coroa. Muitas terras foram destruídas tão profundamente quanto um exército de Trollocs poderia ter conseguido. Quem quer que fosse, este al'Thor tinha muito a responder. Muito.

Além de Lomas, a passagem se abriu em um espaço raso, quase pequeno demais para ser chamado de vale, com árvores muito espaçadas para serem chamadas de matagal. Folha de couro e abeto azul e pinheiro de três agulhas traziam um pouco de verde junto com alguns poucos carvalhos, mas o resto era revestido de marrom, se não com galhos nus. Ao Sul, no entanto, estava o que tinha feito deste local uma boa escolha para o encontro. Um pináculo esguio como uma coluna de renda dourada brilhante estava inclinado e parcialmente enterrado na encosta nua, uns bons setenta passos dele aparecendo acima das copas das árvores. Todas as crianças nas Colinas Negras com idade suficiente para pular cordas sabiam disso, mas não havia uma aldeia dentro de quatro dias de viagem, nem ninguém se aproximaria 16 km dali voluntariamente. As histórias deste lugar falavam de visões loucas, de mortos andando, e de morte ao tocar o pináculo.

Ethenielle não se considerava fantasiosa, mas tremia ligeiramente. Nianh disse que a torre era um fragmento da Era das Lendas, e inofensiva. Com sorte, as Aes Sedai não tinham razão para recordar aquela conversa de anos atrás. Uma pena que os mortos não podiam ser obrigados a andar aqui. A lenda dizia que Kirukan tinha decapitado um falso Dragão com suas próprias mãos, e teve dois filhos de outro homem capaz de canalizar. Ou talvez fosse o mesmo. Ela devia saber como seguir seu propósito e sobreviver.

Como esperado, o primeiro par daqueles que Ethenielle tinha vindo encontrar estava esperando, cada um com dois atendentes. Paitar Nachiman tinha muito mais vincos em seu rosto longo do que o homem mais velho incrivelmente bonito que ela admirava quando menina, sem mencionar que agora tinha muito pouco cabelo e a maior parte estava cinza. Felizmente, ele tinha abandonado a moda de Arafellin para tranças e usava seu cabelo cortado curto. Mas ele sentou-se sua sela de costas retas, seus ombros não precisavam de estofamento naquele casaco de seda verde bordado, e ela sabia que ele ainda poderia empunhar a espada em seu quadril com vigor e

habilidade. Easar Togita, de cara quadrada e seu couro cabeludo raspado, exceto por um topete branco, seu casaco liso da cor do bronze velho, ele era uma cabeça mais baixo que o rei de Arafel, e mais leve, mas ele fazia Paitar parecer quase suave. Easar de Shienar não havia se tornado carrancudo - se tinha alguma coisa, era um toque de tristeza que parecia permanente em seus olhos - mas ele poderia ter sido feito a partir do mesmo metal que a espada longa em suas costas. Ela confiava em ambos os homens — e esperava que suas conexões familiares ajudassem a garantir essa confiança. Alianças por casamento sempre uniram as Terras fronteiriças tanto quanto sua guerra contra a Praga, e ela teve uma filha casada com o terceiro filho de Easar, e um filho com a neta favorita de Paitar, bem como um irmão e duas irmãs casadas em suas casas.

Seus companheiros pareciam tão diferentes quanto seus reis. Como sempre, Ishigari Terasian parecia apenas ressuscitado de um estupor depois de um banquete bêbado, o homem mais gordo que ela já tinha visto em uma sela; seu fino casaco vermelho estava amarrotado, seus olhos turvos, suas bochechas sem barbear. Em contraste, Kyril Shianri, era alto e magro, e quase tão elegante quanto Baldhere, apesar da poeira e suor em seu rosto, com sinos de prata em suas botas e luvas, bem como presos às suas tranças; ele usava sua expressão habitual de insatisfação e tinha uma maneira de sempre olhar friamente de cima de seu nariz proeminente para qualquer um, exceto Paitar. Shianri realmente era um tolo em muitos aspectos — os reis arafellin raramente faziam muita questão de ouvir os conselheiros, confiando em suas rainhas em vez disso — mas ele era mais do que parecia em um primeiro olhar. Agelmar Jagad poderia ter sido uma versão maior de Easar, um homem simples, claramente vestido de aço e pedra com mais armas penduradas sobre ele do que Baldhere carregava, morte súbita esperando para ser libertada, enquanto Alesune Chulin era tão magra quanto Serailla era forte, tão bonita quanto Serailla era simples, e tão ardente quanto Serailla era calma. Alesune parecia ter

nascido para suas sedas azuis. Era bom lembrar que julgar Serailla pela aparência era um erro, também.

"Que a Paz e a Luz favoreçam você, Ethenielle de Kandor", disse Easar rispidamente enquanto Ethenielle se punha régia diante deles, e ao mesmo tempo Paitar entoou: "Que a Luz te abrace, Ethenielle de Kandor." Paitar ainda tinha uma voz que fazia o coração das mulheres bater mais rápido. E uma esposa que sabia que ele era dela até as botas; Ethenielle duvidava que Menuki já tinha tido um momento de ciúmes em sua vida, ou motivo para isso.

Ela fez suas próprias saudações tão curtas quanto as deles, terminando com um direto "Espero que vocês tenham chegado aqui sem serem descobertos."

Easar bufou e se apoiou na frente de sua sela, olhando-a severamente. Um homem duro, mas há onze anos viúvo e ainda de luto. Ele tinha escrito poesia para sua esposa. Havia sempre mais do que o que estava na superfície. "Se fomos vistos, Ethenielle", ele resmungou, "então é melhor voltarmos agora."

"Você já fala em voltar atrás?" Entre seu tom e um movimento de suas rédeas com borlas, Shianri conseguiu combinar desdém com civilidade quase suficiente para evitar um desafio. Mesmo assim, Agelmar o estudou friamente, mudando ligeiramente em sua sela, um homem lembrando onde cada uma de suas armas foi colocada. Velhos aliados em muitas batalhas ao longo da Praga, mas essas novas suspeitas giravam.

Alesune fez sua montaria dançar, uma égua cinza tão alta quanto um cavalo de guerra. As finas listras brancas em seu longo cabelo preto de repente pareciam cristas em um capacete, e seus olhos tornaram fácil esquecer que as mulheres shienarianas não treinavam com armas nem travavam duelos. Seu título era simplesmente *shatayan* da família real, mas quem acreditava que a influência *de qualquer shatayan* parava em ordenar os cozinheiros e empregadas domésticas e vitrinistas cometia um grave erro.

"Imprudência não é coragem, Lorde Shianri. Deixamos a Praga desprotegida, e se falharmos, talvez mesmo se conseguirmos, alguns de nós podem encontrar nossas cabeças em espinhos. Talvez todos nós. A Torre Branca pode muito bem cuidar disso se este al'Thor não o fizer.

"A Praga parece quase dormindo", Terasian murmurou, os bigodes raspando enquanto esfregava seu queixo carnudo. "Eu nunca vi aquilo tão quieto."

"A Sombra nunca dorme", Jagad disse silenciosamente, e Terasian acenou com a cabeça como se isso, também, fosse algo a considerar. Agelmar era o melhor general de todos, um dos melhores a ser encontrado em qualquer lugar, mas o lugar de Terasian como mão direita de Paitar não tinha sido conquistado por ele ser um bom companheiro de bebida.

"O que eu deixei para trás pode proteger a Praga a não ser que Guerra dos Trollocs volte", disse Ethenielle com uma voz firme. "E confio que todos vocês fizeram isso também. Mas não importa. Alguém acredita que realmente podemos voltar atrás agora?" Ela fez a última pergunta seca, sem esperar resposta, mas recebeu uma.

"Voltar?", A voz alta de uma jovem exigiu atrás dela. Tenobia de Saldaea galopou para a reunião, guiando seu capão branco para cima, para que ele se erguesse de modo extravagante. Grossas linhas de pérolas ornavam as mangas cinza escuras de seu traje de equitação de saias estreitas, enquanto bordados vermelhos e dourados circulavam de forma avantajada para enfatizar a finura de sua cintura e o arredondamento de seus seios. Alta para uma mulher, ela conseguia ser bonita se não linda, apesar de um nariz que era exagerado na melhor das hipóteses. Grandes olhos inclinados de um azul escuro profundo certamente ajudavam, assim como uma confiança em si mesma tão forte que ela parecia até brilhar. Como esperado, a Rainha de Saldaea era acompanhada apenas por Kalyan Ramsin, um de seus numerosos tios, um homem

cheio de cicatrizes e grisalho, com o rosto de uma águia e bigodes grossos que se curvavam ao redor de sua boca. Tenobia Kazadi tolerava o conselho dos soldados, mas de ninguém mais. "Eu não vou voltar atrás", ela continuou ferozmente, "independente do que quer que o resto de vocês faça. Enviei meu *querido* tio Davram para me trazer a cabeça do falso Dragão Mazrim Taim, e agora ele e Taim *seguem* este al'Thor, se é que posso acreditar em metade do que ouço. Tenho cerca de 50 mil homens atrás de mim, e independente do que decidirem, não voltarei até que meu tio e Al'Thor aprendam exatamente quem governa Saldaea."

Ethenielle trocou olhares com Serailla e Baldhere, enquanto Paitar e Easar começaram a dizer a Tenobia que eles também pretendiam continuar. Serailla sacudiu a cabeça bem pouco, encolheu os ombros o menos que pôde. Baldhere revirou os olhos abertamente. Ethenielle não teve exatamente esperança de que Tenobia decidisse se manter longe no final, mas a garota certamente traria dificuldades.

Saldaeanos eram muito estranhos — Ethenielle muitas vezes se perguntava como sua irmã Einone tinha um casamento tão bom com outro dos tios de Tenobia — mas Tenobia carregava essa estranheza ao extremo. Era de se esperar exibição de qualquer saldaeano, mas Tenobia se deleitava em chocar domaneses e fazer altaranos parecerem monótonos. Temperamentos saldaeanos eram lendários; o dela era de fogo selvagem na ventania, e era impossível prever o que forneceria a faísca. Ethenielle nem sequer quis pensar na dificuldade em fazer com que a mulher escutasse a razão quando ela não queria; apenas Davram Bashere já tinha sido capaz de fazer isso. E depois havia a questão do casamento.

Tenobia ainda era jovem, embora já tivesse passado da idade em que deveria ter se casado — o casamento era um dever para qualquer membro de uma Casa governante, mais ainda para um governante; alianças tinham que ser feitas, um herdeiro fornecido — no entanto, Ethenielle nunca tinha considerado a menina para

qualquer um de seus próprios filhos. As exigências de Tenobia para um marido estavam em um nível específico, como tudo o que dizia respeito a ela. Ele deveria ser capaz de enfrentar e matar uma dúzia de Myrddraal de uma vez. Enquanto tocava harpa e compunha poesia. Devia ser capaz de confundir os estudiosos enquanto descia um penhasco montado em um cavalo. Ou talvez até enquanto subisse. É claro que ele teria que se submeter a ela — ela era uma rainha, afinal — mas às vezes Tenobia esperaria que ele ignorasse o que ela disse e a jogasse por cima dos ombros. A garota queria *exatamente* isso! E a Luz que o ajudasse se ele escolhesse jogá-la quando ela quisesse submissão, ou submissão quando ela quisesse a outra coisa. Ela nunca disse nada com essas palavras, mas qualquer mulher com juízo que a tivesse ouvido falar sobre homens poderia ligar os pontos rapidamente. Tenobia morreria como uma donzela. O que significava que seu tio Davram teria sucesso, se ela o deixasse vivo depois de tudo, ou então o herdeiro de Davram.

Uma palavra chamou a atenção de Ethenielle e fez com que ficasse ereta em sua sela. Ela devia estar prestando atenção; muito estava em jogo. "Aes Sedai?", Disse ela bruscamente. "O que tem as Aes Sedai?" Exceto por Paitar, seus conselheiros da Torre Branca tinham partido com as notícias dos problemas na Torre, sua própria Nianh e Aisling de Easar desaparecendo sem deixar rastros. Se Aes Sedai tivessem ideia de seus planos... Bem, Aes Sedai sempre possuem seus próprios planos. Sempre. Ela não gostaria de descobrir que estava colocando as mãos em dois ninhos de vespas, e não apenas um.

Paitar deu de ombros, parecendo um pouco envergonhado. Isso não era um pequeno truque para ele; ele, como Serailla, não deixava nada perturbá-lo. "Você não esperava que eu deixasse Coladara para trás, Ethenielle", disse ele em tons suaves, "mesmo que eu pudesse ter mantido os preparativos para ela." Ela não esperava; a irmã favorita dele era Aes Sedai, e Kiruna tinha plantado nele um profundo afeto pela Torre. Ethenielle não esperava por isso, mas

tinha esperança. "Coladara tinha visitas", continuou ele. "Sete delas. Trazê-las junto parecia prudente, dadas as circunstâncias. Felizmente, elas precisam de pouco convencimento. Nenhum, na verdade."

"Que a Luz ilumine e preserve nossas almas", respirou Ethenielle, e ouviu perto de ecos de Serailla e Baldhere. "Oito irmãs, Paitar? Oito?" A Torre Branca certamente sabia cada movimento que eles pretendiam fazer, agora.

"E eu tenho mais cinco", Tenobia disse como se estivesse anunciando que tinha um novo par de chinelos. "Elas me encontraram pouco antes de eu sair de Saldaea. Por acaso, tenho certeza. Pareceram tão surpresas quanto eu. Uma vez que elas descobriram o que eu estava fazendo — ainda não sei como elas souberam, mas elas souberam - uma vez que descobriram, eu tinha certeza que iam correr para encontrar Memara." Suas sobrancelhas se franziram em um brilho momentâneo. Elaida calculou mal ao enviar uma irmã para tentar intimidar Tenobia. "Em vez disso," ela terminou, "Illeisien e o resto estavam mais dispostas a guardar segredo do que eu."

"Mesmo assim", insistiu Ethenielle. "Treze irmãs. Tudo o que é necessário é que uma delas encontre uma maneira de enviar uma mensagem. Algumas palavras. Um soldado ou uma empregada intimidados. Será que algum de vocês acha que pode pará-las?"

"Os dados foram jogados", disse Paitar simplesmente. O que foi feito, foi feito. Arafellin eram quase tão estranhos quanto saldaeanos, na opinião de Ethenielle.

"Mais ao sul", acrescentou Easar, "pode ser bom ter treze Aes Sedai conosco." Isso trouxe um silêncio enquanto as implicações pairavam no ar. Ninguém queria expressá-las. Aquilo era muito diferente de enfrentar a Praga.

Tenobia deu uma risada repentina e chocante. Seu capão tentou dançar, mas ela o acalmou. "Eu quero ir para o sul o mais rápido que

puder, mas convido todos vocês para jantarem comigo no meu acampamento esta noite. Vocês podem falar com Illeisien e suas amigas, e ver se seu julgamento corresponde ao meu. Talvez amanhã à noite todos possamos nos reunir no acampamento de Paitar e questionar as amigas de sua Coladara." A sugestão foi tão sensata, tão obviamente necessária, que todos concordaram instantaneamente. E então Tenobia acrescentou, como se tivesse tido uma reflexão posterior: "Meu tio Kalyan ficaria honrado se você permitisse que ele se sentasse ao seu lado esta noite, Ethenielle. Ele admira muito você."

Ethenielle olhou para Kalyan Ramsin — o sujeito tinha acomodado seu cavalo silenciosamente atrás de Tenobia, sem nunca falar, mal parecendo respirar — ela mal olhou para ele, e por um instante aquela águia grisalha desnudou seus olhos. Por um instante, ela viu algo que não tinha visto desde que seu Brys morreu, um homem olhando não para uma rainha, mas para uma mulher. O choque disso foi um golpe de tirar o fôlego dela. Os olhos de Tenobia dispararam de seu tio para Ethenielle, seu sorriso minúsculo bastante satisfeito.

A indignação explodiu em Ethenielle. Esse sorriso deixaria tudo claro como água da nascente, se os olhos de Kalyan já não tivessem feito isso. Essa garota pensou em casar esse cara com *ela*? Essa *criança* presumida... De repente, a tristeza substituiu a fúria. Ela mesma era mais nova quando organizou o casamento de sua irmã viúva Nazelle. Uma questão de Estado, mas Nazelle tinha vindo a amar Lorde Ismic apesar de todos os seus protestos no início. Ethenielle estava organizando casamentos dos outros há tanto tempo que nunca tinha considerado que o seu próprio criaria um vínculo tão forte. Olhou para Kalyan novamente, um olhar mais longo. Seu rosto de couro era todo respeitoso e adequado mais uma vez, mas ela viu seus olhos como tinham parecido. Qualquer consorte que ela escolhesse teria que ser um homem duro, mas sempre exigira uma chance de que houvesse amor nos casamentos

de seus filhos, se não nos de seus irmãos também, e não faria menos por si mesma.

"Em vez de desperdiçar a luz do dia em conversas", disse ela, mais sem fôlego do que gostaria, "vamos fazer o que viemos fazer." Que a Luz queimasse sua alma, ela era uma mulher crescida, não uma menina encontrando um pretendente em potencial pela primeira vez. "Bem?", Ela exigiu. Desta vez, seu tom era adequadamente firme.

Todos os seus acordos foram feitos naquelas cartas cuidadosas, e todos os seus planos teriam que ser modificados à medida que se moviam para o sul e as circunstâncias mudavam. Este encontro tinha apenas um propósito real, uma cerimônia simples e antiga das Terras fronteiriças que tinha sido gravada apenas sete vezes em todos os anos desde a Ruptura. Uma cerimônia simples que os comprometeria além de qualquer coisa que as palavras pudessem fazer, por mais fortes que fossem. Os governantes aproximaram seus cavalos enquanto os outros recuavam.

Ethenielle sibilou quando a faca de seu cinto cortou sua palma esquerda. Tenobia riu ao cortar a dela. Paitar e Easar podiam muito bem estar arrancando lascas. Quatro mãos se estenderam e se encontraram, segurando, o sangue do coração se misturando, pingando no chão, mergulhando na sujeira pedregosa. "Somos um só, até a morte", disse Easar, e todos falaram com ele. "Nós somos um, até a morte." Por sangue e solo, eles estavam comprometidos. Agora tinham que encontrar Rand al'Thor. E fazer o que precisava ser feito. Qualquer que fosse o preço.

Uma vez que tinha certeza de que Turanna poderia se sentar na almofada sem ajuda, Verin levantou e deixou a irmã branca caída bebendo água. Tentando beber, de qualquer maneira. Os dentes de Turanna batiam sobre o copo de prata, o que não era surpresa. A entrada da tenda estava baixa o suficiente para que Verin tivesse

que se abaixar para colocar a cabeça para fora. Cansaço pesou em suas costas quando ela se inclinou. Ela não tinha medo da mulher tremendo atrás dela em um roupão de lã preta grosseiro. Verin segurou a blindagem apertada sobre ela, e duvidava que no momento Turanna tivesse força suficiente em suas pernas para cogitar saltar sobre ela por trás, mesmo que um pensamento tão incrível lhe ocorresse. As Brancas não pensavam assim. Aliás, na condição de Turanna, era duvidoso que ela pudesse canalizar um fio por várias horas ainda, mesmo que não estivesse blindada.

O acampamento Aiel cobria as colinas que escondiam Cairhien, tendas baixas cor de terra preenchendo o espaço entre as poucas árvores deixadas de pé tão perto da cidade. Nuvens fracas de poeira pairavam no ar, mas nem poeira nem calor, nem o brilho de um sol irritado, incomodavam os Aiel. Agitação e propósito enchiam o acampamento igual a qualquer cidade. No seu campo de visão estavam homens degolando a caça e remendando tendas, afiando facas e fazendo as botas macias que todos usavam, mulheres cozinhando sobre fogos abertos, assando, trabalhando em pequenos teares, cuidando de algumas das poucas crianças no acampamento. Por todos os lugares, os *gai'shain* vestindo branco corriam carregando fardos, ou batiam tapetes, ou cuidavam de cavalos de carga e mulas. Nada de vendedores ambulantes ou lojistas. Ou carrinhos e carruagens, é claro. Uma cidade? Parecia mais com mil aldeias reunidas em um lugar, embora os homens superassem muito as mulheres em número e, exceto pelos ferreiros fazendo suas bigornas soarem, quase todos os homens que não usavam branco carregavam armas. A maioria das mulheres também.

Os números certamente se igualavam aos de uma das grandes cidades, mais do que suficiente para esconder completamente algumas prisioneiras Aes Sedai, no entanto, Verin viu uma única mulher de túnica preta afastando-se lentamente a menos de cinquenta passos, lutando para puxar uma pilha de pedras até a cintura por trás de si em um couro de vaca. O capuz comprido

escondia seu rosto, mas ninguém no acampamento, exceto as irmãs cativas, usava aquelas vestes pretas. Uma Sábia passeava perto do esconderijo, brilhando com o Poder enquanto blindava a prisioneira, enquanto um par de Donzelas flanqueava a irmã, usando bastões para incentivá-la sempre que vacilava. Verin se perguntou se queriam que ela visse aquilo. Naquela mesma manhã, tinha passado por uma Coiren Saeldain de olhos arregalados, suor escorrendo pelo rosto, com uma Sábia e dois homens Aiel altos como escolta e uma grande cesta amontoadada com areia dobrando suas costas enquanto ela cambaleava até uma encosta. No dia anterior tinha sido Sarene Nemdahl. Eles a tinham colocado movendo punhados de água de um balde de couro para outro ao lado, incitando para que se movesse mais rápido, então a cutucavam por cada gota derramada quando a água caía quando a estavam cutucando para se mover mais rápido. Sarene parou um momento para perguntar a Verin o motivo daquilo, embora não esperasse qualquer resposta. Verin certamente não tinha sido capaz de fornecer uma antes que as Donzelas levassem Sarene de volta ao seu trabalho inútil.

Ela suprimiu um suspiro. Por um lado, não podia realmente gostar de ver irmãs sendo tratadas assim, quaisquer que fossem as razões ou necessidades, e por outro, era óbvio que um bom número das Sábias queria... O que? Que ela soubesse que ser Aes Sedai não contava para nada ali? Ridículo. Isso tinha ficado muito claro dias atrás. Que talvez ela pudesse ser colocada em uma túnica preta também? Pelo tempo, ela pensou que estava a salvo disso, pelo menos, mas as Sábias escondiam uma série de segredos que ela ainda não tinha como descobrir, o menor deles era como funcionava a hierarquia delas. O menor mesmo, mas a vida e toda sua pele estavam envoltas dentro desse segredo. Mulheres que davam comandos às vezes os recebiam das mesmas mulheres que tinham comandado anteriormente, e depois isso invertia novamente, tudo sem ritmo ou razão que ela pudesse ver. Ninguém nunca dava

ordens Sorilea, no entanto, e nisso podia estar a segurança. De certa forma.

Ela não podia conter uma onda de satisfação. Esta manhã, no Palácio do Sol, Sorilea exigiu saber o que mais envergonhava os aguacentos. Kiruna e as outras irmãs não entendiam; elas não fizeram nenhum esforço real para ver o que estava acontecendo aqui, talvez temendo o que poderiam aprender, temendo que tensões o conhecimento poderia colocar em seus juramentos. Elas ainda lutavam para justificar o caminho que o destino as havia forçado a tomar, mas Verin já tinha razões para o caminho que seguia, e propósito. Também tinha uma lista em sua bolsa, pronta para entregar a Sorilea quando elas estivessem sozinhas. Não precisava avisar as outras. Algumas das prisioneiras ela nunca conheceu, mas pensava que, para a maioria das mulheres, essa lista resumia as fraquezas que Sorilea procurava. A vida ia ficar muito mais difícil para as mulheres de preto. E seus próprios esforços seriam reconhecidos no fim, com sorte.

Dois grandes homens Aiel, cada um com um cabo de machado largo através dos ombros, sentaram-se do lado de fora da tenda, aparentemente absorvidos em um jogo de cama de gato, mas olharam em volta imediatamente quando sua cabeça apareceu através das tendas. Coram se ergueu como uma serpente se desenrolando em todo o seu tamanho, e Mendan esperou apenas para puxar a corda. Se ela estivesse em pé em linha reta, sua cabeça mal teria atingido o peito de qualquer um. Poderia ter virado os dois de cabeça para baixo e dado umas palmadas, é claro. Se ela ousasse. Tinha sido tentada de tempos em tempos. Eram seus guardas designados, sua proteção contra mal-entendidos no campo. E, sem dúvida, eles relatavam tudo o que ela dizia ou fazia. De alguns jeitos, teria preferido ter Tomas com ela, mas apenas alguns. Guardar segredos do seu Guardião era muito mais difícil do que guardá-los de estranhos.

"Por favor, diga a Colinda que terminei com Turanna Norill", ela disse a Coram, "e peça a ela para enviar Katerine Alruddin para mim." Ela queria lidar primeiro com as irmãs que não tinham Guardiões. Ele balançou a cabeça uma vez antes de trotar para fora sem falar. Estes homens Aiel não eram muito civilizados.

Mendan se agachou, observando-a com olhos surpreendentemente azuis. Um deles ficava com ela, não importava o que dissesse. Uma tira de pano vermelho estava amarrada ao redor das têmporas de Mendan, marcada com o antigo símbolo de Aes Sedai. Como os outros homens que usavam isso, como as Donzelas, ele parecia estar esperando que ela cometesse um erro. Bem, eles não eram os primeiros, e estavam bem longe de ser os mais perigosos. Setenta e um anos se passaram desde a última vez que ela cometeu um grave erro.

Verin deu a Mendan um sorriso deliberadamente vago e começou a recuar para a tenda, quando de repente algo chamou sua atenção e a segurou no lugar. Se o Aiel tivesse tentado cortar sua garganta, ela talvez não tivesse notado.

Não muito longe de onde estava inclinada na entrada da tenda, nove ou dez mulheres estavam ajoelhadas em uma fila, rolando pedras de amolar em moinhos de pedra plana muito parecidos com as de qualquer fazenda isolada. Outras mulheres trouxeram grãos em cestas e voltaram com uma farinha grosseira. As nove ou dez mulheres ajoelharam-se em saias escuras e blusas pálidas, lenços dobrados segurando seus cabelos para trás. Uma delas, visivelmente mais baixa que o resto, a única com cabelo que não chegava à cintura ou abaixo, não usava nem mesmo um único colar ou pulseira. Ela olhou para cima, o ressentimento em seu rosto corado pelo sol se aguçando ao encontrar o olhar de Verin. Só por um instante, porém, antes que ela voltasse às pressas para sua tarefa.

Verin entrou de volta na tenda, seu estômago rugindo enjoadamente. Irgain era da Ajah Verde. Ou melhor, tinha sido

Verde, antes de Rand al'Thor a estancar. Ser blindada entorpecia e confundia o vínculo com o seu Guardião, mas ser estancada o quebrava de modo tão forte quanto a morte. Um dos dois de Irgain aparentemente tinha caído morto devido ao choque, e o outro tinha morrido tentando matar milhares de Aiel sem fazer nenhum esforço para escapar. Muito provavelmente Irgain desejava também estar morta. Estancada. Verin pressionou as duas mãos em sua barriga. Ela *não* ia vomitar. Tinha visto coisa pior que uma mulher estancada. Muito pior.

"Não há esperança, há?" Turanna murmurou em voz grossa. Ela chorava silenciosamente, olhando dentro do copo de prata em suas mãos trêmulas para algo distante e horripilante. "Sem esperança."

"Há sempre uma maneira se você só procurar", disse Verin, dando tapinhas no ombro da mulher. "Você deve sempre procurar."

Seus pensamentos corriam, mas nenhum tocavam Turanna. O estancamento de Irgain fez sua barriga parecer cheia de graxa rançosa, sabia a Luz. Mas o que a mulher estava fazendo moendo grãos? E vestida como as mulheres Aiel! Ela tinha sido colocada para trabalhar lá para que Verin pudesse ver? Pergunta tola; mesmo com um *ta'veren* tão forte quanto Rand al'Thor a apenas alguns quilômetros de distância, havia algum limite para o número de coincidências que aceitaria. Tinha calculado mal? Na pior das hipóteses, não poderia ser um erro tão grande. Só que pequenos erros às vezes se mostravam tão fatais quanto os grandes. Quanto tempo ela poderia aguentar se Sorilea decidisse quebrá-la? Um tempo angustiantemente curto, ela suspeitava. De certa forma, Sorilea era tão dura quanto qualquer pessoa que já havia conhecido. E não havia nada que pudesse dizer para impedir. Era uma preocupação para outro dia. Não havia razão para ficar à frente de si mesma.

Ajoelhada, ela se esforçou um pouco para confortar Turanna, mas não muito. Palavras reconfortantes que soavam tão vazias para ela

quanto para Turanna, a julgar pela desolação em seus olhos. Nada poderia mudar as circunstâncias de Turanna, exceto Turanna, e isso tinha que vir de dentro de si mesma. A irmã Branca apenas chorou mais forte, sem fazer nenhum som, enquanto seus ombros tremiam, lágrimas escorrendo pelo rosto. A entrada de duas Sábias e um par de jovens homens Aiel que não conseguiam ficar de pé dentro da tenda era uma espécie de alívio. Para Verin, pelo menos. Ela se levantou e fez uma reverência suavemente, mas nenhum deles tinha qualquer interesse nela.

Daviena era uma mulher de olhos verdes com cabelos amarelo-avermelhados, Losaine de olhos acinzentados com cabelos escuros que só mostrava um brilho vermelho ao sol, ambas de cabeça e ombros mais altos do que ela, ambos usando expressões de mulheres que receberam uma tarefa sombria que desejavam para outra pessoa. Nenhuma das duas podia canalizar forte o suficiente para garantir que seguraria Turanna sozinha, mas elas se ligaram como se estivessem formando círculos a vida toda, a luz de *saidar* em torno de uma parecendo se misturar com a outra, apesar do fato de que estavam separadas. Verin forçou seu rosto em um sorriso para evitar franzir a testa. Onde elas aprenderam isso? Teria apostado tudo o que possuía que elas não sabiam como fazer isso apenas alguns dias atrás.

Tudo correu rápido e suavemente. Enquanto os homens agachados levantavam Turanna pelos braços, ela deixou a taça de prata cair. Vazia, felizmente para ela. Ela não lutou, o que foi bom, considerando que qualquer um poderia tê-la levado debaixo de um braço como um saco de grãos, mas sua boca estava aberta, emitindo um murmúrio sem palavras. O Aiel não prestou atenção. Daviena, focando o círculo, assumiu a blindagem, e Verin soltou a Fonte completamente. Nenhuma delas confiava nela o suficiente para deixá-la segurar *saidar* sem uma razão conhecida, não importava o juramento que tivesse feito. Nem pareceram notar, mas certamente teriam se tivesse segurado a Fonte. Os homens levaram Turanna

para longe, seus pés descalços arrastando através das camadas de tapetes que serviam de piso da tenda, e as Sábias os seguiram para fora. E foi isso. O que poderia ser feito com Turanna tinha sido feito.

Soltando um longo suspiro, Verin se afundou em uma das almofadas brilhantes com borla. Uma cesta de corda dourada fina estava nos tapetes ao lado dela. Enchendo uma das taças de prata sem par de um jarro de estanho, ela bebeu profundamente. Aquele foi um trabalho sedento, e cansativo. Ainda havia horas de luz do dia, mas ela sentia como se tivesse carregado um baú pesado por 20 milhas. Colinas acima. O copo voltou para a bandeja, e ela puxou o pequeno caderno de couro atrás de seu cinto. Sempre levava um pouco de tempo para eles conseguirem aquelas que ela pedia. Alguns momentos para examinar suas anotações — e fazer mais algumas — não seria um problema.

Não havia necessidade de anotações sobre as prisioneiras, mas o súbito aparecimento de Cadsuane Melaidhrin, há três dias, causou preocupação. O que Cadsuane queria? As companheiras da mulher podiam ser dispensadas, mas a própria Cadsuane era uma lenda, e até mesmo as partes críveis da lenda a tornavam de fato muito perigosa. Perigosa e imprevisível. Verin pegou uma caneta da pequena caixa de escrita de madeira que ela sempre carregava, alcançando a garrafa de tinta com rolha em sua bainha. E outra Sábia entrou na tenda.

Verin ficou de pé tão rapidamente que deixou cair seu caderno. Aeron não podia canalizar, mas Verin fez uma reverência muito mais profunda para a mulher grisalha do que tinha feito para Daviena e Losaine. No auge de sua medida, soltou as saias para alcançar seu caderno, mas os dedos de Aeron chegaram primeiro. Verin se endireitou, calmamente observando a mulher mais alta folear através das páginas.

Olhos azuis como o céu encontraram os dela. Um céu de inverno. "Alguns desenhos bonitos e muito sobre plantas e flores", disse

Aeron friamente. "Não vejo nada sobre as perguntas que você foi enviada para fazer." Ela jogou o caderno em Verin mais do que entregou a ela.

"Obrigada, Sábua", disse Verin humildemente, colocando o caderno de volta em segurança atrás de seu cinto. Ainda adicionou outra reverência para uma boa impressão, tão profunda quanto a primeira. "Tenho o hábito de anotar o que vejo." Um dia, ela teria que escrever o código que usou em seus cadernos — havia uma vida deles enchendo armários e baús em seu quarto acima da biblioteca da Torre Branca — um dia, mas ela esperava que não fosse tão cedo. "Quanto às... hum... prisioneiras, até agora todas elas dizem variações da mesma coisa. O *Car'a'carn* seria alojado na Torre até a Última Batalha. Sobre os... hum... maus tratos... começaram por causa de uma tentativa de fuga. Mas você já sabe disso, é claro. Não se preocupe, porém; tenho certeza que vou descobrir mais." Tudo era verdade, se não toda a verdade; ela tinha visto muitas irmãs morrer para arriscar enviar outras para o túmulo sem uma razão muito boa. O problema era decidir o que poderia causar esse risco. A forma como ocorreu o sequestro do jovem Al'Thor, por uma embaixada que estava supostamente tratando com ele, enfureceu os Aiel ao ponto de assassinato, mas o que ela chamou de "maus tratos" mal os irritou, pelo que podia ver.

Braceletes de ouro e marfim bateram suavemente quando Aeron ajustou seu xale escuro. Ela olhou para baixo como se tentando ler os pensamentos de Verin. Aeron parecia ter um lugar importante entre as Sábias, e mesmo Verin ocasionalmente vendo um sorriso vincar aquelas bochechas bronzeadas escuras, um sorriso quente e fácil, aquilo nunca era dirigido a uma Aes Sedai. *Nunca suspeitamos de que você seria a pessoa a falhar*, ela tinha dito a Verin um tanto obscuramente. Não houvera nada que não ficasse claro no resto, no entanto. *Aes Sedai não têm honra. Dê-me um fio de suspeita, e eu vou amarrá-la até que você não possa ficar de pé, com minhas próprias mãos. Dê-me dois fios, e eu vou te dar para os abutres e as formigas.*

Verin piscou para ela, tentando parecer aberta. E mansa; ela não devia esquecer de ser mansa. Dócil, e complacente. Não sentia medo. Em seu tempo, enfrentou olhares mais duros, de mulheres e homens, sem a complacência magra de Aeron, dizendo que poriam fim à sua vida. Mas uma boa dose de esforço tinha acabado ao ser enviada para fazer aquelas perguntas. Não podia se dar ao luxo de desperdiçá-lo agora. Se ao menos essas Aiel deixassem transparecer mais em seus rostos.

Abruptamente, percebeu que elas não estavam mais sozinhas na tenda. Duas Donzelas de cabelos claros entraram com uma mulher vestida de preto, uma mão mais baixa que qualquer uma delas. Elas estavam segurando-a ereta. De um lado estava Tialin, uma ruiva magra com uma expressão sombria atrás da luz do *saidar*, blindando a prisioneira de preto. O cabelo da irmã pendia em cachos encharcados de suor em seus ombros, e fios se agarravam ao seu rosto, que traziam tanta sujeira que Verin não a reconheceu no início. Maças do rosto altas, mas não muito altas, um nariz com apenas o começo de uma curva, e uma pequena inclinação nos olhos castanhos... Beldeine. Beldeine Nyram. Ela tinha instruído a menina em algumas aulas de Noviças.

"Se me permite perguntar", disse com cuidado, "por que ela foi trazida? Eu pedi outra. Beldeine não tinha Guardião, apesar de ser Verde — tinha sido elevada ao xale há apenas três anos, e Verdes eram muitas vezes especialmente exigentes sobre o seu primeiro — mas se começaram a trazer quem elas selecionaram, a próxima poderia ter dois ou três Guardiões. Pensou que poderia lidar com mais duas hoje, mas não se alguma delas tivesse um Guardião. E duvidava que lhe dariam uma segunda chance com qualquer uma delas.

"Katerine Alruddin escapou ontem à noite", Tialin quase cuspiu, e Verin *engasgou*.

“Vocês a deixaram *escapar?*”, explodiu sem pensar. Cansaço não era desculpa, mas as palavras derramaram de sua língua antes que pudesse pará-las. “Como vocês podem ser tão tolas? Ela é Vermelha! E nenhuma covarde, nem fraca no Poder! O *Car’a’carn* pode estar em perigo! Por que não fomos informadas disso quando aconteceu?”

“Não foi descoberto até esta manhã”, uma das Donzelas rosnou. Seus olhos poderiam ser safiras polidas. “Uma Sábia e dois *Cor Darei* foram envenenados, e o *gai’shain* que os trouxe bebida foi encontrado com a garganta cortada.”

Aeron arqueou uma sobrancelha para a Donzela friamente. “Ela falou com você, Carahuin?” Ambas as Donzelas de repente se tornaram absortas na tarefa de manter Beldeine de pé. Aeron apenas olhou para Tialin, mas a Sábia ruiva baixou o olhar. Verin foi a próxima receptora dessas atenções. “Sua preocupação com Rand al’Thor dá a você... honra”, disse Aeron relutantemente. “Ele ficará seguro. Você não precisa saber mais. Ou tanto.” Abruptamente seu tom endureceu. “Mas aprendizes não usam esse tom com Sábias, Verin Mathwin *Aes Sedai*.” As últimas palavras foram um escárnio.

Sufocando um suspiro, Verin quase caiu em outra reverência profunda, uma parte sua desejava de que ela fosse tão magra quanto tinha sido ao chegar na Torre Branca. Ela não era construída para toda essa curvatura e balançar. “Perdoe-me, Sábia”, disse ela humildemente. Escapou! As circunstâncias deixaram tudo claro, para ela, se não para a Aiel. “A apreensão deve ter afrouxado minha inteligência.” Uma pena que ela não tinha como garantir que Katherine se encontrasse com um acidente fatal. “Farei o meu melhor para lembrar no futuro.” Nada mais que o bater de um cílio disse que Aeron aceitava isso. “Posso assumir sua blindagem, Sábia?”

Aeron acenou com a cabeça sem olhar para Tialin, e Verin rapidamente abraçou a Fonte, se ocupando da blindagem que Tialin lançava. Nunca deixava de surpreendê-la que as mulheres que não podiam canalizar davam ordens tão livremente às mulheres que

podiam. Tialin não era muito mais fraca no Poder do que Verin, mas assistia Aeron quase tão cautelosamente quanto as Donzelas, e quando as Donzelas correram para fora da tenda em um gesto da mão de Aeron, deixando Beldeine vacilando onde estava, Tialin ficou apenas um passo atrás.

Aeron não foi, no entanto, não imediatamente. "Você não vai falar de Katherine Alruddin para o *Car'a'carn*", disse ela. "Ele tem o suficiente para ocupar seus pensamentos sem dar-lhe ninharias para se preocupar."

"Não direi nada a ele sobre ela", Verin concordou rapidamente. Ninharias? Uma Vermelha com a força de Katherine não era ninharia. Talvez uma nota. Isso precisaria de pensamento.

"Certifique-se de segurar sua língua, Verin Mathwin, ou você vai usá-la para uivar."

Não parecia haver nada a dizer sobre isso, então Verin se concentrou na mansidão e docilidade, fazendo mais uma reverência. Seus joelhos queriam gemer.

Uma vez que Aeron partiu, Verin permitiu-se um suspiro de alívio. Tinha medo de que Aeron pretendesse permanecer. Ganhar permissão para ficar sozinha com as prisioneiras exigiu quase tanto esforço quanto fazer Sorilea e Amys decidirem que elas precisavam ser interrogadas, e por alguém íntimo da Torre Branca. Se alguma vez soubessem que foram guiadas a essa decisão... Isso era preocupação para outro dia. Ela parecia estar acumulando um grande número dessas preocupações.

"Há água suficiente para lavar seu rosto e mãos, pelo menos", disse ela a Beldeine levemente. "E se você quiser, eu vou curá-la." Todas as irmãs que ela entrevistou carregavam pelo menos alguns vergões. Os Aiel não batiam nas prisioneiras, exceto por derramar água ou recusar uma tarefa — as palavras mais sombrias de desafio ganhavam apenas risos desdenhosos, se muito — mas as mulheres de preto foram pastoreadas como animais, um toque do bastão para

ir ou virar ou parar, e um toque mais forte se elas não obedecessem rápido o suficiente. A cura também facilitava outras coisas.

Imunda, suada, tremendo como vara verde no vento, Beldeine torceu o lábio. "Prefiro sangrar até a morte do que ser curada por você!", Ela cuspiu. "Talvez eu devesse ter esperado vê-la rastejando para essas bravias, essas selvagens, mas nunca pensei que você iria se dispor a revelar segredos da Torre! Isso é traição, Verin! Com rebelião!" Ela grunhiu com desprezo. "Suponho que se você não se envergonha disso, não vai parar por nada! O que mais você e as outras ensinaram a elas além de se ligar em um círculo?"

Verin estalou a língua irritada, sem se preocupando em corrigir a jovem. Seu pescoço doía de olhar para os Aiel — aliás, até Beldeine era mais alta que ela uma mão ou mais — seus joelhos doíam de fazer reverência, e muitas mulheres que deveriam saber melhor das coisas tinham arremessado desprezo cego e orgulho tolo sobre ela hoje. Quem deveria saber melhor do que uma Aes Sedai que uma irmã tinha que usar muitas caras no mundo? Nem sempre se pode exagerar com as pessoas, ou ameaçá-las, também. Além disso, era muito melhor se comportar como uma noviça do que ser punida como uma, especialmente quando isso lhe rendia apenas dor e humilhação. Até Kiruna tinha que ver o sentido disso em algum momento.

"Sente-se antes de cair", disse ela, aderindo às suas próprias palavras. "Deixe-me adivinhar o que você fez hoje. Por toda essa sujeira, eu diria que estava cavando um buraco. Com suas próprias mãos, ou elas deixaram você usar uma colher? Quando elas decidirem que está acabado, vão fazer você preenchê-lo novamente, sabe. Agora, deixe-me ver. Cada parte que vejo de você está suja, mas esse roupão está limpo, então imagino que fizeram você cavar pelada. Tem certeza que não quer cura? Queimaduras de sol podem ser dolorosas." Ela encheu outro copo com água e o moveu através da tenda em um fluxo de ar para pairar na frente de Beldeine. "Sua garganta deve estar seca."

A jovem Verde olhou para o copo de modo instável por um momento, então, de repente, suas pernas cederam e ela caiu em uma almofada com uma risada amarga. "Elas... *me aguem* com frequência. Ela riu novamente, embora Verin não entendesse a piada. "Tanto quanto eu quiser, contanto que eu engula tudo." Estudando Verin com raiva, ela fez uma pausa, em seguida, continuou com uma voz apertada. "Esse vestido fica muito bom em você. Elas queimaram o meu; eu as vi. Roubaram tudo, exceto isso. Ela tocou a Grande Serpente dourada em torno de seu dedo indicador esquerdo, um brilho dourado brilhante entre a sujeira. "Suponho que não poderiam encontrar bastante coragem para isso. Sei o que elas estão tentando fazer, Verin, e não vai funcionar. Não comigo, nem com nenhuma de nós!"

Ela ainda tinha as guardas levantadas. Verin colocou o copo no tapete florido ao lado de Beldeine, então pegou o seu próprio e bebeu antes de falar. "Ah, não? O que elas estão tentando fazer?"

Desta vez, a risada da outra mulher foi frágil, bem como dura. "Quebrar-nos, e você sabe disso! Fazer-nos jurar fidelidade a Al'Thor, do jeito que você fez. Verin, como pôde? Jurando lealdade! E pior, para um *homem*, para *ele*! Mesmo que você tenha se rebelado contra o Trono de Amyrlin, contra a Torre Branca..." Ela fazia os dois parecerem a mesma coisa. "...como você poderia fazer *isso*?"

Por um momento, Verin se perguntou se as coisas seriam melhores se as mulheres agora mantidas no campo dos Aiel tivessem sido pegadas como ela tinha sido, uma lasca de madeira no giro do redemoinho *ta'veren* de Rand al'Thor, palavras derramando de sua boca antes que tivessem tempo de se formar em seu cérebro. Não palavras que ela nunca poderia ter dito por conta própria — não era assim que *ta'veren* afetava as pessoas — mas palavras que ela poderia ter dito uma vez em mil nessas circunstâncias, uma vez em dez mil. Não, as discussões tinham sido longas e acaloradas, considerando se juramentos ditos dessa forma tinham que ser mantidos; e as discussões sobre como mantê-los ainda continuavam.

Muito melhor do que antes. Distraída, apalpou uma forma dura dentro de sua bolsa do cinto, um pequeno broche, uma pedra translúcida esculpida no que parecia ser um lírio com muitas pétalas. Ela nunca usou, mas não estava fora de seu alcance em quase cinquenta anos.

"Você é *da'tsang*, Beldeine. Deve ter ouvido isso." Não precisava do aceno breve de Beldeine; contar ao desprezado era parte da lei Aiel, como pronunciar uma sentença. Isso ela sabia, e muito pouco mais. "Suas roupas, e qualquer outra coisa que queimasse, foram postas no fogo porque nenhum Aiel usaria qualquer coisa que pertencesse a um *da'tsang*. O resto foi cortado em pedaços ou martelado até virar sucata, até mesmo as joias que você tinha com você, e enterrado sob um poço cavado para um jaque."

"Meu... Meu cavalo?" Beldeine perguntou ansiosamente.

"Eles não mataram os cavalos, mas não sei onde está o seu." Sendo montado por alguém na cidade, provavelmente, ou talvez dado a um Asha'man. Dizer a ela podia fazer mais mal do que bem. Verin parecia lembrar que Beldeine era uma daquelas jovens que tinham sentimentos muito profundos por cavalos. "Eles deixam você manter o anel para lembrá-la de quem você era, e aumentar sua vergonha. Não sei se deixariam você se jurar ao Mestre al'Thor mesmo se implorasse. Seria preciso algo incrível de sua parte, eu acho.

"Eu não vou! Nunca!" As palavras soaram vazias, no entanto, e os ombros de Beldeine caíram. Ela estava abalada, mas não o suficiente.

Verin deu um sorriso caloroso. Um sujeito lhe disse uma vez que seu sorriso o fez pensar em sua querida mãe. Ela esperava que ele não tivesse mentido sobre isso, pelo menos. Ele tentou deslizar uma adaga entre as costelas dela um pouco mais tarde, e seu sorriso tinha sido a última coisa que ele viu. "Não posso pensar numa razão para você fazer isso. Não, temo que o que você tem que esperar é trabalho inútil. Isso é vergonha para eles. Vergonha grande. Claro, se

eles perceberem que você não vê dessa forma... eu não posso fazer nada. Ah, não. Aposto que você não gosta de cavar sem roupas, mesmo com Donzelas de guarda, mas pense em, digamos, ficar em pé em uma tenda cheia de homens assim?" Beldeine vacilou. Verin tagarelava, ela tinha desenvolvido a tagarelice como uma espécie de Talento. "Elas só fariam você ficar lá, é claro. *Da'tsang* não pode fazer nada útil a menos que haja grande necessidade, e um homem Aiel colocaria o braço em volta de uma carcaça podre como... Bem, isso não é um pensamento agradável, é? De qualquer forma, é isso que você tem que esperar. Sei que você vai resistir o máximo que puder, embora eu não tenha certeza do que há para resistir. Elas não vão tentar obter informações de você, ou qualquer coisa que as pessoas geralmente fazem com prisioneiros. Mas não vão deixar você ir, nunca, até que tenham certeza de que a vergonha está tão profunda em você que não há mais nada. Mesmo que demore o resto da sua vida."

Os lábios de Beldeine se moviam sem som, mas ela poderia muito bem ter falado as palavras. *O resto da minha vida*. Mudando desconfortavelmente em sua almofada, ela fez uma careta. Queimaduras solares ou vergões ou simplesmente a dor do trabalho desacostumado. "Seremos resgatadas", disse ela finalmente. "A Amyrlin não vai nos deixar... Seremos resgatadas, ou... Nós seremos resgatadas!" Pegando a taça de prata ao lado dela, inclinou a cabeça para trás para engolir até que estivesse vazia, e depois empurrou-a para pedir mais. Verin flutuou o jarro de estanho e colocou-o no chão para que a jovem pudesse servir a si mesma.

"Ou você vai escapar?" Verin disse, e as mãos sujas de Beldeine se enrolaram, jogando água pelos lados do copo. "Realmente, sabe. Você tem tanta chance disso quanto de resgate. Está cercada por um exército de Aiel. E, aparentemente, al'Thor pode chamar algumas centenas daqueles Asha'man sempre que ele quiser, para caçá-la." A outra mulher estremeceu com isso, e Verin quase fez o mesmo. Aquela pequena bagunça deveria ter sido interrompida assim que

começou. "Não, eu temo que você deve fazer o seu próprio caminho, de alguma forma. Lidar com as coisas como elas são. Você está muito sozinha nisso. Eu sei que eles não deixam você falar com as outras. Muito sozinha", ela suspirou. Olhos arregalados olharam para ela como se olhassem para uma víbora vermelha. "Não há necessidade de tornar tudo pior do que deve ser. Deixe-me curá-la."

Ela mal esperou pelo aceno lamentável da outra mulher antes de se ajoelhar ao lado dela e colocar as mãos na cabeça de Beldeine. A jovem estava quase tão pronta quanto poderia estar. Abrindo-se para mais de *saidar*, Verin teceu os fluxos de Cura, e a Verde engasgou e tremeu. O copo meio cheio caiu de suas mãos, e um braço agitado derrubou o jarro de lado. Agora ela *estava* o mais pronta possível.

Nos momentos de confusão que dominaram qualquer uma depois de ser curada, enquanto Beldeine ainda piscava e tentava voltar para si mesma, Verin se abriu ainda mais, abriu-se através do *angreal* de flores esculpidas em sua bolsa. Não era um *angreal* muito poderoso, mas era o suficiente, e ela precisava de cada pedacinho do poder extra que ele lhe dava. Os fluxos que ela começou a tecer não tinham nenhuma semelhança com a Cura. O espírito predominava de longe, mas havia Vento e Água, Fogo e Terra, o último de alguma dificuldade para ela, e até mesmo os fios do Espírito tiveram que ser divididos repetidas vezes, colocados com uma complexidade para confundir um tecelão de tapetes finos. Mesmo que uma Sábia enfiasse a cabeça na tenda, com a menor sorte ela não teria o raro Talento necessário para perceber o que Verin estava fazendo. Ainda haveria dificuldades, talvez dificuldades dolorosas de uma forma e de outra, mas ela poderia viver com qualquer coisa que não fosse a descoberta verdadeira.

"O que..." Beldeine disse sonolenta. Sua cabeça teria caído se não fosse o aperto de Verin, e suas pálpebras estavam meio fechadas. "O que você está... O que está acontecendo?"

"Nada que te prejudique", disse Verin com tranquilidade. A mulher podia morrer dentro de um ano, ou em dez, como resultado disso, mas a própria tecelagem não a machucaria. "Prometo a você, isso é seguro o suficiente para usar em uma criança." Claro, isso dependeria do que você fizesse com aquilo.

Ela precisava colocar os fluxos no lugar fio por fio, mas falar parecia ajudar em vez de dificultar. E muito tempo um silêncio poderia levantar suspeitas, se seus guardiões gêmeos estivessem ouvindo. Seus olhos corriam frequentemente para as abas da porta penduradas. Queria algumas respostas que não tinha intenção de compartilhar, respostas que nenhuma das mulheres que ela questionou provavelmente daria livremente, mesmo que soubessem. Um dos efeitos menores dessa tecelagem era afrouxar a língua e abrir a mente, assim como qualquer erva jamais poderia, um efeito que veio rapidamente.

Soltando a voz quase a um sussurro, ela continuou. "O menino al'Thor parece pensar que tem algum tipo de apoiadora dentro da Torre Branca, Beldeine. Em segredo, é claro; elas devem existir." Mesmo um homem com a orelha pressionada no tecido da tenda devia ser capaz de ouvir apenas que eles estavam falando. "Diga-me qualquer coisa que você sabe sobre elas."

"Apoiadoras?" Beldeine murmurou, tentando uma carranca que parecia além de sua habilidade. Ela se mexeu, embora aquilo dificilmente merecesse a palavra agitação, fraca e descoordenada. "Dele? Entre as irmãs? Não pode ser. Exceto aqueles de vocês que... Como pôde, Verin? Por que você não luta contra isso?"

Verin fez um *tsc* irritadamente. Não pela sugestão tola de que ela deveria ter lutado com um *ta'veren*. O garoto parecia tão convencido. Por que? Ela manteve a voz baixa. "Você não tem suspeitas, Beldeine? Não ouviu rumores antes de deixar Tar Valon? Sem sussurros? Ninguém que sugeriu se aproximar dele de forma diferente? Diga-me."

"Ninguém. Quem poderia... Ninguém o faria... Eu admirava tanto Kiruna." Havia um indício de perda na voz sonolenta de Beldeine, e lágrimas vazando de seus olhos faziam rastros através da sujeira. Só as mãos de Verin a mantiveram sentada ereta.

Verin continuou a colocar os fios de sua tecelagem, olhos se movendo de seu trabalho para as entradas e de volta. Sentiu como se estivesse suando. Sorilea podia decidir que ela precisava de ajuda com o interrogatório. Podia trazer uma das irmãs do Palácio do Sol. Se alguma irmã soubesse disso, estancamento era uma possibilidade muito real. "Então você ia entregá-lo a Elaida bem lavado e bem comportado", disse ela em um tom um pouco mais alto. O silêncio tinha durado por muito tempo. Não queria o par fora relatando que ela estava sussurrando com as prisioneiras.

"Eu não poderia... falar... contra a decisão de Galina. Ela liderava... com o comando da Amyrlin." Beldeine se mexeu de novo, fracamente. Sua voz ainda era sonhadora, mas tinha adquirido uma borda agitada. Suas pálpebras tremulavam. "Ele tinha que... ser obrigado... a obedecer! Ele tinha que ser! Não deveria ter sido... tratado tão duramente. Como colocar... ele em... dúvida. Errado.

Verin bufou. Errado? Desastroso era mais adequado. Um desastre desde o início. Agora o homem olhava para qualquer Aes Sedai quase do jeito que Aeron olhava. E se elas tivessem conseguido levá-lo para Tar Valon? Um *ta'veren* como Rand al'Thor realmente dentro da Torre Branca? Um pensamento para fazer uma pedra tremer. Seja como for, desastre certamente teria sido uma palavra muito leve. O preço pago no Poço de Dumai era pequeno o suficiente, por evitar isso.

Ela continuou fazendo perguntas em um tom que podia ser ouvido claramente por qualquer um ouvindo lá fora. Fazendo perguntas para as questões que já tinha respostas, e evitando aquelas muito perigosas para serem respondidas. Prestou pouca

atenção às palavras que saíam da boca ou às respostas de Beldeine. Ela se concentrava principalmente em sua tecelagem.

Muitas coisas capturaram seu interesse ao longo dos anos, nem todas estritamente aprovadas pela Torre. Quase todas as bravias que vieram à Torre Branca para treinamento — tanto as verdadeiras bravias, que realmente começavam a ensinar a si mesmas, e meninas que apenas começavam a tocar a Fonte, porque a faísca nascida nelas tinha acelerado por conta própria; para algumas irmãs, não havia diferença real — quase todas aquelas bravias tinham criado pelo menos um truque para si mesmas, e esses truques quase invariavelmente se enquadravam sob duas categorias. Uma maneira de ouvir as conversas dos outros, ou uma maneira de fazer as pessoas fazerem o que quisessem.

Com o primeiro a Torre não se importava muito. Mesmo uma bravia que tivesse ganhado controle considerável por conta própria rapidamente aprendia que, enquanto ela usava o branco de noviça, não era nem para tocar *saidar* sem uma irmã ou uma das Aceitas por perto. O que tendia a limitar a escuta bastante acentuadamente. O outro truque, no entanto, parecia muito com a compulsão proibida. Era só uma maneira de fazer o pai lhe dar vestidos ou bugigangas que ele não queria comprar, ou fazer a mãe aprovar jovens dos quais elas normalmente fugiam, coisas dessa natureza, mas a Torre desenraizava o truque de forma mais eficaz. Muitas das meninas e mulheres com quem Verin falou ao longo dos anos não conseguiam tecer as tramas, muito menos usá-las, e um bom número conseguia sequer se lembrar de como fazia. A partir de partes e pedaços de tramas meio lembradas criadas por garotas não treinadas para fins muito limitados, Verin reconstruiu uma coisa proibida pela Torre desde sua fundação. No início, tinha sido simples curiosidade de sua parte. *Curiosidade*, ela pensou ironicamente, trabalhando na tecelagem em Beldeine, *me fez subir em mais de uma chaleira*. A utilidade veio depois.

"Suponho que Elaida pretendesse mantê-lo nas celas abertas", disse ela conversando. As celas com paredes de grade eram destinadas a homens que pudessem canalizar, bem como iniciados da Torre sob prisão vigiada, bravias que alegavam ser Aes Sedai, e qualquer outra pessoa que devesse ser confinada e bloqueada da Fonte. "Não é um lugar confortável para o Dragão Renascido. Sem privacidade. Você acredita que ele é o Dragão Renascido, Beldeine?" Desta vez, ela fez uma pausa para ouvir.

"Sim". A palavra era um longo silvo, e Beldeine virou os olhos assustados em direção ao rosto de Verin. "Sim... mas ele deve... ser mantido... seguro. O mundo... deve ser... salvo... dele."

Interessante. Todas elas tinham dito que o mundo tinha que ser mantido a salvo dele, mas o interessante era as que achavam que ele precisava de proteção também. Algumas que tinham dito isso a surpreenderam.

Aos olhos de Verin, a tecelagem que ela tinha feito não se assemelhava a nada mais do que um emaranhado casual de fios levemente brilhantes, todos empacotados em torno da cabeça de Beldeine, com quatro fios de Espírito saindo da bagunça. Dois deles, opostos um ao outro, ela puxou, e o emaranhado colapsou ligeiramente, caindo para dentro, para algo que beirasse a ordem. Os olhos de Beldeine se abriram, olhando para longe.

Em voz baixa, Verin lhe deu instruções. Mais como sugestões, embora ela as tivesse dito como comandos. Beldeine teria que encontrar razões dentro de si mesma para obedecer; se ela não fizesse isso, então tudo isso teria sido muito esforço desperdiçado.

Com as palavras finais, Verin puxou os outros dois fios de espírito, e o emaranhado desabou ainda mais. Desta vez, porém, caiu no que parecia uma ordem perfeita, um padrão mais preciso, mais complicado do que a renda mais intrincada, e completo, amarrado pela mesma ação que começou seu encolhimento. Desta vez, ele continuou a cair para dentro de si mesmo, para dentro e em torno

da cabeça de Beldeine. Aqueles fios levemente brilhantes afundaram nela, desaparecendo. Seus olhos rolaram para trás em sua cabeça, e ela começou a se debater, os membros tremendo. Verin segurou-a o mais suavemente que podia, mas a cabeça de Beldeine ainda chicoteavam de um lado para o outro, e seus calcanhares nus batiam nos tapetes. Em pouco tempo, apenas a mais cuidadosa Exploradora diria que qualquer coisa tinha sido feita, e nem mesmo isso identificaria a tecelagem. Verin tinha testado isso com cuidado, e se ela mesma pensava assim, nenhuma a superava em Exploração.

Claro que a coisa não era realmente compulsão como textos antigos o descreviam. A tecelagem foi com lentidão dolorosa, remendada como estava, e havia essa necessidade com razão. Ajudava muito se o objeto da trama fosse emocionalmente vulnerável, mas a confiança era absolutamente essencial. Mesmo pegando alguém de surpresa não adiantava se a pessoa suspeitasse. Esse fato reduzia consideravelmente sua utilidade com os homens; *muito* poucos homens não tinham suspeitas sobre Aes Sedai.

Desconfiança à parte, os homens eram sujeitos muito ruins, infelizmente. Ela não conseguia entender por quê. A maioria das tramas dessas meninas tinham sido destinadas para seus pais ou outros homens. Qualquer personalidade forte pode começar a questionar suas próprias ações — ou até mesmo esquecer de fazê-las, o que levava a outro conjunto de problemas — mas se todas as coisas fossem iguais, os homens seriam muito mais propensos. Muito mais propensos. Talvez fosse a suspeita de novo. Por que, uma vez um homem tinha até se lembrado das tecelagens sendo tecidas sobre ele, e até das instruções que ela lhe tinha dado. Tanto incômodo *que* causou! Não era algo que ela arriscaria de novo.

Finalmente as convulsões de Beldeine diminuíram e pararam. Ela levantou uma mão imunda na cabeça. "O quê? O que aconteceu?", Disse ela, quase inaudivelmente. "Eu desmaiei?" O esquecimento era outro ponto bom sobre a tecelagem, não inesperado. Afinal, o pai

não deve se lembrar que você de alguma forma o fez comprar aquele vestido caro.

"O calor é muito ruim", disse Verin, ajudando-a a sentar-se novamente. "Eu me senti tonta uma ou duas vezes hoje." De cansaço, não de calor. Lidar com tanto *saidar* tinha seu preço, especialmente quando ela já tinha feito aquilo quatro vezes naquele dia. O *angreal* não fazia nada para aliviar os efeitos uma vez que se parava de usá-lo. Ela mesma poderia ter precisado de uma mão firme. "Acho que é o suficiente. Se você está desmaiando, talvez elas encontrem algo para você fazer fora do sol." A perspectiva não parecia animar Beldeine em nada.

Esfregando as costas, Verin enfiou a cabeça para fora da tenda. Coram e Mendan pararam o seu jogo de cama de gato mais uma vez, e não havia nenhum sinal de que qualquer um tivesse ouvido, mas não iria apostar sua vida nisso. Disse-lhes que tinha terminado com Beldeine e, depois de um momento de pensamento, acrescentou que precisava de outro jarro de água, porque Beldeine tinha derrubado o dela. Os rostos de ambos os homens escureceram sob seus bronzeados. Isso seria passado para a Sábia que viesse por Beldeine. Serviria como algo mais para ajudá-la a chegar a sua decisão.

O sol ainda tinha um longo caminho para descer no horizonte, mas a dor nas costas dela disse que era hora de parar por hoje. Ainda poderia fazer mais uma irmã, mas se fizesse, pela manhã sentiria dor em todos os músculos. Seus olhos pousaram em Irgain, agora com as mulheres carregando cestas para os moinhos de mão. Como teria ido sua vida se não tivesse sido tão curiosa, Verin ponderou. Por um lado, teria se casado com Eadwin e permanecido em Far Madding em vez de ir para a Torre Branca. Estaria morta há muito tempo, por outro, e os filhos que ela nunca teve, e seus netos, também.

Com um suspiro, voltou-se para Coram. "Quando Mendan voltar, você diria a Colinda que eu gostaria de ver Irgain Fatamed?" A dor

em seus músculos amanhã seria uma pequena penitência para o sofrimento de Beldeine sobre aquela água derramada, mas não foi por isso que ela fez isso, nem mesmo por sua curiosidade, na verdade. Ainda tinha uma tarefa. De alguma forma, tinha que manter o jovem Rand vivo até que fosse hora de ele morrer.

O quarto poderia ter sido em um grande palácio, exceto que não tinha nem janelas nem portas. O fogo em uma lareira de mármore dourado não dava calor, e as chamas não consumiam os troncos. O homem sentado em uma mesa com pernas douradas, centrada em um tapete de seda tecido com fios brilhantes de ouro e prata, pouco se importava com as armadilhas desta Era. Elas eram necessárias para impressionar; nada mais. Não que realmente precisasse de mais do que ele mesmo para exagerar o orgulho rígido. Ele se chamava Moridin, e certamente ninguém tinha tido mais direito de se nomear Morte.

De vez em quando, acariciava uma das duas armadilhas mentais que estavam penduradas em cordões de seda simples em volta do pescoço. Ao seu toque, o cristal vermelho-sangue do *cour'souvra* pulsava, redemoinhos movendo-se em profundidades intermináveis como a batida de um coração. Sua verdadeira atenção estava no jogo colocado diante dele na mesa, trinta e três peças vermelhas e trinta e três verdes em uma superfície de jogo de treze quadrados por treze. Uma recriação dos estágios iniciais de um famoso jogo. A peça mais importante, o Pescador, preto e branco como a superfície do jogo, ainda esperava em seu lugar de partida no quadrado do meio. Um jogo complexo, *sha'rah*, antigo muito antes da Guerra do Poder. *Sha'rah*, *Tcheran* e *No'ri*, o jogo agora chamado simplesmente de "pedras", cada um tinha adeptos que alegavam que englobava todas as sutilezas da vida, mas Moridin sempre preferiu *sha'rah*. Apenas nove pessoas que viviam se lembraram do jogo. Ele tinha sido um mestre nisso. Muito mais complexo do que *tcheran* ou *no'ri*. O

primeiro objetivo era capturar o Pescador. Só então o jogo realmente começava.

Um servo se aproximou, um jovem magro e gracioso vestido todo de branco, impossivelmente bonito, curvando-se enquanto apresentava um cálice de cristal em uma bandeja de prata. Ele sorriu, mas o sorriso não tocou seus olhos negros, olhos mais sem vida do que simplesmente mortos. A maioria dos homens teria se sentido desconfortável tendo esse olhar sobre eles. Moridin apenas pegou o cálice e acenou para o servo. Os viticultores desta época produziram alguns vinhos excelentes. Mas ele não bebeu.

O Pescador prendia sua atenção, provocando-o. Várias peças tinham movimentos variados, mas apenas os atributos do Pescador eram alterados de acordo com o lugar onde ele estava; em um quadrado branco, fraco em ataque, mas ágil e abrangente na fuga; em um preto, forte no ataque, mas lento e vulnerável. Quando os mestres jogavam, os Pescadores mudavam de lado muitas vezes antes do fim. A linha verde e vermelha que cercava a superfície do jogo poderia ser ameaçada por qualquer peça, mas apenas o Pescador podia passar por ela. Não que ele estivesse seguro, mesmo lá; o Pescador nunca ficava seguro. Quando o Pescador era seu, você tentava movê-lo para um quadrado de sua cor atrás da parte do seu oponente no tabuleiro. Era vitória, a maneira mais fácil, mas não a única. Quando seu oponente tinha o Pescador, você tentava deixá-lo sem escolha para ele, além de passar para sua cor. Qualquer lugar ao longo da linha do gol servia, ter o Pescador podia ser mais perigoso do que não ter. Claro, havia um terceiro caminho para a vitória em *Sha'rah*, se você o pegasse antes de se deixar ficar preso. O jogo sempre se degenerava em um corpo a corpo sangrento, então, a vitória vinha apenas com a completa aniquilação de seu inimigo. Tentou isso, uma vez, em desespero, mas a tentativa falhou. Dolorosamente.

Fúria ferveu de repente na cabeça de Moridin, e manchas pretas nadaram em seus olhos enquanto ele buscava o Poder Verdadeiro.

Êxtase que equivalia a dor trovejava através dele. Sua mão se fechou em torno das duas armadilhas mentais, e o Poder Verdadeiro fechou ao redor do Pescador, arrebatando-o para o ar, a um fio de esmagá-lo até virar pó, esmagando o pó até deixar de existir. O cálice quebrou em sua mão. Seu aperto quase esmagava o *cour'souvra*. Os *saa* eram uma nevasca negra, mas não atrapalhavam sua visão. O Pescador sempre foi trabalhado como um homem, um curativo cegando seu olho e uma mão pressionada em seu lado, algumas gotas de sangue escorrendo por seus dedos. As razões, como a fonte do nome, foram perdidas na névoa do tempo. Isso o incomodava às vezes, enfurecido, que conhecimento poderia ser perdido nos giros da Roda, conhecimento que ele precisava, conhecimento a que ele tinha direito. Um direito!

Lentamente, colocou o Pescador de volta no tabuleiro. Lentamente seus dedos desenrolaram do redor do *cour'souvra*. Não havia necessidade de destruição. Ainda. Calma gelada substituiu a raiva num piscar de olhos. Sangue e vinho pingaram de sua mão cortada, sem serem notados. Talvez o Pescador tivesse vindo de um remanescente de uma memória de Rand al'Thor, a sombra de uma sombra. Não importava. Percebeu que estava rindo e não fez nenhum esforço para parar. No tabuleiro, o Pescador estava esperando, mas no jogo maior, al'Thor já se movia na direção de seus desejos. E seria em breve, agora... Era muito difícil perder um jogo quando se jogava os dois lados do tabuleiro. Moridin riu tanto que lágrimas rolaram pelo seu rosto, mas não estava ciente delas.



CAPÍTULO

1



Mantendo a Barganha

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande ilha montanhosa de Tremalking. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

No Leste, o vento soprou através de Tremalking, onde os Amayar de pele clara cultivavam seus campos, e faziam vidro fino e porcelana, e seguiam a paz do Caminho da Água. Os Amayar ignoravam o mundo além de suas ilhas dispersas, pois o Caminho da Água ensinava que este mundo era apenas uma ilusão, um reflexo espelhado da crença, mas alguns viam o vento carregar poeira e calor profundo de verão, quando as chuvas frias de inverno deveriam estar caindo, e eles se lembraram de contos ouvidos dos Atha'an Miere. Contos do mundo além, e o que a profecia dizia estar por vir. Alguns olharam para uma colina, onde uma enorme mão de pedra subia da terra, segurando uma esfera cristalina clara, maior

do que muitas casas. Os Amayar tinham suas próprias profecias, e algumas delas falavam da mão e da esfera. E do fim das ilusões.

Em frente, o vento soprava no Mar das Tempestades, para leste sob um sol escaldante em um céu abandonado por nuvens, chicoteando os topos das ondas do mar verde, lutando contra ventos dos ventos sul e oeste, cortando e girando enquanto as águas abaixo levantavam. Ainda não eram as tempestades do coração do inverno, embora o inverno já devesse estar pela metade; muito menos as maiores tempestades de um verão moribundo, mas ventos e correntes que poderiam ser usados por pessoas para navegarem no oceano para contornar o continente, do Fim do Mundo a Mayene e além, e então de volta. Para o leste, o vento uivava, sobre o oceano ondulado onde as grandes baleias subiam e soavam, e peixes voadores voavam sobre barbatanas estendidas dois passos ou mais, para leste, agora girando para o norte, leste e norte, sobre pequenas frotas de navios de pesca arrastando suas redes nos mares mais rasos. Alguns desses pescadores ficaram boquiabertos, com as mãos ociosas nas linhas, olhando para uma enorme variedade de embarcações altas e menores que propositadamente cavalgavam o sopro duro do vento, quebrando ondas com arcos abruptos, cortando ondulações apertadas, sua bandeira um falcão dourado com garras segurando relâmpagos; havia uma multidão de bandeiras penduradas, como presságios de tempestade. Leste e Norte e adiante, o vento atingiu o amplo porto cheio de navios de Ebou Dar, onde centenas de navios do Povo do Mar navegavam, como faziam em muitos portos, aguardando notícias do Coramoor, o Escolhido.

Do outro lado do porto, o vento rugiu, lançando pequenos e grandes navios através da própria cidade, com seu brilho branco sob o sol forte, com torres e muros e cúpulas coloridas, ruas e canais movimentados com a célebre indústria do sul. Ao redor das cúpulas brilhantes e torres esbeltas do Palácio Tarasin o vento rodopiava, carregando o sabor de sal, levantando a bandeira de Altara, dois

leopardos dourados em um fundo vermelho e azul, e as bandeiras da casa dominante Mitsobar, a Espada e a Âncora, verde no branco. Ainda não era a tempestade, mas um prenúncio de tempestades.

A pele arrepiou entre as omoplatas de Aviendha enquanto ela caminhava à frente de suas companheiras pelos corredores do palácio ladrilhados em dezenas de tons brilhantes agradáveis. Teve uma sensação de estar sendo observada que tinha sentido pela última vez quando ainda estava casada com a lança. *Imaginação*, disse a si mesma. *Imaginação e saber que há inimigos por perto que não posso enfrentar!* Não muito tempo atrás, a sensação significava que alguém poderia estar pretendendo matá-la. A morte não era algo a temer — todos morrem, hoje ou em outro dia — mas ela não queria morrer como um coelho em uma armadilha. Tinha *toh* para cumprir.

Os criados corriam ao longo das paredes, fazendo medidas e reverências, baixando os olhos quase como se entendessem a vergonha das vidas que levavam, mas certamente não poderiam ser *eles* que a faziam querer virar os ombros. Tentou se educar para ver os criados, mas mesmo agora, com a pele arrepiando em suas costas, seu olhar deslizou em torno deles. Tinha que ser imaginação e nervos. Este era um dia para imaginação e nervos.

Ao contrário dos criados, ricas tapeçarias de seda chamavam sua atenção, e as luminárias douradas e luminárias de teto que revestiam os corredores. Porcelana fina em vermelho e amarelo e verde e azul estavam em nichos de parede e altos armários abertos ao lado de ornamentos de ouro e prata, marfim e cristal, dezenas e dezenas de tigelas e vasos e caixões e estatuetas. Apenas o mais belo verdadeiramente chamava sua atenção, independente do que pensavam os aguacentos, beleza tinha mais valor do que ouro. Havia muita beleza ali. Não se importaria de tomar sua parte do quinto daquele lugar.

Irritada consigo mesma, ela franziu a testa. Esse não era um pensamento honroso sob um teto que tinha oferecido sombra e água livremente. Sem cerimônia, é verdade, mas também sem dívida ou sangue, aço ou necessidade. Mas era melhor do que pensar em um garotinho sozinho em algum lugar daquela cidade corrupta. Qualquer cidade era corrupta — disso ela tinha certeza, agora, tendo visto alguma parte de quatro — mas Ebou Dar era a última em que ela teria deixado uma criança à solta. O que ela não conseguia entender era por que os pensamentos sobre Olver vinham a menos que se esforçasse para evitá-los. Ele não fazia parte do *toh* que ela tinha para Elayne, e para Rand al'Thor. Uma lança Shaido tinha levado seu pai, fome e dificuldades sua mãe, mas mesmo se tivesse sido sua própria lança que levou a ambos, o menino ainda era um assassino de árvores, cairhieno. Por que se preocuparia com uma criança com esse sangue? Por que? Tentou se concentrar na trama que estava fazendo, mas embora tivesse praticado sob os olhos de Elayne até que pudesse fazer aquilo dormindo, o rosto de boca larga de Olver voltava à sua mente. Birgitte se preocupava com ele ainda mais do que ela, mas o peito de Birgitte tinha um coração estranhamente mole para meninos pequenos, especialmente os feios.

Suspirando, Aviendha desistiu de tentar ignorar a conversa de suas companheiras atrás dela, embora a irritação crepitasse como um raio de calor. Até isso era melhor do que se aborrecer por causa de um filho de assassinos de árvores. Rompedores de juramentos. Um sangue desprezado sem o qual o mundo estaria melhor. Não havia preocupação ou inquietação da parte dela. Nenhuma. Mat Cauthon encontraria o garoto a qualquer caso. Ele conseguia encontrar qualquer coisa, ao que parecia. E ouvir a acomodou, de alguma forma. O formigamento desapareceu.

"Não gosto nem um pouco disso!" Nynaeve estava murmurando, continuando uma discussão iniciada em seus quartos. "Nem um pouco, Lan, você está me ouvindo?" Ela já havia anunciado sua

antipatia pelo menos vinte vezes, mas Nynaeve nunca se rendia só porque tinha perdido. Baixa e de olhos escuros, ela andou a passos largos ferozmente, chutando suas saias azuis divididas, uma mão subindo para pairar perto de sua trança grossa até a cintura, em seguida, abaixava a mão firmemente, antes de subir novamente. Nynaeve mantinha um forte controle sobre a raiva e a irritação quando Lan estava por perto. Ou tentava. Um orgulho desordenado a encheu por se casar com ele. O casaco azul bordado justo sobre seu vestido de montaria de seda amarela estava aberto, mostrando muito busto à maneira de um aguacento, apenas para que ela pudesse exibir seu anel de ouro pesado em uma corrente fina em torno de seu pescoço. "Você não tem o direito de prometer *cuidar* de mim assim, Lan Mandragoran", continuou ela firmemente. "Eu não sou uma estatueta de porcelana!"

Ele andava ao lado dela, um homem de tamanho adequado, cabeça e ombros imponentes e mais acima dela, o manto de um Guardiã que enganava os olhos pendurado nas costas. Seu rosto parecia talhado em pedra, e seu olhar pesava a ameaça em cada criado que passava, examinava cada corredor de passagem e nicho de parede em busca de atacantes escondidos. Prontidão irradiava dele, um leão à beira de seu ataque. Aviendha tinha crescido perto de homens perigosos, mas nunca um que se comparasse a *Aan'allein*. Se a morte fosse um homem, teria sido ele.

"Você é Aes Sedai, e eu sou um Guardiã", disse ele com uma voz profunda e nivelada. "Cuidar de você é meu dever." Seu tom suavizou, conflitando nitidamente com seu rosto angular e olhos sombrios e imutáveis. "Além disso, cuidar de você é o desejo do meu coração, Nynaeve. Você pode pedir ou exigir qualquer coisa de mim, mas nunca vou deixar você morrer sem tentar salvá-la. No dia em que você morrer, eu morro."

A última parte ele não tinha dito antes, não aos ouvidos de Aviendha, e atingiu Nynaeve como um golpe no estômago; seus olhos começaram a ficar meio fora de sua cabeça, e sua boca se

mexia silenciosamente. Ela pareceu se recuperar rapidamente, no entanto, como sempre. Fingindo recolocar seu chapéu de plumas azuis, uma coisa ridícula como um pássaro estranho empoleirado em cima de sua cabeça, ela lançou um olhar para ele por baixo da aba larga.

Aviendha começou a suspeitar de que a outra mulher frequentemente usava o silêncio e olhares supostamente significativos para encobrir a ignorância. Suspeitou. Nynaeve sabia pouco mais sobre homens, sobre lidar com um homem, do que ela mesma. Enfrentá-los com facas e lanças era muito mais fácil do que amar um. Muito mais fácil. Como as mulheres conseguiam ser casadas com eles? Aviendha tinha uma necessidade desesperada de aprender, e não fazia ideia de como. Casada com *Aan'allein* apenas um dia, Nynaeve mudou muito mais do que simplesmente tentar controlar seu temperamento. Ela parecia passar do espanto ao choque, por mais que tentasse esconder. Caía em devaneio em momentos estranhos, corava diante perguntas inócuas, e — negava isso com veemência, mesmo quando Aviendha a tinha visto — ria sem nenhum motivo. Não havia razão para tentar aprender alguma coisa com Nynaeve.

"Acho que *você vai* me contar sobre Guardiões e Aes Sedai novamente, também", disse Elayne friamente para Birgitte. "Bem, você e eu não somos casadas. Espero que você *guarde* minhas costas, mas eu *não* quero que você faça promessas sobre mim *além* disso." Elayne usava roupas tão inapropriadas quanto Nynaeve, um vestido de Ebou Dar de seda verde bordado em dourado, de gola alta adequada, mas com uma abertura oval que deixava à mostra a parte interna de seus seios. Os aguacentos gaguejavam com uma menção a uma tenda de suor ou de estar sem roupas na frente de *Gai'shain*, então andavam meio expostos onde qualquer estranho podia ver. Aviendha realmente não se importava com Nynaeve, mas Elayne era sua quase-irmã. E seria mais, ela esperava.

Os saltos elevados das botas de Birgitte a faziam quase uma mão mais alta que Nynaeve, embora ainda menor que Elayne ou Aviendha. De casaco azul escuro e calças verdes largas, ela se portava com a mesma prontidão cautelosa e confiante de Lan, embora parecesse mais casual nela. Um leopardo deitado em uma rocha, e não tão preguiçoso quanto parecia. Não havia flecha encaixada no arco que Birgitte carregava, mas, apesar de todo o seu jeito e sorrisos, ela poderia tirar uma flecha da aljava em sua cintura antes que alguém pudesse piscar, e estar atirando a terceira antes que alguém pudesse encaixar uma segunda à corda do arco.

Ela deu a Elayne um sorriso irônico e um aceno de cabeça que balançou uma trança dourada tão longa e grossa quanto a escura de Nynaeve. "Prometi na sua cara, não pelas suas costas", disse ela secamente. "Quando você aprender um pouco mais, não vou ter que lhe falar sobre Guardiões e Aes Sedai." Elayne fungou e levantou o queixo, ocupando-se com as fitas de seu chapéu, que estava coberto com longas plumas verdes e pior do que o de Nynaeve. "Talvez muito mais", acrescentou Birgitte. "Você está dando outro nó nesse arco."

Se Elayne não fosse sua quase-irmã, Aviendha teria rido do vermelho que inundou suas bochechas. Fazer tropeçar alguém que tentava andar muito alto era sempre divertido, ou vê-lo ser feito, e mesmo uma queda curta valia a pena rir. Assim, ela trocou um olhar firme com Birgitte, uma promessa do que mais poderia trazer retribuição. Gostava da mulher, apesar de todos os seus segredos, mas a diferença entre uma amiga e uma quase-irmã era uma coisa que esses aguacentos pareciam incapazes de compreender. Birgitte apenas sorriu, olhando dela para Elayne, e murmurou sob sua respiração. Aviendha pegou a palavra "filhotinhas". Pior, pareceu *afeiçoado*. Todos deviam ter ouvido. Todos!

"O que deu em você, Aviendha?" Nynaeve exigiu, cutucando seu ombro com um dedo duro. "Você pretende ficar aí corando o dia todo? *Estamos* com pressa."

Só então Aviendha percebeu pelo calor em seu rosto que ela devia estar tão vermelha quanto Elayne. E, além disso, parada feito pedra, quando precisavam de pressa. Cortada por uma palavra, como uma garota recém-casada com a lança, desacostumada com as brincadeiras entre Donzelas. Ela tinha quase vinte anos, e estava se comportando como uma criança brincando com seu primeiro arco. Isso adicionou chamas às bochechas dela. Foi por isso que quase saltou na curva seguinte e por pouco não bateu de cabeça em Teslyn Baradon.

Derrapando desajeitadamente em pisos vermelhos e verdes, Aviendha meio caiu para trás, segurando-se em Elayne e Nynaeve. Desta vez, conseguiu não corar até pegar fogo, mas queria. Estava envergonhando sua quase-irmã tanto quanto ela mesma. Elayne sempre mantinha sua compostura, não importa o quê. Felizmente, Teslyn Baradon levou o encontro um pouco melhor.

A mulher de cara afiada recuou de surpresa, boquiabrindo-se antes que pudesse se conter, em seguida, movendo seus ombros estreitos irritadamente. As bochechas magras e um nariz estreito esconderam a qualidade etérea e sem idade das feições da irmã Vermelha, e seu vestido vermelho, bordado em um azul que era quase preto, só a fazia parecer mais ossuda, mas ela rapidamente reuniu o autocontrole de dona do teto, olhos castanhos escuros tão frios quanto sombras profundas. Eles passaram por Aviendha com desdém, ignorando Lan como uma ferramenta para a qual não tinha uso, e queimou um breve momento em Birgitte. A maioria de Aes Sedai desaprovava Birgitte ser uma Guardiã, embora ninguém pudesse dar uma razão além de murmúrios azedos sobre a tradição. Elayne e Nynaeve, no entanto, fixaram a mulher alternadamente. Aviendha podia rastrear o vento de ontem antes de ler qualquer coisa no rosto de Teslyn Baradon agora.

"Eu já disse a Merilille", disse ela com um forte sotaque illiano, "mas posso muito bem deixar suas mentes em paz também. Qualquer... travessura... que estejam fazendo, Joline e eu não vamos

interferir. Cuidei disso. Elaida pode nunca saber disso, se vocês tiverem algum cuidado. Parem de me olhar boquiabertas como carpas, crianças", acrescentou ela com uma careta de desgosto. "Não sou nem cega nem surda. Eu sei das Chamadoras de Vento do Povo do Mar no palácio, e reuniões secretas com a Rainha Tylin. E outras coisas." Aquela boca fina apertou, e embora seu tom permanecesse sereno, seu olhar escuro queimava de raiva. "Vocês ainda vão pagar caro por essas outras coisas, vocês e aquelas que permitem que vocês brinquem de ser Aes Sedai, mas eu vou deixar de lado por enquanto. A retribuição pode esperar.

Nynaeve segurou firmemente sua trança, de costas retas, cabeça erguida, e seus próprios olhos brilharam. Em circunstâncias diferentes, Aviendha podia ter encontrado alguma simpatia pelo alvo bronca claramente prestes a explodir. A língua de Nynaeve carregava mais espinhas do que uma agulha de cabelo *segade*, e mais afiada. Friamente, Aviendha considerou esta mulher que pensava que podia olhar através dela. Uma Sábia não se inclina para bater alguém com os punhos, mas ainda era apenas um aprendiz; talvez não custaria a ela *ji* se ela só machucasse essa Teslyn Baradon um pouco. Abriu a boca para dar à irmã Vermelha a chance de se defender no mesmo instante em que Nynaeve abriu a dela, mas Elayne falou primeiro.

"O que estamos *fazendo*, Teslyn", disse ela com uma voz fria, "não é da sua conta." Ela, também, ficou ereta, seus olhos de gelo azul; um oportuno raio de luz de uma janela alta bateu em seus cachos vermelho-dourados, parecendo incendiá-los. Nesse momento, Elayne poderia ter feito uma dona do teto parecer uma cabra com muito *oosquai* na barriga. Era uma habilidade que ela aperfeiçoou bem. Disse cada palavra com dignidade de cristal frio. "Você não tem o direito de interferir em qualquer coisa que fazemos, em qualquer coisa que *qualquer* irmã faz. Não há nenhum direito. Então tire seu nariz de nossos casacos, seu presunto de verão, e fique feliz por não

escolhermos ter problemas com *você* apoiando uma usurpadora no Trono Amyrlin."

Perplexa, Aviendha olhou de lado para sua quase-irmã. Tirar o *nariz* dela dos *casacos*? Ela e Elayne, pelo menos, não estavam usando casacos. Um presunto de verão? O que isso significava? Aguacentos muitas vezes dizem coisas peculiares, mas as outras mulheres todas pareciam tão confusas quanto ela. Apenas Lan, olhando para Elayne de soslaio, parecia entender, e ele parecia... assustado. E talvez divertido. Era difícil dizer; *Aan'allein* controlavam bem suas feições.

Teslyn Baradon fungou, beliscando seu rosto com ainda mais força. Aviendha estava se esforçando para chamar essas pessoas por apenas uma parte de seus nomes do jeito que elas mesmas faziam — quando ela usou um nome inteiro, eles pensaram que ela estava chateada! — mas ela não conseguia nem imaginar ser tão íntima com Teslyn Baradon. "Vou deixá-las crianças tolas para o seu *negócio*", a mulher rosnou. "Certifiquem-se de não ter *seus* narizes presos em um buraco pior do que já estão."

Quando ela se virou para ir, recolhendo suas saias com grandeza, Nynaeve pegou seu braço. Os aguacentos geralmente deixam a emoção aparecer em seus rostos, o de Nynaeve era a imagem do conflito, a raiva lutando para romper a determinação fixa. "Espere, Teslyn", ela disse relutantemente. "Você e Joline podem estar em perigo. Eu disse a Tylin, mas acho que ela pode ter medo de contar a mais alguém. Ficar relutante, pelo menos. Não é nada que alguém realmente queira falar. Ela respirou fundo, e se estava pensando em seus próprios medos sobre o assunto, tinha motivo. Não havia vergonha em sentir medo, apenas em dar lugar a ele, ou deixá-lo se mostrar. Aviendha sentiu uma vibração em sua própria barriga quando Nynaeve continuou. "Moghedien esteve aqui em Ebou Dar. Ela ainda pode estar. E talvez outro dos Abandonados, também. Com um *gholam*, uma espécie de Cria das Sombras que o Poder não tocará. Parece um homem, mas foi feito e feito para matar Aes Sedai.

O aço também não parece machucá-lo, e pode se espremer através de um buraco de rato. A Ajah Negra também está aqui. E há uma tempestade chegando, uma tempestade ruim. Só que não é uma chuva, não é algo sobre o tempo. Posso sentir; essa é uma habilidade que eu tenho, um Talento, talvez. Há perigo vindo para Ebou Dar, e problemas piores do que qualquer vento ou chuva ou relâmpago."

"Um Abandonado, uma tempestade que não é uma tempestade, e algumas sombras que eu nunca ouvi falar antes", disse Teslyn Baradon ironicamente. "Sem mencionar a Ajah Negra. Luz! A Ajah Negra! E o próprio Senhor das Trevas, talvez?" Seu sorriso torcido era fino. Ela arrancou a mão de Nynaeve de sua manga com desprezo. "Quando você estiver de volta à Torre Branca, onde você pertence, de branco como todas vocês realmente deveriam usar, aprenderá não a desperdiçar suas horas com fantasias selvagens. Ou levar suas histórias para as irmãs." Passando os olhos sobre elas, e mais uma vez pulando por Aviendha, ela deu uma fungada alta e marchou pelo corredor tão rapidamente que os servos tiveram que saltar de seu caminho.

"Aquela mulher tem a coragem de... Nynaeve balbuciou, olhando para a mulher que recuava e estrangulando sua trança com as duas mãos. "Depois que eu me *fiz*..." Ela quase se engasgou com seu baço. "Bem, eu tentei." E agora lamentava a tentativa, pelo que parecia.

"Você tentou", Elayne concordou com um aceno afiado, "e mais do que ela merece. Negando que somos Aes Sedai! Não vou mais aturar isso! Não vou!" Sua voz só parecia fria antes, mas agora era fria e sombria.

"Alguém assim pode ser confiável?" Aviendha murmurou. "Talvez devêssemos ter certeza de que ela não pode interferir." Ela examinou a mão em punho; Teslyn Baradon veria *isso*. A mulher merecia ser pega pelas Sombras, por Moghedien ou outro. Os tolos mereciam o que quer que fosse que a tolisse os trouxesse.

Nynaeve pareceu considerar a sugestão, mas o que disse foi: "Se eu não a conhecesse melhor, pensaria que estava pronta para se voltar contra Elaida." Ela estalou a língua em exasperação.

"Você pode ficar tonta tentando ler as correntes na política das Aes Sedai." Elayne não disse que Nynaeve devia saber isso agora, mas seu tom o fez. "Mesmo uma Vermelha *pode* estar se voltando contra Elaida, por alguma razão que não podemos começar a imaginar. Ou ela pode estar tentando nos fazer baixar a guarda, para que ela possa de alguma forma nos enganar, para nos colocar nas mãos de Elaida. Ou-".

Lan tossiu. "Se algum dos Abandonados está vindo", disse ele em uma voz como pedra polida, "eles podem chegar aqui a qualquer momento. Ou aquele *gholam* pode. Em ambos os casos, seria melhor estar em outro lugar."

"Com Aes Sedai, sempre um pouco de paciência", Birgitte murmurou como se estivesse recitando. "Mas as Chamadoras de Vento não parecem ter nenhuma", continuou ela, "então você pode fazer bem em esquecer Teslyn e se lembrar de Renaile."

Elayne e Nynaeve viraram os olhares para os Guardiões, frios o suficiente para congelar dez Cães de Pedra. Nenhum dos dois gostava de fugir das Crias das Trevas e deste *gholam*, mas foram elas que tinham decidido que não havia escolha. Certamente nem gostavam de ser lembradas de que precisavam correr para encontrar as Chamadoras de Vento quase tanto quanto escapar da Abandonada. Aviendha teria estudado esses olhares — as Sábias faziam com um olhar ou algumas palavras o que ela sempre precisou de ameaça de lança ou punho, só que elas geralmente faziam isso mais rápido e com mais sucesso — ela teria estudado Elayne e Nynaeve, exceto que seus olhares não tinham nenhum efeito visível sobre o par. Birgitte sorriu e virou os olhos para Lan, que encolheu os ombros para ela com óbvia condescendência.

Elayne e Nynaeve desistiram. Sem pressa, e desnecessariamente, endireitando suas saias, cada uma tomou um dos braços de Aviendha antes de partir novamente sem sequer um olhar para ver se os Guardiões seguiram. Não que Elayne precisasse, com o vínculo da Guardiã. Ou Nynaeve, se não pela mesma razão; *o vínculo de Aan'allein* podia pertencer a outra, mas seu coração estava pendurado ao lado de seu anel naquela corrente em volta do pescoço dela. Elas fizeram um grande show de trotar casualmente, relutantes em deixar Birgitte e Lan pensarem que tinham sido levadas à pressa, mas a verdade é que elas andavam mais rápido do que antes.

Como se para compensar isso, elas conversavam com ociosidade deliberada, escolhendo os assuntos mais frívolos. Elayne lamentou não ter tido a chance de realmente ver o Festival dos Pássaros, que aconteceu ontem, e nunca corou por causa das roupas escassas que muitas pessoas tinham usado. Nynaeve também não corou, mas ela rapidamente começou a falar sobre a Festa de Brasas, que seria realizada naquela noite. Alguns dos criados alegaram que haveria fogos de artifício, supostamente feitos por um iluminador refugiado. Vários shows itinerantes vieram para a cidade com seus animais estranhos e acrobatas, que interessavam tanto Elayne quanto Nynaeve, já que elas tinham passado algum tempo com um show daqueles. Falavam de costureiras, e as variedades de rendas disponíveis em Ebou Dar, e as diferentes qualidades de seda e linho que poderiam ser compradas, e Aviendha se viu respondendo com prazer aos comentários sobre o quão bem seu vestido de seda cinza ficou nela, e as outras roupas dadas a ela por Tylin Quintara, lãs finas e sedas, e as meias e sapatos que combinavam com elas, e joias. Elayne e Nynaeve também receberam presentes extravagantes. Todos juntos, seus presentes encheram uma série de baús e pacotes que haviam sido levados para os estábulos por criados, juntamente com seus alforjes.

"Por que você está carrancuda, Aviendha?" Elayne perguntou, dando-lhe um tapinha no braço e um sorriso. "Não se preocupe. Você conhece a trama; vai se sair muito bem."

Nynaeve inclinou a cabeça e sussurrou: "Eu vou te arrumar um chá quando eu tiver uma chance. Conheço vários que vão acalmar seu estômago. Ou qualquer problema feminino." Ela deu um tapinha no braço de Aviendha também.

Elas não entendiam. Nenhuma palavra reconfortante ou chás curaria o que a aflige. Estava *gostando* de falar de *rendas e bordados*! Não sabia se rosnava de nojo ou lamentava de desespero. Estava ficando mole. Nunca antes em sua vida tinha olhado para o vestido de uma mulher, exceto para pensar em onde poderia estar escondendo uma arma, nunca notava a cor e o corte, ou pensava em como ficaria nela. Já passava da hora de ficar longe daquela cidade, longe dos palácios dos aguacentos. Logo começaria a dar sorrisinhos. Não tinha visto Elayne ou Nynaeve fazerem isso, mas todos sabiam que as mulheres aguacentas sorriam, e era óbvio que tinha se tornado tão fraca quanto qualquer aguacento bebedor de leite. Passeando de braço dado, conversando sobre *rendas*! Como alcançaria a faca do cinto se alguém os atacasse? Uma faca podia ser inútil contra os agressores mais prováveis, mas tinha fé no aço muito antes de saber que podia canalizar. Se alguém tentasse prejudicar Elayne ou Nynaeve — especialmente Elayne, mas ela havia prometido a Mat Cauthon protegê-las tanto quanto Birgitte e *Aan'allein* — se alguém tentasse, ela plantaria aço em seu coração. Renda! Enquanto caminhavam, chorou por dentro o quão mole tinha se tornado.

Enormes portas de estabulo emparelhadas davam para três lados do maior estábulo do palácio, as portas cheias de criados em libré verde e branca. Atrás deles, nos estábulos de pedra branca, esperava cavalos, selados ou carregados com cestos de vime. Aves marinhas rodavam e cantavam no alto, um lembrete desagradável de quanta água estava por perto. O calor brilhava nas pedras pálidas da

pavimentação, mas era a tensão que engrossava o ar. Aviendha tinha visto sangue derramado onde havia menos tensão.

Renaile din Calon, em sedas vermelhas e amarelas, braços cruzados arrogantemente sob seus seios, estava diante de dezenove mulheres descalças com mãos tatuadas e blusas de cores brilhantes, a maioria com calças e faixas longas também brilhantes. Suor brilhando em rostos escuros não diminuía sua grave dignidade. Alguns cheiravam caixas de ouro rendilhadas, cheias de perfume pesado, que pendiam de seus pescoços. Cinco anéis de ouro largos perfuravam cada uma das orelhas de Renaile din Calon, uma corrente partia de um dos anéis correndo por sua bochecha esquerda para um anel em seu nariz. As três mulheres próximas, atrás dela, usavam cada uma oito brincos e um pouco menos pedaços de ouro penduradas. Era assim que o Povo do Mar se destacava entre si, pelo menos entre as mulheres. Todas respondiam a Renaile din Calon, Chamadora de Vento da Senhora dos Navios dos Atha'an Miere, mas mesmo as duas aprendizes na parte de trás, em calças escuras e blusas de linho em vez de seda, adicionavam seus próprios brilhos dourados ao ar. Quando Aviendha e as outras apareceram, Renaile din Calon olhou ostensivamente para o sol, além de seu pico do meio-dia. Suas sobancelhas subiram enquanto ela dirigia o olhar de volta para elas, olhos tão negros quanto seus cabelos eram brancos, um olhar de impaciência tão alto que ela poderia muito bem ter gritado.

Elayne e Nynaeve pararam, fazendo Aviendha parar de modo abrupto. Elas trocaram olhares preocupados através ela, e suspiros profundos. Não via como elas iam escapar. Obrigação amarrava sua quase-irmã e Nynaeve pelas mãos e pés, e elas próprias tinham amarrado os nós de modo apertado.

"Vou ver o Círculo de Tricô", Nynaeve murmurou sob sua respiração, e Elayne disse, um pouco mais fortemente, "Vou garantir que as irmãs estão prontas."

Soltando os braços, elas foram em direções opostas, segurando suas saias para andar rapidamente, seguidas por Birgitte e Lan. Isso a deixou sozinha de frente para o olhar de Renaile din Calon, o olhar de águia de uma mulher que sabia que estava por cima e não podia ser rebaixada. Felizmente, a Chamadora de Vento da Senhora dos Navios rapidamente se virou para suas companheiras, tão rapidamente que as extremidades de sua longa faixa amarela balançou longamente. As outras Chamadoras de Vento se reuniram em torno dela, com a atenção em suas palavras calmas. Bater nela uma única vez certamente arruinaria tudo. Aviendha tentou não olhar para elas, mas por mais que tentasse olhar para outro lugar, seus olhos voltavam. Ninguém tinha o direito de pegar sua quase-irmã em uma corda bamba. Anéis no nariz! Um bom aperto naquela corrente, e Renaile din Calon Estrela Azul ficaria com uma expressão muito diferente.

Agrupadas em uma extremidade do estábulo, a minúscula Merilille Ceandevin e mais quatro Aes Sedai também consideravam as Chamadoras de Vento, a maioria com aborrecimento mal escondido atrás da serenidade fria. Mesmo Vandene Namelle, de cabelos brancos e sua irmã primeira, Adeleas, que geralmente parecia a mais imperturbável de todas. De vez em quando, uma ou outra ajustava um fino manto de linho ou escovava saias de seda divididas. Rajadas repentinas levantavam um pouco de poeira e agitavam as capas que mudam de cor dos cinco Guardiões logo atrás, mas claramente o aborrecimento movia suas mãos. Apenas Sareitha, de guarda sobre um grande pacote branco em forma de disco, não se mexia, mas franzia a testa. A serva de... Merilille... Pol, fez uma careta atrás delas. As Aes Sedai desaprovaram calorosamente a barganha que tinha trazido os Atha'an Miere de seus navios e lhes deu o direito de olhar para Aes Sedai com impaciência exigente, mas essa barganha amarrou a língua das irmãs e as sufocou com sua própria irritação. Que elas tentaram esconder; e poderiam ter conseguido com os aguacentos. O terceiro grupo de mulheres, em um nó

apertado na extremidade oposta do estábulo, ganhava quase tanta atenção.

Reanne Corly e as outras dez sobreviventes do Círculo de Tricô de Kin se mexiam inquietas sob esse escrutínio desaprovador, enxugando seus rostos suados com lenços bordados, ajustando seus chapéus de palha largos e coloridos, alisando saias de lã sóbrias costuradas de um lado para expor camadas de anáguas tão brilhantes quanto o traje do Povo do Mar. Em parte eram os olhares das Aes Sedai que as faziam mudar de um pé para outro; mas medo do Abandonado e do *gholam* também se somavam a isso, assim como outras coisas. Os decotes estreitos e profundos daqueles vestidos deviam ter sido suficientes. A maioria daquelas mulheres mostrava pelo menos algumas linhas de expressão em suas bochechas, mas pareciam garotas pegas com as mãos cheias de pão de nozes roubado. Todas menos a robusta Sumeko, com punhos plantados em quadris largos, que encarava o olhar das Aes Sedai de igual para igual. A luz brilhante de *saidar* cercava uma delas, Kirstian, que ficava olhando por cima de seu ombro. Com um rosto pálido, talvez dez anos mais velha que o de Nynaeve, ela parecia fora do lugar perto das outras. Seu rosto ficava mais branco cada vez que seus olhos negros encontravam os de um Aes Sedai.

Nynaeve correu para as mulheres que lideravam as Kin, seu rosto radiante de encorajamento, e Reanne e as outras sorriram com alívio visível. Aquilo era arruinado um pouco, é verdade, pelos olhares de lado que dirigiam a Lan; que elas consideravam como o lobo ao qual se assemelhava. Nynaeve, no entanto, era a razão pela qual Sumeko não murchava como as outras sempre que uma Aes Sedai olhava em sua direção. Ela jurou ensinar a essas mulheres que elas possuíam espinha dorsal, embora Aviendha não entendesse completamente o porquê. Nynaeve era uma Aes Sedai também; Nenhuma Sábida jamais diria a alguém para enfrentar as Sábidas.

Por mais que isso pudesse estar funcionando em relação às outras Aes Sedai, até Sumeko usava um ar ligeiramente bajulador

para Nynaeve. O Círculo de Tricô achava estranho, para dizer o mínimo, que mulheres tão jovens quanto Elayne e Nynaeve dessem ordens a outras Aes Sedai e fossem obedecidas. A própria Aviendha achou peculiar; como poderia a força no Poder, algo com que você nascia, tão certo quanto seus olhos, pesar mais do que a honra que os anos poderiam trazer? No entanto, a mais velha das Aes Sedai obedecia, e para as Mulheres Kin, isso era suficiente. Ieine, quase tão alta quanto a própria Aviendha, e quase tão escura quanto o Povo do Mar, devolvia todos os olhares de Nynaeve com um sorriso obsequioso, enquanto Dimana, com mechas brancas em seu cabelo vermelho brilhante, abaixava a cabeça constantemente sob os olhos de Nynaeve, e Sibella, de cabelos amarelos, escondia risadinhas nervosas atrás de uma mão. Apesar de suas roupas eboudarianas, apenas Tamarla, magra e de pele morena, era altarana, e nem mesmo da cidade.

Elas se separaram assim que Nynaeve se aproximou, revelando uma mulher de joelhos, pulsos amarrados atrás dela, um saco de couro cobrindo sua cabeça, e suas roupas finas rasgadas e empoeiradas. Ela era tanto a razão de sua inquietação quanto as carrancas de Merilille ou os Abandonados. Talvez até mais.

Tamarla tirou o capuz, deixando as tranças finas da mulher, cravejadas de contas, emaranhadas; Ispan Shefar tentou se levantar, e conseguiu alcançar uma agachamento estranho antes que cambaleasse e afundasse de volta para baixo, piscando e rindo tolamente. O suor corria pelo rosto, e alguns hematomas de sua captura marcavam suas feições sem idade. Ela tinha sido tratada muito gentilmente por seus crimes, pensava Aviendha.

As ervas que Nynaeve tinha forçado pela garganta da mulher ainda embaçavam sua inteligência, bem como enfraqueciam seus joelhos, mas Kirstian segurava uma blindagem sobre ela com cada pedaço de Poder que podia canalizar. Não havia nenhuma chance de a Amiga das Trevas escapar — mesmo se ela não tivesse sido dopada, Kirstian era tão forte no Poder quanto Reanne, mais forte

do que a maioria das Aes Sedai que Aviendha tinha conhecido — mas mesmo Sumeko puxava suas saias nervosamente e evitava olhar para a mulher ajoelhada.

"Certamente as irmãs devem cuidar dela, agora." A voz aguçada de Reanne entoou, instável o suficiente para pertencer à irmã Negra que Kirstian blindava. "Nynaeve Sedai, nós... não devíamos ser guardunh- encarregadas de... uma Aes Sedai."

"Isso mesmo", Sumeko disse rapidamente. E ansiosamente. "As Aes Sedai devem cuidar dela agora." Sibella ecoou, e acenos e murmúrios de concordância ondulavam através das Mulheres Kin. Elas acreditavam até os seus ossos que estavam muito abaixo das Aes Sedai; muito provavelmente teriam escolhido cuidar de Trollocs em vez de controlar uma Aes Sedai.

Os olhares de desaprovação de Merilille e das outras irmãs mudaram quando o rosto de Ispan Shefar foi revelado. Sareitha Tomares, que usava seu xale de franjas marrons há apenas alguns anos e ainda não tinha a aparência sem idade, olhou com um desgosto que podia ter esfolado a Amiga das Trevas a 50 passos. Adeleas e Vandene, mãos apertando suas saias, pareciam lutar com o ódio pela mulher que tinha sido sua irmã e as traíram. No entanto, os olhares que deram ao Círculo de Tricô não eram muito melhores. Elas também acreditavam em seus corações que as Kin estavam muito abaixo delas. Havia muito mais do que isso, mas a traidora tinha sido uma delas, e ninguém além delas tinha o direito sobre ela. Aviendha concordava. Uma Donzela que traía suas irmãs de lança não morria rapidamente, nem sem ser envergonhada.

Nynaeve puxou o saco de volta para baixo, sobre a cabeça de Ispan Shefar, com alguma força. "Vocês se saíram bem até agora, e continuarão a fazer bem", disse ela às Mulheres Kin com firmeza. "Se ela mostrar sinais de voltar a si, despejem um pouco mais dessa mistura goela abaixo nela. Vai mantê-la tonta como uma cabra bêbada de cerveja. Segurem o nariz dela, se ela tentar não engolir.

Até uma Aes Sedai engolirá se você segurar seu nariz e ameaçar arrancar suas orelhas."

A mandíbula de Reanne caiu e seus olhos se arregalaram, como os da maioria de suas companheiras. Sumeko acenou com a cabeça, mas lentamente, e se espantou quase tanto quanto as outras. Quando as Mulheres Kin falavam das Aes Sedai, podiam estar falando do Criador. A ideia de segurar o nariz de uma Aes Sedai, mesmo uma Amiga das Trevas, enchia seus rostos de horror.

Pelos olhos arregalando entre As Aes Sedai, elas gostavam ainda menos disso. Merilille abriu a boca, olhando para Nynaeve, mas só então Elayne chegou até ela, e a irmã Cinza pairou sobre ela em vez disso, lançando uma única carranca de desaprovação para Birgitte. Era uma medida de sua agitação que sua voz subisse em vez de diminuir; normalmente Merilille era muito discreta. "Elayne, você devia falar com Nynaeve. Essas mulheres já estão confusas e assustadas. Não vai ajudar se ela as perturbar ainda mais. Se o Trono de Amyrlin realmente pretende permitir que elas vão para a Torre", ela balançou a cabeça lentamente, tentando negar isso, e talvez muito mais, "se ela quiser, elas devem ter uma imagem clara de seus lugares, e-"

"A Amyrlin quer", Elayne a cortou. De Nynaeve, um tom firme era um punho sacudido sob seu nariz; de Elayne, era uma certeza calma. "Elas terão a chance de tentar novamente, e se falharem, ainda não serão mandadas embora. Nenhuma mulher que canaliza será cortada da Torre novamente. Todas elas farão parte da Torre Branca."

Manuseando sua adaga do cinto preguiçosamente, Aviendha se perguntou sobre isso. Egwene, Trono de Amyrlin de Elayne, disse o mesmo. Ela também era uma amiga, mas tinha se dedicado a ser Aes Sedai. A própria Aviendha não queria fazer parte da Torre Branca. Duvidava muito que Sorilea ou qualquer outra Sábua também quisesse.

Merilille suspirou e dobrou as mãos, mas mesmo com toda sua aceitação externa, ainda esqueceu de baixar a voz. "Como você disser, Elayne. Mas sobre Ispan. Nós simplesmente não podemos permitir-"

Elayne levantou a mão bruscamente. O comando substituiu a mera certeza. "Chega, Merilille. Você tem a Tigela dos Ventos para vigiar. Isso é o suficiente para qualquer um. *Será* o suficiente para você."

Merilille abriu a boca, então fechou-a novamente e inclinou a cabeça ligeiramente em aquiescência. Sob o olhar constante de Elayne, as outras Aes Sedai abaixaram as delas também. Se algumas demonstravam relutância, por menor que fosse, nem todas o fizeram. Sareitha pegou às pressas o pacote em forma de disco, envolto em camadas de seda branca, que estava perto de seus pés. Seus braços mal eram capazes de dar a volta enquanto ela segurava a Tigela dos Ventos contra o peito, sorrindo ansiosamente para Elayne, como se para mostrar que realmente a estava vigiando.

As mulheres do Povo do Mar olharam ávidas para o pacote, quase inclinando-se para a frente. Aviendha não ficaria surpresa ao vê-las saltar através das pedras para tomar a Tigela. A Aes Sedai viu o mesmo, claramente. Sareitha segurou o pacote branco mais firmemente, e Merilille realmente se colocou entre ela e as Atha'an Miere. Rostos suaves de Aes Sedai apertados com o esforço de permanecer sem expressão. Elas acreditavam que a Tigela devia pertencer a elas; *todas as* coisas que usavam ou manipulavam o Poder Único pertenciam à Torre Branca em seus olhos, não importava quem as possuísse no momento. Mas havia a barganha.

"O sol se move, Aes Sedai", anunciou Renaile din Calon em voz alta, "e o perigo ameaça. Então mantenha a promessa. Se pensa em se livrar de alguma forma, atrasando as coisas, pense duas vezes e outra vez. Tente quebrar a barganha, e pelo coração do meu pai, vou

voltar para os navios imediatamente. E reivindicar a Tigela por reparação. Era nossa desde a Ruptura."

"Você vigia sua língua com as Aes Sedai", Reanne latiu, indignada e escandalizada de seu chapéu de palha azul até os sapatos robustos espiando debaixo de suas anáguas verde e brancas.

A boca de Renaile din Calon enrolou em um escárnio. "As águas-vivas têm línguas, ao que parece. Uma surpresa que elas possam usá-las, no entanto, quando nenhuma Aes Sedai deu permissão."

Em um instante, o estábulo estava cheio de insultos gritados voando entre Kin e Atha'an Miere, "bravia" e "covarde" e ficando cada vez pior, gritos estridentes que enterravam as tentativas de Merilille de silenciar Reanne e suas companheiros de um lado, e acalmar o Povo do Mar do outro. Várias Chamadoras de Vento pararam de dedilhar os punhais de atrás de suas faixas e agarraram os punhos em vez disso. O brilho de *saidar* surgiu em torno de uma primeiro, em seguida, outra das mulheres brilhantemente vestidas. As Mulheres Kin pareciam assustadas, embora não parassem seu discurso, mas Sumeko abraçou a Fonte, então Tamarla, então a esbelta Chilaes, de olhos azuis, e logo cada uma delas e cada uma das Chamadoras de Vento brilhava enquanto as palavras voavam e os temperamentos ferviam.

Aviendha queria gemer. A qualquer momento o sangue começaria a ser derramado. Ela seguiria a liderança de Elayne, mas sua quase-irmã estava olhando com fúria fria para as Chamadoras de Vento e o Círculo de Tricô. Elayne tinha pouca paciência com estupidez, em si mesma ou nos outros, e gritar insultos quando um inimigo poderia estar vindo era estupidez do pior tipo. Aviendha deu um firme aperto em sua adaga de cinto, em seguida, depois de um momento abraçou *saidar*; a vida e a alegria a encheram até quase chorar. As Sábias só usavam o Poder quando as palavras falhavam, mas nem palavras nem aço funcionariam ali. Ela queria ter alguma ideia de quem matar primeiro.

"Chega!" O grito penetrante de Nynaeve cortou as palavras em cada língua. Rostos espantados giraram em direção a ela. Sua cabeça balançou perigosamente, e ela apontou um dedo para o Círculo de Tricô. "Parem de se comportar como crianças!" Embora tivesse moderado o tom, foi por um fio. "Ou vocês querem discutir até que um Abandonado venha pegar a Tigela e a nós? E vocês", o dedo apontava para a Chamadoras de Vento, "parem de tentar fugir da sua barganha! Vocês não vão ter a Tigela até que tenham cumprido até a última palavra! Não pensem que vão!" Nynaeve circulou em volta das Aes Sedai. "E vocês...!" Recebido por uma surpresa fria, seu fluxo de palavras se transformou em um grunhido azedo. As Aes Sedai não tinham se juntado à gritaria, exceto para tentar acalmá-la. Nenhuma brilhou com a luz de *saidar*.

Isso não foi suficiente para acalmar Nynaeve completamente, é claro. Ela puxou ferozmente em seu chapéu, claramente ainda cheia de raiva que queria extravasar. Mas as Mulheres Kin estavam olhando para as pedras da pavimentação em desgosto, com a cara vermelha, e até as Chamadoras de Vento pareciam um pouco envergonhadas — um pouco — murmurando para si mesmas, mas se recusando muito a encontrar o olhar de Nynaeve. O brilho apagou em torno de uma mulher após a outra, até que apenas Aviendha ainda segurava a Fonte.

Ela se sobressaltou quando Elayne tocou seu braço. *Estava* ficando mole. Deixando as pessoas se aproximarem dela, pulando com um toque.

"Esta crise parece ter passado", murmurou Elayne. "Talvez seja hora de ir antes que a próxima estoure." Um toque de cor em suas bochechas era o único sinal de que ela tinha ficado com raiva. E um pouco nas de Birgitte; as duas refletiam uma a outra em alguns aspectos, desde a ligação.

"É passado", Aviendha concordou. Com mais tempo, e ela *seria* uma aguacenta de coração mole.

Todos os olhos a seguiram enquanto ela caminhava para o espaço aberto no centro do estábulo, até o local que havia estudado e sentido, até conhecer com as pálpebras fechadas. Havia uma alegria em segurar o Poder, uma alegria em trabalhar *saidar*, que ela não poderia colocar em palavras. Conter *saidar*, ser contida por ele, era parecer viva além de qualquer barreira do tempo. Uma ilusão, diziam as Sábias, tão falsa e perigosa quanto uma miragem de água no Termool, mas parecia mais real do que as pedras do piso sob seus pés. Lutou contra o desejo de canalizar mais; já segurava quase tanto quanto podia. Todas se aglomeravam por perto quando começou a tecer os fluxos.

Que havia coisas que muitas Aes Sedai não podiam fazer ainda assustava Aviendha, depois de tudo o que tinha visto. Várias do Círculo de Tricô eram fortes o suficiente, mas apenas Sumeko e, surpreendentemente, Reanne, estudaram abertamente o que ela estava fazendo. Sumeko chegou ao ponto de ignorar os tapinhas encorajadores que Nynaeve tentou dar nela — o que rendeu um olhar de indignação assustada de Nynaeve, que Sumeko, com seu olhar fixo em Aviendha, nunca viu. Todas as Chamadoras de Vento tinham força suficiente. Elas assistiram com tanta voracidade quanto tinham olhado para a Tigela. A barganha lhes dava todos os direitos.

Aviendha se concentrou, e os fluxos teceram juntos, criando identidade entre este lugar e o lugar que ela, Elayne e Nynaeve haviam escolhido em um mapa. Gesticulava como se estivesse abrindo tendas. Isso não fazia parte da tecelagem que Elayne havia lhe ensinado, mas era quase tudo o que se lembrava do que ela mesma tinha feito, muito antes de Egwene fazer seu primeiro portal. Os fluxos se uniram em uma barra vertical prateada que girava e se tornava uma abertura no ar, mais alta que um homem e tão larga quanto. Além dela estava uma grande clareira, cercada por árvores de 20 ou 30 pés de altura, milhas ao norte da cidade, no outro lado do rio. Grama marrom da altura do joelho chegava até o portal,

balançando através de uma brisa fraca; não tinha realmente vindo, só parecia. Algumas dessas folhas foram cortadas limpamente, porém, algumas longitudinalmente. As bordas de um portal aberto faziam uma navalha parecer cega.

O portal a encheu de insatisfação. Elayne poderia fazer esta tecelagem com apenas uma parte de sua força, mas por alguma razão exigia quase tudo, menos uma fração, da de Aviendha. Tinha certeza que poderia ter tecido um maior, tão grande quanto Elayne poderia, usando as tramas que tinha feito sem pensar enquanto tentava escapar de Rand al'Thor, o que parecia ter ocorrido muito tempo atrás, mas não importava quantas vezes tentasse, só algumas partes voltavam para ela. Não sentia inveja — pelo contrário, ela se orgulhava das realizações de sua quase-irmã — mas seu próprio fracasso fez com que a vergonha aumentasse em seu coração. Sorilea ou Amys seriam duras com ela, se soubessem disso. Por causa da vergonha. Era orgulho demais, elas diriam. Amys devia entender; ela tinha sido uma Donzela. *Havia* vergonha em falhar no que você devia ser capaz de fazer. Se não tivesse que segurar a tecelagem, teria fugido para que ninguém pudesse vê-la.

A partida tinha sido cuidadosamente planejada, e todo o estábulo entrou em movimento assim que o portal se abriu totalmente. Duas do Círculo de Tricô puxaram a Amiga das Trevas encapuzada para que ficasse de pé, e as Chamadoras de Vento rapidamente formaram uma linha atrás de Renaile din Calon. Os criados começaram a trazer cavalos para fora dos estábulos. Lan, Birgitte, e um dos Guardiões de Careane, um homem magro chamado Cieryl Arjuna, imediatamente correram pelo portal, um atrás do outro. Como as *Far Dareis Mai*, Guardiões sempre reivindicavam o direito de explorar à frente. Os pés de Aviendha coçavam para correr atrás deles, mas não havia razão. Ao contrário de Elayne, ela não podia se mover mais de cinco ou seis passos sem que essa tecelagem começasse a enfraquecer, e o mesmo seria se tentasse amarrá-la. Era muito frustrante.

Desta vez não havia nenhuma expectativa real de perigo, então as Aes Sedai seguiram imediatamente, Elayne e Nynaeve também. Fazendas pontilhavam aquela área densamente, e um pastor errante ou um jovem casal buscando privacidade podiam precisar ser levados para longe por ver muito, mas nenhum Alma de Sombria ou Amigo das Trevas conheceria aquela clareira; só ela, Elayne, e Nynaeve conheciam, e elas não tinham falado sobre a escolha, por medo de bisbilhoteiros. De pé na abertura, Elayne deu a Aviendha um olhar questionador, mas Aviendha a acenou para continuar. Planos deveriam ser seguidos a menos que houvesse razão para mudá-los.

As Chamadoras de Vento começaram a entrar lentamente na clareira, cada uma subitamente irresoluta quando se aproximava dessa coisa que nunca tinha sonhado, tomando fôlego antes de entrar. E abruptamente, o formigamento voltou.

Os olhos de Aviendha subiram para as janelas com vista para o estábulo. Qualquer um podia estar escondido atrás das telas brancas de ferro forjado intrincado e esculturas perfuradas. Tylin ordenou que os criados ficassem longe dessas janelas, mas quem pararia Teslyn, ou Joline, ou... Algo a fez olhar mais alto, para as cúpulas e torres. Caminhos estreitos circulavam algumas dessas torres esguias, e em uma, muito alta, havia uma forma negra cercada por um halo pontiagudo de sol por trás. Um homem.

Sua respiração ficou presa. Nada em sua postura, as mãos na grade de pedra, falava de perigo, mas ela sabia que era ele que colocava o formigamento entre suas omoplatas. Um dos de Alma Sombria não ficaria lá simplesmente observando, mas aquela criatura, aquele *gholam*... Gelo se formou em sua barriga. Ele poderia ser apenas um servo do palácio. Poderia ser, mas ela não acreditava. Não havia vergonha em conhecer o medo.

Ansiosamente, ela olhou para as mulheres ainda passando através do portal com lentidão agonizante. Metade do Povo do Mar

tinha passado, e o Círculo de Tricô esperava atrás do resto, com a Amiga das Trevas firmemente na mão, seu próprio desconforto com a passagem em conflito com o ressentimento por as mulheres do Povo do Mar terem sido autorizadas a ir primeiro. Se ela expressasse suas suspeitas, as Mulheres Kin certamente correriam — a mera menção de Almas Sombrias secava suas bocas e transformava suas entranhas em água — enquanto as Chamadoras de Vento poderiam muito bem tentar reivindicar a Tigela imediatamente. Para elas, a Tigela estava acima de qualquer outra coisa. Mas apenas um tolo cego ficaria se coçando enquanto um leão rastejava para cima do rebanho que ela tinha sido designada a guardar. Pegou uma das Atha'an Miere por uma manga de seda vermelha.

"Diga a Elayne-" Um rosto como pedra preta lisa virou-se para ela; a mulher de alguma forma fez seus lábios cheios parecerem finos; seus olhos eram pedras pretas, planas e duras. Que mensagem ela poderia enviar que não trouxesse todos os problemas que temia para cima delas? "Diga a Elayne e Nynaeve para serem cautelosas. Diga-lhes que os inimigos sempre vêm quando você menos espera. Você deve dizer isso a ela, sem falta." A Chamadora de Vento acenou com a impaciência mal escondida, mas surpreendentemente, esperou Aviendha libertá-la antes de fazer seu caminho hesitante através do portal.

O caminho na torre estava vazio. Aviendha não sentiu alívio. Ele podia estar em qualquer lugar. Indo até o estábulo. Quem quer que fosse, o que quer que fosse, *era* perigoso; não era uma réstia de poeira dançando na sua imaginação. Os últimos quatro Guardiões tinham formado um círculo ao redor do portal, uma guarda que seria a última a passar, e por mais que ela desprezasse suas espadas, estava agradecida que alguém além de si mesma sabia usar metal afiado ali. Não que eles teriam mais chances contra um *gholam*, ou pior, um dos Almas Sombrias, do que os criados esperando com os cavalos. Ou do que ela mesma.

Sombriamente, ela puxou o Poder, até que a doçura de *saidar* ficar próxima da dor. Um fio a mais, e a dor quase se tornaria uma agonia cegante pelos momentos necessários para morrer ou perder completamente a habilidade. Será que aquelas mulheres arrastando os pés podiam acelerar? Não havia vergonha em sentir medo, mas ela tinha muito medo de que o dela estivesse pintado em seu rosto.



CAPÍTULO

2



Desenrolar

Elayne andou para um lado assim que passou através do portal, mas Nynaeve andou através da clareira, chutando gafanhotos marrons da grama morta e espiando de lado para outro, em busca de evidências dos Guardiões. De um Guardião, pelo menos. Um pássaro vermelho brilhante atravessou a clareira e se foi. Nada mais se movia, exceto as irmãs; um esquilo chiou em algum lugar entre as árvores quase sem folhas, e então houve silêncio. Para Elayne parecia impossível que aqueles três pudessem ter passado por ali sem deixar caminhos tão largos quanto o de Nynaeve, mas não conseguia ver nenhum sinal de que eles tivessem estado lá.

Sentiu Birgitte em algum lugar à sua esquerda, mais ou menos a sudoeste, pensava, e sentindo-se bastante contente, claramente não havia nenhum perigo imediato. Careane, parte de um círculo protetor reunido em torno de Sareitha e da Tigela, inclinou a cabeça, quase como se estivesse ouvindo. Aparentemente seu Cieryl estava a sudeste. O que significava que Lan estava ao norte. Curiosamente, o norte era a direção que Nynaeve tinha parado para observar, o tempo todo murmurando baixinho. Talvez ter casado tivesse criado algum senso dele nela. O mais provável é que ela tivesse notado uma

pista que escapou a Elayne. Nynaeve era tão hábil em trilhas como era com ervas.

De onde Elayne estava no início, Aviendha estava claramente visível através do portal, estudando os telhados do palácio como se esperasse uma emboscada. Por sua postura, ela poderia estar carregando lanças, pronta para saltar para a batalha em seu vestido de montaria. Ela fez Elayne sorrir, escondendo o quanto estava angustiada com seus problemas com o portal, muito mais corajosa do que ela mesma. Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de se preocupar. Aviendha *era* corajosa, e ninguém que Elayne conhecia era mais capaz de manter a cabeça no lugar. Ela também podia decidir que o *Ji'e'toh* exigisse que ela lutasse quando não havia nenhuma alternativa, a não ser correr. A luz ao seu redor brilhava tão forte, que era óbvio que ela não poderia canalizar muito mais de *saidar*. Se um dos Abandonados aparecesse...

Eu deveria ter ficado com ela. Elayne rejeitou o pensamento imediatamente. Qualquer que fosse a desculpa que desse, Aviendha saberia a verdade, e ela era sensível como um homem às vezes. Na maioria das vezes. Especialmente quando se tratava de sua honra. Com um suspiro, Elayne deixou que as Atha'an Miere a afastassem do portal enquanto se reuniam. Ficou perto o suficiente para ouvir qualquer grito do outro lado, no entanto. Perto o suficiente para saltar para ajudar Aviendha em um piscar de olhos. E também por outra razão.

As Chamadoras de Vento vinham por ordem de patente, esforçando-se para manter seus rostos tranquilos, mas mesmo Renaile relaxou ombros apertados uma vez que seus pés descalços bateram na grama marrom alta. Algumas tiveram um pequeno arrepio, rapidamente suprimidos, ou olharam para trás com os olhos arregalados para abertura suspensa no ar. Todas olharam desconfiadas para Elayne enquanto passavam por ela, e duas ou três abriram a boca, talvez para perguntar o que ela estava fazendo, talvez para pedir — ou dizer — que ela se mexesse. Ela estava

contente por elas se apressarem em obedecer aos apelos curtos de Renaile. Teriam a chance de dizer a Aes Sedai o que fazer em breve; não tinham que começar com ela.

Esse pensamento fez seu estômago afundar, e o número delas a fez balançar a cabeça. Tinham o conhecimento do tempo para usar a Tigela corretamente, mas mesmo Renaile concordava — mesmo relutantemente — que quanto mais Poder fosse direcionado através da Tigela, maiores as chances de ela ser capaz de curar o tempo. Devia ser dirigido com uma precisão impossível exceto para uma mulher sozinha ou um círculo, no entanto. Tinha que ser um círculo completo de treze. Essas treze certamente incluiriam Nynaeve, Aviendha e a própria Elayne, e provavelmente algumas das Kin, mas Renaile claramente pretendia saltar a parte da barganha que dizia que elas poderiam aprender quaisquer habilidades que as Aes Sedai pudessem ensinar. O portal tinha sido a primeira, e formar um círculo seria a segunda. Uma maravilha que não tivesse trazido todas as Chamadoras de Vento do porto. Imagina tentar lidar com 300 ou 400 dessas mulheres! Elayne fez uma pequena oração de agradecimento por haver apenas vinte.

Ela não estava lá para contá-las, no entanto. À medida que cada Chamadora de Vento passava, a pouco mais de um passo de distância, ela se deixava sentir a força da mulher com o Poder. Mais cedo, houve tempo de chegar perto o suficiente de apenas algumas, com todo o trabalho de convencer Renaile a vir. Aparentemente, alcançar o posto entre as Chamadoras de Vento não tinha nada a ver com idade ou força; Renaile estava longe de ser a mais forte mesmo entre as primeiras três ou quatro, nem que uma mulher mais à retaguarda, Senine, de bochechas enrugadas e cabelos espessos e grisalhos. Estranhamente, pelas marcas em suas orelhas, parecia que Senine podia ter usado mais de seis brincos, e mais grossos do que usava agora.

Elayne classificou e guardou os rostos e os nomes que conhecia com um crescente senso de complacência. As Chamadoras de Vento

podiam ter assegurado uma espécie de vantagem, e ela e Nynaeve podiam estar em apuros, dos grandes, com Egwene e o Salão da Torre, uma vez que os termos de sua barganha se tornassem conhecidos, mas nenhuma dessas mulheres alcançaria uma posição alta perto das Aes Sedai. Certamente não baixa, mas não alta. Disse a si mesma para não se sentir presunçosa — isso não mudava nada no que tinham concordado — mas era muito difícil não ser. Estas eram as melhores que os Atha'an poderiam produzir, afinal. Aqui em Ebou Dar, pelo menos. E se tivessem sido Aes Sedai, cada uma delas, de Kurin, com seu olhar preto pedregoso, até a própria Renaile, teria escutado quando ela falasse, e ficado em pé quando ela entrasse em uma sala. Se fossem Aes Sedai e se comportassem como deveriam.

E então o fim da fila chegou, e ela se sobressaltou quando uma jovem Chamadora de Vento de um dos navios menores passou por ela, uma mulher de bochechas redondas chamada Rainyn, em sedas azuis simples, com apenas meia dúzia de ornamentos pendurados em sua corrente do nariz. As duas aprendizes, Talaan, esbelta como um menino, e Metarra, de olhos grandes, correram com expressões atormentadas. Elas ainda não tinham ganhado o anel do nariz, muito menos a corrente, e apenas um único brinco de ouro fino na orelha esquerda equilibrava os três na direita. Seus olhos seguiram as três, quase encarando. Talvez não menos que isso.

As Atha'an Miere se juntaram a Renaile novamente, a maioria, como ela, olhando com avidez para as Aes Sedai e a Tigela. As últimas três mulheres ficaram na parte de trás, as aprendizes com ar de quem não sabia se tinha o direito de estar ali, Rainyn cruzando os braços, imitando Renaile, mas fazendo pouco melhor do que as outras duas. A Chamadora de Vento de um dardo, o menor dos navios do Povo do Mar, provavelmente raramente se encontrava em companhia da Chamadora de Vento da Mestra das Ondas de seu clã, sem mencionar a Chamadora de Vento da Senhora dos Navios. Rainyn era facilmente tão forte quanto Lelaine ou Romanda, e Metarra tinha o nível da própria Elayne, enquanto Talaan...

tão mansa em sua blusa de linho vermelho, com olhos que pareciam permanentemente abatidos, chegava muito perto de Nynaeve. Muito perto. Além disso, Elayne sabia que ela própria ainda não tinha atingido todo o seu potencial, e nem Nynaeve. Quão próximas disso estavam Metarra e Talaan? Ela se acostumara a saber que apenas Nynaeve e os Abandonados eram mais fortes do que ela. Bem, Egwene, mas ela tinha sido forçada, e seu próprio potencial e o de Aviendha, combinavam com o de Egwene. *Tanta complacência*, disse a si mesma com tristeza. Lini teria dito que era o que ela merecia por subestimar as coisas.

Rindo baixinho de si mesma, Elayne voltou para verificar Aviendha, mas o Círculo de Tricô estava enraizado em um ponto em frente ao portal, contorcendo-se sob os olhares frios de Careane e Sareitha. Todas, menos Sumeko, e ela também não se afastou nem com o que encontrou os olhares das irmãs. Kirstian parecia pronta para explodir em lágrimas.

Suprimindo um suspiro, Elayne tirou as Mulheres Kin do caminho do povo do estábulo esperando para trazer os cavalos. O Círculo de Tricô vinha como ovelhas — ela era a pastora, Merilille e o resto eram os lobos — e elas teriam se movido mais rápido se não fosse por Ispan.

Famelle, uma das quatro únicas do Círculo de Tricô sem um toque de cinza ou branco em seu cabelo, e Eldase, uma mulher de olhos ferozes quando não estava olhando para um Aes Sedai, seguravam Ispan pelos braços. Não conseguiam decidir entre segurá-la firme o suficiente para mantê-la ereta e não agarrá-la muito forte, e o resultado era que a irmã Negra se movia de forma instável, escorregando até o meio do caminho até joelhos quando elas afrouxavam seus apertos e, em seguida, era puxada para cima pouco antes de cair completamente.

"Perdoe-me, Aes Sedai", Famelle continuou murmurando para Ispan com um leve sotaque taraboneano. "Ah, me desculpe, Aes

Sedai." Eldase estremecia e dava um gemido cada vez que Ispan tropeçava. Como se Ispan não tivesse ajudado a matar duas de suas companheiras e só a Luz sabia quantos outros. Elas estavam se preocupando com uma mulher que ia morrer. As mortes que Ispan havia conspirado na Torre Branca já eram suficientes para condená-la.

"Leve-a para algum lugar ali", disse Elayne, acenando para longe da entrada da clareira. Elas obedeceram, fazendo reverências e quase soltando Ispan, murmurando desculpas a Elayne e à prisioneira encapuzada. Reanne e o resto correu junto, ansiosamente olhando as irmãs em torno de Merilille.

Quase imediatamente a guerra de olhares recomeçou, as Aes Sedai para as Mulheres Kin, o Círculo de Tricô para as Chamadoras de Vento, e as Atha'an Miere para qualquer uma em que seus olhos pousassem. Elayne trancou os dentes. Ela *não* ia gritar com elas. Nynaeve sempre tinha os melhores resultados com gritos, de qualquer forma. Mas ela queria colocar algum senso em cada uma delas, sacudi-las até que seus dentes tremessem. Incluindo Nynaeve, que deveria estar organizando todas em vez de olhar para as árvores. Mas e se fosse Rand, que morreria a menos que ela pudesse encontrar uma maneira de salvá-lo?

De repente, lágrimas ameaçaram cair, ardendo seus olhos. Rand *ia* morrer, e não havia nada que ela pudesse fazer para impedir. *Descasque a maçã que está na sua mão, garota, não a que está na árvore*, a voz fina de Lini parecia sussurrar em seu ouvido. *As lágrimas são para depois; elas só consomem tempo antes da hora.*

"Obrigada, Lini", Elayne murmurou. Sua antiga babá era uma mulher irritante às vezes, nunca admitindo que nenhuma de suas pupilas tinha realmente crescido, mas seus conselhos sempre eram bons. Só porque Nynaeve estava afrouxando seus deveres não era razão para Elayne afrouxar os dela.

Os criados começaram a trotar a cavalo perto do Círculo de Tricô, começando com os cavalos de carga. Nenhum desses primeiros animais carregava algo tão frívolo quanto roupas. Podiam andar se os cavalos de montaria precisassem ser abandonados do outro lado do portal, e vestir o que usavam se o resto dos animais de carga tivesse que ser deixado para trás, mas o que estava naqueles primeiros cavalos não poderia ser deixado para os Abandonados. Elayne acenou para a mulher de bochechas de couro que conduzia o primeiro a segui-la de lado, fora do caminho das outras.

Desamarrando e jogando para trás a capa de lona dura de uma das cestas de vime largas, ela revelou um grande monte do que parecia ser lixo empilhado de todas as formas, até o topo, algumas envoltas em panos que estavam caindo aos pedaços. A maior parte provavelmente era lixo. Abraçando *saidar*, Elayne começou a classificar. Um peitoral enferrujado rapidamente foi para o chão, juntamente com uma perna de mesa quebrada, uma bandeja rachada, um jarro de estanho muito amassado, e um pedaço de pano apodrecido e não identificável que quase se partiu em suas mãos.

O depósito onde encontraram a Tigela dos Ventos estava lotado, coisas que deveriam estar em uma pilha de lixo misturadas com mais objetos do Poder que apenas a Tigela, algumas em barris ou baús cheios de besouros, algumas descuidadamente empilhadas. Por centenas e centenas de anos, as Kin esconderam todas as coisas que encontraram que estavam ligadas ao Poder, com medo de usá-las e com medo de entregá-las às Aes Sedai. Até aquela manhã. Aquela era a primeira chance que Elayne tinha de ver o que valia a pena manter. A Luz ajudasse que os Amigos das Trevas não tivessem escapado com nada importante; eles levaram alguns, mas certamente menos de um quarto do que o quarto tinha guardado, incluindo lixo. A Luz ajudasse que ela encontrasse algo que poderiam usar. Pessoas morreram para trazer essas coisas para fora do Rahad.

Ela não canalizou, apenas segurou o Poder quando levantou cada item. Um copo de argila lascado, três pratos quebrados, um vestido

de criança comido por mariposas, e uma bota velha com um buraco que varava pelo lado caíram no chão. Uma pedra esculpida um pouco maior que sua mão — *parecia* pedra; *poderia* ter sido uma escultura, embora não parecesse exatamente esculpida, por alguma razão — as curvas azuis profundas pareciam vagamente com raízes. Parecia aquecer levemente em seu toque; tinha uma... ressonância... para *Saidar*. Essa era a palavra mais próxima que poderia pensar. O que aquilo deveria fazer, ela não tinha ideia, mas era um *ter'angreal* sem dúvida. Aquilo foi para o outro lado dela, longe da pilha de lixo.

O monte de lixo continuava a crescer, mas o outro também, só que mais lentamente, coisas que não tinham nada em comum, exceto o calor fraco e a sensação de ressonar o Poder. Uma pequena caixa que parecia de marfim, coberta de listras oscilantes vermelhas e verdes; ela colocou no chão cuidadosamente, sem abrir a tampa articulada. Nunca se sabe o que poderia desencadear um *ter'angreal*. Uma haste preta não mais grossa que seu dedo mindinho, com um passo de comprimento, dura, mas tão flexível que ela pensou que poderia dobrar em um círculo. Um pequeno frasco com tampa que poderia ser de cristal, com um líquido vermelho escuro dentro. A figura de um homem forte, barbudo com um sorriso alegre, segurando um livro; com sessenta centímetros de altura, parecia ser bronze escurecido pelo tempo e precisou das duas mãos para mover. Outras coisas. A maioria era lixo, no entanto. E nada era o que realmente queria. Ainda não.

"É hora de fazer isso?" Nynaeve perguntou. Ela se endireitou rapidamente do pequeno aglomerado de *ter'angreal*, fazendo uma careta e esfregando a mão na saia. "Essa vara parece... dor", murmurou. A mulher de rosto duro segurando a cabeça do cavalo de carga piscou para a vara e se afastou.

Elayne olhou para a vara — as impressões ocasionais de Nynaeve sobre objetos que tocava podiam ser úteis — mas não parou de classificar. Havia muita dor ultimamente para precisar de mais, certamente. Não que o que Nynaeve sentia fosse sempre tão simples.

A vara poderia estar presente quando uma grande quantidade de dor foi causada sem ser a causa ela mesma. O cesto estava quase vazio; um pouco do que estava do outro lado do cavalo teria que ser deslocado para equilibrar o peso. "Se há um *angreal* nisso em algum lugar, Nynaeve, eu gostaria de encontrá-lo antes que Moghedien dê tapinhas nos ombros de uma de nós."

Nynaeve grunhiu amargamente, mas olhou para a cesta de vime.

Deixando cair outra perna de mesa — que já somava *três*, nenhuma das quais fazia par — Elayne lançou um olhar para a clareira. Todos os cavalos de carga estavam ali, e os de montaria estavam vindo através do portal, agora, enchendo o espaço aberto entre as árvores com agitação e confusão. Merilille e as outras Aes Sedai já se sentavam em suas selas, mal escondendo a impaciência de sair, enquanto Pol se agitava às pressas com os alforjes de suas senhoras, menos das Chamadoras de Vento.

Graciosas a pé, graciosas em seus navios, elas não estavam acostumadas a cavalos. Renaile estava tentando montar do lado errado, e a gentil égua baia escolhida para ela dançou em círculos lentos ao redor do homem de libré que estava segurando a rédea com uma mão enquanto puxava seu cabelo em frustração com a outra, tentando e em vão corrigir a Chamadora de Vento. Duas das mulheres do estábulo estavam tentando içar em sua sela Dorile, que servia a Senhora das Ondas do Clã Somarin, enquanto uma terceira, segurando a cabeça do cavalo, tinha o rosto tenso de alguém tentando não rir. Rainyn estava na parte de trás de um capão marrom *de pernas cumpridas*, mas, de alguma forma, sem nenhum dos pés nos estribos ou as rédeas em suas mãos, e tendo problemas consideráveis para encontrar qualquer um deles. E aquelas três pareciam ser as que tinham mais facilidade. Cavalos relinchavam e dançavam e reviravam os olhos, e as Chamadoras de Vento gritavam maldições em vozes que poderiam ser ouvidas sobre um vendaval. Uma delas derrubou um criado com o punho, e mais três pessoas do estabulo tentavam pegar montarias que haviam se soltado.

Havia também o que ela esperava ver, se Nynaeve não estivesse mais mantendo sua vigilância privada. Lan estava ao lado de seu cavalo de guerra negro, Mandarb, dividindo seu olhar entre a linha das árvores, o portal e Nynaeve. Birgitte veio correndo pela floresta balançando a cabeça, e um momento depois, Cieryl, trotou através das árvores, mas sem senso de urgência. Não havia nada lá fora para ameaçá-los ou incomodá-los.

Nynaeve estava a observando, as sobrancelhas levantadas no alto.

"Eu não falei nada", disse Elayne. Sua mão fechada em algo pequeno, envolto em pano podre que poderia ter sido branco uma vez. Ou marrom. Soube imediatamente o que estava dentro.

"Uma coisa boa para você", Nynaeve resmungou, não longe o suficiente e em voz baixa. "Não suporto mulheres que metem o nariz nos negócios dos outros." Elayne deixou passar sem qualquer sobressalto; estava orgulhosa por não ter que morder a língua.

Tirar o pano deteriorado revelou um pequeno broche de âmbar em forma de tartaruga. Parecia âmbar, de qualquer maneira, e poderia ter sido âmbar uma vez, mas quando ela se abriu para a Fonte através dele, *saidar* correu para dentro dela, uma torrente em comparação com o que ela podia canalizar com segurança por conta própria. Não era *um angreal* forte, mas bem melhor que nada. Com aquilo, ela poderia lidar com o dobro do Poder que Nynaeve, e a própria Nynaeve faria melhor ainda. Liberando o fluxo extra de *saidar*, colocou o broche na bolsa de seu cinto com um sorriso de prazer e voltou a procurar. Onde havia um, poderia haver mais. E agora que tinha um para estudar, podia ser capaz de entender como fazer um *angreal*. Isso era algo que desejava. Era tudo o que podia fazer para não pegar o broche de novo e começar a estudá-lo ali mesmo.

Vandene estava de olho em Nynaeve e nela há algum tempo, e agora se aproximou delas e desmontou. O cavaliço à frente do cavalo de carga fez uma reverência decente e estranha, mais do que

ela fez para Elayne ou Nynaeve. "Você está sendo cuidadosa", disse Vandene a Elayne, "e isso é muito bom. Mas talvez seja melhor deixar essas coisas em paz até que elas estejam na Torre."

A boca de Elayne apertou. Na Torre? Até que pudessem ser examinadas por outra pessoa, foi o que ela quis dizer. Alguém mais velho e supostamente mais experiente. "*Eu sei o que estou fazendo, Vandene. Afinal, eu fiz ter'angreal. Ninguém mais vivo fez isso.*" Tinha ensinado o básico para algumas irmãs, mas ninguém tinha conseguido o truque dela quando partiu para Ebou Dar.

A verde mais velha assentiu, batendo as rédeas preguiçosamente contra a palma de sua luva de equitação. "Martine Janata também sabia o que estava fazendo, então eu entendo", disse ela casualmente. "Ela foi a última irmã a realmente se dedicar a estudar *ter'angreal*. Fez isso por mais de quarenta anos, quase desde que conseguiu o xale. Também foi cuidadosa, pelo que me disseram. Então, um dia, a empregada de Martine a encontrou inconsciente no chão de sua sala de estar. Exaurida." Mesmo em tom de conversa, essas palavras foram um tapa afiado. A voz de Vandene não alterou um fio, no entanto. "Seu Guardião estava morto por choque. Não é incomum em casos como esse. Quando Martine acordou, três dias depois, não conseguia lembrar com o que estava trabalhando. Não se lembrava da semana anterior. Isso foi há mais de 25 anos, e ninguém desde então teve a coragem de tocar em nenhum dos *ter'angreal* que estavam em seus aposentos. Suas anotações mencionavam cada um deles, e tudo o que ela tinha descoberto era inócuo, inocente, até frívolo, mas..." Vandene deu de ombros. "Ela encontrou algo que não estava esperando."

Elayne espiou Birgitte, e encontrou Birgitte olhando para ela. Não precisava ver a expressão preocupada no rosto da outra mulher; estava espelhada em sua mente, no pequeno pedaço de sua mente que *era* Birgitte e no resto. Birgitte sentiu sua preocupação e ela sentiu a de Birgitte, até que às vezes era difícil dizer qual era qual. Arriscava mais do que ela mesma. Mas *sabia* o que estava fazendo.

Mais do que qualquer um ali, pelo menos. E mesmo que nenhum dos Abandonados aparecesse, elas *precisavam* de todo *angreal* que ela pudesse encontrar.

"O que aconteceu com Martine?" Nynaeve perguntou calmamente. "Depois, quero dizer." Ela raramente podia ouvir de alguém sendo ferido sem querer Curar, mas ela queria Curar tudo.

Vandene fez uma careta. Ela podia ter falado de Martine, mas Aes Sedai não gostavam de falar sobre mulheres que tinham sido exauridas ou estancadas. Não gostavam de se lembrar delas. "Ela desapareceu quando estava bem o suficiente para escapar da Torre", disse às pressas. "O importante a lembrar é que ela foi cautelosa. Nunca a conheci, mas me disseram que tratava todos os *ter'angreal* como se não tivesse ideia do que poderiam fazer, mesmo aquele que faz o pano para os mantos dos Guardiões, e ninguém nunca foi capaz de mandá-lo fazer qualquer outra coisa. Ela foi cuidadosa, mas isso não fez nenhum bem a ela."

Nynaeve colocou um braço sobre o cesto quase vazio. "Talvez você realmente devesse", ela começou.

"*Não-o-o-o!*" Merilille gritou.

Elayne girou, abrindo-se instintivamente através do *angreal* outra vez, apenas meio consciente da inundação de *saidar* em Nynaeve e Vandene. O brilho do Poder surgiu em torno de todas as mulheres na clareira que podiam abraçar a Fonte. Merilille estava avançando em sua sela, olhos esbugalhados, uma mão estendida em direção ao portal. Elayne franziu a testa. Não havia nada lá, exceto Aviendha, e os últimos quatro Guardiões, assustados no meio da caminhada, procurando a ameaça com espadas meio desembainhadas. Então percebeu o que Aviendha estava fazendo e quase perdeu *saidar* em seu choque.

O portal tremeu quando Aviendha cuidadosamente desfez a tecitura que tinha feito isso. Ele estremeceu e flexionou, as bordas vacilando. Os últimos fluxos se soltaram, e em vez de desaparecer, a

abertura brilhou, a vista do pátio através dele desaparecendo até evaporar como névoa no sol.

"Isso é impossível!" Renaille disse incrédula. Um murmúrio espantado de concordância eclodiu entre as Chamadoras de Vento. As Mulheres Kin escancaravam em Aviendha, as bocas mexendo sem emitir som.

Elayne assentiu lentamente para si mesma. Claramente *era* possível, mas uma das primeiras coisas que lhe foi dito quando era noviça era que nunca, sob qualquer circunstância, ela tentasse o que Aviendha tinha acabado de fazer. Separar uma tecitura, qualquer tecitura, em vez de simplesmente deixá-la dissipar, não podia ser feito, tinham dito a ela, não sem um desastre inevitável. Inevitável.

"Sua garota tola!" Vandene estourou, seu rosto uma nuvem de tempestade. Ela caminhou em direção a Aviendha arrastando seu capão por trás. "Percebe o que você quase fez? Um deslize — um! — e não há como dizer o que a trama vai virar, ou o que vai fazer! Você poderia ter destruído tudo em um raio de cem passos! Quinhentos! Tudo! Você poderia ter se exaurido e..."

"Foi necessário", Aviendha interrompeu. Um balbucio murmúrio irrompeu das Aes Sedai montadas ao redor dela e Vandene, mas ela olhou para elas e ergueu a voz sobre as delas. "Sei os perigos, Vandene Namelle, mas era necessário. Isso é outra coisa que vocês Aes Sedai não podem fazer? As Sábias dizem que qualquer mulher pode aprender, se for ensinada, algumas mulheres mais e outras menos, mas qualquer mulher, se pode escolher bordados..." Ela quase não zombou muito. Quase.

"Isso *não* é bordado, menina!" A voz de Merilille era gelo no inverno profundo. "Seja qual for o que chamam de treinamento que você recebeu entre seu povo, você não tem como saber com o que está *brincando*! Você vai me prometer — jurar para mim! — que nunca vai fazer isso de novo!"

"O nome dela deveria estar no livro das noviças", disse Sareitha firmemente, olhando através da Tigela ainda firmemente mantida em seu seio. "Eu sempre disse isso. Ela devia ser inscrita no livro." Careane aquiesceu, seu olhar severo medindo Aviendha para um vestido de noviça.

"Isso pode não ser necessário no momento", disse Adeleas a Aviendha, inclinando-se para a frente em sua sela, "mas você deve se deixar guiar por nós." O tom da irmã Marrom era muito mais suave do que o das outras, mas ela não estava fazendo uma sugestão.

Um mês antes, Aviendha poderia ter começado a murchar sob toda essa desaprovação das Aes Sedai, mas não agora. Elayne apressadamente se colocou entre os cavalos antes que sua amiga decidisse sacar a faca que estava acariciando. Ou fazer algo pior. "Talvez alguém devesse perguntar *por que* ela achou necessário", disse, deslizando um braço nos ombros de Aviendha tanto para manter seus braços ao lado do corpo, quanto para confortar.

Aviendha não a incluiu no olhar exasperado que deu às outras irmãs. "Isso não deixa resíduos", disse pacientemente. Muito pacientemente. "Os resíduos de uma trama deste tamanho podem ser lidos daqui a dois dias."

Merilille bufou, um som muito forte para vir daquele corpo leve. "Isso é um talento raro, menina. Nem Teslyn nem Joline o têm. Ou vocês, Aiel Bravias, aprendem isso também?"

"Poucas conseguem", admitiu Aviendha calmamente. "Mas eu posso." Aquilo produziu um tipo diferente de olhar, de Elayne também; Era um talento *muito* raro. Ela não parecia notar. "Você afirma que nenhum dos Almas das Sombras pode?", continuou ela. A rigidez de seus ombros sob a mão de Elayne mostrava que ela não estava tão tranquila quanto fingia. "Vocês são tão tolas, que deixam trilhas para seus inimigos seguirem? Qualquer um que pudesse ler os resíduos poderia fazer um portal de entrada para este local."

Isso demandaria grande destreza, muita destreza, mas a sugestão foi suficiente para deixar Merilille piscando. Adeleas abriu a boca, depois fechou-a sem falar, e Vandene franziu a testa pensativamente. Sareitha simplesmente parecia preocupada. Quem poderia dizer que talentos os Abandonados tinham, que habilidades?

Estranhamente, toda a ferocidade foi drenada de Aviendha. Seus olhos caíram, seus ombros se soltaram. "Talvez eu não devesse ter assumido o risco", ela murmurou. "Com aquele homem me observando, eu não conseguia pensar claramente, e quando ele desapareceu..." Um pouco de seu espírito voltou, mas não muito. "Não acho que um homem poderia ler minhas tramas", disse ela a Elayne, "mas se ele fosse um dos Almas das Sombras, ou mesmo o *gholam*... As Sombras sabem mais do que qualquer um de nós. Se eu estiver errada, tenho uma grande *toh*. Mas acho que não estava. Acho que não."

"Que homem?" Nynaeve exigiu. Seu chapéu estava torto ao passar entre os cavalos, e isso, junto com a carranca apertada que ela dirigiu a todos imparcialmente, a fez parecer pronta para uma luta. Talvez estivesse. O capão de Careane acidentalmente cutucou-a com um ombro, e ela deu um tapa no nariz do castanho azulado.

"Um criado", disse Merilille com desdém. "Quaisquer que fossem as ordens que Tylin deu, os criados de Altaran são um bando independente. Ou talvez seu filho; esse menino é muito curioso."

As irmãs ao seu redor concordaram com a cabeça, e Careane disse: "Um dos Abandonados dificilmente teria ficado e assistido. Você mesma disse isso." Ela estava acariciando o pescoço de seu capão e franzindo a testa de modo acusativo para Nynaeve — Careane era uma das que davam a seu cavalo o tipo de afeto que a maioria das pessoas reservava para bebês — ela estava franzindo a testa para Nynaeve, e Nynaeve tomou as palavras para ela, também.

"Talvez fosse um criado, e talvez fosse Beslan. Talvez." O fungado de Nynaeve disse que ela não acreditava. Ou que queria que elas pensassem que não acreditava; ela podia dizer na sua cara que você é um idiota cego, mas não deixava mais ninguém dizer isso, e ela te defenderia até ficar rouca. Claro, ela não parecia pronta para decidir se gostava ou não de Aviendha, mas definitivamente não gostava da Aes Sedai mais velha. Aprumou o chapéu quase em linha reta, e sua carranca varreu através delas, em seguida, começou de novo. "Se foi Beslan ou o Senhor das Trevas, não há motivo para ficarmos aqui o dia todo. Precisamos nos preparar e seguir para a fazenda. Bem? Mexam-se!" Ela bateu palmas bruscamente, e até Vandene levou um pouco de susto.

Havia pouca preparação para fazer quando as irmãs moveram seus cavalos. Lan e os outros Guardiões não ficaram para trás delas, uma vez que perceberam que não havia perigo. Alguns dos criados tinham voltado pelo portal antes que Aviendha se livrasse dele, mas o resto ficou com as três dúzias de cavalos de carga, ocasionalmente olhando para as Aes Sedai, claramente imaginando que maravilha elas poderiam produzir em seguida. As Chamadoras de Vento foram todos montadas, desajeitadamente, e segurando suas rédeas como se esperassem que seus cavalos fossem fugir a qualquer momento, ou que talvez brotassem asas e voassem. Assim como o Círculo de Tricô, com muito mais graça, despreocupado que suas saias e anáguas fossem empurradas para cima, até seus joelhos, e com Ispan ainda encapuzada e amarrada em uma sela como um saco. Ela não poderia ter sentado ereta em um cavalo, mas até os olhos de Sumeko se arregalavam sempre que passavam por ela.

Olhando para ela, Nynaeve parecia pronta para mandar todo mundo fazer o que já tinham feito, mas só até Lan lhe entregar as rédeas de sua égua marrom e roliça. Ela recusou inflexivelmente um cavalo melhor de presente de Tylin. Sua mão tremeu um pouco quando tocou a de Lan, e seu rosto mudou de cor enquanto ela engolia a raiva que estava prestes a liberar. Quando ele estendeu a

mão para o pé dela, ela o encarou por um momento, como se perguntando o que ele estava fazendo, então corou novamente quando ele a impulsionou para sua sela. Elayne só conseguia balançar a cabeça. Esperava não se tornar uma idiota quando se casasse. Se um dia se casasse.

Birgitte trouxe sua égua cinza-prateada e o castanho-amarelado que Aviendha montava, mas parecia entender que Elayne queria uma palavra em particular com Aviendha. Assentiu quase como se Elayne tivesse falado, subiu em seu capão da cor de rato, e cavalgou para onde os outros Guardiões estavam esperando. Eles a cumprimentaram com acenos e começaram a discutir algo em voz baixa. Pelos olhares direcionados às irmãs, o "algo" tinha a ver com cuidar das Aes Sedai, quer as Aes Sedai quisessem esse cuidado ou não. Incluindo ela mesma, Elayne notou sombriamente. Mas não havia tempo para isso. Aviendha ficou mexendo com as rédeas de seu cavalo, olhando para o animal como uma noviça olhando para uma cozinha cheia de potes gordurosos. Muito provavelmente, Aviendha via pouca diferença entre ter que esfregar panelas e ter que cavalgar.

Com suas luvas verdes de montaria, Elayne casualmente mudou Lioness de lugar para bloqueá-las da visão das outras, em seguida, tocou o braço de Aviendha. "Conversar com Adeleas ou Vandene pode ajudar", disse gentilmente. Tinha que ser muito cuidadosa agora, tão cuidadosa quanto com qualquer *ter'angreal*. "Elas são velhas o suficiente para saber mais do que você imagina. Tem que haver uma razão para você estar... tendo problemas... com Viajar." Erra era uma maneira leve de colocar o assunto. Aviendha quase não conseguiu fazer a trama funcionar, no início. Cuidado. Aviendha era muito mais importante do que qualquer *ter'angreal* jamais poderia ser. "Elas podem ser capazes de ajudar."

"Como poderiam?" Aviendha olhou duramente para a sela de seu capão. "Elas não podem Viajar. Como poderia qualquer uma delas saber como ajudar?" Seus ombros caíram abruptamente e ela virou a

cabeça para Elayne. Surpreendentemente, lágrimas não derramadas brilhavam em seus olhos verdes. "Essa não é a verdade, Elayne. Não toda a verdade. Elas não podem ajudar, mas... Você é minha quase-irmã; você tem o direito de saber. Acham que entrei em pânico com um criado. Se eu pedir ajuda, tudo pode escapar. Que eu Viajei uma vez para fugir de um homem, um homem que eu esperava com minha alma que me pegaria. Corria como um coelho. Corria, querendo ser pega. Como eu poderia deixá-las saber de tamanha vergonha? Mesmo que elas realmente pudessem ajudar, como eu poderia?"

Elayne desejava não saber. Sobre a parte da captura, pelo menos. Sobre o fato de Rand *ter* pego ela. Agarrando as manchas de ciúme que de repente estavam flutuando através dela, logo as empurrou para um saco e enfiou na parte de trás de sua cabeça. Então o moveu para cima e para baixo, para ter uma boa noção. *Quando uma mulher se faz de boba, procure o homem.* Era uma das favoritas da Lini. Outra era, *Gatinhos emaranham seus fios, homens emaranham sua inteligência, e fazer isso é simples como respirar para ambos.* Ela respirou fundo. "Ninguém vai saber através de mim, Aviendha. Vou ajudá-la o máximo que puder. Se conseguir descobrir como." Não que houvesse muito que pudesse pensar em fazer. Aviendha era notavelmente rápida em ver como as tramas eram formadas, muito mais rápida que ela mesma.

Aviendha apenas assentiu e subiu desajeitadamente em sua sela, mostrando um pouco mais de graça que o Povo do Mar. "Havia um homem observando, Elayne, e ele não era criado." Olhando Elayne bem nos olhos, acrescentou: "Ele me assustou." Uma admissão que ela provavelmente não teria feito a mais ninguém no mundo.

"Estamos a salvo dele agora, quem quer que ele fosse", disse Elayne, virando Leoness para seguir Nynaeve e Lan na clareira. Na verdade, era muito provável que tivesse sido um criado, mas ela nunca diria isso a ninguém, muito menos Aviendha. "Estamos seguras e, em mais algumas horas, chegaremos à fazenda das Kin,

usaremos a Tigela, e o mundo ficará bem novamente." Bem, um pouco. O sol parecia mais baixo do que estava no estábulo, mas sabia que era apenas imaginação. Pela primeira vez, elas ganhavam uma vantagem clara sobre a Sombra.

Por trás de uma tela de ferro branco forjado, Moridin viu o último dos cavalos desaparecer através do portal, e depois a jovem alta e os quatro Guardiões. Era possível que eles estivessem carregando algum item que ele pudesse usar — *um angreal* destinado aos homens, talvez — mas as chances eram pequenas. Sobre o resto, os *ter'angreal*, a maior probabilidade era que elas se matassem tentando descobrir como usá-los. Sammael foi um tolo por ter arriscado tanto para se apoderar de uma coleção de ninguém sabia do que era. Mas então, Sammael nunca tinha sido tão inteligente quanto pensava. Ele próprio não iria interromper seus próprios planos por um acaso, para ver que resquícios de civilização poderia encontrar. Só a curiosidade ociosa o levava até ali. Gostava de saber o que os outros pensavam ser importante. Mas foi um desperdício de tempo.

Ele estava prestes a se afastar quando os contornos do portal de repente começaram a flexionar e tremer. Paralisado, assistiu até a abertura simplesmente — derreter. Nunca tinha sido um homem que dava lugar a obscenidades, mas várias surgiram em sua mente. O que a mulher tinha feito? Esses rústicos bárbaros ofereciam muitas surpresas. Uma maneira de Curar uma separação, porém de modo imperfeito. Aquilo era impossível! Mas tinham feito. Alianças involuntárias. Aqueles Guardiões e o vínculo que compartilhavam com suas Aes Sedai. Ele sabia disso há muito, muito tempo, mas sempre que pensava que os conhecia, esses *primitivos* revelavam alguma nova habilidade, faziam algo que ninguém em sua própria Era tinha sonhado. Algo que o pináculo da civilização não sabia! O que a garota tinha feito?

"Grande Mestre?"

Moridin mal virou a cabeça da janela. "Sim, Madic?" Que a alma dela fosse condenada, o que a garota tinha feito?

O homem careca de verde e branco que tinha entrado na pequena sala fez uma profunda reverência antes de cair de joelhos. Um dos criados superiores do palácio, Madic, com seu rosto longo, possuía uma dignidade pomposa que tentava manter até agora. Moridin tinha visto homens que estavam muito mais acima fazer muito pior. "Grande Mestre, descobri o que as Aes Sedai trouxeram para o palácio esta manhã. Dizem que encontraram um grande tesouro escondido em tempos antigos, ouro e joias e pedras do coração, artefatos de Shiotia e Eharon e até mesmo da Era das Lendas. Dizem que há coisas no meio daquilo que usam o Poder Único. Dizem que se pode controlar o clima. Ninguém sabe para onde estão indo, Grande Mestre. O palácio está trêmulo com a conversa, mas dez línguas nomeiam dez destinos diferentes."

Moridin voltou a estudar o estábulo abaixo assim que Madic falou. Histórias ridículas sobre ouro e *cuendillar* não tinham interesse. Nada faria um portal se comportar assim. A menos que... Ela podia realmente ter *desfeito* a trama? A morte não o assustava. Friamente, considerou a possibilidade de que estivesse à vista de uma trama se desfazendo. Uma que tinha sido desfeita com sucesso. Outra impossibilidade casualmente oferecida por essas...

Algo que Madic disse chamou a atenção. "O clima, Madic?" As sombras das torres do palácio mal tinham se alongado de suas bases, mas não havia uma nuvem para proteger a cidade escaldante.

"Sim, Grande Mestre. Chama-se a Tigela dos Ventos."

O nome não significava nada para ele. Mas... um *ter'angreal* para controlar o clima... Em sua própria Era, o clima tinha sido cuidadosamente regulado com o uso de *ter'angreal*. Uma das surpresas desta Era — uma das menores, pelo que parecia — era que havia aqueles que podiam manipular o clima a um ponto que

devia exigir um daqueles *ter'angreal*. Um desses dispositivos não devia ser suficiente para afetar nem mesmo uma parte grande de um único continente. Mas o que essas mulheres poderiam fazer com ele? O que? Se usassem um círculo?

Ele agarrou o Poder Verdadeiro sem pensar, a *mácula* negra ondulando em sua visão. Seus dedos se apertaram na grade de ferro forjado da janela; o metal gemeu, torcendo, não de seu aperto, mas dos tentáculos do Poder Verdadeiro, extraídos do próprio Grande Senhor, que se enrolavam em torno da grade, flexionando enquanto ele flexionava a mão com raiva. O Grande Senhor não ficaria satisfeito. Ele tinha se esforçado de sua prisão para tocar o mundo o suficiente para fixar as estações no lugar. Estava impaciente para tocar mais o mundo, para quebrar o vazio que o continha, e não ficaria satisfeito. Raiva envolveu Moridin, sangue pulsando em seus ouvidos. Um momento antes, não se importava com o destino daquelas mulheres, mas agora... Estavam em algum lugar longe dali. As pessoas que fugiam iam para o mais longe o mais rápido que podiam. Para algum lugar onde se sentissem seguras. Não adiantava enviar Madic para fazer perguntas, não adiantava espremer ninguém ali; elas não teriam sido tolas o suficiente de deixar para trás qualquer ser vivo que soubesse seu destino. Não iriam até Tar Valon. E até Al'Thor? Até aquele bando de Aes Sedai rebeldes? Nesses três lugares, ele tinha olhos, alguns que não sabiam que o serviam. Todos o serviriam antes do fim. Não permitiria que deslizes do acaso estragassem seus planos agora.

Abruptamente, ouviu algo além da batida trovejante de sua própria fúria. Um som borbulhante. Olhou para Madic curiosamente, e se afastou da poça que se espalhava pelo chão. Parecia que, em sua raiva, tinha agarrado mais do que a grade de ferro forjado com o Poder Verdadeiro. Era notável quanto sangue podia ser espremido de um corpo humano.

Deixou o que restava do homem cair sem arrependimento; na verdade, pensou apenas que quando Madic fosse encontrado, as Aes

Sedai certamente seriam culpadas. Uma pequena adição ao caos crescente no mundo. Abrindo um buraco no tecido do Padrão, viajou com o Poder Verdadeiro. Tinha que encontrar aquelas mulheres antes de usarem esta Tigela dos Ventos. E se falhasse nisso... Não gostava de pessoas se intrometendo em seus planos cuidadosamente bolados. Aqueles que fizeram isso e viveram, viveram para pagar.

* * *

O *gholam* entrou na sala com cautela, as narinas já se contraindo com o cheiro de sangue ainda quente. A queimadura lívida em sua bochecha parecia uma brasa viva. O *gholam* parecia ser apenas um homem esguio, um pouco mais alto que a média nessa época, mas nunca tinha encontrado nada que pudesse machucá-lo. Até aquele homem com o medalhão. O que poderia ser um sorriso ou rosnado desnudou seus dentes. Curioso, ele olhou ao redor da sala, mas não havia nada além do cadáver esmagado no piso. E uma... sensação... de alguma coisa. Não o Poder Único, mas algo que o dava... coceira, mas não exatamente do mesmo modo. A curiosidade o levou até ali. Partes da grade sobre a janela foram esmagadas, soltando a coisa toda nas laterais. O *gholam* parecia se lembrar de algo que o fazia coçar dessa maneira, mas muito do que se lembrava era nebuloso e escuro. O mundo tinha mudado, como parecia, num piscar de olhos. Houve um mundo de guerra e matança em grande escala, com armas que atingiam quilômetros, que se estendiam através de milhares de quilômetros, e então havia... este. Mas o *gholam* não tinha mudado. Ainda era a arma mais perigosa de todas.

Suas narinas dilataram novamente, embora não fosse pelo cheiro que rastreava aqueles que podiam canalizar. O Poder Único tinha sido usado abaixo, e milhas ao norte. Devia seguir, ou não? O homem que o tinha ferido não estava com elas; ele se certificou disso antes de sair do lugar elevado. Aquele que o comandava queria o homem

que o feriu morto quase tanto quanto as mulheres, mas as mulheres eram um alvo mais fácil. As mulheres tinham sido nomeadas, também, e pelo tempo, estava constrangido. Durante toda a sua existência, foi obrigado a obedecer a um ou outro humano, mas sua mente manteve o conceito de não ser constrangido. Devia seguir as mulheres. Ele queria seguir. O momento da morte, quando sentia a capacidade de canalizar desaparecer junto com a vida, produzia êxtase. Arrebatamento. Mas estava com fome também, e havia tempo. Para onde quer que elas pudessem correr, ele poderia seguir. Colocando-se fluidamente ao lado do corpo mutilado, começou a se alimentar. Sangue fresco, sangue quente, era uma necessidade, mas o sangue humano sempre tinha o sabor mais doce.



CAPÍTULO

3



Um passeio agradável

Fazendas, pastagens e olivais cobriam a maior parte da terra ao redor de Ebou Dar, mas muitas pequenas florestas também se estendiam por alguns quilômetros e, embora o solo fosse muito mais plano do que as colinas de Rhannon ao sul, ele rolava e às vezes se elevava em uma proeminência de trinta metros ou mais, o suficiente para lançar sombras profundas ao sol da tarde. Ao todo, o país fornecia cobertura mais do que suficiente para manter os olhos indesejados longe do que poderia ter passado como um estranho vagão de carga de mercador, quase cinquenta pessoas montadas e quase o mesmo número a pé, especialmente quando havia Guardiões para encontrar caminhos não frequentados pela vegetação rasteira. Elayne não viu nenhum sinal de habitação humana além de algumas cabras pastando em algumas das colinas.

Até as plantas e árvores usadas para aquecer começavam a murchar e morrer, mas em qualquer outro momento ela poderia ter gostado apenas de ver o campo. Podia estar a mil léguas da terra que vira descendo a outra margem do Eldar. As colinas eram formas estranhas e nodosas, como se espremidas por mãos enormes e descuidadas. Rebanhos de pássaros de cores brilhantes voaram ao

passar, e uma dúzia de tipos de beija-flores esvoaçaram para longe dos cavalos, pairando como joias com asas borradas. Trepadeiras grossas pendiam como cordas em alguns lugares, e havia árvores com feixes de folhas estreitas no topo da folhagem, e coisas que pareciam espanadores verdes da altura de um homem. Um punhado de plantas, enganado pelo calor, lutava para desabrochar, vermelhos brilhantes e amarelos vívidos, algumas com o dobro do tamanho de suas duas mãos. O perfume delas era exuberante e — “sensual” veio à mente. Ela viu alguns pedregulhos que teria apostado que uma vez foram dedos de uma estátua, mas por que alguém faria uma estátua tão grande com os pés descalços ela não conseguia imaginar, e outra vez o caminho passava por uma floresta de grossas pedras caneladas entre as árvores, os tocos de colunas desgastados pelo tempo, muitos tombados e todos há muito explorados quase até o chão por sua pedra por fazendeiros locais. Um passeio agradável, apesar da poeira que os cascos dos cavalos levantavam do solo ressecado. O calor não a atingiu, é claro, e não havia muitas moscas. Todos os perigos ficaram para trás; elas tinham superado os Abandonados, e nenhuma chance de qualquer um deles ou seus servos poderia alcançá-las agora. Poderia ter sido um passeio agradável, exceto...

Por um lado, Aviendha soube que a mensagem que ela havia enviado sobre os inimigos chegando quando menos se esperava não havia sido entregue. A princípio, Elayne sentiu alívio com qualquer coisa que pudesse mudar o assunto de Rand. Não foi o ciúme que voltou; em vez disso, ela se via cada vez mais desejando o que Aviendha compartilhara com ele. Não era ciúme. Era inveja. Quase teria preferido o ciúme. Então começou realmente a ouvir o que sua amiga estava dizendo em um tom baixo e monótono, e os cabelos de sua nuca tentaram se arrepiar.

“Você não pode fazer isso”, ela protestou, puxando as rédeas do cavalo para mais perto do de Aviendha. Na verdade, supôs que Aviendha não teria muita dificuldade em dar uma surra em Kurin,

ou amarrá-la, ou qualquer outra coisa. Se as outras mulheres do Povo do Mar ficassem paradas para isso, de qualquer maneira. “Não podemos começar uma guerra com elas, certamente não antes de usarmos a Tigela. E não sobre isso,” ela acrescentou apressadamente. “De jeito nenhum.” Elas certamente não iriam começar uma guerra antes ou depois de a Tigela ser usada. Não apenas porque as Chamadoras de Vento estavam se comportando de forma mais arrogante a cada hora. Não só porque... Respirando fundo, ela se apressou. “Se ela tivesse me contado, eu não saberia o que você quis dizer. Entendo por que você não conseguiu falar mais claramente, mas você também entende, não é?”

Aviendha olhou para o nada, distraidamente afastando moscas do rosto. “Sem falhas, eu disse a ela”, ela resmungou. “Sem falhas! E se ele tivesse sido um dos Almas Sombrias? E se ele tivesse conseguido passar por mim pelo portão com você sem ser avisada? E se...?” Ela virou um olhar subitamente desamparado para Elayne. “Vou morder minha língua”, disse ela com tristeza, “mas meu fígado pode estourar por isso.”

Elayne estava prestes a dizer que engolir sua raiva era a coisa certa a fazer e que ela poderia ter um ataque tão grande quanto quisesse, desde que não lançasse nas Atha'an Miere — isso era tudo sobre línguas e fígados. Queria dizer, mas antes que ela pudesse abrir a boca, Adeleas trouxe seu capão cinza esguio para o outro lado. A irmã de cabelos brancos tinha adquirido uma nova sela em Ebou Dar, uma coisa vistosa trabalhada com prata no pomo e no cantalho. As moscas pareciam evitá-la, por algum motivo, embora ela usasse um perfume tão forte quanto qualquer uma das flores.

“Perdão. Não pude deixar de ouvir essa última parte.” Adeleas não parecia nem um pouco arrependida, e Elayne se perguntou o quanto ela tinha ouvido. Sentiu suas bochechas corarem. Parte do que Aviendha disse sobre Rand tinha sido notavelmente franco e direto. Parte do que ela havia dito também tinha sido. Uma coisa era falar assim com sua amiga mais próxima, outra bem diferente era

suspeitar que alguém estivesse ouvindo. Aviendha parecia sentir o mesmo; ela não corou, mas o olhar azedo que lançou para a Tigela teria deixado Nynaeve orgulhosa.

Adeleas apenas sorriu, um sorriso vago tão brando quanto uma sopa de água. “Pode ser melhor se você desse a sua amiga rédea solta com as Atha’an Miere.” Ela olhou além de Elayne para Aviendha, piscando. “Bem, uma rédea solta. Colocar o medo da Luz nelas deve ser suficiente. Elas já estão quase lá, caso você não tenha notado. Elas são muito mais cautelosas com a bravia Aiel — me perdoe, Aviendha — do que com Aes Sedai. Merilille teria sugerido, mas suas orelhas ainda estão queimando.”

O rosto de Aviendha raramente revelava muito, mas naquele momento ela parecia tão intrigada quanto Elayne se sentia. Elayne girou na sela para franzir a testa para trás dela. Merilille cavalgava lado a lado com Vandene, Careane e Sareitha não muito atrás, todas olhando muito atentamente para qualquer coisa, menos para Elayne. Além das irmãs, estava o Povo do Mar, ainda em fila indiana, e então viria o Círculo de Tricô, mantendo-se fora de vista por um momento, logo à frente dos cavalos de carga. Eles estavam abrindo caminho pelas clareiras de colunas truncadas. Cinquenta ou cem pássaros vermelhos e verdes de cauda longa voavam sobre suas cabeças, enchendo o ar com gritos estridentes.

“Por que?” Elayne perguntou secamente. Parecia tolice aumentar a turbulência que já borbulhava logo abaixo da superfície – e às vezes na superfície – mas ela não tinha visto nenhum indício do tolice em Adeleas. As sobrancelhas da irmã Marrom se ergueram em a surpresa. Talvez ela estivesse surpresa; Adeleas geralmente achava que qualquer um deveria ver o que ela via. Talvez.

“Por que? Para restaurar um pouco de equilíbrio, é por isso. Se as Atha’an Miere sentirem que precisam de nós para protegê-las de uma Aiel, pode ser um equilíbrio útil contra...” Adeleas parou um

pouco, de repente absorva em ajustar suas saias cinza-claras. "...outras coisas."

O rosto de Elayne se contraiu. Outras coisas. A barganha com o Povo do Mar era o que Adeleas queria dizer. "Você pode cavalgar com as outras," ela disse friamente.

Adeleas não fez nenhum protesto, nenhuma tentativa de pressionar seu argumento. Ela apenas inclinou a cabeça e deixou seu cavalo ir para trás. Seu pequeno sorriso nunca se alterou em nada. As Aes Sedai mais velhas aceitaram que Nynaeve e Elayne estavam acima delas e falaram com a autoridade de Egwene às suas costas, mas a verdade era que isso mudava pouco além da superfície. Talvez nada. Elas eram respeitadas por fora, elas obedeciam, e ainda assim...

Depois de tudo dito e feito, Elayne, pelo menos, era Aes Sedai em uma idade em que a maioria das iniciadas da Torre ainda usava o branco de Noviça e muito poucas haviam alçado a Aceitas. E ela e Nynaeve concordaram com essa barganha, dificilmente uma demonstração de sabedoria e perspicácia. Não apenas o Povo do Mar receberia a Tigela, mas vinte irmãs iriam com as Atha'an Miere, sujeitas às suas leis, obrigadas a ensinar qualquer coisa que as Chamadoras de Vento quisessem aprender e incapazes de sair até que outras fossem substituí-las. Chamadoras de Vento seriam autorizadas a entrar na Torre como convidadas, autorizadas a aprender o que quisessem, sair quando quisessem. Só isso faria o Salão gritar, e provavelmente Egwene também, mas o resto... Cada uma das irmãs mais velhas pensou que teria encontrado uma maneira de fazer aquela barganha. Talvez elas realmente pudessem. Elayne não acreditava, mas não tinha certeza.

Não disse nada a Aviendha, mas depois de alguns momentos, a outra mulher falou. "Se eu puder servir a honra e ajudá-la ao mesmo tempo, não me importo se isso servir para algum fim de Aes Sedai."

Ela nunca pareceu aceitar que Elayne também fosse Aes Sedai, não completamente.

Elayne hesitou, depois assentiu. Algo tinha que ser feito para controlar o Povo do Mar. Merilille e as outras haviam demonstrado uma notável paciência até agora, mas quanto tempo isso duraria? Nynaeve poderia explodir, uma vez que realmente voltasse suas atenções para as Chamadoras de Vento. As coisas tinham de ser mantidas mais tranquilas possível, pelo maior tempo possível, mas se as Atha'an Miere continuassem acreditando que poderiam encarar qualquer Aes Sedai, haveria problemas. A vida era mais complexa do que ela imaginara em Caemlyn, não importava quantas lições tivesse recebido como Filha-Herdeira. Muito mais complicada desde que entrou na Torre.

"Só não seja muito... enfática", disse ela baixinho. "E por favor, tenha um cuidado. Há vinte delas, afinal, e apenas uma de você. Não gostaria que nada acontecesse antes que eu pudesse ajudá-la." Aviendha deu-lhe um sorriso um tanto lupino e puxou sua égua parda para a beira das pedras para esperar pelas Atha'an Miere.

De vez em quando, Elayne olhava para trás, mas tudo o que via através das árvores era Aviendha cavalgando ao lado de Kurin, falando com bastante calma e nem mesmo olhando para a mulher do Povo do Mar. Certamente não a encarando, embora Kurin parecesse olhá-la com considerável espanto. Quando Aviendha puxou seu cavalo de volta para se juntar a Elayne, agitando as rédeas — ela nunca seria uma amazona — Kurin avançou para falar com Renaile, e pouco tempo depois Renaile mandou Rainyn com raiva para a frente da coluna.

A mais nova das Chamadoras de Vento montava seu cavalo ainda mais desajeitadamente do que Aviendha, a quem ela fingia ignorar do outro lado de Elayne, assim como ignorava as pequenas moscas verdes zumbindo ao redor de seu rosto escuro. "Renaile din Calon Blue Star", ela disse rigidamente, "exige que você repreenda a

mulher Aiel, Elayne Aes Sedai.” Aviendha sorriu abertamente para ela, e Rainyn devia estar observando, pelo menos um pouco, porque suas bochechas ficaram vermelhas sob o brilho do suor.

“Diga a Renaile que Aviendha não é Aes Sedai”, respondeu Elayne. “Vou pedir a ela que tenha cuidado”, não era mentira; ela tinha pedido, e pediria novamente, “mas não posso obrigá-la a fazer nada”. Num impulso, acrescentou: “Você sabe como os Aiel são”. O Povo do Mar tinha algumas ideias muito estranhas de como os Aiel eram. Rainyn olhou com os olhos arregalados para uma Aviendha ainda sorridente, seu rosto ficando cinza, então virou seu cavalo e galopou de volta para Renaile, saltando em sua sela.

Aviendha deu uma risadinha satisfeita, mas Elayne se perguntou se toda aquela ideia não teria sido um engano. Mesmo com uns bons trinta passos entre elas, podia ver o rosto de Renaile inchar com o relatório de Rainyn, e as outras começaram a zumbir como abelhas. Elas não pareciam assustadas, pareciam zangadas, e os olhares que dirigiam às Aes Sedai à frente tornaram-se sinistros. Não em Aviendha, nas irmãs. Adeleas assentiu pensativa ao ver isso, e Merilille por pouco não conseguiu esconder um sorriso. Pelo menos elas ficaram satisfeitas.

Se esse tivesse sido o único incidente durante o passeio, teria diminuído qualquer prazer com flores e pássaros, mas não foi nem o primeiro. Começando pouco depois de deixar a clareira, o Círculo de Tricô avançou para Elayne uma por uma, todas menos Kirstian, e sem dúvida ela teria vindo também se não tivesse recebido ordens para manter Ispan protegida. Uma por uma elas vieram, cada uma hesitante, sorrindo timidamente, até que Elayne quis dizer a elas para agirem de acordo com suas idades. Elas certamente não fizeram exigências e foram espertas demais para pedir diretamente o que já havia sido negado, mas encontraram outros caminhos.

“Ocorreu-me,” Reanne disse alegremente, “que você deve querer questionar Ispan Sedai com bastante urgência. Quem pode dizer o

que mais ela estava fazendo na cidade além de tentar encontrar o depósito?” Ela fingia estar apenas conversando, mas de vez em quando lançava olhares rápidos para Elayne para ver como ela estava se saindo. “Tenho certeza de que levaremos mais de uma hora para chegar à fazenda, pelo caminho que estamos indo, talvez duas, e você certamente não quer perder duas horas. As ervas que Nynaeve Sedai deu a ela a deixam bastante falante, e tenho certeza de que ela se soltaria para as irmãs.”

O sorriso brilhante desapareceu quando Elayne disse que questionar Ispan poderia esperar e esperaria. Luz, elas realmente esperavam que alguém fizesse perguntas andando pelas florestas por caminhos que mal mereciam nome? Reanne voltou para as outras Kin murmurando para si mesma.

“Perdão, Elayne Sedai,” Chilaes murmurou pouco depois, os traços de Murandy agarrados ao seu sotaque. Seu chapéu de palha verde combinava exatamente com algumas de suas anáguas em camadas. “Seu perdão, se eu me intrometer.” Ela não usava o cinto vermelho de uma Sábia; a maioria do Círculo de Tricô não usava. Ivara era ourives e Eldase fornecia artigos de laca aos comerciantes para exportação; Chilaes era vendedora de tapetes, enquanto a própria Reanne providenciava o transporte para pequenos comerciantes. Algumas trabalhavam em tarefas simples — Kirstian administrava uma pequena tecelagem e Dimana era costureira, embora próspera — mas, ao longo de suas vidas, todas elas seguiram muitos ofícios. E usaram muitos nomes. “Ispan Sedai parece não estar bem”, disse Chilaes, movendo-se inquieta na sela. “Talvez as ervas a estejam afetando mais do que Nynaeve Sedai pensava. Seria terrível se algo acontecesse a ela. Antes que ela possa ser questionada, quero dizer. Talvez as irmãs devessem olhar por ela? Curar, você sabe...” Ela parou, piscando aqueles grandes olhos castanhos nervosamente. Também poderia, com Sumeko entre suas companheiras.

Um olhar para trás mostrou a mulher robusta de pé nos estribos espiando além das Chamadoras de Vento, até que viu Elayne olhando e sentou-se apressadamente. Sumeko, que sabia mais sobre Cura do que qualquer irmã, exceto Nynaeve. Talvez *mais* do que Nynaeve. Elayne simplesmente apontou para a retaguarda até Chilaes corar e frear sua montaria.

Merilille se juntou a Elayne apenas momentos depois que Reanne partiu, e a irmã Cinza fingiu ser muito melhor em uma conversa simples do que a Kin. Em sua maneira de falar, pelo menos, ela era equilibrada. O que ela tinha a dizer era outra questão. “Eu me pergunto o quanto essas mulheres são confiáveis, Elayne.” Seus lábios franziram em desgosto enquanto ela limpava a poeira de suas saias azuis divididas com a mão enluvada. “Elas dizem que não aceitam bravias, mas a própria Reanne pode muito bem ser uma bravia, não importa o que ela afirme sobre ter falhado no teste para Aceita. Sumeko também, e certamente Kirstian.” Fez uma leve carranca para Kirstian, e um aceno de desprezo com a cabeça. “Você deve ter notado como ela salta em qualquer menção à Torre. Ela não sabe mais do que poderia ter captado em uma conversa com alguém que realmente tenha falhado.” Merilille suspirou, lamentando o que tinha a dizer; ela realmente era muito boa. “Você já considerou que elas podem estar mentindo sobre outras coisas? Podem ser Amigas das Trevas, pelo que sabemos, ou capachos de Amigos das Trevas. Talvez não, mas elas dificilmente são confiáveis também. Eu acredito que há uma fazenda, quer elas realmente a usem para um retiro ou não, ou eu não teria concordado com isso, mas não ficarei surpresa ao encontrar alguns prédios em ruínas e uma dúzia ou mais bravias. Bem, não em ruínas — elas parecem ter moedas — mas o princípio é o mesmo. Não, elas simplesmente não são confiáveis.”

Elayne começou a queimar lentamente assim que percebeu a direção que Merilille estava tomando, e ficou mais quente. À medida que foi escorregando, tudo isso de “pode” e “poderia” para que a mulher pudesse insinuar coisas que ela mesma não acreditava.

Amigas das trevas? O Círculo de Tricô lutou contra Amigos das Trevas. Duas haviam morrido. E sem Sumeko e Ieine, Nynaeve poderia estar morta em vez de Ispan ser uma prisioneira. Não, a razão pela qual elas não eram confiáveis não era porque Merilille temia que elas fossem juradas à Sombra, ou ela teria dito isso. Elas não eram confiáveis porque, se não fossem confiáveis, não poderiam manter Ispan.

Ela golpeou uma grande mosca verde que havia pousado no pescoço de Lioness, pontuando a última palavra de Merilille com um estalo alto, e a irmã Cinza estremeceu de surpresa. "Como você ousa?" Elayne respirou fundo. "Elas enfrentaram Ispan e Falion no Rahad, e o *gholam*, para não mencionar duas dúzias ou mais de durões com espadas. *Você* não estava lá." Isso não era justo. Merilille e o resto foram deixadas para trás porque Aes Sedai no Rahad que eram obviamente Aes Sedai poderiam ser trombetas e tambores pela atenção que atraíam. Ela não se importava. Sua raiva crescia a cada momento, e sua voz se elevava com cada palavra. "Você *nunca* vai sugerir uma coisa dessas para mim novamente. *Nunca!* Não sem provas concretas! Não sem *provas!* Se fizer isso, eu lhe darei uma penitência que fará seus olhos saltarem!" Não importa o quão alto ela estivesse acima da outra mulher, ela não tinha autoridade para lhe impor qualquer penitência, mas também não se importava com isso. "Vou fazer você *andar* o resto do caminho até Tar Valon! Comendo nada além de pão e água durante todo o caminho! Vou colocá-la sob a responsabilidade delas e dizer-lhes para lhe dar um tapa se você desrespeitar a um *ganso!*"

Ocorreu-lhe que estava gritando. Algum tipo de pássaro cinza e branco passou voando por cima com batidas largas de asa, e ela estava abafando seus gritos. Respirando fundo, tentou se acalmar. Ela não tinha voz para gritar; sempre saía como um grito agudo. Todo mundo estava olhando para ela, a maioria com espanto. Aviendha assentiu com aprovação. Claro, ela teria feito o mesmo se Elayne tivesse enfiado uma faca no coração de Merilille. Aviendha

ficava ao lado de seus amigos, não importava o que fizessem. A palidez cairhiena de Merilille havia se tornado branca como a morte.

“Estou falando sério,” Elayne disse a ela, em um tom muito mais frio. Pareceu fazer ainda mais o sangue sair do rosto de Merilille. Ela falava sério em cada palavra; não podiam permitir esse tipo de boato fluando entre elas. De um jeito ou de outro, conseguiria, embora o Círculo de Tricô muito provavelmente desmaiasse.

Esperava que fosse o fim de tudo. Deveria ser. Mas quando Chilaes foi embora, Sareitha a substituiu, e ela também tinha um motivo para não confiar nas mulheres Kin. Suas idades. Até Kirstian afirmava ser mais velha do que qualquer Aes Sedai viva, enquanto Reanne tinha mais de cem anos a mais que isso e nem mesmo era a mais velha das Kin. Seu título de mais velha valia por ser a mais velha em Ebou Dar, e a agenda rígida que elas seguiam para evitar serem notadas fez com que várias mulheres ainda mais velhas estivessem em outros lugares. Era obviamente impossível, Sareitha sustentou.

Elayne não gritou; ela com muito cuidado não gritou. “Nós vamos descobrir a verdade eventualmente,” disse a Sareitha. Não duvidava da palavra das Mulheres Kin, mas tinha que haver uma razão pela qual as Mulheres Kin não pareciam sem idade nem nada perto das idades que diziam. Se apenas pudesse descobrir o motivo disso. Algo lhe dizia que era óbvio, mas nada veio à sua mente que dissesse o quê. “Eventualmente”, acrescentou com firmeza quando a Marrom abriu a boca novamente. “Isso é o suficiente, Sareitha.” Sareitha assentiu incerta e foi para trás. Nem dez minutos depois, Sibella a substituiu.

Toda vez que uma das mulheres Kin vinha fazer seu pedido indireto para ser dispensada de Ispan, uma das irmãs vinha logo depois para oferecer o mesmo pedido. Todas menos Merilille, que ainda piscava sempre que Elayne olhava para ela. Talvez gritar

tivesse seus usos. Certamente ninguém mais tentou ser tão direto ao atacar as Kin.

Por exemplo, Vandene começou discutindo o Povo do Mar e como combater os efeitos da barganha feita com elas, por que era necessário combatê-los o máximo possível. Ela era bastante prática, sem nunca dizer uma palavra ou fazer gesto que indicasse qualquer culpa. Não que ela precisasse; o assunto fazia isso, por mais delicado que fosse. A Torre Branca, disse ela, manteve sua influência no mundo não pela força das armas, ou persuasão, ou mesmo por conspiração ou manipulação, embora essas duas ela passasse levemente. Em vez disso, a Torre Branca controlava ou influenciava os eventos na medida em que o faziam, porque todos viam a Torre como estando à parte e acima, mais até do que reis ou rainhas. Isso, por sua vez, dependia de cada Aes Sedai ser vista dessa forma, como misteriosa e distante, diferente de todas as outras. Uma carne diferente. Historicamente, as Aes Sedai que não conseguiam fazer isso — e havia algumas — eram mantidas fora da vista do público o máximo possível.

Demorou um pouco para Elayne perceber que o foco da conversa havia se desviado do Povo do Mar e para onde estava indo. Uma carne diferente, misteriosa e distante, não poderia ter um saco enfiado na cabeça e ser amarrada em uma sela. Não onde qualquer pessoa que não fosse Aes Sedai pudesse ver, de qualquer maneira. Na verdade, as irmãs seriam mais duras com Ispan do que o Círculo de Tricô poderia ser, mas não em público. A discussão poderia ter ganhado mais peso se tivesse surgido primeiro, mas, do jeito que aconteceu, Elayne mandou Vandene embora tão rápido quanto qualquer outra pessoa. E a viu substituída por Adeleas, logo depois que Sibella foi informada de que, se ninguém do Círculo de Tricô conseguia entender o que Ispan estava murmurando, então nenhuma das irmãs provavelmente também entenderia. Resmungando! Luz! As Aes Sedai se revezavam repetidamente e, mesmo sabendo o que estavam fazendo, às vezes era difícil ver a

conexão no início. Quando Careane começou a contar a ela que aqueles pedregulhos realmente tinham sido dedos dos pés, supostamente em uma estátua de alguma rainha guerreira com quase sessenta metros de altura...

"Ispan fica onde está", disse ela friamente a Careane, sem esperar mais. "Agora, a menos que você realmente queira me dizer por que os Shiotans pensaram em colocar uma estátua como essa..." A Verde disse que os registros antigos afirmavam que ela usava pouco mais do que armadura, e não muito disso! Rainha! "Não? Então, se você não se importa, gostaria de conversar a sós com Aviendha. Muito obrigada." Mesmo ser grossa não as impediu, é claro. Ficou surpresa por elas não terem enviado a *empregada* de Merilille para fazer uma tentativa.

Nada disso teria acontecido se Nynaeve estivesse onde deveria estar. Pelo menos, Elayne tinha certeza de que Nynaeve poderia ter reprimido o Círculo de Tricô e as irmãs, em pouco tempo. Ela era ótima para reprimir. O problema era que Nynaeve havia se colado firmemente ao lado de Lan antes de saírem da primeira clareira. Os Guardiões faziam reconhecimento à frente e em ambos os lados do caminho, e às vezes na retaguarda, cavalgando de volta para a coluna apenas por tempo o suficiente para relatar o que tinham visto ou dar instruções sobre como evitar uma fazenda ou um pastor. Birgitte ia longe, nunca passando mais do que uns momentos com Elayne. Lan ia mais longe. E onde Lan ia, Nynaeve ia.

"Ninguém está causando problemas, está?" ela exigiu com um olhar sombrio para o Povo do Mar na primeira vez que seguiu Lan de volta. "Bem, tudo bem, então", disse antes que Elayne tivesse a chance de abrir a boca. Girando sua égua de barriga redonda como um corredor, ela sacudiu as rédeas e galopou atrás de Lan segurando seu chapéu com uma mão, alcançando-o assim que ele desapareceu ao redor do flanco da colina à frente. Claro, então realmente não havia do que reclamar. Reanne tinha feito sua visita, e Merilille a dela, e tudo parecia resolvido.

Na próxima vez que Nynaeve apareceu, Elayne havia sofrido várias tentativas disfarçadas de entregar Ispan às irmãs, Aviendha havia falado com Kurin, e as Chamadoras de Vento estavam fervendo lentamente, mas quando Elayne explicou, Nynaeve simplesmente olhou ao redor, franzindo a testa. Claro, naquele momento todas tinham que estar onde deveriam. As Atha'an Miere davam olhadas, é verdade, mas o Círculo de Tricô estava todo atrás delas, e quanto às outras irmãs, nenhum grupo de noviças poderia parecer mais bem-comportado e inocente. Elayne quis gritar!

“Tenho certeza de que você pode lidar com tudo, Elayne”, disse Nynaeve. “Você *teve* todo esse treinamento para ser uma rainha. Isso não pode estar nem perto disso... Maldito homem! Ele vai de novo! Você pode lidar com isso.” E lá foi ela, galopando aquela pobre égua como se fosse um cavalo de guerra.

Foi quando Aviendha decidiu discutir sobre como Rand parecia gostar de beijar os lados de seu pescoço. E, aliás, o quanto ela tinha gostado. Elayne também gostava quando ele fazia isso com ela, mas, por mais acostumada a discutir esse tipo de coisa que ela se tornasse — desconfortavelmente acostumada — não queria falar sobre isso naquele momento. Estava zangada com Rand. Era injusto, mas se não fosse por ele, ela poderia ter dito a Nynaeve para parar de tratar Lan como uma criança que poderia tropeçar nos próprios pés e cumprir seus próprios deveres. Quase quis culpá-lo pelo modo como o Círculo de Tricô estava se comportando também, e as outras irmãs, e as Chamadoras de Vento. *É uma das coisas para que os homens servem, assumir a culpa*, ela se lembrou de Lini dizendo uma vez, e rindo enquanto fazia isso. *Eles geralmente merecem, mesmo que você não saiba exatamente como*. Não era justo, mas ela desejou que ele estivesse lá tempo suficiente para ela dar um tapa nas orelhas dele, apenas uma vez. Tempo suficiente para beijá-lo, para que ele beijassem os lados de seu pescoço suavemente. Tempo suficiente para...

“Ele vai ouvir conselhos, mesmo quando não gosta de ouvi-los,” ela disse abruptamente, seu rosto ficando vermelho. Luz, apesar de toda a sua conversa sobre vergonha, em algumas áreas Aviendha não tinha nenhuma. E parecia que ela mesma também não tinha mais! “Mas se eu tentasse pressioná-lo, ele enterrava seus calcanhares, mesmo quando estava claro que eu estava certa. Ele era assim com você?”

Aviendha olhou para ela e pareceu entender. Elayne não tinha certeza se gostava disso ou não. Pelo menos não havia mais conversa sobre Rand e beijos. Por um tempo, de qualquer maneira. Aviendha tinha algum conhecimento sobre os homens — ela havia viajado com eles como uma Donzela da Lança, lutado ao lado deles — mas ela nunca quis ser nada além de *Far Dareis Mai*, e havia... lacunas. Mesmo com suas bonecas quando criança, ela sempre brincava de lanças e saques. Ela nunca flertou, não entendia e não compreendia por que se sentia daquele jeito quando os olhos de Rand caíram sobre ela, ou uma centena de outras coisas que Elayne começou a aprender na primeira vez que notou um garoto olhando para ela de forma diferente do que ele olhava as outras crianças. Ela esperava que Elayne lhe ensinasse tudo, e Elayne tentou. Ela realmente podia conversar com Aviendha sobre qualquer coisa. Se ao menos Rand não fosse o exemplo usado com tanta frequência. Se ele estivesse lá, teria esbofeteado seus ouvidos. E o beijaria. Em seguida, *teria* puxado suas orelhas novamente.

Não era um passeio agradável. Mas um passeio miserável.

Nynaeve fez várias outras breves visitas, antes de finalmente vir anunciar que a fazenda das Kin estava logo à frente, fora de vista em torno de uma colina baixa arredondada que parecia pronta para cair de lado. Reanne tinha sido pessimista em sua estimativa, mas ela não, o sol não tinha caído quase duas horas.

"Nós estaremos lá muito rapidamente, agora", disse Nynaeve a Elayne, parecendo não notar o olhar mal-humorado que Elayne deu

em troca. “Lan, traga Reanne aqui, por favor. Melhor se elas virem um rosto familiar primeiro.” Ele virou o cavalo para longe e Nynaeve virou-se brevemente na sela para fixar as irmãs com um olhar firme. “Eu não quero que vocês as assustem agora. Segurem suas línguas até que tenhamos a chance de explicar o que é o quê. E escondam seus rostos. Puxem para cima os capuzes de suas capas.” Endireitando-se sem esperar por qualquer resposta, ela deu um aceno satisfeito. “Bem. Tudo resolvido, e está tudo bem. Juro, Elayne, não sei do que você estava reclamando tanto. Todo mundo está fazendo exatamente o que deveria, até onde posso ver.”

Elayne rangeu os dentes. Desejou que já estivessem em Caemlyn. Era para lá que elas estavam indo, uma vez que isso fosse feito. Tinha deveres muito atrasados em Caemlyn. Tudo o que tinha que lidar era convencer as Casas mais fortes de que o Trono do Leão era dela, apesar de sua longa ausência. Isso e lidar com um ou dois pretendentes rivais. Podia não ter havido nenhum se ela estivesse lá quando sua mãe desapareceu, quando ela morreu, mas a história de Andor dizia que haveria agora. De alguma forma, parecia muito mais fácil do que isso.



CAPÍTULO

4



Um lugar tranquilo

A fazenda das Kin ficava em um amplo vale cercado por três colinas baixas, uma área extensa de mais de uma dúzia de grandes edifícios revestidos de branco com telhados planos, brilhando ao sol. Quatro grandes celeiros foram construídos bem na encosta da colina mais alta, uma coisa de topo plano com um lado que caía em penhascos íngremes além dos celeiros. Algumas árvores altas que não haviam perdido todas as folhas forneciam um pouco de sombra no curral. Ao norte e ao leste, olivais marchavam para longe e até mesmo pelas encostas das colinas. Uma espécie de agitação lenta envolveu a fazenda, com facilidade, havia mais de cem pessoas em evidência, apesar do calor da tarde, realizando todas as tarefas diárias, mas nenhuma rapidamente.

Quase poderia passar por uma pequena aldeia em vez de uma fazenda, exceto que não havia um homem ou uma criança à vista. Elayne não esperava nenhum. Este era um ponto de passagem para as mulheres Kin passando por *Ebou Dar* para outros lugares, então não haveria muitas na própria cidade ao mesmo tempo, mas isso era um assunto secreto, tão secreto quanto as próprias Kin. Publicamente, esta quinta era conhecida por duzentas milhas ou

mais como um retiro para mulheres, um lugar de contemplação e fuga das preocupações do mundo por um tempo, alguns dias, uma semana, às vezes mais. Elayne quase podia sentir a serenidade no ar. Poderia ter se arrependido de trazer o mundo para este lugar tranquilo, exceto que ela também trazia uma nova esperança.

A primeira aparição dos cavalos vindo ao redor da colina inclinada produziu muito menos agitação do que ela esperava. Várias mulheres pararam para assistir, mas não mais do que isso. Suas roupas variavam muito — Elayne até via um brilho de seda aqui e ali — mas algumas carregavam cestos e outras baldes, ou grandes trouxas brancas do que tinha que ser lavado. Uma segurava um par de patos amarrados pelos pés em cada mão. Nobres e artesãs, agricultoras e mendigas, todas eram igualmente bem-vindas ali, mas todas faziam uma parte do trabalho durante sua estadia. Aviendha tocou o braço de Elayne, depois apontou para o topo de uma das colinas, que parecia um funil invertido inclinado para um lado. Elayne colocou a mão na sombra de seu chapéu e depois de um momento viu um movimento. Não era de admirar que ninguém tenha ficado surpreso. Vigias lá em cima podiam ver qualquer um vindo de longe.

Uma mulher mediana saiu para encontrá-las perto dos prédios da fazenda. Seu vestido era no estilo de Ebou Dar, com um decote profundo e estreito, mas suas saias escuras e anáguas de cores vivas eram curtas o suficiente para que ela não precisasse segurá-las longe do chão. Não usava uma faca de casamento; as regras das Kins proibiam o casamento. As Kin tinham muitos segredos para guardar.

“Essa é Alise,” Reanne murmurou, controlando Nynaeve e Elayne. “Ela administra a fazenda neste turno. É muito inteligente.” Quase como uma reflexão tardia, ela acrescentou, ainda mais calmamente: “Alise não aceita tolas de bom grado.” Quando Alise se aproximou, Reanne se levantou em sua sela, endireitando os ombros como se fosse uma provação.

Mediana era exatamente como Elayne pensava em Alise, não alguém para fazer Reanne hesitar, certamente, mesmo que ela não fosse a mais velha do Círculo de Tricô. De costas retas, Alise parecia estar em algum lugar na meia-idade, nem esbelta nem robusta, nem alta nem baixa, uma pequena mecha cinza salpicada nos cabelos castanhos escuros amarrados para trás com um pedaço de fita, mas de uma maneira muito prática. Seu rosto era normal, embora bastante agradável, um rosto suave, talvez um pouco longo no maxilar. Quando ela viu Reanne, deu um olhar fugaz de surpresa, então sorriu. Aquele sorriso transformou tudo. Não a tornava bonita ou mesmo bela, mas Elayne se sentia aquecida por ele, confortada.

“Eu não esperava ver você... Reanne,” Alise disse, mal hesitando sobre o nome. Obviamente ela não tinha certeza se deveria usar o título legítimo de Reanne na frente de Nynaeve, Elayne e Aviendha. Ela as estudou com olhares rápidos enquanto falava. Parecia haver um pouco de sotaque de Tarabon em sua voz. “Berowin trouxe notícias de problemas na cidade, é claro, mas não achei que fosse tão ruim que você tivesse que sair. Quem são todas essas...” Suas palavras foram sumindo, e seus olhos se arregalaram, olhando além delas.

Elayne olhou para trás, quase soltando algumas das frases que havia aprendido em vários lugares, mais recentemente com Mat Cauthon. Não entendia todas elas, não entendia a maioria delas, na verdade — ninguém nunca quis explicar o que elas queriam dizer exatamente — mas elas tinham uma maneira de aliviar a emoção. Os Guardiões haviam tirado suas capas que mudavam de cor, e as irmãs haviam puxado os capuzes de suas capas de poeira conforme as instruções, até mesmo Sareitha, que não precisava esconder seu rosto jovem, mas Careane não havia puxado o dela o suficiente. Simplesmente emoldurou suas feições sem idade. Nem todos saberiam o que estavam vendo, mas qualquer um que estivesse na Torre certamente saberia. Careane empurrou o capuz para a frente ao olhar de Elayne, mas o estrago estava feito.

Outras na fazenda, ao lado de Alise, possuíam olhos aguçados. "Aes Sedai!" uma mulher uivou em tons adequados para anunciar o fim do mundo. Talvez fosse, para o seu mundo. Gritos se espalharam como poeira ao vento e, rapidamente, a fazenda se tornou um formigueiro. Aqui e ali uma mulher simplesmente desmaiava, mas a maioria corria loucamente, gritando, deixando cair o que carregava, esbarrando umas nas outras, caindo e levantando para correr. Patos e galinhas batendo asas e cabras pretas de chifres curtos corriam descontroladamente para evitar serem pisoteados. No meio de tudo isso, algumas mulheres ficaram boquiabertas, claramente aquelas que vieram para o retiro sem nenhum conhecimento das Kin, embora algumas delas também começaram a se mover apressadamente, apanhadas no frenesi.

"Vá!" Nynaeve bradou, puxando sua trança. "Algmas deles estão correndo para os olivais! Pare-as! A última coisa que queremos é pânico! Envie os Guardiões! Rápido, rápido!" Lan levantou uma sobrancelha questionadora, mas ela acenou com a mão peremptória para ele. "Rápido! Antes que *todas* fujam!" Com um aceno de cabeça que pareceu começar como um questionamento, ele incitou Mandarb a galopar atrás dos outros homens, curvando-se para evitar o pandemônio que se espalhava entre os prédios.

Elayne deu de ombros para Birgitte, depois fez sinal para que a seguisse. Ela concordava com Lan. Parecia um pouco tarde para tentar parar o pânico, e Guardiões a cavalo tentando reunir mulheres assustadas provavelmente não era o melhor caminho. Mas ela não conseguia ver como mudar as coisas agora, e não fazia sentido deixá-las fugir para o campo. Todas iriam querer ouvir as notícias que ela e Nynaeve trouxeram.

Alise não deu sinal de correr, nem mesmo de se mexer. Seu rosto empalideceu um pouco, mas ela olhou para Reanne com um olhar firme. Um olhar firme. "Por que?" ela respirou. "Por que, Reane? Eu

não poderia imaginar você fazendo isso! Elas lhe deram suborno? Oferece imunidade? Vão deixar você andar livre enquanto nós pagamos o preço? Provavelmente não vão permitir, mas eu juro que vou pedir a elas que me deixem punir você. Sim você! As regras se aplicam até a você, *Anciã*! Se eu encontrar uma maneira de lidar com isso, juro que você não vai se afastar desse sorriso!" Um olhar muito firme. De aço, na verdade.

"Não é o que você pensa", disse Reanne apressadamente, desmontando e soltando as rédeas. Ela pegou as duas mãos de Alise nas suas, apesar dos esforços da outra mulher para libertá-las. "Ah, eu não queria que fosse assim. Elas sabem, Alise. Sobre as Kin. A Torre sempre soube. Tudo. Quase tudo. Mas não é isso que importa." As sobranceiras de Alise tentaram subir até entrar em seu couro cabeludo com isso, mas Reanne se apressou, sorrindo ansiosamente por baixo de seu grande chapéu de palha. "Nós podemos voltar, Alise. Podemos tentar novamente. Elas disseram que podemos." Os prédios da fazenda também pareciam estar se esvaziando, as mulheres correndo para saber o que era a comoção, depois entrando no voo sem parar por mais tempo do que saias de caminhada exigiam. Gritos nos olivais diziam que os Guardiões estavam trabalhando, mas não o quanto estavam conseguindo. Talvez não muito. Elayne sentiu a crescente frustração e irritação de Birgitte. Reanne olhou para o tumulto e suspirou. "Devemos reuni-las, Alise. Podemos voltar."

"Isso é muito bom para você e algumas das outras", disse Alise em dúvida. "Se for verdade. E quanto ao resto de nós? A Torre não teria me deixado ficar tanto tempo se eu tivesse aprendido mais rápido." Ela lançou uma carranca para as irmãs agora bem encapuzadas, e o olhar que ela voltou para Reanne não continha pouca raiva. "Para que voltaríamos? Para ouvir novamente que não somos fortes o suficiente e sermos enviados em nosso caminho? Ou elas apenas nos manterão como noviças pelo resto das nossas vidas? Algumas podem aceitar isso, mas eu não. Pra quê, Reane? Pelo que?"

Nynaeve desceu, puxando sua égua para frente na ponta de suas rédeas, e Elayne a imitou, embora conduzindo Lioness com mais facilidade. “Ser parte da Torre, se for isso que você desejar”, disse Nynaeve impaciente antes mesmo de alcançar as duas Kin. “Talvez ser Aes Sedai. Eu mesma não sei por que você tem que ter uma certa força, se você pode passar nos testes de tolo. Ou não volte; fuja, eu não me importo. Assim que eu terminar aqui, de qualquer maneira.” Plantando os pés, ela tirou o chapéu e plantou os punhos nos quadris. “Isso é perda de tempo, Reanne, e temos trabalho a fazer. Tem certeza de que há alguém aqui que possamos usar? Diga. Se você não tem certeza, então podemos continuar com isso. A pressa pode estar fora de questão, mas agora que temos a coisa, eu preferia que acabasse e terminasse.”

Quando ela e Elayne foram apresentadas como Aes Sedai, a mulher que havia feito as ameaças, Alise, fez um som engasgado e começou a alisar as saias de lã como se suas mãos quisessem agarrar a garganta de Reanne. A boca dela se abriu com raiva — então se fechou sem um som quando Merilille se juntou a eles. Aquele olhar severo não desapareceu completamente, mas se misturou com um toque de admiração. E mais do que um toque de cautela.

"Nynaeve Sedai", Merilille disse calmamente, "as Atha'an Miere estão... impacientes... para descer de seus cavalos. Acho que algumas podem pedir a cura." Um breve sorriso cintilou em seus lábios.

Isso resolveu a questão, embora Nynaeve resmungasse extravagantemente sobre o que faria com a próxima pessoa que duvidasse dela. Elayne poderia ter dito algumas palavras bem escolhidas, mas a verdade era que Nynaeve parecia bastante tola agindo daquele jeito com Merilille e Reanne esperando atentamente que ela terminasse e Alise olhando para as três. Isso resolveu tudo, ou talvez fossem as Chamadoras de Vento, a pé e puxando seus cavalos atrás delas. Cada resquício de graça havia desaparecido durante o passeio, desgastado pelas selas duras — suas pernas

pareciam tão rígidas quanto seus rostos —, mas ninguém podia confundi-las com nada além de quem elas eram.

“Se há vinte dos Povos do Mar tão longe do mar,” Alise murmurou, “eu acredito em qualquer coisa.” Nynaeve bufou, mas não disse nada, o que deixou Elayne grata. A mulher parecia estar tendo bastante dificuldade em aceitar, mesmo com Merilille chamando-as de Aes Sedai. Nem discurso nem birra ajudariam.

“Então cure-as”, disse Nynaeve a Merilille. Seus olhos foram para as mulheres mancando juntas, e Nynaeve acrescentou: “Se elas pedirem. Educadamente.” Merilille sorriu novamente, mas Nynaeve já havia abandonado o Povo do Mar e voltado a franzir a testa para a fazenda agora quase vazia. Algumas cabras ainda trotavam em torno de um curral cheio de lavas e rakes e vassouras caídas, baldes e cestos derramados, para não mencionar as formas amassadas de Mulheres Kin que haviam desmaiado, e um punhado de galinhas tinha voltado a ciscar e bicar, mas as poucas mulheres conscientes ainda à vista entre os prédios da fazenda claramente não eram das Kin. Algumas usavam linho ou seda bordados e algumas usavam lã rústica, mas o fato de não terem corrido falava muito delas. Reanne disse que, a qualquer momento, metade das que estavam na fazenda podiam se enquadrar nesse grupo. A maioria parecia atordoada.

Apesar de seus resmungos, Nynaeve não perdeu tempo em cuidar de Alise. Ou talvez Alise tenha se encarregado de Nynaeve. Era difícil dizer, já que a Kin mostrava pouco da deferência para com Aes Sedai que o Círculo de Tricô mostrava. Talvez ela ainda estivesse muito entorpecida pela súbita reviravolta dos acontecimentos. De qualquer forma, elas se afastaram juntas, Nynaeve conduzindo sua égua e gesticulando com o chapéu na outra mão, instruindo Alise sobre como trazer as mulheres espalhadas e o que fazer com elas uma vez que fossem recolhidas. Reanne tinha certeza de que pelo menos uma mulher forte o suficiente para se juntar ao círculo estava lá, Garenia Rosoinde, e possivelmente mais duas. Na verdade, Elayne esperava que todas tivessem ido embora. Alise alternava entre

assentir e dar a Nynaeve olhares muito nivelados que Nynaeve parecia não notar.

Agora, na espera enquanto a reunião terminava, parecia um bom momento para procurar um pouco mais entre os alforjes, mas quando Elayne se virou para os cavalos de carga, que estavam começando a ser conduzidos em direção às construções da fazenda, ela notou o Círculo de Tricô. Reanne e todas elas, entrando na fazenda a pé, algumas correndo em direção às mulheres deitadas no chão, outras em direção às que estavam boquiabertas. Todas elas, e nenhum sinal de Ispan. Levou apenas um olhar para encontrá-la, no entanto. Entre Adeleas e Vandene, cada uma segurando um braço enquanto meio que a arrastavam, suas capas de poeira esvoaçando atrás.

As irmãs de cabelos brancos estavam ligadas, o brilho de *saidar* de alguma forma envolvendo as duas sem incluir Ispan. Não havia como saber quem liderava o pequeno círculo e segurava a blindagem na Amiga das Trevas, mas nem mesmo um dos Abandonados poderia tê-la quebrado. Elas pararam para falar com uma mulher corpulenta vestida de lã marrom simples, que olhava boquiaberta para o saco de couro que cobria a cabeça de Ispan, mas ainda fez uma reverência e apontou para um dos prédios rebocados de branco.

Elayne trocou olhares raivosos com Aviendha. Bem, ela estava com raiva, de qualquer maneira. Às vezes Aviendha não dava mais do que uma pedra de importância. Entregando seus cavalos a dois dos cavaleiros do palácio, elas correram atrás das três. Algumas das mulheres que não eram das Kin tentaram questioná-las sobre o que estava acontecendo, algumas de forma bastante arrogante, mas Elayne deu-lhes pouca atenção, deixando para trás um rastro de fungadas e bufadas indignadas. Ah, o que ela não daria para ter o rosto sem idade já! Isso mexeu com um fio no fundo de seus pensamentos, mas desapareceu assim que ela tentou examiná-lo.

Quando abriu a porta simples de madeira onde o trio havia desaparecido, Adeleas e Vandene colocaram Ispan sentada em uma cadeira de espaldar com a cabeça descoberta, o saco em cima de uma mesa estreita de cavalete com seus mantos de linho. O quarto tinha apenas uma janela, colocada no teto, mas com o sol ainda alto deixava entrar uma boa luz. Prateleiras cobriam as paredes, empilhadas com grandes potes de cobre e grandes tigelas brancas. Pelo cheiro de pão assando, a única outra porta levava a uma cozinha.

Vandene olhou ao redor bruscamente ao som da porta, mas ao vê-las, suavizou o rosto para uma total falta de expressão. “Sumeko disse que as ervas que Nynaeve deu a ela estavam perdendo o efeito”, disse, “e parecia melhor questioná-la um pouco antes de confundir seu cérebro novamente. Parece que temos tempo, agora. Seria bom saber o que... a Ajah Negra — sua boca torceu em desgosto — estava fazendo em Ebou Dar. E o que elas sabem.”

“Duvido que estejam cientes desta fazenda, já que não estávamos”, disse Adeleas, batendo um dedo pensativamente nos lábios enquanto estudava a mulher na cadeira, “mas é melhor ter certeza do que chorar mais tarde, nosso pai costumava dizer.” Ela poderia estar examinando um animal que ela nunca tinha visto antes, uma criatura que ela não conseguia imaginar que existisse.

O lábio de Ispan se curvou. O suor escorria por seu rosto machucado, e suas tranças escuras e frisadas estavam desgrenhadas e suas roupas todas desarrumadas, mas apesar dos olhos turvos, ela não estava tão tonta quanto antes. “A Ajah Negra é uma fábula, e uma imunda”, ela zombou, um pouco rouca. Devia estar muito quente dentro daquele saco de couro, e ela não bebera água desde que deixara o Palácio Tarasin. “Eu estou surpresa que você dê voz a isso. E por lançar a raiva sobre mim! O que eu fiz, eu fiz por ordem do Trono de Amyrlin.”

“Elaida?” Elayne cuspiu incrédula. “Você tem a coragem de afirmar que Elaida ordenou que você matasse irmãs e roubasse da Torre? Elaida encomendou o que você fez em Tear e Tanchico? Ou você quer dizer Siuan? Suas mentiras são patéticas! Você abandonou os Três Juramentos, de alguma forma, e isso a nomeia Ajah Negra.”

“Eu não tenho que responder a perguntas suas,” Ispan disse mal-humorada, encolhendo os ombros. “Vocês são rebeldes contra o legítimo trono de Amyrlin. Você será punida, talvez estancada. Especialmente se você me machucar. Eu sirvo ao verdadeiro Trono de Amyrlin, e você será punida severamente se me prejudicar.”

“Você vai responder a todas as perguntas que minha quase-irmã fizer.” Aviendha testou seu canivete em uma unha do polegar, mas seus olhos estavam nos de Ispan. “Os aguacentos temem a dor. Não sabem como abraçá-la, aceitá-la. Você responderá conforme lhe for perguntado.” Ela não olhou ou rosnou, apenas falou, mas Ispan se encolheu na cadeira.

“Temo que isso seja proibido, mesmo que ela não seja uma iniciada da Torre”, disse Adeleas. “Estamos proibidas de derramar sangue em interrogatórios, ou de permitir que outros o façam em nosso nome.” Ela parecia relutante, embora Elayne não pudesse dizer se por causa da proibição ou por admitir que Ispan era uma iniciada. Ela mesma não havia realmente considerado que Ispan ainda pudesse ser considerado uma. Havia um ditado que dizia que nenhuma mulher terminava com a Torre até que ela terminasse com ela, mas, na verdade, uma vez que a Torre Branca tocava você, nunca terminava.

Sua testa franziu enquanto ela estudava a irmã Negra, tão suja, e ainda tão segura de si mesma. Ispan endireitou-se um pouco e lançou olhares cheios de desprezo divertido para Aviendha — e Elayne. Ela não estava tão equilibrada antes, quando pensou que eram apenas Nynaeve e Elayne que a tinham; a postura recuperada veio com a lembrança de que havia irmãs mais velhas

presentes. Irmãs que defenderiam a lei da Torre Branca como parte de si mesmas. Essa lei proibia não apenas derramar sangue, mas quebrar ossos e uma série de outras coisas que qualquer Questionador Manto Branco estaria mais do que pronto para fazer. Antes de qualquer sessão começar, a Cura tinha que ser dada, e se o questionamento começasse depois do nascer do sol, tinha que terminar antes do pôr do sol; se começasse depois do pôr do sol, então devia terminar antes do nascer do sol. A lei era ainda mais restritiva quando se tratava de iniciadas da Torre, das irmãs e das aceitas e noviças, proibindo o uso do *saidar* em interrogatórios, castigos ou penitências. Ah, uma irmã podia dar um tapa na orelha de uma noviça com o Poder se estivesse exasperada, ou até mesmo dar-lhe um tapa no traseiro, mas não muito mais. Ispan sorriu para ela. Sorriu! Elayne respirou fundo.

“Adeleas, Vandene, quero que vocês deixem Aviendha e eu a sós com Ispan.” Seu estômago tentou dar um nó. Tinha que haver uma maneira de pressionar a mulher o suficiente para saber o que era necessário sem infringir a lei da Torre. Mas como? As pessoas que deveriam ser interrogadas pela Torre geralmente começavam a falar antes que um dedo fosse encostado nelas — todos sabiam que ninguém se opunha à Torre; ninguém! — mas raramente eram iniciadas. Podia ouvir outra voz, não a de Lini desta vez, mas a de sua mãe. *O que você ordena, você deve estar disposta a fazer com suas próprias mãos. Como uma rainha, o que você ordena que seja feito, você fez.* Se ela infringisse a lei... A voz de sua mãe novamente. *Mesmo uma rainha não pode estar acima da lei, ou não há lei.* E a de Lini. *Você pode fazer o que quiser, criança. Desde que esteja disposta a pagar o preço.* Ela tirou o chapéu sem desamarrar as fitas. Manter a voz firme exigia um esforço. “Quando terminarmos... quando terminarmos de falar com ela, vocês podem levá-la de volta ao Círculo de Tricô.” Depois, ela se submeteria a Merilille. Quaisquer cinco irmãs poderiam sentar-se em julgamento para estabelecer uma penitência, se fossem solicitadas.

A cabeça de Ispan balançou, os olhos inchados indo de Elayne para Aviendha e vice-versa, alargando-se lentamente até que o branco aparecesse em toda a volta. Ela não estava tão segura de si agora.

Trocaram-se olhares silenciosos entre Vandene e Adéleas, como as pessoas que passaram tanto tempo juntas que não precisavam mais falar em voz alta; então Vandene pegou Elayne e Aviendha cada uma pelo braço. "Se eu puder falar com você lá fora um momento", ela murmurou. Parecia uma sugestão, mas ela já estava incitando-as a ir até a porta.

Lá fora, no pátio, cerca de duas dúzias de Mulheres Kin estavam amontoadas como ovelhas. Nem todas usavam roupas de Ebou Dar, mas duas tinham os cintos vermelhos de Anciãs, e Elayne reconheceu Berowin, uma mulher pequena e robusta que normalmente mostrava um orgulho muito maior do que sua força no Poder. Não agora. Como o resto, seu rosto estava assustado, seus olhos disparados, apesar de todo o Círculo de Tricô ao redor delas e falando com urgência. No caminho, Nynaeve e Alise estavam tentando reunir talvez o dobro de mulheres dentro de um dos prédios maiores. "Tentando" parecia ser a palavra.

"... não importa quais propriedades você possui", Nynaeve estava gritando para uma mulher de pescoço orgulhoso em seda verde-clara. "Você entra lá e fica fora do caminho, ou eu vou chutar você para dentro!"

Alise simplesmente agarrou a mulher vestida de verde pela nuca e a arrastou pela porta, apesar dos protestos volúveis e acalorados. Houve um grasnar alto como um enorme ganso sendo pisado, então Alise reapareceu, limpando as mãos. As outras pareceram não dar problemas depois disso.

Vandene as soltou, estudando seus olhos. O brilho ainda a envolvia, mas Adeleas devia estar concentrando seus fluxos combinados. Vandene poderia ter mantido a blindagem, uma vez

tecida, sem poder vê-la, mas se fosse ela, era muito mais provável que Adeleas as tivesse trazido. Vandene poderia ter andado várias centenas de passos antes que a ligação começasse a se enfraquecer — não se romperia se ela e Adeleas fossem para cantos opostos da terra, embora fosse ficar inútil muito antes disso —, mas permaneceu perto da porta. Ela parecia organizar as palavras em sua cabeça.

“Sempre achei melhor que mulheres com experiência lidassem com esse tipo de coisa”, disse ela finalmente. “As jovens podem facilmente ser apanhados em sangue quente. Então elas fazem demais. Ou, às vezes, percebem que não conseguem fazer o suficiente. Porque realmente não viram o suficiente, ainda. Ou o pior de tudo, elas encontram um... gosto por isso. Não que eu acredite que qualquer uma de vocês tenha essa falha.” Ela lançou um olhar ponderado a Aviendha sem parar; Aviendha embainhou apressadamente seu canivete. “Adeleas e eu vimos o suficiente para saber por que devemos fazer o que deve ser feito, e deixamos o sangue quente para trás há muito tempo. Talvez você deixe isso para nós. Será muito melhor assim, para todas as partes.” Vandene pareceu aceitar a recomendação como aceita. Assentiu e se virou para a porta.

Assim que ela desapareceu atrás dela, Elayne sentiu o uso do Poder no interior, uma trama que devia ter coberto o quarto por dentro. Uma proteção contra espionagem, certamente. Elas não iriam querer ouvidos vadios ouvindo o que Ispan dissesse. Então outro uso a atingiu, e de repente o silêncio de dentro era mais ameaçador do que qualquer grito que a proteção pudesse conter.

Ela esmagou o chapéu de volta na cabeça. O calor ela não podia sentir, mas o brilho do sol de repente a deixou enjoada. “Talvez você me ajude a ver o que os cavalos de carga estão carregando”, disse ela ofegante. Não havia ordenado que fosse feito — o que quer que fosse — mas isso não parecia mudar nada. Aviendha assentiu com

surpreendente rapidez; ela parecia querer ficar longe daquele silêncio também.

As Chamadoras de Vento esperavam não muito longe de onde os criados guardavam os animais de carga, esperando impacientes e olhando em volta imperiosamente, os braços cruzados sobre o peito, imitando Renaile. Alise marchou até elas, marcando Renaile como líder depois de um olhar arrebatador. Elayne e Aviendha ela ignorou.

"Venha comigo," ela disse em um tom vivo que não tolerava nenhum argumento. "As Aes Sedai dizem que você vai querer ficar longe do sol até que as coisas estejam mais resolvidas." As palavras "Aes Sedai" continham tanta amargura quanto o temor a que Elayne estava acostumada das Kin. Talvez mais. Renaile endureceu, seu rosto escuro ficando mais escuro, mas Alise continuou. "Vocês selvagens podem sentar aqui e suar se é isso que vocês querem, por mim tudo bem. Se vocês puderem sentar." Era óbvio que nenhuma das Atha'an Miere havia recebido Cura por sua dor na sela; pareciam mulheres que queriam esquecer que existiam abaixo da cintura. "O que vocês não vão fazer é me deixar esperando."

"Você sabe quem eu sou?" Renaile exigiu uma fúria apertada, mas Alise já estava se afastando sem olhar para trás. Lutando visivelmente consigo mesma, Renaile enxugou o suor da testa com as costas da mão, depois, com raiva, ordenou que as outras Chamadoras de Vento deixassem os cavalos "amaldiçoados da costa" e a seguissem. Eles formaram uma fila de pernas esparramadas balançando atrás de Alise, todas, menos as duas aprendizes, resmungando para si mesmas, incluindo Alise.

Instintivamente, Elayne começou a planejar como suavizar as coisas, como curar as dores das Atha'an Miere sem que elas precisassem pedir. Ou uma irmã tendo que oferecer muito arduamente; Nynaeve tinha que ser apaziguada também, e as outras irmãs. Para sua surpresa, de repente percebeu que, pela primeira

vez na vida, não tinha nenhum desejo real de suavizar nada. Observando as Chamadoras de Vento mancando em direção a um dos prédios da fazenda, decidiu que as coisas estavam bem do jeito que estavam. Aviendha exibia um sorriso largo e aberto enquanto observava as Atha'an Miere. Elayne arrancou o sorriso muito menor de seu próprio rosto e se virou para os cavalos de carga. Elas mereciam, no entanto. Não sorrir era muito difícil.

Com a ajuda de Aviendha, a busca foi mais rápida do que antes, embora Aviendha não reconhecesse o que elas estavam procurando tão rápido quanto ela. Não era uma grande surpresa. Algumas das irmãs que Elayne havia treinado mostravam uma habilidade maior nisso do que ela mesma, mas a maioria não chegava nem perto. Ainda assim, dois conjuntos de mãos encontraram mais de um, e havia muito a ser encontrado. Cavalariços e mulheres de libré carregavam o lixo, enquanto uma coleção de *ter'angreal* crescia na ampla tampa de pedra de uma cisterna quadrada.

Mais quatro cavalos foram descarregados rapidamente, e elas acumularam uma seleção que teria causado uma festa quando trazida para a Torre. Mesmo sem ninguém estudando *ter'angreal*. Eles tinham todas as formas imagináveis. Copos e tigelas e vasos, não havia dois do mesmo tamanho ou design ou no mesmo material. Uma caixa achatada e carcomida, meio caindo aos pedaços e o que quer que a revestisse há muito se desfizesse, continha peças de joalheria — um colar e pulseiras cravejadas de pedras coloridas, um cinto fino cravejado de pedras preciosas, vários anéis — e havia espaço para mais. Cada um era um *ter'angreal*, e todos combinavam, feitos para serem usados juntos, embora Elayne não conseguisse imaginar por que uma mulher iria querer carregar tantos ao mesmo tempo. Aviendha encontrou um punhal com fio de ouro enrolado em um cabo de chifre de veado áspero; a lâmina era cega e, por todas as evidências, sempre fora. Ela continuou girando-o repetidamente em seus dedos — suas mãos realmente começaram a tremer — até que Elayne o tirou dela e o colocou com os outros na tampa da cisterna.

Mesmo assim, Aviendha ficou parada por um tempo, olhando para ele e lambendo os lábios como se estivessem secos. Havia anéis, brincos, colares, pulseiras e fivelas, muitos de padrões muito peculiares. Havia estatuetas e figuras de pássaros e animais e pessoas, várias facas que tinham bordas, meia dúzia de medalhões grandes em bronze ou aço, a maioria trabalhada com padrões estranhos e nenhum carregava uma imagem que Elayne pudesse realmente entender, um par de chapéus peculiares aparentemente feito de metal, muito ornamentados e muito finos para serem capacetes, e um número de itens que ela não conseguia pensar em como chamar. Uma vara, grossa como seu pulso, vermelha brilhante, lisa e arredondada, mais firme do que dura, que parecia ser pedra; não esquentou um pouco na mão dela, quase já parecia quente! Não era calor real demais, mas ainda assim! Que tal um conjunto de bolas de cestaria de metal, uma dentro da outra? Qualquer movimento produzia um leve som musical, um tom diferente a cada vez, e ela tinha a sensação de que, por mais que olhasse para ele, sempre haveria uma bola ainda menor esperando para ser descoberta. Uma coisa que parecia um quebra-cabeça de ferreiro feito de vidro? Era pesado o suficiente para que ela o deixasse cair, e quebrou uma lasca na borda da tampa da cisterna. Uma coleção para surpreender qualquer Aes Sedai. Mais importante, eles encontraram mais dois *angreal*. Elayne os colocou de lado com muito cuidado, ao alcance do braço.

Um era uma peça de joalheria estranha, uma pulseira de ouro presa por quatro correntes planas a anéis, cada pedacinho dela gravado em um intrincado padrão labiríntico. Essa era a mais forte das duas, mais forte do que a tartaruga ainda em sua bolsa. Foi feito para uma mão menor que a dela ou a de Aviendha. Estranhamente, o bracelete tinha um cadeado minúsculo, completo com uma minúscula chave tubular pendurada em uma corrente fina que obviamente foi feita para ser removida. Junto com a chave! A outra era uma mulher sentada em marfim escurecido pela idade, as pernas

dobradas à sua frente, os joelhos expostos, mas com o cabelo tão comprido e luxuriante que ela não poderia estar mais abafada com o manto mais pesado. Não era tão forte quanto a tartaruga, mas ela achou muito atraente. Uma mão repousava sobre um joelho, palma para cima e dedos dispostos de modo que o polegar tocasse as pontas dos dois dedos médios, enquanto a outra mão era levantada, os dois primeiros dedos levantados e os demais dobrados. Toda a figura tinha um ar de suprema dignidade, mas o rosto delicadamente trabalhado mostrava diversão e prazer. Talvez tivesse sido feito para uma mulher em particular? Parecia pessoal, de alguma forma. Talvez tivessem feito isso na Era das Lendas. Alguns *ter'angreal* eram imensos, precisando de homens e cavalos, ou mesmo do Poder, para se mover, mas a maioria dos *angreal* eram pequenos o suficiente para carregar consigo; não todos, mas a maioria.

Elas estavam tirando as capas de lona de outro conjunto de cestos de vime quando Nynaeve veio a passos largos. As Atha'an Miere começaram a sair de um dos prédios da fazenda, não mais mancando. Merilille falava com Renaile, ou melhor, a Chamadora de Vento falava e Merilille escutava. Elayne se perguntou o que havia acontecido ali. A magra Cinza não parecia mais tão satisfeita. O grupo de Mulheres Kin tinha crescido, mas assim que Elayne olhou para cima, mais três entraram hesitantes no pátio da fazenda, e outras duas estavam na beira das oliveiras, olhando indecisas. Podia sentir Birgitte em algum lugar entre os bosques e apenas um pouco menos irritada do que antes.

Nynaeve olhou para a exibição de *ter'angreal* e deu um puxão em sua trança. Seu chapéu tinha desaparecido em algum lugar. "Isso pode esperar", disse ela, parecendo enojada. "Está na hora."



CAPÍTULO

5



A Tempestade

O sol estava um pouco mais baixo do que a metade do horizonte quando elas escalaram o caminho sinuoso e desgastado até o topo da colina íngreme acima dos celeiros. Esse era o local que Renaile havia escolhido. Fazia sentido pelo que Elayne sabia sobre trabalho com o clima, tudo aprendido com uma Chamadora de Vento do Povo do Mar, com certeza. Mudar qualquer coisa além de sua vizinhança imediata exigia trabalhar a longas distâncias, o que significava ser capaz de ver a longa distância, muito mais fácil no oceano do que em terra. Exceto de uma montanha ou cume. Também precisava de uma mão hábil para evitar causar chuvas torrenciais ou redemoinhos ou só a Luz sabia o que em outro lugar. Fazendo o que fizessem, os efeitos se espalhariam como as ondulações de uma pedra atirada em um lago. Ela não tinha nenhum desejo de liderar o círculo que usaria a *Tigela*.

O topo da colina estava limpo de arbustos e plano, embora longe de nivelado, uma mesa de pedra rústica, com cinquenta passos de comprimento e largura, com bastante espaço para todas que precisavam estar lá, e algumas que não precisavam, estritamente falando. De pelo menos cinquenta passos acima da fazenda, a vista

espetacular se estendia por quilômetros sobre uma colcha de retalhos de fazendas e pastagens, florestas e olivais. Muitos marrons e amarelos fortes estavam misturados com uma centena de tons de verde, gritando a necessidade do que eles deveriam fazer, mas mesmo assim, a beleza impressionou Elayne. Apesar da poeira no ar como uma névoa fraca, ela podia ver tão longe! A terra realmente era bastante plana aqui, exceto por aquelas poucas colinas. Ebou Dar ficava fora de vista ao sul, mesmo que abraçasse o Poder, mas parecia que ela deveria ser capaz de vê-la, esforçando-se um pouco. Certamente com um pouco de esforço, poderia ver o Rio Eldar. Uma vista maravilhosa. Nem todos estavam interessados.

“Uma hora perdida,” Nynaeve resmungou, olhando de lado para Reanne. E quase todas as outras. Sem Lan lá, parecia que ela poderia aproveitar a oportunidade para liberar seu temperamento. “Quase uma hora. Talvez mais. Completamente desperdiçada. Alise é capaz o suficiente, suponho, mas você pensaria que Reanne saberia quem estava lá! Vamos! Se aquela mulher tola desmaiar em mim novamente...!” Elayne esperava que ela aguentasse um pouco mais. Parecia ser uma grande tempestade, uma vez que ela a deixou escapar.

Reanne tentou manter um rosto alegre e ansioso, mas suas mãos nunca estavam paradas em suas saias, constantemente puxando e alisando. Kirstian simplesmente agarrou a dela e suou, parecendo pronta para esvaziar o estômago a qualquer minuto; quando alguém olhava para ela, qualquer um, ela estremecia. A terceira Kin, Garenia, era uma comerciante saldaeana de nariz forte e boca larga, uma mulher baixa, de quadris finos, mais forte que as outras duas, que não parecia muito mais velha que Nynaeve. Uma umidade gordurosa brilhava em seu rosto pálido, e seus olhos escuros se arregalavam sempre que pousavam em uma Aes Sedai. Elayne pensou que logo descobriria se os olhos de alguém realmente poderiam saltar de sua cabeça. Pelo menos Garenia havia parado de gemer, o que ela havia feito durante todo o caminho até o morro.

Realmente havia outro par que poderia ter sido forte o suficiente — possivelmente; as Kin não prestaram muita atenção a isso — mas a última tinha ido embora três dias antes. Ninguém mais na fazenda chegava perto. E era por isso que Nynaeve ainda estava enojada. Uma razão. A outra era que Garenia tinha sido uma das primeiras encontradas, desmaiada no curral. Aliás, ela desmaiou novamente nas duas primeiras vezes que foi despertada, assim que seus olhos caíram sobre uma das irmãs. Claro, Nynaeve sendo Nynaeve, ela não estava disposta a admitir que deveria ter feito algo tão simples como perguntar a Alise quem ainda estava na fazenda. Ou até mesmo dizer a Alise o que ela estava procurando antes que a mulher perguntasse. Nynaeve nunca esperou que alguém tivesse bom senso para distinguir cima de baixo. Exceto ela mesma.

“Poderíamos terminar agora!” Nynaeve rosnou. “Nós poderíamos estar fechando—!” Ela quase estremeceu com o esforço de não fazer cara feia para o Povo do Mar enquanto elas se reuniam perto da extremidade leste da mesa de pedra. Renaile, gesticulando enfaticamente, parecia dar instruções. Elayne teria dado tudo para ouvir.

Os olhares de Nynaeve certamente captaram Merilille, Careane e Sareitha, que ainda segurava com força a Tigela envolta em seda. Adeleas e Vandene permaneceram lá embaixo, isoladas com Ispan. As três irmãs ficaram conversando juntas, sem prestar atenção em Nynaeve, a menos que ela falasse diretamente com elas, mas o olhar de Merilille às vezes se desviava para as Chamadoras de Vento, depois se afastava; sua máscara de serenidade vacilou um pouco, e ela lambeu os lábios com a ponta da língua.

Tinha cometido algum erro lá embaixo enquanto as curava? Merilille havia negociado tratados e mediado disputas entre nações; poucos na Torre Branca eram melhores do que ela. Mas Elayne se lembrava de ouvir uma história uma vez, uma espécie de piada, sobre uma comerciante Domanesa, um Mestre de Carga do Povo do Mar e uma Aes Sedai. Poucas pessoas contavam piadas envolvendo

Aes Sedai; contar uma podia não ser totalmente seguro. A mercadora e o Cargueiro encontraram uma pedra comum na praia e começaram a vendê-la entre eles, de alguma forma obtendo lucro a cada vez. Então apareceu uma Aes Sedai. A Domanesa convenceu a Aes Sedai a comprar a pedra simples pelo dobro do que ela mesma havia pago pela última vez. Depois disso, o Atha'an Miere convenceu a Aes Sedai a comprar a mesma pedra dele por duas vezes mais. Apenas uma piada, mas mostrava o que as pessoas acreditavam. Talvez as irmãs mais velhas não tivessem negociado melhor com o Povo do Mar.

Aviendha foi direto para a beira dos penhascos assim que chegou ao topo da colina e ficou olhando para o norte, imóvel como uma estátua. Depois de um momento, Elayne percebeu que não estava admirando a vista; Aviendha estava simplesmente olhando. Juntando as saias um pouco desajeitadamente com os três *angreal* na mão, ela se juntou a sua amiga.

O penhasco descia em degraus de quinze metros até os olivais, faixas íngremes de pedra cinza estriada, nua, exceto por alguns arbustos pequenos e moribundos. A queda não era realmente incômoda, mas também não era o mesmo que olhar para o chão do topo de uma árvore. Estranhamente, olhar para baixo fez Elayne se sentir um pouco tonta. Aviendha não pareceu notar que a borda estava bem na altura dos dedos dos pés.

“Algo está incomodando você?” Elayne perguntou baixinho.

Aviendha manteve o olhar distante. “Eu falhei com você,” ela disse finalmente. Sua voz era plana, vazia. “Não posso formar o portal corretamente, e todos me viram envergonhar você. Pensei que um servo fosse um dos Forjados pelas Sombras, e me comportei pior do que tolamente. As Atha'an Miere me ignoram e encaram as Aes Sedai, como se eu fosse um cachorro de Aes Sedai latindo sob seu comando. Fingi que poderia fazer a Amigo das Trevas falar para você, mas nenhuma Far Dareis Mai pode interrogar prisioneiros até

que esteja casada com a lança por vinte anos, ou mesmo ficar de olho até que ela a carregue por dez. Eu sou fraca e mole, Elayne. Não posso suportar envergonhá-la ainda mais. Se eu falhar com você novamente, eu vou morrer.”

Ela ficou tremendo e silenciosa, enquanto os olhos de Garenia estavam bem fechados. Elayne manteve a voz baixa de qualquer maneira; isso não era da conta delas.

“Você não falhou com ninguém, muito menos comigo, Aviendha. Nada do que você fez me envergonhou, e nada do que você fez poderia.” Aviendha piscou para ela em dúvida. “E você é tão fraca e macia quanto uma pedra.” Esse tinha que ser o elogio mais estranho que ela já havia feito a alguém, mas Aviendha realmente parecia gratificada. “Aposto que o Povo do Mar também tem medo de você.” Outro elogio estranho; isso fez Aviendha sorrir, ainda que levemente. Elayne respirou fundo. “Quanto a Ispan...” Ela não gostava nem de pensar nisso. “Pensei que poderia fazer o que era necessário também, mas apenas deixar minha mente se concentrar nisso faz minhas mãos suarem e meu estômago revirar. Eu vomitaria se tentasse. Então nós compartilhamos isso.”

Aviendha fez o sinal de voz da Donzela para “Você me assusta”; ela começou a ensinar alguns deles para Elayne, embora dissesse que era proibido. Aparentemente, ser quase-irmãs que estavam aprendendo a ser mais mudava isso. Exceto que não de verdade. Aviendha parecia pensar que sua explicação tinha sido perfeitamente clara. “Eu não quis dizer que não podia,” ela disse em voz alta, “só que não sei como. Provavelmente a teria matado tentando.” De repente, ela sorriu, muito mais ampla e calorosamente do que antes, e tocou levemente a bochecha de Elayne. “Nós duas temos fraqueza em nós”, ela sussurrou, “mas isso não traz vergonha, desde que apenas nós duas saibamos.”

“Sim,” Elayne disse fracamente. Ela simplesmente não sabia como! “Claro que não.” Esta mulher continha mais surpresas do que

qualquer artista. “Aqui,” ela disse, apertando a mulher-de-cabelo-longo na mão de Aviendha. “Use isso no círculo.” Deixar o *angreal* ir não foi fácil. Ela pretendia usá-lo sozinha, mas com sorrisos ou sem sorrisos, o ânimo de sua amiga – o espírito de sua quase irmã – precisava ser melhorado. Aviendha virou a pequena figura de marfim em suas mãos; Elayne quase podia vê-la tentando decidir como devolvê-lo. “Aviendha, você sabe como é quando você segura o máximo de *saidar* que pode? Pense em segurar quase o dobro. Realmente pense nisso. Eu quero que você use. Por favor?”

Talvez os Aiel não mostrasse muito em seus rostos, mas os olhos verdes de Aviendha se arregalaram. Elas discutiram *angreal*, considerando sua busca, mas ela provavelmente nunca tinha pensado como seria usar um antes disso. “O dobro”, ela murmurou. “Para segurar tudo isso. Eu mal posso me fazer imaginar. Este é um grande presente, Elayne.” Ela tocou a bochecha de Elayne novamente, pressionando as pontas dos dedos; isso era o equivalente Aiel de um beijo e um abraço.

O que quer que Nynaeve tivesse a dizer ao Povo do Mar, não demorou muito. Ela se afastou delas se contorcendo furiosamente em suas saias. Aproximando-se de Elayne, franziu a testa igualmente para Aviendha e para a beira do penhasco. Normalmente, negava seu medo por alturas, mas as mantinha entre ela e a queda. “Tenho que falar com você,” ela murmurou, guiando Elayne uma pequena distância ao longo do topo da colina. E para mais longe da borda. Não muito longe, mas longe o suficiente de qualquer um para evitar ser ouvida. Ela respirou fundo várias vezes antes de começar, em voz baixa, e não olhou para Elayne.

“Eu... tenho me comportado como uma tola. A culpa é daquele maldito homem! Quando ele não está bem na minha frente, quase não consigo pensar em mais nada, e quando ele está, quase não consigo pensar! Vocês... você tem que me dizer quando eu... quando estou agindo como uma tola. Dependo de você, Elayne.” Sua voz permaneceu baixa, mas seu tom se tornou quase um lamento. “Eu

não posso me dar ao luxo de perder meu juízo por um homem, não agora."

Elayne ficou tão chocada que não conseguiu falar por um momento. Nynaeve, admitindo que tinha sido uma tola? Ela quase olhou para ver se o sol tinha ficado verde! "Não é culpa de Lan e você sabe disso, Nynaeve," ela disse finalmente. Afastou as lembranças de seus próprios pensamentos recentes sobre Rand. Este não era o mesmo caso. E a oportunidade foi um presente da Luz. Amanhã, Nynaeve provavelmente tentaria dar uma surra se dissesse que Nynaeve estava sendo tola. "Se controle, Nynaeve. Pare de se comportar como uma garota tonta." Definitivamente não eram pensamentos de Rand! Ela não estava sonhando tanto com ele! "Você é uma Aes Sedai e deveria estar nos liderando. Conduzindo! E pensando!"

Cruzando as mãos na cintura, Nynaeve realmente abaixou a cabeça. "Eu vou tentar", ela murmurou. "Eu vou, de verdade. Você não sabe como é, no entanto. Eu... Eu sinto muito."

Elayne quase engoliu a língua. Nynaeve, pedindo uma desculpa em cima da outra? Nynaeve, envergonhada? Talvez ela estivesse doente.

Não durou, é claro. Abruptamente franzindo a testa para o *angreal*, Nynaeve limpou a garganta. "Você deu um para Aviendha, não é?" ela disse rapidamente. "Bem, suponho que ela esteja bem. Uma pena termos que deixar o Povo do Mar usar um. Aposto que eles tentarão ficar com ele! Bem, deixe-as tentar! Qual é o meu?"

Com um suspiro, Elayne entregou-lhe o bracelete e os anéis, e ela se afastou, atrapalhando a joia em sua mão esquerda e chamando em voz alta para que todos tomassem seus lugares. Às vezes, era difícil distinguir a liderança de Nynaeve do bullying de Nynaeve. Desde que ela liderasse, no entanto.

A Tigela dos Ventos estava em cima de seus invólucros brancos desdobrados no centro do morro, um disco raso e pesado de cristal

de sessenta centímetros de diâmetro, trabalhado por dentro com espessas nuvens rodopiantes. Uma peça ornamentada, mas simples quando se pensava no que poderia fazer. O que elas esperavam que pudesse fazer. Nynaeve ocupou seu lugar ali perto, o *angreal* finalmente fechando em seu pulso. Ela mexeu a mão, parecendo surpresa que as correntes não parecessem incomodá-la; coube como se fosse feito para a mão dela. As três Mulheres Kin já estavam lá, Kirstian e Garenia aninhadas nas costas de Reanne e parecendo mais assustadas do que nunca, se é que isso era possível. As Chamadoras de Vento ainda estavam dispostas atrás de Renaile, a quase vinte passos de distância.

Levantando as saias divididas, Elayne encontrou o olhar de Aviendha na Tigela e olhou desconfiada para o Povo do Mar. Elas pretendiam criar um alarido? Ela tinha medo exatamente disso desde a primeira menção de mulheres na fazenda que poderiam ser fortes o suficiente para se juntar ao elo. As Atha'an Miere eram defensoras da posição o suficiente para envergonhar a Torre Branca, e a presença de Garenia significava que Renaile din Calon Estrela Azul, Chamadora de Vento da Senhora dos Navios dos Atha'an Miere, não faria parte do círculo. Não deveria fazer.

Renaile franziu o cenho para as mulheres ao redor do Tigela. Ela parecia estar pesando-as, julgando suas capacidades. “Talaan din Gelyn”, ela latiu de repente, “tome seu posto!” Foi como um estalo de chicote! Até Nynaeve pulou.

Talaan curvou-se profundamente, tocando seu coração, então correu para o Tigela. Assim que ela se moveu, Renaile latiu de novo. “Metarra din Junalle, tome sua posição!” Metarra, roliça, mas sólida, acelerou para os calcanhares de Talaan. Nenhuma das aprendizes tinha idade suficiente para ganhar o que o Povo do Mar chamava de “nome de sal”.

Uma vez iniciada, Renaile recitou nomes rapidamente, enviando Rainyn e outras duas Chamadoras de Vento, todas se movendo

rapidamente, mas não tão rápido quanto as aprendizes. Pelo número de seus medalhões, Naime e Rysael eram mais altas do que Rainyn, mulheres dignas com um ar tranquilo de comando, mas marcadamente mais fracas. Então Renaile fez uma pausa, apenas por um instante, mas naquela lista rápida ela se destacou. “Tebreille din Gelyn South Wind, tome sua posição! Caire din Gelyn Running Wave, assumo o comando!”

Elayne sentiu um momento de alívio por Renaile não ter se identificado, mas durou tanto quanto a pausa de Renaile. Tebreille e Caire trocaram um olhar, o de Tebreille sombrio e o de Caire presunçoso, antes de se moverem para o Tigela. Oito brincos e uma infinidade de medalhões sobrepostos marcavam cada Chamadora de Vento de uma *Mestra das Ondas* do Clã. Apenas Renaile estava acima delas; apenas Dorile entre o Povo do Mar no topo do morro era igual a elas. Em sedas de brocado amarelo, Caire era um pouco mais alta, Tebreille em brocado verde um pouco mais severa de rosto, ambas mais do que belas mulheres, e não era preciso seus nomes para saber que eram irmãs de sangue. Elas tinham os mesmos olhos grandes, quase negros, o mesmo nariz reto, o mesmo queixo forte. Caire apontou silenciosamente para um ponto a seu lado direito; Tebreille também não falou, nem hesitou em ficar onde sua irmã apontava, mas seu rosto era de pedra. Com ela, um círculo de treze mulheres cercava a Tigela quase ombro a ombro. Os olhos de Caire quase brilharam. Os de Tebreille eram de chumbo. Elayne se lembrou de outra frase de Lini. *Nenhuma faca é mais afiada do que o ódio de uma irmã.*

Caire olhou ao redor do círculo de mulheres que cercavam a Tigela, ainda não um verdadeiro círculo, como se tentasse fixar cada rosto em sua mente. Ou talvez fixar sua carranca nas delas. Lembrando-se a si mesma, Elayne passou apressadamente o último *angreal*, a pequena tartaruga âmbar, para Talaan, e começou a explicar como era usado. A explicação era simples, mas quem

tentasse sem saber como poderia se atrapalhar por horas. Ela não teve a chance de dizer cinco palavras.

"Silêncio!" Caire rugiu. Punhos tatuados nos quadris e pés descalços separados, ela parecia no convés de um navio indo para a batalha. "Não haverá conversa sem minha permissão. Talaan, apresente-se imediatamente ao retornar ao seu navio." Nada no tom de Caire sugeria que ela estava falando com sua própria filha. Talaan curvou-se profundamente, tocando seu coração, e murmurou algo inaudível. Caire bufou desdenhosamente — e deu a Elayne um olhar que sugeria o desejo de que ela pudesse ordenar que ela se apresentasse a alguém também — antes de continuar com uma voz que poderia ter sido ouvida na base da colina. "Hoje, faremos o que não foi feito desde a Ruptura do Mundo, quando nossos ancestrais lutaram contra o vento e as ondas enlouqueceram. Pela Tigela dos Ventos e pela misericórdia da Luz, sobreviveram. Hoje, usaremos a Tigela dos Ventos, perdida para nós há mais de dois mil anos, e agora devolvida. Estudei a sabedoria antiga, estudei os registros dos dias em que nossas antepassadas aprenderam o mar e a tecelagem dos ventos, e o sal entrou em nosso sangue. O que se sabe da Tigela dos Ventos, eu sei, mais do que ninguém." Seus olhos se voltaram para sua irmã, um olhar satisfeito que Tebreille não reconheceu. O que pareceu satisfazer ainda mais Caire. "O que as Aes Sedai não podem fazer, farei hoje, se agradar à Luz. Espero que cada mulher mantenha sua posição até o fim. Não vou aceitar o fracasso."

O resto das Atha'an Miere pareceu aceitar aquele discurso como esperado e adequado, mas as Mulheres Kin ficaram boquiabertas para Caire com espanto. Na opinião de Elayne, grandioso não começava a descrevê-lo; claramente Caire esperava que a Luz ficasse satisfeita, e ela ficaria muito descontente se não ficasse! Nynaeve revirou os olhos para o céu e abriu a boca. Caire a impediu.

"Nynaeve", anunciou em voz alta a Chamadora de Vento, "agora você vai demonstrar sua habilidade de ligar. Faça isso, mulher, e rapidamente!"

Em resposta, Nynaeve fechou os olhos com força. Os lábios dela... contorceram-se. Ela parecia prestes a estourar um vaso sanguíneo. "Suponho que isso significa que tenho permissão para falar!" ela murmurou. Felizmente baixo demais para ser ouvida por Caire, do outro lado do círculo. Abrindo os olhos, ela deu um sorriso horrível quando adicionado ao resto de sua expressão. Ela estava com o estômago azedo e várias outras queixas reunidas em uma.

"A primeira coisa é abraçar a Fonte Verdadeira, Caire." A luz de *saidar* de repente brilhou ao redor de Nynaeve; ela já estava usando o *angreal* na mão, pelo que Elayne podia sentir. "Suponho que você saiba como fazer isso, é claro." Ignorando o aperto abrupto da boca de Caire, Nynaeve continuou. "Elayne agora vai me ajudar na demonstração. Se tivermos sua permissão?"

"Eu me preparo para abraçar a Fonte," Elayne disse rapidamente, antes que Caire pudesse entrar em erupção, "mas eu realmente não a abraço." Ela se abriu, e as Chamadoras de Vento se inclinaram para a frente, olhando para ela, embora ainda não houvesse nada para ver. Até Kirstian e Garenia esqueceram o medo o suficiente para mostrar interesse. "Enquanto estou neste ponto, o resto depende de Nynaeve."

"Agora vou falar com ela..." Nynaeve fez uma pausa, olhando para Talaan. Elayne não teve a chance de lhe dizer nada, na verdade. "É muito parecido com um *angreal*", disse Nynaeve, dirigindo-se à aprendiz esbelta. Caire rosnou, e Talaan tentou observar Nynaeve com a cabeça baixa. "Você se abre para a Fonte através de um *angreal*, assim como eu vou me abrir através de Elayne. Como se você pretendesse abraçar o *angreal* e a Fonte ao mesmo tempo. Não é muito difícil, na verdade. Assista, e você verá. Quando chegar a hora de trazê-lo para o círculo, apenas se coloque à beira. Dessa forma, quando eu abraçar através de você, eu abraçarei através do *angreal* também."

Com ou sem concentração, o suor começou a brotar na testa de Elayne. Mas então, o calor não tinha nada a ver com isso. A Fonte Verdadeira acenou; pulsava, e ela pulsava com ela. Exigia. Quanto mais tempo ela ficasse a apenas um fio de cabelo de tocar o Poder, mais o desejo, a necessidade, cresceria. Pendurada, ela começou a tremer levemente. Vandene disse a ela que quanto mais você canalizava, pior crescia a expectativa.

“Cuidado com Aviendha”, disse Nynaeve a Talaan. “Ela sabe como...” Ela viu o rosto de Elayne e terminou apressadamente. “Ver!”

Não era exatamente o mesmo que usar um *angreal*, embora muito próximo. Também não era para ser feito às pressas; Nynaeve não tinha um toque suave, na melhor das hipóteses. Elayne sentiu como se estivesse sendo abalada; nada aconteceu fisicamente, mas dentro de sua cabeça ela parecia estar pulando, caindo loucamente morro abaixo. Pior, ela foi pressionada a abraçar *saidar* com uma lentidão excruciante. Demorou menos que um batimento cardíaco e pareceu levar horas, dias. Ela queria uivar, mas não conseguia respirar. Abruptamente, como uma represa estourando, o Poder Único fluíu através dela, uma onda de vida e alegria, de felicidade, e a respiração a deixou em um longo suspiro de prazer e alívio tão esmagador que suas pernas vacilaram. Era tudo o que ela podia fazer para não ofegar. Cambaleando, levantando-se, ela deu a Nynaeve um olhar severo, e Nynaeve deu de ombros se desculpando. Duas vezes em um dia! O sol devia estar ficando verde.

“Agora eu controlo o fluxo de *saidar* dela, assim como o meu,” Nynaeve continuou, não encontrando os olhos de Elayne, “e vou controlar até eu soltá-la. Agora, não tenham medo de que quem lidera o círculo,” ela atirou uma carranca para Caire e fungou, “pode fazer você canalizar demais. Isso realmente é muito parecido com um *angreal*. O *angreal* protege você contra o Poder extra e, mais ou menos da mesma maneira, em um círculo você não pode canalizar muito. Na verdade, em um círculo, você não pode canalizar tanto quanto poderia sem...”

"Isso é perigoso!" Renaile interrompeu, empurrando-se bruscamente entre Caire e Tebreille. Sua carranca pegou Nynaeve, Elayne e as irmãs que estavam fora do círculo também. "Você diz que uma mulher pode simplesmente agarrar outra, mantê-la cativa, usá-la? Há quanto tempo vocês Aes Sedai sabem disso? Eu vou avisando, se você tentar usar isso em um de nós..." Foi a vez dela ser cortada.

"Não funciona assim, Renaile." Sareitha tocou Garenia, e ela e Kirstian se separaram para abrir espaço. A jovem Marrom olhou para Nynaeve incerta, depois cruzou as mãos e assumiu um tom de sermão, como se estivesse se dirigindo a uma aula. Com ela veio a compostura; talvez ela visse Renaile como uma aluna naquele momento. "A Torre estudou isso por muitos anos, muito antes da Guerras dos Trollocs. Li todas as páginas que sobrevivem na Biblioteca da Torre desses estudos. Foi provado conclusivamente que uma mulher não pode formar um vínculo com outra contra sua vontade. Simplesmente não pode ser feito; nada acontece. Uma entrega voluntária é necessária, assim como abraçar o próprio *saidar*." Ela parecia absolutamente determinada, mas Renaile ainda franzia a testa; muitas pessoas sabiam como Aes Sedai poderiam contornar o Juramento contra a mentira.

"E por que elas estudaram isso?" Renaile exigiu. "Por que a Torre Branca estava tão interessada em tal coisa? Talvez você, Aes Sedai, ainda estude?"

"Isso é ridículo." A exasperação escorria da voz de Sareitha. "Se você quer saber, foi o problema dos homens que podem canalizar que as atraiu para isso. A Ruptura do Mundo era uma memória viva para algumas, na época. Suponho que nem mesmo muitas irmãs se lembram — não faz parte da instrução exigida desde antes das Guerras dos Trollocs — mas os homens também podem ser colocados em um círculo, e como o círculo não quebra mesmo se você for dormir... Bem, você pode ver as vantagens. Isso foi um fracasso total, infelizmente. Mais ao ponto aqui, eu digo novamente

que é impossível forçar uma mulher a entrar em um círculo. Se você duvida, experimente você mesma. Você verá."

Renaile assentiu, finalmente aceitando; havia muito pouco a fazer quando uma Aes Sedai fazia uma simples declaração de fato. No entanto, Elayne se perguntava. O que havia nas páginas que não havia sobrevivido? Notou uma ligeira mudança na inflexão de Sareitha em um ponto. Tinha perguntas. Para mais tarde, quando houvesse menos ouvidos por perto.

Quando Renaile e Sareitha se retiraram, Nynaeve endireitou as saias divididas, claramente irritada com a interrupção, e abriu a boca novamente.

"Continue sua demonstração, Nynaeve," Caire ordenou asperamente. Seu rosto escuro podia ser liso como um lago congelado, mas ela também não estava muito satisfeita.

A boca de Nynaeve se moveu antes que ela pudesse emitir qualquer som e, quando saiu, ela continuou apressada, como se temesse que outra pessoa pudesse interromper.

A próxima parte da lição foi passar o controle do círculo. Isso tinha que ser feito voluntariamente também, e mesmo quando ela estendeu a mão para Nynaeve, Elayne prendeu a respiração até sentir a mudança sutil que significava que ela agora controlava o Poder fluindo dentro dela. E fluindo através de Nynaeve, é claro. Não tinha certeza se funcionaria. Nynaeve podia formar um círculo facilmente, se não com alguma sutileza, mas passar orientação também envolvia uma forma de rendição; Nynaeve tinha dificuldades consideráveis em abrir mão do controle ou ser trazida para um círculo, assim como ela já teve dificuldade em se render a *saidar*. Foi por isso que Elayne manteve a orientação por enquanto. Teria que ser passado para Caire, e Nynaeve talvez não conseguisse soltar duas vezes. Essas desculpas devem ter sido muito mais fáceis para ela.

Elayne ligou em seguida a Aviendha, para que Talaan pudesse realmente ver como era feito com um *angreal*, tanto quanto havia para ver, e correu perfeitamente; Aviendha era uma aprendiz muito rápida, misturando-se facilmente. Talaan também era rápida, ao que parecia, acrescentando seu fluxo auxiliado ainda maior sem problemas. Uma por uma, Elayne as trouxe, e ela mesma quase estremeceu com o rio do Poder que fluía para ela. Ninguém ainda estava canalizando tanto quanto ela podia, mas aumentava, especialmente com o *angreal* envolvido. A consciência de Elayne aumentava a cada adição de *saidar*. Ela podia sentir os cheiros pesados nas caixas douradas rendadas que as Chamadoras de Vento usavam no pescoço, e separar uma da outra. Podia distinguir cada dobra e vinco nas roupas de todas tão nitidamente como se estivesse com o nariz pressionado no pano, mais nitidamente. Estava ciente do menor movimento do ar contra seu cabelo e pele, carícias que ela nunca teria notado sem o Poder.

Isso não era tudo de sua consciência, é claro. O vínculo tinha um certo *Kinsco* com o vínculo do Guardião, tão intenso e de certa forma ainda mais íntimo. Ela sabia que uma pequena bolha ao subir a colina causava uma dor no calcanhar direito de Nynaeve; Nynaeve sempre falava de bons sapatos robustos, mas tinha um fraco por chinelos com muitos bordados. Nynaeve tinha uma carranca fixa, dirigida a Caire, seus braços estavam cruzados, seus dedos usando o *angreal* jogados na trança puxada sobre seu ombro direito, com expressão neutra, mas por dentro ela era um turbilhão de emoções. Medo, preocupação, antecipação, irritação, cautela e impaciência saltavam uns sobre os outros, mostrando todos, às vezes submergindo o resto, ondas de calor que ameaçavam explodir em chamas. Essas últimas Nynaeve suprimia rapidamente, especialmente o calor, mas sempre voltavam. Elayne quase pensou que poderia reconhecê-los, mas era como algo vislumbrado pelo canto do olho, que desaparece quando você vira a cabeça.

Surpreendentemente, Aviendha também sentia medo, mas pequeno e bem contido, e quase engolido pela determinação. Garenia e Kirstian, tremendo visivelmente, eram quase puro terror, tão forte que era incrível que elas pudessem até começar a abraçar a Fonte. O que enchia Reanne a transbordar era a ansiedade, e não importava o alisamento da saia. Quanto as Atha'an Miere... Até Tebreille exalava um alerta cauteloso, e não foi preciso o rápido olhar de Metarra, e de Rainyn, para saber que o foco era Caire, observando todas elas, impaciente e autoritária.

Ela, Elayne deixou por último, e não foi nenhuma surpresa que ela tivesse que fazer quatro tentativas — quatro! — para trazer a mulher para o círculo. Caire não era melhor em ceder do que Nynaeve. Elayne esperava desesperadamente que a mulher tivesse sido escolhida por habilidade, não por posição.

“Agora vou passar o círculo para você”, disse ela à Chamadora de Vento quando finalmente terminou. “Se você se lembra do que eu fiz com Ny—” As palavras congelaram momentaneamente em sua garganta quando a orientação do círculo foi arrancada de sua rendição, uma sensação como se uma súbita rajada de vento rasgasse todas as suas roupas ou arrancasse os ossos dela. Exalou ferozmente, e se soou perto de cuspir, bem, que assim fosse.

“Bom”, disse Caire, esfregando as mãos. “Bom.” Sua atenção se concentrou na Tigela, sua cabeça girando para um lado e para o outro enquanto ela a estudava. Bem, talvez nem toda a atenção dela. Reanne começou a se sentar e, sem olhar para cima, Caire retrucou: “Segure sua posição, mulher! Este não é um pirulito de peixe! Fique de pé até que lhe digam para se mover!”

Assustada, Reanne ficou de pé, murmurando baixinho, mas poderia muito bem ter deixado de existir no que dizia respeito a Caire. Os olhos da Chamadora de Vento permaneceram na forma de cristal achatado. Elayne sentiu uma determinação nela grande o suficiente para mover uma montanha. E outra coisa, minúscula e

rapidamente apagada. Incerteza. Incerteza? Se depois de tudo isso, a mulher realmente não sabia o que fazer...

Naquele momento, Caire respirou fundo. *Saidar* inundou Elayne, quase tanto quanto ela podia suportar; um círculo ininterrupto de luz brilhou, juntando-se às mulheres no círculo, mais brilhante onde quer que se usasse um *angreal*, mas em nenhum lugar fraco. Ela observou atentamente enquanto Caire canalizava, formando uma trama complexa de todos os Cinco Poderes, uma estrela de quatro pontas que ela colocou no topo da Tigela com o que Elayne de alguma forma tinha certeza que era uma precisão requintada. A estrela tocou e Elayne engasgou. Certa vez, ela canalizou um fio para a Bacia — em *Tel'aran'rhiod*, com certeza, em apenas um reflexo da Tigela, embora ainda fosse uma coisa perigosa de se fazer — e aquele cristal ficou azul pálido, e as nuvens esculpidas se moveram. Agora, a Tigela dos Ventos era azul, o azul brilhante de um céu de verão, e nuvens brancas felpudas ondulavam sobre ela.

A estrela de quatro pontas passou a ser de cinco pontas, a composição da trama alterou-se ligeiramente, e a Tigela era um mar Verde com grandes ondulações. Cinco pontas se tornaram seis, e era outro céu, um azul diferente, mais escuro, talvez inverno, com nuvens roxas pesadas de chuva ou neve. Sete pontas, e um mar verde-acinzentado rugia em tempestade. Oito pontas e céu. Nove e mar, e de repente, Elayne sentiu a própria Tigela puxando *saidar*, uma torrente selvagem muito maior do que todo o círculo junto poderia suportar.

As mudanças continuaram inabaláveis dentro da Tigela, do mar ao céu, das ondas às nuvens, mas uma coluna contorcida e trançada de *saidar* surgiu daquele disco de cristal achatado, Fogo e Ar, Água e Terra e Espírito, uma coluna de renda intrincada tão larga quanto a Tigela, subindo cada vez mais no céu, até que seu topo se ergueu fora de vista. Caire continuou a tecer, suor escorrendo pelo rosto; ela fez uma pausa aparentemente apenas para piscar as gotas salgadas de seus olhos enquanto examinava as imagens na Tigela, então

colocou uma nova trama. O padrão da trança na grossa coluna se alterava a cada trama, ecoando sutilmente o que Caire tecia.

Foi uma coisa muito boa que ela não quisesse focar os fluxos para este círculo, Elayne percebeu; o que a mulher estava fazendo exigia anos a mais de estudo do que ela tinha. Muitos anos mais. De repente, percebeu outra coisa. Aquela renda em constante mudança de *saidar* se dobrava em torno de outra coisa, algo invisível que tornava a coluna sólida. Ela engoliu em seco. A Tigela estava canalizando *saidin* assim como *saidar*.

Sua esperança de que ninguém mais tivesse decifrado isso desapareceu com um olhar para as outras mulheres. Metade olhou para a coluna retorcida com uma repulsa que deveria ter sido reservada para o Tenebroso. O medo ficou mais forte entre as emoções compartilhadas em sua cabeça. Algumas estavam se aproximando do nível de Garenia e Kirstian, e era de se admirar que aquelas duas não tivessem desmaiado. Nynaeve estava a um fio de cabelo de vomitar, apesar de seu rosto subitamente liso demais. Aviendha parecia tão calma por fora, mas por dentro, aquele medo minúsculo estremecia e pulsava, tentando crescer.

De Caire veio apenas determinação, tão dura como aço quanto sua expressão. Nada iria ficar no caminho de Caire, certamente não a mera presença de *saidin* manchado de sombra misturado em sua tecelagem. Nada iria detê-la. Ela trabalhou os fluxos, e de repente teias de aranha de *saidar* brotaram do topo invisível da coluna, como raios irregulares de uma roda, quase um leque sólido ao sul, leques esparsos chegando ao norte e noroeste, raios rendados únicos estendendo-se em outras direções. Eles mudavam à medida que cresciam, nunca os mesmos de um momento para o outro, espalhando-se pelo céu, cada vez mais longe, até que as extremidades do padrão também desaparecessem de vista. Não apenas lá, Elayne tinha certeza; em lugares que a teia de aranha pegava e se curvava em torno de algo que ela não podia ver. Caire ainda tecia, e a coluna dançava ao seu comando, *saidar* e *saidin*

juntos, e a teia de aranha se alterava e fluía como um caleidoscópio torto girando pelos céus, desaparecendo na distância, sem parar.

Sem aviso, Caire se endireitou, dobrando suas costas, e liberou a Fonte completamente. A coluna e a teia de aranha evaporaram, e ela desmoronou tanto quanto se sentou, respirando com dificuldade. A Tigela voltou a ficar limpa, mas pequenos pedaços de *saidar* brilharam e estalaram nas bordas. “Está feito, se a Luz quiser,” ela disse cansada.

Elayne mal ouviu. Essa não era a maneira de terminar um círculo. Quando Caire a soltou dessa forma, o Poder desapareceu de todas as mulheres simultaneamente. Os olhos de Elayne saltaram. Por um instante, foi como se ela estivesse no topo da torre mais alta do mundo, e de repente a torre não estava mais lá! Apenas um instante, mas dificilmente agradável. Ela se sentia cansada, se não nem perto do que teria feito se tivesse feito qualquer coisa além de servir como um canal, mas o que ela mais sentia era perda. Abandonar *saidar* já era ruim o bastante; tê-lo simplesmente desaparecendo de você estava além do pensamento.

Outras sofreram muito pior do que ela. Quando o brilho que se juntava ao círculo se apagou, Nynaeve sentou-se exatamente onde estava, como se suas pernas tivessem derretido, acariciando o bracelete e os anéis, olhando para eles e ofegante. O suor escorria por seu rosto. “Eu me sinto como uma peneira de cozinha que acabou de passar o moinho inteiro”, ela murmurou. Carregar tanto poder tinha seu custo mesmo que você não fizesse nada, mesmo com um *angreal*.

Talaan oscilou, um junco ao vento, lançando olhares furtivos para sua mãe, claramente com medo de se sentar. Aviendha ficou ereta, sua expressão fixa dizendo que a força de vontade tinha tanto a ver com isso quanto com qualquer outra coisa. Ela deu um leve sorriso, porém, e fez um gesto na língua das Donzelas – *vale o preço* – e depois outro – mais – em seguida. *Mais do que vale o preço*. Todas

pareciam cansadas, se não tanto quanto aquelas que usaram *angreal*. A Tigela dos Ventos finalmente ficou quieta, apenas uma ampla Tigela de cristal claro, mas agora decorada com ondas altas. *Saidar* ainda parecia estar lá, porém, não sendo empunhado por ninguém, não visível, mas em flashes vagamente sentidos como aqueles que brincaram ao redor da Tigela no final.

Nynaeve ergueu a cabeça para encarar o céu sem nuvens, depois baixou o olhar para Caire. “Tudo isso, para quê? Fizemos alguma coisa ou não?” Uma lufada de ar percorreu o topo da colina, quente como o ar de uma cozinha.

A Chamadora de Vento lutou para ficar de pé. “Você acha que Tecer os Ventos é como jogar o elmo em um dardo?” ela exigiu com desprezo. “Acabei de mover o leme em um barco com um feixe tão largo quanto o mundo! Ele levará tempo para virar, tempo para saber que deve virar. Que ele deve virar. Mas quando o fizer, nem o próprio Pai das Tempestades poderá ficar em seu caminho. Consegui, Aes Sedai, e a Tigela dos Ventos é nossa!”

Renaile entrou no círculo, ajoelhando-se ao lado da Tigela. Cuidadosamente, ela começou a dobrar a seda branca ao redor dela. “Vou levar isso para a Senhora dos Navios”, disse ela a Nynaeve. “Nós cumprimos nossa parte do acordo. Agora, você, Aes Sedai, deve cumprir o resto do seu.” Merilille fez um som em sua garganta, mas quando Elayne olhou para ela, a Cinza parecia um estudo de compostura.

“Talvez você tenha feito sua parte”, disse Nynaeve, levantando-se vacilante. “Pode ser. Veremos quando isso... esta sua escumadeira virar. Se virar!” Renaile olhou fixamente para ela do outro lado da Tigela, mas Nynaeve a ignorou. “Estranho”, ela murmurou, esfregando a têmpora. A pulseira e os anéis ficaram presos em seu cabelo, e ela fez uma careta. “Eu quase posso sentir um eco de *saidar*. Deve ser essa coisa!”

“Não,” Elayne disse lentamente. “Eu posso sentir também.” Não apenas o crepitar vagamente percebido no ar, e não exatamente um eco. Mais a sombra de um eco, tão tênue que era como se ela estivesse sentindo alguém usar *saidar* em um... Ela se virou. No horizonte ao sul, relâmpagos brilharam, dezenas de raios prateados vívidos contra o céu da tarde. Muito perto de Ebou Dar.

“Uma tempestade?” Sareitha disse ansiosamente. “O tempo já deve estar se ajustando.” Mas não havia nuvens no céu mesmo onde o relâmpago se bifurcava e caía. Sareitha não era forte o suficiente para sentir *saidar* sendo empunhada àquela distância.

Elayne estremeceu. Ela não era forte o suficiente. A menos que alguém estivesse usando tanto quanto elas tinham neste morro. Cinquenta ou mesmo cem Aes Sedai, todas canalizando ao mesmo tempo. Ou... “Não um dos Abandonados,” ela murmurou. Alguém atrás dela gemeu.

“Não se pode fazer isso”, Nynaeve concordou em silêncio. “Talvez elas não nos sintam do jeito que as sentimos, talvez, mas elas devem ter visto, a menos que sejam todas cegas. A Luz queime nossa sorte!” Silenciosa ou não, ela estava agitada; muitas vezes ela brigava com Elayne por usar linguagem assim. “Leve todas que irão para Andor com você, Elayne. Eu vou... eu te encontro lá. Mat está na cidade. Tenho que voltar para ele. Queime o menino; ele veio por mim, e eu tenho que ir.”

Elayne passou os braços ao redor de si mesma e respirou fundo. Deixou a Rainha Tylin às mercês da Luz; Tylin sobreviveria se fosse possível. Mas Mat Cauthon, um assunto muito estranho e muito instrutivo; seu salvador mais improvável. Ele tinha vindo por ela, também, e ofereceu mais. E Thom Merrilin; querido Thom, que ela às vezes ainda desejava que fosse seu verdadeiro pai, e a Luz queimasse o que isso faria de sua mãe. E o menino, Olver, e Chel Vanin, e... Ela tinha que pensar como uma rainha. A Coroa de Rosas é

mais pesada que uma montanha, sua mãe lhe dissera, e o dever a fará chorar, mas você deve suportar e fazer o que deve ser feito.

“Não,” ela disse, então com mais firmeza, “Não. Olhe para você, Nynaeve; você mal consegue ficar de pé. Mesmo se todas fôssemos, o que poderíamos fazer? Quantos dos Abandonados existem? Nós morreríamos, ou pior, sem nenhum ganho. Os Abandonados não têm motivos para procurar Mat ou os outros. É de nós que eles estarão atrás.”

Nynaeve ficou boquiaberta para ela, a teimosa Nynaeve com suor escorrendo pelo rosto e as pernas instáveis. Maravilhosa, galante e tola Nynaeve. “Você está dizendo para deixá-lo, Elayne? Aviendha, fale com ela. Conte a ela sobre essa honra que você sempre fala!”

Aviendha hesitou, depois balançou a cabeça. Ela estava quase tão suada quanto Nynaeve, e pelo jeito que ela se movia, tão cansada quanto. “Há momentos para lutar sem esperança, Nynaeve, mas Elayne está certa. Os *Almas Sombrias* não estarão procurando por Mat Cauthon; eles estarão atrás de nós, e da Tigela. Ele já pode ter saído da cidade. Se formos, corremos o risco de dar a eles o que pode desfazer o que fizemos. Para onde quer que enviemos a Tigela, elas poderão nos fazer dizer com quem a enviamos e para onde.”

O rosto de Nynaeve se contorceu de dor. Elayne estendeu a mão para abraçá-la.

“Crias das Sombras!” alguém gritou, e de repente as mulheres estavam abraçando *saidar* por todo o topo do morro. Bolas de fogo saltaram das mãos de Merilille, das de Careane e Sareitha, tão rápido quanto podiam lançar. Uma enorme forma alada envolta em chamas caiu do céu deixando um rastro de fumaça preta oleosa, caindo logo além do penhasco.

“Tem outro!” Kirstian gritou, apontando. Uma segunda criatura alada mergulhou para longe da colina, o corpo tão grande quanto um cavalo, asas com nervuras medindo trinta passos ou mais, pescoço comprido esticado na frente e cauda mais longa fluindo

atrás. Duas figuras agachadas em suas costas. Uma tempestade de fogo choveu depois, mais rápida de todas de Aviendha e do Povo do Mar, que não fizeram nenhum gesto de arremesso como parte de sua tecelagem. Uma chuva de fogo tão espessa que parecia que o Fogo devia estar se formando no ar, e a coisa se esquivou atrás da colina do outro lado da fazenda e pareceu desaparecer.

“Nós o matamos?” perguntou Sarita. Seus olhos brilharam, e ela respirou com dificuldade em agitação.

“Acertamos mesmo?” uma dos Atha'an Miere rosnou desgostoso.

“Crias das Sombras,” Merilille murmurou com espanto. “Aqui! Pelo menos isso prova que é um Abandonado em Ebou Dar.”

“Não são Crias das Sombras,” Elayne disse ocamente. O rosto de Nynaeve era uma imagem de angústia; ela também sabia. “Eles chamam isso de rake. São os Seanchan. Devemos ir, Nynaeve, e levar todas as mulheres da fazenda conosco. Quer tenhamos matado aquela coisa ou não, mais virão. Qualquer uma que deixarmos para trás estará usando uma coleira de *damane* amanhã de manhã.” Nynaeve assentiu, lenta e dolorosamente; Elayne pensou que ela murmurou: “Ah, Mat.”

Renaile se aproximou com a Tigela nos braços, mais uma vez envolta em sua cobertura branca. “Alguns de nossos navios encontraram esses Seanchan. Se eles estão em Ebou Dar, então os navios vão para o mar. Meu navio luta por sua vida, e eu não estou em seu convés! Nós vamos agora!” E ela formou a trama para um portal, bem ali.

Ele se emaranhou inutilmente, é claro, brilhou por um instante e depois desmoronou no nada, mas Elayne guinchou a despeito de si mesma. Bem ali no meio delas! “Você não vai a lugar nenhum a menos que pretenda ficar tempo suficiente para memorizar este topo de colina!” ela estalou. Esperava que nenhuma das mulheres que estiveram no círculo tentasse a tecelagem; segurar *saidar* era a maneira mais rápida de memorizar um lugar. Ela poderia ter feito

isso funcionar aqui, e muito provavelmente elas também poderiam. “Você não pode ir para um navio em movimento de qualquer lugar; acho que nem é possível!” Merilille assentiu, embora isso significasse pouco; Aes Sedai acreditava que muitas coisas eram verdadeiras, e algumas delas realmente eram. Bem como se o Povo do Mar acreditasse ser provado, em todo caso. Nynaeve, abatida e encarando, não estava em condições de liderar no momento, então Elayne continuou. Esperava ter conseguido deixar a memória de sua mãe orgulhosa. “Mas acima de tudo, você não vai a lugar nenhum exceto conosco, porque nosso acordo não está completo; a Tigela dos Ventos não é sua até que o tempo esteja bom.” Não era exatamente verdade, a menos que torcessem um pouco as palavras do acordo, e Renaile abriu a boca, mas Elayne continuou. “E porque você fez um trato com Matrim Cauthon, meu súdito. Você vai voluntariamente para onde eu quero, ou você vai amarrada a uma alforje. Essas foram as escolhas que você aceitou. Então, desça esta colina agora, Renaile din Calon Blue Star, antes que os Seanchan nos derrubem com um exército e algumas centenas de mulheres que podem canalizar e gostariam de nos ver colados ao lado deles. Agora! Corram!”

Para seu espanto, elas correram.



CAPÍTULO

6



Tramas

Elayne também correu, é claro, segurando as saias no alto, e rapidamente assumiu a liderança no caminho de terra batida. Apenas Aviendha ficou por perto, embora parecesse não ter ideia de como correr de vestido, dividido ou não; cansada como estava, ela certamente teria passado por Elayne de outra forma. Todas as outras estavam atrás delas ao longo da trilha estreita e sinuosa. Nenhuma das Atha'an Miere empurraria Renaile e, apesar de suas calças de seda, ela não conseguia se mover muito rápido carregando a Tigela abraçada ao peito. Nynaeve não tinha esse escrúpulo, acotovelando-se e correndo muito, gritando para as pessoas saírem de seu caminho quando ela tropeçava nelas, fossem elas Chamadoras de Vento, Mulheres Kin ou Aes Sedai.

Descendo a encosta, tropeçando e se equilibrando, Elayne queria rir apesar da urgência. Apesar do perigo. Lini e sua mãe tinham sido severas por ela correr e subir em árvores desde os doze anos, mas não era apenas o puro prazer de correr novamente que fazia o prazer borbulhar em seu interior. Ela se comportou como uma rainha deveria se comportar, e funcionou exatamente como deveria! Ela assumiu o comando, para levar as pessoas para fora do perigo, e

elas a seguiram! Toda a sua vida tinha treinado para isso. Foi a satisfação que a fez rir, e o brilho quente do orgulho parecia prestes a explodir através de sua pele como o brilho de *saidar*.

Contornando a última curva, desceu a reta final ao lado de um dos altos celeiros rebocados de branco. E seu dedo do pé tropeçou em uma pedra quase enterrada. Ela se lançou para a frente pesadamente, girando os braços, e de repente estava dando cambalhotas no ar. Sem tempo nem para gritar. Com um baque que fez seus dentes estremecerem e tirou todo o seu fôlego, ela aterrissou com força ao pé da trilha, sentada bem na frente de Birgitte. Por um instante, não conseguiu nem pensar e, quando conseguiu, pouca satisfação permaneceu. Quanta dignidade de rainha. Tirando o cabelo do rosto, tentou recuperar o fôlego enquanto esperava pelo comentário cortante de Birgitte. Esta era uma chance para a outra mulher interpretar o papel de irmã mais velha e mais sábia como vingança, e ela raramente deixava uma oportunidade passar.

Para surpresa de Elayne, Birgitte a colocou de pé antes mesmo que Aviendha pudesse alcançá-la, e sem o leve sorriso no rosto de Aviendha. Tudo o que Elayne conseguia sentir de sua Guardiã era uma sensação de... foco; ela pensou que uma flecha encaixada em uma corda esticada poderia se sentir assim. “Nós corremos ou lutamos?” perguntou Birgitte. “Reconheci aqueles monstros Seanchan de Falme, e a bem da verdade, sugiro correr. Meu arco é do tipo comum, hoje.” Aviendha franziu o cenho levemente e Elayne suspirou; Birgitte tinha que aprender a guardar a língua se realmente pretendia esconder quem era.

“Claro que corremos,” Nynaeve ofegou, trabalhando no trecho final do caminho. “Lutar ou correr! Pergunta tola! Você acha que somos absolutas...? Vamos! O que elas estão fazendo?” Sua voz começou a subir e continuou. “Alise! Alis, onde você está? Alise! Alise!”

Sobressaltada, Elayne percebeu que a fazenda estava fervendo tanto quanto quando o rosto de Careane foi reconhecido. Talvez estivesse até pior. Cento e quarenta e sete Mulheres *Kin* habitavam o local atualmente, relatara Alise, incluindo cinquenta e quatro Anciãos de faixa vermelha enviadas dias antes e várias outras que estavam de passagem pela cidade; agora parecia que cada uma delas estava correndo para algum lugar, e muitas outras mulheres também. A maioria dos servos do Palácio Tarasin em sua libré verde e branca corria para lá e para cá carregando fardos. Patos e galinhas corriam pelo tumulto, batendo asas e grasnando, aumentando a confusão. Elayne até viu um Guardião, o Jaem grisalho de Vandene, trotando com seus braços rijos em volta de um grande saco de juta!

Alise apareceu como se materializada do ar, equilibrada e controlada apesar da transpiração em seu rosto. Cada mecha de seu cabelo estava no lugar e, por seu vestido, parecia que ela estava apenas passeando. "Não há necessidade de gritar", disse ela calmamente, colocando as mãos nos quadris. "Birgitte me disse o que são esses pássaros grandes, e eu pensei que poderíamos estar partindo mais cedo ou mais tarde, especialmente com todas vocês galopando morro abaixo como se o próprio Tenebroso estivesse atrás de vocês. Eu disse a todas que pegassem um vestido limpo para cada uma, três mudas de roupa e meias, sabão, cestas de remendos e todas as moedas que tivessem. Isso e nada mais. as dez últimas a terminar vão lavar a louça até chegarmos onde estamos indo; isso vai acelerar seus pés. Eu disse àqueles servos para recolherem toda a comida que pudessem também, só por precaução. E seus Guardiões. Companheiros sensatos, a maioria deles. Surpreendentemente sensatos, para os homens. Ser um Guardião faz alguma coisa com eles?"

Nynaeve ficou ali com o queixo caído, pronta para dar ordens e nada mais. Emoções passavam por seu rosto rápido demais para serem captadas. "Muito bom", ela murmurou finalmente. E

amargamente. De repente ela se iluminou. “As mulheres que não são Kin. Sim! Elas têm que ser—”

“Acalme-se,” Alise interrompeu, fazendo um gesto reconfortante. “Eles já se foram, em sua maior parte. Principalmente aquelas com maridos ou famílias com as quais estão preocupadas. Eu não poderia ter segurado aquelas aqui nem se eu quisesse. Mas umas boas trinta acham que esses pássaros são realmente Crias das Sombras, e querem ficar o mais perto possível das Aes Sedai.” Uma fungadaafiada disse o que ela pensava disso. “Agora, você apenas se recomponha. Beba um pouco de água fria; não muito rápido. Coloque um pouco em seu rosto. Tenho que ficar de olho nas coisas.” Lançando os olhos sobre a agitação, todo mundo correndo aos saltos, Alise balançou a cabeça. “Algumas afrouxariam se Trollocs estivessem vindo pela colina, e a maioria das mulheres nobres nunca se acostuma realmente com nossas regras. Com certeza, precisarei lembrar duas ou três antes de irmos.” Com isso, ela voltou serenamente para o tumulto do celeiro e deixou Nynaeve boquiaberta.

“Bem”, disse Elayne, alisando a saia, “você disse que ela era uma mulher muito capaz.”

“Eu nunca disse isso”, Nynaeve retrucou. “Eu nunca disse ‘muito’ Hmmp! Onde foi parar meu chapéu? Acha que sabe tudo. Aposto que ela não sabe onde ele está!” E saiu em uma direção diferente de Alise.

Elayne ficou olhando para ela. O chapéu dela? Ela gostaria de saber para onde seu próprio chapéu tinha ido — era um chapéu lindo — mas céus! Talvez estar em um círculo trabalhando tanto do Poder, usando um *angreal* ao fazer isso, tenha perturbado o juízo de Nynaeve temporariamente. Ela ainda se sentia um pouco estranha, como se pudesse arrancar pedacinhos de *saidar* do ar ao seu redor. De qualquer forma, tinha outros assuntos com que se preocupar naquele momento. Como estar pronta para fugir antes que os

Seanchan aparecessem. Pelo que ela tinha visto em Falme, elas realmente poderiam trazer uma centena de *damane*, ou mais, e com base no pouco que Egwene se permitiria dizer de seu cativo, a maioria dessas mulheres realmente estaria ansiosa para ajudar as outras. Ela disse que o que mais embrulhou seu estômago foi a visão das *damane* dos Seanchan rindo com sua *sul'dam*, bajulando e brincando com elas, cães bem treinados com seus afetuosos tratadores. Egwene disse que algumas das mulheres presas em Falme também eram assim. Isso fez o sangue de Elayne gelar. Morreria antes de deixá-los colocar a coleira nela! E deixaria para os Abandonados quem encontrasse como Seanchan. Foi correndo para a cisterna, Aviendha ao seu lado respirando quase tão forte quanto ela mesma.

Parecia que Alise realmente tinha pensado em tudo, no entanto. Os *ter'angreal* já estavam guardados nos cavalos de carga. Os alforjes não revistados continuavam cheios de bugigangas confusas e a Luz sabia mais o quê, mas aqueles que ela e Aviendha haviam esvaziado agora estavam cheios de sacos grosseiros de farinha e sal, feijão e lentilha. Um punhado de pessoas do estábulo cuidava dos animais de carga em vez de correr com os braços cheios. Obedecendo a ordens de Alise, sem dúvida. Até Birgitte saiu trotando ao chamado da mulher com apenas um sorriso pesaroso!

Elayne levantou as capas de lona para examinar os *ter'angreal* o melhor que pôde sem descarregá-los novamente. Tudo parecia estar ali, meio amontoado em dois cestos, não o suficiente para enchê-los, mas nada quebrado. Não que algo menos do que o próprio Poder Único pudesse quebrar a maioria dos *ter'angreal*, mas mesmo assim...

Aviendha sentou-se de pernas cruzadas no chão, enxugando o suor do rosto com um grande lenço de linho liso que parecia muito em desacordo com seu lindo vestido de montaria de seda. Até ela estava começando a mostrar cansaço. “Sobre o que você está

murmurando, Elayne? Você soa como Nynaeve. Essa Alise só nos salvou do trabalho de empacotar essas coisas nós mesmas.”

Elayne corou levemente. Não pretendia falar em voz alta. “Só não quero ninguém lidando com eles sem saber o que estão fazendo, Aviendha.” Alguns *ter’angreal* poderiam funcionar até mesmo para pessoas incapazes de canalizar, se fizessem a coisa errada, mas a verdade era que ela não queria que ninguém os manuseasse. Eles eram dela! O Salão não ia entregá-los a alguma outra irmã só porque era mais velha e mais experiente, ou escondê-los porque estudar *ter’angreal* era muito perigoso. Com tantos exemplos para estudar, talvez ela pudesse finalmente descobrir como fazer *ter’angreal* que funcionassem sempre; houve muitos fracassos e meio-sucessos. “Elas precisam de alguém que saiba o que está fazendo”, disse ela, amarrando a lona rígida de volta no lugar.

A ordem começou a surgir do pandemônio mais rapidamente do que Elayne esperava, embora não tão rápido quanto ela poderia desejar. Claro, admitiu com relutância, nada mais lento do que algo imediato poderia corresponder aos seus desejos. Incapaz de tirar os olhos do céu, mandou Careane correr de volta ao topo da colina para vigiar Ebou Dar. A Verde atarracada resmungou um pouco antes de fazer uma reverência, e até franziu a testa para as Mulheres Kin correndo como se estivessem a ponto de sugerir uma delas, mas Elayne queria alguém que não desmaiasse ao ver “Crias das Sombras” se aproximando, e Careane era a mais baixa entre as irmãs. Adeleas e Vandene trouxeram Ispan entre elas, firmemente protegida e com o saco de couro sobre a cabeça. Ela andava com bastante facilidade, e nada visível dizia que alguma coisa havia sido feita a ela, exceto... Ispan mantinha as mãos cruzadas na cintura, nunca tentando levantar o saco para dar uma olhada, e quando ela foi impulsionada em uma sela, estendeu os pulsos para ser amarrada à sela sem que lhe mandassem. Se ela estava tão receptiva, talvez tivessem descoberto algo com ela. Elayne simplesmente não queria contemplar como a descoberta poderia ter sido alcançada.

Havia... complicações, é claro, de todo tipo, mesmo com o que podia estar correndo na direção delas. O que certamente estava correndo na direção delas. Nynaeve pegar seu chapéu de plumas azuis de volta não foi realmente uma complicação, embora quase tenha se transformado em uma; Alise o encontrou e o devolveu dizendo a Nynaeve que ela precisava proteger o rosto do sol se quisesse manter aquela pele lisa e bonita. Uma Nynaeve boquiaberta observou a mulher grisalha sair correndo para lidar com um dos numerosos pequenos problemas, depois enfiou ostensivamente o chapéu sob uma alça de seus alforjes.

No início, Nynaeve começou a dar jeito nas complicações reais, mas Alise quase sempre estava lá primeiro, e quando Alise encontrava uma complicação, a complicação se resolvia. Várias mulheres nobres exigiram ajuda para empacotar seus pertences, apenas para serem informadas em termos inequívocos de que ela estava falando sério e, se não andassem logo, poderiam ficar onde estavam. E se apressaram. Algumas, e não apenas nobres, mudaram de ideia quando souberam que o destino era Andor e foram literalmente expulsas. A pé, e disseram para continuarem correndo enquanto pudessem. Todos os cavalos eram necessários, mas elas tinham que estar bem longe antes que os Seanchan aparecessem; no mínimo, eles iriam questionar qualquer um perto da fazenda. Como era de se esperar, Nynaeve brigou aos gritos com Renaile por causa do Tigela, e a tartaruga que Talaan havia usado, que Renaile havia enfiado atrás de sua faixa. Mal haviam chegado ao estágio de agitar os braços, porém, Alise estava ali, e em pouco tempo a Tigela estava de volta aos cuidados de Sareitha e a tartaruga aos cuidados de Merilille. Depois disso, Elayne foi presenteada com a visão de Alise balançando o dedo sob o nariz atônito da Chamadora de Vento da Senhora dos Navios das Atha'an Miere, dando uma bronca sobre o assunto do roubo que deixou Renaile engasgando. Indignada. Nynaeve também balbuciou um pouco, afastando-se de mãos vazias, mas Elayne pensou que nunca tinha visto alguém tão desamparado.

Apesar de tudo, não demorou muito, no entanto. As mulheres restantes que estavam na fazenda se reuniram sob os olhos atentos do Círculo de Tricô – e de Alise, que anotou cuidadosamente as últimas dez a chegar, todas menos duas em finas sedas bordadas, não muito diferentes das de Elayne. Definitivamente não eram Mulheres Kin. Elayne tinha certeza de que elas realmente lavariam a louça de qualquer maneira; Alise não deixaria uma coisinha como um nascimento nobre ficar em seu caminho. As Chamadoras de Vento se alinharam com seus cavalos, surpreendentemente silenciosas, exceto por Renaile, que murmurava imprecções sempre que via Alise. Careane foi chamada de volta do topo da colina. Os Guardiões trouxeram às irmãs suas montarias. Quase todo mundo ficou de olho no céu, e *saidar* fez halos ao redor de todas as Aes Sedai mais antigas e da maioria das Chamadoras de Vento. Em torno de algumas das Kin, também.

Conduzindo sua égua para a frente da fila, na cisterna, Nynaeve acariciou o *angreal* ainda em sua mão como se fosse ela a fazer o portão, por mais ridícula que a ideia pudesse ser. Em primeiro lugar, embora ela tivesse lavado o rosto — e colocado o chapéu; estranhamente, considerando todas as coisas, ela ainda cambaleava sempre que seu autocontrole caía. Lan ficou praticamente ao seu lado, impassível como sempre, mas se havia um homem pronto para pegar uma mulher quando ela caísse, era ele. Mesmo com o bracelete e anéis, Nynaeve pode não ser capaz de canalizar o suficiente para tecer um portal. Mais importante, ela estava correndo pela fazenda desde que elas chegaram; Elayne passou um tempo considerável segurando *saidar* exatamente onde elas estavam agora. Ela conhecia aquele lugar. Nynaeve franziu o cenho quando Elayne abraçou a Fonte, mas pelo menos teve juízo suficiente para não dizer nada.

Desde o início, Elayne desejou ter pedido a Aviendha pela mulher-vestida-com-seu-próprio-cabelo; ela também estava cansada, e todo *saidar* que ela conseguia canalizar mal dava para

formar a trama para que funcionasse. Os fluxos oscilaram em seu alcance quase como se estivessem tentando se libertar, então se encaixaram tão repentinamente que ela pulou; canalizar quando estava cansada não era como das outras vezes, mas esta era a pior vez de todas. Pelo menos a familiar barra vertical de prata apareceu como deveria, e se alargou em uma abertura ao lado da cisterna. Uma abertura não maior do que a que Aviendha havia feito e, com isso, Elayne ficou grata por ser grande o suficiente para passar um cavalo. No final, não tinha certeza de que seria. Suspiros se ergueram das Mulheres Kin, vendo uma vista de um prado de terra firme de repente entre elas e o familiar volume cinza da cisterna.

"Você deveria ter me deixado tentar", disse Nynaeve suavemente. Suavemente, mas com uma ponta afiada mesmo assim. "Você quase estragou tudo."

Aviendha deu a Nynaeve um olhar afiado que quase fez Elayne agarrar seu braço. Quanto mais elas permaneciam quase irmãs, mais ela parecia pensar que tinha que defender a honra de Elayne; se elas se tornassem primeiras irmãs, Elayne via a necessidade de mantê-la longe de Nynaeve e Birgitte, completamente!

"Está feito, Nynaeve", disse ela rapidamente. "Isso é tudo o que importa." Nynaeve dirigiu um olhar inexpressivo para ela e murmurou algo sobre o dia ser espinhoso, como se Elayne fosse a que mostrava seu lado rabugento.

Birgitte foi a primeira a passar, sorrindo descaradamente para Lan, conduzindo seu cavalo com o arco já na outra mão. Elayne podia sentir nela uma ânsia, um toque de satisfação, talvez dessa vez ela tivesse a liderança em vez de Lan — sempre havia um pouco de rivalidade entre os *Guardiões* — e um pouco de cautela. Muito pouco. Elayne conhecia bem aquele prado; Gareth Bryne a ensinara a cavalgar não muito longe dali. Cerca de oito quilômetros acima daquelas primeiras colinas de árvores esparsas ficava a mansão de uma das propriedades de sua mãe. Uma de suas propriedades; ela

tinha que se acostumar com isso. As sete famílias que cuidavam da casa e seus terrenos seriam as únicas pessoas a meio dia de viagem em qualquer direção.

Elayne havia escolhido aquele destino porque poderiam chegar a Caemlyn em duas semanas a partir de lá. E porque a propriedade era tão isolada, que poderia estar entrando em Caemlyn antes que alguém soubesse que estava em Andor. Essa poderia ser uma precaução muito necessária; em vários momentos da história de Andor, os rivais da Coroa de Rosas foram mantidos como “convidados” até desistirem de suas reivindicações. Sua mãe manteve dois, até que assumiu o trono. Com sorte, poderia ter uma base sólida estabelecida quando Egwene e os outros chegassem.

Lan guiou Mandarb logo atrás do capão marrom de Birgitte, e Nynaeve cambaleou como se fosse correr atrás do cavalo de guerra negro, então parou com um olhar fixo que desafiava Elayne a dizer uma palavra. Mexendo furiosamente com as rédeas, ela fez um esforço visível para olhar para qualquer lugar, exceto através do portão, para Lan. Seus lábios se moveram. Depois de um momento, Elayne percebeu que estava contando.

“Nynaeve,” ela disse calmamente, “nós realmente não temos tempo para...”

“Vão em frente,” Alise disse da parte de trás, o som de suas mãos batendo palmas com um estalo agudo. “Sem pressionar ou empurrar, agora, mas também não terei retardatárias! Sigam em frente.”

A cabeça de Nynaeve balançou descontroladamente, uma indecisão dolorosa pintando seu rosto. Por alguma razão, ela tocou seu chapéu largo, algumas de suas plumas azuis quebradas e caídas, antes de puxar a mão. “Ah, aquele velha beijadora de cabras...!” rosnou, o resto perdido enquanto arrastava sua égua pelo portão. Elayne fungou. E Nynaeve teve a coragem de falar com qualquer um

sobre sua língua! Gostaria de ter ouvido o resto, no entanto; já sabia a primeira parte.

Alise continuou insistindo, mas realmente não parecia haver muita necessidade depois da primeira vez. Até as Chamadoras de Vento se apressaram, olhando preocupadas por cima dos ombros para o céu. Até Renaile, que murmurou algo sobre Alise, Elayne notou. Embora chamar alguém de “limpadora amante de peixes” pareça bastante suave. Ela esperava que o Povo do Mar comesse peixe o tempo todo.

A própria Alise vinha na retaguarda, com exceção dos restantes Guardiões, como que para arrebanhar até os cavalos de carga. Ela fez uma pausa longa o suficiente para entregar a Elayne seu chapéu de plumas verdes. “Você vai querer manter o sol longe desse seu rosto doce”, disse com um sorriso. “Uma menina tão bonita. Não há necessidade de se transformar em couro antes do tempo.”

Aviendha, sentada no chão próximo, caiu para trás batendo os calcanhares de rir.

“Acho que vou pedir a ela que encontre um chapéu para você. Com muitas plumas e grandes laços,” Elayne disse em tom doce antes de seguir rapidamente a Kin. Isso certamente cortou o riso de Aviendha.

O prado suavemente ondulado era largo e com quase um quilômetro e meio de comprimento, cercado por colinas mais altas do que aquelas que ela havia deixado para trás, e por árvores que ela conhecia, carvalhos e pinheiros e pau-preto, sorgo e folhas de couro e abetos, floresta densa com madeira boa e alta ao sul e oeste e leste, embora pudesse não haver nenhum corte este ano. A maioria das árvores mais espalhadas ao norte, em direção à mansão, eram mais adequadas para lenha. Pequenos pedregulhos cinza pontilhavam a grama espessa, marrom aqui e ali, e nem mesmo um talo murcho marcava a morte de uma flor silvestre. Isso não era tão diferente do sul.

Pela primeira vez, Nynaeve não estava espiando a paisagem ao redor tentando encontrar Lan. Ele e Birgitte não iriam demorar muito, não ali. Em vez disso, ela andava a passos largos entre os cavalos, ordenando que as pessoas montassem em voz alta e autoritária, incitando os servos com os animais de carga, dizendo secamente a algumas das Mulheres Kin que não tinham cavalos que qualquer criança poderia andar oito quilômetros, gritando para uma mulher magra. Uma nobre de Altara com uma cicatriz na bochecha e carregando uma trouxa quase tão grande quanto ela que, se tivesse sido tola o suficiente para trazer todos os seus vestidos, poderia carregá-los. Alise havia reunido as Atha'an Miere ao seu redor e estava instruindo-as sobre como montar um cavalo. Por um milagre, elas realmente pareciam estar prestando atenção. Nynaeve olhou em sua direção e pareceu satisfeita ao ver Alise parada em um lugar. Até que Alise sorriu encorajadoramente e acenou para que ela continuasse com o que estava fazendo.

Por um instante, Nynaeve ficou imóvel, olhando para a mulher. Então foi caminhando pela grama até Elayne. Alcançando o chapéu com as duas mãos, ela hesitou, olhando para ele através de seus cílios antes de dar um puxão direto. "Vou deixá-la cuidar de tudo desta vez", disse em um tom suspeitosamente razoável. "Vamos ver o quão bem ela se sai com o... Povo do Mar. Sim, vamos ver." Um tom muito razoável, até a metade. Abruptamente, ela franziu a testa para o portão ainda aberto. "Por que você está segurando isso aberto? Solte." Aviendha também estava franzindo a testa.

Elayne respirou fundo. Havia pensado sobre isso, e não havia outro jeito, mas Nynaeve tentaria dissuadi-la, e não havia tempo para discutir. Através do portão, o pátio da fazenda estava vazio, até as galinhas finalmente assustadas com o burburinho, mas quanto tempo antes de encher novamente? Ela estudou sua trama, fundida tão confortavelmente que apenas alguns fios permaneceram distintos. Podia ver cada fluxo, é claro, mas exceto por aqueles poucos, eles pareciam inseparavelmente combinados. "Leve todos

para a mansão, Nynaeve", disse ela. O sol não demoraria muito mais para se pôr; talvez restassem duas horas de luz. "Mestre Hornwell ficará surpreso com tantos visitantes chegando ao escurecer, mas diga a ele que vocês são convidados da garota que chorou pelo pássaro vermelho com a asa quebrada; ele vai se lembrar disso. Estarei com vocês assim que puder."

"Elayne," Aviendha começou com uma voz surpreendentemente ansiosa, e ao mesmo tempo, Nynaeve disse rispidamente: "O que você acha que está—"

Só havia uma maneira de pará-lo. Elayne arrancou um dos fios discerníveis da trama; oscilava e se agitava como um tentáculo vivo; ele se esfumou e desfez, pequenas penugens de *saidar* se quebrando e desaparecendo. Não tinha notado isso quando Aviendha desfez sua trama, mas só tinha visto o final, na verdade. "Vá em frente", disse ela a Nynaeve. "Vou esperar para fazer resto até que todos estejam fora de vista." Nynaeve olhou para fora, o queixo caído. "Tem que ser feito," Elayne suspirou. "Os Seanchan estarão na fazenda em horas, com certeza. Mesmo que esperem até amanhã, e se uma das *damane* tiver o talento de ler resíduos? Nynaeve, não vou dar o dom da Viagem aos Seanchan. Não vou!"

Nynaeve rosnou algo baixinho sobre os Seanchan que deve ter sido particularmente conciso, a julgar por seu tom. "Bem, eu não vou deixar você se queimar!" ela disse em voz alta. "Agora, coloque isso de volta! Antes que tudo exploda do jeito que Vandene falou. Você poderia matar todos nós!"

"Não pode ser feito", disse Aviendha, colocando a mão no braço de Nynaeve. "Ela começou e agora deve terminar. Você deve fazer o que ela diz, Nynaeve."

As sobrancelhas de Nynaeve se curvaram. "Deve" era uma palavra que ela não gostava nem um pouco de ouvir, não se aplicava a ela. Ela não era uma tola, porém, então, depois de olhar um pouco de Elayne para o portão, e para Aviendha, para o mundo em geral, ela

jogou os braços ao redor de Elayne em um abraço que fez suas costelas rangerem.

"Tenha cuidado, você me ouve?," ela sussurrou. "Se você for morta, juro que vou esfolar você viva!" Apesar de tudo, Elayne caiu na gargalhada. Nynaeve bufou, empurrando-a até o comprimento do braço pelos ombros. "Você sabe o que quero dizer", ela resmungou. "E não pense que eu não estou falando sério, porque eu estou! Eu estou," ela adicionou em uma voz mais suave. "Você se cuida."

Levou um momento para Nynaeve se recompor, piscando e apertando as luvas de montaria azuis. Parecia haver uma pitada de umidade em seus olhos, embora não pudesse ser isso; Nynaeve fazia outras pessoas chorarem, ela mesma não chorava. "Bem, então," ela disse em voz alta. "Alise, se você ainda não tem todas prontas..." Virando-se, ela cortou com um grasnido estrangulado.

Aquelas que deveriam estar montadas estavam, até mesmo as Atha'an Miere. Os Guardiões estavam todos reunidos em torno das outras irmãs; Lan e Birgitte haviam retornado, e Birgitte observava Elayne preocupada. Os servos tinham os animais de carga em fila, e as Mulheres Kin esperavam pacientemente, a maioria a pé, exceto o Círculo de Tricô. Vários cavalos que poderiam ter sido usados para montar estavam carregados com sacos de comida e trouxas de pertences. As mulheres que trouxeram mais do que Alise permitia — nenhuma delas Kin — carregavam suas trouxas nas próprias costas. A nobre esguia com a cicatriz estava curvada em um ângulo estranho abaixo dela, e olhando para qualquer um menos para Alise. Cada mulher que podia canalizar estava olhando para o portão. E todas as mulheres que estiveram lá para ouvir Vandene contar os perigos ficaram olhando aquele fio de chicote como se fosse uma víbora vermelha.

Foi a própria Alise quem trouxe o cavalo para Nynaeve. E endireitou o chapéu de plumas azuis enquanto Nynaeve colocava um pé no estribo. Nynaeve virou a égua gorda para o norte com Lan

montando Mandarb ao seu lado e um olhar de total mortificação em seu rosto. Por que ela não derrubou Alise no chão, Elayne não entendeu. Pelo que ouvia Nynaeve contar, ela colocava mulheres mais velhas no lugar delas desde que era pouco mais que uma menina. E ela era Aes Sedai, afinal de contas; o que deveria pesar muito para qualquer Kin.

Quando a coluna começou a seguir em direção às colinas, Elayne olhou para Aviendha e Birgitte. Aviendha simplesmente ficou ali com os braços cruzados sob os seios; ela segurava o *angreal* da mulher-enrolada-em-seu-próprio-cabelo em uma das mãos. Birgitte pegou as rédeas de Lioness de Elayne, adicionando-as às de seu próprio cavalo e às de Aviendha, depois caminhou até uma pequena pedra a vinte passos de distância e se sentou.

"Vocês duas devem", Elayne começou, então tossiu quando as sobrancelhas de Aviendha se ergueram de surpresa. Enviar Aviendha para fora do perigo era impossível sem envergonhá-la. Talvez totalmente impossível. "Eu quero que você vá com os outros," ela disse a Birgitte. "E leve Lioness. Aviendha e eu podemos nos revezar montando seu cavalo capão. Eu gostaria de uma caminhada antes de dormir."

"Se você tratar um homem tão bem quanto trata aquele cavalo," Birgitte disse secamente, "ele será seu por toda a vida. Acho que vou sentar um pouco; já andei bastante hoje. Não estou à sua disposição e ligo o tempo todo. Podemos jogar esse jogo na frente das irmãs e dos outros Guardiões, para poupar seus rubores, mas você e eu sabemos a verdade." Apesar das palavras zombeteiras, o que Elayne sentia dela era afeto. Não; mais forte que o afeto. Seus próprios olhos ardiam de repente. A morte dela machucaria Birgitte até os ossos — o vínculo do Guardião garantia isso —, mas foi a amizade que a fez ficar agora.

"Sou grata por ter duas amigas como vocês", disse ela simplesmente. Birgitte sorriu para ela como se tivesse dito algo bobo.

Aviendha, porém, corou furiosamente e fitou Birgitte, de olhos arregalados e afobada, como se a presença da Guardiã fosse a culpa de suas bochechas ardentes. Apressadamente, ela desviou o olhar para as pessoas que ainda estavam perto da primeira colina, talvez a meia milha de distância. "Melhor esperar até que eles estejam fora de vista," ela disse, "mas você não pode esperar muito tempo. Uma vez que você iniciou o desenrolar, os fluxos começam a ficar... lisos... depois de um tempo. Deixar um escorrer para fora antes de sair da trama é o mesmo que soltar a trama; ele cairá no que quiser, então. Mas você também não deve se apressar. Cada fio deve ser puxado o máximo possível. Quanto mais se soltarem, mais fácil será ver os outros, mas você deve sempre escolher o fio que for mais fácil de ver." Sorrindo calorosamente, ela pressionou os dedos firmemente contra a bochecha de Elayne. "Você se sairá bem, se for cuidadosa."

Não parecia tão difícil. Ela só tinha que ser cuidadosa. Pareceu levar muito tempo para a última mulher desaparecer na colina, a nobre esbelta curvada sob o volume de seus vestidos. O sol mal parecera se mover, mas pareciam horas. O que Aviendha quis dizer exatamente com "lisos"? Ela não conseguia entender além das variações da palavra; tornavam-se difíceis de segurar, só isso.

Elayne descobriu assim que recomeçou. "Liso" era o que você obteria se cobrisse uma enguia viva com graxa. Ela cerrou os dentes apenas segurando o primeiro fio, e isso aumentou ao tentar puxá-lo para fora. Tudo o que a impediu de ofegar de alívio quando o fio de Ar começou a girar, finalmente solto, era o fato de que havia mais para tirar. Se eles se tornassem muito mais "lisos", ela não tinha certeza se conseguiria. Aviendha observava atentamente, mas não disse mais uma palavra, embora sempre tivesse um sorriso encorajador quando Elayne precisava de um. Elayne não conseguia ver Birgitte — ela não ousava desviar o olhar de seu trabalho —,

mas podia senti-la, um pequeno nó de confiança sólida como rocha em sua própria cabeça, confiança suficiente para preenchê-la.

O suor deslizou por seu rosto, pelas costas e pela barriga, até que ela mesma começou a se sentir “lisa”. Um banho esta noite seria muito bem-vindo. Não, ela não podia pensar nisso. Toda a atenção devia ficar nas tramas. Elas estavam ficando mais difíceis de manusear, tremendo em seu aperto assim que ela tocava em uma, mas ainda se soltavam, e toda vez que um fio começava a se mover, outro parecia saltar da massa, de repente ficando claramente perceptível onde só tinha havido um sólido *saidar* antes. Aos seus olhos, o portão parecia umas centenas de cabeças monstruosas e distorcidas no fundo de um lago, cercadas por gavinhas agitadas, todas cheias de cabelos grossos com fios do Poder que cresciam, se contorciam e desapareciam apenas para serem substituídos por novos. A abertura visível para qualquer um flexionou ao longo de suas bordas, mudando de forma e até de tamanho continuamente. Suas pernas começaram a tremer; a tensão ardia em seus olhos tanto quanto o suor. Ela não sabia quanto tempo mais poderia continuar. Apertando os dentes, ela lutou. Um fio de cada vez. Um fio de cada vez.

A mil milhas de distância, a menos de cem passos através do portão trêmulo, dezenas de soldados varriam os prédios brancos da fazenda, homens baixos carregando bestas, com couraças marrom e capacetes pintados que pareciam cabeças de insetos enormes. Atrás deles, vinha uma mulher com painéis vermelhos com relâmpagos prateados nas saias, uma pulseira no pulso ligada por uma coleira prateada à gola do pescoço de uma mulher de cinza, e depois outra *sul'dam* e sua *damane*, depois outro par. Uma das *sul'dam* apontou para o portão, e o brilho de *saidar* envolveu abruptamente sua *damane*.

"Abaixe-se!" Elayne gritou, caindo para trás, fora da vista do celeiro, e um relâmpago azul-prateado atravessou o portão com um rugido que encheu seus ouvidos, bifurcando-se selvagememente em

todas as direções. Seu cabelo se ergueu, cada fio tentando ficar em pé por conta própria, e trovejantes fontes de terra irrompiam onde quer que um dos raios batesse. Sujeira e seixos choveram sobre ela.

A audição voltou de repente, e a voz de um homem do outro lado da abertura, um sotaque arrastado e arrastado que fez sua pele arrepiar tanto quanto as palavras. “...devem levá-las vivas, suas tolas!”

De repente, um dos soldados saltou para o prado bem na frente dela. A flecha de Birgitte perfurou o punho cerrado gravado em seu peitoral de couro. Um segundo soldado Seanchan tropeçou no primeiro quando ele caiu, e o canivete de Aviendha apunhalou sua garganta antes que ele pudesse se recuperar. Flechas voaram do arco de Birgitte como granizo; com uma bota nas rédeas dos cavalos, ela sorriu sombriamente enquanto atirava. Os cavalos trêmulos balançaram a cabeça e dançaram como se fossem se soltar e correr, mas Birgitte simplesmente se levantou e disparou o mais rápido que pôde. Gritos do outro lado do portão diziam que Birgitte Arco de Prata ainda acertava cada flecha que disparava. A resposta veio, rápida como um pensamento ruim, listras pretas, setas de besta. Tão rápido, tudo acontecendo tão rápido. Aviendha caiu, o sangue escorrendo pelos dedos que seguravam seu braço direito, mas ela soltou o ferimento imediatamente, rastejando para longe, rastejando no chão em busca do *angreal*, com o rosto rígido. Birgitte gritou; soltando seu arco, ela agarrou sua coxa onde uma flecha se destacou. Elayne sentiu a pontada de agonia tão forte como se fosse sua.

Desesperadamente, agarrou outro fio de onde estava meio deitada de costas. E percebeu, para seu horror, depois de um puxão, que era tudo o que podia fazer para se segurar. O fio se moveu? Será que se soltou de alguma forma? Se tivesse, ela não se atreveu a deixá-lo ir. O fio tremia gorduroso em seu aperto.

“Vivas, eu disse!” aquela voz de Seanchan rugiu. “Qualquer um que matar uma mulher não receberá parte do ouro!” A rajada de flechas de besta cessou.

“Você quer me levar?” gritou Aviendha. “Então venha dançar comigo!” O brilho de *Saidar* a cercou abruptamente, turvo mesmo com o *angreal*, e bolas de fogo surgiram na frente do portão e se espalharam de novo e de novo. Não eram bolas muito grandes, mas as rajadas que irrompiam em Altara soavam em um fluxo constante. Mas Aviendha ofegou com esforço; seu rosto brilhava de suor. Birgitte havia recuperado seu arco; ela parecia cada centímetro a heroína da lenda, sangue escorrendo por sua perna, mal conseguindo ficar de pé, mas uma flecha meio puxada, procurando um alvo.

Elayne tentou controlar sua respiração. Não poderia abraçar mais um fragmento do Poder, nada podia ajudar. “Vocês duas devem ir embora”, disse ela. Não podia acreditar em como soava, calma como gelo; sabia que deveria estar chorando. Seu coração estava tentando bater através de suas costelas. “Não sei por quanto tempo mais vou aguentar isso.” Isso valia para toda a trama tanto quanto para aquele único fio. Estava deslizando? Era isso? “Vão, o mais rápido que puderem. O outro lado das colinas deve ser seguro, mas cada centímetro que vocês puderem cobrir vale algo. Vão!”

Birgitte rosnou na língua antiga, mas nada que Elayne entendesse. Pareciam frases que ela gostaria de aprender. Se alguma vez houvesse uma chance. Birgitte continuou com palavras que Elayne conseguia entender. “Se você soltar essa maldita coisa antes que eu lhe mande, não terá que se preocupar em esperar que Nynaeve esfole você; vou fazer isso sozinha. E então vou deixá-la ter sua vez. Apenas fique quieta e espere! Aviendha, dê a volta por aqui — atrás dessa coisa! — você pode manter isso por trás dela? — dê a volta aqui em um desses malditos cavalos.”

"Contanto que eu possa ver onde tecer", respondeu Aviendha, cambaleando para seus pés. Ela cambaleou para o lado e quase não caiu. O sangue escorria por sua manga de um corte perverso. "Eu acho que eu possa." Ela desapareceu atrás do portão, e as bolas de fogo continuaram. Era possível ver através do portão do outro lado, embora parecesse ser uma névoa de calor pairando no ar. Mas não era possível passar por aquele lado — a tentativa seria extremamente dolorosa — e quando Aviendha reapareceu, ela estava tropeçando bem longe. Birgitte a ajudou a montar seu capão, mas pela parte de trás, por mais estranho que parecesse!

Quando Birgitte fez um gesto feroz para ela, Elayne não se incomodou em balançar a cabeça. Por um lado, ela temia o que poderia acontecer se o fizesse. "Não tenho certeza se consigo segurar se tentar me levantar." Na verdade, ela não tinha certeza se conseguiria se levantar; cansaço não estava mais nela; seus músculos eram água. "Ande o mais rápido que puder. Eu vou aguentar enquanto eu puder. Por favor vá!"

Murmurando maldições na Língua Antiga — tinham que ser; nada mais tinha aquele som! — Birgitte empurrou as rédeas dos cavalos nas mãos de Aviendha. Quase caindo duas vezes, ela mancou até Elayne e se inclinou para pegá-la pelos ombros. "Você pode esperar", disse ela, sua voz cheia da mesma convicção que Elayne sentia nela. "Nunca conheci uma Rainha de Andor antes de você, mas conheci rainhas como você. Uma espinha dorsal de aço e um coração de leão. Você consegue!"

Lentamente, ela puxou Elayne para cima, sem esperar por uma resposta, seu rosto tenso, cada facada em sua perna ecoando na cabeça de Elayne. Elayne estremeceu com o esforço de segurar a trama, segurando aquele fio; ela ficou surpresa ao encontrar-se ereta. E viva. A perna de Birgitte latejava loucamente em sua cabeça. Ela tentou não se apoiar em Birgitte, mas seus próprios membros trêmulos não a sustentavam completamente. Enquanto elas cambaleavam em direção aos cavalos, cada metade encostada na

outra, continuava olhando para trás por cima do ombro. Podia segurar uma trama sem olhar para ela — normalmente conseguia — , mas precisava se assegurar de que ainda segurava aquele fio, que não estava escorregando. O portal agora não parecia como nenhuma trama que ela já tinha visto, torcendo-se descontroladamente, envolto com tentáculos felpudos.

Com um gemido, Birgitte a colocou na sela mais do que a ajudou. Para trás, assim como Aviendha! “Você tem que ver,” ela explicou, mancando até seu capão; segurando as rédeas de todos os três cavalos, ela se ergueu dolorosamente. Sem um som, mas Elayne sentiu a agonia. “Faz o que precisa ser feito e deixa onde estamos indo para mim.” Os cavalos saltaram para longe, talvez tanto pela ânsia de ir embora quanto pelo calcanhar de Birgitte no flanco de sua própria montaria.

Elayne agarrou-se ao cano alto de sua sela com a mesma severidade que fazia com a trama, por assim dizer. O cavalo a galope atirou-a de um lado para o outro, e tudo o que ela podia fazer era permanecer na sela. Aviendha usou o cantil de sua sela como suporte para se manter em pé; sua boca estava aberta, sugando o ar, e seus olhos pareciam vidrados. O brilho a cercava, porém, e aquele fluxo de bolas de fogo continuava. Não tão rápido quanto antes, é verdade, e algumas dispararam para longe do portão, deixando rastros de chamas pela grama ou explodindo no chão além, mas elas ainda se formavam e voavam. Elayne tomou força, obrigou-se a tomar força; se Aviendha podia continuar quando parecia prestes a cair de cara, ela também podia.

A galope, o portão começou a diminuir, a grama marrom se estendendo entre elas e a abertura, e então o chão estava inclinado para cima. Elas estavam subindo o morro! Birgitte tinha novamente a flecha no arco, toda focada, lutando contra a agonia em suas pernas, incitando seus cavalos a mais velocidade. Tudo o que elas tinham que fazer era alcançar o cume, alcançar o outro lado.

Com um suspiro, Aviendha caiu sobre os cotovelos, quicando na sela como um saco solto; a luz de *saidar* cintilou ao redor dela e se foi. "Eu não posso", ela ofegou. "Não posso." Isso foi tudo o que ela conseguiu dizer. Os soldados Seanchan começaram a saltar para o prado quase assim que a chuva de fogo cessou.

"Está tudo bem", Elayne conseguiu dizer. Sua garganta era areia; toda a umidade que havia nela agora revestia sua pele e encharcava suas roupas. "Usar um *angreal* é cansativo. Você fez bem, e eles não podem nos pegar agora.

Como que para zombar dela, uma *sul'dam* apareceu no prado abaixo; mesmo a meia milha não havia como confundir as duas mulheres. O sol, baixo no oeste, ainda brilhava no *a'dam* que as ligava. Outro par se juntou a elas, depois um terceiro e um quarto. Um quinto.

"O cume!" Birgitte gritou alegremente. "Conseguimos! Um bom vinho e um homem bem preparado esta noite!"

Na campina, uma *sul'dam* apontava, e o tempo parecia desacelerar para Elayne. O brilho do Poder Único brotou ao redor da *damane* da mulher. Elayne podia ver a trama se formando. Ela sabia o que era. E não havia como detê-la. "Mais rápido!" ela gritou. A blindagem a atingiu. Deveria ter sido mais forte para isso —deveria ter sido! — mas exausta como estava, mal se agarrando a *saidar* como estava, houve uma divisão entre ela e a Fonte. Lá embaixo no prado, a trama que tinha sido um portal caiu sobre si mesma. Abatida, parecendo que não poderia se mover, Aviendha se lançou de sua sela em Elayne, carregando as duas. Elayne só teve tempo de ver a encosta distante da colina abaixo dela enquanto caía.

O ar ficou branco, bloqueando sua visão. Havia som — ela sabia que havia som, um grande rugido — mas estava além do ouvido. Algo a atingiu, como se ela tivesse caído de um telhado em um pavimento duro, do topo de uma torre.

Seus olhos se abriram, olhando para o céu. O céu parecia, de alguma forma estranho, embaçado. Por um momento, ela não conseguiu se mover, e quando o fez, engasgou. Estava machucada em todos os lugares. Ah, Luz, isso doeu! Lentamente, levou a mão ao rosto; seus dedos ficaram vermelhos. Sangue. As outras. Tinha que ajudar as outras. Podia sentir Birgitte, sentir uma dor tão forte quanto a que a dominava, mas pelo menos Birgitte estava viva. E determinada, e aparentemente irritada; ela não poderia se machucar muito. Avhienda.

Com um soluço, Elayne rolou, em seguida, empurrou as mãos e joelhos, a cabeça girando, a agonia esfaqueando seu lado. Vagamente, ela se lembrou de que mover-se com uma única costela quebrada poderia ser perigoso, mas o pensamento era tão nebuloso quanto a encosta da colina. Pensar parecia... difícil. Piscar parecia ajudar sua visão, no entanto. Um pouco. Estava quase no pé da colina! Bem acima, uma névoa de fumaça subia do prado abaixo. Sem importância, agora. Não era importante.

Trinta passos encosta acima, Aviendha também estava de quatro, quase caindo quando levantou a mão para limpar o sangue que escorria pelo rosto, mas procurando ansiosamente. Seu olhar caiu sobre Elayne, e ela congelou, olhando. Elayne se perguntou quão mal ela estava. Certamente não pior do que a própria Aviendha; metade da saia da outra mulher tinha desaparecido, seu corpete quase rasgado, e em todos os lugares que a pele aparecia, parecia haver sangue.

Elayne rastejou até ela. Com a cabeça, parecia muito mais fácil do que tentar ficar de pé e andar. Quando se aproximou, Aviendha deu um suspiro de alívio.

"Você está bem", disse ela, tocando os dedos ensanguentados na bochecha de Elayne. "Eu estava com tanto medo. Tanto medo."

Elayne piscou surpresa. O que podia ver de si mesma parecia tão ruim quanto Aviendha. Suas próprias saias permaneceram intactas,

mas metade de seu corpete foi arrancado inteiramente, e ela parecia estar sangrando de duas dúzias de cortes. Então aquilo a atingiu. Ela não estava exaurida. Estremeceu com o pensamento. “Nós duas estamos bem,” ela disse suavemente.

Bem de lado, Birgitte limpou o canivete na crina do capão de Aviendha e se endireitou do cavalo imóvel. Seu braço direito estava pendurado, seu casaco havia sumido, junto com uma bota, e o resto de suas roupas rasgadas; tanto sangue manchava sua pele e roupas quanto qualquer uma delas. A flecha da besta que se projetava de sua coxa parecia ser o pior de seus ferimentos, mas o resto certamente era tão ruim quanto. “A coluna dele estava quebrada,” ela disse, gesticulando para o cavalo a seus pés. “O meu está bem, eu acho, mas a última vez que o vi, ele estava pronto para ganhar a Coroa de Megairil. Sempre pensei que ele tinha uma boa de velocidade. Lioness.” Ela deu de ombros, e estremeceu. “Elayne, Lioness estava morta quando a encontrei. Eu sinto muito.”

“Estamos vivas”, disse Elayne com firmeza, “e é isso que importa.” Ela choraria por Lioness mais tarde. A fumaça acima do topo da colina não era espessa, mas subia por uma área ampla. “Quero ver exatamente o que foi que eu fiz.”

Foi preciso agarrar-se uma a outra para que as três ficassem de pé, e subir a encosta foi um esforço de arquejos e gemidos, mesmo de Aviendha. Elas soavam como se tivessem sido derrotadas a um centímetro de perder suas vidas — o que Elayne supôs que tinham sido — e pareciam ter chafurdado em um açougue. Aviendha ainda carregava o *angreal* apertado em seu punho, mas mesmo que ela ou Elayne tivessem possuído mais do que seu pequeno Talento de Cura, nenhuma delas poderia ter conseguido abraçar a Fonte, muito menos canalizar. No topo da colina, elas ficaram encostados uma na outra e olharam para a devastação.

O fogo circundava o prado, mas o coração dele estava enegrecido, fumegante e limpo até mesmo de pedregulhos. Metade das árvores

nas encostas ao redor estava quebrada ou inclinada para longe do prado. Falcões começaram a aparecer, cavalgando o ar quente que subia do fogo; falcões muitas vezes caçavam assim, procurando pequenos animais perseguidos ao ar livre pelas chamas. Do Seanchan não havia sinal. Elayne desejou que houvesse corpos, para ter certeza de que estavam todos mortos. Especialmente de todas as *sul'dam*. Olhando para o chão queimado e fumegante, no entanto, ela de repente ficou feliz por não haver evidências. Tinha sido uma maneira terrível de morrer. *A Luz tenha piedade de suas almas*, ela pensou. *De todas as suas almas*.

“Bem,” ela disse em voz alta, “eu não me saí tão bem quanto você, Aviendha, mas acho que foi melhor assim, considerando tudo. Vou tentar fazer melhor da próxima vez.”

Aviendha olhou para ela de lado. Havia um corte em sua bochecha e outro em sua testa, assim como um longo que abria seu couro cabeludo. “Você se saiu muito melhor do que eu, para uma primeira tentativa. Deram-me um simples nó amarrado em um fluxo de vento pela primeira vez. Levei cinquenta tentativas para desfazer até mesmo isso sem ter um trovão na minha cara, ou um golpe que fez meus ouvidos zumbirem.”

“Acho que deveria ter começado com algo mais simples”, disse Elayne. “Tenho o hábito de pular por cima da minha cabeça.” Por cima da cabeça dela? Havia saltado antes de olhar para ver se havia água! Ela sufocou uma risada, mas não antes de sentir uma pontada em seu lado. Então, em vez de rir, ela gemeu entre os dentes. Pensou que alguns deles poderiam estar soltos. “Pelo menos encontramos uma nova arma. Talvez eu não devesse estar feliz com isso, mas com os Seanchan de volta, estou.”

“Você não entende, Elayne.” Aviendha apontou para o centro do prado, onde ficava o portão. “Isso poderia não ter sido mais do que um flash de luz, ou até menos. Você não pode garantir até que

aconteça. Um flash de luz vale o risco de exaurir você e todas as mulheres mais próximas a você do que cem passos ou mais?"

Elayne olhou para ela. Ela tinha ficado sabendo disso? Arriscar sua vida era uma coisa, mas arriscar perder a capacidade de canalizar... "Quero que nos adotemos como primeiras irmãs, Aviendha. Assim que encontrarmos Sábias." O que elas deveriam fazer com Rand, ela não podia imaginar. A própria ideia de que ambas iriam se casar com ele — e Min também! — era pior do que ridícula. Mas disso, ela tinha certeza. "Não preciso saber mais sobre você. Quero ser sua irmã." Gentilmente, ela beijou a bochecha manchada de sangue de Aviendha.

Ela só tinha pensado que Aviendha havia corado ferozmente antes. Mesmo os amantes Aiel não se beijavam onde qualquer um pudesse ver. Pores do sol ardentes empalideceram ao lado do rosto de Aviendha. "Eu quero você como minha irmã, também," ela murmurou. Engolindo em seco — e olhando para Birgitte, que fingia ignorá-las — ela se inclinou e rapidamente pressionou os lábios na bochecha de Elayne. Elayne a amava tanto por aquele gesto quanto pelo resto.

Birgitte estava olhando para trás delas, por cima do ombro, e talvez não estivesse fingindo, afinal, porque de repente disse: "Alguém está vindo. Lan e Nynaeve, a menos que eu tenha errado meu palpite."

Desajeitadamente, elas se viraram, mancando, tropeçando e gemendo. Parecia bastante ridículo; heróis em histórias nunca se machucavam, então elas mal conseguiam ficar de pé. Ao longe, ao norte, dois cavaleiros apareceram brevemente por entre as árvores. Brevemente, mas o suficiente para distinguir um homem alto em um cavalo alto, galopando com força, e uma mulher em um animal mais baixo correndo com a mesma força ao seu lado. Cautelosamente, as três se sentaram para esperar. Essa era outra coisa que os heróis das histórias nunca faziam, pensou Elayne com um suspiro. Esperava

poder ser uma rainha que deixasse sua mãe orgulhosa, mas estava claro que ela nunca seria uma heroína.

Chulein moveu levemente as rédeas, e Segani inclinou suavemente, girando em uma asa com nervuras. Ele era um libertino bem treinado, rápido e ágil, seu favorito, embora ela tivesse que compartilhar o voo dele. Sempre havia mais *morat'raken* do que *raken*; um fato da vida. Lá embaixo, na fazenda, bolas de fogo saltavam do ar, aparentemente, espalhando-se em todas as direções. Ela tentou não prestar atenção; seu trabalho era ficar de olho nos problemas que se aproximavam da área ao redor da fazenda. Pelo menos a fumaça parou de subir de onde Tauan e Macu morreram no olival.

A mil passos acima do solo, ela tinha uma visão muito longa. Todos os outros rakes estavam explorando o campo; qualquer mulher que corresse seria marcada para ser verificada, para ver se era uma das que causaram toda a excitação, embora a verdade seja certa, qualquer pessoa nestas terras que visse um rake no ar provavelmente correria. Tudo o que Chulein tinha que fazer era observar a aproximação de problemas aqui. Desejou não sentir uma coceira entre as omoplatas; sempre significava que o problema estava a caminho. O vento do voo de Segani não era ruim nessa velocidade, mas ela puxou o cordão do capuz de linho encerado mais apertado sob o queixo, testou as tiras de couro que a seguravam na sela, ajustou os óculos de cristal, ajustou as manoplas.

Mais de cem Punhos do Paraíso já estavam no chão, e mais importante, seis *sul'dam* com *damane* e outra dúzia carregando bolsas de ombro cheias de *a'dam* sobressalentes. O segundo vôo estaria subindo das colinas ao sul com reforços. Melhor se mais tivessem vindo no primeiro ataque, mas havia poucos o suficiente para se juntar com os Hailene, e havia fortes rumores de que muitos deles tinham recebido a tarefa de transportar a Grã-Senhora Suroth

e toda a sua comitiva de Amadicia. Era ruim pensar mal do Sangue, mas ela desejava que mais *to'raken* tivessem sido enviados para Ebou Dar. Nenhum *morat'raken* poderia pensar bem no enorme e desajeitado *to'raken*, adequado apenas para carregar fardos, mas eles poderiam ter colocado mais Punhos do Céu no chão mais rápido, mais *sul'dam*.

"Rumores dizem que há centenas de *marath'damane* lá embaixo," Eliya disse em voz alta contra suas costas. No céu, você tinha que falar alto, por cima da rajada de vento. "Você sabe o que vou fazer com minha parte do ouro? Comprar uma pousada. Esta Ebou Dar parece um lugar provável, o que eu vi dela. Talvez eu até encontre um marido. Ter filhos. O que você acha disso?"

Chulein sorriu por trás de seu lenço de vento. Todos os voadores falavam em comprar uma pousada — ou uma taverna, às vezes uma fazenda — mas quem poderia deixar o céu? Ela deu um tapinha na base do pescoço longo e coriáceo de Segani. Todas as mulheres voadoras — três em cada quatro eram mulheres — falavam de marido e filhos, mas filhos também significavam o fim dos voos. Mais mulheres deixaram os Punhos do Céu em um mês do que deixaram o céu em meio ano.

"Acho que você deveria manter os olhos abertos", disse ela. Mas não havia mal nenhum em uma pequena conversa. Ela poderia ter visto uma criança se movendo nos olivais abaixo, qualquer coisa que pudesse ameaçar Punhos do Céu. Os soldados com armadura mais leve, eles eram quase tão duros quanto a Guarda Vigia da Morte; alguns diziam ser mais duros. "Vou usar minha parte para comprar uma *damane* e contratar uma *sul'dam*." Se houvesse metade das *marath'damane* lá embaixo que diziam os rumores, sua parte compraria duas *damane*. Três! "Uma *damane* treinada para fazer Lues no Céu. Quando eu deixar o céu, serei tão rica quanto um dos de Sangue." Eles tinham algo chamado "fogos de artifício" aqui — ela tinha visto alguns caras tentando em vão interessar o Sangue em Tanchico — mas quem assistiria uma coisa tão lamentável em

comparação com as Luzes do Céu? Aqueles sujeitos tinham sido empacotados e jogados na estrada fora da cidade.

"A Fazenda!" Eliya gritou, e de repente algo atingiu Segani com força, mais forte do que a pior rajada de tempestade que Chulein já sentira, derrubando-o asa sobre asa.

O *rake* mergulhou, gritando seu grito estridente, girando tão rápido que Chulein foi puxada com força contra suas correias de segurança. Ela apoiou as mãos nas coxas, tensas nas rédeas, mas ainda segurando. Segani tinha que sair disso sozinho; qualquer movimento nas rédeas só o atrapalharia. Rolando como uma roda solta, eles caíram. *Morat'raken* foram ensinados a não olhar para o chão se um *rake* caísse, qualquer que fosse o motivo, mas ela não podia deixar de estimar sua altura toda vez que um tombo como um chicote trazia o chão à vista. Oitocentos passos. Seiscentos. Quatro. Dois. Que Luz iluminasse sua alma, e a infinita misericórdia do Criador a protegesse de—

Com um estalar de suas asas largas que a empurraram para o lado e sacudiram seus dentes, Segani nivelou-se, as pontas de suas asas roçando as copas das árvores enquanto desciam. Com uma calma nascida do treinamento duro, ela verificou o movimento de suas asas por tensão. Nada, mas ela faria um *der'morat'raken* examiná-lo minuciosamente de qualquer maneira. Uma coisinha que pudesse escorregar por seus olhos não escaparia de um mestre.

"Parece que escapamos da Dama das Sombras mais uma vez, Eliya." Virando-se para olhar por cima do ombro, ela deixou suas palavras desaparecerem. Um pedaço de tira de segurança quebrada saiu do assento vazio atrás dela. Todos os voadores sabiam que a Senhora esperava no final da longa queda, mas saber nunca tornava mais fácil ver.

Oferecendo uma rápida oração pelos mortos, ela se empurrou firmemente de volta ao dever e incitou Segani a subir. Uma subida lenta e em espiral, para o caso de alguma tensão oculta, mas tão

rápida quanto ela julgava seguro. Talvez um pouco mais rápido do que seguro. A fumaça subindo além da colina nodosa à frente a fez franzir a testa, mas o que ela viu ao passar pelo cume secou sua boca. Suas mãos pararam nas rédeas, e Segani continuou a subir em movimentos poderosos de suas asas.

A fazenda... se foi. As fundações limpavam os prédios brancos que estavam sobre eles, as grandes estruturas construídas em uma encosta esmagada por montes de escombros. Se foi. Tudo estava enegrecido e queimado. O fogo assolou a vegetação rasteira das encostas e formou leques de cem passos para dentro dos olivais e da floresta, estendendo-se dos espaços entre as colinas. Mais além, havia árvores quebradas por mais cem passos ou mais, todas afastadas da fazenda. Ela nunca tinha visto nada parecido. Nada poderia estar vivo lá embaixo. Nada poderia ter sobrevivido a isso. Fosse o que fosse.

Rapidamente ela voltou a si e virou Segani para o sul. Ao longe, ela conseguia distinguir os *'rakens*, cada um lotado com uma dúzia de Punhos do Paraíso nessa curta distância, Punhos do Paraíso e *sul'dam*, chegando tarde demais. Começou a compor seu relatório mentalmente; certamente não havia mais ninguém para fazer um. Todos diziam que esta era uma terra cheia de *marath'damane* esperando para serem encoleiradas, mas com essa nova arma, essas mulheres que se chamavam Aes Sedai eram um verdadeiro perigo. Algo precisava ser feito a respeito delas, algo decisivo. Talvez, se a Alta Dama Suroth estivesse a caminho de Ebou Dar, ela também visse a necessidade.



CAPÍTULO

7



Um curral

O céu de Ghealdanin estava sem nuvens, as colinas arborizadas marteladas por um sol forte da manhã. Mesmo antes do meio-dia, a terra suave. Pinheiros e folhas de couro estavam amarelando na seca, e outros Perrin suspeitava que fossem sempre-vivas. Nem um sussurro de ar se moveu. O suor escorria por seu rosto, escorria pela barba curta. Seu cabelo encaracolado estava emaranhado em sua cabeça. Ele pensou ter ouvido trovões em algum lugar a oeste, mas quase parou de acreditar que voltaria a chover. Devia martelar o ferro que estava em sua bigorna em vez de sonhar acordado em trabalhar prata.

Do ponto de vista de seu cume escassamente arborizado, ele estudou a cidade murada de Bethal através de um espelho emoldurado em latão. Até seus olhos poderiam precisar de ajuda a essa distância. Era uma cidade de bom tamanho de prédios com telhados de ardósia, com meia dúzia de estruturas altas de pedra que poderiam ser palácios de nobres menores ou casas de comerciantes abastados. Ele não conseguia distinguir a bandeira escarlate pendurada frouxamente no topo da torre mais alta do maior palácio, a única bandeira à vista, mas sabia a quem pertencia.

Alliandre Maritha Kigarin, Rainha de Ghealdan, longe de sua capital em Jehannah.

Os portões da cidade estavam abertos, com uns bons vinte guardas em cada um, mas ninguém saía, e as estradas que ele podia ver estavam vazias, exceto por um cavaleiro solitário galopando a passo forte em direção a Bethal, vindo do norte. Os soldados estavam no limite, algumas lanças ou arcos se movendo ao ver o cavaleiro como se ele acenasse com uma espada pingando sangue. Mais soldados de guarda lotavam as torres da muralha ou marchavam pelas muralhas entre elas. Muitas flechas encaixadas lá em cima também, e bestas levantadas. Muito medo.

Uma tempestade varreu esta parte de Ghealdan. E ainda varria. Os bandos do Profeta criaram o caos, os bandidos se aproveitaram e os Mantos Brancos, invadindo a fronteira de Amadicia, podiam facilmente chegar até ali. Algumas colunas de fumaça espalhadas mais ao sul provavelmente marcavam fazendas em chamas, trabalho dos Mantos Brancos ou do Profeta. Os bandidos raramente se preocupavam em queimar, e os outros dois deixavam pouco para eles de qualquer forma. Somando-se à confusão, rumores em todas as aldeias por onde passou nos últimos dias diziam que Amador havia caído, para o Profeta ou taraboneses ou Aes Sedai, dependendo de quem contava a história. Alguns alegavam que o próprio Pedron Niall havia sido morto na luta para defender a cidade. Em suma, era razão suficiente para uma rainha se preocupar com sua própria segurança. Ou os soldados podiam estar lá embaixo por causa dele. Apesar de seus melhores esforços, sua passagem para o sul dificilmente passou despercebida.

Ele coçou a barba, considerando. Uma pena que os lobos nas colinas ao redor não pudessem lhe dizer nada, mas raramente prestavam atenção aos atos dos homens, exceto para ficar longe deles. E desde Poços de Dumai, ele não se sentia bem em pedir mais deles do que o absolutamente necessário. Afinal, talvez fosse melhor

se ele entrasse sozinho, com apenas alguns dos homens de Dois Rios.

Muitas vezes, achava que Faile podia ler sua mente, geralmente quando ele menos queria, e ela provou isso agora, aproximando sua égua negra como a noite, Andorinha, perto de seu burro. Seu vestido de montaria de saia estreita era quase tão escuro quanto a égua, mas ela parecia estar aguentando o calor melhor do que ele. Ela cheirava levemente a sabonete de ervas e suor limpo, a si mesma. A determinação. Seus olhos inclinados eram muito determinados e, com seu nariz ousado, ela era muito seu falcão homônimo.

“Eu não gostaria de ver buracos nesse belo casaco azul, marido,” ela disse suavemente, só para os ouvidos dele, “e esses caras parecem que vão atirar em um grupo de homens estranhos antes de perguntar quem eles são. Além disso, como você chegará a Alliandre sem anunciar seu nome ao mundo? Isso deve ser feito em silêncio, lembre-se.” Ela não disse que deveria ser ela a ir, que os guardas do portão veriam uma mulher sozinha com refugiada dos problemas, que ela poderia falar com a rainha usando o nome de sua mãe sem provocar muitos comentários, mas ela não precisava. Ele ouviu tudo isso e mais dela todas as noites desde que entrou em Ghealdan. Estava aqui em parte por causa da carta cautelosa de Alliandre para Rand, oferecendo... Apoio? Fidelidade? Seu desejo de segredo tinha sido primordial, em todo caso.

Perrin duvidava que mesmo Aram, sentado em seu cavalo cinza de pernas compridas alguns passos atrás deles, pudesse ter ouvido uma palavra que Faile disse, mas antes que ela terminasse de falar, Berelain trouxe sua égua branca para o outro lado, suor brilhando em suas bochechas. Ela também cheirava a determinação, através de uma nuvem de perfume de rosas. Para ele, parecia uma nuvem. Para um passante, seu vestido de montaria verde não mostrava mais carne do que deveria.

Os dois companheiros de Berelain ficaram para trás, embora Annoura, sua conselheira Aes Sedai, o estudasse com uma expressão ilegível por baixo de sua touca de finas tranças de contas na altura dos ombros. Não ele e as duas mulheres ao seu lado; ele em particular. Sem suar. Desejou estar perto o suficiente para sentir o cheiro da irmã Cinza de nariz pontudo; ao contrário das outras Aes Sedai, ela não fizera promessas a ninguém. Para o que quer que essas promessas valessem. Lord Gallenne, comandante dos Guardas Alados de Berelain, estava aparentemente ocupado examinando Bethal através de um espelho levantado em seu único olho, e mexer nas rédeas de uma maneira que Perrin sabia que significava que ele estava mergulhado em cálculos. Provavelmente como tomar Bethal à força; Gallenne sempre via a pior possibilidade primeiro.

“Ainda acho que deveria ser eu a abordar Alliandre”, disse Berelain. Isso, também, Perrin ouvia todos os dias. “É por isso que eu vim, afinal.” Esse foi um dos motivos. “Annoura receberá uma audiência imediatamente, e me acolherá com ninguém mais sábio, exceto Alliandre.” Um segundo pensamento. Não havia uma pitada de flerte em sua voz. Ela parecia estar prestando tanta atenção em alisar suas luvas de couro vermelhas quanto nele.

Qual delas? O problema era que ele também não queria escolher.

Seonid, a segunda Aes Sedai que havia chegado ao cume, estava ao lado de seu capão um pouco distante, perto de um bosque alto e murcho pela seca, olhando não para Bethal, mas para o céu. As duas Sábias de olhos claros com ela faziam um contraste nítido, rostos escuros de sol contra sua tez pálida, cabelos louros contra os escuros dela, altas enquanto era baixa, sem falar nas saias escuras e blusas brancas contrastando com sua fina lã azul. Colares e pulseiras de ouro, prata e marfim cobriam Edarra e Nevarin, enquanto Seonid usava apenas seu anel da Grande Serpente. Elas eram jovens enquanto ela parecia sem idade. As Sábias igualavam a irmã Verde em autocontrole, porém, e também estudavam o céu.

"Vocês vêem alguma coisa?" Perrin perguntou, adiando a decisão.

"Nós vemos o céu, Perrin Aybara," Edarra disse calmamente, suas joias fazendo um barulho suave enquanto ela ajustava o xale escuro enrolado em seus cotovelos. O calor parecia tocar a Aiel tão pouco quanto a Aes Sedai. "Se víssemos mais, contaríamos a você." Ele esperava que sim. Pensou que elas iriam. Pelo menos, se fosse algo que elas acreditassem que Grady e Neald também veriam. Os dois *Asha'man* não iriam manter nada em segredo. Ele desejou que eles estivessem lá em vez de no acampamento.

Há mais de meia semana, agora, um laço do Poder Único riscando o céu havia causado grande alvoroço entre as Aes Sedai e Sábias. E em Grady e Neald. Esse fato causou um rebuliço ainda maior, o mais próximo do pânico que qualquer Aes Sedai poderia chegar. *Asha'man*, Aes Sedai e Sábias afirmavam que ainda podiam sentir o Poder levemente no ar muito depois que aquela trama desapareceu, mas ninguém sabia o que isso significava. Neald disse que isso o fazia pensar em vento, embora não soubesse dizer por quê. Ninguém opinaria mais do que isso, mas se as metades masculina e feminina do Poder eram visíveis, tinha que ser os Abandonados em ação, e em grande escala. Imaginar o que eles estavam fazendo manteve Perrin acordado até tarde na maioria das noites desde então.

A despeito de si mesmo, ele olhou para o céu. E não viu nada, é claro, exceto um par de pombos. Abruptamente, um falcão apareceu em sua visão, e um dos pombos desapareceu em um jato de penas. O outro voou freneticamente em direção a Bethal.

"Você chegou a uma decisão, Perrin Aybara?" Nevarin perguntou, com um toque brusco. A Sábua de olhos verdes parecia ainda mais jovem que Edarra, talvez não mais velha que ele, e não tinha a serenidade da mulher de olhos azuis. Seu xale deslizou por seus braços quando ela plantou as mãos nos quadris, e ele meio que esperava que ela sacudisse um dedo para ele. Ou um punho. Ela o lembrava de Nynaeve, embora certamente não se parecessem em

nada. Nevarin teria feito Nynaeve parecer gorda. “Para que serve nosso conselho se você não quer ouvir?” ela exigiu. “Para que serve?”

Faile e Berelain estavam sentadas eretas em suas selas, ambas tão orgulhosas quanto podiam estar, ambas cheirando a expectativa e incertas ao mesmo tempo. E irritadas por estarem incertas; nenhuma gostava daquela parte. Seonid estava muito longe para enviar seu cheiro, mas lábios comprimidos mostravam seu humor bem o suficiente. A ordem de Edarra para não falar a menos que falassem com ela a enfureceu. Ainda assim, ela certamente queria que ele aceitasse o conselho dos Sábias; ela o encarou atentamente, como se a pressão de seus olhos pudesse empurrá-lo para o caminho que elas queriam que ele fosse. Na verdade, ele queria escolher, mas hesitou. Até que ponto o juramento de fidelidade dela a Rand realmente valia? Mais do que ele teria acreditado, pelas evidências vistas até agora, mas ainda assim, até que ponto ele poderia confiar em uma Aes Sedai? A chegada dos dois Guardiões de Seonid o poupou por mais alguns minutos.

Eles subiram juntos, embora tivessem saído separadamente, mantendo seus cavalos bem atrás das árvores ao longo do cume para que não fossem vistos da cidade. Furen era um taireno, quase tão escuro quanto terra boa, com cinza riscando seu cabelo preto encaracolado, enquanto Teryl, um murandiano, era vinte anos mais novo, com cabelos ruivos escuros, bigodes encaracolados e olhos mais azuis que os de Edarra, mas estavam marcados no mesmo molde, altos e magros e duros. Eles desmontaram suavemente, as capas mudando de cor e desaparecendo de uma maneira enjoativa, e fizeram seus relatórios para Seonid, ignorando deliberadamente as Sábias. E Perrin.

“É pior do que no norte,” Furen disse com desgosto. Algumas gotas de suor escorriam em sua testa, mas nenhum dos dois parecia muito afetado pelo calor. “Os nobres locais estão trancados em suas mansões ou na cidade, e os soldados da rainha ficam dentro dos

muros da cidade. Eles abandonaram o campo para os homens do Profeta. E os bandidos, embora pareçam escassos por aqui. O povo do Profeta está por toda parte. Acho que Alliandre ficará feliz em vê-lo.

“Rabble,” Teryl bufou, batendo as rédeas na palma da mão. “Nunca vi mais de quinze ou vinte em um só lugar, armados principalmente com forcados e lanças de javali. Esfarrapados como mendigos, eles eram. Adequado para assustar os fazendeiros, com certeza, mas você pensaria que os senhores os estariam erradicando e pendurando-os em cachos. A rainha vai beijar sua mão para ver uma irmã.”

Seonid abriu a boca, então olhou para Edarra, que assentiu. Mais do que tudo, ganhar permissão para falar apertou ainda mais a boca da Verde. Seu tom era suave como manteiga, no entanto. “Não há mais razão para adiar sua decisão, Lorde Aybara.” Ela enfatizou um pouco esse título, sabendo exatamente o quanto ele tinha direito a ele. “Sua esposa pode reivindicar uma grande Casa, e Berelain é um governante, mas as Casas Saldeianas contam pouco aqui, e Mayene é a menor das nações. Uma Aes Sedai como emissária colocará o peso da Torre Branca atrás de você nos olhos de Alliandre.” Talvez lembrando que Annoura faria isso tão bem quanto ela, ela se apressou. “Além disso, já estive em Ghealdan antes e meu nome é bem conhecido. Alliandre não só vai me receber imediatamente, ela vai ouvir o que eu digo.”

“Nevarin e eu iremos com ela”, disse Edarra, e Nevarin acrescentou: “Vamos nos certificar de que ela não diga nada que não deva.” Seonid rangeu os dentes audivelmente, para os ouvidos de Perrin, e se ocupou em alisar as saias divididas, os olhos cuidadosamente para baixo. Annoura fez um som, quase um grunhido, e desviou a cabeça da visão; ela mesma se afastava das Sábias e não gostava de ver as outras irmãs com elas.

Perrin queria gemer. Enviar a Verde o livraria de um prego, mas as Sábias confiavam menos em Aes Sedai do que ele e mantinham Seonid e Masuri em coleiras curtas. Também havia histórias sobre Aiel nas aldeias recentemente. Nenhuma daquelas pessoas jamais tinha visto um Aiel, mas rumores sobre os Aiel seguindo o Dragão Renascido fluíam no ar, metade de Ghealdan tinha certeza de que havia Aiel a apenas um ou dois dias de distância, e cada história era mais estranha e mais horrível que a anterior. Alliandre poderia ficar com muito medo de deixá-lo chegar perto dela quando visse um par de mulheres Aiel dizendo a uma Aes Sedai quando pular. E Seonid estava pulando, por mais que rangesse os dentes! Bem, ele não estava disposto a arriscar Faile sem mais segurança de sua saudação do que uma carta vagamente recebida meses atrás. Aquele espinho cavava mais fundo, bem entre suas omoplatas, mas ele não tinha escolha.

“Um grupo pequeno passará por esses portões mais facilmente do que um grande,” ele disse finalmente, enfiando o espelho em seus alforjes. Isso faria com que menos línguas chicoteassem, também. “Isso significa apenas você e Annoura, Berelain. E talvez Lord Gallenne. Provavelmente vão pensar que é o Guardião de Annoura.”

Berelain gargalhou de prazer, inclinando-se para agarrar seu braço com as duas mãos. Ela não deixou por isso mesmo, é claro. Os dedos dela apertaram carinhosamente, e ela deu um sorriso acalorado de promessa, então se endireitou antes que ele pudesse se mover, seu rosto de repente inocente como o de um bebê. Inexpressiva, Faile concentrou-se em puxar suas luvas de montaria cinzas bem apertadas. Por seu cheiro, ela não havia notado o sorriso de Berelain. E escondeu bem sua decepção.

"Sinto muito, Faile", disse ele, "mas..."

A indignação brilhou no cheiro dela como espinhos. “Tenho certeza que você tem assuntos para discutir com a Primeira antes que ela vá, marido,” ela disse calmamente. Seus olhos inclinados

eram pura serenidade, seu cheiro de carrapichos de areia. “É melhor você cuidar dela agora.” Puxando Andorinha, Faile levou a égua até uma Seonid claramente furiosa e a Sábias de cara fechada, mas ela não desmontou nem falou com eles. Em vez disso, franziu a testa para Bethal, um falcão olhando de seu ninho.

Perrin percebeu que estava apalpando o nariz e baixou a mão. Não havia sangue, é claro; seu nariz apenas dava a sensação de que devesse haver.

Berelain não precisava de instruções de última hora — a Primeira de Mayene e sua conselheira Cinza estavam impacientes para partir, com certeza de que sabiam o que dizer e fazer —, mas Perrin enfatizou cautela de qualquer maneira e enfatizou que Berelain e apenas Berelain deviam falar com Alliandre. Annoura lançou-lhe um daqueles olhares frios de Aes Sedai e assentiu. O que podia ter sido um acordo ou não; ele duvidava que pudesse tirar mais dela com um pé de cabra. Os lábios de Berelain se curvaram em diversão, embora ela concordasse com tudo o que ele disse. Ou dissesse que sim. Ele suspeitava que ela diria qualquer coisa para conseguir o que queria, e aqueles sorrisos em todos os lugares errados o incomodavam. Gallenne havia guardado o espelho, mas ainda estava brincando com as rédeas, sem dúvida calculando como abrir uma saída de Bethal para as duas mulheres. Perrin queria rosnar.

Ele os observou cavalgando até a estrada com preocupação. A mensagem que Berelain trazia era simples. Rand entendeu a cautela de Alliandre, mas se ela queria sua proteção, ela deveria estar disposta a anunciar seu apoio abertamente. Essa proteção viria, soldados e *Asha'man* para deixar claro para todos, e até para o próprio Rand, se necessário, uma vez que ela concordasse em fazer o anúncio. Berelain não tinha motivos para mudar a mensagem nem um fio de cabelo, apesar de seus sorrisos — ele pensou que poderiam ser outra maneira de flertar — mas Annoura... Aes Sedai fazem o que fazem, e só a Luz sabia por que na metade do tempo. Ele

gostaria de saber alguma maneira de alcançar Alliandre sem usar uma irmã ou uma conversa estimulante. Ou arriscando Faile.

Os três cavaleiros chegaram aos portões com Annoura na liderança, e os guardas rapidamente ergueram lanças, baixaram arcos e bestas, sem dúvida assim que ela se nomeou Aes Sedai. Poucas pessoas tinham a coragem de contestar essa afirmação em particular. Mal houve uma pausa antes que ela estivesse liderando o caminho para a cidade. Na verdade, os soldados pareciam ansiosos para apressá-las, fora da vista de qualquer um que observasse das colinas. Alguns olhavam para as alturas distantes, e Perrin não precisava cheirá-los para sentir sua inquietação sobre quem poderia estar escondido lá em cima, quem poderia, provavelmente, ter reconhecido uma irmã.

Virando para o norte, em direção ao acampamento, Perrin liderou o caminho ao longo do cume até que eles estivessem fora de vista das torres de Bethal, então desceu para a estrada compactada. Fazendas espalhadas ladeavam a estrada, casas com telhados de palha e celeiros compridos e estreitos, pastagens murchas e campos de restolho e currais de pedra com muros altos, mas havia pouco gado à vista e ainda menos pessoas. Essas poucas observavam os cavaleiros com cautela, os gansos observando as raposas, parando as tarefas onde estavam até que os cavalos passassem. Aram manteve-se de olho neles em troca, às vezes tocando o punho da espada que se elevava acima de seu ombro, talvez desejando encontrar mais do que camponeses. Apesar de seu casaco listrado verde, o pequeno Latoeiro permaneceu nele.

Edarra e Nevarin caminhavam ao lado de Stepper, aparentemente dando um passeio, mas mantendo o ritmo com facilidade, apesar de suas saias volumosas. Seonid as acompanhou em seu capão, Furen e Teryl em sua cola. A Verde de bochechas pálidas fingiu que queria apenas cavalgar cuidadosamente dois passos atrás das Sábias, mas os homens fizeram uma careta aberta. Os Guardiões muitas vezes tinham mais cuidado com a dignidade de suas Aes Sedai do que a

própria irmã, e Aes Sedai tinham dignidade o suficiente para rainhas.

Faile manteve Andorinha do outro lado das mulheres Aiel, cavalgando em silêncio, aparentemente estudando a paisagem marcada pela seca. Magra e graciosa, ela fazia Perrin se sentir um pouco desajeitado na melhor das hipóteses. Ela era mercúrio, e ele adorava isso nela, geralmente, mas... Um leve sopro de ar começou a se agitar, o suficiente para manter seu cheiro misturado com o resto. Ele sabia que deveria estar pensando em Alliandre e qual seria a resposta dela, ou melhor ainda, no Profeta e em como encontrá-lo uma vez que Alliandre respondesse, como quer que ela o fizesse, mas não conseguia encontrar espaço em sua cabeça.

Esperava que Faile ficasse com raiva quando escolheu Berelain, mesmo que Rand supostamente a enviara com esse propósito. Faile sabia que não queria colocá-la em perigo, em qualquer risco de perigo, fato que ela detestava mais do que Berelain. No entanto, seu cheiro era suave como uma manhã de verão — até que ele tentou se desculpar! Bem, desculpas geralmente atiçavam sua raiva se ela já estivesse com raiva — exceto quando derretiam seu temperamento, de qualquer maneira — mas ela não estava com raiva! Sem Berelain, tudo corria suave como cetim de seda entre eles. A maior parte do tempo. Mas explicações de que ele não fez nada para encorajar a mulher — longe disso! — renderam apenas um breve “Claro que não!” em tons que o chamavam de tolo por trazer isso à tona. Mas ela ainda ficava brava — com ele! — toda vez que Berelain sorria para ele ou encontrava uma desculpa para tocá-lo, não importa o quão bruscamente ele a afastasse, e a Luz sabia que ele fazia isso. Além de amarrá-la, ele não sabia o que mais poderia fazer para desencorajá-la. Ginger tentou descobrir com Faile o que ele estava fazendo de errado e recebeu um leve “Por que você acha que fez alguma coisa?” ou um não tão leve “O que você acha que fez?” ou um simples “não quero falar sobre isso”. Ele estava fazendo algo errado,

mas não conseguia decifrar o quê! Tinha que decifrar, no entanto. Nada era mais importante do que Faile. Nada!

"Lorde Perrin?"

A voz excitada de Aram interrompeu seu estudo da Marrom. "Não me chame assim", ele murmurou, seguindo a direção do dedo apontado do homem, para outra fazenda abandonada a alguma distância à frente, onde o fogo havia levado o telhado da casa e do celeiro. Apenas paredes de pedra ásperas estavam de pé. Uma fazenda abandonada, mas não deserta. Gritos raivosos se ergueram ali.

Uma dúzia ou mais de sujeitos mal vestidos, carregando lanças e forcados, tentavam forçar a passagem por cima da parede de pedra de um curral, enquanto um punhado de homens no lado de dentro tentava mantê-los do lado de fora. Vários cavalos corriam soltos lá dentro, assustados com o barulho e se esquivando, e havia três mulheres montadas. No entanto, elas não estavam simplesmente esperando para ver como tudo terminaria; uma das mulheres parecia estar atirando pedras, e mesmo quando ele olhou, outra correu para perto da parede para golpear com um longo cacete enquanto a terceira empinava seu cavalo, e um sujeito alto caiu para trás da parede para se livrar do lampejo dos cascos. Mas havia muitos atacantes, muita parede para defender.

"Eu aconselho você a cavalgar bem longe," Seonid disse. Edarra e Nevarin viraram olhares sombrios para ela, mas ela continuou, a pressa dominando seu tom prático. "Esses são certamente os homens do Profeta, e matar seu povo é uma má maneira de começar. Dezenas de milhares, centenas de milhares, podem morrer se você falhar com ele. Vale a pena arriscar isso para salvar um punhado?"

Perrin não pretendia matar ninguém se pudesse evitar, mas também não pretendia fazer vista grossa. Ele não perdeu tempo em explicações, no entanto. "Você pode assustá-los?" perguntou a Edarra. "Apenas assustar?" Ele se lembrava muito bem do que as

Sábias haviam feito nos Poços de Dumai. E os *Asha'man*. Talvez Grady e Neald também não estivessem lá.

"Talvez", respondeu Edarra, estudando a multidão ao redor do celeiro. Ela meio que balançou a cabeça, encolheu os ombros uma fração. "Talvez." Isso teria que ser bom o suficiente.

"Aram, Furen, Teryl," ele retrucou, "comigo!" Ele cravou os calcanhares e, quando Stepper saltou para a frente, ficou aliviado ao ver os Guardiões o seguindo de perto. Quatro homens marchando fariam um show melhor do que dois. Ele manteve as mãos nas rédeas, longe do machado.

Não ficou tão satisfeito quando Faile galopou Andorinha ao lado dele. Abriu a boca, e ela arqueou uma sobrancelha para ele. Seu cabelo preto era lindo, esvoaçando ao vento em sua pressa. Ela era bonita. Uma sobrancelha arqueada; nada mais. Ele mudou o que estava prestes a dizer. "Guarde minha retaguarda," ele disse a ela. Sorrindo, ela tirou uma adaga de algum lugar. Com todas as lâminas que ela carregava escondidas, às vezes ele se perguntava como ele não era esfaqueado apenas tentando abraçá-la.

Assim que ela olhou para frente novamente, ele gesticulou freneticamente para Aram, tentando manter o movimento onde ela não podia ver. Aram acenou com a cabeça, mas estava inclinado para frente, espada desembainhada, pronto para espetar o primeiro povo do Profeta que alcançasse. Perrin esperava que o homem entendesse que ele deveria proteger a retaguarda de Faile, e o resto dela, se eles realmente enfrentassem aqueles caras.

Nenhum dos rufiões os havia notado ainda. Perrin gritou, mas eles pareciam não ouvir sobre seus próprios gritos. Um homem com um casaco grande demais para ele conseguiu escalar o muro, e outros dois pareciam prestes a passar. Se os Sábias iam fazer alguma coisa, já passava—

Um trovão quase sobre suas cabeças quase ensurdeceu Perrin, um estalo montanhoso que fez Stepper tropeçar antes de recuperar

o ritmo. Os atacantes certamente notaram isso, cambaleando e olhando ao redor descontroladamente, alguns batendo as mãos sobre os ouvidos. O homem na parede se desequilibrou e caiu do lado de fora. Ele saltou imediatamente, porém, gesticulando com raiva para o recinto, e alguns de seus companheiros pularam de volta para ele. Outros viram Perrin então e apontaram, suas bocas trabalhando, mas ainda assim ninguém correu. Algumas armas pesadas.

De repente, uma roda horizontal de fogo apareceu acima do curral, tão grande quanto um homem era alto, lançando tufos de chamas crepitantes enquanto girava com um gemido que subia e descia, um gemido triste que vinha e voltava.

Os homens maltrapilhos partiram em todas as direções como codornas espalhadas. Por mais um momento, o homem com um casaco muito grande acenou com os braços e gritou para eles, então, com um último olhar para a roda de fogo, ele também se afastou.

Perrin quase riu. Não teria que matar ninguém. E não teria que se preocupar com Faile com um forçado enfiado em suas costelas.

Aparentemente, as pessoas no curral estavam tão assustadas quanto as do lado de fora, pelo menos uma delas. A mulher que empinou seu cavalo para os atacantes abriu o portão e incitou sua montaria a um galope desajeitado. Para a estrada, longe de Perrin e dos outros.

"Espere!" gritou Perrin. "Nós não vamos prejudicá-la!" Se ela ouviu ou não, continuou chicoteando suas rédeas. Um pacote amarrado atrás de sua sela saltava descontroladamente. Aqueles homens podiam estar correndo o máximo que podiam agora, mas se ela saísse sozinha, até dois ou três poderiam causar mal a ela. Deitado no pescoço de Stepper, Perrin cravou os calcanhares, e o pardo disparou para a frente como uma flecha.

Ele era um homem grande, mas Stepper ganhou seu nome por mais do que os pés empinados. Além disso, por sua corrida pesada, a

montaria da mulher dificilmente serviria para uma sela. A cada passo, Stepper reduzia a distância, cada vez mais perto, até que Perrin conseguiu alcançar e agarrar a rédea do outro cavalo. De perto, seu baio de nariz de martelo era pouco melhor que isca de corvo, cansado e desgastado mais do que a curta corrida poderia explicar. Lentamente, ele parou os dois cavalos.

“Perdoe-me se a assustei, senhora,” ele disse. “Na verdade, eu não quero te fazer mal.”

Pela segunda vez naquele dia, um pedido de desculpas não teve a resposta que ele esperava. Olhos azuis furiosos o encararam de um rosto cercado por longos cachos ruivos dourados, um rosto tão régio quanto o de qualquer rainha, apesar de estar coberto de suor e poeira. Seu vestido era de lã simples, manchado de viagem e tão empoeirado quanto suas bochechas, mas seu rosto estava furioso, além de majestoso. “Eu não preciso,” ela começou em um tom frio, tentando libertar seu cavalo, então parou quando outra das mulheres, de cabelos brancos e ossudos, galopou em uma égua marrom em pior estado do que o baio. Elas estavam cavalgando duro por algum tempo, essas pessoas. A mulher mais velha estava tão desgastada e coberta de poeira quanto a mais jovem.

Ela alternava entre sorrir para Perrin e franzir o cenho para a mulher cuja rédea ele ainda segurava. “Obrigado, meu senhor.” A voz dela, fina mas forte, falhou quando ela notou os olhos dele, mas os olhos amarelos-dourados em um homem a retardaram apenas por um instante. Não era uma mulher que se perturbava por muito. Ela ainda carregava a vara robusta que estava usando como arma. “Um resgate muito oportuno. Maighdin, o que você estava pensando? Você poderia ter se matado! E ao resto de nós também! Ela é uma garota teimosa, meu senhor, sempre pulando antes de olhar. Lembre-se, criança, um tolo abandona os amigos e troca a prata por latão brilhante. Nós lhe agradecemos, meu senhor, e Maighdin também, quando ela voltar a si.”

Maighdin, uns bons dez anos mais velha que Perrin, só podia ser chamada de menina em comparação com a mulher mais velha, mas apesar das caretas cansadas que combinavam com seu cheiro, frustração tingida de raiva, ela aceitou o discurso, apenas puxando mais uma vez em uma tentativa desanimada de libertar seu cavalo, depois desistindo. Deixando as mãos descansarem no cantil, ela franziu a testa para Perrin acusadoramente, então piscou. Os olhos amarelos novamente. No entanto, apesar dessa estranheza, ela ainda não cheirava a medo. A velha sim, mas Perrin não achou que fosse dele.

Outro dos companheiros de Maighdin, um homem com a barba por fazer montado em mais um cavalo enlameado, este cinza de joelhos nodosos, aproximou-se enquanto a velha falava, mas recuou. Ele era alto, tão alto quanto Perrin, senão tão largo, em um casaco escuro gasto pela viagem com uma espada presa ao cinto. Como as mulheres, ele tinha uma trouxa amarrada atrás de sua sela. Uma pequena brisa rodou para trazer Perrin seu cheiro. Ele não estava com medo; estava cauteloso. E se a maneira como ele olhava para Maighdin era um guia, era dela que ele desconfiava. Talvez isso não fosse tão simples quanto resgatar viajantes de uma gangue de rufiões, afinal.

"Talvez vocês todos devessem vir ao meu acampamento," disse Perrin, finalmente soltando a rédea. "Vocês estarão a salvo de... bandidos... lá." Ele meio que esperava que Maighdin olhasse para a linha de árvores mais próxima, mas ela virou seu cavalo com o dele, de volta para o curral. Ela cheirava... resignada.

Mesmo assim, ela disse: "Agradeço a oferta, mas eu... nós... devemos continuar nossa jornada. Vamos continuar, Lini" acrescentou ela com firmeza, e a mulher mais velha franziu a testa para ela com tanta severidade que ele se perguntou se eram mãe e filha, apesar de ela usar o nome da mulher. Elas certamente não se pareciam em nada. Lini tinha o rosto estreito e a pele de

pergaminho, toda musculosa, enquanto Maighdin podia ser linda sob aquela poeira. Se um homem gostasse de cabelo claro.

Perrin olhou por cima do ombro para o homem que vinha atrás. Um sujeito de aparência dura, precisando de uma navalha. Talvez ele gostasse de cabelos claros. Talvez gostasse demais. Os homens causavam problemas para si mesmos e para os outros por esse motivo.

À frente, Faile estava sentada em Andorinha e espiava por cima da parede do cercado as pessoas lá dentro. Talvez uma delas tivesse se machucado. Seonid e os Sábias não estavam à vista. Aram tinha entendido, aparentemente; ele estava perto de Faile, embora olhando impaciente para Perrin. O perigo estava claramente passado, no entanto.

Antes que Perrin estivesse a meio caminho do curral, Teryl apareceu com um homem de olhos estreitos e barba por fazer cambaleando ao lado de seu ruão, a gola do casaco agarrada no punho do Guardião. “Achei que deveríamos pegar um deles,” Teryl disse com um sorriso duro. “Sempre é melhor ouvir os dois lados, seja lá o que você pensou que viu, meu velho pai sempre dizia.” Perrin ficou surpreso; ele havia pensado que Teryl não conseguia pensar além da ponta de sua espada.

Mesmo subindo como estava, o casaco puído do sujeito de barba por fazer era claramente grande demais para ele. Perrin duvidava que mais alguém pudesse ver bem à distância, mas também reconheceu aquele nariz empinado. Este homem tinha sido o último a correr, e agora também não estava intimidado. Seu escárnio absorveu a todos. “Vocês estão todos na lama, por isso”, ele murmurou. “Estávamos cumprindo as ordens do Profeta, estávamos. O Profeta diz que se um homem incomodar uma mulher porque não o quer, ele morre. Este grupo estava correndo atrás dela” – ele apontou o queixo para Maighdin – “e ela estava correndo muito. O Profeta vai ter suas orelhas!” Ele cuspiu para dar ênfase.

“Isso é ridículo,” Maighdin anunciou em uma voz clara. “Essas pessoas são minhas amigas. Este homem entendeu mal o que viu.”

Perrin assentiu, e se ela achava que ele estava concordando com ela, tudo bem. Mas colocar o que esse sujeito disse ao lado do que Lini tinha dito... Não era nada simples.

Faile e os outros se juntaram a eles, seguidos pelo resto dos companheiros de viagem de Maighdin, mais três homens e outra mulher, todos conduzindo cavalos desgastados com poucos quilômetros restantes. Não que eles tivessem sido excelentes cavalos em alguns anos, ou nunca. Uma coleção mais refinada de joelheiras, jarretes de proa, desordeiros e oscilantes, Perrin não conseguia se lembrar. Como sempre, seu olhar foi primeiro para Faile — suas narinas se esforçaram para sentir o cheiro dela — mas Seonid prendeu seus olhos. Afundada em sua sela, corando escarlate, ela usava uma carranca fechada, e seu rosto parecia estranho, suas bochechas inchadas e sua boca não totalmente fechada. Havia algo, um pouco de vermelho e azul... Perrin piscou. A menos que ele estivesse vendo coisas, ela tinha um cachecol amassado enfiado na boca! Aparentemente, quando as Sábias diziam a uma aprendiz para ficar quieta, mesmo uma aprendiz Aes Sedai, elas estavam falando sério.

Ele não era o único com olhos aguçados; A boca de Maighdin se abriu quando ela viu Seonid, e ela deu a ele um olhar longo e ponderado, como se ele fosse o responsável pelo lenço. Então ela conhecia uma Aes Sedai à primeira vista, não é? Incomum, para a mulher do campo que ela parecia. Ela não soava como uma, no entanto.

Furen, cavalgando atrás de Seonid, usava uma cabeça de trovão como rosto, mas foi Teryl quem tornou tudo ainda menos simples jogando algo no chão. “Encontrei isso atrás dele”, disse, “ele deve ter deixado cair, correndo.”

A princípio, Perrin não sabia o que estava olhando, um longo laço de couro cru amarrado com o que pareciam ser etiquetas de couro enrugado. Então soube, e seus dentes arreganharam em um rosnado. “O Profeta teria nossas orelhas, você disse.”

O homem de barba por fazer parou de olhar boquiaberto para Seonid e lambeu os lábios. “Isso... isso é trabalho de Hari!” ele protestou. “Hari é uma pessoa má. Ele gosta de contar, ganhar troféus e uh...” Encolhendo os ombros em seu casaco grande, ele afundou em si mesmo como um cachorro encurralado. “Você não pode amarrar isso a mim! O Profeta vai enforcá-lo se você me tocar! Ele já enforcou nobres antes, nobres senhores e senhoras. Eu ando na Luz do abençoado Lorde Dragão!”

Perrin levou Stepper até o homem, tomando cuidado para manter os cascos do pardo longe da... coisa... no chão. Ele não queria nada menos do que sentir o cheiro do sujeito em seu nariz, mas se abaixou, aproximando o rosto. Suor azedo guerreou com medo, pânico, um toque de raiva. Uma pena que ele não pudesse farejar a culpa. “Poderia ter caído” não foi “derrubado”. Os olhos fechados se arregalaram, e o homem se pressionou contra o capão de Teryl. Os olhos amarelos tinham seus usos.

“Se eu *pudesse* amarrar isso em você, você se enforcaria na árvore mais próxima,” ele rosnou. O sujeito piscou, começou a se animar ao entender o que aquilo significava, mas Perrin não lhe deu tempo de recuperar a bravura. “Sou Perrin Aybara, e seu precioso Lorde Dragão me enviou aqui. Você espalha a palavra. Ele me enviou, e se eu encontrar um homem com... troféus... ele é enforcado! Se eu encontrar um homem queimando uma fazenda, ele é enforcado! Se um de vocês me olhar estranho, é enforcado! E você pode dizer a Masema que eu disse isso também!” Desgostoso, Perrin se endireitou. “Deixe-o ir, Teryl. Se ele não estiver fora da minha vista em duas sacudidas...!”

A mão de Teryl se abriu e o sujeito saiu correndo para as árvores mais próximas, sem olhar para trás. Parte do desgosto de Perrin era por ele mesmo. Ameaçando! Se um deles olhasse para ele estranho? Mas se o homem sem nome não cortou as orelhas ele mesmo, ele assistiu e não fez nada.

Faile estava sorrindo, orgulho brilhando através do suor em seu rosto. Seu olhar apagou um pouco da repulsa de Perrin. Ele andaria descalço pelo fogo por aquele olhar.

Nem todos aprovaram, é claro. Os olhos de Seonid estavam bem fechados, e seus punhos enluvados tremeram em suas rédeas como se ela quisesse desesperadamente arrancar aquele lenço de sua boca e dizer a ele o que ela pensava. Ele poderia adivinhar de qualquer maneira. Edarra e Nevarin juntaram seus xales ao redor delas e o olhavam sombriamente. Ah sim; ele podia adivinhar.

"Pensei que era para ser tudo sigiloso", disse Teryl casualmente, observando o homem de barba por fazer correr. "Achei que Masema não ia saber que você estava aqui até você falar na orelha rosa dele."

Esse tinha sido o plano. Rand sugeriu isso como precaução, Seonid e Masuri insistiram nisso sempre que tiveram oportunidade. Afinal, Profeta do Lorde Dragão ou não, Masema podia não querer ficar cara a cara com alguém que Rand enviou, considerando as coisas que ele tinha permitido. Aquelas orelhas não eram as piores, se acreditasse na décima parte do boato. Edarra e as outras Sábias viam Masema como um possível inimigo, a ser emboscado antes que pudesse montar sua própria armadilha.

"Eu deveria parar... isso", disse Perrin, gesticulando com raiva para a corda de couro cru no chão. Ele ouviu os rumores e não fez nada. Agora ele tinha visto. "É melhor eu começar agora." E se Masema decidisse que ele era um inimigo? Quantos milhares seguiam o Profeta, por crença ou medo? Isso não importava. "Isso vai parar, Teryl. Var parar!"

O murandiano assentiu lentamente, olhando para Perrin como se o visse pela primeira vez.

"Meu Lorde Perrin?" disse Maighdin. Ele tinha esquecido tudo sobre ela e seus amigos. Os outros se reuniram com ela um pouco longe, a maioria ainda em pé. Havia três homens além do sujeito que seguira Maighdin, e dois deles estavam escondidos atrás de seus cavalos. Lini parecia a mais cautelosa de todas, os olhos focados nele, preocupados; ela estava com seu cavalo perto do de Maighdin e parecia pronta para pegar as rédeas ela mesma. Não para impedir a jovem de fugir, mas para fugir e levar Maighdin com ela. A própria Maighdin parecia completamente à vontade, mas também estudou Perrin. Não era de admirar, depois de toda aquela conversa sobre o Profeta e o Dragão Renascido, bem a seus olhos. Sem falar em uma Aes Sedai amordaçada. Ele esperava que ela dissesse que eles queriam ir agora, imediatamente, mas o que ela disse foi: "Aceitamos sua gentil oferta. Um ou dois dias descansando em seu acampamento pode ser a coisa certa."

"Como você diz, Senhora Maighdin," ele disse lentamente. Mascarar sua surpresa foi difícil. Especialmente porque ele tinha acabado de reconhecer os dois homens tentando manter seus cavalos entre elas e ele. Era trabalho de *Ta'veren*, trazê-los aqui? Uma reviravolta estranha em qualquer caso. "Pode ser a coisa certa."



CAPÍTULO

8



Uma Simples Mulher do Campo

O acampamento ficava a cerca de cinco quilômetros mais adiante, bem atrás da estrada, entre colinas baixas e arborizadas, logo depois de um riacho que tinha dez passos de largura de pedras e apenas cinco de água nunca mais profundo do que os joelhos de um homem. Pequenos peixes verdes e prateados se afastaram dos cascos dos cavalos. Transeuntes casuais dificilmente os encontrariam aqui. A fazenda habitada mais próxima ficava a mais de um quilômetro e meio de distância, e Perrin havia verificado pessoalmente para ter certeza de que aquelas pessoas levavam seus animais para dar água em outro lugar.

Ele realmente estava tentando evitar ser notado o máximo possível, viajando por estradas secundárias e os menores caminhos do país quando não podiam se manter nas florestas. Um esforço inútil, na verdade. Os cavalos podiam pastar onde quer que houvesse grama, mas exigiam pelo menos algum grão, e mesmo um pequeno exército tinha que comprar comida, e muita. Todo homem precisava de dois quilos por dia, em farinha, feijão e carne. Rumores deviam ter circulado por toda Ghealdan, embora, com sorte, ninguém suspeitasse quem eles eram. Perrin fez uma careta. Talvez

não tivessem, até que ele foi e abriu a boca. Ainda assim, não teria feito nada diferente.

Na verdade, eram três acampamentos, próximos um do outro e nenhum longe do riacho. Eles viajavam juntos, todos o seguindo, obedecendo-o supostamente, mas havia muitas personalidades envolvidas, e ninguém tinha certeza de que os outros visavam o mesmo objetivo. Cerca de novecentos guardas alados tinham suas fogueiras para cozinhar amontoadas entre fileiras de cavalos em piquete em um amplo prado de grama marrom pisoteada. Ele tentou fechar o nariz para os cheiros misturados de cavalos, suor, esterco e carne de cabra fervendo, uma combinação desagradável em um dia quente. Uma dúzia de sentinelas montadas percorria um lento circuito em pares, suas longas lanças com flâmulas vermelhas exatamente no mesmo ângulo, mas o resto dos mayenos havia largado couraças e elmos. Sem casaco e muitas vezes sem camisa ao sol, eles jaziam esparramados em seus cobertores ou jogando dados enquanto esperavam a comida. Alguns olharam para cima quando Perrin passou, alguns se endireitaram do que estavam fazendo para estudar as adições ao seu grupo, mas nenhum veio correndo, então as patrulhas ainda estavam fora. Pequenas patrulhas, sem lanças, que podiam ver sem serem vistas. Bem, essa era a esperança. Tinha sido.

Um punhado de *gai'shain* se movia em várias tarefas entre as tendas baixas marrom e cinza das Sábias no cume escassamente arborizado da colina acima dos Mayenos. A essa distância, as figuras vestidas de branco pareciam inofensivas, olhos baixos e mansos. De perto, eles pareciam iguais, mas a maioria era Shaido. As Sábias afirmavam que *gai'shain* eram *gai'shain*; Perrin não confiava em nenhum Shaido fora de sua vista. De um lado da encosta, sob um sorgo esfarrapado, talvez uma dúzia de Donzelas em *cadin'sor* estavam ajoelhadas em círculo ao redor de Sulin, a mais forte delas, apesar de seus cabelos brancos. Ela havia enviado batedores também, mulheres que podiam se mover tão rápido quanto os

mayenos em seus cavalos e eram muito mais propensas a escapar de atenção indesejada. Nenhuma das Sábias lá em cima estava ao ar livre, mas uma mulher esbelta mexendo uma grande panela de ensopado se endireitou, dando-lhe um nó nas costas enquanto observava Perrin e os outros passarem. Uma mulher com um vestido de montaria de seda verde.

Ele podia ver o brilho no rosto de Masuri. Aes Sedai não mexiam em chaleiras, nem realizavam vinte outras tarefas que as Sábias mandavam ela e Seonid fazerem. Masuri se colocou aos pés de Rand, mas ele não estava ali, e Perrin estava. Dada uma chance, ela iria pelar seu couro para ele.

Edarra e Nevarin apareceram por ali, mesmo com aquelas saias volumosas que mal perturbavam as camadas de folhas mortas que cobriam o chão. Seonid as seguiu, suas bochechas ainda salientes ao redor daquele lenço. Ela se contorceu na sela, olhando para Perrin. Se ele pudesse acreditar que uma Aes Sedai parecia ansiosa, era assim que ele a teria chamado. Cavalgando atrás dela, Furen e Teryl usavam carrancas.

Masuri as viu chegando e se inclinou apressadamente para a chaleira preta, mexendo com vigor renovado, tentando dar a entender que nunca tinha parado. Enquanto Masuri ficasse sob o comando das Sábias, Perrin achava que não precisava se preocupar com seu couro. As Sábias pareciam manter uma rédea muito curta.

Nevarin olhou por cima do ombro para ele, outro daqueles olhares sombrios que vinha recebendo dela e de Edarra desde que enviou seu aviso, sua ameaça, pelo sujeito com barba por fazer. Perrin exalou em exasperação. Não precisava se preocupar com seu couro, a menos que as Sábias decidissem que queriam. Muitas personalidades. Muitos propósitos.

Maighdin cavalgava ao lado de Faile, aparentemente sem prestar atenção por onde passavam, mas ele não teria apostado um cobre furado nisso. Seus olhos arregalaram um pouquinho ao ver as

sentinelas mayenas. Ela sabia o que significavam peitorais vermelhos e elmos como potes arodos, tão certo quanto reconheceu um rosto de Aes Sedai. A maioria das pessoas também não reconheceria, especialmente não pessoas vestidas como ela. Ela era um mistério, essa Maighdin. Por alguma razão, parecia vagamente familiar.

Lini e Tallanvor — era assim que ele ouvira Maighdin chamar o sujeito que a seguira; o “jovem” Tallanvor, embora não pudesse haver mais de quatro ou cinco anos entre eles, se muito — ficou o mais próximo possível de Maighdin, com Aram no caminho tentando seguir Perrin. Assim como um sujeito pequeno e com a boca franzida, chamado Balwer, que parecia prestar menos atenção aos arredores do que Maighdin fingia. Mesmo assim, Perrin achava que Balwer via mais do que ela. Ele não sabia dizer por que, precisamente, mas nas poucas vezes em que sentira o cheiro do homenzinho ossudo, pensou em um lobo testando o ar. Estranhamente, não havia medo em Balwer, apenas picos de irritação rapidamente reprimidos através do cheiro trêmulo de impaciência. O restante dos companheiros de Maighdin seguia bem atrás. A terceira mulher, Breane, estava sussurrando ferozmente para um sujeito corpulento que mantinha os olhos baixos e às vezes acenava com a cabeça em silêncio, às vezes a balançava. Uma dureza e braveza de rua, se é que alguma vez esteve nas ruas, mas a mulher baixa tinha uma ponta de dureza sobre ela também. O último homem se abrigou atrás daqueles dois, um homem corpulento com um chapéu de palha surrado puxado para baixo para esconder o rosto. Nele, a espada que todos os homens usavam parecia tão estranha quanto em Balwer.

A terceira parte do acampamento, espalhada entre as árvores ao redor da curva da colina dos mayenos, cobria tanto terreno quanto o dos Guardas Alados, embora abrigasse muito menos pessoas. Aqui, os cavalos eram presos bem longe das fogueiras, de modo que o cheiro imaculado do jantar enchia o ar. Cabra assada, desta vez, e

nabos duros que os fazendeiros provavelmente pretendiam alimentar seus porcos mesmo em tempos tão difíceis quanto esses. Perto de trezentos homens de Dois Rios que seguiram Perrin para longe de casa estavam cuidando da carne em espetos, remendando roupas, verificando flechas e arcos, todos espalhados em grupos aleatórios de cinco ou seis amigos ao redor de uma fogueira. Quase todos eles acenaram e gritaram saudações, embora houvesse muito de “Lord Perrin” e “Perrin Olhos Dourados” para ele. Faile tinha direito aos títulos que lhe deram.

Grady e Neald, sem suor em seus casacos pretos, não aplaudiram; de pé ao lado da fogueira que tinham construído um pouco longe de todos os outros, apenas olhavam para ele. *Olhares expectantes*, pensou. *Esperavam o quê?* Essa era a pergunta que ele sempre se fazia sobre eles. Os *Asha'man* o deixavam inquieto, mais do que Aes Sedai ou Sábias. As mulheres canalizando o Poder era natural, embora não exatamente uma coisa com a qual um homem pudesse se sentir confortável. Grady, de rosto simples, parecia um fazendeiro apesar de seu casaco e espada, e Neald, um papagaio com seus bigodes encaracolados, mas Perrin não conseguia esquecer o que eles eram, o que eles tinham feito nos Poços de Dumai. Mas então, ele estava lá, também. A Luz o ajudou, ela ajudou. Tirando a mão do machado em seu cinto, ele desmontou.

Servos, homens e mulheres das propriedades de Lorde Dobraine em Cairhien, vieram correndo das linhas onde os cavalos estavam, para pegar suas montarias. Nenhum era mais alto do que o ombro de Perrin, pessoas vestidas com roupas do campo, sempre se curvando e fazendo reverência obsequiosamente. Faile disse ele que só os aborrecia quando tentava fazê-los parar, ou pelo menos quando não rodavam em volta dele com tanta frequência; na verdade, era assim que eles cheiravam quando ele fazia isso, e sempre voltavam a rodear em uma ou duas horas. Outros, quase tantos quanto os homens de Dois Rios, trabalhavam com os cavalos ou em torno das longas fileiras de carroças de rodas altas que

transportavam todos os seus suprimentos. Alguns estavam entrando e saindo de uma grande tenda vermelha e branca.

Como de costume, aquela barraca fez Perrin resmungar melancolicamente. Berelain tinha uma maior na parte mayena do acampamento, mais um para suas duas criadas e outra para o par de caçadores de ladrões que ela insistira em trazer. Annoura tinha sua própria barraca, e Gallenne também, mas só ele e Faile possuíam uma aqui. Por si mesmo, ele teria dormido sob o céu como os outros homens de casa. Eles não tinham nada sobre eles à noite, além de um cobertor. Certamente não havia medo de chuva. Os servos cairhienos se deitavam embaixo das carroças. Ele não podia pedir a Faile para fazer isso, porém, não quando Berelain tinha uma barraca. Se ao menos pudesse ter deixado Berelain em Cairhien. Mas então ele teria que enviar Faile para Bethal.

Um par de estandartes em postes altos e recém-cortados no meio de um espaço livre perto da barraca azedaram ainda mais seu humor. A brisa havia soprado um pouco, embora ainda estivesse quente demais; ele pensou ter ouvido aquele trovão novamente, fraco no oeste. As bandeiras se desdobravam em ondas lentas, desmoronavam com seu próprio peso, e se abriam novamente. A sua de Cabeça de Lobo Vermelha de borda carmesim e a Águia Vermelha de Manetheren há muito morta, novamente a céu aberto apesar de suas ordens. Talvez ele tivesse parado de tentar se esconder, de certa forma, mas o que era agora Ghealdan fazia parte de Manetheren; Alliandre não se tranquilizaria ao ouvir falar *daquele* estandarte! Conseguiu fazer uma expressão agradável e dar um sorriso para a mulher atarracada que fez uma profunda reverência e levou Stepper embora, mas era uma coisa imediata. Lordes deveriam ser obedecidos, e se ele deveria ser um lorde, bem, parecia estar fazendo um péssimo trabalho.

De punhos nos quadris, Maighdin ficou estudando aquelas bandeiras ondulantes enquanto seu cavalo era levado com o resto. Surpreendentemente, Breane segurava as duas trouxas

desajeitadamente; ela tinha uma carranca petulante, dirigida à outra mulher. “Já ouvi falar de estandartes como esses”, disse Maighdin de repente. E com raiva; não havia raiva em sua voz e seu rosto estava liso como gelo, mas sua fúria encheu o nariz de Perrin. “Eles foram criados por homens em Andor, em Dois Rios, que se rebelaram contra sua governante legítima. Aybara é um nome de Dois Rios, eu acho.”

“Não sabemos muito sobre os governantes legítimos de Dois Rios, Senhora Maighdin,” ele rosnou. Ia esfolar quem os tinha colocado desta vez. Se as histórias sobre rebelião tivessem se espalhado até ali... Já enfrentara muitas complicações sem acrescentar mais. “Suponho que Morgase fosse uma boa rainha, mas tivemos que nos defender por nós mesmos e o fizemos.” Abruptamente, ele sabia de quem ela o lembrava. Elayne. Não que isso significasse alguma coisa; etinha visto homens a mil milhas de Dois Rios que poderiam pertencer a famílias que ele conhecia em casa. Ainda assim, ela tinha que ter algum motivo para raiva. Seu sotaque poderia ser andoriano. “As coisas não estão tão ruins em Andor como você deve ter ouvido,” ele disse a ela. “Caemlyn estava quieta da última vez que estive lá, e Rand — o Dragão Renascido — pretende colocar a filha de Morgase, Elayne, no Trono do Leão.”

Longe de ser apaziguada, Maighdin se virou para ele, os olhos de azul brilhando. “Ele pretende colocá-la no trono? Nenhum homem coloca uma rainha no Trono do Leão! Elayne reivindicará o trono de Andor por seu direito!”

Coçando a cabeça, Perrin desejou que Faile parasse de observar a mulher com tanta calma e dissesse alguma coisa. Mas tudo o que ela fez foi enfiar as luvas de montaria atrás do cinto. Antes que ele pudesse pensar no que dizer, Lini entrou correndo, agarrando o braço de Maighdin e lhe dando uma sacudida de chocalhar os dentes.

“Peça desculpas!” a velha ladroou. “Este homem salvou sua vida, Maighdin, e você se esquece de quem é, uma simples camponesa falando assim com um lorde! Lembre-se de quem você é e não deixe sua língua colocá-la em águas mais quentes! Se este jovem senhor estava em desacordo com Morgase, bem, todos sabem que ela está morta e não é da sua conta de qualquer forma! Agora peça desculpas antes que ele fique com raiva!”

Maighdin olhou para Lini, sua boca se mexendo, ainda mais assustada do que Perrin. Mais uma vez ela o surpreendeu, no entanto. Em vez de explodir com a mulher de cabelos brancos, ela lentamente se endireitou, ombros retos, e olhou-o nos olhos. “Lini está totalmente certa. Não tenho o direito de falar assim com você, Lorde Aybara. Peço desculpas. Humildemente. E peço seu perdão.” Humilde? Sua mandíbula era teimosa, seu tom de voz orgulhoso o suficiente para uma Aes Sedai, e seu cheiro dizia que ela estava pronta para abrir um buraco em alguma coisa.

“Você o tem”, disse Perrin apressadamente. O que não pareceu aplacá-la nem um pouco. Ela sorriu, e talvez pretendesse mostrar gratidão, mas ele podia ouvir seus dentes rangendo. As mulheres eram todas loucas?

“Eles são com calor e sujos, marido,” Faile disse, interferindo por fim, “e as últimas horas foram difíceis por eles, eu sei. Aram pode mostrar aos homens onde se limpar. Vou levar as mulheres comigo. Mandarei trazer panos úmidos para lavar suas mãos e rostos”, disse ela a Maighdin e Lini. Reunindo Breane com um gesto, ela começou a conduzi-las em direção à tenda. A um aceno de cabeça de Perrin, Aram fez sinal aos homens para que o seguissem.

“Assim que você terminar sua lavagem, Mestre Gill, eu gostaria de falar com você,” disse Perrin.

Ele poderia muito bem ter feito aquela roda de fogo. Maighdin virou-se para olhar boquiaberta para ele, e as outras duas mulheres congelaram. Tallanvor estava de repente segurando o punho de sua

espada novamente, e Balwer ficou na ponta dos pés, espiando por cima de seu embrulho, a cabeça inclinando de um lado para outro. Não como um lobo, talvez; algum tipo de pássaro, observando os gatos. O homem robusto, Basel Gill, largou seus pertences e deu um pulo no ar.

"Ora, Perrin", ele gaguejou, arrancando o chapéu de palha. O suor deixava marcas na poeira de suas bochechas. Ele se inclinou para pegar sua trouxa, mudou de ideia e se endireitou novamente às pressas. "Quero dizer, Lorde Perrin. Eu... ah... eu pensei que fosse você, mas... mas com eles chamando você de Lorde, eu não tinha certeza se você gostaria de conhecer um velho estalajadeiro. Esfregando um lenço em sua cabeça quase careca, ele riu nervosamente. "Claro, eu vou falar com você. O banho pode esperar um pouco mais."

"Olá, Perrin", disse o homem corpulento. Com seus olhos de pálpebras pesadas, Lamgwin Dorn parecia preguiçoso, apesar de seus músculos e das cicatrizes no rosto e nas mãos. "Nós ouvimos sobre o jovem Rand ser o Dragão Renascido, Mestre Gill e eu. Deveria ter imaginado que você teria vindo para o mundo também. Perrin Aybara é um bom homem, senhora Maighdin. Eu acho que você pode confiar nele com qualquer coisa que você tenha em mente." Ele não era preguiçoso e também não era estúpido.

Aram sacudiu a cabeça impacientemente, e Lamgwin e os outros dois o seguiram, mas Tallanvor e Balwer arrastaram os pés, lançando olhares curiosos para Perrin e Mestre Gill. Olhares preocupados. E para as mulheres. Faile também os fez se mover novamente, embora com muitos olhares rápidos para Perrin e Mestre Gill, para os homens que seguiam Aram. De repente, eles não estavam tão satisfeitos por estarem separados.

Mestre Gill enxugou a testa e sorriu inquieto. Luz, por que ele cheirava a medo? Perrin se perguntou. Dele? De um homem ligado ao Dragão Renascido, chamando a si mesmo de Lorde e liderando

um exército, por menor que fosse, ameaçando o Profeta. Poderia também jogar a engasgada Aes Sedai nessa conta; assumiria a culpa por isso, de uma forma ou de outra. *Não*, pensou Perrin ironicamente; *não havia nada naquilo para assustar ninguém*. Todos eles provavelmente estavam com medo de que ele pudesse matá-los.

Tentando deixar o Mestre Gill à vontade, levou o homem a um grande carvalho a cem passos da tenda vermelha e branca. A maioria das folhas da grande árvore havia desaparecido e metade das restantes eram marrons, mas os galhos maciços que se espalhavam para baixo ofereciam um pouco de sombra, e algumas das raízes retorcidas estavam altas o suficiente para servir de bancos. Perrin usou um exatamente para isso, girando os polegares enquanto o acampamento estava sendo montado. Sempre que ele tentava fazer algo útil, havia dez mãos tirando o serviço dele.

Basel Gill não se acalmou, por mais que Perrin perguntasse sobre a Bênção da Rainha, sua pousada em Caemlyn, ou se lembrasse de sua própria visita lá. Mas então, talvez Gill estivesse se lembrando que aquela visita não era para acalmar um homem, com Aes Sedai e conversas sobre o Tenebroso e um ataque no meio da noite. Ele andou de um lado para o outro ansiosamente e abraçou seu embrulho contra o peito, passou-o de um braço para o outro e respondeu em um punhado de palavras, lambendo os lábios entre elas.

"Mestre Gill," Perrin disse a ele finalmente, "pare de me chamar de Lorde Perrin. Eu não sou um lorde. É complicado, mas eu não sou um lorde. Você sabe disso."

"Claro", respondeu o homem redondo, sentando-se finalmente em uma das raízes de carvalho. Ele parecia relutante em colocar suas coisas embrulhadas no chão, tirando as mãos delas lentamente. "Como você diz, Lorde Perrin. Ah, Rand... o Lorde Dragão... ele realmente quer que Lady Elayne tenha o trono? Não que eu duvide de sua palavra, é claro — acrescentou ele apressadamente. Tirando

o chapéu, ele começou a enxugar a testa novamente. Mesmo para um homem tão redondo, ele parecia suar duas vezes mais do que o calor exigia. “Tenho certeza de que o Lorde Dragão fará exatamente o que você diz.” Sua risada era trêmula. “Você queria falar comigo. E não sobre minha antiga pousada, tenho certeza.

Perrin exalou cansadamente. Achava que nada poderia ser pior do que velhos amigos e vizinhos se curvando e criticando, mas pelo menos eles às vezes se esqueciam e falavam o que pensavam. E nenhum deles tinha medo dele. “Você está muito longe de casa”, disse ele com uma voz gentil. Não havia necessidade de ir muito rápido, não com um homem pronto para pular fora de sua pele. “Eu me perguntei o que trouxe você aqui. Não problemas de qualquer tipo, espero.”

“Fale bem a ele, Basel Gill,” disse Lini bruscamente, marchando até o carvalho. “Sem enrolações, lembre-se.” Ela não tinha ido muito longe, mas de alguma forma encontrou tempo para lavar o rosto e as mãos e prender o cabelo em um coque branco na parte de trás da cabeça. E para tirar a maior parte da poeira de seu vestido simples de lã. Balançando uma reverência superficial na direção de Perrin, ela se virou para sacudir um dedo nodoso para Gill. “Três coisas incomodam demais: um dente que dói, um sapato que aperta e um homem que tagarela.” Por um momento ela deixou o estalajadeiro boquiaberto com um olhar de advertência, então abruptamente fez outra reverência rápida a Perrin. “Ele ama o som de sua própria voz — a maioria dos homens ama — mas ele vai dizer tudo a você corretamente, agora, meu Senhor.”

Mestre Gill a encarou e murmurou baixinho quando ela acenou bruscamente para ele falar. “Velha ossuda...” foi o que Perrin ouviu. “O que aconteceu, simples e diretamente...” O homem redondo olhou para Lini novamente, mas ela não pareceu notar, “foi que eu tinha alguns negócios em Lugard. Uma chance de importar vinho. Mas você não está interessado nisso. Levei Lamgwin, é claro, e Breane, porque ela não o perde de vista por uma hora se não precisar. Ao

longo do caminho, encontramos a senhora Dorlain, a senhora Maighdin, como a chamamos, e Lini e Tallanvor. E Balwer, claro. Na estrada. Perto de Lugard.”

“Maighdin e eu estávamos em serviço em Murandy”, Lini colocou impaciente. “Até os problemas chegarem. Tallanvor era um armeiro da Câmara, e Balwer, o secretário. Bandidos queimaram a mansão e nossa senhora não tinha dinheiro para nos manter, então decidimos viajar juntos para proteção.”

“Eu estava contando, Lini,” Mestre Gill resmungou, coçando atrás de sua orelha. “O comerciante de vinho havia deixado Lugard para ir para o campo, por algum motivo, e...” Ele balançou sua cabeça. “É coisa demais para dizer, Perrin. Lorde Perrin, quero dizer. Me perdoe. Você sabe que há problemas em todos os lugares hoje em dia, de um tipo ou de outro. Parece que toda vez que fugimos de um tipo, encontramos outro, e sempre nos afastando de Caemlyn. Até que aqui estamos, cansados e gratos por um descanso. E isso é o que falta.”

Perrin assentiu lentamente. Isso poderia ser simples verdade, embora ele tivesse aprendido que as pessoas tinham centenas de razões para mentir, ou apenas esconder a verdade. Fazendo uma careta, passou os dedos pelo cabelo. Luz! Ele estava ficando desconfiado como um cairhieno, e quanto mais Rand o enrolava naquilo, pior ficava. Por que diabos Basel Gill, de todas as pessoas, mentiria para ele? Uma dama de companhia, acostumada ao privilégio e caída em tempos difíceis; isso explicava Maighdin. Algumas coisas eram simples.

As mãos de Lini estavam cruzadas na cintura, mas ela observava com um olhar aguçado, como um falcão, e Mestre Gill começou a se mexer assim que parou de falar. Ele pareceu entender a careta de Perrin como uma exigência de mais. Ele riu, mais nervoso do que divertido. “Eu não vi tanto do mundo desde a Guerra dos Aiel, e eu estava consideravelmente mais magro naquela época. Ora, já fomos

até Amador. Claro, partimos depois que aqueles Seanchan tomaram a cidade, mas, na verdade, eles não são piores do que os Mantos Brancos, que eu poderia..." Ele interrompeu quando Perrin se inclinou abruptamente e agarrou sua lapela.

"Seanchan, Mestre Gill? Você tem certeza disso? Ou é um desses rumores, como os Aiel, ou Aes Sedai?"

"Eu os vi," Gill respondeu, trocando olhares incertos com Lini. "É assim que eles se chamam. Estou surpreso que você não saiba. A notícia está correndo à nossa frente desde Amador. Esses Seanchan querem que as pessoas saibam do que se trata. Pessoas estranhas, com criaturas estranhas." Sua voz ganhou intensidade. "Como Crias das Sombras. Grandes coisas coriáceas que voam e carregam homens, e essas coisas como lagartos, só que são grandes como cavalos e têm três olhos. Eu os vi! Eu vi!"

"Eu acredito em você", disse Perrin, soltando o casaco do homem. "Eu também os vi." Em Falme, onde mil Mantos Brancos morreram em minutos e foram necessários heróis lendários mortos, chamados pela Trombeta de Valere, para mandar o Seanchan de volta. Rand disse que eles voltariam, mas como eles poderiam ter feito isso tão cedo? Luz! Se eles detinham o controle de Amador, eles tinham que ter Tarabon também, ou a maior parte dela. Só um tolo matava um veado quando sabia que havia um urso ferido em seu encalço. Quanto eles haviam tomado? "Eu não posso enviar você para Caemlyn imediatamente, Mestre Gill, mas se você ficar comigo mais um pouco, eu o levarei até lá em segurança." Como se ficar com ele qualquer período de tempo fosse seguro. O Profeta, Mantos Brancos e agora talvez os Seanchan se juntassem a tudo.

"Acho que você é um bom homem", disse Lini de repente. "Receio que não lhe dissemos toda a verdade, e talvez devêssemos."

"Lini, o que você está dizendo?" Mestre Gill exclamou, saltando para seus pés. "Acho que o calor a está afetando", disse ele a Perrin.

“E todas as viagens. Ela tem fantasias estranhas, às vezes. Você sabe como as pessoas podem ficar velhas. Calma, agora, Lini!”

Lini deu um tapa na mão que ele estava tentando colocar sobre sua boca. “Você cuide da sua vida, Basel Gill! Vou te mostrar a ‘velha’! Maighdin *estava* fugindo de Tallanvor, por assim dizer, e ele a estava perseguindo. Todos nós estávamos, há quatro dias agora, e quase matando a nós e aos cavalos. Bem, não é de admirar que ela não saiba o que pensa na metade do tempo; vocês homens esgotam a inteligência de uma mulher para que ela mal possa pensar, então fingem que não fizeram nada. Muitos de vocês deveriam ter seus ouvidos tapados para começo de conversa. A menina tem medo do próprio coração! Esses dois deveriam se casar, e quanto mais rápido melhor.”

Mestre Gill olhou boquiaberto para ela, e Perrin não tinha certeza de que sua boca não estivesse aberta. “Não tenho certeza se entendi o que você quer de mim,” ele disse lentamente, e a mulher de cabelos brancos saltou antes que ele terminasse.

“Não finja de bobo. Não vou acreditar em você por um momento. Posso ver que você tem mais inteligência do que a maioria dos homens. Esse é o pior hábito que vocês homens têm, fazer de conta que não veem o que está bem debaixo de seus narizes.” O que aconteceu com todas aquelas reverências? Cruzando os braços finos sobre o peito, ela o olhou severamente. “Bem, se você deve fingir, eu vou preparar isso para você. Esse seu Lorde Dragão faz o que quer, pelo que eu ouvi. Seu Profeta escolhe as pessoas e as casa na hora. Muito bem; você pega Maighdin e Tallanvor e casa os dois. Ele vai agradecer, e ela também. Quando a mente dela se acalmar.”

Atordado, Perrin olhou para Mestre Gill, que deu de ombros e deu um sorriso doentio. “Se você me perdoar”, disse Perrin à mulher carrancuda, “tenho alguns assuntos que preciso resolver.” Ele se apressou, olhando para trás apenas uma vez. Lini estava sacudindo um dedo para Mestre Gill, repreendendo-o apesar de seus protestos.

A brisa soprava na direção errada para que Perrin pudesse ouvir o que eles estavam dizendo. Na verdade, nem queria. Estavam todos loucos!

Berelain podia ter suas duas criadas e seus caçadores de ladrões, mas Faile tinha seus próprios assistentes, de certa forma. Cerca de vinte jovens tairenos e cairhienos estavam sentados de pernas cruzadas perto da tenda, as mulheres em casacos e calções com espadas cingidas como os homens. Ninguém usava o cabelo mais comprido do que o ombro, e homens e mulheres o amarravam para trás com uma fita, imitando o rabo de cavalo dos Aiel. Perrin se perguntou onde estariam os outros; raramente se afastavam do som da voz de Faile. Não causando problemas, ele esperava. Ela os colocou sob sua asa para mantê-los longe de problemas, ela disse, e a Luz sabia que eles teriam se metido em muitos, se deixados em Cairhien com um monte de jovens tolos como eles. Na opinião de Perrin, todo o grupo deles precisava de um chute rápido na bunda para ganhar algum juízo. Duelando, jogando *ji'e'toh*, fingindo ser uma espécie de Aiel. Que idiotice!

Lacile levantou-se quando Perrin se aproximou, uma mulherzinha pálida com fitas vermelhas presas às lapelas, pequenas argolas de ouro nas orelhas e um olhar desafiador que às vezes fazia os homens de Dois Rios pensarem que ela gostaria de um beijo, apesar da espada. Naquele momento, o desafio era duro como pedra. Um pouco atrás dela, Arrela se postava também, alta e morena, com o cabelo cortado curto como o de uma Donzela e suas roupas mais simples do que a maioria dos homens. Ao contrário de Lacile, Arrela deixou claro que beijaria um cachorro tanto quanto qualquer homem. A dupla fez menção de se mover para a frente da barraca, para bloquear o caminho de Perrin, mas um sujeito de queixo quadrado com um casaco de manga bufante gritou uma ordem e elas se sentaram novamente. Relutantemente. Para nisso, Parelean manuseou aquele bloco de queixo como se pudesse estar

reconsiderando. Ele usava barba na primeira vez que Perrin o viu – vários dos homens tairenos tinham – mas os Aiel não usavam barba.

Perrin murmurou sobre tolices baixinho. Eram de Faile até os ossos, e o fato de ele ser seu marido significava pouco. Aram podia estar com ciúmes de suas atenções, mas Aram pelo menos compartilhava suas afeições com Faile. Podia sentir os olhos dos jovens idiotas nele enquanto entrava. Faile o esfolaria se soubesse que esperava que eles a mantivessem longe de problemas.

A tenda era alta e espaçosa, com um tapete florido no chão e móveis esparsos que dobravam para serem guardados em um carrinho, a maioria. O espelho pesado certamente não poderia. Exceto pelos baús encadernados em latão, cobertos com panos bordados e servindo também como mesas extras, linhas retas de dourado brilhante decoravam tudo até o lavatório e seu espelho. Uma dúzia de lâmpadas espelhadas tornava o interior quase tão brilhante quanto o exterior, embora consideravelmente mais frio, e havia até um par de cortinas de seda penduradas nas varas do telhado, ornamentadas demais para o gosto de Perrin. Era muito rígido, com os pássaros e as flores marchando em linhas e ângulos. Dobraine os havia preparado para viajar como nobres cairhienos, embora Perrin tivesse conseguido “perder” o pior de tudo. A cama enorme, por exemplo, uma coisa ridícula para viajar. Levava quase uma carroça inteira só para si.

Faile e Maighdin estavam sentadas sozinhas, segurando taças de prata trabalhadas na mão. Elas tinham o ar de mulheres se medindo, todas sorrisos do lado de fora, mas com um toque de esperteza nos olhos, um toque de ouvir algo por trás das palavras, e sem nenhuma pista se iriam se abraçar no instante seguinte ou puxar facas. Bem, ele achava que a maioria das mulheres não iria tão longe quanto facas, mas Faile poderia. Maighdin parecia muito menos desgastada pela viagem do que antes, lavada e penteada, a poeira escovada de seu vestido. Uma pequena mesa com tampo de mosaico entre elas continha mais xícaras e uma jarra de prata alta e suada que exalava

o aroma mentolado de chá de ervas. Ambas as mulheres olharam ao redor com sua entrada e, por um instante, elas tinham quase exatamente a mesma expressão, friamente imaginando quem estava invadindo e nada satisfeitas com a interrupção. Pelo menos Faile suavizou a dela imediatamente com um sorriso.

“Mestre Gill me contou sua história, Senhora Dorlain,” ele disse. “Você enfrentou dias difíceis, mas pode ter certeza de que está segura aqui até decidir ir embora.” A mulher murmurou um agradecimento por cima da borda de sua xícara, mas ela cheirava cautelosa, e seus olhos tentaram lê-lo como um livro.

“Maighdin também me contou a história deles, Perrin”, disse Faile, “e eu tenho uma oferta para fazer. Maighdin, você e seus amigos tiveram meses de tentativas atrasados, e você me diz que não há perspectivas à frente. Entrem no meu serviço, todos vocês. Você ainda terá que viajar, mas as circunstâncias serão muito melhores. Eu pago bem e não sou uma senhora dura.” Perrin expressou sua aprovação imediatamente. Se Faile queria satisfazer sua fantasia de resgatar pessoas de rua, pelo menos ele queria ajudar essas específicas também. Talvez elas estivessem mais seguras com ele do que vagando sozinhas.

Engasgando com o chá, Maighdin quase deixou cair a xícara. Ela piscou para Faile, enxugando a umidade do queixo com um lenço de linho com borda de renda, e sua cadeira rangeu levemente quando ela se virou, estranhamente, para estudar Perrin. “Eu... obrigada...” disse ela finalmente, devagar. “Eu acho...” Outro momento lendo Perrin, e sua voz se elevou. “Sim, eu lhe agradeço e aceito sua gentil oferta com gratidão. Devo contar aos meus companheiros.” Levantando-se, ela hesitou em colocar a xícara na bandeja, então se endireitou apenas para abrir as saias em uma reverência adequada para qualquer palácio. “Vou tentar prestar um bom serviço, minha senhora,” ela disse calmamente. “Posso me retirar?” Com o consentimento de Faile, ela fez uma reverência novamente e recuou dois passos antes de se virar para ir embora! Perrin coçou a barba.

Era alguém mais que estaria se curvando para ele toda vez que se virasse.

Assim que a aba da tenda caiu atrás de Maighdin, Faile pousou a xícara e riu, tamborilando os calcanhares no tapete. “Ah, eu gosto dela, Perrin. Ela tem espírito! Aposto que ela teria chamuscado sua barba por causa daquelas bandeiras se eu não tivesse te salvado. Ah, sim. Espírito!”

Perrin grunhiu. Era exatamente o que ele precisava; outra mulher para chamuscar sua barba. “Eu prometi ao Mestre Gill cuidar deles, Faile, mas... Você consegue adivinhar o que aquela Lini perguntou? Ela queria que eu casasse Maighdin com aquele tal Tallanvor. Apenas pegá-los e casá-los independentemente do que dissessem! Ela alegou que eles querem isso.” Ele encheu uma xícara de prata com chá e se deixou cair na cadeira que Maighdin havia desocupado, ignorando seus gemidos alarmantes sobre o peso repentino. “Em todo caso, esse absurdo é a menor das minhas preocupações. Mestre Gill diz que foram os Seanchan que tomaram Amador, e eu acredito nele. Luz! Os Seanchan!”

Faile bateu as pontas dos dedos, olhando para o nada. “Pode ser a coisa certa”, ela meditou. “A maioria dos servos trabalha melhor casada. Talvez eu devesse providenciar isso. E para Breane também. A maneira como ela saiu correndo daqui para checar aquele grandalhão assim que seu rosto estava limpo, suspeito que eles já deveriam estar casados. Havia um brilho em seus olhos. Não terei esse tipo de comportamento em meus criados, Perrin. Isso só leva a lágrimas, recriminações e mau humor. E Breane será pior do que ele.”

Perrin olhou para ela. “Você me ouviu?” ele disse lentamente. “Os Seanchan tomaram Amador! Os Seanchan, Faile!”

Ela deu um sobressalto —realmente estava pensando em casar aquelas mulheres! — então sorriu para ele, achando graça. “Amador ainda está longe, e se nos encontrarmos com esses Seanchan, tenho

certeza que você vai lidar com eles. Afinal, você me ensinou a comer na sua mão, não foi?” Foi o que ela alegou, embora ele nunca tivesse visto nenhum sinal disso.

“Eles podem ser um pouco mais difíceis do que você,” ele disse secamente, e ela sorriu de novo. Ela cheirava extremamente satisfeita, por algum motivo. “Estou pensando em enviar Grady ou Neald para avisar Rand, não importa o que ele tenha dito.” Ela balançou a cabeça ferozmente, os sorrisos evaporando, mas ele continuou. “Se eu soubesse como encontrá-lo, eu o faria. Tem que haver alguma maneira de falar com ele sem que ninguém saiba disso. Rand insistira mais nisso do que no segredo sobre Masema. Perrin havia sido exilado da presença de Rand, e ninguém deveria saber que havia algo entre eles, exceto inimizade.

“Ele sabe, Perrin. Estou certa disso. Maighdin viu pombos por toda parte em Amador, e aparentemente os Seanchan não olharam para eles duas vezes. A essa altura, qualquer mercador que tenha negócios com Amador já ouviu, e a Torre Branca também. Acredite em mim, Rand também deve ter ouvido. Você tem que confiar que ele entende melhor. Disso ele entende.” Ela nem sempre teve tanta certeza disso.

“Talvez,” Perrin murmurou irritado. Tentou não se preocupar com a sanidade de Rand, mas Rand fazia o Perrin mais cauteloso parecer uma criança pulando em um prado. Quanto Rand confiava nele? Rand guardava as coisas, tinha planos que nunca deixava transparecer.

Exalando, Perrin recostou-se na cadeira e tomou um gole de chá. A verdade era que, louco ou são, Rand estava certo. Se os Abandonados suspeitassem do que ele estava fazendo, ou a Torre Branca, encontrariam uma maneira de derrubar uma bigorna em seus pés. “Pelo menos eu posso dar aos olhos e ouvidos da Torre menos o que falar. Desta vez, vou queimar aquela maldita bandeira.”

E a Cabeça de Lobo também. Podia ter que fingir ser um lorde, mas poderia fazer isso sem uma maldita bandeira!

Os lábios carnudos de Faile franziram judiciosamente, e ela balançou a cabeça levemente. Deslizando de sua cadeira, ela se ajoelhou ao lado dele, tomou seu pulso em suas mãos. Perrin encontrou seu olhar nivelado com cautela. Quando ela olhou para ele tão atentamente, tão seriamente, estava prestes a lhe dizer algo importante. Isso, ou puxar um capuz sobre seus olhos e girá-lo até que não soubesse distinguir a frente da parte de trás. O cheiro dela não lhe dizia nada. Tentou parar de cheirá-la; era muito fácil perder-se nisso, e então ela iria puxar o capuz sobre os olhos dele. Uma coisa que ele aprendeu desde que se casou: um homem precisava de toda a sua inteligência para lidar com uma mulher. Muitas vezes nem isso era suficiente; as mulheres faziam o que queriam com tanta certeza quanto Aes Sedai.

“Você pode querer reconsiderar, marido,” ela murmurou. Um pequeno sorriso curvou sua boca como se ela mais uma vez soubesse o que ele estava pensando. “Duvido que quem nos viu desde que entramos em Ghealdan soubesse o que é a Águia Vermelha. Em torno de uma cidade do tamanho de Bethal, alguns saberão, no entanto. E quanto mais tempo demorarmos para caçar Masema, maior a chance.”

Ele não se incomodou em dizer que isso era mais um motivo para se livrar da bandeira. Faile não era tola, e ela pensava muito mais rápido do que ele. “Então por que ficar com isso”, ele perguntou lentamente, “quando tudo o que vai fazer é chamar a atenção para o idiota que todo mundo vai pensar que está tentando tirar Manetheren da cova?” Os homens tentaram isso no passado, e as mulheres também; o nome de Manetheren trazia lembranças poderosas e era conveniente para quem quisesse iniciar uma rebelião.

“Porque vai chamar a atenção.” Ela se inclinou para ele atentamente. “Para um homem tentando ressuscitar Manetheren novamente. As pessoas inferiores vão sorrir na sua cara, torcer para que você siga logo e tentar esquecê-lo assim que o fizer. Quanto às maiores, elas têm muito o que encarar agora para olhar duas vezes, a menos que você aperte seus narizes. Comparado com os Seanchan, ou o Profeta, ou os Mantos Brancos, um homem que tenta criar Manetheren é um problema pequeno. E acho que é seguro dizer que a Torre também não vai olhar duas vezes, não agora.” Seu sorriso se alargou, e a luz em seus olhos disse que ela estava prestes a fazer seu ponto mais revelador. “Mas o mais importante, ninguém vai pensar que esse homem está fazendo outra coisa.” Abruptamente seu sorriso desapareceu; ela enfiou um dedo contra o nariz dele, com força. “E não se chame de idiota, Perrin t’Bashere Aybara. Nem um pouco, como está fazendo. Você não é idiota, e eu não gosto disso.” Seu cheiro vinha em minúsculos picos, não de raiva verdadeira, mas definitivamente descontente.

Em flashes. Um martim-pescador passando mais rápido do que alguém poderia pensar. Certamente mais rápido do que seus pensamentos. Nunca teria ocorrido a ele se esconder tão... à vista. Mas podia ver o sentido nisso. Era como esconder o fato de que você era um assassino alegando ser um ladrão. No entanto, podia funcionar.

Rindo, ele beijou a ponta do dedo dela. “A bandeira fica”, disse ele. Ele supôs que isso significava que a Cabeça do Lobo também ficava. Sangue e cinzas sangrentas! “Alliandre tem que saber a verdade, no entanto. Se ela achar que Rand pretende me colocar como Rei de Manetheren e tomar suas terras...”

Faile levantou-se tão de repente, virando-se, que ele teve medo de ter cometido um erro ao falar da rainha. Alliandre poderia levar a Berelain muito facilmente, e Faile cheirava... espinhosa. Cautelosa. Mas o que ela disse, por cima do ombro, foi: “Alliandre não será um problema para Perrin Olhos Dourados. Esse pássaro está

praticamente preso, marido, então é hora de pensar em como encontrar Masema.” Ajoelhando-se graciosamente ao lado de um pequeno baú encostado na parede da tenda, o único baú sem tecidos, ela levantou a tampa e começou a retirar os mapas enrolados.

Perrin esperava que ela estivesse certa sobre Alliandre, porque ele não sabia o que fazer se ela estivesse errada. Se ao menos fosse metade do que ela pensava dele... Alliandre era um pássaro preso, os Seanchan caíam como bonecas para Perrin Olhos Dourados, e ele pegaria o Profeta e o levaria para Rand se Masema tivesse dez mil homens ao seu redor. Não pela primeira vez, percebeu que por mais que a raiva dela o machucasse e o confundisse, era sua decepção que ele temia. Se alguma vez visse isso em seus olhos, arrancaria o coração de seu peito.

Ele se ajoelhou ao lado dela e a ajudou a abrir o maior mapa, cobrindo o sul de Ghealdan e o norte de Amadicia, e o estudou como se o nome de Masema fosse saltar do pergaminho para ele. Tinha mais motivos do que Rand para querer ter sucesso. Seja o que for, não poderia falhar com Faile.

Faile ficou deitada na escuridão, ouvindo até ter certeza de que a respiração de Perrin tinha o ritmo profundo do sono, depois saiu dos cobertores que compartilhavam. A diversão triste a tocou quando ela puxou a camisola de linho sobre a cabeça. Ele realmente achava que ela não descobriria que ele havia escondido a cama em um bosque uma manhã enquanto as carroças estavam sendo carregadas? Não que ela se importasse; não muito, pelo menos. Tinha certeza de que tinha dormido no chão com a mesma frequência que ele. Ela fingiu surpresa, é claro, e fez pouco caso. Qualquer outra coisa, e ele teria se desculpado, talvez até voltado para buscar a cama. Gerenciar um marido era uma arte, assim dizia sua mãe. Deira ni Ghaline já tinha achado isso tão difícil?

Calçando os pés descalços em chinelos, ela vestiu um roupão de seda, então hesitou, olhando para Perrin. Ele seria capaz de vê-la claramente, se acordasse, mas para ela, ele era apenas um monte de sombras. Desejou que sua mãe estivesse lá, agora, para aconselhá-la. Amava Perrin com cada fibra de seu ser, e ele confundia cada fibra. Na verdade, entender os homens era impossível, é claro, mas ele era tão diferente de qualquer um com quem ela cresceu. Ele nunca se gabava e, em vez de rir de si mesmo, ele era... modesto. Ela não acreditava que um homem pudesse ser modesto! Insistia que só o acaso o tornara um líder, afirmava que não sabia liderar, quando os homens que o encontravam estavam prontos para segui-lo depois de uma hora. Ele descartou seu próprio pensamento como lento, quando aqueles pensamentos lentos e ponderados viram tão profundamente que ela tinha que dançar uma dança alegre para manter quaisquer segredos. Ele era um homem maravilhoso, seu lobo de cabelos encaracolados. Tão forte. E tão gentil. Suspirando, ela saiu na ponta dos pés da barraca. Os ouvidos dele já haviam causado dificuldades a ela antes.

O acampamento estava quieto sob uma lua gigantesca que dava tanta luz em um céu sem nuvens quanto normalmente daria cheia, um brilho que apagava as estrelas. Algum tipo de pássaro noturno gritou estridentemente, depois silenciou ao ouvir o pio profundo de uma coruja. Havia uma pequena brisa e, por incrível que pareça, na verdade parecia um pouco frio. Provavelmente era sua imaginação. As noites eram frescas apenas em comparação com os dias.

A maioria dos homens estava dormindo, corcovas escuras entre as sombras sob as árvores. Alguns permaneceram acordados, conversando em torno do punhado de fogueiras ainda acesas. Ela não fez nenhum esforço para se esconder, mas ninguém a notou. Alguns pareciam meio adormecidos onde estavam sentados, acenando com a cabeça. Se ela não soubesse o quão bem os homens de sentinela estavam vigiando, poderia ter pensado que o acampamento poderia ser surpreendido por um rebanho de gado

selvagem. Claro, as Donzelas também estariam de guarda durante a noite. Mas também não importava se a vissem.

As carroças de rodas altas formavam filas longas e sombrias, os criados já aconchegados e roncando embaixo delas. A maioria dos criados. Um fogo ainda crepitava ali. Maighdin e seus amigos sentavam-se ao redor dele. Tallanvor estava falando, gesticulando ferozmente, mas apenas os outros homens pareciam estar prestando atenção nele, embora ele parecesse estar se dirigindo a Maighdin. Que eles tivessem roupas melhores em suas trouxas do que aqueles trapos próximos não era surpreendente, mas sua antiga senhora devia ter tido uma mão muito livre para distribuir seda para seu povo, e Maighdin usava seda finamente cortada, de fato, em um azul suave. Nenhum dos outros estava tão bem vestido, então talvez Maighdin fosse a favorita de sua dama.

Um galho se partiu sob o pé de Faile, e cabeças se viraram, Tallanvor se pôs de pé, meio desembainhando a espada antes de vê-la recolhendo o manto ao luar. Eles estavam mais alertas do que os homens de Dois Rios atrás dela. Por um instante, muitos deles apenas olharam para ela; então Maighdin levantou-se graciosamente e fez uma profunda reverência, e os outros apressadamente seguiram seu exemplo com vários graus de habilidade. Apenas Maighdin e Balwer pareciam à vontade. Um sorriso nervoso dividiu o rosto redondo de Gill.

“Continuem com o que estavam fazendo”, disse Faile gentilmente. “Mas não fiquem acordados até tarde; amanhã o dia será cheio.” Ela continuou andando, mas quando olhou para trás, eles ainda estavam de pé, ainda olhando para ela. Suas viagens devem tê-los tornado cautelosos como coelhos, sempre procurando uma raposa. Ela se perguntou o quão bem eles se encaixariam. Ao longo das próximas semanas, estaria ocupada treinando-os para seus modos, aprendendo os deles. Um era tão importante quanto o outro para uma casa bem administrada. O tempo teria que ser encontrado.

Eles não ficaram muito tempo em seus pensamentos esta noite. Logo ela estava além das carroças, não exatamente onde os homens de Dois Rios estariam vigiando de cima das árvores. Nada maior do que um camundongo passaria por eles sem ser visto — até mesmo algumas das Donzelas haviam sido vistas de vez em quando — mas eles estavam procurando por alguém que tentasse se infiltrar. Não por aqueles que tinham o direito de estar lá. Em uma pequena clareira enluarada, seu povo estava esperando.

Alguns dos homens se curvaram, e Parelean quase caiu de joelhos antes de parar. Várias mulheres instintivamente fizeram reverências que pareciam bastante peculiares em trajes masculinos, depois baixaram os olhos ou se moveram de vergonha ao perceber o que haviam feito. Os costumes da corte haviam sido incorporados a eles, embora se esforçassem muito para adotar os costumes dos Aiel. O que eles acreditavam que eram costumes dos Aiel, pelo menos. Às vezes, eles horrorizavam as Donzelas com o que acreditavam. Perrin os chamava de tolos, e eles eram de certa forma, mas juraram fidelidade a ela, esses cairhienos e tairenos — juramento da água, eles chamavam, copiando os Aiel, ou tentando — e isso os tornava dela. Entre eles, passaram a chamar sua “sociedade” de Cha Faile, a Garra do Falcão, embora tivessem visto a necessidade de manter isso em silêncio. Não eram tolos em todos os sentidos. Na verdade, pelo menos na superfície, não eram muito diferentes dos rapazes e moças com quem ela havia crescido.

Aqueles que ela havia enviado naquela manhã haviam acabado de voltar, pois as mulheres entre eles ainda estavam trocando os vestidos que usavam por necessidade. Mesmo uma mulher vestida de homem teria despertado a atenção em Bethal, para não mencionar cinco. A clareira era uma grande confusão de saias e camisolas, casacos, camisas e calções. As mulheres fizeram de conta que não se importavam de ficar despidas na frente dos outros, incluindo os homens, já que os Aiel aparentemente não se importavam, mas a pressa e a respiração difícil lhes desmentiram.

Os homens estavam todos movendo os pés e virando a cabeça, divididos entre desviar o olhar decentemente e observar, como pensavam que os Aiel faziam, enquanto fingiam que não estavam olhando para mulheres seminuas. Faile segurou o roupão sobre a camisola; ela não poderia ter se vestido mais sem acordar Perrin, com certeza, mas não fingiu se sentir confortável. Ela não era domanesa, para receber seus retentores em seu banho.

“Perdoe-nos pelo atraso, minha senhora Faile” ofegou Selande, vestindo o casaco. Os sotaques de Cairhien eram nítidos na voz baixa da mulher. Mesmo para uma cairhiena, ela não era alta. Conseguiu uma arrogância crível, entretanto, uma ousadia adequada na inclinação de sua cabeça e no conjunto de seus ombros. “Teríamos retornado mais cedo, mas os guardas do portão criaram um incômodo em nos deixar sair.”

“Um incômodo?” Faile disse bruscamente. Se ao menos ela pudesse ver com seus próprios olhos, em cima dos deles; se ao menos Perrin a tivesse deixado ir em vez daquela vagabunda. Não, ela não pensaria em Berelain. Não era culpa de Perrin. Ela repetia isso para si mesma vinte vezes por dia, como uma oração. Mas por que o homem era tão cego? “Que tipo de incômodo?” Ela respirou com pesar. Problemas com seu marido nunca deviam afetar seu tom com seus vassalos.

“Nada digno de nota, minha senhora.” Selande afivelou o cinto da espada e o colocou nos quadris. “Eles deixaram alguns caras à nossa frente passarem com suas carroças sem olhar duas vezes, mas estavam preocupados em deixar as mulheres saírem à noite.” Algumas das outras mulheres riram. Os cinco homens que haviam entrado em Bethal se agitaram irritados, sem dúvida porque não haviam recebido proteção suficiente. O resto do *Cha Faile* fez um semicírculo grosso atrás daqueles dez, observando Faile atentamente, ouvindo atentamente. O luar sombreava seus rostos.

“Diga-me o que vocês viram,” Faile ordenou em um tom mais calmo. Muito melhor.

Selande fez seu relato de forma concisa e, apesar de todos os desejos de Faile de que ela mesma tivesse ido, teve que admitir que eles viram quase tanto quanto ela poderia ter desejado. As ruas de Bethal estavam quase vazias mesmo nas horas mais movimentadas do dia. As pessoas ficavam em suas próprias casas o máximo possível. Um pouco de comércio entrava e saía, mas poucos mercadores se aventuravam nesta parte de Ghealdan, e mal chegava comida do campo para manter todos alimentados. A maioria das pessoas da cidade parecia atordoada, com medo do que havia do lado de fora dos muros, afundando cada vez mais na apatia e no desespero. Todos mantinham suas bocas fechadas por medo dos espiões do Profeta, e seus olhos também, por medo de serem tomados por espiões. O Profeta tinha um efeito profundo. Por exemplo, por mais bandidos que vagassem pelas colinas, ladrões e batedores de carteira haviam desaparecido de Bethal. Foi dito que a penalidade do Profeta para um ladrão era cortar as mãos do homem. Embora isso não parecesse se aplicar ao seu próprio povo.

“A rainha percorre a cidade todos os dias, mostrando-se para manter o ânimo”, disse Selande, “mas não acho que ajude muito. Ela está fazendo um progresso aqui no sul para lembrar às pessoas que eles têm uma rainha; talvez tenha tido mais sucesso em outros lugares. A Patrulha foi adicionada aos guardas da muralha, e todos os seus soldados, exceto um punhado, também. Talvez faça os habitantes da cidade se sentirem mais seguros. Até que ela siga em frente. Ao contrário de todos os outros, a própria Alliandre aparentemente não sente medo de que o Profeta venha invadindo as paredes. Ela caminha sozinha pelos jardins do palácio de Lord Telabin, de manhã e à noite, e mantém apenas alguns soldados, que passam a maior parte do tempo nas cozinhas. Todos na cidade parecem tão preocupados com comida, com quanto tempo haverá o suficiente, como estão com o Profeta. Na verdade, minha senhora,

apesar de todos os guardas nas muralhas, acho que se Masema aparecesse nos portões sozinho, eles poderiam lhe dar a cidade.

“Eles dariam,” Meralda disse desdenhosamente, afivelando sua própria espada em volta da cintura, “e implorariam por misericórdia.” Morena e atarracada, Meralda era tão alta quanto Faile, mas a mulher tairena abaixou a cabeça diante de uma carranca de Selande e murmurou um pedido de desculpas. Não havia dúvidas de quem liderava o *Cha Faile*, depois da própria Faile.

Ela ficara satisfeita por não haver necessidade de mudar a precedência que haviam estabelecido. Selande era a mais brilhante deles, exceto talvez por Parelean, e apenas Arrela e Camaille eram mais rápidas. E Selande tinha algo a mais, uma firmeza, como se já tivesse enfrentado o pior medo de sua vida e nada pudesse ser tão ruim novamente. Claro, ela queria uma cicatriz como aquelas que algumas das Donzelas tinham. Faile possuía várias pequenas cicatrizes, insígnias de honra, a maioria delas, mas na verdade procurar uma era idiotice. Pelo menos a mulher não estava muito ansiosa no assunto.

“Fizemos um mapa, como você exigiu, minha senhora,” a mulher diminuta terminou com um último olhar de advertência para Meralda. “Demarcamos o palácio de Lord Telabin no verso o máximo que pudemos, mas temo que não seja muito mais do que os jardins e estábulos.”

Faile não tentou decifrar as linhas no papel que ela desdobrou ao luar. Uma pena que ela mesma não pudesse ir; poderia ter mapeado o interior também. Não. Estava feito, como Perrin gostava de dizer. E era o suficiente. “Tem certeza de que ninguém revista as carroças que saem da cidade?” Mesmo na luz pálida, ela podia ver a confusão em muitos dos rostos à sua frente. Ninguém sabia por que ela havia enviado alguns deles para Bethal.

Selande não parecia confusa. “Sim, minha senhora,” ela disse calmamente. Bastante brilhante e mais do que rápido o suficiente.

O vento soprou por um momento, farfalhando folhas nas árvores, farfalhando folhas mortas no chão, e Faile desejou ter os ouvidos de Perrin. O nariz e os olhos também. Não importava se alguém a visse aqui com seus retentores, mas bisbilhoteiros seria outra coisa. “Você se saiu muito bem, Selande. Todos vocês saíram.” Perrin conhecia os perigos ali, tão reais quanto em qualquer lugar mais ao sul; ele conhecia, mas como a maioria dos homens, pensava tanto com o coração quanto com a cabeça. A esposa tinha que ser prática, para manter o marido longe de problemas. Esse tinha sido o primeiro conselho de sua mãe sobre a vida de casada. “Na primeira luz, vocês retornarão a Bethal, e se vocês receberem notícias minhas, é isso que farão...”

Até os olhos de Selande se arregalaram de choque enquanto ela prosseguia, mas ninguém murmurou o menor protesto. Faile ficaria surpresa se alguém o fizesse. Suas instruções foram direto ao ponto. Haveria algum perigo, mas naquelas circunstâncias, nem de perto o que poderia ter sido.

"Há alguma pergunta?" ela disse finalmente. "Todo mundo entendeu?"

Com uma voz, o *Cha Faile* respondeu. “Vivemos para servir nossa Lady Faile.” E isso significava que eles serviriam seu amado lobo, quer ele quisesse ou não.

Maighdin se mexeu em seus cobertores no chão duro, o sono fugindo dela. Esse era o nome dela, agora; um novo nome para uma nova vida. Maighdin, por sua mãe, e Dorlain, por uma família em uma propriedade que fora dela. Uma nova vida para uma velha vida que se foi, mas os laços do coração não podiam ser cortados. E agora... agora...

Um leve estalar de folhas mortas trouxe sua cabeça para cima, e ela observou uma forma escura passar por entre as árvores. Lady Faile, voltando para sua tenda de onde quer que tivesse ido. Uma

jovem agradável, bondosa e bem falante. Qualquer que fosse a linhagem de seu marido, ela quase certamente nasceu nobremente. Mas era jovem. Inexperiente. Isso pode ser bom.

Maighdin deixou a cabeça cair para trás no manto que ela havia enrolado como travesseiro. Luz, o que estava fazendo aqui? Tomando serviço como empregada de uma senhora! Não. Ela manteria sua confiança em si mesma, pelo menos. Ainda poderia encontrar isso. Ela podia. Se cvasse profundamente. Sua respiração ficou presa ao som de passos próximos.

Tallanvor ajoelhou-se graciosamente ao lado dela. Ele estava sem camisa, o luar brilhando nos músculos lisos de seu peito e ombros, seu rosto nas sombras. Uma leve brisa agitou seus cabelos. “Que loucura é essa?” ele perguntou suavemente. “Se colocando a serviço? O que você está fazendo? E não me diga essa bobagem de fazer uma nova vida; eu não acredito. Ninguém acredita.”

Ela tentou se virar, mas ele colocou a mão em seu ombro. Ele não exerceu pressão, mas isso a deteve tão seguramente quanto um cabresto. Luz, por favor, não a deixe tremer. A Luz não ouviu, mas pelo menos ela conseguiu manter a voz firme. “Se você não notou, devo fazer meu caminho no mundo agora. Melhor como empregada de uma dama do que como empregada de taverna. Você pode se sentir à vontade para continuar sozinho se o serviço aqui não for adequado.”

“Você não abdicou de sua inteligência ou seu orgulho quando desistiu do trono”, ele murmurou. Que a Luz queimasse Lini por revelar isso! “Se você pretende fingir que sim, sugiro que evite deixar Lini pegar você sozinha.” O homem riu dela! Ele riu, ah, e tão ricamente! “Ela quer uma palavra com Maighdin, e eu suspeito que ela não será tão gentil com Maighdin como foi com Morgase.”

Com raiva, ela se sentou, afastando a mão dele. “Você é cego e surdo também? O Dragão Renascido tem planos para Elayne! Luz, eu já não gostaria se ele simplesmente soubesse o nome dela! Deve ser

mais do que o acaso que me trouxe a um de seus capangas, Tallanvor. Tem que ser!"

"Que me queime, eu sabia que devia ser isso. Esperava estar errado, mas..." Parecia tão zangado quanto ela. Ele não tinha o direito de estar com raiva! "Elayne está segura na Torre Branca, o Trono de Amyrlin não a deixará chegar perto de um homem que possa canalizar, mesmo que ele seja o Dragão Renascido — especialmente se for! — e Maighdin Dorlain não pode fazer nada sobre o Trono de Amyrlin, o Dragão Renascido ou o Trono do Leão. Tudo o que ela pode fazer é quebrar o pescoço, ou cortar a garganta, ou...!"

"Maighdin Dorlain pode assistir!" ela interrompeu, pelo menos em parte para parar aquela ladainha horrível. "Ela pode ouvir! Ela pode...!" Irritada, ela desistiu. O que ela poderia fazer? De repente, percebeu que estava sentada lá em uma camisola fina e rapidamente dobrou os cobertores ao redor dela. A noite realmente parecia um pouco fria. Ou talvez os arrepios em sua pele fossem dos olhos invisíveis de Tallanvor sobre ela. O pensamento despertou um rubor em suas bochechas que ela esperava que ele não pudesse ver. Felizmente, isso colocou um calor em sua voz também. Ela não era uma menina para ficar corada porque um homem olhou para ela! "Farei o que puder, seja o que for. A chance chegará se aprender alguma coisa ou fazer algo que ajudará Elayne, e eu vou agarrá-la!"

"Uma decisão perigosa," ele disse a ela calmamente. Ela desejou poder ver seu rosto na escuridão. Apenas para ler sua expressão, é claro. "Você o ouviu ameaçar enforcar qualquer um que o olhasse de maneira errada. Posso acreditar em um homem com aqueles olhos. Como uma fera. Fiquei surpreso por ele ter deixado aquele sujeito ir; achei que ele ia arrancar sua garganta! Se ele descobrir quem você é, quem você costumava ser... Balwer pode trair você. Ele nunca explicou por que nos ajudou a escapar de Amador. Talvez pensasse que a rainha Morgase lhe daria uma nova posição. Agora ele sabe

que não há chance disso, e ele pode querer bajular seu novo mestre e sua dama."

"Você tem medo de Lorde Perrin Olhos Dourados?" ela exigiu com desprezo. Luz, o homem a assustava! Aqueles olhos pertenciam a um lobo. "Balwer sabe o suficiente para segurar a língua. Qualquer coisa que ele disser refletirá nele; ele veio comigo, afinal. Se você está com medo, então vá em frente!"

"Você sempre joga isso na minha cara," ele suspirou, se acomodando em seus calcanhares. Ela não podia ver seus olhos, mas podia senti-los. "Cavalgue se quiser, você diz. Certa vez, havia um soldado que amava uma rainha de longe, sabendo que era inútil, sabendo que nunca ousaria falar. Agora a rainha se foi, e só resta uma mulher, e tenho esperança. Eu queimo de esperança! Se você quer que eu vá embora, Maighdin, diga. Uma palavra. 'Vá!' Uma palavra simples."

Ela abriu a boca. *Uma palavra simples*, ela pensou. *Luz, é apenas uma palavra! Por que não posso dizer! Luz, por favor!* Pela segunda vez naquela noite, a Luz não ouviu. Ela estava sentada ali encolhida em seus cobertores como uma tola, sua boca aberta, seu rosto ficando cada vez mais quente.

Se ele tivesse rido de novo, ela teria enfiado o canivete nele. Se ele tivesse rido, ou dado qualquer sinal de triunfo... Em vez disso, ele se inclinou e beijou gentilmente os olhos dela. Ela fez um som profundo em sua garganta; não conseguia se mover. De olhos arregalados, ela o observou se levantar. Ele apareceu ao luar. Ela era uma rainha — tinha sido uma rainha — acostumada a comandar, acostumada a decisões difíceis em tempos difíceis, mas naquele momento as batidas de seu coração bateram em sua cabeça.

"Se você tivesse dito 'vá'", ele disse a ela, "eu teria enterrado a esperança, mas nunca poderia deixá-la."

Não até que ele estivesse de volta em seus próprios cobertores ela poderia se deitar e puxar os seus ao redor dela. Ela respirou

como se estivesse correndo. A noite estava fresca; ela estava tremendo de frio, não apenas tremendo. Tallanvor era muito jovem. Muito jovem! E o pior, ele estava certo. Que a Luz o queime por isso! A empregada de uma dama não poderia fazer nada para afetar os eventos, e se o assassino de olhos de lobo do Dragão Renascido descobrisse que tinha Morgase de Andor em suas mãos, ela poderia ser usada contra Elayne em vez de ajudá-la. Ele não tinha o direito de estar certo quando ela queria que ele estivesse errado! A falta de lógica desse pensamento a enfureceu. Havia uma chance de que ela pudesse fazer algo de bom! Tinha que haver!

Na parte de trás de sua cabeça, uma pequena voz riu. *Você não pode esquecer que você é Morgase Trakand*, disse a ela com desdém, e mesmo depois que ela abdicou de seu trono, a rainha Morgase não consegue parar de meter a mão nos assuntos dos poderosos, não importa o quanto ela arruinou isso até agora. E ela também não pode dizer a um homem para ir embora, porque não consegue parar de pensar em suas mãos são fortes, e em como seus lábios se curvam quando ele sorri, e...

Furiosa, ela puxou o cobertor sobre a cabeça, tentando calar a voz. Ela não estava ficando porque não podia se afastar do poder. Quanto a Tallanvor... Ela o colocaria firmemente em seu lugar. Desta vez ela iria! Mas... Qual era o lugar dele, com uma mulher que não era mais rainha? Tentou tirá-lo de sua mente e tentou ignorar aquela voz zombeteira que não queria ficar quieta, mas quando o sono finalmente chegou, ela ainda podia sentir a pressão dos lábios dele em suas pálpebras.



CAPÍTULO

9



Emaranhados

Perrin acordou antes do amanhecer, como de costume, e, como sempre, Faile já estava acordada. Ela podia fazer um rato parecer barulhento quando queria, e ele suspeitava que se acordasse uma hora depois de se deitar, ela ainda conseguiria se levantar primeiro. As abas da entrada da tenda estavam amarradas para trás, as laterais levantadas um pouco na parte inferior, e uma rajada de ar subiu pela abertura no topo, o suficiente para criar uma ilusão de frescor. Perrin realmente estremeceu enquanto procurava por sua camisa e calções. Bem, era para ser inverno, mesmo que o tempo não soubesse.

Ele se vestiu no escuro e esfregou os dentes com sal, não precisando de lâmpadas, e quando saiu da tenda, batendo os pés nas botas, Faile reuniu seus novos servos ao redor dela no cinza profundo do amanhecer, alguns segurando lanternas acesas. A filha de um senhor precisava de servos; ele deveria ter providenciado alguns antes. Havia gente de Dois Rios em Caemlyn que Faile havia treinado, mas com a necessidade de sigilo, não havia como trazê-los. Mestre Gill gostaria de ir para casa o mais rápido possível, e Lamgwin e Breane com ele, mas talvez Maighdin e Lini ficassem.

Aram endireitou-se de onde estivera sentado de pernas cruzadas ao lado da tenda e esperou silenciosamente por Perrin. Se Perrin não o tivesse impedido, Aram teria dormido do outro lado da entrada. Esta manhã seu casaco era listrado de vermelho e branco, embora o branco estivesse um pouco sujo e, mesmo ali, o punho da espada com punho de cabeça de lobo se erguia sobre seu ombro. Perrin havia deixado seu machado na barraca, agradecido por se livrar dele. Tallanvor ainda usava sua espada amarrada sobre o casaco, mas Mestre Gill e os outros dois não.

Faile devia estar observando, porque assim que Perrin saiu, gesticulou em direção à tenda, claramente dando ordens. Maighdin e Breane passaram apressados por ele e Aram com lanternas, suas mandíbulas cerradas, cheirando a determinação por algum motivo. Nem fizeram uma reverência, o que era uma agradável surpresa. Lini fez, uma rápida flexão do joelho antes de correr atrás das outras duas, resmungando sobre “saber o lugar delas”. Perrin suspeitava que Lini fosse uma daquelas mulheres que viam seu “lugar” como estar no controle. Pensando bem, a maioria das mulheres eram assim. Esse era o jeito do mundo, ao que parecia, não apenas de Dois Rios.

Tallanvor e Lamgwin seguiram logo atrás das mulheres, e Lamgwin estava tão sério em se curvar quanto Tallanvor, que era quase sombrio. Perrin suspirou e se curvou de volta, e ambos se sobressaltaram, boquiabertos para ele. Um chamado curto de Lini empurrou-os para dentro da tenda.

Com apenas um sorriso rápido para ele, Faile caminhou em direção às carroças, falando alternadamente com Basel Gill de um lado dela e Sebban Balwer do outro. Cada homem segurava uma lanterna para iluminar seu caminho. Claro, os idiotas mantinham o ritmo onde pudessem ouvir se ela levantasse a voz, se pavoneando e acariciando os punhos das espadas e olhando em volta na penumbra, como se esperassem um ataque ou quisessem um. Perrin puxou a barba curta. Ela sempre encontrava muito trabalho para

preencher suas horas e ninguém o tirava de suas mãos. Ninguém ousaria.

Ainda não se viam os primeiros dedos do amanhecer no horizonte, mas os cairhienos estavam começando a se movimentar em torno das carroças, e se movendo mais rapidamente à medida que Faile se aproximava. Quando ela os alcançou, eles pareciam estar trotando, suas lanternas balançando e chacoalhando na penumbra. Os homens de Dois Rios, acostumados aos dias de fazendeiros, já estavam fazendo o café da manhã, alguns rindo e brincando ao redor de suas fogueiras, alguns resmungando, mas a maioria fazendo o trabalho. Alguns tentaram ficar em seus cobertores e foram jogados para fora sem a menor cerimônia. Grady e Neald também estavam de pé, como sempre sozinhos, sombras em casacos pretos entre as árvores. Perrin não conseguia se lembrar de tê-los visto sem aqueles casacos, sempre abotoados até o pescoço, sempre limpos e sem rugas ao nascer do sol, qualquer que fosse sua aparência na noite anterior. Cumprindo seu cronograma em uníssono, os dois praticavam a espada como faziam todas as manhãs. Isso era melhor do que o treino noturno, quando eles se sentavam de pernas cruzadas, mãos nos joelhos, olhando para algo distante. Eles nunca faziam nada que alguém pudesse ver, embora todo homem no acampamento soubesse o que estavam fazendo e se mantivesse o mais longe possível. Nem mesmo as Donzelas entrariam em sua linha de visão nesse momento.

Algo estava faltando, Perrin percebeu com um sobressalto. Faile sempre mandava um dos homens encontrá-lo logo de cara com uma tigela do mingau grosso com que tomavam o café da manhã, mas parecia que ela estava muito ocupada esta manhã. Animando-se, ele se apressou em direção às fogueiras, esperando pelo menos ser capaz de tomar seu próprio mingau pelo menos uma vez. Era uma pequena esperança.

Flann Barstere, um sujeito magricela com um amassado no queixo, encontrou-o no meio do caminho e empurrou uma tigela

esculpida em suas mãos. Flann era de perto de Colina da Vigília, e Perrin não o conhecia bem, mas caçaram juntos uma ou duas vezes, e uma vez Perrin o ajudou a tirar uma das vacas de seu pai de um pântano no Bosque D'água. "Lady Faile me disse para trazer isso para você, Perrin", disse Flann ansiosamente. "Você não vai dizer a ela que eu esqueci, vai? Você não vai contar? Encontrei um pouco de mel e coloquei uma boa dose." Perrin tentou não suspirar. Pelo menos Flann havia se lembrado de seu nome.

Bem, talvez ele não pudesse se safar fazendo as tarefas mais simples por si mesmo, mas ainda era responsável pelos homens comendo debaixo das árvores. Sem ele, estariam com suas famílias, se preparando para as tarefas do dia na fazenda, ordenhando vacas e cortando lenha em vez de se perguntar se teriam que matar ou ser mortos antes do pôr do sol. Engolindo rapidamente o mingau com mel, ele disse a Aram para descansar durante o café da manhã, mas o homem parecia tão infeliz que Perrin cedeu, então Aram o seguiu enquanto caminhava pelo acampamento. A ronda não era algo do agrado de Perrin.

Os homens largavam suas tigelas quando ele se aproximava, ou ficavam de pé até que ele passasse. Ele cerrava os dentes sempre que alguém com quem crescera, ou pior, um homem que o mandava dar recados quando menino, o chamava de Lord Perrin. Nem todos o faziam, mas muitos sim. Gente demais. Depois de um tempo, desistiu de dizer a eles que parassem por puro cansaço; muitas vezes a resposta era "Ah! O que você quiser, Lorde Perrin." Era o suficiente para fazer um homem uivar!

Apesar disso, fez uma pausa para falar uma ou duas palavras a cada homem. Principalmente, porém, manteve os olhos abertos. E o nariz. Todos sabiam o suficiente para manter seus arcos em bom estado e cuidar das penas e pontas de suas flechas, mas alguns usariam suas botas sem as solas ou as calças com o fundilho rasgado sem perceber, ou deixariam as bolhas inflamarem porque não podiam se preocupar em fazer qualquer coisa sobre elas ainda.

Vários tinham o hábito de pegar conhaque quando podiam, e dois ou três não tinham cabeça para isso. No dia anterior a Bethal, havia uma pequena aldeia que tinha pelo menos que três estalagens.

Foi muito estranho. Ter a senhora Luhhan ou sua mãe lhe dizendo que precisava de botas novas ou as calças remendadas sempre era embaraçoso, e ele tinha certeza de que ficaria irritado ouvindo isso de qualquer outra pessoa, mas desde o velho grisalho Jondyn Barran até o mais jovem, os homens de Dois Rios apenas diziam: “Ora, você está certo, Lorde Perrin; cuidarei disso imediatamente”, ou algo assim. Pegou vários deles sorrindo um para o outro quando seguiu em frente. E eles cheiravam satisfeitos! Quando arrancou uma jarra de barro com conhaque de pêra dos alforjes de Jori Congar — um sujeito magro que comia duas vezes mais do que qualquer outra pessoa e sempre parecia que não comia nada há uma semana, Jori era um bom atirador com um arco, mas, se tivesse oportunidade, bebia até não aguentar mais, e além disso tinha dedos leves — Jori lançou-lhe um olhar arregalado e estendeu as mãos como se não soubesse de onde viera a jarra. Mas enquanto Perrin caminhava, esvaziando o conhaque no chão, Jori riu: “Não dá para esconder nada do Lord Perrin!” Ele parecia orgulhoso! Às vezes, Perrin pensava que era a única pessoa sã que restava.

Outra coisa, ele notou. Todos eles estavam muito interessados no que ele não dizia. Homem após homem olhou para os dois estandartes que ocasionalmente balançavam no topo de seus mastros com uma breve rajada de vento, a Cabeça de Lobo Vermelha e a Águia Vermelha. Olharam para os estandartes e o observaram, esperando a ordem que ele dera cada vez que as coisas foram expostas desde que chegaram a Ghealdan. E muitas vezes antes disso. Só que ele não disse nada no dia anterior, e não disse nada naquele dia, e viu a especulação florescendo nos rostos dos homens. Deixou para trás grupos de homens olhando para os estandartes e para ele, murmurando excitados entre si. Não tentou ouvir. O que eles diriam se ele estivesse errado, se os Mantos Brancos ou o Rei

Ailron decidissem que poderiam desviar o olhar do Profeta e dos Seanchan por tempo suficiente para extinguir uma suposta rebelião? Eles eram sua responsabilidade, e ele já havia matado muitos deles.

O sol estava mais do que espreitando acima do horizonte, espalhando uma luz forte da manhã, quando ele terminou, e na tenda, Tallanvor e Lamgwin estavam carregando baús sob a direção de Lini, enquanto Maighdin e Breane pareciam estar separando o conteúdo em um amplo pedaço de grama morta, principalmente cobertores e lençóis, e longas faixas brilhantes de cetim de seda que tinham sido destinadas a cobrir a cama que ele havia colocado no lugar errado. Faile devia estar lá dentro, porque aquele bando de idiotas que a seguia estava agachado não muito longe. Sem carregar e transportar nada para eles. Úteis como ratos no celeiro.

Perrin pensou em dar uma olhada em Stayer e Stepper, mas quando olhou através das árvores para os cavalos, ele foi visto. Nada menos que três dos ferradores saíram ansiosos, observando-o. Eram homens grandes em aventais de couro, parecidos com ovos em uma cesta, embora Falton tivesse apenas uma franja branca em volta da cabeça, Aemin estava ficando grisalho e Jerasid ainda não havia chegado à meia-idade. Perrin rosnou ao vê-los. Eles pairariam se ele colocasse a mão em qualquer um dos cavalos, e arregalariam os olhos se ele levantasse um casco. A única vez que tentou trocar uma ferradura gasta de Stayer, todos os seis ferradores correram para pegar as ferramentas antes que ele pudesse tocá-las, quase derrubando a baía na pressa de fazer o trabalho eles mesmos.

"Eles temem que você não confie neles", disse Aram de repente. Perrin olhou para ele com surpresa, e Aram mexeu os ombros em seu casaco. "Conversei com eles, com alguns. Pensam que se um senhor cuida de seus próprios cavalos, deve ser porque não confia neles. Que pode mandá-los embora, sem ter como chegar em casa." Seu tom dizia que eles eram tolos em pensar isso, mas deu a Perrin um olhar de soslaio e deu de ombros novamente, desconfortavelmente. "Acho que também estão envergonhados. Se

você não se comportar da maneira que eles acham que um lorde deveria, isso reflete neles, pelo que pensam.”

“Luz!” Murmurou Perrin. Faile havia dito o mesmo — sobre eles estarem envergonhados, de qualquer maneira — mas ele acreditava que era apenas a filha de um lorde falando. Faile crescera cercada de criados, mas como uma dama poderia conhecer os pensamentos de um homem que tinha que trabalhar para ganhar o pão? Ele franziu a testa em direção às linhas de cavalos. Cinco dos ferradores estavam juntos observando-o agora. Envergonhados por ele querer cuidar de seus próprios cavalos e chateados por ele não querer que eles espalhassem lã e espalhassem cascalho por todo o lugar. “Acha que eu deveria agir como um tolo em roupas de seda?” perguntou. Aram piscou e começou a estudar suas botas. “Luz!” Perrin rosnou.

Ao ver Basel Gill correndo na direção das carroças, Perrin se moveu para encontrá-lo. Achava que não tinha feito muito para deixar Gill à vontade no dia anterior. O homem corpulento estava falando sozinho e mais uma vez enxugando a cabeça com um lenço, suando em um casaco cinza escuro amarrotado. O calor do dia já estava começando a tomar conta. Ele não viu Perrin até que Perrin estava quase em cima dele, e então ele deu um salto, enfiando o lenço no bolso do casaco e fazendo uma reverência. Ele parecia carismático e escovado, apto para um dia de festa.

“Ah. Meu Senhor Perrin. Sua Senhora me disse para levar uma carroça para Bethal. Ela diz que devo encontrar algum tabaco de Dois Rios para você, se puder, mas não sei se isso é possível. A folha de dois rios sempre foi cara, e o comércio não é mais o que era.”

“Ela está mandando você para o tabaco?” Perrin disse, franzindo a testa. Supôs que o segredo tinha ido por água abaixo, mas ainda assim. “Comprei três barris, duas aldeias atrás. O suficiente para todos.”

Gill balançou a cabeça com firmeza. “Não era folha de Dois Rios, e sua Senhora diz que você gosta desse acima de qualquer outro. A

folha de Ghealdan servirá para seus homens. Vou ser seu *shambayan*, como ela chamou, e manter você e ela supridos com o que vocês precisam. Nada muito diferente do que eu fazia na Bênção, na verdade.” A semelhança pareceu diverti-lo; sua barriga tremeu com risadas silenciosas. “Tenho uma lista e tanto, embora não possa dizer quanto vou encontrar. Bom vinho, ervas, frutas, velas e óleo de lamparina, oleado e cera, papel e tinta, agulhas, alfinetes, ah, todo tipo de coisas. Tallanvor e Lamgwin e eu estamos indo, com alguns dos outros servidores de sua Senhora.”

Os outros retentores de sua Senhora. Tallanvor e Lamgwin estavam trazendo outro baú para as mulheres examinarem. Tiveram que passar pelo grupo de jovens tolos agachados, que nunca se ofereceram para ajudar. Na verdade, os vagabundos os ignoraram completamente.

“Você fica de olho nesse grupo”, advertiu Perrin. “Se um deles começar algum problema — se parecer que vai — você faz Lamgwin quebrar a cabeça dele.” E se fosse uma das mulheres? Elas eram tão prováveis de criar problemas quanto os homens, talvez mais. Perrin grunhiu. Os “retentores” de Faile ainda iriam amarrar sua barriga em nós permanentes. Pena que ela não pudesse estar satisfeita com os gostos de Mestre Gill e Maighdin. “Você não mencionou Balwer. Ele decidiu continuar sozinho?” Nesse momento, uma mudança na brisa trouxe-lhe o cheiro de Balwer, um cheiro alerta muito em desacordo com o exterior quase ressecado do sujeito.

Mesmo para um homem tão esguio, Balwer fez surpreendentemente pouco barulho nas folhas secas sob os pés. Em um casaco de marrom pardal, ele deu uma reverência rápida, e sua cabeça inclinada aumentou a semelhança com um pássaro. “Vou ficar, meu Senhor,” disse cautelosamente. Ou talvez fosse apenas o jeito dele. “Como secretário de sua graciosa senhora. E seu, se lhe agradar.” Ele se aproximou, quase num pulo. “Sou bem versado, meu Senhor. Possuo uma boa memória e uma boa letra, e meu Senhor pode ter certeza de que tudo o que ele confiar em mim nunca

passará de meus lábios para outro. A capacidade de guardar segredos é uma habilidade primária de um secretário. Você não tem deveres urgentes para nossa nova senhora, Mestre Gill?”

Gill franziu o cenho para Balwer, abriu a boca e depois a fechou com um estalo. Girando nos calcanhares, ele trotou em direção à tenda.

Por um momento, Balwer o observou ir, com a cabeça de lado, os lábios franzidos pensativamente. “Posso oferecer outros serviços também, meu Senhor,” disse finalmente. “Conhecimento. Ouvi alguns dos homens do meu Senhor falando, e entendo que meu Senhor pode ter tido algumas... dificuldades... com os Filhos da Luz. Um secretário aprende muitas coisas. Sei uma quantidade surpreendente sobre os Filhos.”

“Com alguma sorte, poderei evitar os Mantos Brancos”, disse Perrin. “Melhor se você soubesse onde o Profeta está. Ou os Seanchan.” Ele não esperava nada disso, é claro, mas Balwer o surpreendeu.

“Não posso ter certeza, é claro, mas acho que os Seanchan ainda não se espalharam muito além de Amador. Fato é difícil de separar de boato, meu Senhor, mas mantenho meus ouvidos abertos. Claro, eles parecem se mover com uma rapidez inesperada. Um povo perigoso, com grande número de soldados taraboneanos. Acredito pelo que ouvi do Mestre Gill que meu Senhor os conhece, mas observei-os de perto em Amador, e o que vi está à disposição de meu Senhor. Quanto ao Profeta, há tantos rumores sobre ele quanto sobre os Seanchan, mas acredito que posso dizer com segurança que ele esteve recentemente em Abila, uma cidade grande a cerca de quarenta léguas ao sul daqui.” Balwer sorriu levemente, um breve sorriso de autossatisfação.

“Como você pode ter tanta certeza?” Perrin disse lentamente.

“Como eu disse, meu Senhor, mantenho meus ouvidos abertos. O Profeta teria fechado uma série de pousadas e tavernas, e demolido

aqueles que considerava de má reputação. Várias foram mencionadas e, por acaso, sei que há pousadas com esses nomes em Abila. Acho que há pouca chance de outra cidade ter pousadas com os mesmos nomes.” Ele abriu outro sorriso estreito. Certamente cheirava satisfeito consigo mesmo.

Perrin coçou a barba pensativamente. O homem convenientemente se lembrava de onde estavam localizadas algumas pousadas que Masema supostamente havia demolido. E se Masema acabasse por não estar lá, bem, hoje em dia os rumores brotavam como cogumelos depois da chuva. Balwer parecia um homem tentando construir sua própria importância. “Obrigado, Mestre Balwer. Vou manter isso em mente. Se você ouvir mais alguma coisa, não deixe de me dizer.” Quando ele se virou para sair, o homem agarrou sua manga.

Os dedos magros de Balwer saltaram imediatamente, como se estivessem queimados, e ele fez uma daquelas reverências de pássaro, lavando as mãos a seco. “Perdoe-me, meu Senhor. Hesito em pressionar, mas não subestime os Mantos Brancos. Evitá-los é sábio, mas pode não ser possível. Eles estão muito mais próximos do que os Seanchan. Eamon Valda, o novo Lorde Capitão Comandante, liderou a maioria de seus números em direção ao norte de Amadicia antes da queda de Amador. Ele também estava caçando o Profeta, meu Senhor. Valda é um homem perigoso, e Rhadam Asunawa, o Grande Inquisidor, faz Valda parecer agradável. E temo que nenhum dos dois tenha amor pelo seu próprio Senhor. Me perdoe.” Ele curvou-se novamente, hesitou, então continuou suavemente. “Se posso dizer, a exibição do estandarte de Manetheren por meu Senhor é inspirada. Meu Senhor será mais do que páreo para Valda e Asunawa, se tomar cuidado.”

Observando-o se curvar, Perrin pensou que agora conhecia parte da história de Balwer. Claramente, ele também entrou em conflito com os Mantos Brancos. Poderia não ser mais do que ter estado na mesma rua com eles, recebendo uma carranca na hora errada, mas

parecia que Balwer tinha guardado rancor. Tinha uma mente afiada, também, percebendo logo sobre a Águia Vermelha. E uma língua afiada com Mestre Gill.

Gill estava de joelhos ao lado de Maighdin, falando rapidamente apesar do esforço de Lini para silenciá-lo. Maighdin se virou para encarar Balwer enquanto o sujeito corria por entre as árvores em direção às carroças, mas de vez em quando seu olhar se voltava para Perrin. O resto deles se aglomerava perto dela, olhando ora para Balwer, ora para Perrin. Se ele já tinha visto um grupo de pessoas preocupadas com o que outra pessoa havia dito, eram eles. Mas o que eles estavam preocupados que ele pudesse ter ouvido? Calúnias, provavelmente. Contos de ressentimentos e malfeitos, reais ou imaginários. As pessoas presas juntas tendiam a começar a bicar umas às outras. Se fosse isso, talvez pudesse pará-los antes que alguém tirasse sangue. Tallanvor estava acariciando o punho de sua espada novamente! O que Faile pretendia fazer com o sujeito?

“Aram, eu quero que você vá falar com Tallanvor e esse pessoal. Diga a eles o que Balwer me disse. Apenas escorregue para essa conversa, mas conte tudo.” Isso devia acalmar os medos de contar histórias. Faile disse que os empregados precisavam se sentir em casa. “Faça amizade com eles se puder, Aram. Mas se você decidir se apaixonar por uma das mulheres, certifique-se de que é Lini. As outras duas já estão tomadas.”

O homem tinha uma língua suave para qualquer mulher bonita, mas conseguiu parecer tanto surpreso quanto ofendido. “Como quiser, Lorde Perrin,” ele murmurou mal-humorado. “Vou te alcançar em uns instantes.”

“Vou estar com os Aiel.”

Aram piscou. “Ah. Sim. Bem, pode demorar um pouco, se eu quiser fazer amizade com eles. Não parecem querer muito amigos, em minha opinião.” Isso vindo de um sujeito que olhava desconfiado

para qualquer um que se aproximasse de Perrin, exceto Faile, e nunca sorria para quem não usasse saia.

No entanto, ele se foi sobre os calcanhares, onde poderia falar com Gill e os outros. Mesmo à distância, o distanciamento deles era claro. Continuaram com seu trabalho, apenas de vez em quando dizendo uma palavra para Aram, e se entreolhavam com a mesma frequência que olhavam para ele. Ariscos como a codorna verde no verão, quando as raposas ensinavam os filhotes a caçar. Mas pelo menos estavam conversando.

Perrin se perguntou que travessuras Aram tinha feito com os Aiel — não parecia ter havido tempo para isso! — mas ele não se perguntou por muito tempo. Qualquer problema sério com os Aiel geralmente significava alguém morto, e nunca um Aiel. Na verdade, não estava tão ansioso para encontrar ele próprio com as Sábias. Caminhou ao redor da curva da colina, mas em vez de subir a encosta, seus pés o levaram até os mayenos. Também ficara o mais longe possível do acampamento deles, e não apenas por causa de Berelain. Havia desvantagens em ter um nariz muito aguçado.

Felizmente, uma brisa refrescante estava levando a maior parte do fedor embora, embora isso funcionasse pouco por causa do calor. O suor escorria pelos rostos das sentinelas montadas em suas armaduras vermelhas. Ao vê-lo, eles se sentaram ainda mais rígidos em suas selas, o que significava alguma coisa. Enquanto os homens de Dois Rios cavalgavam como companheiros indo para os campos, os mayenos geralmente eram estátuas a cavalo. Podiam lutar, no entanto. A Luz enviada a eles não era necessária.

Havien Nurelle veio correndo, abotoando o casaco, antes que Perrin passasse bem pelas sentinelas. Uma dúzia de outros oficiais seguia atrás de Nurelle, todos revestidos e alguns amarrando as tiras de suas couraças vermelhas. Dois ou três portavam capacetes com finas plumas vermelhas debaixo dos braços. A maioria era anos mais velha que Nurelle, alguns com o dobro de sua idade, homens

grisalhos com rostos duros e cheios de cicatrizes, mas a recompensa de Nurelle por ajudar a resgatar Rand fora ser nomeado segundo de Gallenne, seu primeiro-tenente, como chamavam.

"A Primeira ainda não voltou, Lorde Perrin", disse Nurelle, fazendo uma reverência espelhada pelos outros. Um homem alto e esguio, não parecia tão jovem quanto antes de Poços de Dumai. Havia uma marcaa em seus olhos, de quem tinham visto mais sangue do que a maioria dos veteranos de vinte batalhas. Mas se seu rosto estava mais duro, ainda havia uma ânsia de agradar em seu cheiro. Para Havien Nurelle, Perrin Aybara era um homem que podia voar ou andar sobre a água se quisesse. "As patrulhas da manhã não viram nada, as que voltaram. Eu teria relatado, caso contrário."

"Claro", disse Perrin. "Eu... só queria olhar um pouco."

Ele simplesmente pretendia andar por aí até que pudesse reunir coragem para enfrentar as Sábias, mas o jovem mayeno o seguiu com o resto dos oficiais, esperando ansiosamente que Lorde Perrin encontrasse alguma falha nos Guardas Alados, estremecendo sempre que eles viam homens de peito nu jogando dados em um cobertor ou algum sujeito roncando com o sol subindo. Ele não precisava ter se incomodado; para Perrin, o acampamento parecia estabelecido com um fio de prumo e nivelado. Cada homem tinha seus cobertores e sua sela como travesseiro, a não mais de dois passos de onde seu cavalo estava amarrado a uma das longas cordas penduradas entre varas na altura do peito erguidas no chão. Uma fogueira para cozinhar ficava a cada vinte passos, com lanças empilhadas em cones com pontas de aço entre elas. O conjunto formava uma espécie de quadrado em torno de cinco tendas pontiagudas, uma listrada de dourado e azul e maior que as outras quatro juntas. Tudo muito diferente do arranjo em todos os sentidos dos homens de Dois Rios.

Perrin caminhou rapidamente, tentando não parecer muito tolo. Não tinha certeza de quanto sucesso estava tendo. Ansiava por parar

e olhar por cima de um cavalo ou dois — só para ser capaz de cuidar de um casco sem que alguém praticamente desmaiasse —, mas consciente do que Aram havia dito, manteve as mãos para si mesmo. Todos pareciam tão assustados quanto Nurelle em seu ritmo. Os vassalos de olhos duros obrigaram os homens a ficarem de pé apenas para ver Perrin passar com um aceno de cabeça antes que todos ficassem de pé. Um murmúrio perplexo percorreu o ar atrás dele, e seus ouvidos captaram alguns comentários sobre oficiais, lordes em particular, que ficou feliz por Nurelle e os outros não terem ouvido. Por fim, ele se viu à beira do acampamento, olhando para a encosta rochosa em direção às tendas das Sábias. Apenas algumas das Donzelas eram visíveis entre as árvores espalhadas lá em cima, e alguns dos *gai'shain*.

“Lorde Perrin” disse Nurelle, hesitante. “As Aes Sedai...” Ele se aproximou e baixou a voz para um sussurro rouco. “Eu sei que elas juraram ao Lorde Dragão, e... eu vi coisas, Lorde Perrin. Elas fazem tarefas no acampamento! Aes Sedai! Esta manhã, Masuri e Seonid desceram para buscar água! E ontem, depois que você voltou... Ontem, pensei ter ouvido alguém lá... gritando. Não poderia ter sido uma das irmãs, é claro”, acrescentou ele apressadamente, e riu para mostrar o quão ridícula era a ideia, uma risada muito trêmula. “Você... Você vai ver se tudo está... bem... com elas?” Ele havia cavalgado sobre quarenta mil Shaido liderando duzentos lanceiros, mas falar sobre isso o fazia encolher os ombros e mover os pés. Claro, tinha cavalgado sobre quarenta mil Shaido porque uma Aes Sedai queria que ele fizesse isso.

“Farei o que puder”, Perrin murmurou. Talvez as coisas fossem piores do que ele pensava. Agora ele tinha que impedi-las de piorar ainda mais. Se pudesse. Preferia ter que enfrentar os Shaido novamente.

Nurelle assentiu como se Perrin tivesse prometido tudo o que ele pediu e mais. “Tudo bem, então,” ele disse, parecendo aliviado. Lançando olhares de soslaio para Perrin, ele se esforçou para dizer

mais alguma coisa, mas aparentemente isso não era tão delicado quanto as Aes Sedai. "Ouvi dizer que você deixou a Águia Vermelha ficar."

Perrin quase pulou. Mesmo ao redor da colina, as notícias tinham viajado rápido. "Parecia a coisa a se fazer", disse ele lentamente. Berelain teria que saber a verdade, mas se muitos soubessem, essa verdade se espalharia a partir da próxima aldeia por onde passassem, da próxima fazenda. "Este lugar costumava fazer parte de Manetheren", acrescentou, como se Nurelle não soubesse disso perfeitamente. Verdade! Ele tinha conseguido dobrar a verdade como uma Aes Sedai, e aos homens ao seu lado. "Não é a primeira vez que essa bandeira foi levantada por aqui, garanto, mas nenhum desses caras tinha o Dragão Renascido atrás dele." E se isso não plantasse as sementes necessárias, ele não sabia como arar um prado.

Abruptamente percebeu que parecia que cada um dos Guardas Alados o observava com seus oficiais. Sem dúvida se perguntando o que estava dizendo, depois de correr por aquele caminho. Até mesmo o velho soldado calvo e magro que Gallenne chamava de ladrão de cachorros tinha saído para olhar, e as criadas de Berelain, duas mulheres gordas de rosto comum vestidas para combinar com a tenda de sua dona. Perrin quase não tinha visto nada, mas sabia que precisava fazer algum tipo de elogio.

Erguendo a voz o suficiente para ser ouvido, ele disse: "Os Guardas Alados vão deixar Mayene orgulhosa se algum dia enfrentarmos outra batalha como a de Poços de Dumai." Essas foram as primeiras palavras que lhe vieram à mente, mas ele estremeceu ao dizê-las.

Para sua surpresa, gritos se ergueram imediatamente entre os soldados, aplaudindo: "Perrin Olhos Dourados!" e "Mayene para Olhos Dourados!" e "Olhos Dourados e Manetheren!" Homens dançavam e saltitavam, e alguns arrancavam lanças das pilhas para

sacudi-las para que as fitas vermelhas ondulassem na brisa. Os vassalos grisalhos os observavam com os braços cruzados, balançando a cabeça em aprovação. Nurelle sorriu, e não só ele. Oficiais com cinza no cabelo e cicatrizes no rosto sorriam como meninos elogiados em suas aulas. Luz, ele era o único homem são! Orava para nunca mais ver outra batalha!

Imaginando se isso causaria problemas a Berelain, despediu-se de Nurelle e dos outros e subiu a encosta por entre arbustos mortos ou moribundos, nada na altura da cintura. As ervas daninhas marrons estalavam sob suas botas. Os gritos ainda enchiam o acampamento mayeno. Mesmo depois de saber a verdade, a Primeira podia não gostar de ter seus soldados torcendo por ele dessa maneira. Claro, isso poderia ter bons pontos. Talvez ela ficasse com raiva o suficiente para parar de importuná-lo.

Perto do topo, ele fez uma pausa, ouvindo os aplausos finalmente desaparecerem. Ninguém iria aplaudi-lo aqui. Todas as abas laterais estavam abaixadas nas tendas baixas marrom acinzentadas das Sábias, fechando-as. Apenas algumas das Donzelas estavam à vista agora. Agachando-se facilmente sobre os calcanhares sob uma árvore de folha de couro que ainda mostrava um pouco de verde, elas o olharam com curiosidade. Suas mãos moviam-se rapidamente daquele jeito que tinham de falar entre si com sinais. Depois de um momento, Sulin se levantou, movendo seu pesado canivete, e caminhou na direção dele, uma mulher alta e rija com uma cicatriz rosada na bochecha bronzeada. Ela olhou de volta para o caminho que ele tinha vindo e parecia aliviada por ele estar sozinho, embora muitas vezes fosse difícil dizer com as Aiel.

“Isso é bom, Perrin Aybara,” ela disse calmamente. “As Sábias não gostavam que você as fizesse ir até você. Só um tolo desagrada as Sábias, e eu não o considero um tolo.”

Perrin esfregou a barba. Ele vinha se mantendo afastado das Sábias — e das Aes Sedai — tanto quanto possível, mas não tinha

intenção de forçá-las a ir até ele. Apenas achava a companhia delas desconfortável. Para dizer o mínimo. “Bem, eu preciso ver Edarra agora,” ele disse a ela. “É sobre as Aes Sedai.”

“Talvez eu estivesse enganada, afinal,” Sulin disse secamente. “Mas vou contar a ela.” Virando-se, ela fez uma pausa. “Me diga algo. Teryl Wynter e Furen Alharra são próximos de Seonid Traighan — como irmãos de primeira geração com uma primeira irmã; ela não gosta dos homens como *homens* no sentido amoroso — mas eles se ofereceram para receber seu castigo por ela. Como eles podem envergonhá-la tanto?”

Ele abriu a boca, mas nada saiu. Um par de *gai'shain* apareceu da encosta oposta, cada um conduzindo duas das mulas de carga dos Aiel; os homens vestidos de branco passaram a poucos passos, descendo em direção ao riacho. Ele não podia ter certeza, mas achava que ambos eram Shaido. O par manteve os olhos humildemente para baixo, mal olhando para cima o suficiente para ver para onde estavam indo. Eles tiveram todas as oportunidades de fugir, fazendo tarefas como essa sem ninguém para vigiar. Eram um povo peculiar.

“Vejo que você também está chocado”, disse Sulin. “Esperava que você pudesse explicar. Vou contar a Edarra.” Enquanto se dirigia às tendas, acrescentou por cima do ombro: “Vocês aguacentos são muito estranhos, Perrin Aybara”.

Perrin franziu o cenho atrás dela, e quando ela desapareceu em uma das tendas, ele se virou para franzir a testa para os dois *gai'shain* que conduziam os cavalos até a água. Aguacentos eram estranhos? Luz! Então Nurelle estava certo no que ouviu. Já estava mais do que na hora de meter o nariz no que estava acontecendo entre as Sábias e as Aes Sedai. Deveria ter feito algo antes. Desejou que não pensasse que seria o mesmo que enfiar o nariz em um ninho de vespas.

Pareceu levar muito tempo para Sulin reaparecer, e ela fez pouco para melhorar seu humor quando apareceu. Segurando a aba da tenda para ele, ela sacudiu sua faca de cinto com desprezo com um dedo enquanto ele se abaixava. "Você deveria estar melhor armado para esta dança, Perrin Aybara", disse ela.

Lá dentro, ele ficou surpreso ao encontrar todas as seis Sábias sentadas de pernas cruzadas em almofadas de borlas coloridas, seus xales amarrados na cintura e suas saias fazendo leques cuidadosamente arrumados sobre os tapetes em camadas. Ele esperava apenas por Edarra. Nenhuma parecia ser mais do que quatro ou cinco anos mais velha do que ele, algumas nem um pouco mais velhas, mas de alguma forma sempre o faziam sentir como se estivesse enfrentando os membros mais velhos do Círculo de Mulheres, aquelas que passaram anos aprendendo a farejar tudo o que você queria esconder. Separar o cheiro de uma mulher do de outra era quase impossível, mas ele dificilmente precisava. Seis pares de olhos se cravaram nele, dos azuis de céu pálido de Janina, aos de crepúsculo roxo de Marline, sem mencionar o verde afiado de Nevarin. Cada olho poderia ter sido um espeto.

Edarra fez um gesto brusco para que ele mesmo tomasse uma almofada, o que ele fez com gratidão, embora o colocasse diante de todas em um semicírculo. Talvez as Sábias tivessem projetado essas barracas para fazer os homens dobrarem o pescoço se quisessem ficar de pé. Estranhamente, estava mais frio no interior escuro, mas ele ainda sentia vontade de suar. Talvez não pudesse separar uma da outra, mas essas mulheres cheiravam como lobos estudando uma cabra amarrada. Um *gai'shain* de rosto quadrado que tinha metade do tamanho dele se ajoelhou para oferecer uma taça dourada de ponche de vinho escuro em uma elaborada bandeja de prata. As Sábias já seguravam copos e taças de prata incompatíveis. Sem saber o que significava estarem lhe oferecendo ouro — talvez nada, mas quem poderia dizer, com as Aiel? — Perrin aceitou com cautela. Exalava o cheiro de ameixas. O sujeito curvou-se bastante

humildemente quando Edarra bateu palmas e se inclinou para fora da tenda por trás, mas o corte semicurado em seu rosto duro tinha que datar dos Poços de Dumai.

“Agora que você está aqui”, disse Edarra assim que a aba da tenda caiu atrás do *gai’shain*, “explicaremos novamente por que você deve matar o homem chamado Masema Dagar.”

“Nós não deveríamos ter que explicar de novo,” Delora colocou. Sua maneira era gelo puro. “Este Masema Dagar é um perigo para o *Car’a’carn*. Ele deve morrer.”

“As andarilhas dos sonhos nos contaram, Perrin Aybara.” Carelle certamente era bonita, e embora seu cabelo cor de fogo e seus olhos penetrantes a fizessem parecer como se ela tivesse um temperamento forte, ela sempre era suave. Para uma Sábia. Mas certamente não era mole. “Elas leram o sonho. O homem deve morrer.”

Perrin tomou um gole de ponche de ameixa para ganhar um momento. De alguma forma, o golpe foi suave. Era sempre assim com elas. Rand não havia mencionado nenhum aviso das andarilhas dos sonhos. Na primeira vez, Perrin havia mencionado isso. Apenas uma vez; elas pensaram que ele estava lançando dúvidas sobre sua palavra, e até Carelle ficou com os olhos quentes. Não que Perrin achasse que elas mentiriam. Não exatamente. Ele não as tinha pego mentindo, de qualquer maneira. Mas o que elas queriam para o futuro e o que Rand queria — o que ele mesmo queria, aliás — podiam ser coisas muito diferentes. Talvez fosse Rand quem estivesse guardando segredos. “Se vocês pudessem me dar uma ideia de qual é esse perigo,” ele disse, finalmente. “A Luz sabe, Masema é um louco, mas ele apoia Rand. Uma coisa legal, se eu sair por aí matando pessoas que estão do nosso lado. Isso certamente convencerá as pessoas a se juntarem a Rand.”

O sarcasmo foi perdido para elas. Elas olharam para ele, sem piscar. “O homem deve morrer”, disse Edarra por fim. “Basta que

três andarilhas dos sonhos tenham dito, e seis Sábias lhe digam.” Era o mesmo de sempre. Talvez elas não soubessem mais do que isso. E talvez ele devesse continuar com o motivo de ter vindo.

“Quero falar sobre Seonid e Masuri,” ele disse, e seis rostos viraram gelo. Luz, essas mulheres poderiam intimidar uma pedra! Colocando a taça de vinho de lado, ele se inclinou para elas teimosamente. “Eu deveria exibir às pessoas Aes Sedai juramentadas a Rand.” Ele deveria exibir a Masema, na verdade, mas este não parecia um bom momento para mencionar isso. “Elas não vão ser muito cooperativas se você as derrotar! Luz! Elas são Aes Sedai! Em vez de fazê-las transportar água, por que vocês não aprendem com elas? Devem saber todos os tipos de coisas que vocês não sabem.” Tarde demais, ele mordeu a língua. As mulheres Aiel não se ofenderam, no entanto; não que mostrassem, de qualquer maneira.

“Elas sabem algumas coisas que nós não sabemos,” Delora disse a ele com firmeza, “e nós sabemos algumas que elas não sabem.” Tão firme quanto uma ponta de lança nas costelas.

“Nós aprendemos o que há para aprender, Perrin Aybara,” Marline disse calmamente, penteando o cabelo quase preto com os dedos. Ela era uma das poucas Aiel que ele tinha visto com um cabelo tão escuro, e muitas vezes ela brincava com ele. “E nós ensinamos o que há para ensinar.”

“De qualquer forma”, disse Janina, “não é da sua conta. Os homens não interferem entre Sábias e aprendizes.” Ela balançou a cabeça por sua tolice.

“Você pode parar de ouvir aí fora e entrar, Seonid Traighan”, disse Edarra de repente. Perrin piscou surpreso, mas nenhuma das mulheres piscou.

Houve um momento de silêncio, então a aba da tenda se moveu para o lado, e Seonid entrou, ajoelhando-se rapidamente nos tapetes. Aquela alardeada serenidade da Aes Sedai se despedaçou

nela. Sua boca era uma linha fina, seus olhos apertados, seu rosto vermelho. Ela cheirava a raiva, frustração e mais uma dúzia de emoções, todas girando tão rapidamente que Perrin mal conseguia separar algumas. "Posso falar com ele?" ela perguntou com uma voz dura.

"Se você tomar cuidado com o que diz," Edarra disse a ela. Bebendo seu vinho, a Sábia vigiava sobre a borda de sua taça. Uma professora observando uma aluna? Um falcão observando um rato? Perrin não podia ter certeza. Exceto que Edarra estava muito segura do lugar *dela*, qualquer que fosse. Assim como Seonid. Mas isso não se mostrou a ele.

Ela se virou para encará-lo de joelhos, as costas retas, os olhos aquecidos. A raiva se enfureceu no cheiro dela. "Tudo o que você sabe", disse ela com raiva, "tudo o que você *acha* que sabe, você vai esquecer!" Não, não havia um pingo de serenidade nela. "O que acontece entre nós e as Sábias é só da nossa conta! Você vai ficar por fora, desviar os olhos e manter a boca fechada!"

Espantado, Perrin passou os dedos pelo cabelo. "Luz, você está chateada porque eu sei que vocês fizeram uma troca?" ele disse incrédulo. Bem, ele poderia estar também, mas não junto com o resto. "Você não sabe que essas mulheres cortariam sua garganta ao olhar para você? Cortar sua garganta e deixá-la ao lado da estrada! Bem, eu prometi a mim mesma que não deixaria isso acontecer! Não gosto de você, mas prometi protegê-la das Sábias, ou dos Asha'man, ou do próprio Rand, então desça desse pedestal!" Percebendo que estava gritando, ele respirou fundo envergonhado e se acomodou na almofada, pegou sua taça de vinho e tomou um longo gole.

Seonid ficou mais rígida com a palavra com indignação, e seu lábio se curvou bem antes que ele terminasse. "Você prometeu?" ela zombou. "Você acha que as Aes Sedai precisam da *sua* proteção? Seu..."

“Basta,” Edarra disse baixinho, e a mandíbula de Seonid se fechou, embora suas mãos fechassem em punhos brancos segurando suas saias.

“O que faz você pensar que a mataríamos, Perrin Aybara?” Janina perguntou curiosa. Aiel raramente mostrava muito em seus rostos, mas as outras franziam a testa para ele ou olhavam com aberta incredulidade.

“Eu sei como vocês se sentem”, ele respondeu lentamente. “Sei desde que vi vocês com as irmãs depois dos Poços de Dumai.” Ele não ia explicar que sentira o cheiro do ódio delas, do desprezo delas, toda vez que uma Sábia olhava para uma Aes Sedai naquela época. Não sentia o cheiro agora, mas ninguém poderia manter esse nível de fúria por muito tempo sem explodir. Isso não significava que tinha desaparecido, apenas que tinha afundado muito, talvez até os ossos.

Delora bufou, um som como linho sendo rasgado. “Primeiro você diz que eles devam ser mimadas porque você precisa delas, e agora porque elas são Aes Sedai e você prometeu protegê-las. Qual é a verdade, Perrin Aybara?

“Ambos.” Perrin encontrou o olhar duro de Delora por um longo momento, então olhou para cada uma das outras. “Ambas são verdades, e falo sério sobre ambas.”

As Sábias trocaram olhares, do tipo em que cada piscar de pálpebras contém uma centena de palavras e nenhum homem consegue distinguir nenhuma. Finalmente, em um deslocamento de colares e reajuste de xales amarrados, elas pareciam chegar a um acordo.

“Nós não matamos aprendizes, Perrin Aybara”, disse Nevarin. Ela parecia chocada com a ideia. “Quando Rand al'Thor nos pediu para ensiná-las, talvez ele pensasse que era apenas para fazê-las nos obedecer, mas não falamos palavras vazias. Elas são aprendizes, agora.”

“E permanecerão assim até que cinco Sábias concordem que estão prontas para serem mais”, acrescentou Marline, jogando os longos cabelos sobre o ombro. “E elas não são tratados de maneira diferente de qualquer outra.”

Edarra acenou com a cabeça sobre sua taça de vinho. “Diga a ele o conselho que você daria a respeito de Masema Dagar, Seonid Traighan,” ela disse.

A mulher ajoelhada praticamente se contorceu durante os curtos discursos de Nevarin e Marline, agarrando sua saia até Perrin achar que a seda poderia rasgar, mas não perdeu tempo em obedecer às instruções de Edarra. “As Sábias têm razão, sejam quais forem os motivos. E não digo isso porque elas desejam.” Ela se endireitou novamente, suavizando suas feições com um esforço visível. Um toque de calor ainda queimava em sua voz, no entanto. “Eu vi o trabalho dos chamados Devotos do Dragão antes de conhecer Rand al'Thor. Morte e destruição, sem propósito. Mesmo um cão fiel deve ser sacrificado se começar a espumar pela boca.”

“Sangue e cinzas!” Perrin resmungou. “Como posso deixar você ver o homem depois disso? Você jurou fidelidade a Rand; você sabe que não é isso que ele quer! E aquele ‘milhares morrerão se você falhar’?” Luz, se Masuri sentia o mesmo, então tinha que enfrentar Aes Sedai e Sábias à toa! Não, pior. Ele teria que proteger Masema delas!

“Masuri conheceu um Masema raivoso, assim como eu,” Seonid respondeu quando ele fez a pergunta para ela. Toda a sua serenidade havia retornado. Ela o olhava com um rosto frio e ilegível. Seu cheiro era agudo e alerta. Com intenção. Como se ele precisasse de seu nariz para perceber isso, com os olhos fixos nos dele, grandes e escuros e sem fundo. “Eu jurei servir ao Dragão Renascido, e o melhor serviço que posso dar a ele agora é manter este animal longe dele. Já é ruim o bastante que os governantes saibam que Masema o apoia; pior se o virem abraçar o homem. E

milhares morrerão se você falhar em chegar perto o suficiente de Masema para matá-lo.

Perrin pensou que sua cabeça fosse girar. Mais uma vez uma Aes Sedai girou as palavras como um pião, fazendo parecer que ela havia dito preto quando queria dizer branco. Depois as Sábias acrescentaram a sua parte.

"Masuri Sokawa", disse Nevarin calmamente, "acredita que o cão raivoso pode ser amarrado e amordaçado para que possa ser usado com segurança". Por um instante, Seonid pareceu tão surpresa quanto Perrin, mas ela se recuperou rapidamente. Por fora, ela pareceu; seu cheiro ficou subitamente cauteloso, como se ela pressentisse uma armadilha onde não esperava.

"Ela também deseja que você seja colocado em um cabresto, Perrin Aybara", acrescentou Carelle, ainda mais casualmente. "Acha que você deve ser amarrado também, para torná-lo seguro." Nada em seu rosto sardento dizia se ela concordava.

Edarra ergueu a mão para Seonid. "Você pode ir agora. Não vai ouvir mais, mas pode pedir a Gharadin novamente para deixar você curar a ferida em seu rosto. Lembre-se, se ele ainda se recusar, você deve aceitar. Ele é *gai'shain*, não um de seus servos aguacentos." Ela disse essa última palavra com profundezas de desprezo.

Seonid olhou para Perrin. Ela olhou para as Sábias, os lábios trêmulos à beira da fala. No final, porém, tudo o que ela podia fazer era ir com a maior graça possível. Externamente, isso era considerável, uma Aes Sedai sendo Aes Sedai, a ponto de envergonhar uma rainha. Mas o cheiro que ela arrastou atrás de si era frustração forte o suficiente para cortar.

Assim que ela se foi, as seis Sábias voltaram a se concentrar em Perrin.

"Agora", disse Edarra, "você pode nos explicar por que colocaria um animal raivoso ao lado do *Car'a'carn*."

“Apenas um tolo obedece ao comando de outro para empurrá-lo de um penhasco”, disse Nevarin.

“Você não vai nos ouvir,” Janina disse, “então nós vamos ouvir você. Fale, Perrin Aybara.”

Perrin pensou em sair pelas portinholas. Mas se o fizesse, deixaria para trás uma Aes Sedai que talvez pudesse ser de alguma ajuda duvidosa, e outra, junto com seis Sábias, que estava pronta para arruinar tudo o que ele viera fazer. Pousou a taça de vinho novamente e pousou as mãos nos joelhos. Precisava manter a cabeça clara se quisesse mostrar a essas mulheres que não era uma cabra amarrada.



CAPÍTULO

10



Mudanças

Quando Perrin saiu da tenda das Sábias, pensou em tirar o casaco para ver se sua pele ainda estava presa e inteira. Não era uma cabra amarrada, talvez, mas um veado com seis lobas nos calcanhares, e ele não tinha certeza de que pés os rápidos o haviam servido. Com certeza, nenhuma das Sábias havia mudado de ideia, e suas promessas de não agir por conta própria tinham sido vagas na melhor das hipóteses. Sobre as Aes Sedai, não houve promessas, nem mesmo nebulosas.

Procurou por qualquer uma das irmãs e encontrou Masuri. Uma corda estreita havia sido amarrada entre duas árvores e um tapete vermelho e verde com franjas estava pendurado sobre ela. A esbelta Marrom estava batendo nele com um batedor de madeira dobrada, levantando finas nuvens de partículas de poeira que flutuavam brilhando ao sol do meio da manhã. Seu Guardiã, um homem compacto com cabelos escuros e ralos, estava sentado no tronco de uma árvore caída ali perto, olhando-a carrancudo. Rovair Kirklin normalmente tinha um sorriso pronto, mas ele estava profundamente enterrado hoje. Masuri avistou Perrin e, com apenas uma pausa em sua batida no tapete, lançou-lhe um olhar de maldade tão congelada que ele suspirou. E era ela quem pensava como ele.

Pelo menos o mais perto disso que ele provavelmente encontraria. Um falcão de cauda vermelha passou por cima, cavalcando correntes ascendentes de ar quente de colina em colina, sem bater as asas estendidas. Seria muito bom voar para longe de tudo isso. O ferro estava em seu caminho, não adiantava sonhar com prata.

Acenando para Sulin e as Donzelas, que poderiam ter se enraizado sob aquela árvore de folha de couro, Perrin virou-se para ir embora e parou. Dois homens estavam subindo a colina, um deles era Aiel nas cores cinzas, marrons e verdes do *cadin'sor*, seu arco nas costas, uma aljava eriçada no cinto, e suas lanças e escudo redondo de couro na mão. Gaul era um amigo, e o único homem entre os Aiel que não usava branco. Seu companheiro, uma cabeça mais baixo com um chapéu de abas largas, casaco e calções de um verde fosco liso, não era nenhum Aiel. Ele tinha uma aljava cheia em seu cinto, também, e uma faca ainda mais longa e mais pesada que a do homem Aiel, mas carregava seu arco, muito mais curto que um arco longo Dois Rios, embora mais longo que os arcos de chifre dos Aiel. Apesar de suas roupas, não tinha a aparência de um fazendeiro, nem de um homem da cidade. Talvez fosse o cabelo grisalho amarrado na nuca e pendurado até a cintura, a barba em leque sobre o peito, ou talvez apenas a maneira como se movia, muito parecido com o homem ao seu lado, deslizando pelo mato na colina de um modo que se tinha certeza de que nenhum galho quebrou com sua passagem, nenhuma erva daninha quebrou sob seus pés. Perrin não o via há muito tempo.

Chegando ao topo da colina, Elyas Machera olhou para Perrin, os olhos dourados brilhando fracamente na sombra da aba do chapéu. Seus olhos eram assim anos antes dos de Perrin; Elyas tinha apresentado Perrin aos lobos. Estava vestido com peles na época. “Bom te ver de novo, garoto,” ele disse calmamente. O suor brilhava em seu rosto, mas pouco mais do que no de Gaul. “Você abandonou aquele machado, finalmente? Achei que você nunca deixaria de odiá-lo.”

"Ainda odeio", disse Perrin com a mesma calma. Há muito tempo o outrora Guardiã lhe dissera para ficar com o machado até que deixasse de odiar usá-lo. Luz, mas ele ainda odiava! E tinha acrescentado novas razões para isso agora. "O que você está fazendo nesta parte do mundo, Elyas? Onde Gaul o encontrou?"

"Ele me encontrou", disse Gaul. "Eu não sabia que ele estava atrás de mim até que ele tossiu." Ele falou alto o suficiente para ser ouvido pelas Donzelas, e o silêncio repentino entre elas era sólido como um toque.

Perrin esperava pelo menos alguns comentários cortantes — o humor de Aiel quase poderia tirar sangue, e as Donzelas aproveitaram qualquer chance para atacar o homem de olhos verdes — mas em vez disso, algumas das mulheres pegaram lanças e escudos para sacudi-los juntos em aprovação. Gaul concordou com a cabeça.

Elyas resmungou ambigualmente e abaixou o chapéu, mas cheirava satisfeito. Os Aiel não davam muita aproção deste lado do Monte do Dragão. "Gosto de andar", ele disse a Perrin, "e por acaso eu estava em Ghealdan quando alguns amigos em comum me disseram que você estava viajando com esse desfile". Ele não citou os amigos em comum; era imprudente falar abertamente sobre conversar com lobos. "Contaram-me muitas coisas. Disseram-me que cheiram a mudança a caminho. Eles não sabem o quê. Talvez você saiba. Ouvi dizer que você está andando com o Dragão Renascido."

"Eu não sei", disse Perrin lentamente. Uma mudança? Ele não havia pensado em perguntar aos lobos nada além de onde estavam os grandes grupos de homens, para poder contorná-los. Mesmo aqui em Ghealdan, às vezes ele se sentia culpado entre eles pelos lobos mortos em Poços de Dumai. Que tipo de mudança? "Rand certamente está mudando as coisas, mas não posso dizer o que elas

significam. Luz, o mundo inteiro está dando cambalhotas, e não ligue para ele.”

“Todas as coisas mudam”, disse Gaul com desdém. “Até acordarmos, o sonho flutua com o vento.” Por um momento ele estudou Perrin e Elyas, comparando seus olhos, Perrin tinha certeza. Ele não disse nada sobre eles, no entanto; o Aiel parecia tomar os olhos dourados como apenas mais uma peculiaridade entre os aguacentos. “Vou deixar vocês dois conversando sozinhos. Amigos há muito separados precisam conversar sozinhos. Sulin, Chiad e Bain estão por perto? Eu as vi caçando ontem e pensei em mostrar a elas como fazer um arco antes que uma delas se mate.

“Fiquei surpresa ao ver você voltar hoje”, respondeu a mulher de cabelos brancos. “Elas saíram para preparar armadilhas para coelhos.” Risos ondularam através das Donzelas, e os dedos se mexeram rapidamente na conversa.

Suspirando, Gaul revirou os olhos ostensivamente. “Nesse caso, acho que devo ir soltá-los.” Quase todas as Donzelas riram disso, incluindo Sulin. “Que você encontre sombra neste dia”, disse ele a Perrin, uma despedida casual entre amigos, mas apertou os antebraços formalmente com Elyas e disse: “Minha honra é sua, Elyas Machera”.

“Cara estranho” murmurou Elyas, observando Gaul descer a colina. “Quando eu tossi, ele se virou pronto para me matar, eu acho, então começou a rir. Você tem alguma objeção em ir para outro lugar? Não conheço a irmã que está tentando matar aquele tapete, mas não gosto de me arriscar com a Aes Sedai.” Seus olhos se estreitaram. “O Gaul diz que há três com você. Você não espera encontrar mais nenhuma, não é?”

“Espero que não”, respondeu Perrin. Masuri estava olhando para eles entre os golpes com o batedor; ela logo saberia sobre os olhos de Elyas e começaria a tentar descobrir o que mais o ligava a Perrin. “Vamos; é hora de eu estar de volta ao meu próprio acampamento

de qualquer maneira. Você está preocupado em encontrar uma Aes Sedai que o conhece?” Os dias de Elyas como Guardião terminaram quando souberam que ele podia falar com lobos. Algumas irmãs acharam que era uma marca do Tenebroso, e ele teve que matar outros Guardiões para fugir.

O homem mais velho esperou até que estivessem a uma dúzia de passos das tendas antes de responder, e mesmo assim, falou baixinho, como se suspeitasse que alguém atrás deles pudesse ter ouvidos tão bons quanto os deles. “Uma que conhece meu nome já será ruim o suficiente. Guardiões não fogem com frequência, rapaz. A maioria das Aes Sedai libertará um homem que realmente quer ir — a maioria — e de qualquer forma, ela pode rastrear você por mais longe que você corra se ela decidir caçar. Mas qualquer irmã que encontra um renegado passará seus momentos ociosos fazendo-o desejar nunca ter nascido.” Ele estremeceu ligeiramente. Seu cheiro não era de medo, mas de antecipação da dor. “Então ela vai entregá-lo à sua própria Aes Sedai para levar a lição para casa. Um homem nunca é o mesmo depois disso.” Na beira da encosta, ele olhou para trás. Masuri parecia estar tentando matar o tapete, concentrando toda a sua raiva na tentativa de abrir um buraco nele. Porém, Elyas estremeceu de novo. “O pior seria encontrar Rina. Prefiro ser pego em um incêndio florestal com as duas pernas quebradas.”

“Rina é sua Aes Sedai? Mas como você poderia se deparar com ela? O vínculo permite que você saiba onde ela está.” Isso cutucou alguma coisa na memória de Perrin, mas o que quer que fosse derreteu com a resposta de Elyas.

“Um bom número pode confundir o vínculo, por assim dizer. Talvez todas possam. Você não sabe muito mais do que saber que ela ainda está viva, e eu sei disso de qualquer maneira, porque não enlouqueci.” Elyas viu a pergunta em seu rosto e deu uma risada. “Luz, homem, uma irmã é de carne e sangue também. A maioria é. Pense nisso. Você gostaria de alguém dentro de sua cabeça enquanto você se aconchega com uma provável prostituta? Desculpe; esqueci

que você era casado agora. Sem intenção de ofender. Fiquei surpreso ao saber que você se casou com uma saldaeana, no entanto.”

“Surpreso?” Perrin nunca havia considerado *aquilo* sobre o vínculo do Guardião. Luz! Aliás, ele nunca tinha pensado nas Aes Sedai daquele jeito. Parecia tão possível... quanto um homem falando com lobos. “Por que surpreso?” Eles começaram a descer por entre as árvores deste lado da colina, sem pressa e fazendo pouco barulho. Perrin sempre foi um bom caçador, acostumado com as florestas, e Elyas mal mexia com as folhas sob os pés, deslizando suavemente pela vegetação rasteira sem mover um galho. Ele poderia ter pendurado o arco nas costas agora, mas ainda o carregava pronto. Elyas era um homem cauteloso, especialmente com as pessoas.

“Ora, porque você é um tipo quieto, e eu pensei que você se casaria com alguém quieto também. Bem, você já sabe que os saldaeanos não estão quietos. Exceto com estranhos e forasteiros. Colocam o sol em chamas em um minuto e, no próximo, tudo já foi destruído e esquecido. Fazem os arafellinos parecerem impassíveis e os domaneses completamente sem graça.” Elias sorriu de repente. “Eu vivi um ano com uma saldaeana, uma vez, e Merya gritava em meus ouvidos cinco dias por semana, e talvez atirasse os pratos na minha cabeça também. Toda vez que eu pensava em ir embora, porém, ela queria fazer as pazes, e eu nunca parecia chegar à porta. No final, ela me deixou. Disse que eu era muito contido para o gosto dela.” Sua risada áspera era uma reminiscência, mas ele esfregou uma cicatriz tênue e desbotada ao longo de sua mandíbula também. Parecia ter sido feita por uma faca.

“Faile não é assim.” Aquilo parecia com estar casado com Nynaeve! Nynaeve com os dentes doloridos! “Não quero dizer que ela não fique brava de vez em quando”, ele admitiu com relutância, “mas ela não grita e joga coisas.” Bem, ela não gritava com muita frequência e, em vez de queimar e desaparecer, sua raiva começava a esquentar e se arrastava até esfriar.

Elias olhou para ele de lado. “Se eu sentisse o cheiro de um homem tentando se esquivar do granizo... Você tem dado a ela palavras suaves o tempo todo, não é? Suaves como água com leite e que nunca machucam as orelhas? Nunca levanta sua voz para ela?”

“Claro que não!” Perrin protestou. “Eu a amo! Por que eu gritaria com ela?”

Elyas começou a murmurar baixinho, embora Perrin pudesse ouvir cada palavra, é claro. “Que me queime, se um homem quer sentar em uma víbora vermelha, é assunto dele. Não é da minha conta se um homem quer aquecer as mãos quando o telhado está pegando fogo. É a vida dele. Ele vai me agradecer? Não, ele não vai!”

“O que você está querendo?” Perrin exigiu. Agarrando o braço de Elyas, ele o puxou para parar debaixo de uma árvore de inverno, suas folhas espinhosas ainda quase verdes. Pouco mais nas proximidades ainda estava, exceto por algumas trepadeiras que ainda lutavam. Eles haviam descido a menos da metade da colina. “Faile não é uma víbora vermelha *ou* um telhado pegando fogo! Espere até conhecê-la antes de começar a falar como se a conhecesse.”

Irritado, Elyas passou os dedos pela longa barba. “Conheço os saldaeanos, rapaz. Esse ano não foi a única vez que estive lá. Eu só conheci cerca de cinco mulheres saldaeanas que eu chamaria de mansas, ou até mesmo educadas. Não, ela não é uma víbora; o que ela é, é um leopardo, aposto. Não rosne, que o queime! Aposto minhas botas que ela sorriria ao me ouvir dizer isso!”

Perrin abriu a boca com raiva, depois voltou a fechá-la. Ele não tinha percebido que estava rosnando fundo em sua garganta. Faile *sorriria* ao ser chamada de leopardo. “Você não pode estar dizendo que ela quer que eu grite com ela, Elyas.”

“Sim, eu estou. Muito provavelmente, de qualquer maneira. Talvez ela seja a sexta. Pode ser. Apenas me ouça. A maioria das mulheres, você levanta sua voz, e elas ficam com os olhos

esbugalhados ou gelados, e a próxima coisa que você sabe, é que está discutindo sobre estar com raiva, não importa o que colocou a brasa em suas costas em primeiro lugar. Engula sua língua com uma saldaeana, porém, e para ela, você está dizendo que ela não é forte o suficiente para enfrentá-lo. Insulte-a assim, e você terá sorte se ela não lhe der sua própria moela no café da manhã. Ela não é nenhuma prostituta de Far Madding para esperar que um homem se sente onde ela aponta e pule quando ela estala os dedos. Ela é um leopardo e espera que seu marido também seja um leopardo. Luz! não sei o que estou fazendo. Dar conselhos a um homem sobre sua esposa é uma boa maneira de derramar suas entranhas.”

Foi a vez de Elyas rosnar. Ele ajeitou o chapéu desnecessariamente e olhou ao redor da encosta franzindo a testa, como se estivesse pensando se deveria desaparecer de volta para as florestas, então apontou um dedo para Perrin. "Olhe aqui. Eu sempre soube que você era mais do que um vira-lata, e juntando o que os lobos me disseram com o fato de você estar indo em direção a esse Profeta, pensei que talvez você precise de um amigo para cuidar de sua retaguarda. Claro, os lobos não mencionaram que você estava liderando aqueles lindos lanceiros mayenos. Nem a Gaul, até que os vimos. Se você quiser que eu fique, eu fico. Se não, há muito do mundo que ainda não vi.”

“Sempre posso usar outro amigo, Elyas.” Poderia Faile realmente querer que ele gritasse? Ele sempre soube que poderia machucar alguém se não tomasse cuidado, e sempre tentava controlar seu temperamento. Palavras podem machucar tanto quanto punhos, as palavras erradas, palavras que não significavam nada, soltas por causa do temperamento. Isso tinha que ser impossível. Não era algo razoável. Nenhuma mulher suportaria isso, de seu marido ou de qualquer homem.

O canto de um pintassilgo levantou a cabeça de Perrin, com as orelhas em pé. Estava no limite da audição mesmo para ele, mas um momento depois o trinado foi repetido mais perto, depois

novamente, mais perto ainda. Elyas ergueu uma sobrancelha para ele; ele conheceria o canto de um pássaro das Terras da Fronteira. Perrin aprendera com alguns shienaranos, entre eles Masema, e ensinou aos homens dos Dois Rios.”

“Temos visitantes chegando”, disse ele a Elyas.

Eles vieram rapidamente, quatro cavaleiros em um galope rápido, chegando antes que ele e Elyas chegassem ao pé da colina. Berelain liderava o caminho, atravessando o riacho com Annoura e Gallenne logo atrás, e uma mulher com uma capa pálida com capuz ao seu lado. Eles passaram direto pelo acampamento mayeno sem olhar, não puxando as rédeas até que estivessem na frente da tenda listrada de vermelho e branco. Alguns dos servos cairhienos correram para pegar as rédeas e segurar os estribos, e Berelain e seus companheiros estavam lá dentro antes que a poeira de sua chegada assentasse.

Em suma, a chegada causou um grande alvoroço. Um burburinho aumentou entre os homens de Dois Rios que Perrin só poderia chamar de antecipação. A inevitável reunião dos jovens tolos de Faile coçou a cabeça e olhou para a tenda, tagarelando animadamente entre si. Grady e Neald também observavam a barraca por entre as árvores, de vez em quando se inclinando juntos para conversar, embora ninguém estivesse perto o suficiente para ouvir o que diziam.

“Parece que seus visitantes são mais do que casuais”, disse Elyas calmamente. “Vigie Gallenne; ele pode ser um problema.”

“Você o conhece, Elias? Eu gostaria que você ficasse, mas se você acha que ele pode dizer a uma das irmãs quem você é...” Perrin deu de ombros em resignação. “Posso ser capaz de parar Seonid e Masuri” — ele pensou que poderia — “mas acho que Annoura fará o que quiser.” E o que ela realmente pensava sobre Masema?

“Ah, Bertain Gallenne não conhece gente como Elyas Machera,” Elyas respondeu com um sorriso irônico. “Mais tolos conhecem Jak

Fool do que Jak Fool sabe.’ Mas eu o conheço. Ele não vai contra você ou fazer algo pelas suas costas, mas Berelain tem o cérebro ali. Ela manteve Tear fora de Mayene jogando os tairanos contra os illianenses desde os dezesseis anos. Berelain sabe manobrar; tudo o que Gallenne conhece é ataque. Ele é bom nisso, mas nunca vê mais nada, e às vezes não para pra pensar.”

"Eu descobri isso sobre os dois", Perrin murmurou. Pelo menos Berelain trouxera um mensageiro de Alliandre. Ela não teria vindo correndo dessa forma com um novo empregado. A única pergunta era por que a resposta de Alliandre precisava de um mensageiro. “É melhor eu descobrir se as notícias são boas, Elyas. Mais tarde, falaremos sobre o que fica ao sul. E você pode conhecer Faile,” ele adicionou antes de se virar.

“O Poço da Perdição fica ao sul”, o outro homem disse atrás dele, “ou tão perto disso quanto eu esperava ver abaixo do Praga.” Perrin imaginou ter ouvido aquele trovão fraco no oeste novamente. Agora, isso seria uma mudança agradável.

Na tenda, Breane carregava uma bandeja de prata com uma tigela de água perfumada de rosas e panos para lavar rostos e mãos, fazendo uma reverência rígida ao apresentá-la. Com reverências ainda mais duras, Maighdin oferecia uma bandeja com copos de ponche de vinho — feito com os últimos mirtilos secos, pelo cheiro — enquanto Lini dobrava a capa de poeira dos recém-chegados. Parecia haver algo estranho no modo como Faile e Berelain estavam de pé uma de cada lado da nova mulher, e Annoura pairava atrás delas, todos focados nela. Em algum lugar na meia-idade, com um gorro de rede verde juntando cabelos escuros que caíam quase até a cintura, ela poderia ser bonita se o nariz não fosse tão comprido. E se ela não o tivesse erguendo tão alto. Mais baixa do que Faile ou Berelain, ela ainda conseguia olhar sobre aquele nariz para Perrin, examinando-o friamente do cabelo às botas. Ela não piscou ao ver seus olhos, embora quase todos o fizessem.

“Majestade,” Berelain pronunciou em uma voz formal assim que Perrin entrou, “posso apresentar Lorde Perrin Aybara de Dois Rios, em Andor, amigo pessoal e emissário do Dragão Renascido.” A mulher de nariz comprido assentiu com cuidado, com frieza, e Berelain continuou quase sem fazer uma pausa. “Lorde Aybara, dê saudações e boas-vindas a Alliandre Maritha Kigarín, Rainha de Ghealdan, Abençoada da Luz, Defensora da Muralha de Garen, que tem o prazer de recebê-lo pessoalmente.” Gallenne, de pé perto da parede da tenda, ajustou o tapa-olho e ergueu a taça de vinho para Perrin com um sorriso de triunfo.

Por alguma razão, Faile lançou um olhar duro para Berelain. A boca de Perrin quase se abriu. A própria Alliandre? Ele se perguntou se deveria ajoelhar-se, então decidiu fazer uma reverência depois de uma pausa muito longa. Luz! Ele não tinha noção de como lidar com uma rainha. Especialmente aquela que aparecia do nada sem escolta, sem uma joia à vista. Seu vestido de montaria verde escuro era de lã simples, sem um único ponto de bordado.

“Depois das notícias recentes”, disse Alliandre, “pensei que deveria vir até você, Lorde Aybara.” Sua voz era calma, seu rosto suave, seus olhos distantes. E observadores, ou ele era um homem de Barca do Taren. Melhor andar com cautela até saber como era o caminho. “Você pode não ter ouvido,” ela continuou, “mas quatro dias atrás, Illian caiu para o Dragão Renascido, abençoado seja seu nome na Luz. Ele pegou a Coroa de Louros, embora eu saiba que agora é chamada de Coroa de Espadas.

Faile, pegando uma xícara da bandeja de Maighdin, sussurrou baixinho: “E sete dias antes, os Seanchan tomaram Ebou Dar.” Nem mesmo Maighdin percebeu.

Se Perrin já não tivesse se controlado, realmente teria ficado boquiaberto. Por que Faile disse isso a ele em vez de esperar que viesse da mulher que deve ter contado a ela? Em uma voz que todos podiam ouvir, ele repetiu as palavras dela. Uma voz dura, mas essa

era a única maneira de evitar que ela tremesse. Ebou Dar também? Luz! E há sete dias? O dia em que Grady e os outros viram o Poder Único no céu. Coincidência, talvez. Mas *preferiria* que tivesse sido os Abandonados?

Annoura franziu a testa sobre sua xícara, franzindo os lábios, antes que ele terminasse de falar, e Berelain deu a ele um olhar assustado que desapareceu rapidamente. Elas sabiam que ele não sabia sobre Ebou Dar quando eles entraram em Bethal.

Alliandre apenas assentiu, tão segura de si quanto a Cinza. "Você parece notavelmente bem informado", disse ela, aproximando-se dele. "Duvido que os primeiros rumores tenham cheguem a Jehannah com o comércio fluvial, ainda. Eu mesma soube disso há poucos dias. Vários dos comerciantes me mantêm a par dos acontecimentos. Eu acredito," ela acrescentou secamente, "que eles esperam que eu possa interceder por eles junto ao Profeta do Lorde Dragão, se isso for necessário."

Finalmente ele pôde sentir o cheiro dela, e sua opinião sobre ela mudou, embora não para pior. Externamente, a Rainha era toda fria e reservada, mas a incerteza atravessada pelo medo enchia o cheiro dela. Ele não acreditava que pudesse manter seu rosto tão calmo se tivesse sentindo isso.

"É sempre melhor saber o máximo que puder," ele disse a ela, meio distraído. *Que me queime*, pensou ele, *tenho que avisar Rand sobre isso!*

"Em Saldaea também encontramos comerciantes úteis para informações", disse Faile. Insinuando que era assim que Perrin sabia sobre Ebou Dar. "Eles parecem saber o que aconteceu a milhares de quilômetros semanas antes dos rumores começarem."

Ela não olhou para Perrin, mas ele sabia que ela falava com ele tanto quanto Alliandre. Rand sabia, ela estava dizendo. E, de qualquer forma, não havia como lhe dar notícias em segredo. Poderia Faile realmente querer que ele...? Não, era impensável.

Piscando, ele percebeu que havia perdido algo que Alliandre havia dito. “Desculpe, Alliandre,” ele disse educadamente. “Eu estava pensando em Rand — o Dragão Renascido.” Claro que era impensável!

Todos olharam para ele, até mesmo Lini e Maighdin e Breane. Os olhos de Annoura se arregalaram e a boca de Gallenne ficou aberta. Então ele percebeu. Tinha acabado de chamar a rainha pelo nome. Ele pegou uma xícara da bandeja de Maighdin, e ela se levantou de sua reverência tão rapidamente que quase a derrubou da mão dele. Afastando-a distraidamente, ele enxugou a mão úmida no casaco. Tinha que se concentrar aqui, não deixar sua mente vagar em nove direções. Não importa o que Elyas pensasse que sabia, Faile nunca... Não! Concentre-se!

Alliandre recuperou o equilíbrio rapidamente. Na verdade, ela parecia a menos surpresa de todos, e seu cheiro nunca vacilou. “Eu estava dizendo que vir até você em segredo parecia o caminho mais sábio, Lorde Aybara,” ela disse com aquela voz fria. “Lorde Telabin acredita que estou mantendo a privacidade em seus jardins, que deixei por um portão raramente usado. Ao sair da cidade, eu era a empregada de Annoura Sedai.” Passando os dedos por uma saia de seu vestido de montaria, ela deu uma pequena risada. Mesmo isso sobre ela era tranquilo, tão em desacordo com o que seu nariz lhe dizia. “Vários dos meus próprios soldados me viram, mas com o capuz do meu manto puxado para cima, ninguém me reconheceu.”

“Sendo os tempos o que são, isso provavelmente foi o mais sábio”, disse Perrin com cuidado. “Mas você terá que abrir o jogo mais cedo ou mais tarde. De uma forma ou de outra.” Educado e direto ao ponto, esse era o jeito. Uma rainha não gostaria de perder tempo com um homem que tagarelava. E ele não queria decepcionar Faile agindo como um pé de feno novamente. “Por que veio afinal? Tudo o que você precisava fazer era enviar uma carta, ou apenas dizer a Berelain sua resposta. Você vai declarar apoio a Rand ou não? De qualquer forma, não tenha medo de voltar a Bethal em segurança.”

Era um bom ponto, esse. O que quer mais que a assustasse, estar aqui sozinha devia assustar.

Faile estava olhando para ele, fingindo que não, sorvendo seu ponche e direcionando seus sorrisos para Alliandre, mas ele percebeu os rápidos lampejos de seus olhos em sua direção. Berelain não fingia, observando bem abertamente, os olhos levemente semicerrados e nunca deixando seu rosto. Annoura estava tão atenta, tão pensativa. Todas elas acreditavam que ele ia tropeçar na própria língua novamente?

Em vez de responder à pergunta importante, Alliandre disse: “A Primeira me contou muito sobre você, Lorde Aybara, e sobre o Lorde Dragão Renascido, abençoado seja seu nome na Luz”. Essa última parte soou como rotina, uma adição que ela não precisava mais pensar. “Não posso vê-lo antes de tomar minha decisão, então eu queria ver você, para ter minhas opiniões sobre você. É possível dizer muito sobre um homem por aqueles que ele escolhe para falar por ele.” Inclinando o rosto para o copo em suas mãos, ela olhou para ele através de seus cílios. De Berelain, isso teria sido um flerte, mas Alliandre estava observando cautelosamente um lobo que estava parado na frente dela. “Eu também vi seus estandartes,” ela disse calmamente. “A Primeira não os mencionou.”

Perrin fez uma careta antes que pudesse se conter. Berelain tinha falado muito sobre ele? O que ela disse? “Os estandartes são feitos para serem vistos.” A raiva colocou uma aspereza em sua voz que exigiu algum esforço para forçá-la a sumir. Agora, Berelain era uma mulher que *precisava* ouvir uns gritos. “Acredite em mim, não há planos de reerguer Manetheren.” Lá estava; seu tom era tão frio quanto o de Alliandre. “Qual é a sua decisão? Rand pode ter dez mil soldados, cem mil, aqui em um piscar de olhos, ou perto o suficiente.” E ele podia ter que fazer isso. Os Seanchan em Amador e Ebou Dar? Luz, quantos eram?

Alliandre sorveu delicadamente seu ponche de vinho antes de falar, e novamente evitou a pergunta. “Há mil rumores, como você deve saber, e até o mais selvagem é crível quando o Dragão renasce, estranhos aparecem alegando ser os exércitos de Artur Asa de Gavião retornados, e a própria Torre está dividida pela rebelião.”

“Um assunto para Aes Sedai,” Annoura disse bruscamente. “Não diz respeito a mais ninguém.” Berelain lançou um olhar exasperado a ela, que ela fingiu não notar.

Alliandre se encolheu e virou o ombro para a irmã. Rainha ou não, ninguém queria ouvir aquele tom de uma Aes Sedai. “O mundo está virado de cabeça para baixo, Lorde Aybara. Ora, eu até tive relatos de Aiel saqueando uma vila bem aqui em Ghealdan.” Abruptamente, Perrin percebeu que havia mais aqui do que ansiedade por ter ofendido Aes Sedai. Alliandre o observava, esperando. Mas pelo que? Reafirmação?

“Os únicos Aiel em Ghealdan estão comigo,” ele disse a ela. “Os Seanchan podem ser descendentes do exército de Artur Asa de Gavião, mas Asa de Gavião está morto há mil anos. Rand já lidou com eles uma vez, e ele fará novamente.” Ele se lembrava de Falme tão claramente quanto dos Poços de Dumai, embora tivesse tentado esquecer. Certamente não havia um número suficiente deles para tomar Amador e Ebou Dar, mesmo com suas *damane*. Balwer alegou que eles também tinham soldados taraboneanos. “E pode alegrá-la ouvir que aquelas Aes Sedai rebeldes apoiam Rand. Elas vão apoiar, em breve, pelo menos.” Foi o que Rand disse, um punhado de Aes Sedai sem ter para onde ir, exceto até ele. Perrin não tinha tanta certeza. Rumores em Ghealdan colocavam um exército com essas irmãs. Claro, os mesmos rumores contavam mais Aes Sedai naquele grupo do que havia no mundo, mas ainda assim... Luz, ele desejava que alguém o tranquilizasse! “Por que não nos sentamos?”, disse ele. “Vou responder a quaisquer perguntas que você tenha, para ajudá-la a tomar sua decisão, mas podemos ficar à vontade.” Puxando uma das cadeiras dobráveis para ele, ele se lembrou no último instante

de não simplesmente cair nela, mas ela rangeu sob ele do mesmo jeito.

Lini e as outras duas servas correram, puxando cadeiras em círculo com as dele, mas nenhuma das outras mulheres se moveu em direção a elas. Alliandre ficou olhando para ele, e o resto olhava para ela. Exceto por Gallenne, que apenas se serviu de outra xícara de ponche da jarra de prata.

Ocorreu a Perrin que Faile não abrira a boca desde que falara dos mercadores. Ele estava tão grato pelo silêncio de Berelain quanto por ela não ter decidido bater os cílios para ele na frente da rainha, mas poderia ter precisado de alguma ajuda de Faile naquele momento. Um pequeno conselho. Luz, ela sabia dez vezes mais que ele sobre o que deveria dizer e fazer ali.

Imaginando se deveria ficar de pé com os outros, ele colocou seu ponche de vinho em uma das mesinhas e pediu que ela falasse com Alliandre. “Se alguém pode fazê-la ver o caminho certo a seguir, você pode”, disse ele. Faile deu-lhe um sorriso satisfeito, mas segurou a língua.

Abruptamente, Alliandre colocou a xícara de lado sem olhar, como se esperasse que uma bandeja estivesse ali. Uma estava, mal a tempo de pegar a taça, e Maighdin, que a segurava, murmurou algo que Perrin esperava que Faile não tivesse ouvido. Faile era a morte para os servos que usavam aquele tipo de linguagem. Ele começou a se levantar quando Alliandre se aproximou dele, mas para sua surpresa, ela se ajoelhou graciosamente na sua frente, pegando suas mãos com as dela. Antes que soubesse o que ela estava fazendo, ela as virou para que suas mãos estivessem de costas entre as palmas das mãos dele. Ela se agarrou com tanta força que suas mãos devem ter doído; com certeza, ele não estava certo de que poderia se soltar sem machucá-la.

“Sob a Luz,” ela disse com firmeza, olhando para ele, “eu, Alliandre Maritha Kigarín, prometo minha fidelidade e serviço ao

Lorde Perrin Aybara de Dois Rios, agora e para sempre, exceto se ele escolher me libertar de sua própria vontade. Minhas terras e meu trono são dele, e eu os entrego em sua mão. Então eu juro.”

Por um instante, houve um silêncio quebrado apenas pelo suspiro de Gallenne e o baque surdo de sua taça de vinho batendo no tapete.

Então Perrin ouviu Faile, mais uma vez sussurrando tão baixinho que ninguém ao lado dela poderia ter entendido suas palavras. “Sob a Luz, eu aceito sua promessa e defenderei e protegerei você e os seus através dos destroços da batalha e da explosão do inverno e tudo o que o tempo pode trazer. As terras e o trono de Ghealdan, dou a você como meu fiel vassalo. Sob a Luz, eu aceito...” Essa devia ser a maneira saldaeana de aceitar. Graças à Luz, ela estava ocupada demais concentrando-se nele para ver Berelain assentindo furiosamente para ele, incitando o mesmo. As duas pareciam quase como se esperassem isso! Annoura, porém, com a boca aberta, parecia tão atordoada quanto ele, como um peixe que acabara de ver a água desaparecer.

“Por que?” ele perguntou gentilmente, ignorando o silvo frustrado de Faile e o grunhido exasperado de Berelain. *Que me queime*, pensou, *sou um maldito ferreiro!* Ninguém jurava fidelidade aos ferreiros. Rainhas não juraram fidelidade a ninguém! “Disseram-me que sou *ta’veren*; você pode querer reconsiderar isso em uma hora.”

“Espero que você seja *ta’veren*, meu Lorde.” Alliandre riu, mas não por diversão, e segurou as mãos dele com ainda mais força, como se temesse que ele pudesse se afastar. “De todo o meu coração, eu espero. Temo que nada menos salvará Ghealdan. Quase cheguei a essa decisão assim que a Primeira me disse o motivo de você estar aqui, e conhecê-lo apenas me confirmou nisso. Ghealdan precisa de proteção que não posso dar, então o dever exige que eu a encontre. Você pode dar, meu Lorde, você e o Lorde Dragão Renascido, bendito seja o nome dele na Luz. Na verdade, eu juraria diretamente

a ele se ele estivesse aqui, mas você é o homem dele. Jurando por você, também juro por ele.” Respirando fundo, ela forçou outra palavra. “Por favor.” Ela cheirava desesperada, agora, e seus olhos brilhavam com medo.

Ainda assim, ele hesitou. Isso era tudo o que Rand poderia querer e mais, mas Perrin Aybara era apenas um ferreiro. Ele era! Ainda poderia dizer isso a si mesmo se fizesse isso? Alliandre olhou para ele suplicante. Será que os *ta’veren* trabalharam em si mesmos, ele se perguntou. “Sob a Luz, eu, Perrin Aybara, aceito sua promessa...” Sua garganta estava seca quando ele terminou as palavras que Faile havia sussurrado. Tarde demais para parar e pensar agora.

Com um suspiro de alívio, Alliandre beijou suas mãos. Perrin achava que nunca havia se sentido tão envergonhado em sua vida. Levantando-se apressadamente, ele a levantou. E percebeu que não sabia o que fazer a seguir. Uma Faile orgulhosamente radiante não sussurrou mais nenhuma dica. Berelain sorriu também, alívio tão forte em seu rosto que ela poderia ter acabado de ser retirada de uma fogueira.

Ele tinha certeza de que Annoura falaria — Aes Sedai sempre tinham muito a dizer, especialmente quando tinham a oportunidade de assumir o comando —, mas a irmã Cinza estava estendendo uma taça de vinho para Maighdin encher. Annoura o observava com uma expressão ilegível e, por falar nisso, Maighdin também, tanto que continuou a inclinar a jarra até que o ponche derramou no pulso da Aes Sedai. Ao que Annoura deu um sobressalto, olhando para o copo em sua mão como se tivesse esquecido que estava lá. Faile franziu a testa, e Lini franziu ainda mais a testa, e Maighdin correu para pegar um pano para secar a mão da irmã, enquanto resmungava baixinho novamente. Faile ia ter ataques se alguma vez ouvisse aqueles murmúrios.

Perrin sabia que estava demorando demais. Alliandre lambeu os lábios ansiosamente; ela esperava mais, mas o quê? “Agora que

terminamos aqui, tenho que encontrar o Profeta logo”, disse ele, e estremeceu. Fora muito abrupto. Não tinha jeito para lidar com nobres, muito menos rainhas. “Suponho que você queira voltar para Bethal antes que alguém descubra que você se foi.”

“A última vez que ouvi”, Alliandre disse a ele, “o Profeta do Lorde Dragão estava em Abila. É uma cidade grande em Amadicia, talvez a quarenta léguas ao sul daqui.”

A despeito de si mesmo, Perrin franziu a testa, embora a esticasse rapidamente. Então Balwer estava certo. Certo em uma coisa não significava certo em todas, mas poderia valer a pena ouvir o que o homem tinha a dizer sobre os Mantos Brancos. E os Seanchan. Quantos taraboneanos?

Faile deslizou para o lado dele, colocando a mão em seu braço e dirigindo um sorriso caloroso para Alliandre. “Você não pode querer mandá-la embora agora, meu coração. Não quando ela acabou de chegar. Deixe-nos conversar aqui fora do sol antes que ela tenha que enfrentar a volta. Sei que você tem assuntos importantes a tratar.”

Ele conseguiu não olhar, com um pouco de esforço. O que poderia ser mais importante do que a Rainha de Ghealdan? Com certeza, nada que alguém o deixasse colocar a mão. Claramente ela queria falar com Alliandre sem ele. Com sorte, ela lhe diria o motivo mais tarde. Com sorte, ela lhe contaria tudo. Elyas poderia pensar que conhecia os saldaeanos, mas Perrin aprendera por conta própria que só um tolo tentava desenraizar todos os segredos de sua esposa. Ou deixá-la saber sobre aqueles que ele já havia desenterrado.

Deixar Alliandre sem dúvida deveria envolver tanta cerimônia quanto conhecê-la, mas ele conseguiu manter a perna estável e fez sua reverência, pedindo-lhe perdão por sair, e ela fez uma reverência profunda, murmurando que ele a honrava demais, e foi isso. Exceto por sacudir a cabeça para Gallenne para segui-lo. Duvidava que Faile o mandaria embora e quisesse que ele ficasse. O que ela *queria* falar sozinha?

Do lado de fora, o caolho deu uma palmada no ombro de Perrin que teria feito um homem menor cambalear. “Que me queime, nunca ouvi falar disso! Agora posso dizer que vi um *ta’veren* trabalhando de verdade. O que você queria comigo?” E o que ele poderia dizer sobre isso?

Nesse momento, ouviu gritos do acampamento mayeno, o som de discussão, alto o suficiente para que os homens de Dois Rios se levantassem para espiar por entre as árvores, embora a encosta da colina escondesse tudo.

“Primeiro vamos ver do que se trata”, respondeu Perrin. Isso lhe daria tempo para pensar. Sobre o que dizer a Gallenne e outras coisas.

Faile esperou alguns momentos depois que Perrin saiu antes de dizer aos criados que ela e as outras cuidariam de si mesmas. Maighdin estava tão ocupada olhando para Alliandre, que Lini teve que puxar sua manga antes de ela se mexer. Isso teria que ser tratado mais tarde. Colocando a xícara na mesa, Faile seguiu as três mulheres até a porta da tenda como se as apressasse, mas ela parou ali.

Perrin e Gallenne estavam caminhando por entre as árvores em direção ao acampamento mayeno. Ótimo. A maior parte do *Cha Faile* estava agachada não muito longe. Atraindo o olhar de Parelean, ela gesticulou para baixo na frente de sua cintura, onde ninguém atrás dela podia ver. Um movimento circular rápido seguido por um punho cerrado. Imediatamente, os tairenos e cairhienos se separaram em grupos de dois ou três e se espalharam. Muito menos elaborados do que a conversa de mão das Donzelas, os sinais do *Cha Faile* eram suficientes. Em instantes, um círculo disperso de seu povo cercou a barraca, aparentemente ao acaso, falando ociosamente ou brincando de berço de gato. Mas ninguém chegaria

mais perto do que vinte passos sem que ela recebesse um aviso antes de chegarem à soleira.

Era Perrin quem mais a preocupava. Ela esperava algo importante assim que Alliandre apareceu em carne e osso, se não o que ocorreu, mas ele ficou atordoado com sua promessa. Se ele colocasse em sua cabeça que devia voltar, para tentar outra vez fazer Alliandre se sentir confortável em sua decisão... Ah, ele pensava com o coração quando deveria usar a cabeça. E com a cabeça quando devia usar o coração! A culpa a picou com o pensamento.

“Criadas peculiares que você encontrou na beira da estrada” disse Berelain em tom de simpatia fingida ao seu lado, e Faile deu um pulo. Não tinha ouvido a mulher vir atrás dela. Lini e as outras estavam caminhando em direção às carroças, Lini balançando um dedo para Maighdin, e Berelain desviou o olhar de Faile para elas. Ela manteve a voz baixa, mas o tom zombeteiro permaneceu. “A mais velha pelo menos parece conhecer seus deveres em vez de simplesmente ter ouvido falar deles, mas Annoura me diz que a mais nova é uma Bravia. Muito fraca, diz Annoura, insignificante, mas as Bravias sempre causam problemas. As outras vão contar histórias sobre ela, se souberem, e mais cedo ou mais tarde, ela fugirá. Bravias sempre fogem, pelo que ouvi. É isso que dá pegar suas criadas como cães vadios.”

"Elas me servem bem o suficiente", respondeu Faile friamente. Ainda assim, uma longa conversa com Lini era definitivamente necessária. Uma Bravia? Mesmo que fraca, isso pode ser útil. "Sempre achei que você era adequada para contratar criados." Berelain piscou, sem saber o que isso significava, e Faile cuidadosamente não deixou transparecer sua satisfação. Afastando-se, ela disse: "Annoura, você pode nos deixar privadas com uma proteção contra os ouvintes?"

Parecia haver pouca chance de que Seonid ou Masuri encontrassem alguma oportunidade de espionar usando o Poder — ela estava esperando a explosão quando Perrin descobriu o quão firmemente as Sábias seguravam aquele par de cabrestos — mas as próprias Sábias poderiam ter aprendido. Faile tinha certeza de que Edarra e as outras estavam espremendo Seonid e Masuri.

As tranças de contas da irmã Cinza estalaram suavemente quando ela assentiu. "Está feito, Lady Faile", disse ela, e os lábios de Berelain se contraíram brevemente. Foi bastante satisfatório. A temeridade de fazer as apresentações aqui na própria barraca de Faile! Ela merecia mais do que ter alguém se metendo ela e sua conselheira, mas era satisfatório.

Uma satisfação infantil, admitiu Faile, quando deveria se concentrar no assunto em questão. Quase mordeu o lábio em irritação. Não duvidava do amor do marido, mas não podia tratar Berelain como a mulher merecia, e isso a obrigava, contra sua vontade, a jogar com Perrin muitas vezes como se fosse um peão em um jogo. E como se ele fosse o prêmio, assim Berelain acreditava. Se ao menos Perrin não se comportasse às vezes como se pudesse ser. Com firmeza, ela tirou tudo isso da cabeça. Havia um trabalho de esposa a ser feito aqui. O lado prático.

Alliandre olhou pensativa para Annoura quando uma proteção foi mencionada — ela deve ter percebido que significava que a conversa ia ser séria — mas o que disse foi "Seu marido é um homem formidável, Lady Faile. Não quero ofender quando digo que seu blefe exterior esconde uma mente astuta. Com Amadicia à nossa porta, nós em Ghealdan jogamos o *Daes Dae'mar* por necessidade, mas acho que nunca fui levada tão rápido ou habilmente a tomar uma decisão como o seu Lorde me fez. A sugestão de uma ameaça aqui, uma carranca ali. Um homem muito formidável."

Desta vez, esconder o sorriso exigiu algum esforço da parte de Faile. Esses sulistas davam grande importância ao Jogo das Casas, e

ela não achava que Alliandre gostaria de saber que Perrin simplesmente dizia o que acreditava — muito livremente na metade do tempo — e pessoas com mentes desonestas viam nós em sua honestidade. “Ele passou algum tempo em Cairhien”, disse ela. Que Alliandre fizesse o que fosse com a informação. “Podemos falar livremente aqui, seguras atrás da proteção de Annoura Sedai. Está claro que você ainda não quer voltar para Bethal. Seu juramento a Perrin, e o dele a você, não é suficiente para amarrá-lo a você?” Algumas pessoas aqui no sul tinham ideias peculiares sobre o que a lealdade implicava.

Berelain silenciosamente se posicionou à direita de Faile e, um momento depois, Annoura fez o mesmo à sua esquerda, de modo que Alliandre se viu confrontada pelas três. Surpreendeu Faile que a Aes Sedai concordasse com seu plano sem saber o que era — sem dúvida Annoura tinha seus próprios motivos, e Faile teria dado um bom bocado para saber quais eram —, mas não se surpreendeu por Berelain ter feito isso. Uma frase casual de zombaria poderia estragar tudo, especialmente sobre a habilidade de Perrin no Grande Jogo, mas ela tinha certeza de que algo assim não viria dela. De certa forma, isso a irritava. Uma vez havia desprezado Berelain; ainda a odiava, profundamente e com fervor, mas o respeito relutante havia substituído o desprezo. A mulher sabia quando seu “jogo” tinha que ser posto de lado. Se não fosse por Perrin, Faile pensava que poderia ter *gostado* dela! Resumidamente, para extinguir aquele pensamento odioso, ela se imaginou raspando o cabelo de Berelain até ela ficar careca. Ela era uma joia e uma meretriz! E não algo que Faile pudesse permitir que a distraísse agora.

Alliandre estudou cada uma das mulheres à sua frente, mas não demonstrou nervosismo. Pegando sua taça de vinho novamente, ela tomou um gole casualmente e falou com suspiros e sorrisos pesarosos, como se suas palavras não fossem realmente tão importantes quanto pareciam. “Pretendo manter meu juramento, é claro, mas você deve entender que eu esperava mais. Depois que seu

marido se for, ficarei como estava. Pior, talvez, até que alguma ajuda tangível venha do Lorde Dragão, abençoado seja seu nome na Luz. O Profeta poderia arruinar Bethal ou mesmo Jehannah como ele fez com Samara, e eu não poderia impedi-lo. E se ele de alguma forma souber do meu juramento... Ele diz que veio para nos mostrar o modo como servir o Lorde Dragão na Luz, mas é *ele* quem mostra o caminho, e não posso pensar que ele ficará satisfeito com alguém que encontra outro modo”.

“É bom que você mantenha seu juramento,” Faile disse a ela secamente. “Se você quer mais do meu marido, talvez você devesse fazer mais. Talvez você devesse acompanhá-lo quando ele for ao sul para encontrar o Profeta. Claro, você vai querer seus próprios soldados com você, mas eu sugiro não mais do que a Primeira tem com ela. Vamos sentar?” Tomando a cadeira que Perrin havia desocupado, ela gesticulou para Berelain e Annoura para os dois lados, e só então apontou a outra para Alliandre.

A Rainha sentou-se lentamente, olhando com olhos arregalados para Faile, não nervosa, mas surpresa. “Por que na Luz eu faria isso?” ela exclamou. “Lady Faile, os Filhos da Luz vão usar qualquer desculpa para aumentar suas depredações em Ghealdan, e o Rei Ailron pode decidir enviar um exército para o norte também. É impossível!”

“A esposa de seu suserano pede isso a você, Alliandre” disse Faile com firmeza.

Não parecia possível que os olhos de Alliandre pudessem se arregalar ainda mais, mas eles o fizeram. Ela olhou para Annoura e encontrou apenas a imperturbável Aes Sedai calma olhando para trás. “Claro,” ela disse depois de um momento. Sua voz era oca. Engolindo em seco, ela acrescentou: “Claro, farei o que você... pedir... minha senhora.”

Faile escondeu seu alívio atrás de um aceno gracioso de aceitação. Ela esperava que Alliandre recusasse. Que Alliandre

pudesse jurar fidelidade sem perceber o que isso significava — ela achava necessário dizer que pretendia manter seu juramento! —, e isso apenas confirmou a crença de Faile de que a mulher não poderia ser deixada para trás. Segundo todos os relatos, Alliandre lidara com Masema cedendo a ele. Lentamente, com certeza, com pouca outra escolha e apenas quando precisou, mas a submissão poderia se tornar um hábito. De volta em Bethal, sem nada visível mudado, quanto tempo antes de ela decidir se proteger dando um aviso a Masema? Ela sentira o peso de seu juramento; agora Faile poderia aliviar seu fardo.

"Estou feliz que você vai nos acompanhar", disse ela calorosamente. E realmente, ela estava. "Meu marido não se esquece daqueles que lhe prestam serviço. Um desses serviços seria escrever para seus nobres, dizendo-lhes que um homem no sul levantou a bandeira de Manetheren." A cabeça de Berelain meio sacudiu em surpresa, e Annoura chegou a piscar.

"Minha Senhora", disse Alliandre com urgência, "metade deles enviará uma mensagem ao Profeta assim que receberem minha carta. Eles estão aterrorizados com ele, e somente a Luz sabe o que ele pode fazer." Exatamente a resposta que Faile esperava.

"É por isso que você vai escrever para ele também, dizendo que você reuniu alguns soldados para lidar com este homem pessoalmente. Afinal, o Profeta do Lorde Dragão é importante demais para ter que voltar sua atenção para um assunto tão pequeno."

"Muito bom," Annoura murmurou. "Ninguém saberá quem é quem."

Berelain riu em aprovação encantada, que se queimasse!

"Minha Senhora," Alliandre respirou, "eu disse que meu Lorde Perrin é formidável. Posso acrescentar que sua esposa é tão formidável quanto?"

Faile tentou não se aquecer muito visivelmente. Agora ela tinha que mandar uma mensagem para seu povo em Bethal. De certa forma, ela se arrependeu disso. Explicar a Perrin teria sido mais do que difícil, mas mesmo ele não conseguiria manter a calma se ela tivesse sequestrado a Rainha de Ghealdan.

A maioria dos Guardas Alados parecia estar reunida na beira do acampamento, cercado dez deles a cavalo. A ausência de lanças dizia que os cavaleiros eram batedores. Os homens a pé se moviam e empurravam, tentando se aproximar. Perrin pensou ter ouvido trovões de novo, não tão distantes, mas apenas tocando o limite da consciência.

Enquanto se preparava para abrir caminho, Gallenne rugiu: "Abram caminho, seus cães sarnentos!" Cabeças giraram e homens se contorceram de lado na massa, abrindo um caminho estreito. Perrin se perguntou o que aconteceria se ele chamasse os homens de Dois Rios de cães sarnentos. Provavelmente ganharia um soco no nariz. Podia valer a pena uma tentativa.

Nurelle e os outros oficiais estavam com os batedores. Assim como sete homens a pé com as mãos amarradas atrás deles e cordas de chumbo em volta do pescoço, todos arrastando os pés e curvando os ombros com carrancas de desafio ou medo ou ambos. Suas roupas estavam duras com a sujeira velha, embora algumas já tivessem sido finas. Estranhamente, eles cheiravam fortemente a fumaça de lenha. Aliás, alguns dos soldados montados tinham fuligem no rosto, e um ou dois pareciam estar com queimaduras. Aram ficou estudando os prisioneiros, franzindo a testa ligeiramente.

Gallenne assumiu uma postura com os pés separados e os punhos nos quadris, seu único olho fazendo um trabalho tão bom quanto os dois da maioria dos homens. "O que aconteceu?" Ele perguntou.

“Meus batedores devem trazer informações, não catadores de trapos!”

“Vou deixar Ortis relatar, meu senhor”, disse Nurelle. “Ele estava lá. Batedor Ortis!”

Um soldado na meia-idade desceu da sela para se curvar, a mão enluvada pressionada contra o coração. Seu capacete era simples, sem as finas plumas e asas que eram trabalhadas nas laterais dos capacetes dos oficiais. Sob a borda, uma queimadura lívida se destacava claramente em seu rosto. A outra bochecha tinha uma cicatriz que puxava o canto da boca. “Meu Lord Gallenne, meu Lord Aybara,” ele disse com uma voz grave. “Chegamos a esses comedores de nabo cerca de dez quilômetros a oeste, meus senhores. Queimando uma fazenda, com o pessoal da fazenda dentro. Uma mulher tentou sair de uma janela, e um desses escória acertou a cabeça dela. Sabendo como Lorde Aybara se sente, acabamos com isso. Chegamos tarde demais para salvar alguém, mas pegamos esses sete. O resto escapou.”

“As pessoas muitas vezes são tentadas a deslizar de volta para a Sombra”, disse um dos prisioneiros de repente. “Elas devem ser lembradas do custo.” Um homem alto e esguio, de ar majestoso, a voz era suave e educada, mas o casaco estava tão sujo quanto os outros, e ele não se barbeava há dois ou três dias. O Profeta não parecia aprovar perder tempo com coisas como navalhas. Ou banhos. Com as mãos amarradas e uma corda em volta do pescoço, ele olhou para seus captores sem o menor medo. Era todo um desafio arrogante. “Seus soldados não me impressionam”, disse ele. “O Profeta do Lorde Dragão, abençoado seja seu nome na Luz, destruiu exércitos muito maiores do que o seu, final. Pode nos matar, mas seremos vingados quando o Profeta derramar seu sangue no chão. Nenhum de vocês sobreviverá a nós por muito tempo. Ele triunfará no fogo e no sangue”. Ele terminou em um tom alto, as costas retas como uma barra de ferro. Murmúrios

percorriam os soldados que escutavam. Eles sabiam muito bem que Masema havia destruído exércitos maiores que o deles.

"Enforque-os", disse Perrin. Mais uma vez, ouviu aquele trovão.

Tendo dado a ordem, ele se obrigou a assistir. Apesar dos murmúrios, não faltaram mãos prontas. Alguns dos prisioneiros começaram a chorar quando suas cordas de chumbo foram jogadas sobre galhos de árvores. Um homem outrora gordo cujas peles pendiam em dobras gritou que se arrependia, que serviria a qualquer mestre que eles nomeassem. Um sujeito careca que parecia tão durão quanto Lamgwin se debateu e gritou até que a corda interrompeu seus uivos. Apenas o homem de voz suave não chutou ou lutou, mesmo quando o laço estava apertado em seu pescoço. Até o fim, ele olhou em desafio.

"Pelo menos um deles sabia como morrer," Gallenne rosnou quando o último corpo ficou mole. Ele franziu a testa para os homens que decoravam as árvores como se lamentasse não terem lutado mais.

"Se essas pessoas estavam servindo a Sombra," Aram começou, então hesitou. "Perdoe-me, Lorde Perrin, mas o Lorde Dragão aprovará isso?"

Perrin sobressaltou-se e o fitou, horrorizado. "Luz, Aram, você ouviu o que eles fizeram! Rand teria colocado as cordas em seus pescoços ele mesmo!" Pensava que Rand teria, esperava que sim. Rand estava determinado a unir as nações antes da Última Batalha, e havia feito pouca contagem de custos para fazê-lo.

As cabeças dos homens se ergueram quando o trovão ressoou alto o suficiente para todos ouvirem, depois mais perto, e novamente mais perto ainda. Um vento soprou, caiu, subiu novamente, puxando o casaco de Perrin enquanto ele balançava para um lado e para o outro. Um relâmpago bifurcou-se em um céu sem nuvens. No acampamento mayeno, os cavalos relinchavam e empinavam. Trovões soaram repetidamente, e relâmpagos se

contorceram em serpentes azul-prateadas, e sob um sol ardente, a chuva caía, gotas grossas separadas que espalhavam fontes de poeira onde atingiam o solo nu. Perrin limpou uma de sua bochecha e olhou para os dedos úmidos com espanto.

Em instantes a tempestade se foi, trovões e relâmpagos rolando para o leste. O chão sedento absorvia as gotas de chuva que haviam caído, o sol queimava tão ferozmente como sempre, e apenas luzes bruxuleantes no céu e estrondos desvanecidos diziam que alguma coisa havia acontecido. Os soldados se entreolharam incertos. Gallenne tirou os dedos do punho da espada com um esforço óbvio.

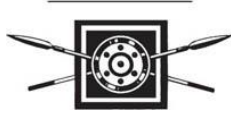
"Isso... isso não pode ser o trabalho do Tenebroso," Aram disse, e se encolheu. Ninguém jamais tinha visto uma tempestade natural como aquela. "Significa que o tempo está mudando, não é, Lorde Perrin? O tempo vai ficar bom de novo?"

Perrin abriu a boca para dizer ao homem que não o chamasse assim, mas voltou a fechá-la com um suspiro. "Eu não sei", disse ele. O que foi que a Gaul disse? "Tudo muda, Aram." Ele simplesmente nunca pensou que teria que mudar também.



CAPÍTULO

11



Perguntas e um Juramento

O ar no enorme estábulo cheirava a feno velho e esterco de cavalo. E sangue, e carne queimada. Com todas as portas fechadas, o ar parecia espesso. Duas lanternas davam pouca luz e sombras enchiam a maior parte do interior. Nas longas fileiras de baias, cavalos relinchavam nervosos. O homem pendurado pelos pulsos em uma viga do telhado soltou um gemido baixo, depois uma tossida áspera. Sua cabeça caiu sobre o peito. Ele era um homem alto, bem musculoso, talvez o pior tipo para abrasar.

Abruptamente, Sevanna percebeu que seu peito não se movia mais. Os anéis cravejados de pedras preciosas em seus dedos brilharam vermelho e verdes enquanto ela gesticulava brevemente para Rhiale.

A mulher de cabelos ruivos empurrou a cabeça do homem para cima e afastou uma pálpebra com o polegar, depois pressionou uma orelha em seu peito, sem se importar com as feridas ainda fumegantes que o salpicavam. Com um som de desgosto, ela se endireitou. "Está morto. Deveríamos ter deixado isso para as Donzelas, Sevanna ou os Olhos Negros. Não duvido que o tenhamos matado por ignorância."

A boca de Sevanna se apertou, e ela mudou seu xale com um barulho das pulseiras. Elas corriam quase até os cotovelos, um peso notável em ouro, marfim e pedras preciosas, mas ela teria usado cada uma que possuía se pudesse. Nenhuma das outras mulheres disse nada. Questionar prisioneiros não era obra das Sábias, mas Rhiale sabia por que elas mesmas tinham que fazer isso. O único sobrevivente de dez homens montados que pensavam que poderiam derrotar vinte Donzelas porque montavam cavalos, o homem também tinha sido o primeiro Seanchan que haviam capturado nos dez dias desde sua chegada nesta terra.

"Ele teria vivido se não tivesse lutado tanto contra a dor, Rhiale," Someryn disse finalmente, balançando a cabeça. "Um homem forte para um aguacento, mas não podia aceitar a dor. Ainda assim, ele nos contou muito."

Sevanna a olhou de lado, tentando ver se ela escondia algum sarcasmo. Tão alta quanto a maioria dos homens, Someryn usava mais pulseiras e colares do que qualquer mulher ali, exceto a própria Sevanna, camadas de pingentes de fogo e esmeraldas, rubis e safiras, quase escondendo um busto muito cheio que, de outra forma, teria sido meio descoberto com a blusa desabotoada quase até sua saia. Seu xale, amarrado na cintura, não escondia nada. Às vezes era difícil para Sevanna dizer se Someryn a estava copiando ou competindo com ela.

"Muito?!" exclamou Meira. À luz do lampião que ela segurava, seu rosto comprido estava mais sombrio que o normal, embora isso dificilmente parecesse possível. Meira conseguia encontrar o lado escuro do sol do meio-dia. "Que seu povo fica dois dias a oeste da cidade chamada Amador? Nós sabíamos disso. Tudo o que ele nos contou são histórias selvagens. Artur Asa de Gavião! Bah! As Donzelas deveriam tê-lo mantido e feito o que era necessário."

"Você iria... arriscar deixar todo mundo descobrir cedo demais?" Sevanna mordeu o lábio com irritação. Ela quase as chamou de "suas

tolas”. Muitos já sabiam demais, em sua opinião, Sábias entre eles, mas ela não podia correr o risco de ofender essas mulheres. Saber disso a irritava! “As pessoas estão assustadas.” Não havia necessidade de esconder seu desprezo por isso, pelo menos. O que a chocou, a scandalizou, não foi que tivessem medo, mas quão poucos faziam qualquer esforço para esconder o fato. “Olhos Negros, ou Cães de Pedra, ou mesmo Donzelas, teriam falado sobre o que ele disse. Você sabe que teriam! Suas mentiras só teriam espalhado mais medo.” Tinham que ser mentiras. Na mente de Sevanna, um mar era como os lagos que ela tinha visto nos pântanos, mas com seu lado distante além da vista. Se centenas de milhares mais de seu povo estivessem vindo, mesmo do outro lado de um corpo de água tão grande, os outros prisioneiros que ela havia questionado teriam sabido disso. E nenhum prisioneiro foi interrogado sem a presença dela.

Tion ergueu a segunda lanterna e olhou para ela com os olhos cinzas sem piscar. Quase uma cabeça mais baixa que Someryn, Tion ainda era mais alta que Sevanna. E duas vezes mais larga. Seu rosto redondo muitas vezes parecia plácido, mas pensar assim era um erro. “Eles estão certos em temer”, disse ela com uma voz de pedra. “Tenho medo e não me envergonho disso. Os Seanchan já são muitos se não forem mais do que os que tomaram Amador, e nós somos poucos. Você tem seu clã ao seu redor, Sevanna, mas onde está o *meu* clã? Seu amigo aguacento Caddar e sua Aes Sedai de estimação nos enviaram por seus buracos no ar para morrer. Onde está o resto dos Shaido?”

Rhiale moveu-se para ficar desafiadoramente ao lado de Tion, e elas foram rapidamente acompanhadas por Alarys, mesmo agora brincando com seu cabelo preto para chamar a atenção para ele. Ou talvez fosse para evitar encontrar os olhos de Sevanna. Depois de um momento, uma Meira carrancuda se juntou ao grupo, e depois Modarra. Modarra poderia ser chamada de magra se não fosse mais alta que Someryn; como era, magra era o melhor que se podia dizer

dela. Sevanna tinha pensado que Modarra estava tão firme em suas mãos quanto qualquer um dos anéis em seus dedos. Tão firme em suas mãos quanto... Someryn olhou para ela e suspirou, olhou para as outras. Lentamente, ela caminhou para ficar ao lado delas.

Sevanna ficou parada na beira da luz da lanterna. De todas as mulheres ligadas a ela pelo assassinato de Desaine, ela confiava mais nessas. Não que confiasse muito em alguém, é claro. Mas Someryn e Modarra ela tinha certeza que eram dela tão firmemente como se tivessem jurado pela água que a seguiriam onde ela fosse. E agora elas ousaram encará-la com olhos acusadores. Até Alarys ergueu os olhos e parou de brincar com seu cabelo.

Sevanna encontrou seus olhares com um sorriso frio, quase um escárnio. Agora, ela decidiu, não era hora de lembrá-las do crime que unia seus destinos. Não ameaçaria, desta vez. “Suspeitei que Caddar pudesse tentar nos trair” disse ela. Os olhos azuis de Rhiale se arregalaram com a admissão, e Tion abriu a boca. Sevanna continuou, não deixando espaço para elas falarem. “Vocês prefeririam ter permanecido na Adaga do Fratricida para serem destruídas? Serem caçadas como bichos por quatro clãs cujas Sábias sabem fazer aqueles buracos sem as caixas de viagem? Em vez disso, estamos no coração de uma terra rica e calma. Mais rica até do que as terras dos matadores de árvores. Veja o que tomamos em apenas dez dias. Quanto mais levaremos em uma cidade aguacenta? Vocês têm medo dos Seanchan porque eles têm números? Lembrem-se que eu trouxe todos as Sábias dos Shaido que podem canalizar comigo.” Que ela não podia canalizar raramente lhe ocorria, agora. Em breve, essa falta seria sanada. “Somos tão fortes quanto qualquer força que esses aguacentos possam enviar contra nós. Mesmo que tenham lagartos voadores.” Ela fungou com força para mostrar o que pensava deles! Nenhuma delas tinha visto um, nem nenhum dos batedores, mas quase todos os prisioneiros estavam cheios de histórias ridículas. “Depois de encontrarmos os outros clãs, tomaremos esta terra para nós. *Toda* ela! Vamos extrair um

reembolso dez vezes maior da Aes Sedai. E vamos encontrar Caddar e fazê-lo morrer gritando por misericórdia.”

Isso deveria tê-las animado, restaurado seus corações como ela tinha feito antes. O rosto de nenhuma mulher mudou. Nenhuma.

"E há o *Car'a'carn*", disse Tion calmamente. "A menos que você tenha desistido de seu plano de se casar com ele."

"Eu não desisti de nada," Sevanna respondeu irritada. O homem — e mais importante, o poder que vinha com ele — seria dela algum dia. De alguma forma. Custasse o que fosse. Suavizando a voz, ela continuou. "Rand al'Thor não tem importância agora." Pelo menos para essas simplórias cegas. Com ele em suas mãos, tudo seria possível para ela. "Não pretendo ficar aqui o dia todo discutindo minha coroa de noiva. Tenho assuntos para tratar que são importantes."

Enquanto se afastava delas pela escuridão, em direção às portas do estábulo, um pensamento desagradável de repente lhe ocorreu. Ela estava sozinha com essas mulheres. Até que ponto poderia confiar nelas agora? A morte de Desaine permanecia muito vívida em sua mente; a Sábida tinha sido... massacrada... usando o Poder Único. Pelas mulheres atrás dela, entre outras. O pensamento torceu sua barriga apertada. Escutou para ver se ouvia o leve farfalhar de palha que anunciaria pés a seguindo, mas não ouviu nada. Elas estavam apenas paradas ali assistindo? Se recusou a olhar por cima do ombro. Manter o mesmo ritmo lento exigia apenas um pequeno esforço — ela mesma não demonstraria medo e vergonha! No entanto, quando abriu uma das portas altas com dobradiças bem lubrificadas e entrou na luz brilhante do meio-dia, não conseguiu parar de respirar aliviada.

Efalin estava andando do lado de fora, *shoufa* em volta do pescoço, arco nas costas, lanças e broquel na mão. A mulher de cabelos grisalhos virou-se abruptamente, a preocupação em seu rosto desaparecendo um pouco ao ver Sevanna. A líder de todas as

Donzelas Shaido, e ela deixou sua angústia transparecer! Ela não era Jumai, mas tinha vindo com Sevanna usando a desculpa de que Sevanna falava como chefe até que um novo chefe dos Shaido pudesse ser escolhido. Sevanna tinha certeza de que Efallin suspeitava que isso nunca aconteceria. Efallin sabia onde estava o poder. E quando manter a boca fechada.

“Enterre-o profundamente e esconda a sepultura,” Sevanna disse a ela.

Efallin assentiu, sinalizando para as Donzelas cercando o estábulo para se levantarem, e elas desapareceram atrás dela. Sevanna estudou o prédio, com seu telhado vermelho pontiagudo e paredes azuis, depois virou-se para o campo em frente. Uma cerca baixa de pedra com uma única abertura, logo antes do estábulo, cercava um círculo de terra batida com talvez cem passos de diâmetro. Os aguacentos a usavam para treinar cavalos. O motivo de ter sido colocada tão longe de tudo, cercada por árvores tão altas que Sevanna às vezes ainda olhava para elas, ela não pensou em perguntar aos antigos donos, mas o isolamento servia a seus propósitos. As Donzelas com Efallin foram as que capturaram o Seanchan. Ninguém aqui sabia que ele existia. Ou saberia. As outras Sábias estavam conversando lá dentro? Sobre ela? Na frente das Donzelas? O que eles estavam dizendo? Não iria esperar por elas ou por qualquer um!

Elas saíram do estábulo assim que ela partiu em direção à floresta, Someryn e as outras, e a seguiram até as árvores discutindo entre si sobre o Seanchan e Caddar, e para onde o resto dos Shaido havia sido enviado. Não sobre ela, mas então, elas não fariam isso onde ela pudesse ouvir. O que ela ouviu a fez fazer uma careta. Eram mais de trezentas sábias com os Jumai, e era a mesma coisa quando três ou quatro começavam a falar. Onde estava o resto dos clãs, e Caddar tinha sido uma lança arremessada por Rand al'Thor, e quantos Seanchan estavam lá, e até se eles realmente montavam lagartos? Lagartos! Essas mulheres estavam com ela desde o início.

Ela havia guiado seus pés passo a passo, mas elas acreditavam que haviam ajudado a planejar cada movimento, acreditavam que conheciam o destino. Se ela as estivesse perdendo agora...

A floresta deu lugar a uma enorme clareira que poderia ter engolido o círculo em volta do estábulo cinquenta vezes, e Sevanna sentiu o mau humor se esvaindo quando parou para olhar. Colinas baixas erguiam-se ao norte e montanhas algumas léguas além delas estavam cobertas de nuvens, grandes massas brancas raiadas de cinza-escuro. Ela nunca tinha visto tantas nuvens em sua vida. Mais perto, milhares de Jumai realizavam o trabalho do dia. O som do martelo na bigorna subia dos ferreiros, e ovelhas e cabras estavam sendo abatidas para a refeição da noite, seus balidos misturados com o riso das crianças enquanto corriam para brincar. Com mais tempo para se preparar para a fuga da Adaga do Fratricida do que os outros clãs, os Jumai trouxeram os rebanhos reunidos em Cairhien e adicionaram a eles ali.

Muitas pessoas montaram suas barracas, mas não havia necessidade. Estruturas coloridas quase enchiam a clareira como uma grande aldeia aguacenta, altos celeiros e estábulos, uma grande forja e os telhados atarracados que abrigavam criados, todos pintados de vermelho e azul, circundando o próprio telhado grande. A mansão como a chamavam, com três andares de altura sob um telhado de telhas verdes escuras, todo o resto de um verde mais pálido enfeitado com amarelo, no topo de uma ampla colina de pedra artificial de dez passos de altura. Jumai e *gai'shain* subiam a longa rampa que levava à porta do grande edifício e caminhavam pelas varandas ornamentadas que o cercavam.

As paredes de pedra e os palácios que ela tinha visto em Cairhien não tinham a impressionado tanto. Este lugar era pintado como uma carroça dos Perdidos, mas mesmo assim, maravilhoso. Deveria ter percebido que com tantas árvores, essas pessoas poderiam construir *qualquer coisa* de madeira. Ninguém, a não ser ela, podia ver como essa terra era gorda? Havia mais *gai'shain* vestidos de

branco correndo com suas tarefas do que houvera em vinte clãs antes, quase metade dos Jumai! Ninguém mais reclamava de fazer *gai'shain* aguacentos. Eles eram tão dóceis! Um jovem de olhos arregalados em branco costurado passou apressado segurando uma cesta, boquiaberto para as pessoas ao seu redor e tropeçando na bainha de seu manto. Sevanna sorriu. O pai dele se chamava de senhor deste lugar e alardeava que ela e seu povo seriam caçados — por crianças, ainda por cima! — por esse ultraje, mas agora ele usava branco e trabalhava tão duro quanto seu filho, como faziam sua esposa e suas filhas e seus outros filhos. As mulheres possuíam muitas pedras preciosas e belas sedas, e Sevanna havia escolhido apenas o melhor para si mesma. Uma terra gorda, tão macia que escorria óleos ricos.

As mulheres atrás dela pararam para conversar entre si na beira das árvores. Ela entendeu o que elas estavam dizendo, e isso mudou seu humor novamente.

“...quantas Aes Sedai lutam por esses Seanchan,” Tion estava dizendo. “Temos que descobrir isso.” Someryn e Modarra murmuraram em concordância.

“Eu não acho que isso importe,” Rhiale interveio. Pelo menos sua contrariedade se estendeu às outras também. “Não acho que eles vão lutar, a menos que os ataquemos. Lembrem-se, eles não fizeram nada até que nos movemos contra eles, nem mesmo para se defender.”

“E quando isso aconteceu,” Meira disse amargamente, “vinte e três de nós morreram. E mais de dez mil *al-gai'd'siswai* também não voltaram. Aqui, temos pouco mais de um terço desse número, mesmo contando os sem clã.” Ela embebeu as duas últimas palavras em desprezo.

“Esse foi o trabalho de Rand al'Thor!” Sevanna disse a elas bruscamente. “Em vez de pensar no que ele fez contra nós, pense no que podemos fazer quando ele for nosso!” Quando ele for meu, ela

pensou. As Aes Sedai foram capazes de pegá-lo e segurá-lo por tanto tempo quanto elas, e ela tinha algo que as Aes Sedai não tinham, senão teriam usado. “Lembrem-se, em vez disso, de que derrotamos as Aes Sedai até que ele ficou do lado deles. Aes Sedai não são nada!”

Mais uma vez seu esforço para fortalecer seus corações não produziu nenhum efeito visível. Tudo o que conseguiam lembrar era que as lanças haviam sido quebradas tentando capturar Rand al'Thor, e elas junto com elas. Modarra poderia estar olhando para o túmulo de todo o seu clã, e até mesmo Tion franziu a testa, inquieta, sem dúvida lembrando que ela também havia corrido como uma cabra assustada.

“Sábias”, disse a voz de um homem atrás de Sevanna, “fui enviado para pedir seu julgamento.”

Instantaneamente, o rosto de todas as mulheres recuperou sua equanimidade. O que ela não podia fazer, ele havia feito com sua própria presença. Nenhuma Sábia permitiria que qualquer pessoa que não fosse Sábia visse seu rosto de modo diferente. Alarys parou de acariciar seu cabelo, que ela havia puxado sobre o ombro. Claramente nenhuma deles o reconheceu. Sevanna pensou conhecer.

Ele as olhou gravemente, com olhos verdes muito mais velhos que seu rosto liso. Ele tinha lábios carnudos, mas havia uma expressão em sua boca, como se tivesse esquecido como sorrir. “Sou Kinhuin, dos *Mera'din*, Sábias. Os Jumai dizem que não podemos tirar todo nosso quinto deste lugar porque não somos Jumai, mas é porque eles terão menos, pois somos dois para cada *al-gai'd'siswai* Jumai. Os sem clã pedem seu julgamento, Sábias.”

Agora que sabiam quem ele era, algumas não conseguiam esconder sua antipatia pelos homens que abandonaram o clã e família para vir para os Shaido em vez de seguir Rand al'Thor, um aguacento e nenhum *Car'a'carn* verdadeiro, como pensavam. O rosto de Tion simplesmente ficou plano, mas os olhos de Rhiale brilharam e Meira oscilou à beira de uma carranca. Apenas Modarra mostrou

preocupação, mas ela teria tentado resolver uma disputa entre matadores de árvores.

“Essas seis Sábias vão julgar depois de ouvir os dois lados”, disse Sevanna a Kinhuin com uma seriedade à altura da dele.

As outras mulheres olharam para ela, mal escondendo sua surpresa por ela querer ficar de lado. Foi ela quem providenciou dez vezes o número de *Mera'din* para acompanhar os Jumai do que qualquer outro clã. Ela realmente suspeitava de Caddar, se não do que ele havia feito, e queria tantas lanças quanto possível ao seu redor. Além disso, eles sempre poderiam morrer no lugar dos Jumai.

Ela fingiu surpresa com a surpresa das outras. “Não seria justo para mim participar, já que meu próprio clã está envolvido,” ela disse a elas antes de se voltar para o homem de olhos verdes. “Elas darão um julgamento justo, Kinhuin. E tenho certeza de que falarão a favor dos *Mera'din*.”

As outras mulheres deram a ela olhares duros antes de Tion acenar abruptamente para Kinhuin mostrar o caminho. Ele teve que desviar os olhos de Sevanna para obedecer. Com um leve sorriso — ele estava olhando para ela, não para Someryn —, ela as viu desaparecer na massa de pessoas que se moviam pelos terrenos da mansão. Apesar de não gostarem do sem clã — e de ela fazer previsões para o homem sobre sua decisão — as chances eram de que decidissem dessa maneira. De qualquer modo, Kinhuin se lembraria e contaria aos outros sobre sua assim chamada sociedade. Os Jumai já estavam em suas mãos, mas qualquer coisa que ligasse os *Mera'din* a ela era bem-vinda.

Virando-se, Sevanna caminhou de volta para as árvores, embora não em direção ao estábulo. Agora que ela estava sozinha, podia ver algo muito mais importante do que os sem clã. Verificou o que tinha enfiado em sua saia na parte inferior de suas costas, onde seu xale escondia. Teria sentido se escorregasse um fio de cabelo, mas ela queria tocar seu comprimento suave com os dedos. Nenhuma Sábia

ousaria julgar que era menos do que elas, uma vez que usasse isso, talvez hoje. E um dia, isso lhe daria Rand al'Thor. Afinal, se Caddar havia mentido em uma coisa, talvez tivesse mentido em outras.

Através de um borrão de lágrimas, Galina Casban olhou para a Sábia que a blindava. Como se houvesse necessidade da blindagem da mulher esbelta. Naquele momento, ela não poderia ter abraçado a Fonte. Sentada de pernas cruzadas no chão entre duas Donzelas agachadas, Belinde ajeitou o xale e deu um sorriso ténue, como se conhecesse os pensamentos de Galina. Seu rosto era estreito e de raposa, e seu cabelo e sobrancelhas estavam quase brancos pelo sol. Galina desejou que tivesse esmagado seu crânio em vez de simplesmente esbofeteá-la.

Não tinha sido uma tentativa de fuga, apenas mais frustração do que podia suportar. Seus dias começavam e terminavam com exaustão, cada dia mais que o anterior. Ela não conseguia se lembrar há quanto tempo elas a tinham enfiado naquele roupão preto grosseiro; os dias corriam juntos como uma corrente eterna. Uma semana? Um mês? Talvez não tanto tempo. Certamente não mais. Desejou nunca ter tocado em Belinde. Se a mulher não tivesse enfiado trapos na boca para silenciar seus soluços, teria implorado para poder carregar pedras novamente, ou mover uma pilha de seixos pedra por pedra, ou qualquer uma das torturas com as quais ela enchia suas horas. Qualquer coisa menos isso.

Apenas a cabeça de Galina se projetava para fora do saco de couro pendurado no galho robusto de um carvalho. Diretamente abaixo do saco, brasas brilhavam em um braseiro de bronze, uma queima lenta, aquecendo o ar dentro do saco. Ela se encolheu naquele calor sufocante com os polegares amarrados aos dedos dos pés, suor escorregando em sua nudez. Seu cabelo grudado úmido em seu rosto, e ela ofegava, as narinas dilatadas em busca de ar, quando não estava soluçando. Mesmo assim, isso teria sido melhor do que o

trabalho interminável, sem sentido e extenuante a que a submeteram, exceto por uma coisa. Antes de aconchegar a gola do saco sob o queixo, Belinde despejou sobre ela uma bolsa de um pó fino e, quando começou a suar, começou a arder como pimenta atirada nos olhos. Parecia cobri-la dos ombros para baixo e, ah, Luz, queimava!

O fato de ter invocado a Luz media seu desespero, mas elas não a quebraram por todas as tentativas. Ela se *libertaria* — conseguiria! — e assim que conseguisse, faria essas selvagens pagarem com sangue! Rios de sangue! Oceanos! Teria todas elas esfoladas vivas! Iria...! Jogando a cabeça para trás, ela uivou; os trapos amassados em sua boca abafaram o som, mas ela uivou, e não sabia se era um grito de raiva ou um grito por misericórdia.

Quando seus uivos morreram e sua cabeça caiu para frente, Belinde e as Donzelas estavam de pé, e Sevanna estava com elas. Galina tentou abafar o soluço na frente da mulher de cabelos dourados, mas ela poderia ter arrancado o sol do céu com os dedos.

“Ouçam ela chorar e choramingar,” Sevanna zombou, vindo olhar para ela. Galina tentou colocar um desprezo igual em seu próprio olhar. Sevanna se enfeitava com joias suficientes para dez mulheres! Usava a blusa desabotoada até quase descobrir o peito, exceto por todos aqueles colares incompatíveis, e respirava fundo quando os homens olhavam para ela! Galina tentou, mas o desprezo era difícil de administrar com lágrimas rolando pelo rosto junto com o suor. Ela tremeu de tanto chorar, fazendo o saco balançar.

“Essa *da'tsang* é dura como uma ovelha velha”, Belinde gargalhou, “mas eu sempre achei que até a ovelha mais velha ficava macia se cozida lentamente, com as ervas certas. Quando eu era uma Donzela, amoleci Cães de Pedra com bastante comida.” Galina fechou os olhos. Oceanos de sangue, iam pagar...!

O saco balançou e os olhos de Galina se abriram quando começou a se acomodar. As Donzelas haviam desfeito a corda que corria

sobre o galho, e as duas a baixavam lentamente. Ela se debateu freneticamente, tentando olhar para baixo, e quase começou a soluçar de novo, de alívio, quando viu que o braseiro havia sido movido para o lado. Com a conversa de Belinde sobre cozinhar... Esse seria o destino de Belinde, decidiu Galina. Amarrada a um espeto e ligada ao fogo até que seus sucos pingassem! Isso para começar!

Com um baque que fez Galina grunhir, a bolsa de couro caiu no chão e tombou. Tão despreocupadas como se estivessem manuseando um saco de batatas, as Donzelas a jogaram no mato marrom, cortaram as cordas que seguravam seus polegares e dedos dos pés, arrancaram a mordaca de entre os dentes. Sujeira e folhas mortas grudaram no suor que a cobria.

Queria muito ficar de pé, encontrar todas elas cara a cara e olhar no olho. Em vez disso, ela se levantou apenas até as mãos e os joelhos, então enfiou os dedos na cobertura do chão da floresta, enfiou os dedos dos pés. Um pouco mais, e ela não seria capaz de impedir que suas mãos voassem para acalmar sua pele vermelha e flamejante. Seu suor parecia o suco de pimentas geladas. Tudo o que podia fazer era se agachar ali e estremecer, tentar colocar um pouco de umidade de volta em sua boca e sonhar acordada com o que faria com essas selvagens.

“Acreditei que você fosse mais forte do que isso,” Sevanna disse acima dela em tom pensativo, “mas talvez Belinde esteja certa. Talvez você esteja mole o suficiente, agora. Se você jurar me obedecer, pode deixar de ser *da'tsang*. Talvez você nem precise ser *gai'shain*. Jurará me obedecer em todas as coisas?”

“Sim!” A palavra rouca voou da língua de Galina sem hesitação, embora tivesse que engolir antes de falar mais. “Vou te obedecer! Eu juro!” E assim ela obedeceria. Até que elas dessem a abertura que ela precisava. Isso era tudo o que era necessário? Um juramento que

ela teria feito no primeiro dia? Sevanna aprenderia como era ficar pendurada sobre brasas. Ah, sim, ela...

“Então você não vai se opor a fazer seu juramento sobre isso,” Sevanna disse, jogando algo na frente dela.

O couro cabeludo de Galina se arrepiou enquanto ela olhava para aquilo. Uma haste branca como marfim polido, com trinta centímetros de comprimento e não mais grossa que seu pulso. Então viu as marcas fluidas esculpidas no final em direção a ela, numerais usados na Era das Lendas. Cento e onze. Pensou que era o Bastão do Juramento, de alguma forma roubado da Torre Branca. Ele também estava marcado, mas com o numeral três, que alguns achavam que representava os Três Juramentos. Talvez não fosse o que parecia. Podia ser. No entanto, nenhuma víbora encapuzada das Terras Afogadas enrolada poderia tê-la congelado tão imóvel.

“Um bom juramento, Sevanna. Quando você pretendia contar ao resto de nós?”

Essa voz moveu a cabeça de Galina para cima. Também poderia ter desviado os olhos de uma víbora encapuzada.

Therava apareceu entre as árvores conduzindo uma dúzia de Sábias de rosto frio. Quando elas pararam atrás dela, confrontando Sevanna, todas as mulheres presentes, exceto as Donzelas, estavam lá quando Galina foi condenada a usar o manto preto. Uma palavra de Therava, um breve aceno de cabeça de Sevanna, e as Donzelas partiram rapidamente. O suor ainda escorria de Galina, mas de repente o ar parecia frio.

Sevanna olhou para Belinde, que evitou seu olhar. O lábio de Sevanna se curvou, meio zombeteiro, meio em um rosnado, e ela plantou os punhos nos quadris. Galina não entendia onde encontrara coragem, uma mulher que não conseguia canalizar nada. Algumas dessas mulheres possuíam uma força considerável. Não, ela não podia se dar ao luxo de pensar nelas apenas como Bravias se quisesse escapar e se vingar. Therava e Someryn eram mais fortes

do que qualquer mulher na Torre, e qualquer uma delas poderia facilmente ser Aes Sedai.

Mas Sevanna as enfrentou desafiadoramente. “Parece que você fez justiça rapidamente,” ela disse em uma voz seca como poeira.

“O assunto era simples”, Tion respondeu calmamente. “Os *Mera’din* receberam a justiça que mereciam.”

“E foram informados de que receberam, *apesar* de sua tentativa de nos influenciar”, acrescentou Rhiale com algum calor. Sevanna quase rosnou com isso.

Therava não seria desviada de seu propósito, no entanto. Em um passo rápido, alcançou Galina, agarrou um punhado de seu cabelo e puxou-a de joelhos, inclinando sua cabeça para trás. Therava não era a mais alta dessas mulheres em pelo menos uma cabeça, mas parecia mais alta do que a maioria dos homens, olhando para baixo com olhos de falcão, afastando qualquer pensamento de vingança ou desafio. As mechas brancas tocando seu cabelo vermelho escuro só tornavam seu rosto mais imponente. As mãos de Galina se fecharam em punhos em suas coxas, unhas cravadas em suas palmas. Mesmo a queimação de sua pele empalideceu sob aquele olhar. Ela sonhara acordada em quebrar cada uma dessas mulheres, fazendo-as implorar pela morte, rindo enquanto negava sua súplica. Sobre todas, exceto Therava. À noite, Therava preenchia seus sonhos e tudo o que Galina podia fazer era tentar fugir; a única saída era acordar gritando. Galina tinha quebrado homens fortes e mulheres fortes, mas olhou para Therava com os olhos arregalados e choramingou.

“Esta não tem honra para envergonhar.” Therava quase cuspiu as palavras. “Se você a quer quebrada, Sevanna, deixe-me tê-la. Quando eu terminar, ela obedecerá sem a necessidade do brinquedo de seu amigo Caddar.”

Sevanna falou acaloradamente, negando amizade com esse Caddar, quem quer que fosse, e Rhiale latiu que Sevanna o havia

trazido para as outras, e outras começaram a discutir se o “bastão” funcionaria melhor do que a “caixa de viagem”.

Uma pequena parte da mente de Galina se apoderou da menção da caixa de viagem. Já tinha ouvido falar dela antes, desejava colocar as mãos nela, mesmo que apenas por um momento. Com um *ter'angreal* que lhe permitisse Viajar, por mais imperfeito que parecia ser o funcionamento, seria capaz de... Mesmo a esperança de fuga não podia resistir aos pensamentos do que Therava faria com ela se as outras decidissem ceder ao pedido da mulher. Quando a Sábia de olhos aquilinos soltou sus cabelos para entrar na discussão, Galina se atirou na vara, caindo de bruços. Qualquer coisa, mesmo ter que obedecer a Sevanna, era melhor do que ser entregue a Therava. Se ela não estivesse blindada, teria canalizado para operar o bastão ela mesma.

Assim que seus dedos se fecharam na haste lisa, o pé de Therava desceu sobre ela com força, prendendo suas mãos dolorosamente contra o chão. Nenhuma das Sábias sequer olhou para ela onde estava se contorcendo, tentando inutilmente se libertar. Ela não conseguia puxar com muita força; vagamente conseguia se lembrar de ter feito governantes ficarem pálidos de medo, mas não ousava mexer no pé daquela mulher.

"Se ela vai jurar", disse Therava, olhando fixamente para Sevanna, "deve ser para obedecer a todas nós aqui." As outras assentiram, algumas concordando, todas menos Belinde, e ela franziu os lábios pensativamente.

Sevanna olhou de volta com a mesma força. "Muito bem," ela concordou finalmente. "Mas eu primeiro entre nós. Não sou apenas uma Sábia; falo como chefe do clã."

Therava sorriu levemente. "Então você faça. Duas de nós primeiro, Sevanna. Você e eu." Nem um sussurro de desafio desapareceu do rosto de Sevanna, mas ela assentiu. De má vontade. Só então Therava moveu o pé. A luz de *saidar* a rodeou, e um fluxo

de Espírito tocou os numerais na ponta do bastão nas mãos de Galina. Assim como era feito com o Bastão dos Juramentos.

Por um instante, Galina hesitou, flexionando os dedos amassados. Tinha a mesma textura do Bastão dos Juramentos também; não exatamente como marfim, não exatamente como vidro, distintamente frio em suas palmas. Se fosse um segundo Bastão dos Juramentos, poderia ser usado para remover qualquer juramento que ela fizesse agora. Se tivesse a oportunidade. Não queria correr o risco, não queria jurar a Therava de jeito nenhum. Sempre antes disso em sua vida, ela havia ordenado; a vida desde sua captura tinha sido uma miséria, mas Therava faria dela um cachorrinho! No entanto, se ela não o fizesse, elas deixariam Therava quebrá-la? Não conseguia encontrar a menor partícula de dúvida de que a mulher faria exatamente isso. Totalmente.

“Sob a Luz e por minha esperança de salvação e renascimento” – ela não acreditava mais na Luz ou na esperança de salvação, e não havia necessidade de falar mais do que uma simples promessa, mas elas esperavam um forte juramento. “Eu juro obedecer a cada Sábia presente aqui em todas as coisas, e as primeiras entre elas, Therava e Sevanna.” A última esperança de que este “bastão” fosse outra coisa desapareceu quando Galina sentiu o juramento cair sobre ela, como se de repente ela usasse uma roupa que a cobria muito apertada do couro cabeludo até as solas dos pés. Jogando a cabeça para trás, ela gritou. Em parte, porque de repente parecia que a queimadura de sua pele estava sendo pressionada profundamente em sua carne, mas principalmente por puro desespero.

“Fique quieta!” Therava disse bruscamente. “Não quero ouvir você chorando!” Os dentes de Galina se fecharam, quase mordendo sua língua, e ela lutou para engolir os soluços. Nada além de obediência era possível agora. Therava franziu a testa para ela. “Vamos ver se isso realmente funciona”, ela murmurou, curvando-se mais perto. “Você planejou violência contra alguma Sábia aqui? Responda com sinceridade e peça para ser punida se tiver. A pena

para a violência contra uma Sábia”, acrescentou como uma reflexão tardia, “pode ser morrer como um animal”. Ela passou um dedo expressivamente em sua garganta, em seguida, agarrou seu canivete com a mesma mão.

Engolindo ar em pânico horrorizado, Galina se esquivou da mulher. Não conseguia tirar os olhos de Therava, no entanto, e ela não conseguia parar as palavras que tagarelavam entre seus dentes. “Eu p-planejei, contra todas vocês! P-por favor, m-me puna por isso!” Eles a matariam agora? Depois de tudo isso, ela deveria morrer aqui?

“Parece que este bastão faz o que seu amigo afirmou, afinal, Sevanna.” Arrancando a vara das mãos flácidas de Galina, Therava o colocou atrás do cinto enquanto se endireitava. “Parece também que você vai usar branco, Galina Casban.” Por alguma razão, ela deu um sorriso satisfeito com isso. Mas ela emitiu outros comandos também. “Você vai se comportar mansamente, como um *gai’shain* deveria. Se uma criança lhe disser para pular, você pulará, a menos que uma de nós tenha dito o contrário. E você não vai tocar em *saidar* ou canalizar a menos que uma de nós lhe diga. Solte a blindagem dela, Belinde.”

A blindagem desapareceu, e Galina se ajoelhou ali, olhando fixamente. A Fonte brilhou fora de vista, tentadora. E ela poderia ter criado asas tão facilmente quanto poderia se esticar para ela.

Pulseiras tilintaram quando Sevanna moveu seu xale com raiva. “Você pensa muito de si mesma, Therava. Isso é meu; me dê!” Ela estendeu a mão, mas Therava simplesmente cruzou os braços sob os seios.

“Houve encontros entre as Sábias”, disse a mulher de olhos severos a Sevanna. “Chegamos a certas decisões.” As mulheres que vieram com ela se reuniram atrás dela, todas de frente para Sevanna, e Belinde correu para se juntar a elas.

“Sem mim?” Sevanna disparou. “Alguma de vocês se atreve a tomar uma decisão sem mim?” Seu tom permaneceu tão forte como sempre, mas seus olhos piscaram para o bastão no cinto de Therava, e Galina pensou que havia um toque de inquietação ali. Outra vez, ela teria ficado encantada em vê-la.

“Uma decisão teve que ser tomada sem você”, disse Tion em uma voz plana.

“Como você costuma apontar, você fala como chefe do clã”, acrescentou Emerys, uma luz zombeteira em seus grandes olhos cinzas. “Às vezes, Sábias devem conversar sem que um chefe de clã ouça. Ou alguém que fala como um chefe.”

“Decidimos”, disse Therava, “que assim como um chefe de clã deve ter uma Sábia para aconselhá-lo, você também deve ter o conselho de uma Sábia. Eu vou aconselhá-la.”

Juntando o xale ao redor dela, Sevanna estudou as mulheres que a confrontavam. Sua expressão era ilegível. Como ela fazia isso? Elas poderiam esmagá-la como um ovo sob um martelo. “E que conselho você me dá, Therava?” ela disse finalmente com uma voz gélida.

“Meu forte conselho é que nos movamos sem demora”, respondeu Therava, tão fria quanto Sevanna. “Esses Seanchan estão muito próximos e são muitos. Devemos ir para o norte para essas Montanhas de Névoa e estabelecer uma fortaleza. De lá, podemos enviar grupos para encontrar os outros clãs. Pode demorar muito para reunir os Shaido, Sevanna. Seu amigo aguacento pode ter nos espalhado pelos nove cantos do mundo. Até que façamos isso, estamos vulneráveis”.

“Vamos nos mover amanhã.” Se Galina não tivesse certeza de que conhecia Sevanna por dentro e por fora, teria pensado que a mulher parecia petulante, além de zangada. Aqueles olhos verdes brilharam. “Mas para leste. Também é longe dos Seanchan, e as terras a leste estão em tumulto, prontas para serem tomadas.”

Houve um longo silêncio, então Therava assentiu. "Leste." Ela disse a palavra suavemente, a suavidade da seda sobre o aço. "Mas lembre-se de que os chefes de clã viveram para se arrepender de rejeitar o conselho de uma Sábia com muita frequência. Você também pode." A ameaça em seu rosto era clara como aquela em sua voz, mas Sevanna riu!

"Você se lembre, Therava! Todas vocês se lembrem! Se eu for deixada para os abutres, vocês também serão! Tenho certeza disso."

As outras mulheres trocaram olhares preocupados, todas menos Therava. Modarra e Norlea franziram a testa.

Ajoelhada, choramingando e tentando em vão acalmar a pele com as mãos, Galina se perguntou o que essas ameaças significavam. Era um pensamento pequeno, rastejando através da amargura e da autopiedade. Qualquer coisa que ela pudesse usar contra essas mulheres seria bem-vinda. Se ela ousasse usar. Um pensamento amargo.

De repente, percebeu que o céu estava ficando escuro. Nuvens ondulantes desciam do norte, riscadas de cinza e pretas, obscurecendo o sol. E sob as nuvens caíram rajadas de neve, rodopiando no ar. Nada atingiu o chão — poucos flocos caíram até as copas das árvores — mas Galina ficou boquiaberta. Neve! O Grande Senhor havia afrouxado seu controle sobre o mundo por algum motivo?

As Sábias também olhavam para o céu, boquiabertas como se nunca tivessem visto nuvens, muito menos neve.

"O que é isso, Galina Casban?" Therava exigiu. "Fale se você sabe!" Ela não desviou o olhar do céu até que Galina lhe disse que era neve, e quando o fez foi para rir. "Sempre pensei que os homens que atropelaram Laman Matador de Árvores mentiam sobre a neve. Isso não poderia prejudicar um rato!"

Galina cerrou os maxilares ao explicar sobre as nevascas, horrorizada que seu instinto fosse bajular. Espantada também com a

pequena pontada de prazer que lhe dava a informação. *Eu sou a Mais Alta da Ajah Vermelha!*, ela lembrou a si mesma. *Eu me sento no Conselho Supremo da Ajah Negra!* Pareciam mentiras. Aquilo não era justo!

“Se terminarmos aqui”, disse Sevanna, “vou levar a *gai’shain* de volta ao grande teto e vê-la vestida de branco. Vocês pode ficar e olhar para a neve, se desejarem. Seu tom era tão suave, como manteiga na banheira, que ninguém teria pensado que ela estava na ponta das adagas apenas momentos antes. Ela enrolou o xale nos cotovelos e ajustou alguns de seus colares; nada no mundo a preocupava mais.

“Nós cuidaremos da *gai’shain*,” Therava disse a ela com a mesma tranquilidade. “Já que você fala como o chefe, tem um longo dia e a maior parte da noite pela frente se quisermos nos mover amanhã.” Por um instante, os olhos de Sevanna brilharam novamente, mas Therava apenas estalou os dedos e gesticulou bruscamente para Galina antes de se virar para ir embora. “Venha comigo”, disse ela. “E pare de fazer beicinho.”

De cabeça baixa, Galina ficou de pé e correu atrás de Therava e das outras mulheres que podiam canalizar. Fazendo beicinho? Ela poderia estar carrancuda, mas nunca fazendo beicinho! Seus pensamentos se arrastavam como ratos em uma jaula, sem encontrar esperança de fuga. Tinha que haver um jeito! Tinha que haver! Um pensamento que surgiu no meio daquele tumulto quase a fez começar a chorar novamente. As vestes de *gai’shain* eram mais macias do que a lã preta áspera que ela tinha sido forçada a usar até agora? Tinha que haver uma saída! Um rápido olhar para trás através das árvores mostrou Sevanna ainda parada ali, olhando para elas. Acima, as nuvens rodopiavam e a neve caindo derretia como as esperanças de Galina.



CAPÍTULO

12



Novas Alianças

Graendal desejou que houvesse um simples transcritor entre as coisas que ela havia removido de Illian após a morte de Sammael. Esta Era geralmente era assustadora, primitiva e desconfortável. Ainda assim, algumas coisas combinavam com ela. Em uma grande gaiola de bambu na extremidade da sala, uma centena de pássaros de plumagem brilhante cantava melodiosamente, quase tão lindo em seu esvoaçar multicolorido quanto seus dois animais de estimação em mantos transparentes que esperavam de cada lado da porta, seus olhares fixos nela, ansiosos para servir o prazer dela. Se as lamparinas a óleo não davam a mesma luz que as lâmpadas incandescentes, ajudadas por grandes espelhos nas paredes, produziam um certo esplendor bárbaro com o teto dourado de escamas de peixe. Teria sido bom precisar apenas dizer as palavras, mas realmente colocá-las no papel com a própria mão produzia um prazer semelhante ao que ela sentia ao esboçar. O roteiro desta Era era bastante simples, e aprender a duplicar o estilo de outra pessoa não foi mais difícil.

Assinando com um floreio — não seu próprio nome, é claro — ela lixou a página grossa, depois a dobrou e selou com um dos anéis de sinete de vários tamanhos que formavam uma linha decorativa

sobre a escrivania. A Mão e a Espada de Arad Doman impressas em um círculo irregular de cera azul e verde.

“Leve isso a Lorde Iuralde com toda velocidade,” ela disse, “e diga apenas o que eu disse a você.”

“O mais rápido que os cavalos puderem me carregar, minha senhora.” Nazran curvou-se ao pegar a carta, um dedo acariciando finos bigodes pretos acima de um sorriso vitorioso. Quadrado e profundamente marrom em um casaco azul bem ajustado, ele era bonito; apenas não suficientemente bonito. “Recebi isso da Senhora Tuva, que morreu de seus ferimentos depois de me dizer que era uma mensageira de Alsalam e havia sido atacada por um Homem Cinza.”

“Certifique-se de que haja sangue humano nele”, ela advertiu. Duvidava que alguém nesta época pudesse distinguir sangue humano de qualquer outro, mas tinha encontrado muitas surpresas para correr um risco desnecessário. “Chega de realismo; não pode ser o suficiente para estragar o que escrevi.”

Seus olhos negros se demoraram calorosamente nela enquanto ele se curvava novamente, mas assim que ele se endireitou, correu para a porta, botas batendo no chão de mármore amarelo pálido. Ele não notou os servos com os olhos ardentemente fixos nela, ou fingiu não notar, embora tenha sido amigo do jovem. Apenas um toque de Compulsão foi necessário para fazer Nazran quase tão ávido por obedecer quanto eles, sem mencionar a certeza de que ele ainda poderia provar seus encantos novamente. Ela riu baixinho. Bem, ele acreditava que os tinha provado; se fosse apenas um pouco mais bonito, poderia ter provado. Claro, seria inútil para qualquer outra coisa então. Ele cavalgaria até a morte chegando a Ituralde, e se aquela mensagem, entregue pelo primo próximo de Alsalam, supostamente vinda do próprio Rei e com os Homens Cinza tentando detê-la, não satisfizesse a ordem do Grande Senhor de

aumentar o caos, nada iria, que faltasse fogo. E serviria muito bem a seus próprios fins também. Seus próprios fins.

A mão de Graendal foi até o único anel na mesa que não era um sinete, uma simples faixa dourada pequena demais para qualquer um que não fosse o dedo mindinho. Foi uma surpresa agradável encontrar um *angreal* sintonizado com as mulheres entre os bens de Sammael. Uma agradável surpresa ter tempo para encontrar alguma coisa útil com al'Thor e aqueles cachorrinhos que se chamavam Asha'man constantemente entrando e saindo dos aposentos de Sammael no Grande Salão do Conselho. Eles os esvaziaram do que ela não havia tomado. Filhotes perigosos, todos eles, especialmente al'Thor. E ela não queria arriscar que alguém pudesse traçar uma linha de Sammael até ela. Sim, devia aumentar o ritmo de seus próprios planos e se distanciar do desastre de Sammael.

De repente, uma barra vertical de prata apareceu na extremidade da sala, brilhante contra as tapeçarias penduradas entre os pesados espelhos dourados, e um carrilhão cristalino soou alto. Suas sobancelhas se ergueram em surpresa. Alguém se lembrava das cortesias de uma Era mais civilizada, ao que parecia. De pé, ela forçou o anel de ouro liso contra o anel de rubi em seu dedo mindinho e abraçou *saidar* através dele antes de canalizar a teia que soaria um sino de resposta para quem quisesse abrir um portal. O *angreal* não oferecia muito, mas qualquer um que pensasse que conhecia sua força ficaria chocado.

O portão se abriu e duas mulheres em vestidos de seda vermelho e preto quase idênticos entraram cautelosamente. Pelo menos, Moghedien se moveu com cautela, olhos escuros piscando em busca de armadilhas, mãos alisando suas saias largas; o portão se apagou depois de um momento, mas ela se segurou em *saidar*. Uma precaução sensata, embora Moghedien sempre tenha sido ótima para precauções. Graendal também não largou a Fonte. A acompanhante de Moghedien, uma jovem baixinha com longos cabelos prateados e olhos azuis vívidos, olhava ao redor com frieza,

mal olhando na direção de Graendal. Por seu comportamento, ela poderia ter sido uma Primeira Conselheira forçada a suportar a companhia de trabalhadores comuns e com a intenção de ignorar sua existência. Uma garota tola, para imitar a Aranha. Vermelho e preto não combinavam com sua coloração, e ela deveria ter aproveitado melhor um busto tão impressionante.

"Esta é Cyndane, Graendal", disse Moghedien. "Nós estamos... trabalhando juntas." Ela não sorriu quando nomeou a jovem altiva, mas Graendal sim. Um nome bonito para uma garota mais do que bonita, mas que reviravolta do destino levou alguma mãe dessa época a dar à filha um nome que significasse "Última Chance"? O rosto de Cyndane permaneceu frio e suave, mas seus olhos brilharam. Uma linda boneca esculpida em gelo, com fogueiras escondidas. Parecia que ela sabia o significado e não gostava.

"O que traz você e sua amiga, Moghedien?" perguntou Grandal. A Aranha era a última que ela esperava sair das sombras. "Não tenha medo de falar na frente dos meus servos." Ela gesticulou, e o par perto da porta caiu de joelhos, pressionando seus rostos no chão. Eles não caíam mortos por seu simples comando, mas quase.

"Que interesse você pode encontrar neles quando destrói qualquer coisa que possa torná-los interessantes?" Cyndane exigiu, caminhando arrogantemente pelo chão. Ela se mantinha muito reta, lutando por cada fio de cabelo de sua altura. "Você sabe que Sammael está morto?"

Graendal manteve o rosto suave, com um pouco de esforço. Ela supôs que essa garota era alguma Amiga das Trevas que Moghedien pegou para fazer recados, talvez um nobre que achava que seu título contava, mas agora que ela estava perto... A garota era mais forte no Poder Único do que ela mesma! Mesmo em sua época, isso era incomum entre os homens, e muito raro mesmo entre as mulheres. No instante, por instinto, ela mudou sua intenção de negar qualquer contato com Sammael.

“Eu suspeitava,” ela respondeu, direcionando um sorriso falso sobre a cabeça da jovem para Moghedien. Quanto ela sabia? Onde a Aranha encontrou uma garota muito mais forte do que ela, e por que estava viajando com ela? Moghedien sempre teve inveja de qualquer um com mais força. Ou com mais de qualquer coisa. “Ele costumava me visitar, importunando por minha ajuda em um plano maluco ou outro. Eu nunca o rejeitei completamente; você sabe que Sammael é — era um homem perigoso de se rejeitar. Ele aparecia a cada poucos dias sem falhar, e quando parou, presumi que algo terrível havia acontecido a ele. Quem é essa garota, Moghedien? Um achado notável.”

A jovem se aproximou, olhando para ela com olhos como fogo azul. “Ela lhe disse meu nome. Isso é tudo que você precisa saber.” A garota sabia que falava com um dos Escolhidos, e ainda assim seu tom permaneceu gelado. Mesmo dada a sua força, esta não era um simples Amiga das Trevas. A menos que ela fosse louca. “Você prestou atenção ao clima, Graendal?”

Abruptamente, Graendal percebeu que Moghedien estava deixando a garota falar tudo. Ficando para trás até que uma fraqueza se tornasse aparente. E Graendal a estava deixando! “Eu não suponho que você veio me contar sobre a morte de Sammael, Moghedien,” ela disse bruscamente. “Ou falar sobre o clima. Você sabe que raramente saio de casa.” A natureza era indisciplinada, sem ordem. Não havia sequer janelas nesta sala, nem na maioria das que ela usava. “O que você quer?” A mulher de cabelos escuros estava andando de lado ao longo da parede; o brilho do Poder Único ainda a cercava. Graendal deu um passo casual para que ambas permanecessem à vista dela.

“Você cometeu um erro, Graendal.” Um sorriso frio mal curvou os lábios carnudos de Cyndane; ela estava gostando disso. “Eu lidero entre nós. Moghedien está em maus lençóis com Moridin pelos erros recentes *dela*”.

Envolvendo os braços ao redor de si mesma, Moghedien lançou à pequena mulher de cabelos prateados uma carranca tão boa quanto qualquer confirmação falada. De repente, os grandes olhos de Cyndane se abriram ainda mais, e ela engasgou, estremecendo.

O olhar de Moghedien tornou-se malicioso. "Você lidera no momento", ela zombou. "Seu lugar aos olhos dele não é muito melhor que o meu." E então *ela* deu um pulo e estremeceu, mordendo o lábio.

Estavam brincando com ela?, perguntou-se Graendal. O puro ódio de uma pela outra nos rostos das duas mulheres não parecia fingido. De qualquer maneira, veria como elas gostavam de brincar. Inconscientemente esfregando as mãos, esfregando o *angreal* no dedo, ela se moveu para uma cadeira sem tirar os olhos do par. A doçura de *saidar* fluindo para ela era um conforto. Não que precisasse de conforto, mas havia algo estranho ali. As costas altas e retas, densamente esculpidas e douradas, faziam a cadeira parecer um trono, embora não fosse diferente de qualquer outra na sala. Tais coisas afetavam até os mais sofisticados em níveis que nunca conheciam conscientemente.

Ela sentou-se inclinada para trás com as pernas cruzadas, um pé chutando preguiçosamente, a imagem de uma mulher à vontade, e fez sua voz parecer entediada. "Já que você lidera, criança, me diga, quando este homem que se chama Morte está em sua pele, quem é ele? O que ele é?"

"Moridin é Nae'blis." A voz da garota era calma, fria e arrogante. "O Grande Senhor decidiu que é hora de você servir ao Nae'blis também."

Graendal ergueu-se bruscamente. "Isso é absurdo." Ela não conseguia esconder a raiva de sua voz. "Um homem de quem nunca ouvi falar foi nomeado Regente do Grande Senhor na Terra?" Ela não se importava quando outros tentavam manipulá-la — ela sempre encontrava uma maneira de virar seus esquemas contra eles — mas

Moghedien devia tomá-la como uma imbecil! Não tinha dúvidas de que Moghedien estava controlando essa garota detestável, independentemente do que alegassem, quaisquer que fossem os olhares que lançassem uma para a outra. “Eu sirvo ao Grande Senhor e a mim mesma, nenhum outro! Acho que vocês duas deveriam ir, agora, e jogar seu joguinho em outro lugar. Demandred deve se divertir isso. Ou Semirhage? Tenha cuidado como vocês canalizam ao sair; coloquei algumas teias invertidas, e vocês não gostariam de acionar uma.”

Isso era uma mentira, mas muito crível, então foi um choque quando Moghedien de repente canalizou e todas as lâmpadas da sala se apagaram, mergulhando-as na escuridão. Instantaneamente, Graendal atirou-se da cadeira para não estar onde a tinham visto pela última vez, e também canalizou enquanto se movia, tecendo uma teia de luz que pendia de um lado, uma esfera de puro branco que projetava sombras lúgubres sobre a sala. E revelou o par claramente. Sem hesitar, ela canalizou novamente, extraindo toda a força do pequeno anel. Não precisava de tudo, nem mesmo da maior parte, mas queria todas as vantagens que pudesse encontrar. Atacá-la, elas iriam! Uma rede de Compulsão apertou cada uma delas antes que pudessem se contorcer.

Havia girado as redes com força, por causa da raiva, quase forte o suficiente para fazer mal, e as mulheres ficaram olhando para ela com adoração, olhos arregalados e bocas abertas em adulação, intoxicadas de adoração. Elas eram dela para comandar, agora. Se lhes dissesse para cortar suas próprias gargantas, elas o fariam. De repente, Graendal percebeu que Moghedien não estava mais abraçando a Fonte. Essa compulsão podia tê-la chocado para deixr a Fonte ir. Os criados na porta não se mexeram, é claro.

“Agora,” ela disse um pouco sem fôlego, “vocês vão responder minhas perguntas.” Ela tinha um bom número, incluindo quem era esse tal de Moridin, se havia tal homem, e de onde Cyndane tinha vindo, mas uma a irritava mais do que o resto. “O que você esperava

ganhar com isso, Moghedien? Posso decidir amarrar essas teias em você. Você pode pagar pelo seu jogo me servindo.”

“Não, por favor,” Moghedien gemeu, torcendo as mãos. Ela realmente começou a chorar! “Você vai matar todas nós! Por favor, você deve servir aos Nae’blis! Foi para isso que viemos. Para trazê-la ao serviço de Moridin!” O rosto da pequena mulher de cabelos prateados era uma máscara sombria de terror na luz pálida, seu peito arfando enquanto ela engolia em seco.

De repente inquieta, Graendal abriu a boca. Isso fazia cada vez menos sentido a cada momento. Ela abriu a boca, e a Fonte Verdadeira desapareceu. O Poder Único desapareceu dela, e a escuridão voltou a engolir o quarto. Abruptamente os pássaros engaiolados irromperam em um frenesi de chilrear; suas asas batiam freneticamente contra as barras de bambu.

Atrás dela, uma voz rouca como pedra sendo moída em pó. “O Grande Senhor achou que você não acreditaria na palavra delas, Graendal. O tempo em que você podia seguir seu próprio caminho já passou.” Uma bola de... algo... apareceu no ar, um globo negro morto, mas uma luz prateada encheu a sala. Os espelhos não brilhavam; eles pareciam entorpecidos naquela luz. Os pássaros ficaram imóveis, silenciosos; de alguma forma, Graendal sabia que eles haviam congelado de terror.

Ela olhou boquiaberta para o Myrddraal ali parado, pálido e sem olhos e vestido de um preto mais profundo do que a bola, mas maior do que qualquer outro que ela já tivesse visto. Devia ser a razão pela qual ela não conseguia sentir a Fonte, mas isso era impossível! Exceto... De onde veio aquela estranha esfera de luz negra senão dele? Ela nunca sentiu o mesmo medo que os outros sentiram do olhar de um Myrddraal, não no mesmo grau, mas suas mãos se ergueram por conta própria, e ela teve que segurá-las para não cobrir o rosto. Olhando para Moghedien e Cyndane, ela se encolheu.

Eles adotaram a mesma pose que seus servos, agachadas de joelhos, cabeças para o chão em direção ao Myrddraal.

Ela teve que trabalhar a umidade em sua boca. "Você é um mensageiro do Grande Senhor?" Sua voz era firme, mas fraca. Ela nunca tinha ouvido falar de tal coisa, o Grande Senhor enviando uma mensagem por Myrddraal, e ainda... Moghedien era uma covarde, mas ainda um dos Escolhidos, e ela rastejou tão assiduamente quanto a garota. E havia a luz. Graendal se pegou desejando que seu vestido não fosse tão baixo. Ridículo, é claro; o apetite de Myrddraal por mulheres era bem conhecido, mas ela era uma das... Seus olhos se voltaram para Moghedien mais uma vez.

O Myrddraal passou por ela sinuosamente, parecendo não lhe dar atenção. Seu longo manto preto pendia imperturbável por seus movimentos. Aginor pensara que as criaturas não estavam no mundo da mesma forma que tudo o mais; "ligeiramente fora de fase com o tempo e a realidade", ele tinha dito, o que quer que isso significasse.

"Eu sou Shaidar Haran." Parando ao lado de seus servos, o Myrddraal se inclinou para agarrá-los pela nuca, uma mão em cada um. "Quando eu falo, você pode considerar que está ouvindo a voz do Grande Senhor das Trevas." Aquelas mãos se apertaram ao som surpreendentemente alto de osso quebrando. O jovem teve espasmos ao morrer, chutando; a jovem simplesmente ficou mole. Elas eram dois de seus mais bonitos. O Myrddraal endireitou-se dos cadáveres. "Eu sou a mão dele neste mundo, Graendal. Quando você está diante de mim, você está diante dele."

Graendal considerou cuidadosamente, ainda que rapidamente. Estava com medo, uma emoção que ela estava muito mais acostumada a inspirar nos outros, mas sabia como controlar seu medo. Embora nunca tivesse comandado exércitos como alguns dos outros, ela não era uma estranha ao risco nem uma covarde, mas isso era mais do que uma mera ameaça. Moghedien e Cyndane ainda

estavam ajoelhadas com a cabeça no chão de mármore, Moghedien realmente tremendo visivelmente. Graendal acreditou nesse Myrddraal. Ou no que realmente era. O Grande Senhor estava tomando uma mão mais direta nos eventos, como ela temia. E se ele soubesse que ela estava tramando com Sammael... Se ele escolhesse agir, quer dizer; acreditar que ele não sabia era uma aposta tola agora.

Ela se ajoelhou suavemente diante do Myrddraal. "O que você quer que eu faça?" Sua voz havia recuperado sua força. Uma flexibilidade necessária não era covardia; aqueles que não se curvaram para o Grande Senhor foram dobrados. Ou partidos em dois. "Devo chamá-lo de Grande Mestre, ou você prefere outro título? Eu não me sentiria à vontade para falar nem mesmo com a mão do Grande Senhor como faria com ele."

Surpreendentemente, o Myrddraal riu. Parecia gelo desmoronando. Myrddraal nunca riam. "Você é mais corajosa do que a maioria. E mais sábia. Shaidar Haran servirá para você. Desde que você se lembre de quem eu sou. Contanto que você não deixe a bravura superar muito seu medo."

Ao emitir suas ordens — uma visita a esse Moridin era a primeira, ao que parecia; ela precisaria estar em guarda contra Moghedien, e talvez Cyndane também, se vingando por seu breve uso de Compulsão; duvidava que a garota fosse mais indulgente do que a Aranha — decidiu guardar para si a carta que enviara a Rodel Ituralde. Nada que lhe foi dito indicava que suas ações desagradariam ao Grande Senhor, e ela ainda tinha que considerar sua própria posição. Moridin, quem quer que fosse, poderia ser Nae'blis hoje, mas sempre haveria o amanhã.

* * *

Apoiando-se no balanço da carruagem de Arilyn, Cadsuane moveu uma das cortinas de couro da janela para longe o suficiente para ver

o lado de fora. Uma chuva leve caía sobre Cairhien de um céu cinza cheio de nuvens ruidosas e ventos ásperos e rodopiantes. Não só o céu estava cheio de vento. Rajadas uivantes balançavam a carruagem mais do que seu movimento para frente. Pequenas gotas picaram sua mão, frias como gelo. Se o ar esfriasse um pouco mais, haveria neve. Ela puxou seu manto de lã para mais perto; ficou feliz em encontrá-lo, enfiado no fundo de seus alforjes. O ar esfriaria.

Os telhados íngremes de ardósia da cidade e as ruas pavimentadas de pedra brilhavam molhadas e, embora a chuva não fosse forte, poucos estavam dispostos a enfrentar os ventos fortes. Uma mulher guiando um carro de bois com batidas de um longo aguilhão movia-se tão pacientemente quanto seu boi, mas a maioria das pessoas a pé segurava capas com força, capuzes puxados para baixo, e andava rapidamente quando os carregadores de uma liteira passavam apressados, seu rígido controle esvoaçando. Outros, além da mulher e seu boi, não viam razão para pressa. No meio da rua, um imponente homem Aiel ficou olhando para o céu, incrédulo, enquanto a garoa o encharcava, tão absorto que um ousado batedor de carteiras pegou sua bolsa de cinto e disparou sem ser notado por sua vítima. Uma mulher cujos cabelos cacheados e emaranhados a marcavam como nobre caminhava lentamente, sua capa esvoaçando descontroladamente, e seu longo capuz também. Esta podia ter sido a primeira vez que ela realmente andava nas ruas, mas ela estava rindo enquanto a chuva escorregava em suas bochechas. Da porta de uma perfumaria, a lojista olhava desconsolada; ela faria poucos negócios hoje. A maioria dos vendedores havia desaparecido pelo mesmo motivo, mas um punhado ainda oferecia chá quente e tortas de carne de carrinhos de mão sob toldos improvisados. Embora qualquer um que comprasse uma torta de carne na rua hoje em dia merecesse a dor de barriga que teria.

Um par de cães famintos saiu correndo de um beco, de pernas rígidas e arrepiados, latindo e rosnando para a carruagem. Cadsuane deixou a cortina cair. Os cães pareciam conhecer mulheres que

podiam canalizar tão facilmente quanto os gatos, mas os cães pareciam pensar que as mulheres eram gatas, ainda que anormalmente grandes. As duas mulheres sentadas à sua frente ainda estavam conversando.

“Perdoe-me,” Daigian estava dizendo, “mas a lógica é inescapável.” Ela abaixou a cabeça se desculpando, fazendo a pedra da lua pendurada em uma fina corrente de prata de seu longo cabelo preto balançar em sua testa. Seus dedos arrancavam os pelos brancos em suas saias escuras, e ela falava rapidamente, como se tivesse medo de ser interrompida. “Se você aceita que o calor persistente foi obra do Tenebroso, a mudança deve ser de alguma outra entidade. Ele não teria cedido. Você pode dizer que ele decidiu congelar ou afogar o mundo em vez de assá-lo, mas por quê? Se o calor tivesse continuado durante a primavera, os mortos poderiam ter superado os vivos, não diferente do que se a neve caísse no verão. Portanto, logicamente, alguma outra mão está em ação.” A timidez da mulher gorda às vezes era difícil, mas, como sempre, Cadsuane achava sua lógica impecável. Ela só desejava saber de quem era a mão e com que finalidade.

“Paz!” Kumira murmurou. “Prefiro um grama de prova concreta do que cem quilos de sua lógica Ajah Branca.” Ela mesma era Marrom, embora pouco dada às suas falhas habituais. Uma mulher bonita com cabelo curto, era teimosa e prática, uma observadora perspicaz, e nunca se perdia tão profundamente em seus pensamentos a ponto de perder também de vista o mundo ao seu redor. Assim que Kumira falou, deu um tapinha no joelho de Daigian com uma mão graciosa e deu um sorriso que mudou seus olhos azuis de afiados para calorosos. Shienaranos eram um povo educado, em geral, e Kumira tomava cuidado para não ofender. Sem querer, pelo menos. “Foque sua mente no que podemos fazer sobre as irmãs mantidas pelos Aiel. Sei que você vai raciocinar sobre algo se alguém puder.”

Cadsuane bufou. “Elas merecem o que quer que aconteça com elas.” Ela não teve permissão para se aproximar das tendas de Aiel, nem nenhuma de suas companheiros, mas algumas das tolas que juraram fidelidade ao menino al'Thor se aventuraram até o acampamento e voltaram com o rosto branco e divididos entre a indignação e adoecer. Normalmente, ela também teria ficado furiosa com a afronta à dignidade das Aes Sedai, quaisquer que fossem as circunstâncias; agora não. Para atingir seu objetivo, teria colocado toda a Torre Branca nua pelas ruas. Como poderia se preocupar com o desconforto de mulheres que poderiam ter arruinado tudo?

Kumira abriu a boca para protestar apesar de conhecer seus sentimentos, mas Cadsuane continuou, calma mas implacável. “Talvez elas chorem o suficiente para serem eximidas da culpa pelo que fizeram, mas duvido. Elas estão fora de nossas mãos, e se estivessem nas minhas, eu poderia entregá-las aos Aiel. Esqueça-as, Daigian, e coloque essa sua bela mente no caminho que eu coloquei para você.”

As bochechas pálidas da mulher cairhiena coraram vermelhas com o elogio. Graças à Luz ela não era assim, exceto com outras irmãs. Kumira sentou-se silenciosamente, com o rosto muito suave, as mãos no colo. Ela poderia estar subjugada agora, mas poucos poderiam subjugar Kumira por muito tempo. Elas eram exatamente o par que Cadsuane queria com ela hoje.

A carruagem se inclinou quando a equipe começou a subir a longa rampa que levava ao Palácio do Sol. “Lembrem-se do que eu disse a vocês,” ela disse às outras duas com firmeza. “E tenham cuidado!”

Elas murmuraram que teriam, assim como lembrariam, e ela assentiu. Se a necessidade exigisse, usaria as duas como cobertura morta, e outras também, mas não pretendia perder nenhuma delas porque ficaram descuidadas.

Não houve incômodo ou atraso em deixar a carruagem passar pelos portões do Palácio. Os guardas reconheceram o símbolo de

Arilyn nas portas e sabiam quem estaria entrando. Aquela carruagem tinha ido ao Palácio com bastante frequência na semana anterior. No momento em que os cavalos pararam, um lacaios de olhos ansiosos, vestido de preto sem adornos, abriu a porta da carruagem, estendendo um amplo guarda-chuva liso de tecido escuro oleado. A chuva pingava da borda em sua cabeça nua, mas aquilo não era para *seu* abrigo.

Tocando rapidamente os enfeites pendurados no coque em cima de sua cabeça para ter certeza de que estavam todos lá — ela nunca havia perdido um, mas isso era porque tinha cuidado com eles — Cadsuane pegou as alças de sua cesta de vime quadrada de debaixo do assento e desceu. Meia dúzia de lacaios esperava atrás do primeiro, guarda-chuvas a postos. Tantos passageiros teriam lotado a carruagem além do conforto, mas os lacaios não estavam prestes a serem pegos de surpresa, e os extra não se apressaram até que ficou claro que eram apenas as três.

Obviamente, a carruagem tinha sido vista chegando. Serviçais e empregados vestidos de escuro formavam uma fila nos azulejos azuis e dourados profundos do grande hall de entrada com seu teto abobadado quadrado de cinco palmos de altura. Saltaram para a frente, levando capas, oferecendo pequenas toalhas de linho quentes para o caso de alguém precisar secar o rosto ou as mãos, oferecendo taças de porcelana do Povo do Mar com vinho quente que exalavam um cheiro inebriante de especiarias. Uma bebida de inverno, mas a queda repentina de temperatura a tornava adequada. E afinal, era inverno. Finalmente.

Três Aes Sedai esperavam de um lado entre as enormes colunas quadradas de mármore escuro, diante de frisos altos e claros representando batalhas sem dúvida importantes para Cairhien, mas Cadsuane ignorou as mulheres por enquanto. Um dos jovens servos tinha uma pequena figura vermelha e dourada bordada no peito esquerdo de seu casaco, o que as pessoas chamavam de dragão. Corgaide, a mulher de rosto grave e cabelos grisalhos que dava

ordens aos criados no Palácio do Sol, não usava nenhum ornamento a não ser o grande anel de chaves pesadas na cintura. Nem mais ninguém tinha qualquer decoração nas suas roupas e, apesar do aparente entusiasmo do jovem, era Corgaide, a Portadora das Chaves, que ditaria o ânimo entre os criados. Ainda assim, ela havia permitido que o rapaz fizesse o bordado; um ponto a ser lembrado. Cadsuane falou com ela baixinho, pedindo por uma sala onde pudesse trabalhar em seu bastidor de bordado sem ser perturbada, e a mulher não piscou ao pedido. Mas então, sem dúvida, ela tinha ouvido coisas estranhas, trabalhando neste lugar.

Enquanto os servos com os mantos e bandejas faziam reverências e se curvavam, Cadsuane finalmente se virou para as três irmãs entre as colunas. Todas estavam olhando para ela, ignorando Kumira e Daigian. Corgaide permaneceu, mas ficou bem atrás, dando privacidade às Aes Sedai. “Difícilmente esperava encontrá-las passeando à vontade”, disse Cadsuane. “Pensei que as Aiel trabalhavam duro com suas aprendizes.”

Faeldrin mal reagiu, apenas um leve movimento de cabeça que sacudiu suavemente as contas coloridas em suas tranças finas, mas Merana corou de vergonha, e suas mãos apertaram as saias. Os eventos haviam abalado Merana tão profundamente que Cadsuane não tinha certeza se ela algum dia se recuperaria. Bera, é claro, era quase imperturbável.

“A maioria de nós teve um dia livre por causa da chuva”, Bera respondeu calmamente. Uma mulher robusta em lã simples — fina e bem cortada, mas decididamente simples — era possível imaginá-la mais à vontade em uma fazenda do que em um palácio. Era possível para quem fosse um tolo; Bera tinha uma mente aguçada, uma vontade forte, e Cadsuane não acreditava que ela cometesse o mesmo erro duas vezes. Como a maioria das irmãs, ela não havia superado inteiramente o encontro com Cadsuane Melaidhrin, viva e em carne e osso, mas não se deixou dominar pelo temor. Depois de apenas uma leve respiração profunda, ela continuou. “Não consigo

entender por que você continua voltando, Cadsuane. Claramente, você quer algo de nós, mas a menos que você nos diga o que é, não podemos ajudá-la. Sabemos o que você fez pelo Lorde Dragão” — ela tropeçou um pouco no título; elas ainda não sabiam muito bem como chamar o menino — “mas é óbvio que você veio a Cairhien por causa dele, e até que você nos diga por que e o que pretende, deve entender que não encontrará ajuda de nós.” Faeldrin, outra Verde, sobressaltou-se com o tom ousado de Bera, mas concordou com a cabeça antes que Bera terminasse.

“Você deve entender isso também”, acrescentou Merana, sua serenidade recuperada. “Se decidirmos que devemos nos opor a você, nós o faremos.” O rosto de Bera não mudou, mas a boca de Faeldrin se apertou brevemente. Talvez ela discordasse, e talvez não quisesse revelar muito.

Cadsuane as favoreceu com um leve sorriso. Dizer-lhes por que e o quê? Se eles decidissem? Até agora elas tinham conseguido se enfiar nos alforjes do jovem al’Thor amarradas pelos pés e pelas mãos, até mesmo Bera. Com a recomendação de deixá-las decidir tanta coisa quanto o que vestir pela manhã! “Não vim para ver vocês”, disse ela. “Embora eu suponha que Kumira e Daigian gostariam de fazer uma visita, já que vocês têm um dia livre. Você vai me desculpar.”

Acenando para Corgaide seguir adiante, ela seguiu a mulher pelo saguão de entrada. Só olhou para trás uma vez. Bera e as outras já haviam reunido Kumira e Daigian e as estavam empurrando para longe, mas dificilmente seriam convidadas bem-vindas. Mais como gansos de rebanho. Cadsuane sorriu. A maioria das irmãs considerava Daigian pouco melhor que uma Bravia e a tratava pouco melhor que uma serva. Naquele grupo, Kumira dificilmente ficava muito mais alta. Nem os mais desconfiados podiam pensar que elas estavam ali para tentar convencer alguém de alguma coisa. Assim, Daigian servia o chá e sentava-se em silêncio, exceto quando solicitada, e aplicava sua mente excelente a tudo o que ouvia.

Kumira deixaria todas, exceto Daigian, falarem antes dela — e classificaria e arquivaria cada palavra, cada gesto e careta. Bera e o resto manteriam seus juramentos ao menino, é claro — isso nem era preciso dizer — mas com que assiduidade era outra questão. Mesmo Merana podia não estar disposta a ir muito além da simples obediência. Isso já era ruim o suficiente, mas deixava um espaço considerável para elas manobram. Ou serem manobradas.

Servos de libré escura, apressados em suas tarefas ao longo dos amplos corredores cobertos de tapeçarias, correram para o lado de Cadsuane e Corgaide, e as duas progrediram para uma enxurrada de reverências profundas e medidas feitas sobre cestas e bandejas e braçadas de toalhas. Pela maneira como os olhos observavam Corgaide, Cadsuane suspeitava que a deferência era tanto para a Portadora das Chaves quanto para uma Aes Sedai. Havia alguns Aiel também, homens enormes como leões de olhos frios e mulheres como leopardos de olhos frios. Alguns daqueles olhares a seguiram com frieza suficiente para trazer a neve ameaçada pela chuva lá fora, mas outros Aiel acenaram para ela gravemente, e aqui e ali uma das mulheres de olhos ferozes chegou a sorrir. Ela nunca alegou ser responsável por salvar seu *Car'a'carn*, mas as histórias se tornaram distorcidas na recontagem, e a crença lhe concedeu mais respeito do que qualquer outra irmã e certamente mais liberdade de movimento ao redor do Palácio. Ela se perguntou como eles se sentiriam se soubessem que se ela tivesse o menino na frente dela naquele momento, teria sido pressionada a se impedir de empolar seu couro por ele! Pouco mais de uma semana desde que ele quase foi morto, e não só ele conseguiu iludi-la completamente, mas tornou sua tarefa ainda mais difícil, se metade do que ela ouviu fosse verdade. Uma pena ele não ter sido criado em Far Madding. Mas então, isso poderia ter levado à sua própria catástrofe.

O quarto para o qual Corgaide a levou era confortavelmente quente, com fogos acesos em lareiras de mármore em cada extremidade da câmara e lâmpadas acesas, chamas espelhadas em

torres de vidro que perseguiam a escuridão do dia. Claramente, Corgaide havia enviado ordens com antecedência para se preparar enquanto ela esperava no saguão de entrada. Uma criada apareceu quase junto com elas, com chá quente e vinho condimentado em uma bandeja, e pequenos bolos cobertos com mel.

“Haverá mais alguma coisa, Aes Sedai?” Corgaide perguntou enquanto Cadsuane colocava sua cesta de costura ao lado da bandeja em uma mesa com borda e pernas douradas. Rigidamente esculpida, também, como era larga a cornija, também coberta de ouro. Cadsuane sempre sentia que estava em um açude de peixes dourados quando visitava Cairhien. Apesar da luz e do calor lá dentro, a chuva que pingava do lado de fora das janelas altas e estreitas e o céu de cinza lá fora aumentavam a sensação.

“O chá vai fazer muito bem”, disse ela. “Se puder, diga a Alanna Mosvani que eu quero vê-la. Diga a ela, sem demora.”

As chaves de Corgaide tilintaram quando ela fez uma reverência, murmurando respeitosamente que ela mesma encontraria “Alanna Aes Sedai”. Sua expressão grave nunca se alterou quando ela saiu. Muito provavelmente estava examinando o pedido de sutilezas. Cadsuane preferia ser direta, quando possível. Ela tropeçou em várias pessoas inteligentes que não acreditavam que ela queria dizer exatamente o que disse.

Abrindo a tampa de sua cesta de costura, ela tirou seu bastidor de bordado com um pedaço de trabalho menos da metade pronto em volta dele. A cesta tinha bolsos tecidos no interior para guardar itens que não tinham nada a ver com costura. Seu espelho de mão de marfim, escova de cabelo e pente, um estojo de caneta e um tinteiro bem fechado, uma série de coisas que ela achara útil ter à mão ao longo dos anos, incluindo algumas que surpreenderiam qualquer um com coragem suficiente para revistar a cesta. Não que ela muitas vezes a deixasse fora de vista. Colocando a caixa de fios de prata polida cuidadosamente sobre a mesa, ela selecionou os novelos que

precisava e sentou-se de costas para a porta. A imagem principal em seu bordado estava terminada, a mão de um homem segurando o antigo símbolo das Aes Sedai. Rachaduras percorriam o disco preto e branco, e não havia como saber se a mão estava tentando segurá-lo ou esmagá-lo. Ela sabia o que pretendia, mas o tempo diria o que era verdade.

Enfiando uma agulha, ela começou a trabalhar em uma das imagens ao redor, uma rosa vermelha brilhante. Rosas e brilho de estrelas e raios de sol alternavam com margaridas e corações-corados e neve, todos separados por faixas de urtigas e urtigas de espinhos longos. Seria uma peça perturbadora, quando terminada.

Antes de terminar meia pétala da rosa, um lampejo de movimento refletido na tampa plana da caixa de linha chamou sua atenção. Tinha sido cuidadosamente colocado para refletir a entrada. Ela não levantou a cabeça do aro. Alanna ficou lá olhando para suas costas. Cadsuane continuou o trabalho lento de sua agulha, mas observou aquele reflexo com o canto do olho. Duas vezes, Alanna se virou como se fosse ir embora, então finalmente se recompôs, visivelmente se preparando.

"Entre, Alanna." Ainda sem levantar a cabeça, Cadsuane apontou para um ponto à sua frente. "Fique ali." Ela sorriu ironicamente quando Alanna saltou. Havia vantagens em ser uma lenda; as pessoas raramente notavam o óbvio ao lidar com uma lenda.

Alanna entrou no quarto em um farfalhar de saias de seda e tomou o lugar que Cadsuane havia indicado, mas havia uma torção mal-humorada em sua boca. "Por que você insiste em me atormentar?" ela exigiu. "Não posso lhe dizer mais do que já contei. E se eu pudesse, não sei se faria! Ele pertence a...!" Ela interrompeu abruptamente, mordendo o lábio inferior, mas poderia muito bem ter terminado. O menino al'Thor pertencia a ela; seu Guardião. Ela teve a ousadia de pensar isso!

“Guardei seu crime para mim”, disse Cadsuane calmamente, “mas só porque não vi razão para complicar as coisas.” Levantando os olhos para a outra mulher, ela manteve a voz suave. “Se você acha que isso significa que eu não vou esfolar você como um repolho, pense novamente.”

Alanna endureceu. A luz de *saidar* de repente brilhou ao redor dela.

“Se você deseja ser verdadeiramente tola.” Cadsuane sorriu, um sorriso frio. Ela não fez nenhum movimento para abraçar a Fonte ela mesma. Um de seus enfeites de cabelo pendurados, crescentes dourados entrelaçados, estava fresco em sua têmpora. “Você mantém uma pele inteira no momento, mas minha paciência não é infinita. Na verdade, está pendurada por um fio.”

Alanna lutou consigo mesma, alisando inconscientemente a seda azul. Abruptamente o brilho do Poder se apagou, e ela virou a cabeça para longe de Cadsuane tão rapidamente que seus longos cabelos negros balançaram. “Não sei mais nada para contar.” As palavras mal-humoradas saíram dela ofegantes. “Ele estava ferido, e depois não, mas não acho que uma irmã o curou. As feridas que ninguém poderia curar ainda estão lá. Ele salta, Viajando, mas ainda está no sul. Em algum lugar em Illian, eu acho, mas a esta distância, ele poderia estar em Tear pelo que sei. Ele está cheio de raiva, dor e suspeita. Não há mais nada, Cadsuane. Não há!”

Tomando cuidado com o calor da jarra de prata, Cadsuane serviu uma xícara de chá, testando a xícara fina de porcelana verde quanto ao calor. Como seria de esperar em prata, o chá esfriou rapidamente. Canalizando brevemente, ela o aqueceu novamente. O chá escuro tinha gosto de menta demais; cairhienos usavam hortelã muito livremente em sua opinião. Ela não ofereceu uma xícara para Alanna. Viajando. Como o menino *poderia* ter redescoberto o que havia sido perdido pela Torre Branca desde a Ruptura? “Você vai me manter totalmente informada, no entanto, não é, Alanna?” Não era

uma pergunta. “Olhe para mim, mulher! Se você *sonhar* com ele, quero saber cada detalhe!”

Lágrimas não derramadas brilharam nos olhos de Alanna. “No meu lugar, você teria feito o mesmo!”

Cadsuane fez uma careta sobre a xícara para ela. Ela podia ter feito. Não havia diferença entre o que Alanna tinha feito e um homem forçando uma mulher, mas, a Luz a ajudasse, ela poderia ter feito, se acreditasse que isso a ajudaria a alcançar seu objetivo. Agora, não considerava nem mesmo fazer Alanna passar o vínculo para ela. Alanna provou o quão inútil isso era para controlá-lo.

“Não me deixe esperando, Alanna,” ela disse em um tom gelado. Não tinha simpatia pela outra mulher. Alanna era outra em uma linha de irmãs, de Moiraine a Elaida, que havia estragado e piorado o que deveriam estar consertando. Enquanto ela mesma estivera perseguindo primeiro Logain Ablar e depois Mazrim Taim. O que não acalmou seu humor.

“Vou mantê-la totalmente informada”, Alanna suspirou, fazendo beicinho como uma menina. Cadsuane ansiava por esbofeteá-la. Alanna usava o xale havia vinte anos; deveria ter crescido mais do que isso. Claro, ela era arafellina. Em Far Madding, poucas garotas de vinte anos ficavam de mau humor e fizeram beicinho tanto quanto uma arafellina poderia em seu leito de morte e envelhecida.

Abruptamente, os olhos de Alanna se arregalaram em alarme, e Cadsuane viu outro rosto refletido na tampa de sua caixa de linha. Colocando a xícara de volta na bandeja e seu bastidor na mesa, Cadsuane se levantou e se virou para a porta. Não se apressava, mas também não se divertiu ou brincou como fez com Alanna.

“Você terminou com ela, Aes Sedai?” Sorilea perguntou, entrando na sala. A Sábua de cabelos brancos e coriácea falou com Cadsuane, mas seus olhos permaneceram em Alanna. Marfim e ouro clicaram suavemente em seus pulsos quando ela colocou as mãos nos quadris, e seu xale escuro deslizou até os cotovelos.

Quando Cadsuane disse que ela realmente tinha terminado, Sorilea fez um gesto curto para Alanna, que saiu da sala. Aborrecida poderia ter sido uma palavra melhor, com a irritação mal-humorada em seu rosto. Sorilea franziu o cenho atrás dela. Cadsuane tinha encontrado a mulher antes, e tinham sido encontros interessantes, embora breves. Não tinha conhecido muitas pessoas que considerava formidáveis, mas Sorilea era uma delas. Talvez até uma párea para si mesma, em alguns aspectos. Também suspeitava que a mulher fosse tão velha quanto ela, talvez mais velha, e isso ela nunca esperou encontrar.

Assim que Alanna desapareceu, Kiruna apareceu na porta, chutando saias de seda cinza em sua pressa e espiando pelo corredor na direção que Alanna tinha ido. E carregando uma bandeja de ouro intrincadamente trabalhada que continha um jarro de ouro ainda mais elaborado com gargalo alto e, incongruentemente, dois pequenos copos de cerâmica esmaltados de branco. “Por que Alanna está correndo?” ela disse. “Eu teria sido mais rápida, Sorilea, mas...” Ela viu Cadsuane então, e suas bochechas ficaram do mais profundo vermelho possível. Constrangimento parecia bastante estranho na mulher escultural.

“Coloque a bandeja na mesa, garota,” Sorilea disse, “e vá até Chaelin. Ela estará esperando para lhe dar suas lições.”

Rigidamente, Kiruna colocou seu fardo na mesa, evitando os olhos de Cadsuane. Quando se virou para sair, Sorilea segurou seu queixo com dedos musculosos. “Você começou a fazer um verdadeiro esforço, menina”, disse-lhe a Sábua com firmeza. “Se você continuar, vai se sair muito bem. Muito bem. Agora vá. Chaelin não é tão paciente quanto eu.”

Sorilea acenou em direção ao corredor, mas Kiruna ficou olhando para ela por um longo momento, uma expressão estranha em seu rosto. Se Cadsuane tivesse que fazer uma aposta, ela teria achado Kiruna satisfeita com o elogio e surpresa por estar satisfeita. A

mulher de cabelos brancos abriu a boca, e Kiruna se sacudiu e saiu correndo da sala. Um espetáculo notável.

"Você realmente acha que ela vai aprender suas maneiras de tecer *saidar*?" Cadsuane perguntou, escondendo sua incredulidade. Kiruna e as outras lhe contaram sobre essas lições, mas muitas das tramas das Sábias eram muito diferentes daquelas ensinadas na Torre Branca. A primeira maneira pela qual se aprendia a trama de uma coisa em particular se imprimia na pessoa; aprender uma segunda era quase impossível, e mesmo quando se podia aprender, a trama aprendida quase nunca funcionava tão bem. Essa era uma das razões pelas quais algumas irmãs não recebiam Bravias na Torre em qualquer idade; muito já poderia ter sido aprendido e não poderia ser desaprendido.

Sorilea deu de ombros. "Talvez. Aprender uma segunda maneira já é difícil o suficiente sem todos os acenos de mão que as Aes Sedai fazem. A principal coisa que Kiruna Nachiman deve aprender é que ela é dona de seu orgulho; não que ele a possui. Ela será uma mulher muito forte quando aprender isso." Puxando uma cadeira para ficar de frente para a que Cadsuane estava sentada, ela olhou para ela em dúvida, então se sentou. Parecia quase tão rígida e desconfortável quanto Kiruna, mas fez um gesto autoritário para Cadsuane se sentar, uma mulher de força de vontade, acostumada comandar.

Cadsuane engoliu uma risada triste enquanto se sentava na cadeira. Era bom lembrar que, Bravias ou não, as Sábias estavam longe de ser selvagens ignorantes. Claro que elas conheceriam as dificuldades. Quanto a acenar com as mãos... Poucas haviam canalizado onde ela podia ver, mas notou que elas criavam algumas tramas sem os gestos que as irmãs usavam. Os movimentos das mãos não eram realmente parte da trama, mas de certa forma eram, porque faziam parte do aprendizado da trama. Talvez, algum dia, houvesse Aes Sedai que pudessem, digamos, arremessar uma bola de fogo sem algum tipo de movimento de arremesso, mas se tivesse havido, elas estavam mortas há muito tempo, e seus ensinamentos

mortos com elas. Hoje, algumas coisas simplesmente não poderiam ser feitas sem os gestos apropriados. Havia irmãs que afirmavam saber quem havia ensinado a outra irmã por quais movimentos ela usava para quais tramas.

“Ensinar qualquer coisa a qualquer uma de nossas novas aprendizes tem sido difícil, na melhor das hipóteses,” Sorilea continuou. “Não falo para ofender, mas vocês Aes Sedai prestam juramento, ao que parece, e imediatamente tentam encontrar uma maneira de contornar isso. Alanna Mosvani é particularmente difícil.” De repente, seus olhos verdes claros ficaram muito afiados no rosto de Cadsuane. “Como podemos punir suas falhas deliberadas se isso significa prejudicar o *Car’a’carn*?”

Cadsuane cruzou as mãos no colo. Mascarar a surpresa não foi fácil. Lá se fora o segredo do crime de Alanna. Mas por que a mulher a deixou saber que ela sabia? Talvez uma revelação exigisse outra. “O vínculo não funciona dessa maneira”, disse ela. “Se você a matar, ele morrerá, na hora ou logo depois. Fora isso, ele estará ciente do que acontece com ela, mas realmente não sentirá isso. Tão longe quanto ele está agora, ele estará apenas vagamente ciente disso.”

Sorilea assentiu lentamente. Seus dedos tocaram a bandeja dourada sobre a mesa, então se afastaram. Sua expressão era tão difícil de ler quanto o rosto de uma estátua, mas Cadsuane suspeitava que Alanna encontraria uma surpresa desagradável na próxima vez que deixasse seu temperamento explodir, ou lançasse um de seus gemidos de arafellina. Isso não era importante, no entanto. Só o menino era importante.

“A maioria dos homens aceitará o que for oferecido, se parecer atraente e agradável”, disse Sorilea. “Uma vez, pensamos isso de Rand al’Thor. Infelizmente, é tarde demais para mudar o caminho que trilhamos. Agora, ele suspeita de tudo o que é oferecido gratuitamente. Agora, se eu quisesse que ele aceitasse alguma coisa, fingiria que não queria que ele aceitasse. Se eu quisesse ficar perto

dele, fingiria indiferença se eu o visse novamente.” Mais uma vez, aqueles olhos se concentraram em Cadsuane, verdes e espreitando. Sem tentar ver o que estava dentro de sua cabeça. A mulher sabia. Algumas coisas, pelo menos. O suficiente, ou muito.

Ainda assim, Cadsuane sentiu uma crescente emoção de possibilidade. Se tinha alguma dúvida de que Sorilea queria medi-la, elas se foram. E não se media alguém dessa maneira, a menos que se esperasse algum acordo. “Você acredita que um homem deve ser duro?” ela perguntou. Ela estava se arriscando. “Ou forte?” Pelo seu tom, não deixou dúvidas de que via a diferença.

Novamente Sorilea tocou a bandeja; o menor dos sorrisos poderia ter curvado seus lábios por um instante. Ou não. “A maioria dos homens vê os dois como a mesma coisa, Cadsuane Melaidhrin. Forte resiste; duro estilhaça.”

Cadsuane respirou fundo. Uma chance que ela teria tomado de qualquer outra pessoa. Mas ela não era mais ninguém, e às vezes era preciso arriscar. “O menino as confunde”, disse ela. “Ele precisa ser forte e se torna mais duro. Muito duro, já, e ele não vai parar até que seja parado. Ele esqueceu como rir, exceto com amargura; não há mais lágrimas nele. A menos que ele encontre risos e lágrimas novamente, o mundo enfrentará um desastre. Ele deve aprender que mesmo o Dragão Renascido é de carne. Se ele for para Tarmon Gai’don como está, até sua vitória pode ser tão sombria quanto sua derrota.”

Sorilea escutou atentamente e ficou em silêncio mesmo depois que Cadsuane terminou. Aqueles olhos verdes a estudaram. “Seu Dragão Renascido e sua Última Batalha não estão em nossas profecias,” Sorilea disse finalmente. “Tentamos fazer Rand al’Thor conhecer seu sangue, mas temo que ele nos veja apenas como mais uma lança. Se uma lança quebrar em sua mão, você não para pra lamentar antes de pegar outra. Talvez você e eu miramos em alvos não muito distantes.”

"Talvez sim", disse Cadsuane cautelosamente. Alvos, mesmo com uma mão de distância, podiam não ser nada parecidos.

Abruptamente, o brilho de *saidar* cercou a mulher de rosto encouraçado. Ela era fraca o suficiente para fazer Daigian parecer pelo menos moderadamente forte. Mas então, a força de Sorilea não estava no Poder. "Há uma coisa que você pode achar útil", disse ela. "Eu não posso fazer isso funcionar, mas posso tecer os fluxos para mostrar a você." Ela fez exatamente isso, colocando tramas fracas que se encaixavam e derretiam, pobres demais para fazer o que se destinavam. "Isso se chama Viajar," Sorilea disse.

Desta vez, o queixo de Cadsuane caiu. Alanna e Kiruna e o resto negaram ensinar as Sábias a se ligarem, ou uma série de outras habilidades que elas de repente pareciam ter, e Cadsuane presumiu que as Aiel haviam conseguido arrancá-las das irmãs mantidas nas tendas. Mas isso era...

Impossível, ela teria dito, mas não acreditava que Sorilea estivesse mentindo. Ela mal podia esperar para experimentar a trama. Não que fosse de muita utilidade imediatamente. Mesmo que ela soubesse exatamente onde estava o menino desgraçado, ela tinha que fazê-lo vir até ela. Sorilea estava certa sobre isso. "Um presente muito grande", disse ela lentamente. "Não tenho nada que eu possa lhe dar para comparar."

Desta vez, não houve dúvida do breve sorriso que brilhou nos lábios de Sorilea. Ela sabia muito bem que Cadsuane estava em dívida com ela. Pegando o pesado jarro dourado com as duas mãos, ela cuidadosamente encheu os pequenos copos brancos. Com água pura. Ela não derramou uma gota.

"Eu ofereço a você o juramento de água," ela disse solenemente, pegando um dos copos. "Por ele, somos obrigadas a ensinar Rand al'Thor a rir e chorar." Ela tomou um gole e Cadsuane a imitou.

"Estamos ligadas como uma." E se seus alvos acabassem não sendo os mesmos? Ela não subestimava Sorilea como aliada ou

adversária, mas Cadsuane sabia qual alvo tinha que ser atingido, a qualquer custo.



CAPÍTULO

13



Flutuando como a Neve

O horizonte norte estava roxo com a chuva forte que martelava o leste de Illian durante a noite. No alto, um céu matinal de nuvens escuras e ferventes ameaçava, e ventos fortes arremessavam capas, fazendo estandartes balançarem e estalarem como chicotes no topo do cume, o estandarte branco do Dragão e o carmesim da Luz, e os brilhantes padrões de nobreza de Illian e Cairhien e Tear. Esses nobres eram mantidos para sua própria gente, três nós amplamente espaçados, banhados em aço dourado e prateado, com sedas, veludos e rendas, mas em comum eles olhavam em volta inquietos. Até os mais bem treinados de seus cavalos balançavam as cabeças e batiam os cascos no chão lamacento. O vento estava frio, e parecia mais frio por causa do calor que havia substituído tão abruptamente, assim como a chuva havia sido um choque depois de tanto tempo sem. Em qualquer nação, as pessoas oraram para que a seca escaldante acabasse, mas ninguém sabia o que fazer com tempestades implacáveis em resposta às suas orações. Alguns olhavam para Rand quando pensavam que ele não notaria. Talvez imaginando se ele havia dado essa resposta. O pensamento o fazia rir suavemente, amargamente.

Ele deu um tapinha no pescoço de seu cavalo preto com a mão enluvada de couro, feliz por Tai'daishar não ter se mostrado

nervoso. O animal maciço poderia ter sido uma estátua, esperando a pressão das rédeas ou de seus joelhos para se mover. Era bom que o cavalo do Dragão Renascido parecesse tão frio quanto ele, como se flutuassem juntos no Vazio. Mesmo com o Poder Único fluindo furiosamente através dele, fogo e gelo e morte, ele mal percebia o vento, embora agitasse seu manto bordado a ouro e abrisse seu casaco de seda verde densamente trabalhada com ouro e não destinada ao uso em tal clima. As feridas em seu lado doíam e latejavam, as velhas e as novas cortando-o, as feridas que nunca cicatrizariam, mas que também estavam distantes, na carne de outro homem. A Coroa de Espadas poderia estar espetando as têmporas de outra pessoa com as pontas afiadas das pequenas lâminas entre suas folhas douradas de louro. Mesmo a mácula tecida através de *saidin* parecia menos intrusiva do que antes; ainda vil, ainda repugnante, mas não mais digna de nota. Os olhos dos nobres em suas costas eram palpáveis, no entanto.

Movendo o punho da espada, ele se inclinou para frente. Podia ver o aglomerado de colinas baixas e arborizadas a meia milha a leste tão claramente como se estivesse usando um espelho. A terra era plana, aqui, as únicas proeminências eram aquelas colinas arborizadas e este longo cume, projetando-se da charneca. O próximo matagal, denso o suficiente para realmente merecer o nome, ficava a cerca de dezesseis quilômetros de distância. Apenas árvores sem folhas atingidas pela tempestade e emaranhados de vegetação rasteira eram visíveis nas colinas, mas ele sabia o que escondiam. Dois, talvez três mil dos homens que Sammael reuniu para tentar impedi-lo de tomar Illian.

Esse exército se desintegrou quando soube que o homem que o convocou estava morto, que Mattin Stepaneos havia desaparecido, talvez também na sepultura, e que havia um novo rei em Illian. Muitos se dispersaram de volta para suas casas, mas muitos se juntaram. Normalmente não mais do que vinte aqui, trinta ali, mas era um grande exército se eles se unissem novamente, e incontáveis

bandos armados, se não se unissem. De qualquer forma, eles não podiam ser autorizados a vagar pelo campo. O tempo pesava sobre seus ombros como chumbo. Nunca havia tempo suficiente, mas talvez desta vez... Fogo e gelo e morte.

O que você faria? ele pensou. *Você está aí?* E então, duvidosamente, odiando a dúvida, *Você já esteve aí?* O silêncio respondeu, profundo e morto no vazio que o cercava. Ou havia uma risada louca em algum lugar nos recessos de sua mente? Será que ele imaginou, como a sensação de alguém olhando por cima do ombro, alguém prestes a tocar suas costas? Ou as cores que giravam fora de vista, mais do que cores, se foram? Coisa de louco. Seu polegar enluvado deslizou ao longo das esculturas que serpenteavam o Cetro do Dragão. As longas borlas verdes e brancas abaixo da ponta de lança polida esvoaçavam ao vento. Fogo e gelo, e morte viriam.

“Eu mesmo irei falar com eles,” anunciou. O que produziu um furor.

Lorde Gregorin, a faixa verde do Conselho dos Nove inclinada sobre seu peitoral ornamentado em dourado, apressou seu cavalo branco de tornozelos finos para a frente dos illianenses, seguido de perto por Demetre Marcolin, Primeiro Capitão dos Companheiros, em um trote sólido. Marcolin era o único homem entre eles sem seda ou um pedaço de renda, o único homem com uma armadura simples, embora brilhantemente polida, embora o capacete cônico apoiado no alto pomo de sua sela tivesse três finas plumas douradas. Lorde Marac ergueu as rédeas, depois as deixou cair inseguro quando não viu nenhum outro dos Nove se mover. Um homem largo com maneiras impassíveis e novo no Conselho, muitas vezes ele parecia mais artesão do que lorde, apesar das sedas ricas sob sua armadura luxuosa e das rendas que se espalhavam. Grãos-Senhores Weiramon e Tolmeran esporeados juntos dos tairenos, tão incrustados de ouro e prata quanto qualquer um dos Nove, e Rosana, recém-nomeada como Alta Dama e usando um peitoral trabalhado com o Falcão e as

Estrelas de sua Casa. Houve, também, outros que meio que fizeram menção de segui-lo e ficaram para trás, parecendo preocupados. O esbelto Aracome, Maraconn de olhos azuis e Gueyam careca eram homens mortos; eles não sabiam disso, mas por mais que quisessem estar no centro do poder, temiam que Rand os matasse. Apenas Lorde Semaradrid veio dos cairhienos, em um cavalo cinza que já tinha visto dias melhores, sua armadura surrada, seu dourado lascado. Seu rosto era magro e duro, a frente de sua cabeça raspada e empoada como um soldado comum, e seus olhos escuros brilhavam com desprezo pelos tairenos mais altos.

Havia muito desprezo por ali. Taireons e cairhienos se odiavam. Illianenses e tairenos se desprezavam. Apenas cairhienos e illianenses se davam bem, e havia uma certa quantidade de espinhos mesmo ali. Suas duas nações podiam não ter nem perto da longa história de sangue ruim compartilhada por Tear e Illian, mas os cairhienos ainda eram estrangeiros, armados e blindados no solo de Illian, recebidos sem entusiasmo na melhor das hipóteses e isso só porque seguiam Rand. Mas, apesar de todas as carrancas, eriçadas e tentativas de falar ao mesmo tempo enquanto circulavam sobre Rand em uma enxurrada de capas sopradas pelo vento, eles tinham um objetivo comum agora. Além de um desfile de moda.

“Majestade,” Gregorin disse apressadamente, curvando-se em sua sela de ouro, “eu imploro que você me deixe ir em seu lugar, ou o Primeiro Capitão Marcolin.” A barba de corte quadrado que deixava seu lábio superior descoberto emoldurava um rosto redondo enrugado de preocupação. “Esses homens devem saber que você é rei — as proclamações são lidas em todas as aldeias, em todas as encruzilhadas, enquanto falamos — mas podem não mostrar o devido respeito por sua coroa.” Marcolin, de queixo de lanterna, barbeado, estudou Rand com olhos escuros e profundos, sem dar nenhuma pista do que havia por trás de seu rosto impassível. A lealdade dos Companheiros era para com a coroa de Illian, e Marcolin tinha idade suficiente para se lembrar de quando Tarn

al'Thor fora o segundo capitão, mas só ele sabia o que pensava de Rand al'Thor como rei.

“Meu Lorde Dragão,” Weiramon entoou enquanto fazia sua reverência, sem esperar que Gregorin terminasse. O homem sempre entoava, e mesmo a cavalo parecia pavonear-se. Os veludos trabalhados, as sedas listradas e as rendas quase sobrepujavam a armadura, e a barba cinza pontiaguda exalava um aroma floral de óleos perfumados. “Esta ralé é muito mesquinha para preocupar pessoalmente o Lorde Dragão. Coloque cachorros para pegar cachorros, eu digo. Deixe os illianenses exterminá-los. Que minha alma queime, eles não fizeram nada até agora para servi-lo além de conversar.” Confiar nele era transformar o acordo com Gregorin em um insulto. Tolmeran era magro o suficiente para fazer Weiramon parecer volumoso, e sombrio o suficiente para ofuscar o brilho de seu traje; ele não era tolo, e era rival de Weiramon além disso, mas balançou a cabeça lentamente em concordância. Não havia nenhum amor ali para os illianenses, não mesmo.

Semaradrid curvou um lábio para os tairenos, mas se dirigiu a Rand, chegando com força nos calcanhares de Weiramon. “Este grupo é dez vezes maior do que qualquer outra que encontramos até agora, meu Lorde Dragão.” Ele não se importava com o Rei de Illian, e pouco com o Dragão Renascido, exceto que o trono de Cairhien era de Rand, e Semaradrid esperava que fosse dado a alguém que ele pudesse seguir em vez de lutar. “Suas lealdades devem ser para com Brend, ou tantos não teriam se mantido juntos. Receio que falar com eles seja uma perda de tempo, mas se você precisar falar, deixe-me marcar abertamente a posição deles com aço para que saibam o preço de colocar um pé fora da linha.”

Rosana olhou para Semaradrid, uma mulher magra, não alta, mas quase tão alta quanto ele, com olhos como gelo azul. Ela também não esperou que ele terminasse, e também falou com Rand. “Cheguei muito longe e investi muito em você para ver você morrer agora, por nada”, disse ela sem rodeios. Não mais tola do que Tolmeran, Rosana

havia reivindicado um lugar nos conselhos dos Grão-Senhores, embora as Altas Damas tairenas raramente fizessem isso, e contundente era a palavra para ela. Apesar da armadura que a maioria das mulheres nobres usava, nenhuma realmente liderava seus armadores para a batalha, mas Rosana carregava uma maça com flange em sua sela, e às vezes Rand achava que ela gostaria de ter uma chance de usá-la. “Duvido que esses illianenses não tenham arcos,” ela disse, “e é preciso apenas uma flecha para matar até mesmo o Dragão Renascido.” Apertando os lábios pensativamente, Marcolin assentiu antes de se conter, então trocou olhares assustados com Rosana, cada um mais surpreso do que o outro por encontrar-se com a mesma opinião que um antigo inimigo.

“Esses camponeses nunca teriam coragem de ficar armados sem encorajamento,” Weiramon continuou suavemente, ignorando Rosana. Era hábil em ignorar quem e o que ele não queria ver ou ouvir. Ele era um tolo. “Posso sugerir que meu Lorde Dragão procure esses chamados Nove para ser sua fonte?”

“Eu protesto contra os insultos deste porco taireno, Majestade!” Gregorin rosnou bem em cima dele, uma mão correndo para sua espada. “Protesto muito sinceramente!”

“Há muitos desta vez”, disse Semaradrid no mesmo instante. “A maioria se voltará contra você assim que estiver de costas para eles, de qualquer forma.” Por sua carranca pontiaguda, ele poderia estar falando dos tairenos tanto quanto dos homens nas colinas arborizadas. Talvez ele estivesse. “Melhor matá-los e pronto!”

“Eu pedi opiniões?” Rand estalou duramente. A tagarelice tornou-se silêncio, exceto pelo estalar de capas e estandartes balançando ao vento. De repente, rostos inexpressivos o olharam, mais de um ficando cinza. Eles não sabiam que ele detinha o poder, mas o conheciam. Nem tudo o que sabiam era verdade, mas ainda bem que eles acreditavam. “Você virá comigo, Gregorin,” ele disse em uma voz mais normal. Ainda dura, no entanto. Aço era tudo o que eles

entendiam; se amolecesse, eles se voltariam contra ele. “E você, Marcolin. O resto fica aqui. Dashiva! Hopwil!”

Todos os que não foram mencionados puxaram as rédeas de seus cavalos apressadamente enquanto os dois Asha'man cavalgavam para se juntar a Rand, e os illianenses olharam para os homens de casaca preta como se também quisessem ficar para trás. Além de qualquer outra coisa, Corlan Dashiva estava carrancudo e resmungando baixinho, como sempre fazia. Todos estavam cientes de que *saidin* enlouquecia os homens mais cedo ou mais tarde, e Dashiva de rosto simples certamente parecia estar enlouquecendo, o cabelo escorrido e não aparado voando ao vento, lambendo os lábios e balançando a cabeça. Por falar nisso, Eben Hopwil, com apenas dezesseis anos e ainda com algumas manchas espalhadas nas bochechas, tinha uma carranca que olhava além de qualquer coisa à vista. Pelo menos Rand sabia o porquê disso.

Quando o Asha'man se aproximou, Rand não pôde deixar de inclinar a cabeça para ouvir, embora o que ouvisse estivesse dentro de sua cabeça. Alanna estava lá, é claro; nem o Vazio nem o Poder alteravam isso nem um pouco. A distância reduzia essa consciência a apenas isso — consciência de que ela existia, em algum lugar distante ao norte — mas havia algo mais hoje, algo que ele havia sentido várias vezes recentemente, fraco e quase imperceptível. Um sussurro de choque, talvez, ou indignação, um sopro de algo afiado que ele não conseguia entender. Ela deve sentir o que quer que fosse muito forte para ele estar consciente disso a essa distância. Talvez estivesse sentindo falta dele. Um pensamento irônico. Ele não sentiu falta dela. Ignorar Alanna estava mais fácil do que antes. Ela estava lá, mas não a voz que costumava gritar de morte e matança sempre que um Asha'man aparecia. Lews Therin se foi. A menos que aquela sensação de alguém olhando para a parte de trás de sua cabeça, roçando suas omoplatas com um dedo, fosse ele. Havia uma risada rouca de louco em seus pensamentos? Ou era dele mesmo? O homem tinha estado lá! Ele tinha!

Ele se deu conta de Marcolin olhando para ele, e Gregorin tentando muito não olhar. "Ainda não", disse a eles ironicamente, e quase riu quando eles entenderam claramente de imediato. O alívio era muito claro em seus rostos para ser qualquer outra coisa. Ele não estava louco. Ainda. "Venham," ele disse a eles, e incitou Tai'daishar a descer a encosta a trote. Apesar dos homens que o seguiam, ele se sentia sozinho. Apesar do Poder, ele se sentia vazio.

Entre o cume e as colinas havia trechos de arbustos espessos e longos trechos de grama morta, um tapete brilhante marrom e amarelo batido pela chuva. Apenas alguns dias atrás, o chão estava tão ressecado que ele pensou que poderia sugar um rio sem mudar nada. Então vieram as torrentes, enviadas pelo Criador finalmente encontrando misericórdia, ou talvez pelo Tenebroso em um ataque de humor negro; ele não sabia qual. Agora os cascos dos cavalos salpicavam lama a cada segundo passo. Ele esperava que isso não gastasse muito tempo. Tinha algum tempo, pelo que Hopwil havia relatado, mas não para sempre. Talvez semanas, se tivesse sorte. Precisava de meses. Luz, ele precisava de anos que nunca teria!

Com a audição aguçada pelo Poder, conseguia entender um pouco do que os homens atrás dele estavam dizendo. Gregorin e Marcolin cavalgavam lado a lado, tentando proteger suas capas contra o vento e falando em voz baixa sobre os homens à frente, sobre seus medos de que os homens pudessem lutar. Nenhum deles duvidava que seriam esmagados se resistissem, mas temiam o efeito sobre Rand, e o dele sobre Illian, se os illianenses lutassem com ele agora que Brend estava morto. Eles ainda não conseguiam dar a Brend seu verdadeiro nome, Sammael. A própria noção de que um dos Abandonados havia governado em Illian os assustava ainda mais do que o fato de que o Dragão Renascido governasse lá agora.

Dashiva, caído em sua sela cinzenta como um homem que nunca tinha visto um cavalo antes, resmungou com raiva baixinho. Na Língua Antiga, que ele falava e lia tão fluentemente quanto um erudito. Rand sabia um pouco, embora não o suficiente para

entender o que o sujeito estava murmurando. Provavelmente reclamações sobre o clima; apesar de ser agricultor, Dashiva não gostava de ficar ao ar livre, a menos que o céu estivesse limpo.

Apenas Hopwil cavalgava em silêncio, franzindo a testa para algo além do horizonte, seu cabelo e capa balançando tão descontroladamente quanto os de Dashiva. De vez em quando, segurava o punho de sua espada inconscientemente. Rand teve que falar três vezes, a última bruscamente, antes que Hopwil desse um encontrão de surpresa e esbarrasse seu cavalo magrelo ao lado de Tai'daishar.

Rand o estudou. O jovem — não mais um menino, não importava sua idade — tinha crescido desde que Rand o viu pela primeira vez, embora seu nariz e orelhas ainda parecessem feitos para um homem maior. Um dragão, em ouro esmaltado vermelho, agora equilibrava a espada prateada em sua gola alta, assim como a de Dashiva. Uma vez, ele disse que iria rir um ano de alegria quando o Dragão fosse dele, mas ele olhou sem piscar para Rand como se estivesse olhando através dele.

“O que você descobriu foi boa notícia,” Rand disse a ele. Apenas um esforço o impediu de tentar esmagar o Cetro do Dragão em seu punho. “Você fez bem.” Ele esperava que os Seanchan voltassem, mas não tão cedo. Ele esperava que não tão cedo. E não saltando do nada, engolindo cidades de um só golpe. Quando descobriu que os mercadores em Illian sabiam há dias, antes que qualquer um deles pensasse em informar os Nove — que a Luz os proibisse de perder uma chance de lucrar porque muitos sabiam demais! — ele estava a um passo de vasculhar a cidade até suas fundações. Mas a notícia era boa, ou tão boa quanto poderia ser nas circunstâncias atuais. Hopwil tinha viajado para Amador, para o campo próximo, e os Seanchan pareciam estar esperando. Talvez digerindo o que haviam tomado. Que a Luz mandasse eles engasgarem com isso! Ele forçou seu aperto a afrouxar no comprimento da ponta de lança esculpida pelo dragão. “Se Morr trazer metade disso, terei tempo para resolver as

coisas em Illian antes de lidar com eles.” Ebou Dar, também! Que a Luz queimasse os Seanchan! Eles eram uma distração, uma que ele não precisava e não podia ignorar.

Hopwil não disse nada, apenas olhou.

“Você está chateado porque teve que matar mulheres?” *Desora, dos Musara Reyn, e Lamelle, dos Smoke Water Miagoma, e...* Rand forçou para longe a ladainha instintiva mesmo quando ela começou a flutuar pelo Vazio. Novos nomes apareceram naquela lista, nomes que ele não se lembrava de ter acrescentado. Laigin Arnault, uma irmã Vermelha que morreu tentando levá-lo como prisioneiro para Tar Valon. Certamente ela não tinha direito a um lugar, mas reivindicou um. Colavaere Saighan, que se enforcou em vez de aceitar a justiça. Outros. Homens haviam morrido aos milhares, por ordem dele ou por sua mão, mas eram os rostos das mulheres que assombravam seus sonhos. Todas as noites, ele se obrigava a confrontar seus olhos acusadores silenciosamente. Talvez fossem seus olhos que ele tivesse sentido ultimamente.

“Eu te falei sobre as *damane* e o *sul’dam*,” ele disse calmamente, mas dentro dele, a raiva explodiu, teias de fogo em volta da solidão do Vazio. *Que a Luz me queime, eu matei mais mulheres do que todos os meus pesadelos poderiam conter! Minhas mãos estão pretas com o sangue das mulheres!* “Se você não tivesse eliminado aquela patrulha Seanchan, eles teriam matado você com certeza.” Ele não disse que Hopwil deveria tê-los evitado, evitado a necessidade de matá-los. Era tarde demais para isso. “Duvido que as *damane* sequer soubessem como blindar um homem. Você não teve escolha.” E melhor que estivessem todos mortos do que alguns fugindo com a palavra de um homem que poderia canalizar, explorando-os.

Distraidamente, Hopwil tocou sua manga esquerda, onde a cor preta disfarçava a lã marcada pelo fogo. Os Seanchan não morreram fácil ou rápido. “Eu empilhei os corpos em um buraco”, disse ele com uma voz monótona. “Os cavalos, tudo. Queimei tudo em cinzas.

Cinzas brancas que flutuavam ao vento como neve. Não me incomodou em nada.”

Rand ouviu a mentira na língua do homem, mas Hopwil tinha que aprender. Afinal, ele teve. Eles eram o que eram, e isso era tudo. Tudo o que havia. Liah, dos Cosaida Chareen, um nome escrito em fogo. Moiraine Damodred, outro nome que queimava a alma em vez de simplesmente arder. Uma amiga das Trevas sem nome, representada apenas por um rosto, que morreu por sua espada perto de...

“Majestade,” Gregorin disse em voz alta, apontando para frente. Um homem solitário saiu das árvores ao pé da colina mais próxima para ficar esperando com uma atitude de desafio. Carregava um arco e usava um elmo de aço pontiagudo e uma cota de malha com cinto que ia quase até os joelhos.

Rand estimulou Tai'daishar a encontrá-lo, fervendo com o Poder. *Saidin* poderia protegê-lo dos homens.

De perto, o arqueiro não era uma visão tão corajosa. A ferrugem riscava seu capacete e sua cota de malha, e ele parecia encharcado, com lama até as coxas e cabelos úmidos descendo pelo rosto estreito. Tossindo oco, ele esfregou um nariz comprido com as costas da mão. A corda do arco parecia tensa, no entanto; mostrando que ele a havia protegido da chuva. E as penas nas flechas em sua aljava também pareciam secas.

“Você é o líder aqui?” Rand exigiu.

“Você pode dizer que eu falo por ele,” o homem de rosto estreito respondeu cautelosamente. “Por que?” Enquanto os outros galopavam atrás de Rand, ele mexeu os pés, olhos escuros como os de um texugo encurralado. Os texugos eram perigosos, se encurralados.

“Cuidado com a língua, cara!” Gregorin estalou. “Você fala com Rand al'Thor, o Dragão Renascido, Senhor da Manhã e Rei de Illian! Ajoelhe-se ao seu rei! Qual é o seu nome?”

“Ele é o Dragão Renascido?” o sujeito disse duvidosamente. Olhando Rand da coroa na cabeça até as botas, demorando-se um momento no dragão dourado que afivelava o cinto da espada, o homem balançou a cabeça como se esperasse alguém mais velho, ou mais grandioso. “E Senhor da Manhã, você diz? Nosso rei nunca se estilizou assim.” Ele não fez nenhum movimento para se ajoelhar ou dar seu nome. O rosto de Gregorin escureceu com o tom do homem, e talvez com a negação oblíqua dele sobre Rand ser rei. Marcolin deu um leve aceno de cabeça, como se não esperasse mais.

Um farfalhar úmido se agitava na vegetação rasteira entre as árvores. Rand ouviu com facilidade e, de repente, sentiu as palavras encherem Hopwil. Sem mais olhar para o nada, Hopwil estudou a floresta atentamente, uma luz selvagem em seus olhos. Dashiva, em silêncio, tirando o cabelo escuro do rosto, parecia entediado. Inclinando-se para frente em sua sela, Gregorin abriu a boca com raiva. Fogo e gelo, mas ainda não a morte.

“Paz, Gregorin.” Rand não levantou a voz, mas teceu fluxos para carregar suas palavras, Ar e Fogo, de modo que ressoaram contra a parede de árvores. “Minha oferta é generosa.” O homem de nariz comprido cambaleou ao som, e o cavalo de Gregorin estremeceu. Aqueles homens escondidos ouviriam claramente. “Abaixem as armas, e quem quiser voltar para casa, pode. Aqueles que quiserem me seguir em vez disso, podem fazer isso. Mas nenhum homem sai daqui armado a menos que me siga. Eu sei que a maioria de vocês são bons homens, que responderam ao chamado de seu Rei e do Conselho dos Nove para defender Illian, mas eu sou seu Rei agora, e não quero que ninguém seja tentado a virar bandido.” Marcolin assentiu sombriamente.

“E quanto às suas fazendas em chamas por causa dos Devotos do Dragão?” a voz assustada de um homem gritou das árvores. “Eles são bandidos flamejantes!”

"E os seus Aiel?" outro disse. "Ouvi dizer que eles levam aldeias inteiras!" Mais vozes de homens invisíveis se juntaram, todos gritando as mesmas coisas, Devotos do Dragão e Aiel, bandidos assassinos e selvagens. Rand rangeu os dentes.

Quando os gritos diminuíram, o de rosto estreito disse: "Você vê?" Ele fez uma pausa para tossir, depois escarrou e cuspiu, talvez para limpar o peito e talvez para dar ênfase. Uma visão lamentável, todo molhado e enferrujado, mas sua espinha dorsal estava tão tensa quanto a corda do arco. Ele ignorou o olhar de Rand tão facilmente quanto o de Gregorin. "Você nos pede para ir para casa desarmados, incapazes de nos defender ou a nossas famílias, enquanto seu povo queima, rouba e mata. Eles dizem que a tempestade está chegando", acrescentou, e pareceu surpreso por ter feito isso, surpreso e confuso por um momento.

"Os Aiel de quem você ouviu falar são meus inimigos!" Não havia teias de aranha de fogo desta vez, mas folhas sólidas de fúria que se enrolaram ao redor do Vazio. A voz de Rand era gelada, no entanto; rugia como a rachadura do inverno. A tempestade estava chegando? Luz, ele era a tempestade! "Meus Aiel estão caçando eles. Meus Aiel caçam os Shaido, e eles e Davram Bashere e a maioria dos Companheiros caçam bandidos, não importa como eles se chamem! Eu sou o Rei de Illian, e não permitirei que ninguém perturbe a paz de Illian!"

"Mesmo que o que você diz seja verdade," o de rosto estreito começou.

"E é!" Rand estalou. "Vocês têm até o meio-dia para decidir." O homem franziu a testa incerto; a menos que as nuvens turbulentas se dissipassem, ele poderia ter dificuldade em saber quando era o meio-dia. Rand não lhe deu nenhum alívio. "Decidam com sabedoria!" ele disse. Girando Tai'daishar, levou o capão a galope de volta para o cume sem esperar pelos outros.

Relutantemente, soltou o Poder, forçando-se a não se segurar a ele como um homem agarrando a salvação com as unhas e dentes, enquanto a vida e a mácula drenavam dele juntos. Por um instante, viu em dobro; o mundo parecia se inclinar vertiginosamente. Esse era um problema recente, e ele temia que pudesse ser parte da doença que matava os homens que canalizavam, mas a tontura nunca durava mais do que alguns momentos. Era o resto de largar o poder que ele se arrependia. O mundo parecia maçante. Não, ficava maçante e se tornava menos de alguma forma. As cores estavam desbotadas, o céu menor, comparado ao que eram antes. Ele queria desesperadamente apoderar-se da Fonte novamente e arrancar dela o Poder Único. Sempre era assim quando o Poder o deixava.

Assim que a palavra se foi, porém, a raiva borbulhou em seu lugar, incandescente e abrasadora, quase tão quente quanto o Poder havia sido. Os Seanchan não eram o suficiente, e os bandidos se escondendo atrás de seu nome? Distrações mortais que ele não podia permitir. Sammael estava estendendo a mão da sepultura? Ele havia semeado os Shaido para brotar como espinhos onde quer que Rand colocasse a mão? Por quê? O homem não podia acreditar que morreria. E se metade das histórias que Rand ouviu fossem verdadeiras, havia mais em Murandy e Altara e só a Luz sabia onde! Muitos entre os Shaido já feitos prisioneiros falaram de uma Aes Sedai. A Torre Branca poderia estar envolvida de alguma forma? A Torre Branca nunca lhe daria paz? Nunca? Nunca.

Lutando contra a fúria, ele estava cego para Gregorin e o resto o alcançando. Quando chegaram ao topo do cume entre os nobres que esperavam, ele puxou as rédeas tão abruptamente que Tai'daishar empinou, arranhando o ar e jogando lama de seus cascos. Os nobres afastaram suas montarias, de seu cavalo e dele.

"Dei-os até o meio-dia", anunciou ele. "Observem-nos. Não quero esse grupo se dividindo em cinquenta bandos menores e se esvaindo. Estarei na minha barraca." Exceto pelos mantos lançados pelo vento, eles poderiam ser de pedra, enraizados em um ponto

como se ele quisesse dizer que deviam vigiá-los pessoalmente. Naquele momento, não se importava se eles ficassem lá até congelarem ou derreterem.

Sem outra palavra, trotou pela encosta de trás do cume, seguido pelos dois Asha'man de casaco preto e seus porta-estandartes illianenses. Fogo e gelo, e morte estava chegando. Mas ele era de aço. Ele era de aço.



CAPÍTULO

14



Mensagem de M'Hael

A um quilômetro e meio a oeste do cume, começavam os acampamentos, homens e cavalos e fogueiras, estandartes agitados pelo vento e algumas barracas espalhadas agrupadas por nacionalidade, por Casa, cada acampamento um lago de lama revolvida separado dos outros por trechos de urze. Homens montados e a pé observavam os estandartes de Rand passarem e olhavam para outros acampamentos para avaliar as reações. Quando os Aiel estiveram presentes, esses homens formaram um único acampamento enorme, conduzidos juntos por uma das poucas coisas que realmente compartilhavam em comum. Eles não eram Aiel, e os temiam, por mais que negassem. O mundo morreria a menos que ele conseguisse, mas ele não tinha ilusões de que eles compartilhavam alguma lealdade a ele, ou mesmo acreditavam que o destino do mundo não poderia ser feito para acomodar suas próprias preocupações, seus próprios desejos de ouro, glória ou poder. Um punhado acreditava, talvez, mas muito poucos. Na maior parte, eles o seguiam porque o temiam muito mais do que aos Aiel. Talvez mais do que o Tenebroso, em quem alguns não acreditavam de verdade, não no fundo do coração, não que ele pudesse e quisesse

tocar o mundo com mais força do que já havia feito. Rand estava diante de seus rostos, e eles acreditavam nisso. Ele aceitava, agora. Tinha muitas batalhas pela frente para desperdiçar esforços em uma que não poderia vencer. Contanto que eles seguissem e obedecessem, tinha que ser o suficiente.

O maior dos acampamentos era o seu, e aqui Companheiros illianenses em casacos verdes com punhos amarelos esbarravam com tairenos Defensores da Pedra em casacos de mangas grossas listrados de preto e dourado, e um número igual de cairhienos tirados de quarenta e mais Casas , em cores escuras, alguns com o *con* rijo sobre suas cabeças. Cozinhavam em fogueiras diferentes, dormiam separados, separavam seus cavalos e se entreolhavam com cautela, mas se misturavam. A segurança do Dragão Renascido era sua responsabilidade, e eles levavam o trabalho a sério. Qualquer um deles poderia traí-lo, mas não enquanto os outros estivessem lá para assistir. Velhos ódios e novos desgostos revelariam a traição de qualquer plano antes que o traidor pudesse pensar.

Um anel de aço montava guarda ao redor da tenda de Rand, uma enorme coisa pontiaguda de seda verde bordada com abelhas em fio de ouro. Pertenceu ao seu antecessor, Mattin Stepaneos, e veio com a coroa, por assim dizer. Companheiros em elmos cônicos polidos estavam lado a lado com Defensores em elmos estriados e aros, e cairhienos em elmos em forma de sino, ignorando o vento, com protetores faciais com barras escondendo suas feições, alabardas inclinadas com precisão. Ninguém moveu um fio de cabelo quando Rand puxou as rédeas, mas um bando de servos veio correndo para cuidar dele e dos Asha'man. Uma mulher ossuda com o colete verde e amarelo de cavalaria do Palácio Real em Illian segurou sua rédea, enquanto seu estribo era segurado por um sujeito de nariz bulboso com a libré preta e dourada da Pedra da Lágrima. Eles puxaram os topetes para ele e lançaram apenas um olhar penetrante um para o outro. Boreane Carivin, uma mulher corpulenta e pálida de vestido escuro, ofereceu-lhe com ar de importância uma bandeja de prata

com panos úmidos de onde saía vapor. Cairhiena, ela observou os outros dois, embora mais como se estivesse se certificando de que eles fizessem suas tarefas corretamente do que com a animosidade um pelo outro que mal escondiam. Mas devia agir com cuidado, mesmo assim. O que funcionava com os soldados funcionava com os servos também.

Tirando suas luvas, Rand acenou para longe da bandeja de Boreane. Damer Flinn havia se levantado de um banco esculpido em frente à tenda enquanto Rand desmontava. Careca, exceto por uma franja branca e esfarrapada, Flinn parecia mais um avô do que um Asha'man. Um avô robusto com uma perna dura, que tinha visto mais do mundo do que uma fazenda. A espada em seu quadril parecia pertencer a um ex-soldado da Guarda da Rainha. Rand confiava nele mais do que na maioria. Afinal, Flinn havia salvado sua vida.

Flinn fez continência, punho no peito, e quando Rand o cumprimentou com um aceno de cabeça, aproximou-se mancando e esperou até que os cavaleiros saíssem com os cavalos antes de falar em voz baixa. "Torval está aqui. Enviado pelo M'Hael, diz ele. Ele queria esperar na tenda do conselho. Eu disse a Narishma para vigiá-lo." Essa tinha sido a ordem de Rand, embora não tivesse certeza de por que a havia dado; ninguém que viesse da Torre Negra deveria ser deixado sozinho. Hesitando, Flinn tocou o dragão em seu colarinho preto. "Ele não ficou feliz em saber que você elevou a todos nós."

"Não ficou, agora?" Rand disse suavemente, colocando as luvas atrás do cinto da espada. E porque Flinn ainda parecia incerto, ele acrescentou: "Vocês todos mereceram." Ele estava prestes a enviar um dos Asha'man para Taim — o Líder, o M'Hael, como todos os Asha'man o chamavam —, mas agora Torval podia levar a mensagem. Na tenda do conselho? "Mande refrescos", ele disse a Flinn, então fez um sinal para Hopwil e Dashiva o seguirem.

Flinn fez continência novamente, mas Rand já estava se afastando, lama preta chapinhando em suas botas. Nenhum aplauso se fez para ele no vento forte. Consequia se lembrar de quando havia. Se isso não fosse uma das memórias de Lews Therin. Se Lews Therin tivesse sido real. Um flash de cor logo além do limite da visão, a sensação de alguém prestes a tocá-lo por trás. Com esforço, concentrou-se.

A tenda do conselho era um grande pavilhão listrado de vermelho que outrora ficava nas Planícies de Maredo, agora erguido no meio do acampamento de Rand, cercado por trinta passos de terra nua. Nunca havia guardas aqui, a menos que Rand estivesse se reunindo com os nobres. Qualquer um que tentasse entrar seria visto instantaneamente por mil olhos curiosos. Três estandartes em postes altos formavam um triângulo ao redor da tenda, o Sol Nascente de Cairhien, os Três Crescentes de Tear e as Abelhas Douradas de Illian, e acima do telhado carmesim, mais alto que o resto, estavam o Estandarte do Dragão e o Estandarte da luz. O vento fez com que todos se destacassem, ondulando e estalando, e as paredes da barraca estremeceram com as rajadas. No interior, tapetes coloridos e franjados forravam o chão, e a única mobília era uma mesa enorme, densamente esculpida e dourada, incrustada de marfim e turquesa. Uma confusão de mapas quase escondia o tampo da mesa.

Torval ergueu a cabeça dos mapas, claramente pronto para dar o lado áspero de sua língua para quem quer que estivesse invadido. Perto de sua meia-idade e alto ao lado de qualquer um, exceto Rand ou um Aiel, ele olhava friamente por um nariz afiado que praticamente tremia de indignação. O Dragão e a Espada brilhavam na gola de seu casaco à luz dos lampiões. Um casaco de seda, preto brilhante, bem cortado para um lorde. Sua espada tinha guarnições de prata banhadas em ouro, e uma gema vermelha brilhante no cabo. Outro brilhava sombriamente em um anel no dedo. Não se podia treinar homens para serem armas sem esperar certa

arrogância, mas Rand não gostava de Torval. Mas então, ele não precisava da voz de Lews Therin para suspeitar de qualquer homem de casaco preto. Até que ponto realmente confiava em Flinn? No entanto, tinha que liderá-los. Os Asha'man eram sua criação, sua responsabilidade.

Quando Torval viu Rand, endireitou-se casualmente e saudou, mas sua expressão mal mudou. Ele tinha uma boca zombeteira na primeira vez que Rand o viu. "Meu Lorde Dragão," ele disse no sotaque de Tarabon, e poderia estar cumprimentando a um igual. Ou sendo gentil com um inferior. Sua reverência arrogante atraiu a atenção de Hopwil e Dashiva também. "Dou parabéns pela conquista de Illian. Uma grande vitória, sim? Haveria vinho para cumprimentá-lo, mas este jovem... Dedicado... parece não entender ordens."

No canto, sinos prateados nas pontas das duas longas tranças escuras de Narishma fizeram um som fraco quando ele se mexeu. Ele havia se bronzeado ao sol do sul, mas algumas coisas nele não haviam mudado. Mais velho que Rand, seu rosto o fazia parecer mais jovem que Hopwil, mas o vermelho que subiu em suas bochechas era raiva, não vergonha. Seu orgulho pela Espada recém-conquistada em seu colar era silencioso, mas profundo. Torval sorriu para ele, um sorriso lento ao mesmo tempo divertido e perigoso. Dashiva riu, um latido curto, e ficou imóvel.

"O que você está fazendo aqui, Torval?" Rand perguntou asperamente. Ele jogou o Cetro de Dragão e suas manoplas em cima dos mapas e os seguiu com seu cinto de espada e a espada embainhada. Os mapas que Torval não tinha motivos para estudar. Não havia necessidade da voz de Lews Therin.

Com um encolher de ombros, Torval tirou uma carta do bolso do casaco e a entregou a Rand. "O M'Hael, ele enviou isso." O papel era branco como a neve e grosso, o selo era um dragão impresso em um grande círculo de cera azul que brilhava com manchas douradas. Quase podia ter sido pensado para vir do Dragão Renascido. Taim

pensava bem de si mesmo. “O M’Hael disse para contar que as histórias de Aes Sedai em Murandy com um exército, elas são verdadeiras. Rumores dizem que são rebeldes contra Tar Valon” — o sorriso de escárnio de Torval engrossou com descrença — “mas estão marchando em direção à Torre Negra. Em breve, elas podem se tornar um perigo, sim?”

Rand quebrou o selo magnífico em pedaços entre os dedos. “Elas estão indo para Caemlyn, não para a Torre Negra, e não são uma ameaça. Minhas ordens foram claras. Deixem as Aes Sedai em paz, a menos que elas venham atrás de vocês.”

“Mas como você pode ter certeza de que eles não são uma ameaça?” Torval insistiu. “Talvez elas estejam indo para Caemlyn, como você disse, mas se você estiver errado, não saberemos antes que elas nos ataquem.”

“Torval pode estar certo,” Dashiva colocou pensativo. “Não posso dizer que confio em mulheres que me colocam em uma caixa, e estas não fizeram nenhum juramento. Ou eles fizeram?”

“Eu disse para deixá-las em paz!” Rand deu um tapa forte no tampo da mesa, e Hopwil pulou de surpresa. Dashiva franziu a testa com irritação antes de apressadamente, mas Rand não estava interessado no humor de Dashiva. Por acaso — ele tinha certeza de que era um acaso — sua mão caiu sobre o Cetro do Dragão. Seu braço tremia com o desejo de pegá-lo e apunhalar Torval no coração. Não havia necessidade de Lews Therin. “Os Asha’man são uma arma para ser apontada para onde eu digo, não para se agitarem como galinhas toda vez que Taim se assusta com um punhado de Aes Sedai jantando na mesma pousada. Se for preciso, posso voltar para me esclarecer.”

“Tenho certeza de que não há necessidade disso”, disse Torval rapidamente. Por fim, algo havia limpado a torção irônica de sua boca. Com os olhos apertados, ele abriu as mãos, quase tímido, quase se desculpando. E claramente assustado. “O M’Hael, ele

apenas queria que você fosse informado. Suas ordens são lidas em voz alta todos os dias nas Diretivas da Manhã, após o Credo.”

“Isso é bom, então.” Rand manteve sua voz fria, manteve uma carranca em seu rosto por puro esforço. Era seu precioso M'Hael que o homem temia, não o Dragão Renascido. Com medo de que Taim levasse a mal se algo que ele dissesse trouxesse a raiva de Rand para a cabeça de Taim. “Porque eu vou matar qualquer um de vocês que se aproximar daquelas mulheres em Murandy. Vocês cortam onde eu disser.”

Torval curvou-se rigidamente, murmurando: “Como você diz, meu Lorde Dragão.” Seus dentes estavam à mostra em uma tentativa de sorriso, mas seu nariz estava apertado, e ele lutou para evitar encontrar os olhos de alguém enquanto parecia não evitar nada. Dashiva soltou outra risada, e Hopwil deu um pequeno sorriso.

No entanto, Narishma não estava gostando do desconforto de Torval, nem prestando atenção nele. Ele olhava para Rand sem piscar, como se sentisse correntes profundas que o resto não percebia. A maioria das mulheres e não poucos homens o consideravam apenas um menino bonito, mas aqueles olhos grandes demais às vezes pareciam mais sábios do que quaisquer outros.

Rand tirou a mão do Cetro de Dragão e abriu a carta. Suas mãos não tremiam muito. Torval sorriu fracamente, azedo, sem perceber nada. Contra a parede da tenda, Narishma se mexeu, relaxando.

Os refrescos chegaram, então, carregados por uma procissão imponente seguindo Boreane, uma linha de illianenses e cairhienos e tairenos em suas várias librés. Havia um criado trazendo uma bandeja de prata e um jarro para cada tipo de vinho, e mais dois com bandejas de canecas de prata para ponche quente e vinhos condimentados e taças finas para os outros. Um sujeito de rosto rosado de verde e amarelo carregava uma bandeja para servir, e uma mulher morena de preto e dourado estava lá para lidar com as jarras. Havia nozes e frutas cristalizadas, queijos e azeitonas, cada

tipo exigindo um homem ou mulher que servisse. Sob a direção de Boreane, eles fluíram em uma dança formal, curvando-se, fazendo reverências, um dando lugar ao outro enquanto faziam suas oferendas.

Aceitando o vinho condimentado, Rand se ergueu na beirada da mesa e pousou a caneca fumegante ao lado dele, intocada enquanto se ocupava com a carta. Não havia endereço, nenhum preâmbulo de qualquer tipo. Taim odiava dar a Rand qualquer tipo de título, embora tentasse esconder o fato.

Tenho a honra de informar que vinte e nove Asha'man, noventa e sete Dedicados e trezentos e vinte e dois soldados estão agora matriculados na Torre Negra. Houve um punhado de desertores, infelizmente, cujos nomes foram apagados, mas as perdas no treinamento continuam aceitáveis.

Agora tenho até cinquenta grupos de recrutamento em campo a qualquer momento, com o resultado de que três ou quatro homens são adicionados às listas quase todos os dias. Em alguns meses, a Torre Negra será igual à Branca, como eu disse que seria. Em um ano, Tar Valon vai tremer com nossos números.

Eu mesmo colhi aquele arbusto de amora. Um arbusto pequeno e espinhoso, mas um número surpreendente de bagas para o tamanho.

*Mazrim Taim
M'Hael*

Rand fez uma careta, tirando o... o arbusto de amora... da cabeça. O que tinha que ser feito, tinha que ser feito. O mundo inteiro pagava um preço por sua existência. Ele morreria por isso, mas o mundo inteiro pagava.

Havia outras coisas para fazer caretas, de qualquer maneira. Três ou quatro novos homens por dia? Taim estava otimista. Em poucos

meses, nesse ritmo, haveria mais homens que poderiam canalizar do que Aes Sedai, é verdade, mas a irmã mais nova tinha anos de treinamento atrás de si. E parte dele ensinava especificamente como lidar com um homem que podia canalizar. Ele não queria contemplar nenhum encontro entre Asha'man e Aes Sedai, que sabiam o que estavam enfrentando; sangue e arrependimento poderiam ser o único resultado, aconteça o que acontecer. Os Asha'man não visavam a Torre Branca, não importa o que Taim pensasse. No entanto, era uma crença conveniente se fizesse Tar Valon dar um passo cauteloso. Um Asha'man só precisava saber matar. Se houvesse o suficiente para fazer isso no lugar e na hora certos, se eles vivessem o suficiente para isso, era para isso que eles haviam sido criados.

“Quantos desertores, Torval?” ele disse baixinho. Ele pegou a caneca de vinho e tomou um gole, como se a resposta não fosse importante. O vinho deveria estar esquentando, mas o gengibre, a doce canela e a maçã tinham um gosto amargo em sua língua. “Quantas perdas no treinamento?”

Torval estava se recuperando dos refrescos, esfregando as mãos e arqueando uma sobrancelha para a escolha dos vinhos, fazendo um grande show de saber o melhor, fazendo um show de domínio. Dashiva aceitou a primeira oferta e ficou olhando carrancudo para seu cálice de haste torcida como se contivesse água. Apontando para uma das bandejas, Torval inclinou a cabeça pensativo, mas tinha as palavras prontas na língua. “Dezenove desertores, até agora. O M'Hael, ele ordenou que eles fossem mortos sempre que fossem encontrados, e suas cabeças trazidas de volta como exemplos.” Arrancando um pouco de pera cristalizada da bandeja oferecida, ele colocou na boca e sorriu brilhantemente. “Três cabeças estão penduradas como frutas na Árvore dos Traidores neste momento.”

“Bom,” Rand disse calmamente. Homens que fugiam agora não podiam ser confiáveis para não fugir mais tarde, quando a vida dependesse de eles ficarem de pé. E esses homens não podiam

seguir seu próprio caminho; aqueles sujeitos nas colinas, se escapassem em um grupo, eram menos perigosos do que um homem treinado na Torre Negra. A Árvore dos Traidores? Taim era ótimo para nomear as coisas. Mas os homens precisavam dos enfeites, dos símbolos e dos nomes, dos casacos pretos e dos alfinetes, para ajudar a mantê-los juntos. Até que chegasse a hora de morrer. “Na próxima vez que visitar a Torre Negra, quero ver a cabeça de todos os desertores.”

Um segundo pedaço de pera cristalizada, a meio caminho da boca de Torval, caiu de seus dedos e riscou a frente de seu casaco fino. “Pode interferir no recrutamento, fazer esse tipo de esforço”, disse ele lentamente. “Os desertores, eles não se anunciam.”

Rand sustentou o olhar do outro homem até ele cair. “Quantas perdas no treinamento?” Ele demandou. O Asha'man de nariz afiado hesitou. “Quantas?”

Narishma se inclinou para frente, olhando fixamente para Torval. Assim como Hopwil. Os servos continuaram sua dança suave e silenciosa, oferecendo suas bandejas aos homens que não as viam mais. Boreane aproveitou a preocupação de Narishma para garantir que sua caneca de prata tivesse mais água quente do que vinho temperado.

Torval deu de ombros, casualmente demais. “Cinquenta e um, no total. Treze exauridos e vinte e oito mortos onde estavam. O resto... O M'Hael, ele acrescentou algo ao vinho deles, e eles não acordaram.” Abruptamente, seu tom se tornou malicioso. “Pode vir de repente, a qualquer momento. Um homem começou a gritar que as aranhas estavam rastejando sob sua pele em seu segundo dia.” Ele sorriu maliciosamente para Narishma e Hopwil, e quase fez o mesmo para Rand, mas foi para os outros dois que ele se dirigiu, balançando a cabeça entre eles. “Veem? Não se preocupem se vocês ficarem loucos. Vocês não vão se machucar ou a uma alma. Vocês vão dormir... para todo sempre. Mais gentil do que a maior das

gentilezas, mesmo que soubéssemos como. Mais gentil do que deixá-los loucos e condenados, sim?” Narishma olhou de volta, tenso como uma corda de harpa, sua caneca esquecida em sua mão. Hopwil estava mais uma vez franzindo a testa para algo que só ele podia ver.

“Mais gentil,” Rand disse em uma voz monótona, colocando a caneca de volta ao lado dele na mesa. Algo no vinho. Minha alma está negra de sangue, e condenada. Não era um pensamento difícil, não mordaz ou cortante; uma simples declaração de fato. “Uma misericórdia que qualquer homem poderia desejar, Torval.”

O sorriso cruel de Torval desapareceu, e ele ficou respirando com dificuldade. As somas eram fáceis; um homem em cada dez destruído, um homem em cinquenta louco, e mais estava certamente por vir. Nos primeiros dias ainda, e não havia como, até o dia em que morresse, saber se tinha superado as probabilidades. Exceto que as probabilidades acabariam com você, de uma forma ou de outra, no final. Fosse o que fosse, Torval também estava sob essa ameaça.

Abruptamente Rand tomou conhecimento de Boreane. Levou um momento antes que reconhecesse a expressão no rosto dela, e quando o fez, ele reprimiu palavras frias. Como ela ousava sentir pena? Ela achava que Tarmon Gai'don poderia ser conquistado sem sangue? As Profecias do Dragão exigiam sangue como chuva!

“Deixe-nos,” ele disse a ela, e ela calmamente reuniu os servos. Mas ela ainda carregava compaixão em seus olhos enquanto os conduzia.

Procurando uma maneira de mudar o clima, Rand não encontrou nada. A piedade enfraquecia tão seguramente quanto o medo, e eles tinham que ser fortes. Para enfrentar o que eles tinham que enfrentar, todos eles deviam ser de aço. Sua criação, sua responsabilidade.

Perdido em seus próprios pensamentos, Narishma espiava o vapor que subia de seu vinho, e Hopwil ainda tentava olhar pela lateral da tenda. Torval lançava olhares de soslaio para Rand e

lutava para colocar a torção desdenhosa de volta em sua boca. Só Dashiva não parecia afetado, com os braços cruzados, estudando Torval como um homem estudaria um cavalo colocado à venda.

No silêncio dolorosamente prolongado, irrompeu um jovem rouco e de preto, com a Espada e o Dragão no colarinho. Com a idade de Hopwil, ainda sem idade suficiente para se casar na maioria dos lugares, Fedwin Morr usava a intensidade mais apertada do que sua camisa; ele se movia na ponta dos pés, e seus olhos tinham a aparência de um gato caçador que sabia estar sendo caçado. Ele tinha sido diferente, uma vez, e não muito tempo atrás. "Os Seanchan se moverão de Ebou Dar em breve", disse ele enquanto saudava. "Eles pretendem vir contra Illian a seguir." Hopwil deu um sobressalto e ofegou, saltando de seu banco escuro. Mais uma vez, a resposta de Dashiva foi rir, dessa vez sem alegria.

Assentindo, Rand pegou o Cetro do Dragão. Afinal, ele o carregava como lembrança. Os Seanchan dançavam a sua própria música, não a música que ele desejava.

Se Rand recebeu o anúncio em silêncio, Torval não. Encontrando seu escárnio, ele ergueu uma sobrancelha desdenhosa. "Eles lhe contaram tudo isso agora?" ele disse ironicamente. "Ou você aprendeu a ler mentes? Deixe-me dizer-lhe uma coisa, rapaz. Lutei, tanto contra amadicios como contra domaneses, e nenhum exército toma uma cidade e depois se prepara para marchar mil milhas! Mais de mil milhas! Ou você acha que eles podem Viajar?"

Morr enfrentou o escárnio de Torval com calma. Ou se isso o perturbou, o único sinal que ele deu foi passar o polegar pelo longo punho da espada. "Conversei com alguns deles. A maioria eram taraboneanos, e mais desembarcam de navios todos os dias, ou perto disso." Passando com o ombro por Torval até a mesa, ele favoreceu o taraboneano com um olhar nivelado. "Todos andando bem rápido sempre que alguém com um jeito arrastado de falar abria a boca." O homem mais velho abriu a sua boca, com raiva, mas

o mais novo virou apressadamente para Rand. “Eles estão colocando soldados ao longo das Montanhas Venir. Quinhentos, às vezes mil juntos. Já estão em todo o caminho para Cabeça de Arran. E eles estão comprando ou levando todas as carroças e carruagens a vinte léguas de Ebou Dar, e os animais para puxá-las.”

“Carroças!” exclamou Torval. “Carruagens! Será que eles pretendem fazer uma feira de mercado, você acha? E que tolo faria um exército marchar pelas montanhas quando há estradas perfeitamente boas?” Ele notou Rand o observando, e cortou com uma pequena carranca, de repente incerto.

“Eu disse para você ficar abaixado, Morr.” Rand deixou a raiva tocar sua voz. O jovem Asha'man teve que recuar enquanto pulava da mesa. “Não perguntar aos Seanchan seus planos. Era para olhar e ficar abaixado.”

“Eu fui cuidadoso; não usava meus broches.” Os olhos de Morr não se moveram para Rand, ainda caçador e presa em um só. Ele parecia estar fervendo por dentro. Se Rand não soubesse melhor, teria pensado que Morr detinha o Poder, lutando para sobreviver a *saidin*, mesmo que ele lhe desse a vida dez vezes. Seu rosto parecia querer suar. “Se algum dos homens com quem conversei sabia para onde estavam indo, eles não disseram, e eu não perguntei, mas eles estavam dispostos a reclamar com uma caneca de cerveja sobre marchar o tempo todo e nunca ficarem parados. Em Ebou Dar, eles estavam bebendo toda a cerveja da cidade o mais rápido que podiam, porque diziam que precisam marchar novamente. E eles estavam juntando carroças, como eu disse.” Isso tudo saiu em um impulso, e ele cerrou os dentes no final como se quisesse prender mais palavras que queriam voar de sua língua.

Sorrindo de repente, Rand lhe deu um tapinha no ombro. “Você fez bem. As carroças teriam sido suficientes, mas você se saiu bem. As carroças são importantes”, acrescentou, virando-se para Torval. “Se um exército se alimenta do país, come o que encontra. Ou não

come, se não encontrar.” Torval não pestanejou ao ouvir falar de Seanchan em Ebou Dar. Se essa história chegou à Torre Negra, por que Taim não a mencionou? Rand esperava que seu sorriso não parecesse um rosnado. “É mais difícil organizar carroças de abastecimento, mas quando você tem um, sabe que há forragem para os animais e feijão para os homens. Os Seanchan organizam tudo.”

Vasculhando os mapas, encontrou o que queria e o estendeu, pesado de um lado com sua espada e do outro com o Cetro do Dragão. A costa entre Illian e Ebou Dar olhava para ele, cercada na maior parte de sua extensão por colinas e montanhas, pontilhada de vilarejos de pescadores e pequenas cidades. Os Seanchan se organizavam. Ebou Dar era deles há pouco mais de uma semana, mas os olhos e ouvidos dos mercadores escreveram sobre reparos em andamento nos danos causados à cidade em sua tomada, sobre enfermarias limpas montadas para os doentes, alimentos e trabalho arranjado para os pobres e aqueles expulsos de suas casas por problemas no interior. As ruas e os campos em volta eram patrulhados para que ninguém precisasse temer bandidos ou bandidos, dia ou noite, e embora os comerciantes fossem bem-vindos, o contrabando havia sido reduzido a um cisco, se não menos. Aqueles honestos mercadores illianenses ficaram surpreendentemente tristes com o contrabando. O que os Seanchan estavam organizando agora?

Os outros se reuniram ao redor da mesa enquanto Rand examinava o mapa. Havia estradas duras ao longo da costa, mas pobres coisas desgarradas, marcadas como pouco mais que caminhos de carroças. As amplas estradas comerciais ficavam no interior, evitando o pior do terreno e o pior do que o Mar das Tempestades tinha a oferecer. “Homens que saem dessas montanhas podem dificultar a passagem de qualquer um que tente usar as estradas do interior”, disse ele finalmente. “Ao controlar as

montanhas, eles tornam as estradas seguras como uma rua da cidade. Você tem razão, Morr. Eles estão vindo para Illian.”

Apoiando-se nos punhos, Torval olhou para Morr, que estava certo quando estava errado. Um pecado grave, talvez, no livro de Torval. “Mesmo assim, levará meses antes que eles possam incomodá-lo aqui”, disse ele mal-humorado. “Cem Asha’man, cinquenta, colocados em Illian, poderiam destruir qualquer exército no mundo antes que um homem cruzasse as calçadas.”

“Duvido que um exército com *damane* seja destruído tão facilmente quanto alguém mata um Aiel comprometido com um ataque e pego de surpresa,” Rand disse calmamente, e Torval endureceu. “Além disso, tenho que defender toda Illian, não apenas a cidade.”

Ignorando o homem, Rand traçou linhas no mapa com um dedo. Entre a Cabeça de Arran e a cidade de Illian havia cem léguas de mar aberto, através da foz do Profundo Kabal, onde, segundo os capitães dos navios em Illian, suas linhas de sondagem mais longas não conseguiam encontrar o fundo a apenas um quilômetro e meio da costa. As ondas ali podiam derrubar navios à medida que subiam para o norte para bater na costa com ondas de quinze passos de altura. Com este tempo, seria pior. Marchar ao redor do Abismo era uma rota de duzentas léguas para chegar à cidade, mesmo mantendo os caminhos mais curtos, mas se os Seanchan avançassem da Cabeça de Arran, eles poderiam chegar à fronteira em duas semanas, apesar das tempestades. Talvez menos. Melhor lutar onde ele escolhesse, não onde eles queriam. Seu dedo deslizou ao longo da costa sul de Altara, ao longo da cordilheira de Venir, até que as montanhas diminuíram para colinas perto de Ebou Dar. Quinhentos aqui, mil ali. Um tentador colar de contas caído ao longo das montanhas. Uma pancada forte poderia levá-los de volta para Ebou Dar, poderia até prendê-los lá enquanto tentavam descobrir o que ele estava fazendo. Ou...

“Havia algo mais,” Morr disse abruptamente, correndo novamente. “Houve uma conversa sobre algum tipo de arma Aes Sedai. Encontrei onde era usada, a poucos quilômetros da cidade. O chão estava todo queimado, queimado no meio, com uns bons trezentos passos de largura ou mais, e pomares arruinados mais adiante. A areia foi derretida em folhas de vidro. *Saidin* era pior, lá.”

Torval acenou para ele com desdém. “Poderia haver Aes Sedai perto quando a cidade caiu, sim? Ou talvez os próprios Seanchan tenham feito isso. Uma irmã com um *angreal* poderia...”

Rand interrompeu. “O que você quer dizer, que *saidin* era pior lá?” Dashiva se mexeu, olhando para Morr com estranheza, estendendo a mão como se fosse agarrar o jovem. Rand o repeliu grosseiramente. “O que você quer dizer, Morr?”

Morr olhou, de boca fechada, correndo o polegar para cima e para baixo ao longo do punho da espada. O calor dentro dele parecia prestes a explodir. Realmente havia suor escorrendo em seu rosto agora. “*Saidin* estava... estranho,” ele disse com a voz rouca. Suas palavras vieram em rajadas rápidas. “Pior lá — eu podia... sentir... no ar ao meu redor — mas era estranho em todos os lugares ao redor de Ebou Dar. E mesmo a cem milhas de distância. Tive que lutar contra isso; não estava como sempre; era diferente. Como se estivesse vivo. Às vezes... Às vezes, não fazia o que eu queria. Às vezes, é... fazia outra coisa. Ele fazia. Eu não estou louco! Ele fazia!” O vento soprou, uivando por um momento, estremecendo e abrindo as paredes da tenda, e Morr ficou em silêncio. Os sinos de Narishma soaram com um movimento de sua cabeça, depois pararam.

“Isso não é possível”, Dashiva murmurou no silêncio, mas quase em voz baixa. “Não é possível.”

“Quem sabe o que é possível?” disse Rand. “Eu não! Você?” A cabeça de Dashiva se levantou em surpresa, mas Rand se virou para Morr, moderando seu tom. “Não se preocupe, homem.” Não era um tom suave, ele não conseguia lidar com isso, mas era animador, ele

esperava. Sua criação, sua responsabilidade. “Você estará comigo até a Última Batalha. Eu prometo.”

O jovem assentiu e esfregou o rosto com a mão como se estivesse surpreso por encontrá-lo úmido, mas olhou para Torval, que estava imóvel como uma pedra. Morr sabia sobre o vinho? Era uma misericórdia, dadas as alternativas. Uma pequena e amarga misericórdia.

Rand pegou a missiva de Taim, dobrou a página e a enfiou no bolso do casaco. Um em cinquenta já estava louco, e mais por vir. Morr era o próximo? Dashiva certamente estava perto. Os olhares de Hopwil ganharam um novo significado, e até mesmo o silêncio habitual de Narishma. Loucura nem sempre significava gritar por causa de aranhas. Ele havia perguntado uma vez, cautelosamente, em um lugar onde sabia que as respostas seriam verdadeiras, como limpar a mácula de *saidin*. E recebeu um enigma para a resposta. Herid Fel havia afirmado que o enigma dizia “princípios sólidos, tanto na alta filosofia quanto na filosofia natural”, mas ele não tinha visto nenhuma maneira de aplicá-lo ao problema em questão. Fel tinha sido morto porque poderia ter decifrado o enigma? Rand tinha uma pista da resposta, ou pensava que tinha, um palpite que poderia estar desastrosamente errado. Dicas e enigmas não eram respostas, mas ele tinha que fazer alguma coisa. Se a mácula não fosse limpa de alguma forma, Tarmon Gai'don poderia encontrar um mundo já arruinado por loucos. O que tinha que ser feito, tinha que ser feito.

“Isso seria maravilhoso,” Torval disse em um sussurro, “mas como alguém poderia, a menos que o Criador ou...?” Ele parou inquieto.

Rand não tinha percebido que havia falado qualquer um de seus pensamentos em voz alta. Os olhos de Narishma, e os de Morr e Hopwil, pertenciam a um rosto, brilhando com uma esperança repentina. Dashiva parecia empolgado. Rand esperava que não

tivesse falado muito. Alguns segredos tinham que ser guardados. Incluindo o que ele faria em seguida.

Em pouco tempo, Hopwil estava correndo para seu cavalo, para cavalgar até o cume com ordens para os nobres, Morr e Dashiva encontrarem Flinn e o outro Asha'man, e Torval estava se preparando para Viajar de volta à Torre Negra com ordens para Taim. Narishma foi o último, e pensando em Aes Sedai e Seanchan e armas, Rand o mandou embora também, com instruções cuidadosas que fizeram a boca do jovem se apertar.

“Não fale com ninguém,” Rand terminou suavemente, segurando o braço de Narishma com força. “E não falhe. Nem por um fio pouquinho.”

“Eu não vou falhar”, disse Narishma, sem piscar. Com uma rápida saudação, ele se foi também.

Perigoso, uma voz sussurrou na cabeça de Rand. Ah, sim, muito perigoso, talvez muito perigoso. Mas pode funcionar; pode. De qualquer forma, você deve matar Torval agora. Você deve.

Weiramon entrou na tenda do conselho, empurrando para o lado Gregorin e Tolmeran, tentando afastar Rosana e Semaradrid, todos ansiosos para dizer a Rand que os homens nas árvores tinham decidido sabiamente, afinal. Eles o encontraram rindo até as lágrimas rolarem pelo seu rosto. Lews Therin tinha voltado. Ou então ele realmente já estava louco. De qualquer forma, era motivo para rir.



CAPÍTULO

15



Mais Forte que Lei Escrita

Na penumbra e fria escuridão da noite profunda, Egwene acordou grogue de um sono inquieto e sonhos perturbadores, ainda mais perturbadores porque ela não conseguia se lembrar deles. Seus sonhos estavam sempre abertos para ela, tão claros quanto palavras impressas em uma página, mas estes eram obscuros e temerosos. Ela tinha tido muitos desses, ultimamente. Deixavam-na com vontade de fugir, de fugir, sem nunca conseguir lembrar de onde, mas sempre enjoada e incerta, até trêmula. Pelo menos sua cabeça não estava doendo. Pelo menos podia recordar os sonhos que sabia que deviam ser significativos, embora não soubesse como interpretá-los. Rand, usando máscaras diferentes, até que de repente um daqueles rostos falsos não era mais uma máscara, mas ele. Perrin e um Latoeiro, abrindo caminho freneticamente através de arbustos com machado e espada, sem perceber o penhasco que estava logo à frente. E os espinheiros gritavam com vozes humanas que eles não ouviam. Mat, pesando duas Aes Sedai numa enorme balança, e da decisão dele dependia... Ela não sabia dizer o quê; algo vasto; o mundo, talvez. Houve outros sonhos, a maioria tingida de sofrimento. Recentemente, todos os seus sonhos com Mat eram pálidos e cheios de dor, como sombras lançadas por pesadelos,

quase como se o próprio Mat não fosse real. Isso a fez temer por ele, deixado para trás em Ebou Dar, e lhe deu agonias de tristeza por mandá-lo para lá, para não mencionar o pobre velho Thom Merrilin. Mas os sonhos esquecidos eram piores, ela tinha certeza.

O som de vozes baixas discutindo a acordou, e a lua cheia ainda estava lá fora, lançando luz suficiente para ela distinguir duas mulheres se confrontando na entrada da tenda.

"A cabeça da pobre mulher dói o dia todo, e ela descansa pouco à noite", sussurrou Halima ferozmente, punhos nos quadris. "Deixe isso esperar até de manhã."

"Não pretendo discutir com você." A voz de Siuan era o próprio inverno, e ela jogou a capa para trás com a mão enluvada como se estivesse se preparando para lutar. Ela estava vestida para o clima, em lã robusta, sem dúvida, usada em tantos turnos quanto pudesse caber por baixo. "Você saia do caminho, e bem rápido, ou eu vou ter sua coragem como isca! E vista umas roupas decentes!"

Com uma risada suave, Halima parou e se plantou mais diretamente no caminho de Siuan. Sua camisola branca grudava, mas era decente o suficiente para seu propósito. Embora parecesse uma maravilha que ela evitasse congelar naquela seda fina. Os carvões nos braseiros de tripé haviam se apagado há muito tempo, e nem a lona de tenda muito remendada nem os tapetes em camadas no chão mantinham o calor por mais tempo. A respiração das duas mulheres era uma névoa pálida.

Jogando fora os cobertores, Egwene sentou-se cansada em sua cama estreita. Halima era uma mulher do campo com um toque de sofisticação, e muitas vezes ela não parecia perceber a deferência devida a Aes Sedai, ou de fato parecia pensar que ela precisava se submeter a alguém. Ela falava com *Votantes* como falava com as boas esposas em sua própria aldeia, com uma risada e um olhar nivelado e uma simplicidade direta que às vezes chocava. Siuan passava seus dias dando lugar a mulheres que tinham ido atrás de

sua palavra um ano antes, sorrindo e fazendo reverências para quase todas as irmãs do acampamento. Muitas ainda colocavam muitos dos problemas da Torre a seus pés e achavam que ela mal havia sofrido o suficiente para expiar. Era o suficiente para manter o orgulho de qualquer um duro. Juntas, as duas eram uma lanterna jogada na traseira da carroça de um Iluminador, mas Egwene esperava evitar uma explosão. Além disso, Siuan não teria vindo no meio da noite a menos que fosse necessário.

“Volte para a cama, Halima.” Sufocando um bocejo, Egwene se abaixou para remexer os sapatos e as meias debaixo do catre. Ela não canalizou uma lâmpada acesa. Melhor se ninguém percebesse que a Amyrlin estava acordada. “Prossiga; você precisa do seu descanso.”

Halima protestou, talvez mais forte do que deveria com o Trono de Amyrlin, mas logo estava de volta na pequena cama que tinha sido espremida na tenda para ela. Restava muito pouco espaço para entrar, com um lavatório, um espelho de pé e uma poltrona de verdade, além de quatro grandes baús empilhados uns sobre os outros. Essas continham o fluxo constante de roupas das *Votantes* que ainda não haviam percebido que, por mais jovem que Egwene pudesse ser, ela não era jovem o suficiente para se deslumbrar ou se divertir com sedas e rendas. Halima estava encolhida, observando na escuridão, enquanto Egwene apressadamente passava um pente de marfim pelo cabelo, vestia luvas grossas e vestia uma capa forrada de raposa por cima da camisola. Uma camisola de lã grossa, e ela não teria se importado com algo mais grosso com este tempo. Os olhos de Halima pareciam captar a fraca luz da lua e brilhar sombriamente, sem piscar.

Egwene não achava a mulher invejosa em seu lugar perto do Trono de Amyrlin, por mais casual que fosse, e a Luz sabia que ela não fazia fofoca, mas Halima tinha uma curiosidade inocente sobre tudo, fosse ou não da conta dela. Razão suficiente para ouvir Siuan em outro lugar. Todos sabiam agora que Siuan havia se juntado a

Egwene, de certa forma, como elas pensavam, mal-humoradas e relutantes. Uma figura de alguma diversão e pena ocasional, Siuan Sanche, reduzida a se apegar à mulher que detinha o título uma vez dela, e essa mulher não mais do que uma marionete quando o Salão terminasse de brigar sobre quem puxaria suas cordas. Siuan era humana o suficiente para abrigar faíscas de ressentimento, mas até agora elas conseguiam manter em segredo que seu conselho estava longe de ser relutante. Então ela suportava pena e risadinhas o melhor que podia, e todas acreditavam que ela mudou tanto em suas experiências quanto em seu rosto. Essa crença tinha que ser mantida, ou Romanda e Lelaine, e muito provavelmente o resto do Salão também, encontrariam maneiras de separar a mulher — e seu conselho — de Egwene.

O frio lá fora deu um tapa no rosto de Egwene e inundou sua capa; sua camisola poderia muito bem ter sido de Halima por toda a proteção que oferecia. Apesar do couro robusto e da boa lã, seus pés pareciam descalços. Fios de ar gelado se enrolaram em torno de suas orelhas, zombando do pelo grosso que forrava de seu capuz. Ansiando por sua cama como estava, ignorar a frieza tomou toda a concentração que ela podia reunir. Nuvens corriam pelo céu e sombras de lua flutuavam sobre o branco reluzente que cobria o chão, um lençol liso quebrado pelos montes escuros de tendas e as formas mais altas de carroças cobertas de lona que agora tinham longas travessas de madeira no lugar de rodas. Muitos dos vagões não estavam mais estacionados longe das barracas, mas deixados onde haviam sido descarregados; ninguém teve coragem de fazer os motoristas de carroça fazerem tanto esforço extra no final do dia. Nada se movia, exceto aquelas sombras pálidas e deslizantes. Os largos túneis que haviam sido pisoteados pelo acampamento como caminhos estavam vazios. O silêncio era nítido e tão profundo que ela quase se arrependeu de quebrá-lo.

"O que é isso?" ela perguntou suavemente, lançando um olhar cauteloso para a pequena tenda próxima compartilhada por suas

empregadas, Chesa, Meri e Selame. Estava tão quieta e escura quanto as outras. A exaustão era um cobertor tão espesso sobre o acampamento quanto a neve. “Não é outra revelação como a das Kin, espero.” Ela estalou a língua em irritação. Estava cansada, também, por causa dos longos dias gelados na sela, sem dormir de verdade e o suficiente, ou não teria dito isso. “Desculpe, Siuan.”

“Não precisa se desculpar, mãe.” Siuan também manteve a voz baixa e olhou em volta para ver se alguém poderia estar observando das sombras. Nem queria se ver discutindo as *Kins* com o Salão. “Eu sei que deveria ter contado antes, mas parecia uma coisa pequena. Nunca esperei que aquelas garotas sequer falassem com uma delas. Há tanto para lhe dizer. Tenho que tentar escolher o que é importante.”

Com esforço, Egwene conseguiu não suspirar. Isso foi quase palavra por palavra o pedido de desculpas que Siuan havia oferecido antes. Várias vezes. O que ela queria dizer era que estava tentando forçar Egwene a aprender vinte anos de experiência como Aes Sedai, mais de dez como Amyrlin, e fazer isso em meses. Às vezes, Egwene se sentia como um ganso sendo engordado para o mercado. “Bem, o que é importante esta noite?”

“Gareth Bryne está esperando em seu escritório.” Siuan não levantou a voz, mas ficou tensa, como sempre quando falava de Lord Bryne. Ela jogou a cabeça com raiva dentro do capuz profundo de sua capa e fez um som como um gato cusindo. “O homem veio na neve pingando, me tirou da minha cama e mal me deu tempo de me vestir antes de me puxar para trás de sua sela. Ele não me disse nada; apenas me jogou na beira do acampamento e me mandou buscá-la como se eu fosse uma criada!”

Com firmeza, Egwene sufocou uma esperança crescente. Houve muitas decepções, e o que quer que trouxesse Bryne no meio da noite era muito mais provável que fosse um desastre em potencial

do que ela desejava. A que distância ainda estava a fronteira com Andor? “Vamos ver o que ele quer.”

Partindo em direção à tenda que todos chamavam de Estudo de Amyrlin, ela segurou sua capa perto. Não estremeceu, mas recusar-se a deixar o calor ou o frio tocar você não os fazia ir embora. Você poderia ignorá-los até o momento em que a insolação cozinhasse seu cérebro ou o congelamento apodrecesse suas mãos e pés. Ela considerou o que Siuan havia dito.

“Você não estava dormindo em sua própria barraca aqui?” ela disse cuidadosamente. A relação da outra mulher com Lorde Bryne era a de uma serva, de uma maneira muito peculiar, mas Egwene esperava que Siuan não estivesse deixando seu orgulho teimoso levá-la a deixá-lo tirar vantagem. Ela não podia imaginar isso, dele ou dela, mas não fazia muito tempo que não podia imaginar Siuan aceitando qualquer parte da situação. Ainda não conseguia entender o porquê.

Bufando alto, Siuan chutou as saias e quase caiu quando seus sapatos derraparam. A neve derrubada por incontáveis pés rapidamente se tornou uma camada áspera de gelo. Egwene estava escolhendo seu próprio caminho com cautela. Todos os dias traziam ossos quebrados que irmãs cansadas da viagem tinham que curar. Meio abandonando o manto, ela ofereceu um braço tanto pelo apoio que poderia receber quanto por dar. Siuan pegou, resmungando.

“Quando terminei de limpar as botas sobressalentes e a segunda sela do homem, era tarde demais para voltar. Não que ele oferecesse mais do que cobertores em um canto; não Gareth Bryne! Obrigou-me a desenterrá-los do baú, enquanto ele saía da Luz sabe-se lá onde! Os homens são uma provação, e essa é a pior!” Sem uma pausa para respirar, ela mudou de assunto. “Você não deveria deixar aquela Halima dormir em sua barraca. Ela é outro par de orelhas com as quais você deve ter cuidado por bisbilhotar. Além disso, você tem sorte de não entrar e encontrá-la entretendo algum soldado.”

“Estou muito feliz que Delana possa poupar as noites de Halima,” Egwene disse com firmeza. “Preciso dela. A menos que você ache que a Cura de Nisao pode fazer melhor com minhas dores de cabeça uma segunda vez.” Os dedos de Halima pareciam tirar a dor de seu couro cabeludo; sem isso, ela não seria capaz de dormir. O esforço de Nisao não surtiu efeito algum, e ela foi a única Amarela com a qual Egwene ousou abordar o problema. Quanto ao resto... Ela fez sua voz ainda mais severa. “Estou surpresa que você ainda esteja ouvindo essa fofoca, filha. O fato de os homens gostarem de olhar para uma mulher não significa que ela o convide, como você deve saber bem. Eu vi mais do que alguns olhando para você e sorrindo.” Tomar esse tom veio mais fácil do que antes.

Siuan deu a ela um olhar de soslaio assustado e, depois de um momento, resmungou um pedido de desculpas. Pode ter sido sincero. Egwene aceitou, de qualquer forma. Lord Bryne era muito ruim para o temperamento de Siuan, e jogando Halima na barganha, Egwene achou um bom trabalho ela não ter sido forçada a adotar uma postura mais rígida. A própria Siuan havia dito que ela não deveria tolerar bobagens, e ela certamente não podia se dar ao luxo de tolerar isso de Siuan, entre todas as pessoas.

Caminhando de braços dados, elas continuaram em silêncio, o frio embaçando sua respiração e penetrando em sua carne. A neve era uma maldição e uma lição. Ela ainda podia ouvir Siuan falando sobre o que ela chamava de Lei das Consequências Não Intencionais, mais forte do que qualquer lei escrita. *Se o que você faz tem ou não o efeito que você deseja, terá pelo menos três que você nunca esperava, e um daqueles geralmente desagradáveis.*

As primeiras chuvas fracas causaram espanto, mesmo Egwene já tendo informado à Câmara que a Tigela dos Ventos havia sido encontrada e usada. Isso era quase o máximo que ela podia arriscar que elas soubessem o que Elayne havia contado a ela em *Tel'aran'rhiód*; muito do que tinha acontecido em Ebou Dar era exatamente o que lhe tiraria o controle aqui, e sua posição já era

bastante precária. Uma explosão de alegria irrompeu naqueles primeiros chuviscos. Elas pararam a marcha ao meio-dia, e houve fogueiras e banquetes na garoa, orações de agradecimento entre as irmãs e dança entre os servos e os soldados. Aliás, algumas das Aes Sedai também dançaram.

Alguns dias depois, as chuvas suaves se transformaram em aguaceiros e depois em tempestades uivantes. A temperatura desceu, despencou e as tempestades tornaram-se nevascas. Agora, a distância uma vez percorrida em um dia, com Egwene rangendo os dentes com a lentidão com que se moviam, demorava cinco quando o céu tinha apenas nuvens, e quando a neve caía, elas não se moviam. Era fácil pensar em três consequências não intencionais, ou mais, e a neve podia ser a menos desagradável.

Ao se aproximarem da pequena barraca remendada chamada Estudo de Amyrlin, uma sombra se moveu ao lado de uma das carroças altas e a respiração de Egwene ficou presa. A sombra tornou-se uma figura que deslizou o capuz para trás o suficiente para revelar o rosto de Leane, depois voltou para a escuridão.

“Ela vai ficar de olho e nos avisar se alguém vier,” Siuan disse suavemente.

“Isso é bom,” Egwene murmurou. A mulher poderia ter dito a ela com antecedência. Ela meio que temia que fosse Romanda ou Lelaine!

O escritório da Amyrlin estava escuro, mas Lorde Bryne esperava pacientemente lá dentro, envolto em sua capa, uma sombra entre sombras. Abraçando a Fonte, Egwene canalizou, não para acender a lanterna pendurada no poste central ou uma das velas, mas para fazer uma pequena esfera de luz pálida que ela suspendeu no ar sobre a mesa dobrável que ela usava como escrivaninha. Muito pequena e muito pálida; improvável de ser notada de fora, e rápida como o pensamento para extinguir. Ela não podia permitir a descoberta.

Houve Amyrlins que reinaram em força, Amyrlins que conseguiram um balanço equilibrado com o Salão, e Amyrlins que tiveram tão pouco poder quanto ela, ou menos em raras ocasiões, bem escondidas nas histórias secretas da Torre Branca. Várias haviam desperdiçado poder e influência, caindo da força para a fraqueza, mas em mais de três mil anos, poucas preciosas conseguiram se mover na outra direção. Egwene desejava muito saber como Myriam Copan e o resto daquele punhado tinham conseguido. Se alguém já pensou em escrever isso, as páginas estavam perdidas há muito tempo.

Curvando-se respeitosamente, Bryne não mostrou surpresa por sua cautela. Ele sabia o que ela colocava em risco, encontrando-o secretamente. Em um grau muito grande, ela confiava neste homem robusto, fortemente grisalho com o rosto de blefe e envelhecido, e não apenas porque ela precisava. Sua capa era de lã vermelha grossa, forrada com marta e bordada com a Chama de Tar Valon, um presente do Salão, mas ele deixara claro uma dúzia de vezes nas últimas semanas que o que quer que o Salão pensasse — e ele não era cego o suficiente para perder isso! — ela era a Amyrlin, e ele seguia a Amyrlin. Ah, ele nunca dissera nada tão direto, mas com dicas cuidadosamente redigidas que não deixavam dúvidas. Esperar mais seria esperar demais. Havia quase tantas correntes ocultas no acampamento quanto havia Aes Sedai, algumas fortes o suficiente para derrubá-lo. Vários fortes o suficiente para atirá-lo mais fundo do que ela, se o Salão soubesse dessa reunião. Ela confiava nele mais do que qualquer um, exceto Siuan e Leane, ou Elayne e Nynaeve, talvez mais do que em qualquer uma das irmãs que juraram lealdade a ela em segredo, e ela desejou ter a coragem de confiar mais nele. A bola de luz branca projetava sombras fracas e irregulares.

"Você tem notícias, Lorde Bryne?" ela perguntou, sufocando a esperança. Podia pensar em uma dúzia de mensagens possíveis que poderiam trazê-lo durante a noite, cada uma com seu próprio

conjunto de arapucas e armadilhas. Se Rand decidira adicionar mais coroas à de Illian, ou os Seanchan de alguma forma capturaram ainda outra cidade, ou o Bando da Mão Vermelha de repente se moveu sozinho em vez de seguir as Aes Sedai, ou...

"Um exército está ao norte de nós, mãe," ele respondeu calmamente. Suas mãos com luvas de couro descansavam levemente sobre o longo punho da espada. Um exército ao norte, um pouco mais de neve, mesmo assim. "Andoreanos, principalmente, mas com um bom número de murandianos. Meus batedores profundos trouxeram a notícia menos de uma hora atrás. Pelivar lidera, e Arathelle está com ele, os altos assentos de duas das Casas mais fortes de Andor, e eles trouxeram mais vinte pelo menos. Eles estão indo para o sul com força, parece. Se você continuar como está, o que eu desaconselho, devemos nos encontrar de frente em dois dias, três do lado de fora."

Egwene manteve o rosto suave, reprimindo o alívio. O que ela tinha esperança, esperava; o que ela tinha começado a temer que poderia nunca vir. Surpreendentemente, foi Siuan quem engasgou e colocou a mão enluvada na boca tarde demais. Bryne ergueu uma sobrancelha para ela, mas ela se recuperou rapidamente, colocando uma serenidade de Aes Sedai tão densa que quase se esquecia seu rosto jovem.

"Você tem escrúpulos em lutar contra seus companheiros andoreanos?" ela exigiu. "Fala, homem. Eu não sou sua lavadeira aqui." Bem, havia uma pequena rachadura nessa serenidade.

"Como você mandar, Siuan Sedai." O tom de Bryne não continha nenhum traço de zombaria, mas a boca de Siuan começou a se apertar, sua frieza exterior evaporando rapidamente. Ele fez uma pequena reverência, mas aceitável. "Eu vou lutar com quem a Mãe quiser que eu lute, é claro." Mesmo aqui, ele não seria mais acessível. Os homens aprenderam a ter cautela em torno de Aes Sedai. As

mulheres também. Egwene achava que a cautela havia se tornado uma segunda pele para ela.

“E se não continuarmos?” ela disse. Tanto planejamento, só ela e Siuan e às vezes Leane, e agora ela ainda tinha que sentir cada passo tão cuidadosamente quanto naqueles caminhos gelados lá fora. “Se pararmos aqui?”

Ele não hesitou. “Se você tem uma maneira de trazê-los de volta sem lutar, tudo bem, mas em algum momento amanhã eles alcançarão uma excelente posição para defender, um flanco mantido pelo rio Armahn, o outro por uma grande turfeira, e pequenos fluxos na frente para quebrar ataques. Pelivar vai se acomodar lá para esperar; ele conhece o trabalho. Arathelle terá sua parte se houver conversa, mas ela deixará as lanças e as espadas para ele. Não podemos alcançar o local antes dele e, de qualquer forma, o terreno não nos serve de nada ali, com ele ao norte. Se você pretende lutar, aconselho ir para aquele cume que atravessamos há dois dias. Podemos alcançá-lo em boa ordem à frente deles se começarmos ao amanhecer, e Pelivar pensaria duas vezes antes de vir até nós se tivesse três vezes mais o número que tem.”

Contorcendo os dedos dos pés quase congelados dentro das meias, Egwene soltou um suspiro irritado. Havia uma diferença entre não deixar o frio tocar você e não senti-lo. Escolhendo seu caminho com cuidado, não se deixando distrair pelo frio, ela perguntou: “Eles *vão* conversar, se for oferecida a chance?”

“Provavelmente, Mãe. Os murandianos mal contam; eles estão lá apenas para qualquer vantagem que possam tirar da situação, assim como seus compatriotas sob meu comando. São Pelivar e Arathelle que importam. Se eu tivesse que apostar, diria que eles só querem manter você fora de Andor.” Ele balançou a cabeça severamente. “Mas eles vão lutar se for preciso, se for preciso, talvez mesmo que isso signifique enfrentar Aes Sedai em vez de apenas soldados.

Imagino que eles tenham ouvido as mesmas histórias que temos sobre aquela batalha no leste em algum lugar.”

“Entranhas de peixe!” Siuan rosnou. Lá ia sua calma. “Rumores malfeitos e fofocas cruas não são prova de que houve qualquer batalha, seu imbecil, e se houvesse, as irmãs não teriam se envolvido nisso!” O homem realmente era uma ocasião de pecado para ela.

Estranhamente, Bryne sorriu. Ele costumava fazer isso quando Siuan mostrava seu temperamento. Em qualquer outro lugar, em qualquer outra pessoa, Egwene teria chamado o sorriso de carinhoso. “Melhor para nós se eles acreditarem,” ele disse a Siuan suavemente. Seu rosto escureceu tanto que você poderia ter pensado que ele zombou dela.

Por que uma mulher normalmente sensata deixava Bryne ficar sob sua pele? Seja qual for o motivo, Egwene não tinha tempo para isso esta noite. “Siuan, vejo que alguém esqueceu de levar o vinho quente. Não pode ter azedado com este tempo. Aqueça para nós, por favor.” Ela não gostava de mandar na outra mulher na frente de Bryne, mas ela tinha que ser controlada, e esta parecia a maneira mais gentil de fazê-lo. Realmente, eles não deveriam ter deixado o jarro de prata em sua mesa.

Siuan não estremeceu, mas por sua expressão aflita, rapidamente controlada, você nunca acreditaria que ela lavava as roupas de baixo do homem. Sem comentários, ela canalizou ligeiramente para reaquecer o vinho na jarra de prata, encheu rapidamente duas taças de prata trabalhadas e limpas e entregou a primeira a Egwene. Ela ficou com a segunda, olhando para Lord Bryne enquanto bebia e deixando que ele de servisse.

Aquecendo os dedos enluvados em sua própria xícara, Egwene sentiu um lampejo de irritação. Talvez fosse parte da reação demorada de Siuan à morte de seu Guardiã. Ela ainda chorava sem motivo aparente de vez em quando, embora tentasse esconder isso.

Egwene tirou o assunto da cabeça. Esta noite, aquilo era um formigueiro ao lado das montanhas.

"Quero evitar uma batalha se puder, Lorde Bryne. O exército é para Tar Valon, não estamos lutando uma guerra aqui. Envie alguém para marcar um encontro o mais rápido possível para o Trono de Amyrlin com Lorde Pelivar e Lady Arathelle e qualquer outra pessoa que você acha que deveria estar presente. Aqui não. Nosso acampamento irregular não vai impressioná-los muito. Assim que possível, veja bem. Eu não me oporia a amanhã, se pudesse ser definido."

"Isso é mais cedo do que posso, Mãe", disse ele suavemente. "Se eu enviar cavaleiros assim que voltar ao acampamento, duvido que eles possam voltar com uma resposta muito antes de amanhã à noite."

"Então eu sugiro que você volte rapidamente." Luz, mas suas mãos e pés estavam frios. E a boca do estômago também. Mas sua voz manteve a calma. "E quero que você mantenha essa reunião, e a existência de seu exército, escondida do Salão o maior tempo possível."

Desta vez, ela estava pedindo que ele corresse um risco tão grande quanto ela. Gareth Bryne era um dos melhores generais vivos, mas o Salão se irritava por ele não comandar o exército para obedecer a elas. Elas ficaram gratas por seu nome no início, pois ajudava a atrair soldados para sua causa. Agora o exército tinha mais de trinta mil homens armados, com mais vindo desde que a neve começou, e elas pensavam que talvez não precisassem mais de Lord Gareth Bryne. E, claro, havia aquelas que acreditavam que nunca precisaram dele. Elas não iriam simplesmente mandá-lo embora por isso. Se o Salão decidisse agir, ele poderia muito bem ir ao carrasco por traição.

Ele não piscou e não fez perguntas. Talvez soubesse que ela não daria respostas. Ou talvez pensasse que as conhecia. "Não há muito

tráfego entre o meu acampamento e o seu, mas muitos homens não sabem guardar um segredo por muito tempo. Mas farei o que puder.”

Tão simples como isso. O primeiro degrau de uma estrada que a levaria ao Trono de Amyrlin em Tar Valon, ou então a entregaria firmemente nas garras do Salão, sem mais nada para decidir, exceto se Romanda ou Lelaine lhe diriam o que fazer. De alguma forma, um momento tão crucial deveria ter sido acompanhado por fanfarras de trombetas, ou pelo menos trovões no céu. Sempre era assim nas histórias.

Egwene deixou a bola de luz desaparecer, mas quando Bryne se virou para sair, ela pegou o braço dele. Era como pegar um galho grosso de árvore através de seu casaco. “Uma coisa que eu queria perguntar a você, Lorde Bryne. Você não pode querer levar homens desgastados marchando direto para um cerco de Tar Valon. Quanto tempo você gostaria de descansá-los antes de começar?”

Pela primeira vez, ele fez uma pausa, e ela desejou que ainda tivesse luz para ver seu rosto. Pensou que ele franzia a testa. “Mesmo deixando as pessoas sob o pagamento da Torre fora disso,” ele disse por fim, lentamente, “as notícias de um exército voam tão rápidas quanto um falcão. Elaida saberá até o dia em que chegaremos e não nos dará uma hora. Você sabe que ela está aumentando a Guarda da Torre? Para cinquenta mil homens, aparentemente. Mas um mês, se pudesse, para descansar e me recuperar. Dez dias seriam suficientes, mas um mês seria melhor.”

Ela assentiu, soltando-o. Aquela pergunta casual sobre a Guarda da Torre doeu. Ele estava ciente de que o Salão e as Ajahs lhe contavam o que queriam que ela soubesse e nada mais. “Suponho que você esteja certo,” ela disse calmamente. “Não haverá tempo para descansar quando chegarmos a Tar Valon. Envie seus cavaleiros mais rápidos. Não haverá nenhuma dificuldade, não é? Pelivar e Arathelle vão ouvi-los?” Ela não fingiu o toque de

ansiedade. Mais do que seus planos poderiam ser arruinados se tivessem que lutar agora.

O tom de Bryne não alterou em nada que ela pudesse dizer, mas de alguma forma, ele soou reconfortante. “Enquanto houver luz suficiente para eles verem as penas brancas, reconhecerão uma trégua e ouvirão. É melhor eu ir, Mãe. É um caminho longo e difícil, mesmo para homens com cavalos extras.”

Assim que a aba da tenda caiu atrás dele, Egwene soltou um longo suspiro. Seus ombros estavam tensos, e ela esperava que sua cabeça começasse a doer a qualquer momento. Bryne geralmente a fazia se sentir relaxada, absorvendo sua segurança. Esta noite, ela teve que manipulá-lo, e ela pensou que ele sabia disso. Ele era muito observador para um homem. Mas havia muita coisa em jogo para confiar mais nele, até que ele fez uma declaração aberta. Talvez um juramento como o que Myrelle e os outros haviam feito. Bryne seguia a Amyrlin, e o exército seguia Bryne. Se ele achasse que ela ia jogar homens fora inutilmente, algumas palavras dele poderiam entregá-la ao Salão amarrada como um porco em uma bandeja. Ela bebeu profundamente, sentindo o calor do vinho condimentado se espalhar por ela.

“Melhor para nós se eles acreditassem,” ela murmurou. “Eu gostaria que houvesse algo para eles acreditarem. Se eu não fizer mais nada, Siuan, espero pelo menos poder nos libertar dos Três Juramentos.

“Não!” Siuan latiu. Ela parecia escandalizada. “Mesmo tentar pode ser desastroso, e se você conseguisse... A Luz nos ajude, se você conseguisse, você destruiria a Torre Branca.”

“O que você está falando? Eu tento seguir os juramentos, Siuan, já que estamos presas a eles — por enquanto — mas os juramentos não nos ajudarão contra os Seanchan. Se as irmãs têm que correr risco de vida antes que possam revidar, é apenas uma questão de tempo até que estejamos todas mortas ou presas.” Por um momento,

ela pôde sentir o *a'dam* em volta de sua garganta novamente, transformando-a em um cachorro na coleira. Um cão bem treinado e obediente. Ela estava feliz com a escuridão, agora, escondendo seus tremores. Sombras obscureceram o rosto de Siuan, exceto por uma mandíbula silenciosa.

“Não me olhe assim, Siuan.” Era mais fácil ficar com raiva do que com medo, fácil mascarar o medo com raiva. Ela nunca seria encoleirada assim de novo! “Você aproveitou todas as vantagens desde que foi libertada dos Juramentos. Se você não tivesse mentido, estaríamos todas em Salidar, sem exército, sentadas em nossas mãos e esperando um milagre. Bem, você estaria. Elas nunca teriam me convocado para ser Amyrlin sem sua mentira sobre Logain e as Vermelhas. Elaida reinaria suprema e, em um ano, ninguém se lembraria de como ela usurpou o Trono de Amyrlin. Ela destruiria a Torre, com certeza. Você sabe que ela lidaria mal com tudo sobre Rand. Eu não ficaria surpresa se ela tivesse tentando sequestrá-lo agora, exceto que ela está preocupada conosco. Bem, talvez não sequestrasse, mas ela teria feito alguma coisa. Provavelmente, Aes Sedai estariam lutando com Asha'man hoje, e não importa Tarmon Gai'don esperando no horizonte.”

“Eu menti quando parecia necessário,” Siuan respirou. “Quando parecia conveniente.” Seus ombros se curvaram, e ela soava como se estivesse confessando crimes que não queria admitir para si mesma. “Às vezes acho que ficou muito fácil para mim decidir o que é necessário e conveniente. Eu menti para quase todo mundo. Exceto você. Mas não pense que isso não me ocorreu. Para empurrá-la para uma decisão, ou para longe de uma. Não foi querer manter sua confiança que me parou.” A mão de Siuan se estendeu no escuro, suplicante. “A Luz sabe o que sua confiança e amizade significam para mim, mas não foi isso. Não era saber que você teria a minha pele em tiras, ou me mandaria embora, se descobrisse. Percebi que tinha que manter os juramentos com alguém, ou me perderia completamente. Então eu não minto para você, ou para Gareth

Bryne, custe o que custar. E assim que puder, Mãe, jurarei os Três Juramentos no Bastão de Juramento novamente.”

“Por que?” Egwene perguntou baixinho. Siuan tinha considerado mentir para ela? Ela teria sua pele por isso. Mas sua raiva se foi. “Eu não tolero mentiras, Siuan. Não normalmente. É só que, às vezes, é realmente necessário.” Seu tempo com os Aiel passou por sua mente. “Desde que você esteja disposta a pagar por isso, de qualquer maneira. Já vi irmãs fazerem penitência por coisas menores. Você é uma das primeiras de um novo tipo de Aes Sedai, Siuan, livre e não vinculada. Eu acredito em você quando você diz que não vai mentir para mim.” Ou para Lord Bryne? Era estranho, isso. “Por que desistir de sua liberdade?”

“Desistir?” Siuan riu. “Não vou desistir de nada.” Suas costas se endireitaram, e sua voz começou a ganhar força, e então paixão. “Os juramentos são o que nos torna mais do que simplesmente um grupo de mulheres se intrometendo nos assuntos do mundo. Ou sete grupos. Ou cinquenta. Os Juramentos nos mantêm unidas, um conjunto declarado de crenças que nos une a todas, um único fio que atravessa cada irmã, viva ou morta, de volta à primeira a colocar as mãos no Bastão do Juramento. São eles que nos tornam Aes Sedai, não *saidar*. Qualquer Bravia pode canalizar. Os homens podem olhar para o que dizemos de seis lados, mas quando uma irmã diz: ‘É assim’, eles sabem que é verdade e confiam. Por causa dos juramentos. Por causa dos juramentos, nenhuma rainha teme que as irmãs destruam suas cidades. O pior vilão sabe que está seguro em sua vida com uma irmã, a menos que tente machucá-la. Ah, os Mantos Brancos os chamam de mentiras, e algumas pessoas têm ideias estranhas sobre o que os Juramentos implicam, mas há muito poucos lugares onde uma Aes Sedai não pode ir e ser ouvida por causa dos Juramentos. Os Três Juramentos são o que é ser Aes Sedai, o coração de ser Aes Sedai. Jogue isso no monte de lixo e seremos areia levada pela maré. Desistir? Eu estarei ganhando.”

Egwene franziu a testa. “E os Seanchan?” O que era ser Aes Sedai. Quase desde o dia em que chegara a Tar Valon, ela trabalhara para ser Aes Sedai, mas nunca pensara realmente no que fazia uma mulher Aes Sedai.

Mais uma vez Siuan riu, embora desta vez com um toque irônico e cansado. Ela balançou a cabeça, e escuridão ou não, parecia cansada. “Não sei, Mãe. A Luz me ajude, eu não sei. Mas sobrevivemos às Guerras dos Trollocs, aos Mantos Brancos, a Artur Asa de Gavião, e tudo mais. Podemos encontrar uma maneira de lidar com esses Seanchan. Sem nos destruir.”

Egwene não tinha tanta certeza. Muitas das irmãs no acampamento achavam que os Seanchan eram um perigo tão grande, que sitiar Elaida deveria esperar. Como se esperar não fosse cimentar Elaida no Trono de Amyrlin. Muitas outras pareciam pensar que simplesmente unir a Torre Branca novamente, a qualquer preço, faria os Seanchan desaparecer. A sobrevivência perdia parte de sua atração se fosse sobrevivência na coleira, e a de Elaida não seria muito menos confinadora que a dos Seanchan. O que era ser Aes Sedai.

“Não há necessidade de manter Gareth Bryne à distância,” Siuan disse de repente. “O homem é uma tribulação ambulante, é verdade. Se ele não conta como penitência pelas minhas mentiras, ser esfolada viva não serviria. Um dia desses, vou dar um tapa nas orelhas dele todas as manhãs e duas vezes à noite, em princípio, mas você pode contar tudo a ele. Ajudaria, se ele entendesse. Ele está confiando em você, e isso dá nós no estômago, imaginando se você sabe o que está fazendo. Ele não deixa transparecer, mas eu vejo.”

De repente, peças estalaram na mente de Egwene como o quebra-cabeça de um ferreiro se desfazendo. Peças chocantes. Siuan estava apaixonada pelo homem! Nada mais fazia sentido. Tudo o que ela sabia entre eles mudou. Não necessariamente para melhor. Uma mulher apaixonada muitas vezes colocava o cérebro na prateleira

quando estava perto do homem em questão. Como ela mesma estava muito bem ciente. Onde estava Gawyn? Ele estava bem? Ele estava quente? Chega disso. Era demais, à luz do que ela tinha a dizer. Ela colocou sua melhor voz de Amyrlin, segura e no comando. "Você pode bater nas orelhas de Lorde Bryne ou dormir com ele, Siuan, mas você vai tomar cuidado com ele. Você *não* vai deixar escapar coisas que ele ainda não deve saber. Você me entende?"

Siuan ficou rigidamente ereta. "Eu não tenho o hábito de deixar minha língua bater como uma vela rasgada, mãe," ela disse acaloradamente.

"Estou muito feliz em ouvir isso, Siuan." Apesar de parecerem ter apenas alguns anos de diferença, Siuan tinha idade suficiente para ser sua mãe, mas naquele momento Egwene sentiu como se suas idades tivessem sido invertidas. Esta podia ser a primeira vez que Siuan tinha que lidar com um homem não como Aes Sedai, mas como uma mulher. *Alguns anos pensando que eu amava Rand, Egwene pensou ironicamente, alguns meses pendurada pelos dedos dos pés por Gawyn, e eu sei tudo o que há para saber.*

"Acho que terminamos aqui," ela continuou, deslizando um braço pelo de Siuan. "Quase. Venha."

As paredes da tenda pareciam ter pouca proteção, mas sair para fora trouxe um novo ataque dos dentes do inverno. A luz da lua era quase brilhante o suficiente para ler, refletida na neve, mas aquele brilho parecia frio. Bryne tinha desaparecido como se nunca tivesse existido. Leane apareceu tempo suficiente para dizer que não tinha visto ninguém, sua magreza engolida em camadas de lã, então correu para a noite olhando ao redor. Ninguém sabia de qualquer ligação entre Leane e Egwene, e todos pensavam que Leane e Siuan estavam praticamente na ponta dos punhais.

Recolhendo sua capa o melhor que podia com uma mão, Egwene se concentrou em ignorar o frio gelado enquanto ela e Siuan caminhavam na direção oposta de Leane. Ignorando o frio, e

mantendo um olho para quem por acaso estivesse fora. Não que alguém que estivesse do lado de fora agora estivesse lá por acaso.

“Lorde Bryne estava certo,” ela disse a Siuan, “sobre ser melhor se Pelivar e Arathelle acreditassem nessas histórias. Ou pelo menos se eles estivessem incertos. Muito incerto para lutar, ou fazer qualquer coisa, exceto conversar. Você acha que eles gostariam de receber uma visita da Aes Sedai? Siuan, você está me ouvindo?”

Siuan deu um sobressalto e parou de olhar para a distância à frente deles. Ela estava andando na frente sem errar um passo, mas agora escorregou e quase se sentou no caminho congelado, mal recuperando o equilíbrio a tempo de não puxar Egwene para baixo. “Sim, Mãe. Claro que estou ouvindo. Eles podem não ser exatamente acolhedores, mas duvido que afastem as irmãs.”

“Então eu quero que você acorde Beonin, Anaiya e Myrelle. Elas devem cavalgar para o norte dentro de uma hora. Se Lorde Bryne espera uma resposta amanhã à noite, o tempo é curto. Uma pena que ela não tivesse descoberto exatamente onde este outro exército estava localizado, mas perguntar a Bryne poderia ter despertado suspeitas. Encontrá-lo não deve ser muito difícil para *Guardiões*, e aquelas três irmãs tinham cinco entre elas.

Siuan ouviu em silêncio suas instruções. Não apenas aquelas três deveriam ser arrancadas de seu sono. Ao amanhecer, Sheriam e Carlinya, Morvrin e Nisao saberiam o que dizer no café da manhã. Sementes tinham que ser plantadas, sementes que não poderiam ter sido colocadas antes por medo de brotarem cedo demais, mas agora elas tinham muito pouco tempo para crescer.

“Será um prazer tirá-las de seus cobertores,” Siuan disse quando ela terminou. “Se eu tiver que andar por aí com isso...” Soltando o braço de Egwene, ela começou a se virar, então parou, seu rosto sério, até mesmo sombrio. “Eu sei que você quer ser uma segunda Gerra Kishar — ou talvez Sereille Bagand. Você tem isso em você

para combinar também. Mas tome cuidado para não se tornar outra Shein Chunla. Boa noite, Mãe. Durma bem."

Egwene ficou observando-a partir, uma figura envolta em um manto às vezes derrapando no caminho e resmungando com raiva, quase alto o suficiente para se entender. Gerra e Sereille foram lembradas como as maiores Amyrlins. Ambas elevaram a influência e o prestígio da Torre Branca a níveis raramente iguais desde antes de Artur Asa de Gavião. Ambas controlavam a própria Torre também, Gerra habilmente jogando uma facção no Salão contra outra, Sereille pela pura força de sua vontade. Shein Chunla era outro assunto, alguém que havia desperdiçado o poder do Trono de Amyrlin, alienando a maioria das irmãs na Torre. O mundo acreditava que Shein havia morrido no cargo, cerca de quatrocentos anos atrás, mas a verdade profundamente oculta era que ela havia sido deposta e enviada para o exílio pelo resto da vida. Mesmo as histórias secretas eram leves em certas áreas, mas era bastante óbvio que, depois que o quarto plano para devolvê-la ao Trono de Amyrlin foi descoberto, as irmãs que guardavam Shein a sufocaram durante o sono com um travesseiro. Egwene estremeceu e disse a si mesma que era o frio.

Virando-se, ela começou a fazer seu lento caminho de volta para sua barraca sozinha. Dormir bem? A lua gorda estava baixa no céu, e ainda faltavam horas até o nascer do sol, mas ela não tinha certeza se conseguiria dormir.



CAPÍTULO

16



Ausências Inesperadas

Antes que o sol fizesse uma borda no horizonte na manhã seguinte, Egwene convocou o Salão da Torre. Em Tar Valon, isso teria sido acompanhado de uma cerimônia considerável, e mesmo depois de terem saído de Salidar tinham mantido algumas, apesar das dificuldades da viagem. Agora, Sheriam simplesmente foi da tenda de votante em votante enquanto ainda estava escuro para anunciar que o Trono de Amyrlin havia chamado o Salão para sentar. Na verdade, elas não se sentaram. Na penumbra pouco antes do verdadeiro nascer do sol, dezoito mulheres formaram um semicírculo na neve para ouvir Egwene, todas agasalhadas contra o frio que embaçava sua respiração.

Outras irmãs começaram a aparecer atrás delas para ouvir, apenas algumas no início, mas quando ninguém lhes disse para irem embora, o grupo engrossou e se espalhou para um zumbido suave de conversa. Um zumbido muito abafado. Poucas irmãs arriscariam incomodar uma babá solitária, muito menos o Salão inteiro. As Aceitos em vestidos e capas com faixas que apareceram atrás das Aes Sedai eram mais quietas, é claro, e ainda mais quietas as noviças reunidas que não tinham tarefas, embora houvesse um bom número

delas. O acampamento agora tinha metade das noviças que das irmãs, tantas que poucas possuíam uma capa branca adequada e a maioria se contentava com uma simples saia branca em vez de um vestido de noviça. Algumas irmãs ainda acreditavam que deveriam voltar aos velhos hábitos e deixar que as meninas as procurassem, mas a maioria lamentou os anos perdidos, quando o número de Aes Sedai diminuiu. A própria Egwene quase estremecia sempre que pensava no que a Torre poderia ter sido. Esta foi uma mudança que nem mesmo Siuan poderia se opor.

No meio de todo o ajuntamento, Carlinya apareceu na esquina de uma tenda e parou ao ver Egwene e as *Votantes*. Normalmente com compostura até as unhas dos pés, a irmã Branca ficou boquiaberta, e seu rosto pálido ficou vermelho antes que ela se afastasse apressada, olhando para trás por cima do ombro. Egwene reprimiu uma careta. Todo mundo estava muito preocupado com o que ela estava fazendo esta manhã para ter notado, mas mais cedo ou mais tarde, alguém iria se perguntar.

Jogando para trás sua capa delicadamente bordada para revelar a estreita estola azul do Guardiã, Sheriam fez uma reverência formal para Egwene tanto quanto suas roupas volumosas permitiam antes de tomar um lugar ao seu lado. Envolta em camadas de fina lã e seda, a mulher de cabelos ruivos era a própria imagem da equanimidade. Ao aceno de cabeça de Egwene, ela deu um passo à frente para entoar a fórmula antiga em uma voz clara e alta.

"Ela vem; ela vem! A Guardiã dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin. Atendam a todos, pois ela vem!" Parecia um pouco deslocado aqui e, além disso, ela já estava lá, não vindo. As *Votantes* ficaram em silêncio, esperando. Algumas franziram a testa com impaciência ou brincaram inquietas com capas ou saias.

Egwene empurrou para trás sua própria capa, descobrindo a estola de sete listras em volta do pescoço. Essas mulheres precisavam de qualquer lembrete que ela pudesse dar de que ela era

de fato o Trono de Amyrlin. “Todo mundo está cansado de viajar com esse tempo,” ela anunciou, não tão alto quanto Sheriam, mas alto o suficiente para que todas pudessem ouvir. Ela sentiu uma pontada de antecipação, uma emoção quase tonta. Não era muito diferente de estar enjoada. “Decidi parar aqui por dois dias, talvez três.” Isso chamou a atenção e despertou o interesse. Ela esperava que Siuan estivesse na multidão ouvindo. Tentou manter os juramentos. “Os cavalos também precisam descansar, e muitas das carroças precisam urgentemente de reparos. O Cuidador cuidará dos arranjos necessários.” Realmente havia começado, agora.

Ela não esperava nem argumentação nem discussão, e não houve nenhuma. O que ela havia dito a Siuan não era exagero. Muitas irmãs esperavam por um milagre, para que não tivessem que marchar sobre Tar Valon com o mundo assistindo. Mesmo entre aquelas que estavam convencidas em suas almas de que Elaida deveria ser expulsa para o bem da Torre, apesar de tudo o que haviam feito, muitas agarrariam qualquer chance de atraso, qualquer chance de que esse milagre aparecesse.

Uma dessas últimas, Romanda, não esperou que Sheriam falasse as últimas falas. Assim que Egwene terminasse de falar, Romanda, parecendo bastante jovem com seu coque cinza apertado escondido pelo capuz, simplesmente se afastou. Mantos esvoaçando, Magla, Saroiya e Varilin correram atrás dela. Tão bem quanto qualquer um poderia correr, quando cada outro passo afundava até o tornozelo. Elas fizeram um bom trabalho de qualquer maneira; acompanhantes ou não, elas mal pareciam respirar sem a permissão de Romanda. Quando Lelaine viu Romanda saindo, ela pegou Faiselle, Takima e Lyrelle do semicírculo com um gesto e foi sem olhar para trás, como um cisne com três gansos ansiosos. Se elas não estavam tão firmes nas mãos de Lelaine quanto as outras três estavam nas de Romanda, não ficaram muito aquém. Por falar nisso, o resto das *Votantes* mal esperou no final “Partam agora na Luz” deixar os lábios de Sheriam. Egwene se virou para ir com seu Salão da Torre já se espalhando em

todas as direções. Esse formigamento era mais forte. E tinha muito gosto de estar enjoado.

“Três dias,” Sheriam murmurou, oferecendo a Egwene uma mão para ajudá-la a descer por um dos caminhos esburacados. Os cantos de seus olhos verdes inclinados se enrugaram interrogativamente. “Estou surpresa, Mãe. Perdoe-me, mas você se meteu em seus calcanhares quase todas as vezes que eu quis parar por mais de um dia.”

“Fale comigo novamente depois de conversar com os fabricantes de rodas e ferradores”, Egwene disse a ela. “Não iremos longe com cavalos caindo mortos e carroças caindo aos pedaços.”

“Como você diz, Mãe,” a outra mulher respondeu, não exatamente com docilidade, mas em perfeita aceitação.

A base não estava melhor agora do que na noite anterior, e seus passos às vezes escorregavam. De braços dados, elas caminharam lentamente. Sheriam ofereceu mais apoio do que Egwene exigia, mas o fez quase às escondidas. O Trono de Amyrlin não devia cair de bunda na frente de cinquenta irmãs e cem criados, mas também não devia parecer apoiada como uma inválida.

A maioria das *Votantes* que juraram a Egwene, incluindo Sheriam, o fizeram por simples medo, na verdade, e autopreservação. Se o Salão soubesse que elas enviaram irmãs para influenciar as Aes Sedai em Tar Valon, e pior, ocultassem o fato do Salão por medo de Amigos das Trevas entre as Votantes, elas indubitavelmente e certamente passariam o resto de suas vidas em penitência e exílio. Assim, as mulheres que acreditaram que poderiam de alguma forma mexer Egwene como uma marionete, depois que a maior parte de sua influência no Salão se desfez, viram-se juradas a obedecê-la. Isso era raro mesmo nas histórias secretas; esperava-se que as irmãs obedecessem à Amyrlin, mas jurar fidelidade era outra coisa. A maioria ainda parecia incomodada com isso, embora obedecessem. Poucas eram tão ruins quanto Carlinya, mas Egwene realmente

ouviu os dentes de Beonin baterem na primeira vez que viu Egwene com *Votantes* depois de xingar. Morvrin parecia novamente atônita sempre que seus olhos pousavam em Egwene, como se ela ainda não acreditasse muito, e Nisao mal parecia parar de franzir a testa. Anaiya estalou a língua sobre o segredo, e Myrelle muitas vezes se encolheu, embora por mais razão do que fazer um juramento. Mas Sheriam simplesmente havia se estabelecido no papel de Guardiã das Crônicas de Egwene de verdade, não apenas no nome.

“Posso sugerir usar esta oportunidade para ver o que a região circundante oferece em termos de comida e forragem, Mãe? Nossos estoques estão baixos.” Sheriam franziu a testa ansiosamente. “Especialmente chá e sal, embora duvide que os encontremos.”

“Faça o que puder,” Egwene disse em um tom tranquilizador. Era estranho agora, pensar que uma vez ela ficou admirada com Sheriam, e com muito medo de seu desagrado. Por mais estranho que parecesse, agora que ela não era mais a mestra das noviças, não mais tentando puxar e empurrar Egwene para fazer o que ela desejava, Sheriam realmente parecia mais feliz. “Tenho toda a confiança em você, Sheriam.” A mulher sorriu positivamente com o elogio.

O sol ainda não aparecia acima das tendas e carroças a leste, mas o acampamento já estava agitado. Em um modo de falar. O café da manhã estava feito, as cozinheiras estavam limpando, ajudadas por uma horda de noviças. Pelo vigor que empenhavam, as jovens pareciam encontrar algum calor em esfregar chaleiras com neve, mas as cozinheiras moviam-se laboriosamente, dobrando as costas, parando para suspirar e, às vezes, puxar suas capas para perto e olhar desoladas para a neve. Serviçais trêmulos, vestindo a maioria das roupas que possuíam, começaram a desmontar barracas e carregar carroças automaticamente assim que terminaram sua refeição apressada, e agora estavam tropeçando para erguer as barracas e retirar os baús das carroças. Os animais que estavam sendo arreados agora estavam sendo levados por condutores

cansados que andavam de cabeça baixa. Egwene ouviu alguns resmungos de homens que não perceberam que havia irmãs por perto, mas a maioria parecia cansada demais para reclamar.

A maioria das Aes Sedai cujas barracas estavam montadas havia desaparecido lá dentro, mas um bom número ainda guiava trabalhadores, e outras corriam pelos caminhos afundados em suas próprias tarefas. Ao contrário de todas as outras, elas mostravam tão pouco cansaço quanto os Guardiões, que de alguma forma conseguiam parecer como se tivessem dormido todo o sono de que precisavam para este belo dia de primavera. Egwene suspeitava que era uma parte real de como uma irmã extraía forças de seu Guardião, além do que elas poderiam fazer com o vínculo. Quando o seu Guardião não admitia para si mesmo que estava com frio ou cansado ou com fome, você tinha que aguentar também.

Em um dos cruzamentos, Morvrin apareceu, segurando o braço de Takima. Talvez fosse para apoio, embora Morvrin fosse larga o suficiente para fazer a mulher mais baixa parecer mais diminuta do que realmente era. Talvez fosse para evitar que Takima escapasse; Morvrin era como um cão quando estabelecia uma meta. Egwene franziu a testa. Era de se esperar que Morvrin procurasse uma Votante para sua Ajah, a Marrom, mas Egwene teria achado Janya ou Escaralde mais prováveis. As duas desapareceram atrás de uma carroça coberta de lona pelos condutores, Morvrin curvando-se para falar no ouvido de sua companheira. Não havia como saber se Takima estava prestando atenção.

“Aconteceu alguma coisa, mãe?”

Egwene deu um sorriso que parecia tenso. “Não mais do que de costume, Sheriam. Não mais do que o normal.”

No escritório da Amyrlin, Sheriam partiu para ver as tarefas que Egwene lhe dera, e Egwene entrou para encontrar tudo pronto. Ela ficaria surpresa com qualquer outra coisa. Selame estava colocando uma bandeja de chá na escrivaninha. Contas de cores vivas

percorriam o corpete esbelto da mulher e desciam pelas mangas, e com o nariz comprido erguido, ela mal parecia uma criada à primeira vista, mas já havia visto o que precisava ser feito. Dois braseiros cheios de carvões incandescentes tinham tirado um pouco do frio do ar, embora a maior parte do calor tenha saído pelo buraco de fumaça. Ervas secas espalhadas sobre as brasas davam um cheiro agradável à fumaça que não escapava, a bandeja da noite anterior havia desaparecido, e a lanterna e as velas de sebo haviam sido aparadas e acesas. Ninguém estava disposto a deixar uma barraca aberta o suficiente para deixar entrar a luz do lado de fora.

Siuan já estava lá também, com uma pilha de papéis nas mãos, uma expressão angustiada no rosto e uma mancha de tinta no nariz. O cargo de secretária dava às duas mais um motivo para serem vistas conversando, e Sheriam não se importou nem um pouco em desistir do trabalho. A própria Siuan resmungava com frequência, no entanto. Para uma mulher que raramente saía da Torre desde que entrara como noviça, ela tinha uma aversão notável por ficar lá dentro. No momento, ela era a imagem de uma mulher sendo paciente e querendo que todos soubessem disso.

Apesar de seu nariz alto, Selame sorriu e fez tantas reverências que pegar a capa e as luvas de Egwene se transformou em uma pequena e elaborada cerimônia. A mulher falou sobre a Mãe colocar os pés para cima, e talvez ela devesse trazer um roupão para a Mãe, e talvez ela devesse ficar caso a Mãe quisesse mais alguma coisa, até que Egwene praticamente a expulsou. O chá tinha gosto de menta. Nesse clima! Selame era uma provação, e dificilmente poderia ser chamada de leal, mas ela tentava.

Não havia tempo para relaxar e beber chá, no entanto. Egwene endireitou a estola e sentou-se atrás da escrivaninha, distraidamente dando um puxão na perna da cadeira para que ela não dobrasse sob ela, como costumava fazer, Siuan empoleirou-se em um banquinho frágil do outro lado da mesa, e o chá esfriou. Elas não falaram de planos, ou Gareth Bryne, ou esperanças; o que

poderia ser feito lá por agora, tinha sido. Relatos e problemas se acumulavam quando elas estavam em movimento e o cansaço superava as tentativas de lidar com eles, e agora que estavam paradas, tudo tinha que ser repassado. Um exército à frente não mudava isso.

Às vezes, Egwene se perguntava como era possível encontrar tanto papel quando tudo o mais parecia tão difícil. Os relatórios que Siuan lhe entregava detalhadamente sobre a escassez e pouco mais. Não apenas daquilo que Sheriam havia mencionado, mas carvão, pregos e ferro para os ferradores e construtores de rodas, couro e fios oleados para os fabricantes de arreios, óleo de lamparina e velas e uma centena de outras coisas, até sabão. E o que não estava acabando estava se desgastando, de sapatos a barracas, tudo listado na letra ousada de Siuan, que ficava mais agressiva quanto mais gritante a necessidade sobre a qual ela escrevia. Seu relato sobre o dinheiro restante parecia ter sido riscado no papel com uma fúria imensa. E não havia o que ser feito sobre isso.

Entre os papéis de Siuan estavam vários endereços de Votantes sugerindo formas de resolver o problema do dinheiro. Ou melhor, informando a Egwene o que pretendiam colocar diante do Salão. Havia poucas vantagens em qualquer um dos esquemas, no entanto, e muitas armadilhas. Moria Karentanis propôs interromper o pagamento dos soldados, uma noção que Egwene achava que o Salão já havia percebido que faria o exército derreter como orvalho sob um sol de verão. Malind Nachenin apresentou um apelo aos nobres próximos que soava mais como uma demanda e poderia virar todo o campo contra elas, assim como a intenção de Salita Toranes de cobrar um imposto sobre as cidades e aldeias por onde passavam.

Amassando os três endereços em seu punho, Egwene os sacudiu para Siuan. Ela desejou que fossem as gargantas de três Votantes que ela estivesse segurando. “Todas elas pensam que tudo tem que ser do jeito que elas desejam, e não importa a realidade? Luz, são elas que se comportam como crianças!”

“A Torre consegue fazer seus desejos se tornarem realidade com bastante frequência,” Siuan disse com complacência. “Lembre-se, algumas diriam que você também está ignorando a realidade.”

Egwene fungou. Felizmente, independentemente do que o Salão votasse, nenhuma das propostas poderia ser levada adiante sem um decreto dela. Mesmo em suas circunstâncias difíceis, ela tinha um pouco de poder. Muito pouco, mas era mais do que nada. “O Salão é sempre tão ruim assim, Siuan?”

Siuan assentiu, movendo-se ligeiramente para tentar encontrar um equilíbrio melhor. Não havia duas pernas de seu banquinho com o mesmo comprimento. “Mas poderia ser pior. Lembre-me de lhe contar sobre o Ano das Quatro Amyrlins; isso foi cerca de cento e cinquenta anos após a fundação de Tar Valon. Naquela época, o funcionamento normal da Torre quase rivalizava com o que está acontecendo hoje. Todas as mãos tentariam agarrar o leme, se pudessem. Na verdade, havia dois Salões da Torre rivais em Tar Valon durante parte daquele ano. Quase como agora. Quase todo mundo veio a sofrer no final, incluindo algumas que pensaram que iriam salvar a Torre. Algumas delas poderiam ter conseguido, se não tivessem pisado na areia movediça. A Torre sobreviveu de qualquer maneira, é claro. Sempre sobrevive.”

Uma grande parte da história cresceu em mais de três mil anos, muito suprimida, escondida de todos, exceto de alguns olhos, mas Siuan parecia ter todos os detalhes na ponta dos dedos. Ela deve ter passado boa parte de seus anos na Torre enterrando-se nessas histórias secretas. De uma coisa, Egwene tinha certeza. Ela evitaria o destino de Shein se pudesse, mas não permaneceria como estava, pouco melhor do que Cemaile Sorenthaine. Muito antes do fim de seu reinado, a decisão mais importante deixada a critério de Cemaile era qual vestido usar. Ela ia ter que pedir a Siuan para contar a ela sobre o Ano das Quatro Amyrlins, e não estava ansiosa por isso.

O feixe de luz cambiante do buraco de fumaça no telhado mostrava a manhã perto do meio-dia, mas a pilha de papéis de Siuan não parecia ter diminuído. Qualquer interrupção seria bem-vinda, mesmo uma descoberta prematura. Bem, talvez não isso.

"O que vem a seguir, Siuan?" ela rosnou.

Um lampejo de movimento chamou a atenção de Aran'gar, e ela espiou por entre as árvores em direção ao acampamento do exército, um anel obscuro ao redor das tendas das Aes Sedai. Uma fila de carroças movia-se lentamente para leste, escoltada por homens a cavalo. O sol pálido brilhava na armadura e nas pontas das lanças. Ela não pôde deixar de zombar. Lanças e cavalos! Uma ralé primitiva que não podia se mover mais rápido do que um homem podia andar, liderada por um homem que não sabia o que estava acontecendo a cem milhas de distância. Aes Sedai? Ela poderia destruir todas elas, e mesmo morrendo elas nunca suspeitariam de quem as estava matando. Claro, ela não sobreviveria a elas por muito tempo. Esse pensamento a fez estremecer. O Grande Senhor deu a poucos uma segunda chance na vida, e ela não estava disposta a jogar fora a dela.

Esperando até que os cavaleiros desaparecessem de vista na floresta, ela começou a voltar para o acampamento, pensando preguiçosamente nos sonhos desta noite. Atrás dela, a neve lisa esconderia o que ela havia enterrado até o degelo da primavera, mais do que o suficiente. À frente, alguns dos homens no acampamento finalmente a notaram e se endireitaram de suas tarefas para assistir. Apesar de tudo, ela sorriu e alisou a saia sobre os quadris. Agora era difícil realmente lembrar como tinha sido a vida como homem; ela tinha sido uma tola tão facilmente manipulada, na época? Atravessar aquele enxame com um cadáver invisível tinha sido difícil, mesmo para ela, mas ela gostou da caminhada de volta.

A manhã transcorreu aparentemente sem fim nos papéis, até que o que Egwene sabia que aconteceria aconteceu. Certos acontecimentos diários eram certos. Haveria um frio intenso, haveria neve, haveria nuvens, e céus cinza, e vento. E haveria visitas de Lelaine e Romanda.

Cansada de ficar sentada, Egwene estava esticando as pernas quando Lelaine entrou na barraca com Faolain nos calcanhares. O ar gelado entrou com elas antes que a aba da tenda se fechasse. Olhando ao redor com um ar levemente desaprovador, Lelaine arrancou as luvas de couro azul, enquanto permitia que Faolain tirasse a capa forrada de lince de seus ombros. Esbelta e digna em seda de um azul profundo, com olhos penetrantes, ela poderia estar em sua própria tenda. Com um gesto casual, Faolain retirou-se respeitosamente para um canto com a roupa, apenas encolhendo os ombros. Claramente, estava pronta para ir imediatamente com outro aceno da mão da Votante. Suas feições escuras exibiam um mansidão resignada, não muito parecida com ela.

A reserva de Lelaine quebrou por um momento, em um sorriso surpreendentemente caloroso para Siuan. Elas tinham sido amigas, uma vez, anos atrás, e ela até ofereceu algo como o patrocínio que Faolain aceitou, a proteção de uma Votante e o braço protetor contra as zombarias e acusações de outras irmãs. Tocando a bochecha de Siuan, Lelaine murmurou baixinho algo que soou simpático. Siuan corou, uma incerteza surpreendente brilhando em seu rosto. Não era fingimento, Egwene tinha certeza. Siuan achava difícil lidar com o que realmente havia mudado nela, e mais, com a facilidade com que estava se adaptando.

Lelaine olhou para o banco em frente à escrivaninha e, como sempre, rejeitou visivelmente um assento tão instável. Só então ela reconheceu a presença de Egwene, com um leve aceno de cabeça. “Precisamos falar do Povo do Mar, Mãe”, disse ela em tom um pouco firme para se dirigir ao Trono de Amyrlin.

Só quando o coração de Egwene desceu pela garganta ela percebeu que estava com medo de que Lelaine já soubesse o que Lord Bryne lhe dissera. Ou até mesmo a reunião que ele estava organizando. No instante seguinte, seu coração saltou para trás novamente. O Povo do Mar? Certamente o Salão não poderia ter sabido da barganha insana que Nynaeve e Elayne fizeram. Ela não conseguia imaginar o que as havia levado a tal desastre, ou como ela deveria lidar com isso.

Com o estômago revirando, ela tomou seu lugar atrás da mesa sem revelar nada do que sentia. E aquela perna idiota da cadeira dobrou, quase a deixando cair sobre os tapetes antes que ela pudesse endireitar-se novamente. Ela esperava que suas bochechas não estivessem corando. “O Povo do Mar em Caemlyn, ou em Cairhien?” Sim; soou adequadamente calma e controlada.

“Cairhien.” A voz aguda de Romanda soou como sinos repentinos. “Definitivamente Cairhien.” Sua entrada fez a de Lelaine parecer quase tímida, a força de sua personalidade enchendo abruptamente a tenda. Não havia sorrisos calorosos em Romanda; bonito como seu rosto era, não parecia feito para eles.

Theodrin a seguiu, e Romanda tirou a capa com um floreio e a jogou para a irmã esbelta de bochechas como maçãs, com um gesto peremptório que fez Theodrin correr para um canto oposto a Faolain. Faolain estava nitidamente subjugada, mas os olhos esbugalhados de Theodrin estavam muito arregalados, como se ela estivesse permanentemente assustada, e seus lábios pareciam prestes a ofegar. Como Faolain, seu lugar adequado na hierarquia das Aes Sedai exigia um emprego melhor, mas nenhuma das duas provavelmente o receberia em breve.

O olhar convincente de Romanda pousou por um momento em Siuan, como se estivesse pensando em mandá-la para um canto também, então passou por Lelaine quase com desdém antes de se fixar em Egwene. “Parece que o jovem rapaz tem conversado com o

Povo do Mar, Mãe. Os olhos e ouvidos da Ajah Amarela em Cairhien estão animados com isso. Você tem alguma ideia do que pode interessá-lo nos *Atha'an Miere*?"

Apesar do título, Romanda dificilmente soava como se estivesse se dirigindo ao Trono de Amyrlin, mas ela nunca o fazia. Não havia dúvida de quem era aquele "jovem rapaz". Todas as irmãs do acampamento aceitavam que Rand era o Dragão Renascido, mas qualquer um que as ouvisse falar teria acreditado que estavam falando de um jovem indisciplinado que poderia vir jantar bêbado e vomitar na mesa.

"Ela mal pode saber o que está na cabeça do menino", disse Lelaine antes que Egwene pudesse abrir a boca. Seu sorriso não foi nada caloroso desta vez. "Se uma resposta for encontrada, Romanda, será em Caemlyn. Os *Atha'an Miere* lá não foram sequestrados em um navio, e duvido seriamente que o Povo do Mar de alto escalão tenha vindo tão longe no mar com diferentes incumbências. Eu nunca ouvi falar deles fazendo isso por qualquer motivo. Pode ser que tenham interesse nele. Eles devem saber quem ele é agora."

Romanda sorriu de volta, e o gelo deveria ter aparecido nas paredes da tenda. "Não há necessidade de dizer o óbvio, Lelaine. A primeira questão é como descobrir."

"Eu estava prestes a resolver isso quando você entrou, Romanda. Da próxima vez que a Mãe encontrar Elayne ou Nynaeve em *Tel'aran'rhiod*, ela pode passar instruções. Merilille pode descobrir o que os *Atha'an Miere* querem, ou talvez o que o menino vai fazer, quando chega a Caemlyn. Uma pena que as meninas não pensaram em estabelecer um horário regular, mas devemos contornar isso. Merilille pode se encontrar com uma Votante em *Tel'aran'rhiod* quando souber." Lelaine fez um pequeno gesto; claramente, ela mesma era a Votante pretendida. "Achei que Salidar poderia ser um lugar adequado."

Romanda bufou com diversão. Mesmo nisso, não havia calor. “É mais fácil instruir Merilille do que ver se ela obedece, Lelaine. Espero que ela saiba que enfrentará perguntas afiadas. Essa Tigela dos Ventos deveria ter sido trazida para nós primeiro para estudo. Nenhuma das irmãs em Ebou Dar tinha muita habilidade na Dança das Nuvens, eu acredito, e você pode ver o resultado, toda essa confusão e rapidez. Tenho a ideia de fazer uma pergunta ao Salão sobre todas as envolvidas.” Abruptamente, a voz da mulher de cabelos grisalhos tornou-se suave como manteiga. “Pelo que me lembro, você apoiou a escolha de Merilille.”

Com um puxão, Lelaine se endireitou. Seus olhos brilharam. “Eu apoiei quem a Cinza apresentou, Romanda, e nada mais,” ela disse indignada. “Como eu poderia imaginar que ela decidiria usar a Tigela lá? E incluir as Bravias do Povo do Mar no círculo! Como ela pode acreditar que elas sabem tanto sobre trabalhar o clima quanto as Aes Sedai?” Abruptamente sua ira escorregou. Ela estava se defendendo de sua adversária mais feroz no Salão, sua única adversária real. E, o que sem dúvida era pior em sua opinião, ela estava concordando com ela sobre o Povo do Mar. Não havia dúvida de que ela concordava, mas dar voz ao fato era outra questão.

Romanda deixou seu sorriso frio se aprofundar enquanto o rosto de Lelaine empalideceu de fúria. Ela ajeitou as saias cor de bronze com cuidado meticuloso enquanto Lelaine procurava uma maneira de mudar as coisas. “Vamos ver como fica o Salão, Lelaine”, disse ela finalmente. “Até que a pergunta seja feita, acho melhor que Merilille não se reúna com nenhuma das Votantes envolvidas em sua seleção. Mesmo uma sugestão de conluio seria vista com desconfiança. Tenho certeza de que você vai concordar que eu deveria ser a única a falar com ela.”

O rosto de Lelaine empalideceu de forma diferente. Ela não estava com medo, não visivelmente, mas Egwene quase podia vê-la contando quem poderia ficar a seu favor ou contra. O conluio era quase tão sério quanto uma acusação de traição e exigia apenas o

menor consenso. Provavelmente, ela poderia evitar isso, mas os argumentos seriam profundos e amargos. A facção de Romanda podia até aumentar. Isso causaria problemas incalculáveis se os planos de Egwene dessem frutos ou não. E não havia nada que ela pudesse fazer para detê-lo, a não ser revelar o que realmente havia acontecido em Ebou Dar. Seria o mesmo que pedir-lhes que a deixem aceitar a mesma oferta que Faolain e Theodrin aceitaram.

Egwene respirou fundo. Pelo menos poderia impedir o uso de Salidar como ponto de encontro em *Tel'aran'rhiod*. Era onde encontrava Elayne e Nynaeve, agora. Quando encontrava, de qualquer maneira; ela não tinha feito isso em dias. Com Votantes entrando e saindo do Mundo dos Sonhos, era difícil encontrar qualquer lugar que você pudesse ter certeza de que elas não apareceriam. “Na próxima vez que encontrar Elayne ou Nynaeve, passarei suas instruções sobre Merilille. Posso avisá-la quando ela estiver pronta para encontrá-la.” O que nunca aconteceria, uma vez que ela terminasse com essas instruções.

As cabeças das Votantes se viraram e dois pares de olhos a encararam. Elas tinham esquecido que ela estava lá! Esforçando-se para manter o rosto liso, ela percebeu que seu pé batia irritado e parou. Tinha que concordar com o que elas pensavam dela por mais algum tempo ainda. Um pouco mais. Pelo menos, ela não se sentia mais enjoada. Apenas com raiva.

Naquele momento de silêncio, Chesa entrou animada com a refeição do meio-dia de Egwene em uma bandeja coberta de pano. De cabelos escuros, roliça e bonita na meia-idade, Chesa conseguiu transmitir o devido respeito sem se encolher. Sua reverência era tão simples quanto seu vestido cinza escuro, com apenas um toque de renda simples no pescoço. “Perdoe-me por me intrometer, Mãe, Aes Sedai. Lamento que seja tarde, mãe, mas Meri parece estar vagando para longe.” Ela estalou a língua em exasperação enquanto colocava a bandeja na frente de Egwene. Vagar parecia muito diferente do

que fazia Meri. Aquela mulher austera desaprovava tanto os defeitos dela mesma quanto os das outras.

Romanda franziu a testa, mas não disse nada. Afinal, ela dificilmente poderia mostrar muito interesse em uma das empregadas de Egwene. Especialmente quando a mulher era sua espiã. Assim como Selame era de Lelaine. Egwene evitou olhar para Theodrin ou Faolain, ambas ainda de pé obedientemente em seus cantos como Aceitas, em vez de Aes Sedai em si.

Chesa entreabriu a boca, mas voltou a fechá-la, talvez intimidada pelas Votantes. Egwene ficou aliviada quando fez outra reverência e saiu murmurando “Com licença, Mãe”. O conselho de Chesa sempre era indireto o suficiente para qualquer irmã quando mais alguém estava presente, mas naquele momento, a última coisa que Egwene queria era um lembrete circunspecto para comer enquanto sua comida estava quente.

Lelaine começou como se não houvesse interrupção. “O importante,” ela disse com firmeza, “é descobrir o que os *Atha'an Miere* querem. Ou o que o menino faz. Talvez ele queira ser o rei deles também.” Estendendo os braços, ela permitiu que Faolain recolocasse sua capa, o que a jovem morena fez com cuidado. “Você vai se lembrar de me avisar se tiver alguma opinião sobre isso, Mãe?” Isso foi apenas um pedido.

“Vou pensar muito”, Egwene disse a ela. O que não significava que ela compartilharia seus pensamentos. Ela desejou ter um vislumbre da resposta. Que os *Atha'an Miere* acreditassem que Rand era o *Coramoor* profetizado, ela sabia, embora o Salão não soubesse, mas o que ele queria deles, ou eles dele, ela não podia começar a imaginar. Segundo Elayne, o Povo do Mar com elas não fazia ideia. Ou dizia que não. Egwene quase desejou que uma das poucas irmãs que vieram dos *Atha'an Miere* estivesse no acampamento. Quase. De uma forma ou de outra, aquelas Chamadoras de Vento iam causar problemas.

A um aceno da mão de Romanda, Theodrin saltou para a frente com a capa da Votante como se fosse um ganso. Pela expressão de Romanda, a recuperação de Lelaine não a agradou. “Você se lembrará de dizer a Merilille que desejo falar com ela, Mãe”, disse ela, e isso não era um pedido.

Por um breve momento, as duas Votantes ficaram olhando uma para a outra, Egwene esquecida novamente em sua animosidade mútua. Elas partiram sem dizer uma palavra a ela, quase brigando por precedência antes que Romanda saísse primeiro, atraindo Theodrin em seu rastro. Mostrando os dentes, Lelaine praticamente empurrou Faolain da tenda à sua frente.

Siuan soltou um suspiro profundo e não fez nenhuma tentativa de esconder seu alívio.

“Com sua licença, Mãe,” Egwene murmurou zombeteiramente. “Por favor, mãe. Podem ir, filhas.” Soltando um longo suspiro, ela se acomodou na cadeira. Que prontamente a jogou sobre os tapetes em uma pilha. Ela se levantou lentamente e endireitou as saias, endireitou a estola. Pelo menos não tinha acontecido na frente daquelas duas. “Vá pegar alguma coisa para comer, Siuan. E depois traga para cá. Temos um longo dia, ainda.”

“Algumas quedas doem menos que outras,” Siuan disse como se fosse para si mesma antes de sair. Foi uma coisa boa ela ter ido tão rápido, ou Egwene poderia ter lhe dado uma bronca.

Ela voltou logo, porém, e elas comeram pãozinhos duros e ensopado de lentilhas com cenoura dura e pedaços de carne que Egwene não olhou de perto. Houve apenas algumas interrupções, intrusões onde elas se calaram e fingiram estudar relatórios. Chesa veio tirar a bandeja e depois recolocar as velas, tarefa que ela resmungava, o que não era do seu feitio.

“Quem esperaria que Selame desaparecesse também?” ela murmurou, meio para si mesma. “Namorando com os soldados, eu espero. Essa Halima é uma má influência.”

Um rapaz magricela com o nariz pingando renovou as brasas já mortas dos braseiros — a da Amyrlin ficava mais quente do que a maioria, mas isso não era muito — e ele tropeçou nas próprias botas e olhou boquiaberto para Egwene de uma maneira bastante gratificante depois das duas votantes. Sheriam pareceu perguntar se Egwene tinha mais instruções, entre todas as coisas, e então pareceu querer ficar. Talvez os poucos segredos que ela conhecia a deixassem nervosa; seus olhos certamente dispararam inquietos.

Isso era tudo, e Egwene não tinha certeza se era porque ninguém incomodava a Amyrlin sem motivo, ou porque todos sabiam que as decisões reais eram tomadas no Salão.

“Eu não sei sobre esse relato de soldados saindo de Kandor para o sul”, disse Siuan assim que a aba da tenda caiu atrás de Sheriam. “Há apenas um, e os Fronteiriços raramente vão para muito longe de Praga, mas todo tolo sabe disso, então dificilmente é o tipo de história que alguém inventaria.” Ela não estava lendo uma página, agora.

Siuan conseguiu manter um controle muito tênue da rede de olhos e ouvidos da Amyrlin até agora, e relatórios, rumores e fofocas fluíram para ela em fluxos constantes, para serem estudados antes que ela e Egwene decidissem o que passar para o Salão. Leane tinha sua própria rede, para aumentar o fluxo. A maior parte era repassada — algumas coisas o Salão precisava saber, e não havia garantia de que as Ajahs passariam adiante o que seus próprios agentes descobriram —, mas tudo tinha que ser peneirado para o que poderia ser perigoso ou servir para desviar a atenção do verdadeiro objetivo.

Poucos desses fluxos carregavam algo de bom, ultimamente. Cairhien havia produzido vários rumores de Aes Sedai aliadas a Rand, ou, pior, servindo a ele, mas pelo menos esses poderiam ser descartados imediatamente. As Sábias não falavam muito sobre Rand ou qualquer pessoa ligada a ele, mas segundo elas, Merana

aguardava seu retorno, e certamente as irmãs do Palácio do Sol, onde o Dragão Renascido mantinha seu primeiro trono, eram mais do que sementes suficientes para crescer esses contos. Outros não eram facilmente ignorados, mesmo quando era difícil saber o que fazer com eles. Um impressor em Illian afirmou ter provas de que Rand matou Mattin Stepaneos com as próprias mãos e destruiu o corpo com o Poder Único, enquanto uma trabalhadora nas docas alegou ter visto o ex-rei carregado, amarrado, amordaçado e enrolado em um tapete, a bordo de um navio que havia navegado à noite com as bênçãos do capitão da Guarda do Porto. A primeira era muito mais provável, mas Egwene esperava que nenhum dos agentes das Ajah tivesse ouvido a mesma história. Já havia muitas marcas pretas contra o nome de Rand nos livros das irmãs.

Era assim. Os Seanchan pareciam estar se firmando em Ebou Dar, contra muito pouca resistência. Isso poderia ser esperado em uma terra onde o verdadeiro governo da rainha terminava a alguns dias de viagem de sua capital, mas não era animador. Os Shaido pareciam estar em toda parte, embora a notícia deles sempre viesse de alguém que tinha ouvido de alguém que tinha ouvido. A maioria das irmãs parecia acreditar que os Shaido dispersos eram obra de Rand, apesar das negações das Sábias, carregadas por Sheriam. Ninguém queria sondar as supostas mentiras das Sábias muito de perto, é claro. Havia centenas de desculpas, mas ninguém estava disposto a encontrá-las em *Tel'aran'rhiod*, exceto as irmãs juramentadas a Egwene, e elas precisavam ser ordenadas. Anaiya chamou secamente os encontros de “lições bastante compactas de humildade”, e não parecia nada divertida.

“Não pode haver tantos Shaido”, Egwene murmurou. Nenhuma erva foi adicionada ao segundo lote de carvão, que estava morrendo em brasas fracas, e seus olhos doíam por causa da fumaça que pairava no ar. Canalizar para se livrar dela também dispersaria o último calor. “Parte disso deve ser trabalho de bandidos.” Afinal, quem poderia diferenciar que uma aldeia esvaziada por bandidos

fugindo de uma esvaziada por Shaído? Especialmente no terceiro ouvido, ou quinto. “Certamente há bandidos suficientes por perto para explicar parte disso.” A maioria se autodenominando Devotos do Dragão, o que não ajudava em nada. Ela ajeitou seus ombros para soltar alguns dos nós em seus músculos.

Abruptamente, percebeu que Siuan estava olhando para o nada tão intensamente que ela parecia pronta para escorregar de seu banco. “Siuan, você está dormindo? Podemos ter trabalhado a maior parte do dia, mas ainda está claro.” Havia luz no buraco de fumaça, embora parecesse estar desaparecendo.

Siuan piscou. “Eu sinto muito. Eu estive pensando em algo ultimamente, e tentando decidir se devo compartilhar com você. Sobre o Salão.”

“O Salão! Siuan, se você sabe alguma coisa sobre o Salão—!”

“Eu não sei de nada,” Siuan interrompeu. “É o que suspeito.” Ela estalou a língua em aborrecimento. “Nem mesmo suspeito, na verdade. Pelo menos, não sei do que suspeitar. Mas vejo um padrão.”

“Então é melhor você me contar sobre isso”, disse Egwene. Siuan mostrou-se muito hábil em detectar padrões onde outros viam apenas uma confusão.

Movendo-se em seu banquinho, Siuan se inclinou para frente atentamente. “É isso. Além de Romanda e Moria, as Votantes escolhidas em Salidar são... elas são muito jovens.” Muita coisa havia mudado em Siuan, mas falar das idades de outras irmãs claramente a deixava desconfortável. “Escalde é a mais velha, e tenho certeza que não passou muito dos setenta. Não posso ter certeza sem olhar no livro de novatas em Tar Valon, ou ela nos contar, mas tenho certeza. Não é comum que o Salão tenha mais de uma Votante abaixo de cem, e aqui temos oito!”

“Mas Romanda e Moria são novas,” Egwene disse gentilmente, apoiando os cotovelos na mesa. Tinha sido um longo dia. “E nenhuma é jovem. Talvez devêssemos ser gratas pelas outras, ou

elas podem não estar dispostos a me elevar.” Ela poderia ter apontado que a própria Siuan havia sido escolhida Amyrlin com menos da metade da idade de Escaralde, mas o lembrete teria sido cruel.

“Talvez,” Siuan disse teimosamente. “Romanda estava certa para o Salão assim que apareceu. Duvido que haja uma Amarela que ousaria falar contra ela por uma cadeira. E Moria... Ela não se apega a Lelaine, mas Lelaine e Lyrelle provavelmente pensaram que sim. Não sei. Mas marque minhas palavras. Quando uma mulher é elevada muito jovem, há uma razão.” Ela respirou fundo. “Incluindo quando eu fui.” A dor da perda brilhou em seu rosto, a perda do Trono de Amyrlin certamente, talvez de todas as perdas que ela sofrera. Mas desapareceu quase assim que chegou. Egwene achava que nunca conhecera uma mulher tão forte quanto Siuan Sanche. “Desta vez, havia irmãs mais do que suficientes para escolher, e não consigo ver cinco Ajahs empatadas em todas elas. Há um padrão, e pretendo descobri-lo.”

Egwene não concordava. A mudança pairava no ar, quer Siuan quisesse vê-la ou não. Elaida quebrou o costume, chegou muito perto de infringir a lei, usurpando o lugar de Siuan. As Irmãs haviam fugido da Torre e deixado o mundo saber disso, e isso certamente nunca havia acontecido antes. Mudança. As irmãs mais velhas eram mais propensas a se prenderem aos velhos hábitos, mas mesmo algumas delas precisavam ver que tudo estava mudando. Certamente era por isso que as mulheres mais jovens, mais abertas ao novo, tinham sido escolhidas. Ela deveria ordenar a Siuan que parasse de perder seu tempo com isso? Siuan tinha mais o que fazer. Ou seria uma gentileza deixá-la continuar? Ela queria tão profundamente provar que a mudança que via não estava realmente ocorrendo.

Antes que Egwene pudesse tomar uma decisão, Romanda entrou na barraca e ficou segurando a aba aberta. Longas sombras se estendiam pela neve lá fora. A noite estava chegando rápido. O rosto

de Romanda estava tão escuro quanto aquelas sombras. Ela fixou Siuan com um olhar severo e estalou uma palavra. "Fora!"

Egwene deu um aceno infinitesimal, mas Siuan já estava de pé. Ela errou um passo, então quase correu da barraca. Esperava-se que uma irmã que ficasse onde Siuan estava obedecesse a qualquer irmã da força de Romanda no Poder, não apenas uma Votante.

Jogando a aba da tenda, Romanda abraçou a Fonte. O brilho de *saidar* a cercava, e ela teceu uma proteção contra espionagem dentro da tenda sem sequer a pretensão de pedir permissão a Egwene. "Você é uma tola!" ela ralhou. "Por quanto tempo você achou que poderia manter isso em segredo? Soldados falam, criança. Os homens sempre falam! Bryne terá sorte se o Salão não colocar sua cabeça em uma lança."

Egwene levantou-se devagar, alisando a saia. Ela estava esperando por isso, mas ainda precisava ter cuidado. O jogo estava longe de terminar, e tudo ainda poderia se voltar contra ela em um piscar de olhos. Ela teve que fingir inocência, até que pudesse parar de fingir. "Devo lembrá-la que grosseria com o Trono de Amyrlin é um crime, filha," ela disse em vez disso. Estava fingindo por tanto tempo, e estava tão perto.

"O Trono de Amyrlin." Romanda atravessou os tapetes para ficar ao alcance do braço de Egwene, e por seu olhar, o pensamento de alcançar mais cruzou sua mente. "Você é uma criança! Seu bumbum ainda se lembra da última surra que teve como noviça! Depois disso, você terá sorte se o Salão não a colocar em um canto com algumas peças bonitas. Se você quiser evitar isso, vai me ouvir e fazer o que eu digo. Agora, sente-se!"

Egwene fervia por dentro, mas se sentou. Era muito cedo.

Com um aceno afiado e satisfeito, Romanda plantou os punhos nos quadris. Ela olhou para Egwene como uma tia severa repreendendo uma sobrinha malcomportada. Uma tia muito severa. Ou um carrasco com dor de dente. "Este encontro com Pelivar e

Arathelle tem que avançar, agora está combinado. Eles esperam o Trono de Amyrlin e vão vê-la. Você comparecerá com toda a pompa e dignidade que seu título merece. E vai dizer a eles que eu devo falar por você, depois disso, e vai segurar sua língua! Tirar eles do nosso caminho exigirá uma mão firme e alguém que saiba o que está fazendo. Sem dúvida, Lelaine estará aqui a qualquer minuto, tentando se apresentar, mas você apenas se lembre do problema em que ela está. Passei o dia conversando com outras Votantes, e parece muito provável que os fracassos de Merilille e Merana estejam firmemente ligados a Lelaine quando o Salão se sentar em seguida. Então, se você tem alguma esperança de ganhar a experiência necessária para se tornar essa estola, cabe a mim! Você me entende?"

"Compreendo perfeitamente", disse Egwene, no que esperava ser uma voz mansa. Se ela deixasse Romanda falar em seu lugar, não haveria mais dúvidas. O Salão e o mundo inteiro saberiam quem segurava Egwene al'Vere pela nuca.

Os olhos de Romanda pareciam perfurar sua cabeça antes que a mulher desse um breve aceno de cabeça. "Espero que sim. Pretendo remover Elaida do Trono de Amyrlin, e não verei isso arruinado porque uma criança pensa que sabe o suficiente para atravessar a rua sem segurar a mão." Com uma bufada, ela jogou a capa em volta de si e se jogou para fora da tenda. A proteção desapareceu quando ela o fez.

Egwene sentou-se e franziu a testa para a entrada da tenda. Uma criança? Que a mulher queimasse, ela era o Trono de Amyrlin! Gostando ou não, elas a elevaram e teriam que viver com isso! Eventualmente. Agarrando o tinteiro de pedra, ela o arremessou na aba da tenda.

Lelaine se esquivou, mal evitando o respingo. "Temperamento, temperamento", ela repreendeu, entrando.

Sem pedir permissão mais do que Romanda, ela abraçou a Fonte e teceu uma proteção para impedir que alguém ouvisse o que ela tinha a dizer. Onde Romanda estivera furiosa, Lelaine parecia satisfeita consigo mesma, esfregando as mãos enluvadas e sorrindo.

“Acho que não preciso dizer que seu pequeno segredo foi revelado. Muito ruim de Lord Bryne, mas acho que ele é valioso demais para matar. Uma coisa boa para ele eu faço. Deixe-me ver. Suponho que Romanda lhe disse que haverá um encontro com Pelivar e Arathelle, mas você deve deixá-la falar. Estou certa?” Egwene se mexeu, mas Lelaine acenou com a mão para ela. “Não há necessidade de responder. Eu conheço Romanda. Infelizmente para ela, fiquei sabendo disso antes dela e, em vez de correr para você imediatamente, tenho sondado as outras Votantes. Quer saber o que elas pensam?”

Egwene cerrou os punhos no colo, onde esperava que não fossem notados. “Eu espero que você me diga.”

“Você não está em posição de usar esse tom comigo”, disse Lelaine bruscamente, mas no instante seguinte, seu sorriso voltou. “O Salão está descontente com você. Muito descontente. O que quer que Romanda tenha ameaçado você — e é fácil imaginar — eu posso entregar. Romanda, por outro lado, irritou várias Votantes com seu bullying. Então, a menos que você queira se encontrar com menos autoridade do que o pouco que você tem agora, Romanda vai se surpreender amanhã quando você me nomear para falar por você. É difícil acreditar que Arathelle e Pelivar foram tolos o suficiente para colocar uma coisa dessas em movimento, mas eles vão fugir com o rabo entre as pernas quando eu terminar com eles.”

“Como eu saberei que você não vai realizar essas ameaças de qualquer maneira?” Egwene esperava que seu murmúrio irritado soasse como mau humor. Luz, mas ela estava cansada disso!

“Porque eu digo que não vou”, Lelaine retrucou. “Você não sabe agora que você não está realmente no comando de nada? O Salão

está, e isso é entre Romanda e eu. Em mais cem anos, você pode se tornar a estola, mas por enquanto, sente-se em silêncio, cruze as mãos e deixe alguém que sabe o que está prestes a fazer puxar Elaida para baixo.”

Depois que Lelaine saiu, Egwene mais uma vez ficou olhando. Desta vez, ela não estava deixando a raiva ferver. *Você pode crescer na estola.* Quase a mesma coisa que Romanda havia dito. *Alguém que sabe o que fazer.* Ela estava enganando a si mesma? Uma criança, arruinando o que uma mulher com experiência poderia lidar facilmente?

Siuan entrou na barraca e ficou parecendo preocupada. "Gareth Bryne só veio me dizer que o Salão sabe", disse ela secamente. "Sob o disfarce de perguntar sobre suas camisas. Ele e suas malditas camisas! A reunião está marcada para amanhã, em um lago cerca de cinco horas ao norte. Pelivar e Arathelle já estão a caminho. Aemlyn também. Essa é uma terceira Casa forte."

"Isso é mais do que Lelaine ou Romanda acharam adequado me dizer", disse Egwene, igualmente seca. Não. Cem anos sendo guiada pela mão, empurrada pela nuca, ou cinquenta anos, ou cinco, e ela não serviria para mais nada. Se ela tinha que crescer, ela tinha que crescer agora.

"Oh, sangue e malditas cinzas," Siuan gemeu. "Não aguento! O que eles disseram? Como foi?"

"Sobre o que esperávamos." Egwene sorriu com uma admiração que tocou sua voz também. "Siuan, elas não poderiam ter me entregado o Salão melhor se eu lhes dissesse o que fazer."

A última luz estava diminuindo quando Sheriam se aproximou de sua pequena barraca, ainda menor que a de Egwene. Se ela não fosse a Guardiã, teria que compartilhar. Abaixando-se para dentro, ela só teve tempo de perceber que não estava sozinha quando foi blindada e jogada de bruços em sua cama. Atordoadas, elas tentou gritar, mas a

ponta de um de seus cobertores se enfiou em sua boca. Vestido e camisa explodiram de seu corpo como uma bolha furada.

Uma mão acariciou sua cabeça. “Você deveria me manter informado, Sheriam. Essa garota está tramando algo, e eu quero saber o quê.”

Levou muito tempo para convencer seu questionador de que ela já havia contado tudo o que sabia, que nunca reteria uma palavra, nem um sussurro. Quando finalmente ficou sozinha, foi para ficar deitada enroscada e choramingando por causa dos vergões, desejando amargamente que nunca na vida tivesse falado com uma única irmã no Salão.



CAPÍTULO

17



Fora, no Gelo

Na manhã seguinte, uma coluna partiu para o norte do acampamento das Aes Sedai bem antes do amanhecer, quase em silêncio, exceto pelo ranger das selas e o barulho dos cascos quebrando a crosta crocante da neve. Ocasionalmente, um cavalo bufava, ou metal tilintava e era rapidamente abafado. A lua já estava baixa, o céu brilhando com estrelas, mas o cobertor pálido que cobria tudo abaixo iluminou a escuridão. Quando os primeiros vislumbres do dia apareceram no leste, elas estavam cavalgando há uma boa hora ou mais. O que não significava que tivessem viajado muito. Ao longo de alguns trechos abertos, Egwene conseguiu deixar Daishar ir em um galope lento que espirrava neve como se espirrasse água, mas na maior parte do tempo, os cavalos andavam, e não rapidamente, através da floresta esparsa onde a neve fazia grandes derrapagens abaixo e se agarrava aos galhos acima. Carvalhos e pinheiros, sorgo e folhas de couro e árvores que ela não reconhecia, todos pareciam ainda mais arrasados do que pareciam no calor e na seca. Hoje era o Banquete de Abram, mas não haveria prêmios assados em bolos de mel. A Luz enviava algumas pessoas para encontrar surpresas no dia, no entanto.

O sol nascia e subia, uma bola dourada pálida que não dava calor. Cada respiração ainda mordida a garganta e produzia um sopro de névoa. Um vento forte soprou, não forte, mas cortante, e para o oeste nuvens escuras rolavam para o norte a caminho de Andor. Ela sentiu uma ponta de pena por quem fosse conhecer o peso daquelas nuvens. E alívio porque elas estavam indo embora. Esperar mais um dia teria sido enlouquecedor. Ela não conseguira dormir, por causa da inquietação, não por dores de cabeça. Inquietação e gavinhas de medo que se infiltravam como ar frio sob as bordas da tenda. Não estava cansada, no entanto. Ela se sentia como uma mola comprimida, um relógio apertado, cheio de energia que queria desesperadamente encontrar a liberação. Luz, tudo ainda podia dar terrivelmente errado.

Era uma coluna impressionante, com o estandarte da Torre Branca, a Chama branca de Tar Valon centrada em uma espiral de sete cores, uma para cada Ajah. Costurado secretamente em Salidar, estava desde então no fundo de um baú, com as chaves à guarda do Salão. Ela não achava que elas teriam produzido isso, exceto pela necessidade de pompa esta manhã. Mil cavalarias pesadas em placas e cotas de malha forneciam uma escolta cerrada, uma panóplia de lanças, espadas, maças e machados raramente vistos ao sul das Fronteiras. O comandante deles era um shienarano caolho com um tapa-olho pintado de forma vívida, um homem que ela conhecera uma vez, o que parecia uma era atrás. Uno Nomesta olhava para as árvores através das barras de aço do protetor facial de seu capacete como se esperasse que cada uma escondesse uma emboscada, e seus homens pareciam quase tão atentos, eretos em suas selas.

Quase fora de vista adiante, por entre as árvores, cavalgava um grupo de homens que usavam capacetes, peitorais e placas traseiras, mas nenhuma outra armadura. Suas capas balançavam livremente; uma mão enluvada para as rédeas e uma mão para o arco curto que cada um carregava não deixava nada para se agarrar ao calor. Havia mais adiante, e além da vista à esquerda, à direita e atrás, outros mil

ao todo, para reconhecimento e proteção. Gareth Bryne não esperava trapaça dos andoreanos, mas já havia se enganado antes, disse ele, e os murandianos eram outra questão. E então havia a possibilidade de assassinos a mando de Elaida, ou até mesmo de Amigos das Trevas. Só a Luz sabia quando um Amigo das Trevas poderia decidir matar, ou por quê. Aliás, embora os Shaido estivessem supostamente longe, ninguém parecia saber que eles estavam num local até que a matança começasse. Até bandidos podiam tentar a sorte com um grupo muito pequeno. Lorde Bryne não era homem de se arriscar desnecessariamente, e Egwene ficou muito feliz. Hoje, ela queria tantas testemunhas quanto possível.

Ela própria cavalgava à frente do estandarte, com Sheriam, Siuan e Bryne. As outras pareciam presas em seus próprios pensamentos. Lorde Bryne sentou-se facilmente na sela, a névoa de sua respiração uniforme formando uma leve geada em seu protetor facial, mas Egwene podia vê-lo calmamente marcando o terreno em sua mente. No caso de ele ter que lutar por ele. Siuan cavalgava com tanta rigidez que ficaria dolorida muito antes de chegar ao destino, mas olhava para o norte como se já pudesse ver o lago, e às vezes acenava para si mesma ou balançava a cabeça. Ela não teria feito isso a menos que estivesse desconfortável. Sheriam não sabia mais do que estava por vir do que as Votantes, mas parecia ainda mais nervosa do que Siuan, mexendo-se constantemente na sela e fazendo caretas. A raiva brilhava em seus olhos verdes também, por algum motivo.

Logo atrás do estandarte, vinha todo o Salão da Torre em coluna dupla, vestindo sedas bordadas e veludos ricos e peles e mantos com a Chama grande nas costas. As mulheres que raramente usavam mais ornamentos do que o anel da Grande Serpente estavam enfeitadas hoje com as melhores pedras preciosas que os baús de joias do acampamento podiam fornecer. Seus Guardiões faziam uma exibição mais esplêndida simplesmente vestindo seus mantos que mudavam de cor; partes dos homens pareciam desaparecer

enquanto as capas inquietantes giravam na brisa forte. Os criados seguiam, dois ou três para cada irmã, nos melhores cavalos que podiam ser encontrados para eles. Eles poderiam ter passado por uma nobreza menor se vários deles não estivessem guiando animais de carga; todos os baús do acampamento foram saqueados para equipá-los com cores vivas.

Talvez por ser uma das Votantes sem Guardiã, Delana trouxera Halima, numa animada égua branca. As duas cavalgavam quase joelho a joelho. Às vezes, Delana se inclinava para Halima para falar em particular, embora Halima parecesse muito animada para ouvir. Supostamente, Halima era a secretária de Delana, mas todos acreditavam que era um caso de caridade, ou possivelmente amizade, embora improvável, entre a digna irmã de cabelos claros e a mulher do campo de cabelos negros e de temperamento quente. Egwene tinha visto a mão de Halima, e tinha o aspecto informe de uma criança que acaba de aprender as letras. Hoje, ela estava em roupas tão finas quanto as de qualquer irmã, com gemas que facilmente igualavam às de Delana, que devia ter sido sua fonte. Sempre que uma rajada abria seu manto de veludo, ela exibia uma quantidade chocante de seios, e ela sempre ria e tomava seu tempo para reuni-lo novamente, recusando-se a admitir que sentia o frio mais do que as irmãs.

Pela primeira vez, Egwene ficou feliz com todos os presentes de roupas que recebeu, permitindo que ela superasse as Votantes. Sua seda verde e azul era cortada de branco e trabalhada com pérolas. Pérolas até decoravam as costas de suas luvas. No último minuto, um manto forrado de arminho foi providenciado por Romanda, e um colar e brincos de esmeraldas e opalas brancas por Lelaine. As pedras da lua em seu cabelo vieram de Janya. A Amyrlin devia estar resplandecente hoje. Até Siuan parecia pronta para um baile, em veludo azul e renda creme, com uma larga faixa de pérolas no pescoço e mais amarradas no cabelo.

Romanda e Lelaine lideravam as Votantes, cavalgando tão perto do soldado que carregava o estandarte que ele olhava nervosamente por cima do ombro e às vezes aproximava o cavalo dos cavaleiros à sua frente. Egwene conseguiu não olhar para trás mais de uma ou duas vezes, mas podia sentir seus olhos pressionando entre suas omoplatas. Cada uma pensava que ela estava amarrada em um pacote arrumado, mas cada uma devia estar se perguntando quais cordas haviam feito a amarração. Ah, Luz, isso não podia dar errado. Agora não.

Além da coluna, pouco se movia em toda aquela paisagem coberta de neve. Um falcão de asas largas girou sobre o céu azul frio por um tempo antes de voar para o leste. Por duas vezes, Egwene viu raposas de cauda preta trotando à distância, ainda em sua pele de verão, e uma vez, um grande cervo com chifres bifurcados altos desapareceu como um fantasma e sumiu entre as árvores. Uma lebre, andando bem debaixo dos cascos de Bela e saltando, fez a égua peluda balançar a cabeça, e Siuan ganiu e agarrou as rédeas como se esperasse que Bela fugisse. Claro, Bela apenas deu um bufo de reprovação e seguiu em frente. O alto capão ruão de Egwene estremeceu mais, e a lebre não se aproximou dele.

Siuan começou a resmungar baixinho depois que a lebre saiu correndo, e levou algum tempo até ela soltar as rédeas de Bela. Andar a cavalo sempre a deixava mal-humorada — ela viajava em uma das carroças sempre que possível — mas raramente era tão ruim assim. Não havia necessidade de olhar além de Lorde Bryne, ou seus olhares ferozes para ele, para saber o motivo.

Se ele notou os olhares de Siuan, não deu sinal. O único que não estava bem vestido, ele parecia como sempre, simples e um pouco maltratado. Uma rocha que havia resistido a tempestades e que sobreviveria a mais por vir. Por alguma razão, Egwene ficou feliz por ele ter resistido aos esforços delas para vesti-lo com roupas mais finas. Elas realmente precisavam causar uma boa impressão, mas ela achava que ele era excelente como era.

"É uma bela manhã para estar na sela", disse Sheriam depois de um tempo. "Nada como um bom passeio na neve para limpar a cabeça." Sua voz não era baixa, e ela lançou os olhos para Siuan ainda murmurando com um pequeno sorriso.

Siuan não disse nada — ela dificilmente poderia fazer isso na frente de tantos olhos —, mas ela deu a Sheriam um olhar duro que prometia palavras afiadas para mais tarde. A mulher de cabelos cor de fogo se afastou abruptamente com algo muito perto de um estremecimento. Wing, sua égua cinza malhada, deu alguns passos empinados, e Sheriam a acomodou com uma mão quase firme demais. Mostrava pouca gratidão à mulher que a nomeou Mestra das Noviças e, como a maioria nessa posição, encontrava motivos para culpar Siuan. Era a única falha que Egwene havia encontrado nela desde o palavrão. Bem, ela havia protestado que, como Guardiã, ela não deveria ter que receber ordens de Siuan como as outras que juraram, mas Egwene viu imediatamente aonde isso levaria. Não era a primeira vez que Sheriam tentava plantar uma farpa. Siuan insistia em lidar com Sheriam, e seu orgulho era muito frágil para Egwene negar o pedido, a menos que as coisas saíssem do controle.

Egwene desejou que houvesse alguma maneira de ganhar mais velocidade. Siuan voltou a resmungar, e Sheriam estava obviamente pensando em outra coisa para dizer que não traria exatamente uma repreensão. Todos aqueles murmúrios e olhares cortantes começaram a encontrar seu caminho sob a pele de Egwene. Depois de um tempo, até a postura equilibrada de Bryne começou a se desgastar. Ela se pegou pensando em coisas que poderia dizer que iriam abalar sua compostura. Infelizmente — ou talvez felizmente — ela não acreditava que nada pudesse. Mas se tivesse que esperar muito mais, pensou que poderia explodir de pura impaciência.

O sol subiu perto do meio-dia, os quilômetros dolorosamente lentos ficaram para trás e, por fim, um dos cavaleiros à frente se virou e levantou a mão. Com um pedido de desculpas apressado a Egwene, Bryne avançou a galope. Na verdade, foi mais um trote

pesado na neve para seu robusto cavalo capão, Traveler, mas ele alcançou os batedores, trocou algumas palavras, depois os enviou por entre as árvores e esperou que Egwene e as outras o alcançassem.

Quando ele estava ao lado dela mais uma vez, Romanda e Lelaine se juntaram a eles. As duas Votantes mal reconheceram a presença de Egwene, fixando Bryne com a serenidade fria que abalava tantos homens diante de Aes Sedai. Exceto que de vez em quando, cada uma olhava de lado para a outra de uma forma ponderada. Elas mal pareciam perceber o que estavam fazendo. Egwene esperava que estivessem tão nervosas quanto ela; ficaria satisfeita com isso.

Olhares serenos e frios inundaram Bryne como chuva sobre aquela rocha. Ele fez ligeiras reverências às Votantes, mas falou com Egwene. “Eles já chegaram, Mãe.” Isso era esperado. “Trouxeram quase tantos homens quanto nós, mas estão todos no lado norte do lago. Coloquei olheiros para garantir que ninguém tente circular, mas, na verdade, não espero isso.”

“Vamos torcer para que você esteja certo,” Romanda disse a ele bruscamente, e Lelaine acrescentou em um tom muito mais frio, “Seu julgamento não tem sido tudo o que deveria ser, ultimamente, Lorde Bryne.” Um tom frio e cortante.

“Como você diz, Aes Sedai.” Ele fez outra leve reverência sem realmente se virar de Egwene. Como Siuan, ele estava ligado a ela abertamente agora, pelo menos no que dizia respeito ao Salão. Se ao menos elas não soubessem com que força. Se ao menos ela pudesse ter certeza de quão apertado. “Mais uma coisa, Mãe,” ele continuou. “Talmanes também está lá no lago. Há cerca de uma centena do bando no lado leste. Não o suficiente para causar problemas, mesmo que ele quisesse, e com poucas chances, eu acho.”

Egwene apenas assentiu. Não o suficiente para causar problemas? Talmanes por si só podia ser suficiente! Ela provou bile. Isso... não... poderia... dar... errado... agora!

“Talmanes!” Lelaine exclamou, a serenidade estilhaçando. Ela devia estar tão nervosa quanto Egwene. “Como ele descobriu? Se você incluiu Devotos do Dragão em sua trama, Lord Bryne, realmente aprenderá o que significa ir longe demais!

Bem em cima dela, Romanda rosnou: “Isso é vergonhoso! Você diz que só soube da presença dele agora? Se for assim, sua reputação está inchada como um furúnculo!” A calma das Aes Sedai era uma camada fina para algumas hoje, ao que parecia.

Elas continuaram nessa linha, mas Bryne continuou, apenas murmurando um ocasional “Como você disser, Aes Sedai”, quando ele tinha que dizer alguma coisa. Ele havia recebido pior na audiência de Egwene esta manhã e não reagiu mais. Foi Siuan quem finalmente bufou, e então ficou vermelha quando as Votantes a olharam surpresas. Egwene quase balançou a cabeça. Siuan estava definitivamente apaixonada. E ela definitivamente precisava conversar! Por alguma razão, Bryne sorriu, mas isso podia ter sido apenas porque ele não era mais o objeto da atenção das Votantes.

As árvores deram lugar a outro espaço aberto, maior do que a maioria, e não havia mais tempo para pensamentos frívolos.

Com exceção de uma borda larga de juncos altos e taboas marrons que espreitavam através da neve, nada chamaria aquilo de lago. Poderia ter sido um grande prado, plano e de forma bastante oval. A alguma distância da linha das árvores, no lago congelado, havia um grande dossel azul em postes altos, com uma pequena multidão de pessoas se aglomerando em torno dele e dezenas de cavalos mantidos por servos atrás. A brisa agitava um emaranhado brilhante de flâmulas e estandartes, e carregava gritos abafados que só podiam ser ordens. Mais servos correram apressadamente. Aparentemente, eles não estavam lá tempo suficiente para terminar seus preparativos.

Talvez a um quilômetro e meio de distância, as árvores recomeçaram, e a fraca luz do sol refletia o metal ali. Bastante metal,

estendendo-se ao longo da margem oposta. A leste, quase tão perto quanto o pavilhão, os cem homens do Bando não fizeram nenhum esforço para se esconder, de pé ao lado de suas montarias bem perto de onde começavam as taboas. Alguns deles apontaram quando a bandeira de Tar Valon apareceu. As pessoas no pavilhão pararam para olhar.

Egwene não parou antes de cavalgar para o gelo coberto de neve. Ela se imaginou como um botão de rosa se abrindo para o sol, aquele velho exercício de noviça. Ela realmente não abraçou *saidar*, mas a calma que veio foi muito bem-vinda.

Siuan e Sheriam seguiram, e as Votantes com seus Guardiões, e os criados. Lorde Bryne e o vassalo foram os únicos dois soldados que foram. Gritos subindo atrás dela falavam de Uno colocando seus cavaleiros blindados em posição ao longo da costa. Os homens com armaduras mais leves estavam dispostos em ambos os lados, aqueles que não estavam desprotegidos contra a traição. Uma razão pela qual o lago havia sido escolhido era que o gelo era espesso o suficiente para conter um bom número de cavalos, mas não centenas, muito menos milhares. Isso reduzia a chance de trapaça. É claro que um pavilhão além do tiro de arco não estava fora do alcance do Poder Único, não se pudesse ser visto. Exceto que o pior homem do mundo sabia que estava a salvo disso, a menos que ameaçasse uma irmã. Egwene respirou fundo e recomeçou a ficar calma.

Uma saudação adequada para o Trono de Amyrlin deveria ter trazido servos correndo com bebidas quentes e panos enrolados em tijolos quentes, e os próprios senhores e senhoras para tomar as rédeas e oferecer um beijo em sinal de Abram. Qualquer visitante de alta posição teria os criados, mas ninguém saiu do pavilhão. O próprio Bryne desmontou e veio segurar a rédea de Daishar, e o mesmo jovem esguio que viera com carvão fresco no dia anterior correu para segurar o estribo de Egwene. Seu nariz ainda pingava, mas em um casaco de veludo vermelho um pouco grande demais

para ele e um manto azul brilhante, ele ofuscava qualquer um dos nobres que estavam olhando por baixo do dossel. Eles pareciam estar em lã robusta em sua maior parte, sem muitos bordados e muito pouca seda ou renda. Provavelmente tiveram que se esforçar para encontrar roupas adequadas assim que a neve começou, e elas já estavam em marcha. Embora a simples verdade fosse que o jovem poderia ter superado um Latoeiro.

Tapetes tinham sido colocados no chão do pavilhão e braseiros acesos, embora a brisa levasse o calor e a fumaça igualmente. As cadeiras ficaram em duas filas opostas para as delegações, oito em cada lado. Não esperavam tantas irmãs. Alguns dos nobres que esperavam trocaram olhares de consternação, e vários de seus servos realmente torceram as mãos, perguntando-se o que fazer. Eles não precisam fazer nada.

As cadeiras eram uma miscelânea desigual, mas eram todas iguais em tamanho, e nenhuma estava visivelmente mais gasta ou surrada do que a outra. Nenhum tinha entalhes visivelmente mais ou menos dourados. O jovem esguio e vários outros trotaram para dentro e sob as carrancas dos nobres, sem sequer pedir licença, carregaram aquelas destinadas às Aes Sedai para a neve e depois correram para ajudar a descarregar os cavalos de carga. Ainda assim, ninguém falou uma palavra.

Rapidamente, os assentos foram arrumados o suficiente para todo o Salão e Egwene. Apenas bancos simples, embora polidos até brilharem, mas cada um estava sobre uma ampla caixa coberta com um pano na cor da Ajah da Votante, em uma longa fileira da largura do dossel. A caixa colocada na frente, para o banco de Egwene, era listrada como sua estola. Houve uma grande agitação durante a noite, começando com a descoberta de cera de abelha para polimento e bons tecidos das cores certas.

Quando Egwene e as Votantes tomaram seus lugares, sentaram-se trinta centímetros mais alto do que qualquer outra pessoa. Ela

teve suas dúvidas sobre isso, mas a falta de qualquer palavra de boas-vindas as sanou. O fazendeiro mais malvado teria oferecido uma taça e um beijo a um vagabundo na festa de Abram. Elas não eram suplicantes e não eram iguais. Eram Aes Sedai.

Guardiões estavam atrás de suas Aes Sedai, e Siuan e Sheriam ladeavam Egwene. As irmãs ostensivamente jogaram para trás as capas e as luvas para enfatizar que o frio não as tocava, um nítido contraste com os nobres segurando suas próprias capas. Do lado de fora, a Chama de Tar Valon se elevou na brisa que endurecia. Apenas Halima, descansando ao lado da cadeira de Delana na beira da caixa coberta de cinza, estragava a grande imagem, mas seus grandes olhos verdes olhavam para os andoreanos e murandianos com tanto desafio, que não estragava muito.

Houve alguns olhares quando Egwene se sentou na frente, mas apenas alguns. Ninguém parecia realmente surpreso. *Suponho que já ouviram falar da garota Amyrlin*, pensou secamente. Bem, houve rainhas mais jovens, incluindo rainhas de Andor e Murandy. Calmamente, ela assentiu, e Sheriam gesticulou para a fileira de cadeiras. Não importava quem tenha chegado primeiro ou fornecido o pavilhão, não havia dúvida de quem havia convocado esta reunião. Quem estava no comando.

Sua ação não foi bem recebida, é claro. Houve um momento de hesitação silenciosa enquanto os nobres procuravam alguma maneira de recuperar o equilíbrio, e não foram poucas as caretas ao perceberem que isso não poderia ser feito. De rostos sombrios, oito deles se sentaram, quatro homens e quatro mulheres, com muita raiva reunindo capas e ajustando saias. Os de menor posição estavam atrás das cadeiras, e claramente havia pouco amor entre andoreanos e murandianos. Aliás, os murandianos, homens e mulheres, resmungavam e empurravam uns aos outros pela precedência tão ferozmente quanto faziam com seus “aliados” do norte. As Aes Sedai também receberam muitos olhares sombrios, e algumas pessoas pouparam carrancas para Bryne, que estava de

lado com o elmo debaixo do braço. Ele era bem conhecido em ambos os lados da fronteira e respeitado até mesmo pela maioria daqueles que gostariam de vê-lo morto. Pelo menos, esse tinha sido o caso antes de ele aparecer liderando o exército das Aes Sedai. Ele ignorou seus olhares ácidos como tinha ignorado as línguas ácidas das Votantes.

Outro homem não se juntou a nenhuma das partes. Um homem pálido, menos de um palmo mais alto que Egwene, de casaco escuro e couraça, usada à frente da cabeça raspada, e havia um longo lenço vermelho amarrado no braço esquerdo. Seu manto de um cinza profundo tinha uma grande mão Vermelha trabalhada no peito. Talmanes estava de pé em frente a Bryne, encostado em um dos postes do pavilhão com uma despreocupação arrogante, e observava sem revelar um pinga de seus pensamentos. Egwene desejou saber o que ele estava fazendo ali. Ela desejou que soubesse o que ele tinha dito antes que ela chegasse. De qualquer forma, tinha que falar com ele. Se pudesse ser arranjado, sem cem ouvidos escutando.

Um homem magro e envelhecido com uma capa vermelha, sentado no meio da fileira de cadeiras, inclinou-se e abriu a boca, mas Sheriam o impediu com uma voz clara e carregada.

“Mãe, posso apresentar a você, de Andor, Arathelle Renshar, Alto Assento da Casa Renshar. Pelivar Coelan, Alto Assento da Casa Coelan. Aemlyn Carand, Alto Assento da Casa Carand, e seu marido, Culhan Carand.” Eles reconheceram seus nomes com amargura, com acenos breves e nada mais. Pelivar era o homem magro; ele estava perdendo seu cabelo escuro pela frente. Sheriam continuou sem pausa; foi bom que Bryne pudesse fornecer os nomes daqueles que foram escolhidos para falar. “Posso apresentar, de Murandy, Donel do Morny a’Lordeine. Cian de Mehon a’Macansa. Paitr de Fearn a’Conn. Segan de Avharin a’Roos.” Os murandianos pareciam sentir a falta de títulos ainda mais do que os andoreanos. Donel, usando mais rendas do que a maioria das mulheres, torceu os bigodes encaracolados ferozmente, e Paitr parecia estar tentando soltá-lo.

Segan franziu os lábios carnudos e seus olhos escuros pegaram fogo, enquanto Cian, uma mulher encorpada e grisalha, bufou bem alto. Sheriam não deu atenção. “Vocês estão sob os olhos do Guardiã dos Selos. Vocês estão diante da Chama de Tar Valon. Vocês podem apresentar suas súplicas ao Trono de Amyrlin.

Bem. Eles não gostaram disso, nem um pouco. Egwene já os achara azedos antes, mas agora pareciam cheios de caquis verdes. Talvez eles tivessem acreditado que podiam fingir que ela não era a Amyrlin. Eles aprenderiam. Claro, primeiro ela tinha que ensinar ao Salão.

“Existem laços antigos entre Andor e a Torre Branca,” ela disse em voz alta e firme. “As irmãs sempre esperaram boas-vindas em Andor ou Murandy. Por que então vocês trazem um exército contra Aes Sedai? Vocês se intrometem onde tronos e nações temem pisar. Tronos caíram, intrometendo-se nos assuntos das Aes Sedai.”

Isso soou adequadamente ameaçador, quer Myrelle e as outras tenham conseguido ou não preparar seu caminho. Com sorte, elas estavam bem no caminho de volta para o acampamento, sem ninguém saber. A menos que um desses nobres falasse o nome errado. Isso faria com que ela perdesse uma vantagem contra o Salão, mas ao lado de todo o resto, era uma agulha ao lado de um palheiro.

Pelivar trocou olhares com a mulher sentada ao lado dele, e ela se levantou. As rugas em seu rosto não conseguiam disfarçar o fato de Arathelle ter sido uma mulher bonita e de ossos finos quando jovem; agora, fios cinza se enroscavam grossamente em seu cabelo, e seu olhar era tão duro quanto o de qualquer Guardiã. Suas mãos enluvadas em vermelho agarraram as bordas de sua capa em seus lados, mas claramente sem preocupação. Com a boca comprimida em uma linha fina, ela esquadrinhou a linha de Votantes, e só então falou. Passando por Egwene, para as irmãs atrás dela. Apertando os dentes, Egwene fez uma expressão atenta.

“Estamos aqui precisamente porque não queremos nos enredar nos assuntos da Torre Branca.” A voz de Arathelle tinha um tom de autoridade, o que não era surpreendente no Alto Assento de uma poderosa Casa. Não havia indícios da desconfiança que se poderia esperar, mesmo de um poderoso assento alto, enfrentando tantas irmãs, para não mencionar o Trono de Amyrlin. “Se tudo o que ouvimos é verdade, na melhor das hipóteses, permitir que vocês passem por Andor sem impedimentos pode parecer uma ajuda, ou mesmo uma aliança, aos olhos da Torre Branca. Deixar de nos opor a vocês pode significar aprender o que a uva aprende na fábrica de vinhos.” Vários dos murandianos voltaram suas carrancas para ela. Ninguém em Murandy tentou impedir a passagem das irmãs. Muito provavelmente, ninguém havia considerado as possibilidades além do dia em que passaram para as terras de outro.

Arathelle continuou como se não tivesse notado, mas Egwene duvidava disso. “Na pior das hipóteses... Ouvimos... relatos... de Aes Sedai entrando em Andor em segredo, e Guardas da Torre. Rumores podem ser uma palavra melhor, mas eles vêm de muitos lugares. Nenhum de nós gostaria de ver uma batalha entre Aes Sedai em Andor.”

“A Luz nos preserve e proteja!” Donel explodiu, com o rosto vermelho. Paitr assentiu encorajando, deslizando para a borda de seu assento, e Cian parecia pronta para pular sobre si mesma. “Ninguém quer ver isso aqui também!” Donel cuspiu. “Não entre Aes Sedai! Com certeza, ouvimos o que aconteceu no leste! E aquelas irmãs...!”

Egwene respirou um pouco mais facilmente quando Arathelle pisou nele com firmeza. “Por favor, lorde Donel. Você terá sua vez de falar.” Ela se virou para Egwene — para as Votantes mais uma vez, na verdade — sem esperar pela resposta dele, deixando-o balbuciando e os outros três murandianos carrancudos. Ela mesma parecia bastante imperturbável, simplesmente uma mulher expondo

os fatos. Colocando-os para fora, e significando que eles deveriam ser vistos como ela os via.

"Como eu estava dizendo. Isso é o pior que tememos, se as histórias forem verdadeiras. E também se não forem. Aes Sedai podem estar se reunindo secretamente em Andor, com os Guardas da Torre. Aes Sedai com um exército estão prontas para entrar em Andor. Muitas vezes a Torre Branca parecia mirar em um alvo, apenas para o resto de nós descobrirmos mais tarde que estava mirando em outro o tempo todo. Eu mal posso imaginar a Torre Branca indo tão longe, mas se alguma vez houve um alvo para o qual vocês poderiam virar, é a Torre Negra." Arathelle estremeceu levemente, e Egwene não achou que fosse o frio. "Uma batalha entre Aes Sedai pode arruinar a terra por quilômetros ao redor. Essa batalha pode arruinar metade de Andor.

Pelivar levantou-se de um salto. "A verdade é que vocês devem seguir outro caminho." Sua voz era surpreendentemente alta, mas não menos firme que a de Arathelle. "Se devo morrer para defender minhas terras e meu povo, melhor aqui do que onde minhas terras e meu povo morrem também."

Ele se acalmou com o gesto reconfortante de Arathelle, afundando de volta em sua cadeira. De olhos duros, ele não parecia apaziguado. Aemlyn, uma mulher roliça envolta em lã escura, concordou com a cabeça, assim como seu marido de rosto quadrado.

Donel olhou para Pelivar como se ele também nunca tivesse tido esse pensamento, e ele não fosse o único. Alguns dos murandianos de pé começaram a discutir em voz alta até que outros os silenciaram. Às vezes com o punho fechado. O que havia possuído essas pessoas para unir forças com os andoreanos?

Egwene respirou fundo. Um botão de rosa, abrindo-se para o sol. Eles não a reconheceram como o Trono de Amyrlin — Arathelle chegou o mais perto possível de ignorá-la sem afastá-la! —, mas deram a ela tudo o mais que ela poderia ter desejado. Calma. Agora

era quando Lelaine e Romanda estariam esperando que ela nomeasse uma delas para lidar com as negociações. Ela esperava que seus estômagos estivessem cheios de nós, imaginando qual delas seria. Não haveria negociações. Não poderia haver nenhuma.

“Elaida,” ela disse calmamente, olhando Arathelle e os nobres sentados por sua vez, “é uma usurpadora que violou o que está no coração da Torre Branca. Eu sou o Trono de Amyrlin.” Ela ficou surpresa com o quão majestosa ela conseguiu soar, quão calma. Mas não tão surpresa quanto teria ficado. Que a Luz a ajudasse, ela era o Trono de Amyrlin. “Nós vamos a Tar Valon para remover Elaida e julgá-la, mas isso é assunto da Torre Branca, e de nenhum de vocês, exceto saber a verdade. Essa assim chamada Torre Negra também é nosso problema; homens que podem canalizar sempre foram assunto da Torre Branca. Vamos lidar com eles como quisermos, quando chegar a hora, mas garanto-lhes que não é agora. Assuntos mais importantes devem ter precedência.”

Ela ouviu movimento entre as Votantes atrás dela. Uma mudança real nos bancos e o farfalhar nítido de saias divididas sendo ajustadas. Pelo menos algumas deviam estar severamente agitadas. Bem, vários sugeriram que a Torre Negra poderia ser tratada na passagem. Ninguém acreditava que poderia haver mais de uma dúzia de homens lá no máximo, não importa o que ouvissem; afinal, simplesmente não era possível que centenas de homens quisessem canalizar. Então, novamente, podia ter sido a percepção de que Egwene não iria nomear Romanda ou Lelaine.

Arathelle franziu a testa, talvez percebendo alguma coisa no ar. Pelivar se mexeu, a ponto de se levantar novamente, e Donel se endireitou, queixoso. Não havia nada nisso, além de pressionar. Nunca houve.

“Eu entendo suas preocupações,” ela continuou no mesmo tom formal, “e vou abordá-las.” O que era aquele estranho chamado às armas que o Bando usou? Sim. Era hora de jogar os dados. “Eu lhe

dou essa garantia como o Trono de Amyrlin. Por um mês ficaremos aqui, descansando, e depois deixaremos Murandy, mas não cruzaremos a fronteira para Andor. Murandy não será mais incomodada por nós depois disso, e Andor não será mais incomodada. Tenho certeza”, acrescentou ela, “que os senhores e senhoras murandianos aqui ficarão felizes em suprir nossas necessidades em troca de boa prata. Pagaremos preços justos.” Não fazia sentido apaziguar os andoreanos se isso significasse que os murandianos atacassem os cavalos e os trens de suprimentos.

Os murandianos, olhando em volta inquietos, pareciam decididamente divididos em qualquer caso. Havia moedas a serem feitas, e muitas delas abastecendo um exército tão grande, mas, por outro lado, quem poderia pechinchar com sucesso com o que quer que um exército tão grande oferecesse? Donel realmente parecia pronto para vomitar, enquanto Cian parecia estar fazendo contas em sua cabeça. Murmúrios se ergueram entre os espectadores. Mais do que murmúrios; quase alto o suficiente para Egwene.

Ela queria olhar por cima do ombro. O silêncio das Votantes era ensurdecedor. Siuan estava olhando para frente e segurando suas saias como se quisesse se manter olhando para frente com força. Pelo menos ela sabia o que estava por vir. Sheriam, que não sabia, olhou para os andoreanos e murandianos majestosamente, calmamente, como se esperasse cada palavra.

Egwene precisava fazê-los esquecer a garota que viam diante deles, e ouvir uma mulher com as rédeas do poder firmemente na mão. Se não estivessem em suas mãos agora, estariam! Ela firmou a voz. “Ouçam-me bem. Eu tomei minha decisão; cabe a vocês aceitá-la. Ou enfrentar o que certamente virá do seu fracasso.” Quando ela ficou em silêncio, o vento soprou em um uivo breve, sacudindo o dossel, puxando as roupas. Egwene ajeitou o cabelo com calma. Alguns dos nobres que observavam tremeram e estremeceram seus mantos ao redor deles, e ela esperava que seus arrepios viessem de mais do que o clima.

Arathelle trocou olhares com Pelivar e Aemlyn, e todos os três estudaram as Votantes antes de assentir lentamente. Eles acreditavam que ela estava apenas murmurando as palavras que as Votantes colocaram em sua língua! Mesmo assim, Egwene quase suspirou de alívio.

"Será como você diz", disse a nobre de olhos duros. Mais uma vez, às Votantes. "Não duvidamos da palavra das Aes Sedai, é claro, mas você entenderá se também permanecermos. Às vezes, o que você ouve não é o que você pensa que ouviu. Não que seja o caso aqui, tenho certeza. Mas nós vamos ficar enquanto você ficar." Donel realmente parecia pronto para se esvaziar. Muito provavelmente suas terras estavam próximas. Os exércitos andoreanos em Murandy raramente eram conhecidos por pagar por qualquer coisa.

Egwene se levantou, e ela podia ouvir o farfalhar das Votantes subindo atrás dela. "Está combinado, então. Devemos todos partir logo, se quisermos voltar para nossas próprias camas antes de escurecer, mas devemos poupar alguns momentos. Conhecer-nos um pouco melhor agora pode evitar mal-entendidos mais tarde." E a conversa poderia lhe dar uma chance de chegar a Talmanes. "Ah. Uma outra coisa que todos vocês devem estar cientes. O livro para iniciantes agora está aberto a qualquer mulher, independentemente de sua idade, se ela for verdadeira." Arathelle piscou. Sivan não o fez, mas Egwene pensou ter ouvido um leve grunhido. Isso não fazia parte do que elas haviam discutido, mas nunca haveria um momento melhor. "Venham. Tenho certeza de que todos gostariam de falar com as Votantes. Deixar a formalidade ir."

Sem esperar que Sheriam estendesse a mão, ela desceu. Quase sentiu vontade de rir. Na noite anterior, ela tinha medo de nunca alcançar seu objetivo, mas estava no meio do caminho, quase no meio do caminho, e não tinha sido tão difícil quanto ela temia. Claro, a outra metade permanecia.



CAPÍTULO

18



Um Chamado Peculiar

Por um momento depois que Egwene desceu, ninguém mais se mexeu. E então os andoreanos e murandianos se dirigiram para as Votantes, quase como um. Aparentemente, uma garota Amyrlin — uma garota fantoche e figura de proa! — não tinha interesse, não com rostos sem idade na frente deles, que pelo menos diziam que estavam realmente falando com Aes Sedai. Dois ou três lordes e damas agruparam-se em torno de cada Votante, alguns erguendo o queixo com exigência, outros curvando o pescoço com timidez, mas todos insistindo em ser ouvidos. A brisa afiada afastou a névoa de sua respiração e mantos esvoaçantes esquecidos na importância de fazer suas perguntas. Sheriam também foi abordada, por Lord Donel, de rosto vermelho, que vociferava e fazia reverências alternadamente.

Egwene puxou Sheriam para longe do homem de olhos estreitos. "Descubra discretamente tudo o que puder sobre essas irmãs e Guardas da Torre em Andor", ela sussurrou apressadamente. Assim que ela soltou a mulher, Donel a recuperou. Sheriam realmente parecia malcriada, mas sua carranca desapareceu rapidamente. Donel piscou inquieto quando ela começou a questioná-lo.

Romanda e Lelaine olharam para Egwene no meio da multidão com rostos esculpidos em gelo, mas cada uma tinha adquirido um par de nobres que queriam... Alguma coisa. Garantia de que não havia truque escondido nas palavras de Egwene, talvez. Como elas odiariam fazer isso, mas que se esquivassem e se abaixassem como quisessem — e o fariam! — não havia como realmente evitar essa garantia sem repudiá-la na hora. Mesmo aquelas duas não iriam tão longe. Não aqui, não publicamente.

Siuan deslizou para perto de Egwene, as feições marcadas pela mansidão. Exceto que seus olhos dispararam, talvez procurando por Romanda ou Lelaine vindo para pegá-las onde estavam, e esquecer a lei, o costume, o decoro e quem estava assistindo. “Shein Chunla,” ela quase assobiou em um sussurro.

Egwene assentiu, mas seus olhos procuraram Talmanes. A maioria dos homens e algumas das mulheres eram altas o suficiente para escondê-lo. Com todo mundo se mexendo... Ela ficou na ponta dos pés. Para onde ele foi?

Segan se plantou na frente dela, punhos nos quadris, olhando para Siuan com dúvida. Egwene baixou os calcanhares apressadamente. A Amyrlin não podia andar de um lado para o outro como uma garota em um baile à procura de um garoto. Um botão de rosa desabrochando. Calma. Serenidade. Que se doessem todos os homens!

Uma mulher esbelta com longos cabelos escuros, Segan parecia ter nascido petulante, sua boca cheia presa em um beicinho. Seu vestido era de boa lã azul e feito para o calor, mas tinha bordados verdes muito vívidos em seu peito, e suas luvas eram brilhantes o suficiente para um funileiro. Ela olhou Egwene de cima a baixo, franzindo os lábios, com tanta incredulidade no rosto quanto ela havia dado a Siuan. “O que você disse sobre o livro de noviças,” ela disse abruptamente. “Você estava se referindo a qualquer mulher de qualquer idade? Qualquer uma pode se tornar Aes Sedai, então?”

Uma pergunta próxima ao coração de Egwene, e uma resposta que ela queria muito dar — junto com um tapa na orelha para a dúvida — mas naquele momento uma pequena lacuna no fluxo de pessoas mostrou a ela Talmanes perto dos fundos do pavilhão. Falando com Pelivar! Eles estavam rígidos, mastins ainda não prontos para mostrar os dentes, mas estavam de guarda para garantir que ninguém chegasse perto o suficiente para ouvir o que tinham a dizer. “Qualquer mulher de qualquer idade, filha,” ela concordou distraidamente. Pelivar?

“Obrigada”, disse Segan, e acrescentou hesitante: “Mãe”. Ela esboçou uma reverência, a menor sugestão de uma, antes de sair correndo. Egwene ficou olhando para ela. Bem, era um começo.

Siuan bufou. “Eu não me importo de navegar os Dedos do Dragão no escuro se for preciso”, ela murmurou meio baixinho. “Discutimos isso; pesamos os perigos e, de qualquer forma, não parece ser o último jantar de uma gaivota à escolha. Mas você tem que colocar fogo no convés apenas para tornar as coisas interessantes. A rede de peixe-leão não é suficiente para você. Você tem que enfiar uma espinha no vestido também. Você não está contente em tentar percorrer uma escola de peixe prateado...”

Egwene interrompeu. “Siuan, acho que devo dizer a lorde Bryne que está loucamente apaixonada por ele. É justo que ele saiba, você não concorda?” Os olhos azuis de Siuan se arregalaram e sua boca se mexeu, mas tudo o que saiu foi uma espécie de deglutição. Egwene deu um tapinha em seu ombro. “Você é Aes Sedai, Siuan. Tente manter pelo menos um pouco de dignidade. E tente descobrir sobre essas irmãs em Andor.” A multidão se separou novamente. Ela viu Talmanes em um lugar diferente, mas ainda na beira do pavilhão. E sozinho, agora.

Tentando não se apressar, ela caminhou na direção dele, deixando Siuan ainda engolindo. Um criado bonito, de cabelos pretos, cujas volumosas calças de lã não conseguiam esconder as

panturrilhas bem torneadas, ofereceu a Siuan uma xícara de prata fumegante de uma bandeja. Outros servos se moviam com outras bandejas de prata. Um refresco estava sendo oferecido, embora um pouco tarde. Era tarde demais para o beijo da paz. Ela não ouviu o que Siuan disse enquanto pegava uma xícara, mas pela forma como o sujeito se sacudiu e começou a fazer reverências, pelo menos ele recebeu fragmentos afiados de seu temperamento. Egwene suspirou.

Talmanes ficou de braços cruzados, observando os acontecimentos com um sorriso divertido que não alcançava seus olhos. Ele parecia prestes a explodir em movimento, mas seus olhos estavam cansados. À sua abordagem, ele dobrou uma perna de maneira respeitosa, mas havia um toque irônico em sua voz quando ele disse: “Você mudou uma fronteira hoje”. Ele recolheu sua capa contra a brisa gelada. “Sempre foi... fluido... entre Andor e Murandy, não importa o que os mapas digam, mas Andor nunca veio ao sul em tantos números antes. Exceto pela Guerra dos Aiel, e a Guerra dos Mantos Branco, de qualquer maneira, mas eles estavam apenas de passagem, então. Depois de um mês, novos mapas mostrarão uma nova linha. Vejam os murandianos se agitando, bajulando Pelivar e seus companheiros tanto quanto fazem com as irmãs. Eles esperam fazer novos amigos para o novo dia.”

Para Egwene, tentando esconder sua vigilância cuidadosa sobre aqueles que poderiam estar observando-a, parecia que todos os nobres, murandianos e andoreanos, estavam atentos às Votantes, amontoadas ao redor deles. De qualquer forma, ela tinha assuntos um pouco mais importantes em mente do que fronteiras. Para ela, se não para os nobres. Exceto por breves momentos, nenhuma das Votantes era visível além do topo de suas cabeças. Apenas Halima e Siuan pareceram notá-la, e um balbúcio como o de um bando de gansos excitados enchia o ar. Ela baixou a voz e escolheu as palavras com cuidado.

“Amigos são sempre importantes, Talmanes. Você tem sido um bom amigo para Mat, e acho que para mim. Espero que isso não tenha mudado. Espero que você não tenha dito a ninguém o que não deveria.” Luz, ela estava ansiosa, ou não teria sido tão direta. Desse jeito, em seguida, perguntaria sobre o que ele e Pelivar estavam conversando!

Por sorte, ele não riu dela por ser uma aldeã de língua frouxa. Embora ele pudesse estar pensando nisso. Ele a estudou seriamente antes de falar. Em uma voz suave. Também conhecia a cautela. “Nem todos os homens fofocam. Diga-me, quando você enviou Mat para o sul, você sabia o que faria aqui hoje?”

“Como eu poderia saber disso dois meses atrás? Não, as Aes Sedai não são oniscientes, Talmanes.” Ela esperava por algo que a colocasse no lugar em que estava, tinha planejado isso, mas não sabia, não naquela época. Também esperava que ele não fofocasse. Alguns homens não fofocam.

Romanda avançou em sua direção com passos firmes e rosto congelado, mas Arathelle a interceptou, pegando o braço da Votante Amarela e se recusando a se afastar, apesar do espanto de Romanda.

"Você vai pelo menos me dizer onde Mat está?" perguntou Talmanes. “A caminho de Caemlyn com a Filha-Herdeira? Por que você está surpresa? Uma serva falará com um soldado ao buscar água no mesmo riacho. Mesmo quando ele é um horrível Devoto do Dragão,” ele acrescentou secamente.

Luz! Os homens realmente eram... inconvenientes... às vezes. Os melhores encontravam maneiras de dizer exatamente a coisa errada no momento errado, de fazer a pergunta errada. Sem falar em induzir as mulheres serviais a tagarelar. Muito mais fácil se ela pudesse mentir, mas ele tinha dado a ela muito espaço dentro dos Juramentos. Metade da verdade bastaria e impediria que ele partisse para Ebou Dar. Talvez menos da metade.

No canto mais distante do pavilhão, Siuan estava conversando com um jovem ruivo alto com bigodes encaracolados que a olhava tão duvidosamente quanto Segan. Os nobres geralmente conheciam a aparência das Aes Sedai. Mas ele prendia apenas uma parte da atenção de Siuan. Seu olhar constantemente se voltava para Egwene. Parecia gritar, alto como a consciência. Mais fácil. Expediente. O que era ser Aes Sedai. Ela *não* sabia sobre o dia de hoje, só esperava! Egwene soltou um suspiro irritado. Que queimasse a mulher!

"Ele estava em Ebou Dar, na última vez que ouvi", ela murmurou. "Mas deve estar correndo para o norte o mais rápido que pode agora. Ele ainda acha que tem que me salvar, Talmanes, e Matrim Cauthon não perderia a chance de estar no local para dizer *eu avisei*."

Talmanes não pareceu nada surpreso. "Eu pensei que poderia ser assim", ele suspirou. "Eu tenho... sentido... alguma coisa, há semanas. Outros no Bando também. Não é urgente, mas está sempre lá. Como se ele precisasse de mim. Como se eu devesse olhar para o sul, de qualquer maneira. Pode ser peculiar, seguir um *ta'veren*."

"Suponho que sim," ela concordou, esperando que nenhuma de sua incredulidade aparecesse. Já era estranho pensar em Mat, o vagabundo, como líder do Bando da Mão Vermelha, muito menos como *ta'veren*, mas certamente um *ta'veren* tinha que estar presente, pelo menos perto, para ter algum efeito.

"Mat estava errado sobre você precisar de resgate. Você nunca teve a intenção de vir me pedir ajuda, não é?"

Ele ainda falava baixinho, mas ela olhou ao redor apressadamente de qualquer maneira. Siuan ainda os observava. E Halima também. Paitr estava muito perto dela, bufando, se enfeitando e acariciando seus bigodes — pelo jeito que ele olhava para o vestido dela, não a tinha confundido com uma irmã, isso era certo! Olhares de soslaio na direção de Egwene enquanto ela sorria para ele calorosamente.

Todos os outros pareciam ocupados, e ninguém estava perto o suficiente para ouvir.

“O Trono de Amyrlin dificilmente poderia correr para o santuário, poderia? Mas houve momentos em que foi um conforto saber que você estava lá”, ela admitiu. Relutantemente. O Trono de Amyrlin não deveria precisar de um buraco, mas não faria mal enquanto nenhum das Votantes soubesse. “Você tem sido um amigo, Talmanes. Espero que isso continue. Eu realmente quero.”

“Você tem sido mais... aberta... comigo do que eu esperava”, disse ele lentamente, “então vou lhe dizer uma coisa.” Seu rosto não mudou — para qualquer observador, ele deve ter parecido tão casual quanto antes — mas sua voz caiu para um sussurro. “Recebi abordagens do Rei Roedran sobre o Bando. Parece que ele tem esperança de ser o primeiro rei real de Murandy. Ele quer nos contratar. Eu não teria considerado isso, normalmente, mas nunca há dinheiro suficiente, e com isso... essa sensação de que Mat precisa de nós... Talvez seja melhor permanecermos em Murandy. Claro como um bom vidro, você está onde quer estar e tem tudo em mãos.”

Ele ficou em silêncio quando uma jovem serva fez uma reverência para oferecer vinho quente. Ela usava lã verde finamente bordada e um manto de pelúcia com coelho malhado. Outros servos do acampamento também estavam ajudando agora, sem dúvida para fazer algo além de ficar de pé e estremecer. O rosto redondo da jovem estava decididamente marcado pelo frio.

Talmanes acenou para ela e puxou o manto de volta ao seu redor, mas Egwene pegou uma taça de prata para ganhar um momento para pensar. Na verdade, havia pouca necessidade do Bando por mais tempo. Apesar de todos os murmúrios, as irmãs tomaram sua presença como algo natural agora, jurados pelo Dragão ou não; elas não temiam mais um ataque, e não havia necessidade real de usar a presença do Bando para incitá-las a se mover desde que deixaram

Salidar. O único propósito verdadeiro de *Shen an Calhar* agora era atrair recrutas para o exército de Bryne, homens que pensavam que dois exércitos significavam uma batalha e queriam estar do lado com o maior número. Ela não precisava deles, mas Talmanes agira como um amigo. E ela era Amyrlin. Às vezes, amizade e responsabilidade empurravam na mesma direção.

Enquanto a criada se afastava, Egwene pôs a mão no braço de Talmanes. “Você não deve fazer isso. Nem mesmo o Bando pode conquistar Murandy sozinho, e todas as mãos estarão contra você. Você sabe muito bem que a única coisa que faz os murandianos ficarem juntos são os estrangeiros em seu solo. Siga-nos para Tar Valon, Talmanes. Mat irá para lá; não duvido disso.” Mat não acreditaria realmente que ela era a Amyrlin até vê-la usando a estola na Torre Branca.

“Roedran não é tolo,” ele disse placidamente. “Tudo o que ele quer que façamos é sentar e esperar, um exército estrangeiro — sem Aes Sedai — e ninguém sabendo o que está acontecendo. Ele não deve ter muita dificuldade em unir os nobres contra nós. Então, ele diz, nós silenciosamente atravessamos a fronteira. Ele acha que pode segurá-los depois.”

Ela não pôde evitar que um toque de calor entrasse em sua voz. “E o que o impede de trair você? Se a ameaça for embora sem luta, seu sonho de um Murandy unido também pode.” O tolo parecia divertido!

“Eu também não sou um tolo. Roedran não pode estar pronto antes da primavera. Este grupo nunca teria saído de suas mansões se os andoreanos não tivessem vindo para o sul, e eles estavam em marcha antes que a neve começasse. Antes disso, Mat vai nos encontrar. Se ele está vindo para o norte, deve saber de nós. Roedran terá de estar satisfeito com o que conseguiu até então. Então, se Mat pretende ir para Tar Valon, talvez eu ainda veja você lá.”

Egwene fez um som irritado. Era um plano notável, o tipo de coisa que Siuan poderia inventar, e dificilmente um plano que ela achava que Roedran Almaric de Arreloa a'Naloy poderia executar. Diziam que o sujeito era tão dissoluto que fazia Mat parecer saudável. Mas então, dificilmente era um esquema que ela teria acreditado que Roedran poderia pensar. A única certeza era que Talmanes tinha decidido.

"Quero sua palavra, Talmanes, que você não vai deixar Roedran puxá-lo para uma guerra." Responsabilidade. A estreita estola em volta do pescoço parecia pesar dez vezes mais do que a capa. "Se ele se mover mais cedo do que você pensa, você irá embora, quer Mat tenha se juntado a você ou não."

"Gostaria de poder prometer, mas não é possível", protestou. "Espero o primeiro ataque contra minhas forrageadoras no máximo três dias depois de começar a me afastar do exército de Lord Bryne. Todo fidalgo e fazendeiro pensará que pode pegar alguns cavalos durante a noite, me dar uma alfinetada e fugir para se esconder.

"Eu não estou falando sobre se defender, e você sabe disso", disse ela com firmeza. "Sua palavra, Talmanes. Ou não permitirei seu acordo com Roedran". A única maneira de detê-lo era traí-lo, mas ela não deixaria uma guerra em seu rastro, uma guerra que ela havia começado trazendo Talmanes para cá.

Olhando para ela como se fosse a primeira vez, ele finalmente abaixou a cabeça. Estranhamente, isso parecia mais formal do que sua reverência. "Será como você diz, Mãe. Diga-me, você tem certeza de que também não é *ta'veren*?"

"Eu sou o Trono de Amyrlin", ela respondeu. "Isso é o bastante para qualquer um." Ela tocou o braço dele novamente. "Que a Luz brilhe em você, Talmanes." Seu sorriso quase tocou seus olhos desta vez.

Inevitavelmente, apesar de seus sussurros, sua conversa foi notada. Talvez por causa de seus sussurros. A garota que dizia ser

Amyrlin, uma rebelde contra a Torre Branca, em conversa com o líder de dez mil Devotos do Dragão. Ela tinha tornado o esquema de Talmanes com Roedran mais difícil ou mais fácil? A guerra em Murandy era menos provável ou mais? Siuan e sua maldita Lei das Consequências Não Intencionais! Cinquenta olhares a seguiram, depois se afastaram, enquanto ela se movia pela multidão aquecendo os dedos em sua xícara. Bem, a maioria se afastou. Os rostos das Votantes eram todos de serenidade Aes Sedai sem idade, mas Lelaine poderia ter sido um corvo de olhos castanhos observando um peixe lutando no raso, enquanto os olhos ligeiramente mais escuros de Romanda poderiam ter perfurado ferro.

Tentando vigiar o sol lá fora, ela fez um circuito lento pelo pavilhão. Os nobres ainda importunavam as Votantes, mas iam de uma para a outra como se procurassem melhores respostas, e ela começou a notar pequenas coisas. Donel fez uma pausa em seu caminho de Janya para Moria, curvando-se para Aemlyn, que o reconheceu com um aceno gracioso. Cian, afastando-se de Takima, fez uma reverência profunda para Pelivar e recebeu uma leve reverência em troca. Havia outros, sempre um murandiano submisso a um andorano que respondia com a mesma formalidade. Os andoreanos tentaram ignorar Bryne, exceto por uma estranha carranca, mas um grande número de murandianos o procurou, um por um e bem longe de todos os outros, e pelas direções que seus olhos foram, estava claro que eles estavam discutindo Pelivar, ou Arathelle, ou Aemlin. Talvez Talmanes estivesse certo.

Ela também recebeu medidas e reverências, embora nenhuma tão profunda quanto as dadas a Arathelle, Pelivar e Aemlyn, muito menos às Votantes. Meia dúzia de mulheres lhe disseram como estavam agradecidas pelos assuntos terem sido resolvidos pacificamente, embora, na verdade, quase o mesmo número fizesse barulhos evasivos ou encolhesse os ombros inquietos quando ela expressava o mesmo sentimento, como se não tivessem certeza de

que tudo terminaria em paz. Suas garantias de que seria recebida com um fervoroso “A Luz manda assim!” ou um resignado “Se a Luz quiser”. Quatro a chamaram de Mãe, uma sem hesitar primeiro. Três outros disseram que ela era muito bonita, que tinha olhos lindos e que tinha um porte gracioso, nessa ordem; elogios adequados talvez para a idade de Egwene, mas não para sua posição.

Pelo menos ela encontrou um prazer puro. Segan não estava sozinha em ficar intrigado com o anúncio dela sobre o livro de novatos. Claramente foi por isso que a maioria das mulheres falou com ela em primeiro lugar. Afinal, as outras irmãs podiam estar em rebelião contra a Torre, mas ela dizia ser o Trono de Amyrlin. O interesse delas tinha que ser forte para superar isso, embora ninguém quisesse deixar transparecer. Arathelle fez a pergunta com uma carranca que fez mais rugas em suas bochechas. Aemlyn balançou a cabeça grisalha com a resposta. Blocky Cian perguntou, seguida por uma senhora andoreana de rosto afiado chamada Negara, então uma bela murandiana de olhos grandes chamada Jennet, e outras. Nenhuma queria saber por si mesma — várias deixaram isso claro rapidamente, especialmente as mulheres mais jovens — mas em pouco tempo, todas as nobres lá perguntaram, e várias servas também, sob o pretexto de oferecer mais vinho apimentado. Uma delas, uma mulher rija chamada Nildra, veio do acampamento das Aes Sedai.

Egwene ficou bastante satisfeita com a semente que havia plantado ali. Ela não estava tão satisfeita com os homens. Alguns falaram com ela, mas apenas quando ficaram cara a cara e pareciam não ter outra escolha. Uma palavra murmurada sobre o tempo, seja elogiando o fim da seca ou deplorando as neves repentinas, uma esperança murmurada de que o problema dos bandidos acabasse logo, talvez com um olhar significativo para Talmanes, e eles se esvaíram como porcos untados. Um urso andoreano chamado Macharan tropeçou em suas próprias botas para evitá-la. De certa forma, não era surpreendente. As mulheres tinham a justificativa,

mesmo que só para elas mesmas, do livro de noviças, mas os homens tinham apenas a ideia de que ser visto conversando com ela poderia atingi-los com o mesmo pincel.

Era realmente muito desanimador. Ela não se importava com o que os homens pensavam sobre os noviços, mas ela queria muito saber se eles estavam tão temerosos quanto as mulheres de que isso acabasse em conflito. Medos como esse poderiam se realizar com muita facilidade. Por fim, ela decidiu que só havia uma maneira de descobrir.

Pelivar deixou de pegar um copo de vinho fresco de uma bandeja e começou a recuar, com um juramento abafado, para não esbarrar nela; se ela estivesse mais perto, ela teria que pisar nas botas dele. O vinho quente espirrou em sua mão enluvada e escorreu sob a manga do casaco, produzindo uma maldição não tão abafada. Alto o suficiente para pairar sobre ela, ele fez um bom trabalho. Sua carranca pertencia a um homem que queria mandar uma jovem irritante rapidamente para fora de seu caminho. Ou em um homem que quase pisou em uma víbora vermelha. Ela se manteve ereta e se concentrou em uma imagem dele como um garotinho que não prestava; que sempre ajudou; a maioria dos homens parecia sentir isso. Ele murmurou alguma coisa — podia ter sido uma saudação educada, ou outro xingamento — e baixou a cabeça ligeiramente, então tentou dar um passo ao redor dela. Ela deu um passo para o lado para ficar na frente dele. Ele recuou e ela o seguiu. Ele começou a parecer perseguido. Ela decidiu tentar deixá-lo à vontade antes de pressionar a pergunta importante. Queria respostas, não mais resmungos.

“Você deve estar satisfeito em saber que a Filha-Herdeira está a caminho de Caemlyn, Lorde Pelivar.” Ela ouvira várias das Votantes mencionarem isso.

Seu rosto ficou em branco. “Elayne Trakand tem o direito de reivindicar o Trono do Leão,” ele respondeu com uma voz monótona.

Os olhos de Egwene se arregalaram e ele recuou novamente, incerto. Talvez ele pensasse que ela estava zangada com a ausência de seu título, mas ela mal percebeu isso. Pelivar havia apoiado a mãe de Elayne em sua reivindicação ao trono, e Elayne tinha certeza de que ele a apoiaria também. Ela falava de Pelivar com carinho, como um tio favorito.

“Mãe,” Siuan murmurou em seu cotovelo, “devemos sair se você quiser ter certeza de chegar ao acampamento antes do pôr do sol.” Ela conseguiu colocar uma urgência considerável nessas palavras calmas. O sol havia passado do seu pico.

“Não é tempo para ficar ao ar livre ao anoitecer”, disse Pelivar apressadamente. “Se você me der licença, devo me preparar para sair.” Empurrando sua xícara para a bandeja de um criado que passava, ele hesitou antes de fazer uma meia medida e saiu com o ar de um homem que se livrou de uma armadilha.

Egwene queria ranger os dentes de frustração. O que os homens acharam do acordo? Se pudesse ser chamado assim, do jeito que ela forçara aquilo neles. Arathelle e Aemlyn tinham mais poder e influência do que a maioria dos homens, mas eram Pelivar e Culhan e outros que cavalgavam com os soldados; eles ainda podiam fazer essa explosão em seu rosto como um barril de óleo de lamparina.

"Encontre Sheriam", ela rosnou, "e diga a ela para preparar todos agora, não importa o que for preciso!" Ela não podia dar às Votantes uma noite para pensar no que acontecera hoje, para planejar e tramar. Elas tinham que estar de volta ao acampamento antes do sol se pôr.



CAPÍTULO

19



A Lei

Colocar as Votantes em suas montarias não foi um problema; elas estavam tão ansiosas para ir embora quanto Egwene, especialmente Romanda e Lelaine, ambas frias como o vento e com olhos como nuvens de trovoadas. O resto era a própria imagem da serenidade das Aes Sedai de olhos frios, exalando compostura como um cheiro forte, mas elas deslizaram para seus cavalos tão rapidamente que os nobres ficaram boquiabertos e os servos vestidos de cores vivas se apressaram em carregar os cavalos de carga para alcançá-las do melhor modo que podiam.

Egwene fez Daishar dar um passo firme na neve e, com apenas um olhar e um aceno de cabeça de seu Lorde Bryne, garantiu que as escoltas blindadas se movessem com a mesma rapidez. Siuan em Bela e Sheriam em Wing correram para se juntar a ela. Por longos trechos, elas se agitaram através de coberturas profundas, os cavalos pisando alto a quase um trote, a Chama de Tar Valon ondulando na brisa gelada, e mesmo quando era necessário desacelerar, quando os cavalos estavam afundando até os joelhos na crosta de neve, elas mantiveram uma caminhada rápida.

As Votantes não tiveram escolha a não ser acompanhar, e sua velocidade diminuía a oportunidade de conversar no caminho. Nesse ritmo cansativo, a falta de atenção ao seu cavalo podia trazer uma perna quebrada para o animal e um pescoço quebrado para você. Mesmo assim, Romanda e Lelaine conseguiram reunir seu círculo ao seu redor, e aqueles dois nós se debatiam na neve, cercados por barreiras contra espionagem. A dupla parecia estar trocando tiradas. Egwene podia imaginar o assunto. Aliás, outras Votantes conseguiram cavalgar juntas por algum tempo, trocando algumas palavras baixinho e lançando olhares frios ora para ela, ora para as irmãs envoltas por *saidar*. Apenas Delana nunca se juntou a uma daquelas breves conversas. Ela ficou perto de Halima, que finalmente admitiu que estava com frio. Com o rosto apertado, a mulher do campo segurou seu manto ao redor dela, mas ela ainda tentou confortar Delana, sussurrando para ela quase constantemente. Delana parecia precisar de conforto; suas sobancelhas estavam abaixadas, colocando um vinco em sua testa que realmente a fazia parecer envelhecida.

Ela não era a única preocupada. As outras dissimulavam rigidamente o sentimento, irradiando equilíbrio absoluto, mas os Guardiões cavalgavam como homens esperando que o pior saltasse da neve no declive seguinte, os olhos vasculhando numa vigília incessante, os mantos inquietantes esvoaçando ao vento para deixar as mãos livres. Quando uma Aes Sedai se preocupava, seu Guardião se preocupava, e as Votantes estavam absortas demais para pensar em acalmar os homens. Egwene ficou igualmente feliz em ver isso. Se as Votantes estavam preocupadas, ainda não tinham se decidido.

Quando Bryne saiu para conversar com Uno, ela aproveitou a oportunidade para perguntar o que as duas mulheres tinham descoberto sobre as Aes Sedai e os Guardas da Torre em Andor.

“Não muito,” Siuan respondeu com uma voz tensa. A peluda Bela não parecia estar tendo qualquer dificuldade com o ritmo, mas Siuan sim, segurando suas rédeas com força em uma mão e o punho de sua

sela com a outra. “Pelo que pude entender, há cinquenta rumores e nenhum fato. É um tipo de história provável de surgir, mas ainda pode ser verdade.” Bela deu um solavanco, seus cascos dianteiros afundando profundamente, e Siuan engasgou. “Que Luz queime todos os cavalos!”

Sheriam não descobrira mais. Ela balançou a cabeça e suspirou irritada. “Parece tudo perda de tempo e bobagem para mim, Mãe. Sempre há rumores de irmãs se esgueirando. Você nunca aprendeu a montar, Siuan?” ela acrescentou, sua voz de repente gotejando escárnio. “Até esta noite, você estará muito dolorida para andar!” Os nervos de Sheriam devem ter ficado em frangalhos para ela explodir tão abertamente. Pela maneira como se movia na sela, ela já havia alcançado o status de sua previsão para Siuan.

Os olhos de Siuan endureceram, e ela abriu a boca já meio rosnando, não importava quem estivesse assistindo por trás da bandeira.

“Fiquem quietas, vocês duas!” Egwene estalou. Ela respirou fundo e se acalmou. Ela mesma estava um pouco esfarrapada. O que quer que Arathelle acreditasse, qualquer força que Elaida enviasse para interferir com elas seria muito grande para se esgueirar. Isso deixaria a Torre Negra de lado, um desastre em formação. Chegaria mais longe depenando a galinha na sua frente do que tentando fazer outra subir em uma árvore. Especialmente quando a árvore estava em outro país e talvez nem houvesse outra galinha.

Ainda assim, ela mordeu suas palavras ao dar instruções que Sheriam devia seguir assim que chegaram ao acampamento. Ela era o Trono de Amyrlin, e isso significava que todas as Aes Sedai eram sua responsabilidade, mesmo aquelas que seguiam Elaida. Sua voz era firme como uma rocha, no entanto. Era tarde demais para se assustar quando já tinha agarrado o lobo pelas orelhas.

Os olhos inclinados de Sheriam se arregalaram com as ordens. “Mãe, se posso perguntar, por que...?” Ela parou sob o olhar nivelado

de Egwene e engoliu em seco. "Será como você diz, Mãe," ela disse lentamente. "Estranho. Lembro-me do dia em que você e Nynaeve chegaram à Torre, duas garotas que não conseguiam decidir se ficavam animadas ou assustadas. Tanta coisa mudou desde então. Tudo."

"Nada permanece igual para sempre," Egwene disse a ela. Ela deu a Siuan um olhar significativo, mas Siuan se recusou a ver. Ela parecia estar de mau humor. Sheriam parecia doente.

Lorde Bryne voltou então, e deve ter percebido o clima entre elas. Além de dizer que estavam fazendo um bom tempo, ele manteve a boca fechada. Era um homem sábio.

Com um bom tempo ou não, o sol estava quase no topo das árvores quando finalmente atravessaram o acampamento do exército. Carroças e tendas lançavam longas sombras sobre a neve, e vários homens trabalhavam arduamente construindo ainda mais abrigos baixos com arbustos. Não havia tendas suficientes, mesmo para todos os soldados, e o acampamento abrigava quase tantos fabricantes de arreios, lavadeiras, flecheiros e similares, todos aqueles que inevitavelmente seguiam qualquer exército. O toque das bigornas indicava ferradores, armeiros e ferreiros ainda trabalhando. Fogueiras de cozinheiros estavam queimando por toda parte, e a cavalaria se afastou, ansiosa por calor e comida quente assim que seus animais cansativos fossem cuidados. Surpreendentemente, Bryne continuou ao lado de Egwene depois que ela o dispensou.

"Se você permitir, mãe," ele disse, "pensei que poderia acompanhá-la mais um pouco." Sheriam realmente se retorceu em sua sela para olhar com espanto. Siuan também olhou para a frente, como se não ousasse virar os olhos subitamente arregalados para ele.

O que ele achava que poderia fazer? Atuar como seu guarda-costas? Contra irmãs? Aquele sujeito com o nariz escorrendo

também serviria. Revelar o quão completamente ele estava do lado dela? Amanhã haveria tempo suficiente para isso, se tudo corresse bem esta noite; essa revelação agora poderia facilmente debandar o Salão em direções que ela mal ousava contemplar.

“Esta noite é para negócios da Aes Sedai,” ela disse a ele com firmeza. Mas, por mais tola que fosse a sugestão, ele se ofereceu para se colocar em risco por ela. Não havia como dizer suas razões — quem sabe por que um homem faz alguma coisa? —, mas ela lhe devia por isso. Entre outras coisas. “A menos que eu envie Siuan para você esta noite, Lorde Bryne, você deve sair antes do amanhecer. Se a culpa por hoje se apegar a mim, isso pode refletir em você também. Ficar pode ser perigoso. Até fatal. Não acho que elas precisariam de muita desculpa.” Não havia necessidade de nomear quem “elas” eram.

“Eu dei minha palavra,” ele respondeu calmamente, dando um tapinha no pescoço de Traveler. “Para Tar Valon.” Fazendo uma pausa, ele olhou para Siuan. Foi menos uma hesitação do que uma consideração. “Seja qual for o assunto desta noite,” ele disse finalmente, “lembre-se de que você tem trinta mil homens e Gareth Bryne atrás de você. Isso deve valer alguma coisa, mesmo entre as Aes Sedai. Até amanhã, Mãe.” Controlando seu baio de nariz grande, ele gritou por cima do ombro: “Espero vê-la amanhã também, Siuan. Nada muda isso.” Siuan olhou para suas costas enquanto se afastava. Havia angústia em seus olhos.

Egwene não pôde deixar de olhar também. Ele nunca tinha sido tão aberto antes, nem de perto. Por que agora, em todo aquele tempo?

Atravessando os quarenta ou cinquenta passos que separavam o acampamento do exército do das Aes Sedai, ela acenou para Sheriam, que puxou as rédeas nas primeiras tendas. Ela e Siuan seguiram em frente. Atrás delas, a voz de Sheriam se elevou, surpreendentemente clara e firme. “O Trono de Amyrlin chama o

Salão para se sentar hoje em sessão formal. Que os preparativos sejam feitos com toda a velocidade.” Egwene não olhou para trás.

Em sua barraca, uma cavaliça ossuda chutando suas saias de lã em camadas veio correndo para pegar Daishar e Bela. Seu rosto estava contraído, e ela mal abaixou a cabeça antes de sair correndo com os cavalos tão rápido quanto tinha vindo. O calor dos braseiros brilhantes ali dentro era como um punho se fechando. Egwene não tinha percebido como estava frio lá fora até então. Ou como ela estava com frio.

Chesa pegou sua capa e exclamou quando sentiu suas mãos. “Ora, você é gelo até os ossos, Mãe.” Conversando, ela se agitou dobrando a capa de Egwene e a de Siuan, alisando os cobertores cuidadosamente dobrados na cama de Egwene, tocando uma bandeja colocada em um dos baús que havia sido puxado para baixo da pilha. “Eu pularia direto na cama, com tijolos quentes ao redor, se estivesse com tanto frio. Assim que eu comesse, de qualquer maneira. O calor do lado de fora faz muito bem sem o calor do lado de dentro. Vou buscar alguns tijolos extras para colocar sob seus pés enquanto você janta. E para Siuan Sedai, claro. Ah, se eu estivesse com tanta fome quanto você deve estar, sei que ficaria tentada a engolir minha comida, mas isso sempre me dá dores de estômago.” Parando ao lado da bandeja, ela olhou para Egwene e assentiu com satisfação quando disse que não comeria rápido demais.

Dar uma resposta sóbria não foi fácil. Chesa era sempre refrescante, mas depois de hoje, Egwene quase riu de prazer. Não havia complicações para Chesa. Duas tigelas brancas de guisado de lentilhas estavam na bandeja, junto com um jarro alto de vinho temperado, duas taças de prata e dois pãezinhos grandes. De alguma forma, a mulher sabia que Siuan estaria comendo com ela. O vapor subia das tigelas e da jarra. Quantas vezes Chesa teve que trocar aquela bandeja para garantir que a comida quente cumprimentasse Egwene imediatamente? Simples e descomplicado. E tão carinhosa quanto uma mãe. Ou uma amiga.

“Devo renunciar a cama por agora, Chesa. Eu trabalho ainda esta noite. Você nos deixaria?”

Siuan balançou a cabeça quando a aba da barraca caiu atrás da mulher gorda. "Você tem certeza que ela não está a seu serviço desde que você era um bebê?" ela murmurou.

Pegando uma das tigelas, um pãozinho e uma colher, Egwene se acomodou na cadeira com um suspiro. Ela também abraçou a Fonte e protegeu a tenda contra os ouvintes. Infelizmente, *saidar* a tornou muito mais consciente de mãos e pés semicongelados. As partes intermediárias não eram muito mais quentes. A tigela parecia quase quente demais para ser manuseada, e o pão também. Ah, como ela adoraria ter aqueles tijolos quentes.

“Há mais alguma coisa que possamos fazer?” ela perguntou, e prontamente engoliu uma colherada de ensopado. Estava faminta, e não era de se admirar, sem nada desde o café da manhã e tão cedo. Lentilhas e cenouras amadeiradas tinham gosto da melhor comida de sua mãe. “Eu não consigo pensar em nada, mas você consegue?”

“O que podia ser feito, já foi. Não há mais nada, a não ser o Criador colocando a mão.” Siuan pegou a outra Tigela e se jogou no banquinho baixo, mas então se sentou olhando para o ensopado e mexendo com a colher. "Você realmente não diria a ele, não é?" ela disse finalmente. “Eu não suportaria se ele soubesse.”

“Por que diabos não?”

“Ele tiraria vantagem,” Siuan disse sombriamente. “Ah, isso não. Eu não acredito nisso.” Ela era bastante puritana em algumas áreas. “Mas o homem faria da minha vida o Poço da Perdição!” E lavar suas roupas de baixo e polir suas botas e sua sela todos os dias já não era?

Egwene suspirou. Como uma mulher tão sensata, inteligente e capaz podia se transformar em uma dispersa com esse assunto? Como uma víbora sibilante, uma imagem surgiu em sua cabeça. Ela mesma, sentada no joelho de Gawyn jogando jogos de beijo. Em uma

taberna! Ela o empurrou para longe, com força. "Siuan, preciso da sua experiência. Preciso do seu cérebro. Não posso me dar ao luxo de que fique imbecil por causa de Lord Bryne. Se você não conseguir se recompor, pagarei a ele o que você deve e a proibirei de vê-lo. Eu vou."

"Eu disse que pagaria a dívida," Siuan disse teimosamente. "Tenho tanta honra quanto Lorde Gareth maldito Bryne! Tanto e mais! Ele mantém sua palavra, e eu mantenho a minha! Além disso, Min me disse que tenho que ficar perto dele ou nós dois vamos morrer. Ou algo assim." Um rubor em suas bochechas a denunciou, no entanto. Apesar de sua honra e da visão de Min, ela estava simplesmente disposta a aturar qualquer coisa para estar perto do homem!

"Muito bem. Você está obcecada, e se eu disser para você ficar longe dele, você vai desobedecer ou se lamentar e envolver o resto de seu cérebro em uma nuvem. O que você vai fazer com ele?"

Fazendo uma careta indignada, Siuan continuou por algum tempo, rosnando o que ela gostaria de fazer com o maldito Gareth Bryne. Ele não teria gostado de nada disso. A Algumas coisas, ele podia não ter sobrevivido.

"Siuan," Egwene disse em advertência. "Você nega mais uma vez o que é simples como seu nariz, e eu vou dizer a ele e dar-lhe o dinheiro."

Siuan fez beicinho mal-humorado. Ela fez beicinho! Mal-humorado! Siuan! "Não tenho tempo para me apaixonar. Mal tenho tempo para pensar, entre trabalhar para você e ele. E mesmo que tudo dê certo esta noite, terei o dobro para fazer. Além disso..." Seu rosto caiu, e ela se mexeu no banco. "E se ele não... corresponder aos meus sentimentos?" ela murmurou. "Ele nunca tentou me beijar. Tudo o que importa é se suas camisas estão limpas."

Egwene passou a colher na tigela e ficou surpresa quando ela veio vazia. Nada restava do pão além de algumas migalhas em seu

vestido. Luz, sua barriga ainda parecia oca. Ela olhou esperançosa para a tigela de Siuan; a mulher parecia ter pouco interesse em nada além de desenhar círculos nas lentilhas.

Um pensamento repentino lhe ocorreu. Por que Lorde Bryne insistiu que Siuan pagasse sua dívida mesmo depois de saber quem ela era? Só porque ela disse que faria? Era um arranjo absurdo. Exceto que isso a manteve perto dele quando nada mais o faria. Aliás, ela mesma muitas vezes se perguntou por que Bryne tinha concordado em reunir o exército. Ele tinha que saber que havia uma boa chance de ele estar colocando a cabeça no cepo. E por que ele havia oferecido aquele exército para ela, uma garota Amyrlin sem autoridade real, sem uma amiga entre as irmãs, exceto Siuan, até onde ele sabia? A resposta para todas essas perguntas poderia ser tão simples quanto... ele amava Siuan? Não; a maioria dos homens era frívola e volúvel, mas isso era realmente absurdo! Ainda assim, ela ofereceu a sugestão, mesmo que apenas para divertir Siuan. Isso podia alegrá-la um pouco.

Siuan bufou em descrença. Parecia estranho, vindo daquele rosto bonito, mas ninguém conseguia colocar tanta expressão em um bufo quanto ela. “Ele não é um idiota total,” ela disse secamente. “Na verdade, ele tem uma boa cabeça nos ombros. Pensa como uma mulher, na maioria das vezes.”

“Ainda não ouvi você dizer que vai se endireitar, Siuan”, insistiu Egwene. “Você tem que fazer isso, de uma forma ou de outra.”

“Bem, claro que vou. Não sei qual é o problema comigo. Não é como se eu nunca tivesse beijado um homem antes.” Seus olhos se estreitaram de repente, como se esperasse que Egwene a desafiasse sobre isso. “Não passei minha vida inteira na Torre. Isto é ridículo! Conversar sobre homens, esta noite de todas as noites!” Olhando para sua tigela, ela pareceu perceber pela primeira vez que continha comida. Ela encheu a colher, gesticulando com ela para Egwene. “Você tem que ter cuidado com o seu tempo, mais agora do que

nunca. Se Romanda ou Lelaine pegarem o leme, você nunca mais colocará as mãos nele.”

Ridículo ou não, algo certamente restaurou o apetite de Siuan. Ela comeu seu ensopado mais rápido do que Egwene comeu o dela, e nem uma migalha do pão lhe escapou. Egwene descobriu que havia passado os dedos por sua própria Tigela vazia. Não havia nada a fazer a não ser lambear as últimas lentilhas, é claro.

Discutir o que aconteceria esta noite não serviu para nada. Elas haviam afiado e refinado o que Egwene deveria dizer e, quantas vezes que ela ficou surpresa, ela não tinha sonhado com isso. Certamente poderia ter feito sua parte dormindo. Siuan insistiu de qualquer maneira, contornando muito perto do ponto onde Egwene teria que colocá-la em seu lugar, repassando isso várias vezes, trazendo à tona possibilidades que elas discutiram antes uma centena de vezes. Estranhamente, Siuan estava de muito bom humor. Ela até tentou fazer piadas, o que era incomum para ela ultimamente, embora algumas estivessem próximas da força.

“Você sabe que Romanda queria ser a própria Amyrlin uma vez,” ela disse em um ponto. “Ouvi dizer que foi Tamra recebendo a estola e o cajado que a fez se aposentar, como uma gaivota com as penas da cauda cortadas. Aposto um marco de prata que eu não tenho em uma escama de peixe que seus olhos vão se arregalar duas vezes mais que os de Lelaine.”

E depois. “Eu gostaria de estar lá para ouvi-las uivar. Alguém vai fazer isso em não muito mais tempo, e eu preferiria que fossem elas do que nós. Nunca tive a voz para cantar.” Na verdade, ela cantou um pequeno trecho sobre olhar para o outro lado do rio para um menino e não ter barco. Ela estava certa; sua voz era agradável à sua maneira, mas não conseguiria carregar uma melodia em um balde.

E mais tarde ainda. “Ainda bem que tenho um rosto tão doce agora. Se isso der errado, elas vão nos vestir como bonecas e nos sentar em uma prateleira para admirar. Claro, podemos ter

acidentes em vez disso. As bonecas quebram. Gareth Bryne terá que encontrar outra pessoa para intimidar.” Ela realmente riu disso.

Egwene sentiu um alívio considerável quando a aba da tenda se inclinou brevemente para dentro, anunciando alguém que sabia o suficiente para não entrar onde havia uma enfermaria. Ela realmente não queria ouvir onde o humor de Siuan iria a partir dali!

Assim que ela liberou a proteção, Sheriam entrou, acompanhada por uma lufada de ar que parecia dez vezes mais fria do que antes. “Está na hora, Mãe. Tudo está pronto.” Seus olhos inclinados estavam arregalados, e ela lambeu os lábios com a ponta da língua.

Siuan ficou de pé e pegou sua capa da cama de Egwene, mas parou no ato de colocá-la nos ombros. “Eu naveguei os Dedos do Dragão no escuro, você sabe,” ela disse seriamente. “E uma vez pesquei um peixe-leão com meu pai. Pode ser feito.”

Sheriam franziu a testa quando Siuan saiu correndo, deixando entrar mais frio. “Às vezes, eu acho”, ela começou, mas o que quer que ela pensasse às vezes, não compartilhou. “Por que você está fazendo isso, Mãe?” ela perguntou em vez disso. “Tudo isso, hoje no lago, convocando o Salão esta noite. Por que você nos fez passar o dia todo ontem falando sobre Logain para todo mundo que conhecemos? Acho que você pode compartilhar comigo. Eu sou sua Guardiã. Jurei fidelidade.”

“Vou lhe dizer o que você precisa saber”, disse Egwene, balançando a capa nos ombros. Não havia necessidade de dizer que ela confiava em um juramento forçado até agora, mesmo o de uma irmã. E Sheriam poderia encontrar uma razão para deixar uma palavra cair no ouvido errado, apesar desse juramento. Afinal, as Aes Sedai eram conhecidas por encontrar brechas no que diziam. Ela realmente não acreditava que isso fosse acontecer, mas assim como com Lorde Bryne, ela não podia correr riscos, nem mesmo pequenos, a menos que fosse necessário.

“Eu tenho que te dizer,” Sheriam disse amargamente, “acho que amanhã Romanda ou Lelaine será sua Guardiã das Crônicas, e eu estarei cumprindo uma penitência por não avisar o Salão. E acho que você pode me invejar.”

Egwene assentiu. Tudo era muito possível. "Devemos ir?"

O sol fez uma cúpula vermelha nas copas das árvores a oeste, e uma luz lúgubre brilhou na neve. Servos marcaram a passagem de Egwene pelos caminhos profundos com medidas e reverências silenciosas. Seus rostos estavam preocupados ou inexpressivos; os criados podiam captar o humor daqueles a quem serviam quase tão rapidamente quanto os Guardiões.

Não se via uma irmã, a princípio, e depois estavam todas, num grande ajuntamento de três em volta de um pavilhão montado no único espaço aberto do acampamento suficientemente grande, a área utilizada pelas irmãs Deslizando até os pombais em Salidar e Viajando de volta com relatórios dos olhos-e-ouvidos. Havia um grande pedaço de lona pesada muito remendado, não um remendo no esplendor do dossel do lago, que foi um grande esforço para montar. Na maioria das vezes nos últimos dois meses, o Salão se reunira como na manhã de ontem, ou talvez se espremido em uma das tendas maiores. O pavilhão tinha sido erguido apenas duas vezes desde a saída de Salidar. Ambas as vezes para um julgamento.

Percebendo a aproximação de Egwene e Sheriam, as irmãs de trás murmuraram para as da frente, e uma brecha se abriu para deixá-las passar. Olhos inexpressivos observavam as duas, sem dar a menor ideia se as irmãs que observavam sabiam ou mesmo suspeitavam do que estava acontecendo. Nem uma pista do que elas pensavam. Borboletas se agitaram no estômago de Egwene. Um botão de rosa. Calma.

Ela pisou nos tapetes em camadas, tecidos com flores brilhantes em uma dúzia de padrões diferentes, e moveu-se pelo círculo de braseiros montados ao redor da borda do dossel, e Sheriam

começou. "Ela vem; ela vem..." Se ela soava um pouco menos grandiosa que o normal, um pouco nervosa, não era de admirar.

Os bancos polidos e as caixas cobertas de tecido do lago estavam novamente em uso. Eles formavam uma visão muito mais formal do que o bando de cadeiras incompatíveis que havia sido usado anteriormente, duas linhas oblíquas de nove, agrupadas por três; Verde, Cinza e Amarela de um lado, Branca, Marrom e Azul do outro. Na extremidade mais larga, mais distante de Egwene, ficava a caixa listrada e o banco para o Trono de Amyrlin. Sentada lá, ela seria o foco de todos os olhos, muito consciente de que era uma enfrentando dezoito. Também não haviam trocado de roupa; cada Votante ainda usava sua elegância do lago, apenas acrescentando seu xale. Um botão de rosa. Calma.

Um dos bancos estava vazio, embora só por mais um momento. Delana entrou correndo assim que Sheriam terminou sua ladainha. Parecendo sem fôlego e agitada, a Votante Cinza subiu até seu assento, entre Varilin e Kwamesa, com pouco de sua graça habitual. Ela exibia um sorriso doentio e brincava nervosamente com as gotas de fogo em volta do pescoço. Qualquer um poderia ter pensado que ela era a pessoa em julgamento. Calma. Ninguém estava em julgamento. Ainda.

Egwene começou lentamente a atravessar os tapetes, entre as duas fileiras, com Sheriam logo atrás, e Kwamesa se levantou. A luz de *saidar* de repente brilhou ao redor da mulher morena e esguia, a mais jovem dos Votantes. Esta noite não haveria nenhuma redução nas formalidades. "O que é apresentado ao Salão da Torre é apenas para o Salão considerar", anunciou Kwamesa. "Quem se intrometer sem ser convidado, mulher ou homem, noviça ou forasteiro, quer venha em paz ou com raiva, chamarei de acordo com a lei, para enfrentar a lei. Saiba que o que eu falo é verdade; e será feito".

Essa fórmula era mais antiga do que o juramento contra falar inverdades, de uma época em que quase tantas Amyrlins morreram

por assassinato quanto por todas as outras causas juntas. Egwene continuou seu passo medido. Foi um esforço para não tocar em sua estola, como um lembrete. Tentou se concentrar no banco à frente.

Kwamesa retomou seu assento, ainda brilhando com o Poder, e entre as Brancas, Aledrin se levantou, o brilho a cercando também. Com seu cabelo dourado escuro e grandes olhos claros de Marrom, ela era muito linda quando sorria, mas esta noite uma pedra tinha mais expressão do que ela. "Há aqueles ao alcance da voz que não são do Salão", disse ela em uma voz fria forte com o sotaque de Tarabon. "O que é falado no Salão da Torre é apenas para o Salão ouvir, até e a menos que o Salão decida de outra forma. Vou torná-los privadas. Selarei nossas palavras apenas em nossos ouvidos." Tecendo uma barreira que cercava todo o pavilhão, ela se sentou. Houve uma agitação entre as irmãs do lado de fora, que agora deviam observar o movimento do Salão em completo silêncio.

Estranho que tanto entre as Votantes dependesse da idade, quando a distinção por idade era quase um anátema entre o resto das Aes Sedai. Poderia Siuan ter visto um padrão nas Eras entre as Votantes? Não. Foco. Calma e foco.

Agarrando as pontas de sua capa, Egwene subiu na caixa listrada e se virou. Lelaine já estava de pé, o xale de franjas azul amarrado nos braços, e Romanda se levantava, sem sequer esperar que Egwene se sentasse. Ela não se atreveu a deixar nenhuma das duas agarrar o leme. "Eu farei uma pergunta antes do Salão", disse ela em voz alta e firme. "Quem vai declarar guerra contra a usurpadora Elaida de Avriny a'Roihan?"

E então ela se sentou, tirando sua capa e deixando-a cair sobre o banco. De pé ao lado dela nos tapetes, Sheriam parecia bastante fria e controlada, mas fez um pequeno som, quase um gemido. Egwene achava que ninguém mais tinha ouvido. Esperava que não.

Houve um breve momento de choque, mulheres congeladas em seus assentos, olhando para ela com espanto. Talvez tanto porque

ela havia perguntado quanto pelo que ela havia perguntado. Ninguém faz uma pergunta à Câmara antes de sondar as Votantes; simplesmente nunca foi feito, tanto por razões práticas quanto por tradição.

Finalmente Lelaine falou. "Nós não declaramos guerra a indivíduos", disse ela com uma voz seca. "Nem mesmo a traidores como Elaida. De qualquer forma, peço para arquivar sua pergunta enquanto tratamos de assuntos mais imediatos." Ela teve tempo para se recompor desde a volta; seu rosto estava apenas duro agora, não trovejante. Escovando saias azuis como se afastasse Elaida — ou talvez Egwene — ela voltou sua atenção para as outras Votantes. "O que nos leva a sentar esta noite é... eu ia dizer simples, mas não é. Abrir o livro das noviças? Teríamos avós clamando para serem testadas. Ficar aqui um mês? Nem preciso listar as dificuldades, começando por gastar metade do nosso ouro sem chegar mais perto de Tar Valon. E quanto a não cruzar para Andor..."

"Minha irmã Lelaine, em sua ansiedade, esqueceu quem tem o direito de falar primeiro," Romanda cortou suavemente. Seu sorriso conseguiu fazer Lelaine parecer alegre. Ainda assim, ela demorou a ajustar o xale como queria, uma mulher com todo o tempo do mundo. "Tenho duas perguntas para fazer ao Salão e, na segunda, abordarei as preocupações de Lelaine. Infelizmente para ela, minha primeira pergunta diz respeito à própria aptidão de Lelaine para continuar no Salão." Seu sorriso se alargou sem ficar nem um pouco mais caloroso. Lelaine sentou-se lentamente, sua carranca bem aberta.

"Uma questão de guerra não pode ser engavetada", disse Egwene em um tom carregado. "Deve ser respondida antes de qualquer pergunta feita depois dela. Essa é a lei."

Trocaram olhares rápidos e interrogativos entre as Votantes.

"É assim mesmo?" Janya disse finalmente. Apertando os olhos pensativamente, ela se virou no banco para se dirigir à mulher ao

lado dela. “Takima, você se lembra de tudo que lê, e tenho certeza de que me lembro de você dizendo que leu a Lei da Guerra. É isso que diz?”

Egwene prendeu a respiração. A Torre Branca havia enviado soldados para inúmeras guerras nos últimos mil anos, mas sempre em resposta a um pedido de ajuda de pelo menos dois tronos, e sempre fora a guerra deles, não da Torre. A última vez que a própria Torre declarou guerra foi contra Artur Asa de Gavião. Siuan disse que agora apenas algumas bibliotecárias sabiam muito mais do que a existência da Lei da Guerra.

Baixa, com longos cabelos escuros até a cintura e pele cor de marfim envelhecido, Takima muitas vezes lembrava às pessoas um pássaro, inclinando a cabeça em pensamento. Agora ela parecia um pássaro que queria voar, se mexendo em seu assento, ajustando seu xale, endireitando desnecessariamente seu gorro de pérolas e safiras. “É,” ela disse finalmente, e fechou a boca.

Egwene calmamente começou a respirar novamente.

“Parece,” Romanda disse em um tom cortante, “que Siuan Sanche tem ensinado você bem, Mãe. Como você fala em apoio à declaração de guerra? A uma mulher.” Ela soou como se estivesse tentando empurrar algo desagradável para fora de seu caminho, e ela caiu em seu assento esperando que ele partisse.

Egwene assentiu graciosamente de qualquer maneira e se levantou. Ela encontrou os olhares das Votantes um a um, nivelado, firme. Takima evitou seus olhos. Luz, a mulher sabia! Mas ela não disse nada. Ela ficaria em silêncio por tempo suficiente? Era tarde demais para mudar os planos.

“Hoje nos encontramos diante de um exército liderado por pessoas que duvidam de nós. Esse exército não estaria lá de outra forma.” Egwene queria colocar paixão em sua voz, deixá-la explodir, mas Siuan aconselhou total frieza e, finalmente, ela concordou. Elas precisavam ver uma mulher no controle de si mesma, não uma

garota sendo guiada por seu coração. As palavras vieram de seu coração, no entanto. “Vocês ouviram Arathelle dizer que não queria se envolver nos assuntos das Aes Sedai. No entanto, eles estavam dispostos a trazer um exército para Murandy e ficar em nosso caminho. Porque eles não têm certeza de quem somos, ou do que somos. Alguma de vocês sentiu que realmente acreditam que vocês são Votantes?” Malind, de rosto redondo e olhos ferozes, se mexeu em seu banco entre as Verdes, assim como Salita, retorcendo seu xale de franjas amarelas, embora seu rosto escuro conseguisse esconder qualquer expressão. Berana, outra Votante escolhida em Salidar, franziu a testa pensativa. Egwene não mencionou a reação a ela como Amyrlin; se esse pensamento já não estivesse em suas cabeças, ela não queria plantá-lo.

“Nós listamos os crimes de Elaida para incontáveis nobres,” ela continuou. “Nós dissemos a eles que pretendemos removê-la. Mas eles duvidam. Eles pensam que talvez — talvez — sejamos o que dizemos. E talvez haja um truque em nossas palavras. Talvez sejamos apenas a mão de Elaida, tecendo algum esquema elaborado. A dúvida deixa as pessoas se debatendo. A dúvida deu a Pelivar e Arathelle a coragem de se colocar diante de Aes Sedai e dizer: 'Vocês não podem ir mais longe.' Confusão? Só há uma maneira de dissipar a confusão deles. Já fizemos todo o resto. Uma vez que nos declararmos em guerra com Elaida, não pode haver dúvidas. Não digo que Arathelle e Pelivar e Aemlyn vão marchar para longe assim que o fizermos, mas eles e todos os outros saberão quem somos. Ninguém se atreverá a mostrar dúvidas tão abertamente quando vocês disserem que são o Salão da Torre. Ninguém ousará ficar em nosso caminho, intrometendo-se nos assuntos da Torre por meio da incerteza e da ignorância. Caminhamos até a porta e colocamos as mãos no trinco. Se vocês têm medo de atravessar, então vocês pedem ao mundo para acreditar que vocês não são nada além de marionetes de Elaida.”

Ela se sentou, surpresa com o quão calma ela se sentia. Além das duas fileiras de Votantes, as irmãs do lado de fora se mexeram, juntando as cabeças. Ela podia imaginar os murmúrios excitados que a proteção de Aledrin bloqueou. Agora, se Takima mantivesse a boca fechada por tempo suficiente.

Romanda resmungou impacientemente e ficou parada apenas o suficiente para dizer: “Quem defende a declaração de guerra contra Elaida?” Seu olhar voltou para Lelaine, e seu sorriso frio e presunçoso voltou. Ficou claro o que ela considerava importante, uma vez que esse absurdo foi feito.

Janya se levantou imediatamente, a longa franja Marrom em seu xale balançando. “Nós também podemos”, disse ela. Ela não deveria falar, mas sua mandíbula firme e olhar afiado desafiavam alguém a manda-la se calar. Ela normalmente não era tão forte, mas como sempre, suas palavras quase tropeçavam umas nas outras. “Consertar o que o mundo sabe não será mais difícil do que é fazer isso. Nós iremos? Nós iremos? Não vejo sentido em esperar.” Do outro lado de Takima, Escaralde assentiu e se levantou.

Moria quase ficou de pé, franzindo a testa para Lyrelle, que juntou as saias como se fosse se levantar, então hesitou e olhou para Lelaine interrogativamente. Lelaine estava muito ocupada franzindo a testa sobre os tapetes de Romanda para notar.

Entre as Verdes, Samalin e Malind estavam juntas, e Faiselle olhou para cima com um puxão. Uma domanesa atarracada e de pele acobreada, Faiselle não era uma mulher que se assustasse muito, mas parecia assustada agora, seu rosto quadrado balançando de olhos arregalados de Samalin para Malind e vice-versa.

Salita levantou-se, ajeitando cuidadosamente a franja Amarela de seu xale e evitando com igual cuidado a carranca repentina de Romanda. Kwamesa se levantou, e então Aledrin, puxando Berana pela manga. Delana girou completamente em seu banco, olhando para as irmãs do lado de fora. Mesmo em silêncio, a excitação das

espectadoras se comunicava em constante mudança, cabeças juntas, olhos arremessados para os votantes. Delana se levantou lentamente, ambas as mãos pressionadas na cintura, parecendo pronta para vomitar na hora. Takima fez uma careta e olhou para as mãos nos joelhos. Saroiya estudou as outras duas Votantes Brancas, puxando sua orelha do jeito que ela fazia quando estava imersa em pensamentos. Mas ninguém mais se moveu para ficar de pé.

Egwene sentiu a bile subindo pela própria garganta. Dez. Apenas dez. Ela tinha tanta certeza. Siuan tinha tanta certeza. Logain por si só deveria ter sido motivo suficiente, dada a ignorância da lei envolvida. O exército de Pelivar e Arathelle se recusando a admitir que eram Votantes deveriam tê-las preparado como uma bomba.

“Pelo amor da Luz!” Moria explodiu. Virando-se para Lyrelle e Lelaine, ela plantou os punhos nos quadris. Se a fala de Janya foi contra o costume, isso deu um nó. Demonstrações de raiva eram estritamente proibidas no Salão, mas os olhos de Moria brilhavam, e seu sotaque illianense estava carregado com isso. “Por que vocês esperam? Elaida roubou a estola e o cajado! A Ajah de Elaida fez de Logain um falso dragão, e só a Luz sabe quantos outros homens! Nenhuma mulher na história da Torre mereceu mais esta declaração! Fiquem de pé ou fiquem caladas a partir de agora sobre sua decisão de removê-la!”

Lelaine não a encarou, mas pela expressão dela você poderia ter pensado que ela se viu atacada por um pardal. “Isso dificilmente vale um voto, Moria,” ela disse com uma voz tensa. “Falaremos mais tarde sobre decoro, você e eu. Ainda assim, se você precisar de uma demonstração de determinação...” Com uma fungada afiada, ela se levantou e deu um movimento de cabeça que puxou Lyrelle para seus pés como cordas. Lelaine pareceu surpresa por não ter puxado Faiselle e Takima também.

Longe de ficar de pé, Takima grunhiu como se tivesse sido atingida. Descrença brilhando em seu rosto, ela correu os olhos

pelas mulheres em pé, obviamente contando. E depois fez de novo. Takima, que se lembrou de tudo da primeira vez.

Egwene respirou fundo de alívio. Estava feito. Ela mal podia acreditar. Depois de um momento, ela limpou a garganta, e Sheriam realmente pulou.

Olhos verdes tão grandes quanto xícaras de chá, a Guardiã também limpou a garganta. “A posição de menor consenso, a guerra é declarada contra Elaida de Avriny a’Roihan.” Sua voz não era muito firme, mas bastou. “No interesse da unidade, peço que haja um maior consenso.”

Faiselle meio que se moveu, então apertou as mãos no colo. Saroiya abriu a boca, depois a fechou sem falar, com o rosto perturbado. Ninguém mais se mexeu.

“Você não vai conseguir,” Romanda disse sem rodeios. O sorriso de escárnio que ela dirigiu para Lelaine através do pavilhão era tão bom quanto uma declaração de por que ela, pelo menos, não iria ficar de pé. “Agora que esse pequeno negócio está terminado, podemos continuar com...”

“Acho que não podemos”, interrompeu Egwene. “Takima, o que a Lei da Guerra diz sobre o Trono de Amyrlin?” Romanda ficou de boca aberta.

Os lábios de Takima se contorceram. A diminuta Marrom parecia mais do que nunca um pássaro querendo alçar voo. “A Lei...” ela começou, então respirou fundo e se endireitou. “A Lei da Guerra afirma: ‘Assim como um conjunto de mãos deve guiar uma espada, o Trono de Amyrlin deve dirigir e processar a guerra por decreto. Ela deve procurar o conselho do Salão da Torre, mas o Salão deve cumprir seus decretos com toda a velocidade possível e, por causa da unidade, elas devem...” Ela vacilou e teve que se forçar visivelmente para continuar. “...elas precisam e devem aprovar qualquer decreto do Trono de Amyrlin sobre o prosseguimento da guerra com o maior consenso.”

Um longo silêncio se estendeu. Todos os olhos pareciam estar arregalados. Virando-se abruptamente, Delana vomitou nos tapetes atrás de seu banco. Kwamesa e Salita desceram e foram em sua direção, mas ela acenou para elas, tirando um lenço da manga para limpar a boca. Magla e Saroiya e várias outras ainda sentadas pareciam seguir seu exemplo. Nenhuma outra que tinha sido escolhido em Salidar, no entanto. Romanda parecia pronta para roer uma unha.

“Muito inteligente,” Lelaine disse finalmente em tom cortante, e depois de uma pausa deliberada, acrescentou: “Mãe. Você pode nos dizer o que a grande sabedoria de sua vasta experiência lhe diz para fazer? Sobre a guerra, quero dizer. Eu quero entender.”

“Deixe-me esclarecer também,” Egwene disse friamente. Inclinando-se para a frente, fixou a Votante Azul com severidade. “É preciso um certo respeito pelo Trono de Amyrlin, e de agora em diante, eu o terei, filha. Este não é o momento para eu ter que destituí-la e fazer uma penitência.” Os olhos de Lelaine se arregalaram cada vez mais com o choque. A mulher realmente acreditava que tudo continuaria como antes? Ou depois de tanto tempo não ousando mostrar mais do que a menor espinha dorsal, Lelaine simplesmente acreditava que não tinha nenhuma? Egwene realmente não queria destituí-la; as Azuis quase certamente devolveriam a mulher, e ela ainda tinha que lidar com o Salão em assuntos que não podiam ser disfarçados de forma convincente como parte da guerra contra Elaida.

Pelo canto do olho, ela viu um sorriso nos lábios de Romanda ao ver Lelaine se sentar. Pequeno lucro se tudo o que ela fez foi aumentar as ações de Romanda com as outras. “Isso vale para todas, Romanda,” ela disse. “Se necessário, Tiana pode encontrar duas bétulas tão facilmente quanto uma.” O sorriso de Romanda desapareceu abruptamente.

“Se me permite falar, Mãe,” disse Takima, levantando-se lentamente. Ela tentou sorrir, mas ainda parecia decididamente doente. “Eu mesma acho que você começou bem. Pode haver benefícios em parar aqui um mês. Ou mais.” A cabeça de Romanda virou para encará-la, mas pela primeira vez, Takima não pareceu notar. “Invernando aqui, podemos evitar um clima pior mais ao norte, e também planejar com cuidado...”

“Chega de atrasos, filha”, interrompeu Egwene. “Chega de arrastar os pés.” Ela seria outra Gerra, ou outra Shein? Qualquer uma ainda era possível. “Em um mês, viajaremos daqui.” Não; ela era Egwene al'Vere, e o que quer que as histórias secretas fossem dizer sobre seus defeitos e virtudes, só a Luz sabia, mas seriam dela, não cópias de alguma outra mulher. “Em um mês, iniciaremos o cerco de Tar Valon.”

Desta vez, o silêncio foi quebrado apenas pelo som de Takima chorando.



CAPÍTULO

20



Em Andor

Elayne esperava que a viagem para Caemlyn fosse tranquila e, no começo, parecia que sim. Ela pensou que sim, mesmo enquanto ela, Aviendha e Birgitte estavam sentadas exaustas e encolhidas nos tapos que restaram de suas roupas, imundas com sujeira e poeira e o sangue dos ferimentos que receberam quando o portão explodiu. Em duas semanas no máximo, estaria pronta para apresentar suas reivindicações ao Trono do Leão. Lá no topo da colina, Nynaeve curou suas inúmeras feridas e mal falou uma palavra, certamente não as repreendendo. Certamente esse era um sinal agradável, embora incomum. O alívio por encontrá-las vivas lutou contra a preocupação em seu rosto.

A força de Lan foi necessária para remover o dardo da besta Seanchan da coxa de Birgitte antes que ela pudesse ser curada daquele ferimento, mas embora seu rosto estivesse drenado de sangue e Elayne sentisse uma pontada de agonia através do laço, agonia que a fez querer gritar, sua Guardiã mal gemeu por entre os dentes cerrados.

“Tai’shar Kandor,” Lan murmurou, jogando a cabeça da flecha, feita para perfurar armaduras, de lado no chão. Verdadeiro sangue

de Kandor. Birgitte piscou e ele fez uma pausa. “Perdoe-me, se eu errei. Presumi pelas suas roupas que você era kandoriana.”

“Ah, sim,” Birgitte respirou. “Kandoriana.” Seu sorriso doentio podia ter sido de seus ferimentos; Nynaeve estava impacientemente expulsando Lan do caminho para que pudesse colocar as mãos nela. Elayne esperava que a mulher conhecesse mais Kandor do que o nome; quando Birgitte nasceu, não havia Kandor. Ela deveria ter tomado isso como um presságio.

Durante os oito quilômetros até a pequena mansão com telhado de ardósia, Birgitte cavalgou atrás de Nynaeve na robusta égua marrom desta última — chamada Amante, entre todas as coisas — e Elayne e Aviendha cavalgaram o alto garanhão preto de Lan. Pelo menos, Elayne sentou na sela de Mandarb com os braços de Aviendha em volta da cintura enquanto Lan conduzia o animal de olhos ardentes. Cavalos de guerra treinados eram tanto armas quanto espadas e montarias perigosas para cavaleiros estranhos. *Tenha confiança em si mesma, garota*, Lini sempre disse a ela, *mas não muita*, e ela tentava. Ela deveria ter percebido que os eventos não estavam mais sob seu controle do que as rédeas de Mandarb.

Na casa de pedra de três andares, o senhor Hornwell, robusto e grisalho, e a senhora Hornwell, um pouco menos redonda e um pouco menos grisalha, mas muito parecida com o marido, tinham até a última pessoa que trabalhava nas propriedades, e a empregada de Merilille, Pol, e o criados de libré verde e branca que também vieram do Palácio Tarasin, todos apressados para encontrar acomodações para mais de duzentas pessoas, a maioria mulheres, que apareceram do nada com a escuridão quase caindo. O serviço transcorreu com uma rapidez surpreendente, apesar de o pessoal da fazenda parar para olhar boquiaberto o rosto sem idade de uma Aes Sedai, ou o manto furta-cor de um Guardião fazendo desaparecer partes dele, ou alguém do Povo do Mar com todas as suas sedas brilhantes, sua brincos e corrente com focinho e medalhões. As Mulheres Kin estavam decidindo que agora era seguro ficarem

assustadas e chorar, não importasse o que Reanne e o Círculo de Tricô dissessem a elas; As Chamadoras de Vento estavam rosnando sobre o quão longe do sal haviam chegado, contra sua vontade, como Renaile din Calon afirmou em voz alta; e nobres e artesãs que estavam muito dispostas a fugir do que quer que estivesse em Ebou Dar, dispostas a carregar seus pertences nas costas, estavam agora se recusando a ver um palheiro como cama.

Tudo isso estava acontecendo quando Elayne e os outros chegaram com o sol vermelho no horizonte oeste, uma grande agitação e moagem por toda a casa e anexos com telhado de palha, mas Alise Tenjile, sorrindo amavelmente e implacável como uma avalanche, parecia ter tudo mais na mão do que até mesmo os Hornwells eram capazes. Mulheres Kin que choravam mais por todas as tentativas de conforto de Reanne secaram suas lágrimas com um murmúrio de Alise e começaram a se mover com o ar decidido de mulheres que cuidavam de si mesmas em um mundo hostil há muitos anos. Nobres altivas com facas de casamento penduradas nos recortes ovais em seus corpetes de renda e artesãs que exibiam quase tanta arrogância e seios quase iguais, se não em seda, estremeceram ao ver Alise se aproximando e foram correndo para os celeiros altos abraçando suas trouxas e anunciando em voz alta que sempre acharam divertido dormir na palha. Até as Chamadoras de Vento, muitas delas mulheres importantes e poderosas entre os Atha'an Miere, abafaram suas queixas quando Alise se aproximou. Por falar nisso, Sareitha, ainda sem a atemporalidade da Aes Sedai, olhou de soslaio para Alise e tocou seu xale de franjas marrons como se para se lembrar de que estava lá. Merilille — a imperturbável Merilille — observou a mulher fazer seu trabalho com uma mistura de aprovação e espanto aberto.

Descendo de sua sela na porta da frente da casa, Nynaeve olhou para Alise, deu um puxão deliberado em sua trança escura que a outra mulher estava ocupada demais para perceber, e entrou, tirando suas luvas de montaria azuis e resmungando para si mesma.

Observando-a ir, Lan riu baixinho, então abafou a risada imediatamente quando Elayne desmontou. Luz, mas seus olhos estavam frios! Pelo bem de Nynaeve, ela esperava que o homem pudesse ser salvo de seu destino, mas olhando naqueles olhos, ela não acreditou.

“Onde está Ispan?” ela murmurou, ajudando Aviendha a descer. Tantas mulheres sabiam que uma Aes Sedai — a irmã Negra — estava presa, que a notícia ia se espalhar pelas fazendas como fogo em capim seco, mas melhor se os senhores tivessem um pouco de preparação.

“Adeleas e Vandene a levaram para uma pequena cabana de lenhador a cerca de 800 metros de distância”, ele respondeu com a mesma calma. “No meio de tudo isso, acho que ninguém notou uma mulher com um saco na cabeça. As irmãs disseram que ficariam lá com ela esta noite.”

Elayne estremeceu. A Amigo das Trevas seria interrogada novamente assim que o sol se pusesse, ao que parecia. Eles estavam em Andor, agora, e isso a fez sentir mais profundamente como se ela tivesse dado a ordem para isso.

Logo ela estava em uma banheira de cobre, deleitando-se com sabonete perfumado e a pele limpa novamente, rindo e espirrando água em Birgitte, que se recostava em outra banheira, exceto quando ela estava espirrando de volta, ambas rindo do horror que Aviendha não conseguia esconder, sentada até os seios na água. Ela achava que era uma piada muito boa sobre si mesma, no entanto, e contou uma história muito imprópria sobre um homem ficando com espinhas de *segade* em seu traseiro. Birgitte contou uma ainda mais imprópria, sobre uma mulher ficar com a cabeça presa entre as ripas de uma cerca, que fez até Aviendha corar. Elas eram engraçadas, no entanto. Elayne desejou saber uma para contar.

Ela e Aviendha pentearam e escovaram o cabelo uma da outra — um ritual noturno para quase irmãs — e então se aconchegaram

cansadas na cama com dossel em um quartinho. Ela e Aviendha, Birgitte e Nynaeve, e sorte que não havia mais. Os quartos maiores tinham camas e paletes cobrindo o chão, incluindo as salas de estar, as cozinhas e a maioria dos corredores. Nynaeve murmurou metade da noite sobre a indecência de fazer uma mulher dormir longe do marido e, na outra metade, seus cotovelos pareciam acordar Elayne toda vez que ela caía no sono. Birgitte recusou-se terminantemente a mudar de lugar, e não podia pedir a Aviendha que suportasse o cutucão da mulher, por isso não dormiu muito.

Elayne ainda estava grogue quando se prepararam para partir na manhã seguinte, com o sol nascente uma bola de ouro derretida. A mansão tinha poucos animais de sobra, a menos que ela desnudasse as propriedades, então enquanto ela montava um capão preto chamado Coração de Fogo, e Aviendha e Birgitte tinham novas montarias, e aqueles que estavam a pé quando fugiram da fazenda das Kin permaneceram em pé. Isso incluía a maioria das próprias Mulheres Kin, os servos que conduziam os animais de carga e as vinte e tantas mulheres que claramente estavam além do arrependimento de sua visita à fazenda das Kin na esperança de paz e contemplação. Os Guardiões cavalgavam à frente para explorar o caminho através de colinas cobertas de florestas famintas pela seca, e o resto deles se estendia em uma fila muito peculiar, com Nynaeve, ela e as outras irmãs à frente. E Aviendha, claro.

Não era um grupo que pudesse passar despercebido, tantas mulheres viajando com tão poucos homens como guardas, para não falar de vinte escuras Chamadoras de Vento, desajeitadas em seus cavalos e brilhantes como pássaros de plumagem exótica, e oito Aes Sedai, cinco delas reconhecíveis para qualquer um que soubesse o que procurar. Embora uma cavalgasse com um saco de couro na cabeça, é claro. Como se isso não fosse atrair os olhos por si só. Elayne esperava chegar a Caemlyn despercebida, mas isso não parecia mais possível. Ainda assim, não havia razão para que alguém suspeitasse que a Filha-Herdeira, a própria Elayne Trakand, fazia

parte desse grupo. No início, ela pensou que a maior dificuldade que elas poderiam enfrentar fosse alguém que se opusesse às suas alegações por saber de sua presença, enviando homens armados para tentar prendê-la até que a sucessão fosse resolvida.

Na verdade, esperava que o primeiro problema viesse das artesãs e nobres doloridas, todas mulheres orgulhosas, e nenhuma acostumada a vagar pelas colinas empoeiradas. Especialmente porque a empregada de Merilille tinha sua própria égua gorda para montar. As poucas donas de campo entre elas não pareciam se importar muito, mas quase metade delas eram mulheres que possuíam terras, mansões e palácios, e a maioria das outras poderia comprar uma propriedade, se não duas ou três. Elas tinham no grupo duas ourives, três tecelãs que possuíam mais de quatrocentos teares entre elas, uma mulher cujas fábricas produziam um décimo de todos os artigos de laca que Ebou Dar produzia, e uma banqueira. Elas andavam, seus pertences amarrados às costas, enquanto seus cavalos carregavam selas carregadas de comida. Havia uma necessidade real. Todas as últimas moedas da bolsa de todos foram reunidas e entregues às mãos de Nynaeve, mas nem tudo aquilo poderia ser suficiente para comprar comida, forragem e alojamento para um grupo tão grande até Caemlyn. Elas não pareciam entender. Reclamaram alto e incessantemente durante o primeiro dia de marcha. A mais barulhenta de todas era uma senhora magra com uma cicatriz fina em uma bochecha, uma mulher de rosto severo chamada Malien, que estava quase dobrada sob o peso de um enorme pacote contendo uma dúzia ou mais de vestidos e todas as peças de roupa que os acompanhavam.

Quando acamparam naquela primeira noite, com suas fogueiras de cozinha brilhando no crepúsculo e todos cheios de feijão e pão, se não inteiramente satisfeitos com eles, Malien reuniu as mulheres nobres ao redor dela, suas sedas mais do que manchadas de viagem. As artesãs também se juntaram, a banqueira e as fazendeiras se aproximaram. Antes que Malien pudesse dizer uma palavra, Reanne

entrou no grupo. Com o rosto cheio de linhas de sorriso, em simples lã marrom com as saias costuradas à esquerda para expor anáguas em camadas brilhantes, ela poderia ter sido uma das mulheres de fazenda.

“Se vocês desejam ir para casa,” ela anunciou com aquela voz surpreendentemente alta, “vocês podem ir a qualquer momento. Lamento que devamos ficar com seus cavalos, no entanto. Vocês serão pagas por eles assim que puder ser providenciado. Se vocês optarem por permanecer, lembrem-se de que as regras da fazenda ainda se aplicam.” Várias mulheres ao seu redor ficaram boquiabertas. Malien não foi a única a abrir a boca com raiva.

Alise pareceu aparecer ao lado de Reanne, punhos plantados em seus quadris. Ela não estava sorrindo agora. “Eu disse que as últimas dez que estivessem prontos lavariam a louça,” ela disse a elas com firmeza. E então as nomeou; Jillien, uma rechonchuda ourives; Naiselle, a banqueira de olhos frios; e todos as oito nobres. Elas ficaram olhando para ela até que ela bateu palmas e disse: “Não me façam invocar a regra de não fazer sua parte nas tarefas”.

Malien, de olhos arregalados e resmungando incrédula, foi a última a sair correndo e começar a juntar tigelas sujas, mas na manhã seguinte ela esvaziou sua trouxa, deixando vestidos de seda com renda e saias para serem pisoteadas na encosta enquanto partiam. Elayne continuou esperando uma explosão, mas Reanne manteve uma mão firme sobre elas, Alise manteve uma mão mais firme, e se Malien e as outros olharam e resmungaram sobre as manchas de graxa que cresciam em suas roupas dia após dia, Reanne tinha apenas que falar algumas palavras para enviá-las ao seu trabalho. Alise só tinha que bater palmas.

Se o resto da viagem pudesse ter corrido tão bem, Elayne estaria disposta a se juntar àquelas mulheres em seu trabalho gorduroso. Muito antes de chegar a Caemlyn, ela sabia disso.

Assim que chegaram à primeira estrada estreita e poeirenta, pouco mais que uma trilha de carroças, começaram a aparecer fazendas, casas de pedra com telhado de palha e celeiros agarrados às encostas ou aninhados em vales. A partir de então, quer a terra fosse montanhosa ou plana, florestada ou desmatada, raramente passavam muitas horas além da vista de uma fazenda ou aldeia. Em cada uma delas, enquanto o povo local olhava para os estranhos muito estranhos, Elayne tentou descobrir quanto apoio a Casa Trakand tinha e o que mais preocupava as pessoas. Abordar essas preocupações seria importante para tornar sua reivindicação ao trono forte o suficiente para permanecer, tão importante quanto o apoio de outras Casas. Ela ouvia muito, se não sempre o que desejava ouvir. Os andoreanos reivindicavam o direito de dizer o que pensavam à própria rainha; dificilmente eram tímidos com uma jovem nobre, por mais peculiares que fossem suas companheiras de viagem.

Em uma aldeia chamada Damelien, onde três moinhos ficavam ao lado de um pequeno rio com tão pouca água que deixava suas altas rodas d'água secas, o estalajadeiro de queixo quadrado em Os Feixes de Ouro admitiu como ele achava que Morgase tinha sido uma boa rainha, a melhor que poderia ser, a melhor que já existiu. "Sua filha podia ter sido uma boa governante, também, eu suponho", ele murmurou, manuseando o queixo. "Pena que o Dragão Renascido as matou. Eu suponho que ele teve que fazer — por causa das Profecias ou algo assim —, mas ele não tinha nenhuma ordem para secar os rios, não é? De quanto grão você disse que seus cavalos precisam, minha senhora? É terrível querida, lembre-se."

Uma mulher de rosto duro, com um vestido marrom gasto que caía sobre ela como se tivesse emagrecido, observava um campo cercado por um muro baixo de pedra, onde o vento quente mandava folhas de poeira marchando para a floresta. As outras fazendas ao redor de Colina do Enterro pareciam tão ruins ou piores. "Aquele Dragão Renascido não tem o direito de fazer isso conosco, tem?

Pergunto a você!" Ela cuspiu e franziu a testa para Elayne em sua sela. "O trono? Ah, Dyelin é tão bom quanto qualquer outro, agora Morgase e sua garota estão mortas. Alguns por aqui ainda defendem Naeen ou Elenia, mas eu sou a favor de Dyelin. De qualquer modo, Caemlyn está muito longe. Tenho colheitas com que me preocupar. Se eu fizer outra colheita."

"Ah, é verdade, minha senhora, é verdade; Elayne está viva", disse-lhe um velho carpinteiro retorcido no Mercado de Forel. Ele era careca como um ovo de couro, os dedos torcidos pela idade, mas o trabalho entre as aparas e a serragem que cobria sua loja parecia tão bom quanto qualquer um que Elayne já tinha visto. Ela era a única pessoa na loja além dele. Pelo aspecto da aldeia, metade dos moradores tinha ido embora. "O Dragão Renascido está levando-a para Caemlyn para que ele mesmo possa colocar a Coroa de Rosas em sua cabeça," ele disse. "As notícias estão por toda parte. Não está certo, se você me perguntar. Ele é um daqueles homens Aiel de olhos negros, ouvi dizer. Devemos marchar em Caemlyn e fazer ele e todos aqueles Aiel voltarem para onde eles vieram. Então Elayne pode reivindicar o trono ela mesma. Se Dyelin deixar ela ficar com ele, de qualquer maneira."

Elayne ouviu muito sobre Rand, rumores que iam desde ele jurando fidelidade a Elaída até ele ser o rei de Illian, entre todas as coisas. Em Andor, ele foi culpado por tudo de ruim que aconteceu nos últimos dois ou três anos, incluindo natimortos e pernas quebradas, infestações de gafanhotos, bezerros de duas cabeças e galinhas de três pernas. E mesmo as pessoas que achavam que sua mãe havia arruinado o país e o que fim do reinado da Casa Trakand era uma boa coisa, ainda acreditavam que Rand al'Thor era um invasor. O Dragão Renascido deveria lutar contra o Tenebroso em Shayol Ghul, e ele deveria ser expulso de Andor. Não era o que ela esperava ouvir, nem um pouco. Mas ouviu tudo de novo e de novo. Não foi uma viagem nada agradável. Foi uma longa lição de um dos

ditados favoritos de Lini. *Não é a pedra que você vê que te faz tropeçar e cair de nariz.*

Ela pensou que várias coisas além dos nobres poderiam causar problemas, algumas com certeza seriam explosões tão grandes quanto o portal. As Chamadoras de Vento, presunçosas na barganha feita com Nynaeve e ela mesma, comportavam-se de maneira irritantemente superior em relação às Aes Sedai, principalmente depois que se soube que Merilille se permitira ser uma das primeiras irmãs a embarcar nos navios. No entanto, se o chiado continuasse como a queima do fio do fusível de um iluminador, a explosão nunca aconteceu. As Chamadoras de Vento e as Mulheres Kin, em particular o Círculo de Tricô, pareciam prestes a explodir. Elas cortavam umas as outras quando não zombavam abertamente, as Kins dizendo que “as Bravias do Povo do Mar estavam se superando”, e as Chamadoras de Vento dizendo que eram “fazendeiras choronas beijando os pés das Aes Sedai”. Mas nunca iam além de lábios torcidos ou punhais acariciados.

Ispan certamente apresentava problemas que Elayne tinha certeza que cresceriam, mas depois de alguns dias, Vandene e Adeleas a deixaram cavalgar sem capuz, se não sem blindagem, uma figura silenciosa com contas coloridas em suas tranças finas, rosto sem idade virado para baixo e mãos ainda nas rédeas. Renaile disse a todos que quisessem ouvir que, entre os Atha'an Miere, um Amigo das Trevas era despojado de seus nomes assim que se provava culpado, depois jogado para o lado amarrado a pedras de lastro. Entre as Mulheres Kin, até mesmo Reanne e Alise empalideciam toda vez que viam a mulher taraboneana. Mas Ispan foi ficando cada vez mais mansa, ansiosa por agradar e cheia de sorrisos insinuantes para as duas irmãs de cabelos brancos, não importava o que elas fizessem com ela quando a levavam para longe das outras à noite. Por outro lado, Adeleas e Vandene ficaram cada vez mais frustradas. Adeleas disse a Nynaeve na audiência de Elayne que a mulher derramou volumes sobre antigas tramas da Ajah Negra, aquelas nas

quais ela não havia se envolvido com muito mais entusiasmo do que aquelas em que estava, mas mesmo quando elas a pressionaram com força — Elayne não conseguiu se obrigar a perguntar como elas pressionaram — e ela deixou escapar os nomes de Amigas das Trevas, a maioria certamente estava morta e nenhuma era irmã. Vandene disse que elas estavam começando a temer que ela tivesse feito um Juramento — a maiúscula era audível — contra trair suas companheiras. Eles continuaram a isolar Ispan o máximo possível e continuaram com suas perguntas, mas estava claro que estavam tateando cegamente, agora, e com cuidado.

E havia Nynaeve e Lan. Definitivamente Nynaeve e Lan, com ela quase explodindo com o esforço de manter o temperamento perto dele, sonhando com ele quando eles tinham que dormir separados — o que era quase sempre, pela forma como as acomodações se dividiam — e dividida entre ansiosa e com medo quando ela poderia levá-lo para um palheiro. A culpa foi dela por ter escolhido um casamento do Povo do Mar, na avaliação de Elayne. O Povo do Mar acreditava na hierarquia como no mar, e sabia que uma mulher e seu marido podiam ser promovidos um ao outro muitas vezes na vida. Seus ritos de casamento levavam isso em conta. Quem tinha o direito de mandar em público, devia obedecer em particular. Lan nunca se aproveitou, então Nynaeve disse — “na verdade não”, o que quer que isso signifique! Ela sempre corava quando dizia isso, mas ficava esperando que ele fizesse isso, e ele parecia achar cada vez mais divertido. Essa diversão, é claro, levou o temperamento de Nynaeve a um ponto febril. Nynaeve entrou em erupção, de todas as explosões que Elayne esperava. Ela repreendeu qualquer um e todos que entraram em seu caminho. Exceto em Lan; com ele, ela era toda mel e creme. E não com Alise. Ela chegou perto uma ou duas vezes, mas mesmo Nynaeve não conseguia se obrigar a atacar Alise.

Elayne tinha esperanças, não preocupações, com as coisas trazidas do Rahad junto com a Tigela dos Ventos. Aviendha a ajudou a procurar, assim como Nynaeve uma ou duas vezes, mas ela foi

muito lenta e cautelosa e mostrou pouca habilidade em encontrar o que elas estavam procurando. Elas não encontraram mais *angreal*, mas a coleção de *ter'angreal* cresceu; depois que todo o lixo foi jogado fora, objetos que usavam o Poder Único encheram cinco cestos inteiros nos cavalos de carga.

Por mais cuidadosa que Elayne fosse, porém, suas tentativas de estudá-los não foram tão boas. O Espírito era o mais seguro dos Cinco Poderes para usar nisso — a menos, é claro, que o Espírito fosse o que desencadeasse a coisa! — mas às vezes ela tinha que usar outros fluxos, tão finos quanto pudesse tecer. Às vezes, sua delicada sondagem não fazia nada, mas seu primeiro toque na coisa que parecia um quebra-cabeça de ferreiro feito de vidro a deixou tonta e incapaz de dormir por metade da noite; e uma trama de Fogo tocando o que parecia ser um capacete feito de metal fofo com penas, deu a todos em um raio de vinte passos uma dor de cabeça ofuscante. Exceto por ela mesma. E então havia o bastão carmesim que parecia quente; quente, de certa forma.

Sentada na beirada de sua cama em uma pousada chamada O Javali Selvagem, ela examinou a haste lisa à luz de duas lâmpadas de latão polido. Com a grossura de um pulso e trinta centímetros de comprimento, parecia pedra, mas parecia mais firme do que duro. Ela estava sozinha; desde o capacete, ela tentou fazer seus estudos longe dos outros. O calor da vara a fez pensar em Fogo...

Piscando, ela abriu os olhos e sentou-se na cama. A luz do sol entrava pela janela. Ela estava em seu vestido, e Nynaeve, totalmente vestida, estava franzindo a testa para ela. Aviendha e Birgitte observavam ao lado da porta.

"O que aconteceu?" Elayne exigiu, e Nynaeve balançou a cabeça severamente.

"Você não quer saber." Seus lábios se contraíram.

O rosto de Aviendha não revelava nada. A boca de Birgitte podia estar um pouco apertada, mas a emoção mais forte que Elayne

sentiu dela foi uma combinação de alívio e — hilaridade! A mulher estava fazendo o máximo para não rolar no chão de tanto rir!

O pior de tudo era que ninguém diria o que tinha acontecido. O que ela disse, ou fez; tinha certeza que era isso, pelos sorrisos rapidamente disfarçados que via, tanto de Mulheres Kin e Chamadoras de Vento, quanto das irmãs. Mas ninguém diria a ela! Depois disso, ela decidiu deixar o estudo dos *ter'angreal* para um lugar mais confortável do que uma pousada. Em algum lugar definitivamente mais privado!

Nove dias depois de sua partida de Ebou Dar, nuvens espalhadas apareceram no céu e gotas de chuva grossas espalharam poeira na estrada. Uma garoa intermitente caiu no dia seguinte e, no dia seguinte, um dilúvio as manteve amontoadas nas casas e estábulos do Mercado Forel. Naquela noite, a chuva se transformou em granizo e, pela manhã, grossas rajadas de neve caíram de um céu escuro de nuvens. Mais da metade do caminho para Caemlyn, Elayne começou a se perguntar se elas conseguiriam chegar em duas semanas de onde estavam.

Com a neve, as roupas se tornaram uma preocupação. Elayne se culpava por não pensar no fato de que todo mundo poderia precisar de roupas quentes antes de chegar ao seu destino. Nynaeve se culpou por não pensar nisso. Merilille pensou que ela estava em falta, e Reanne pensou que ela estava. Elas realmente estavam na rua principal do Mercado Forel naquela manhã com flocos de neve caindo sobre suas cabeças, discutindo sobre quem poderia reivindicar a culpa. Elayne não tinha certeza de qual delas viu o absurdo primeiro, quem foi a primeira a rir, mas todas estavam rindo enquanto se acomodaram ao redor de uma mesa no Cisne Branco para decidir o que fazer. A solução acabou por não ser motivo de riso. Fornecer um casaco ou manto quente para todos daria uma grande mordida em suas moedas, se tantos pudessem ser encontrados. Joias podiam ser vendidas ou trocadas, é claro, mas

ninguém no Mercado Forel parecia estar interessado em colares ou pulseiras, por mais finos que fossem.

Aviendha resolveu essa dificuldade produzindo um pequeno saco cheio de pedras claras e perfeitas, algumas bem grandes. Estranhamente, as mesmas pessoas que haviam dito com polidez nua que não precisavam de colares de pedras preciosas ficaram de olhos arregalados para as pedras soltas rolando na palma de Aviendha. Reanne disse que viam uma como frivolidade, a outra como riqueza, mas quaisquer que fossem suas razões, em troca de dois rubis de tamanho moderado, uma grande pedra-da-lua e uma pequena gota de fogo, o povo do Mercado Forel estava mais do que disposto a fornecer tantos mantos de lã quanto seus visitantes desejassem, alguns deles mal usados.

"Muito generoso da parte deles", Nynaeve murmurou amargamente quando as pessoas começaram a arrancar roupas de seus peitos e sôtãos. Um fluxo constante marchou para a estalagem com os braços cheios. "Essas pedras podem comprar a aldeia inteira!" Aviendha deu de ombros ligeiramente; ela teria entregado um punhado de gemas se Reanne não tivesse intervindo.

Merilille balançou a cabeça. "Temos o que eles querem, mas eles têm o que precisamos. Receio que isso signifique que eles definam o preço." O que era muito parecido com a situação do Povo do Mar. Nynaeve parecia positivamente doente.

Quando ficaram a sós, num corredor da estalagem, Elayne perguntou a Aviendha onde conseguira tamanha fortuna em joias, uma da qual parecia ansiosa para se livrar. Ela esperava que sua quase-irmã dissesse que eram suas conquistas da Pedra da Lágrima, ou talvez Cairhien.

"Rand al'Thor me enganou," Aviendha murmurou mal-humorada. "Eu tentei comprar meu toh dele. Sei que essa é a maneira menos honrosa" protestou ela, "mas não consegui ver outra. E ele me colocou na minha cabeça! Por que, quando você raciocina

logicamente, um homem sempre faz algo completamente ilógico e ganha vantagem?”

“Suas cabeças bonitas são tão confusas que uma mulher não pode esperar entender como elas funcionam”, disse Elayne. Ela não perguntou o que Aviendha tentou comprar, ou como a tentativa terminou com sua quase-irmã possuindo um saco cheio de pedras preciosas. Falar sobre Rand já era difícil o suficiente sem saber aonde isso poderia levar.

A neve trouxe mais do que a necessidade de roupas quentes. Ao meio-dia, com as rajadas de neve caindo a cada minuto, Renaile desceu as escadas para a sala comunal, proclamou que sua parte do acordo havia sido cumprida e exigiu não apenas a Tigela dos Ventos, mas Merilille. A irmã Cinza olhou consternada, assim como muitas outras. As bancadas estavam cheias de Mulheres Kin que se revezavam na refeição do meio-dia, e os servos e as serventes corriam para servir este terceiro lote de refeições. Renaile não baixou a voz e todas as cabeças na sala comunal se voltaram para ela.

“Você pode começar a ensinar agora”, disse Renaile à Aes Sedai de olhos arregalados. “Suba a escada para meus aposentos.” Merilille começou a protestar, mas com o rosto subitamente frio, a Chamadora de Vento da Senhora dos Navios plantou os punhos nos quadris. “Quando eu dou uma ordem, Merilille Ceandevin,” ela disse friamente, “eu espero que todas as mãos no convés saltem. Agora salte!”

Merilille não pulou exatamente, mas se recompôs e foi embora, com Renaile praticamente empurrando-a escada acima por trás. Dada a sua promessa, ela não tinha outra escolha. O rosto de Reanne estava horrorizado. Alise e a robusta Sumeko, ainda usando seu cinto vermelho, observavam pensativamente.

Nos dias que se seguiram, seja trabalhando em uma estrada coberta de neve em seus cavalos, andando pelas ruas de uma aldeia

ou tentando encontrar espaço para todos em uma fazenda, Renaile manteve Merilille em seus calcanhares, exceto quando ela a mandava seguir mais uma Chamadora de Vento. O brilho do *saidar* cercava a irmã Cinza e sua escolta quase constantemente, e Merilille demonstrava tramas incessantemente. A pálida cairhiena era marcadamente mais baixa do que qualquer mulher morena do Povo do Mar, mas a princípio, Merilille conseguiu ficar mais alta pela força da dignidade da Aes Sedai. Logo, porém, ela começou a ter uma expressão permanentemente assustada. Elayne soube que quando todos tinham camas para dormir, o que nem sempre acontecia, Merilille dividia com Pol, sua empregada, e as duas aprendizes Chamadoras de Vento, Talaan e Metarra. O que isso dizia sobre o status de Merilille, Elayne não tinha certeza. Claramente, as Chamadoras de Vento não a colocavam no mesmo nível das aprendizes. Elas apenas esperavam que ela fizesse o que lhe mandassem, quando mandassem, sem atrasos ou equívocos.

Reanne permaneceu horrorizada com o rumo dos acontecimentos, mas Alise e Sumeko não eram as únicas entre as Kin a observar de perto, não os únicos a acenar pensativamente. E de repente, outro problema veio ao conhecimento de Elayne. As Mulheres Kin viram Ispan cada vez mais maleável em seu cativeiro, mas ela era prisioneira de outras Aes Sedai. O Povo do Mar não era Aes Sedai, e Merilille não era prisioneira, mas estava começando a pular quando Renaile dava uma ordem, ou, aliás, quando Dorile, ou Caire, ou a irmã de sangue de Caire, Tebreille, mandava. Cada uma delas era Chamadora de Vento para um clã de uma Metra das Ondas, e nenhuma das outras a fazia pular com tanta vivacidade, mas isso bastava. Mais e mais das Kin deslizavam da boca horrorizada para a observação pensativa. Talvez as Aes Sedai não fossem uma carne diferente, afinal. Se as Aes Sedai fossem apenas mulheres como elas, por que deveriam se sujeitar mais uma vez aos rigores da Torre, à autoridade das Aes Sedai e à disciplina das Aes Sedai? Não tinham sobrevivido muito bem sozinhas, algumas por mais anos do que

qualquer uma das irmãs mais velhas estava disposta a acreditar? Elayne praticamente podia ver a ideia se formando em suas cabeças.

Quando ela mencionou isso para Nynaeve, porém, Nynaeve apenas murmurou: “Já era hora de algumas das irmãs aprenderem como é tentar ensinar uma mulher que pensa que sabe mais do que sua professora. Aquelas que têm uma chance de um xale ainda vão querer, e quanto ao resto, não vejo por que elas não deveriam ter uma espinha dorsal.” Elayne se absteve de mencionar as queixas de Nynaeve sobre Sumeko, que certamente havia se tornado uma espinha dorsal; Sumeko havia criticado vários tecidos de Cura de Nynaeve como “desajeitados”, e Elayne pensou que Nynaeve teria apoplexia no local. “De qualquer forma, não há necessidade de contar a Egwene sobre isso. Se ela estiver lá. Contar qualquer coisa. Ela tem o suficiente com o que se preocupar.” Sem dúvida, “qualquer coisa” referia-se a Merilille e às Chamadoras de Vento.

Elas estavam em seus turnos, sentados em sua cama no segundo andar da estalagem O Novo Arado, com o anel torcido dos *ter'angreal* pendurado em seus pescoços, o de Elayne em um simples cordão de couro, o de Nynaeve ao lado do pesado anel de sinete de Lan em uma corrente estreita dourada. Aviendha e Birgitte, ainda completamente vestidas, sentaram-se em dois baús de roupas. De guarda, como chamavam, até ela e Nynaeve voltarem do Mundo dos Sonhos. Ambas usavam suas capas até que pudessem passar por baixo dos cobertores. O Novo Arado definitivamente não era novo; rachaduras se espalhavam pelas paredes rebocadas, e correntes de ar infelizes se infiltravam por toda parte.

O quarto em si era pequeno, e os baús e trouxas empilhadas deixavam espaço para pouco além da cama e do lavatório. Elayne sabia que tinha que se apresentar adequadamente em Caemlyn, mas às vezes se sentia culpada, com seus pertences em animais de carga quando a maioria das outras tinha que se contentar com o que podiam carregar nas costas. Nynaeve certamente nunca mostrou nenhum arrependimento em seu peito. Tinham passado dezesseis

dias na estrada, a lua cheia do lado de fora da janela estreita brilhava sobre um manto branco de neve que tornaria a viagem de amanhã lenta, mesmo que o céu permanecesse limpo, e Elayne pensou que mais uma semana para Caemlyn era uma estimativa otimista.

“Tenho juízo suficiente para não lembrar a ela”, disse ela a Nynaeve. “Eu não quero que meu nariz seja puxado de novo.”

Essa era uma maneira suave de colocar a situação. Elas não estiveram em *Tel'aran'rhiod* desde que informaram a Egwene, na noite depois de deixar a propriedade, que a Tigela havia sido usada. Com relutância, elas também lhe contaram da barganha que foram forçados a fazer com o Povo do Mar, e se viram diante do Trono de Amyrlin com a estola listrada nos ombros. Elayne sabia que era necessário e certo — a amiga mais próxima de uma rainha entre seus súditos sabia que ela era a rainha; além de amiga, tinha que saber isso —, mas ela não gostou que a amiga lhes dissesse em voz acalorada que elas haviam se comportado como idiotas tolas que poderiam ter trazido ruína sobre todas as suas cabeças. Especialmente quando ela mesma concordava. Ela não gostou de ouvir que a única razão pela qual Egwene não deu a ambas uma penitência que iria enrolar seus cabelos era que ela não podia permitir que elas perdessem tempo. Necessário e certo, porém; quando ela se sentasse no Trono do Leão, ela ainda seria Aes Sedai, e sujeita às leis, regras e costumes da Aes Sedai. Não por Andor — ela não daria suas terras para a Torre Branca — mas por si mesma. Então, por mais desagradável que tenha sido, ela aceitou seu castigo com calma. Nynaeve se contorceu e gaguejou de vergonha, protestou e quase fez beicinho, depois pediu desculpas tão profusamente que Elayne mal acreditou que era a mesma mulher que ela conhecia. Com toda a razão, Egwene tinha permanecido a Amyrlin, fria em seu desagrado, mesmo quando perdoava seus erros. Na melhor das hipóteses, esta noite não poderia ser agradável ou confortável se ela estivesse lá.

Mas quando elas sonharam com a Salidar de *Tel'aran'rhiod*, na sala da Pequena Torre que foi chamada de Estudo da Amyrlin, ela não estava lá, e o único sinal de que ela visitou desde o encontro foram algumas palavras pouco visíveis, arranhadas grosseiramente em um painel de parede crivado de besouros, como se por uma mão ociosa que não queria se esforçar para esculpir profundamente.

FIQUEM EM CAEMLYN

E a alguns passos de distância:

MANTENHAM O SILÊNCIO E SEJAM CUIDADOSAS

Essas foram as instruções finais de Egwene para elas. Vão para Caemlyn e fiquem lá até que ela possa descobrir como evitar que o Salão salgasse todas elas e as pregasse em um barril. Um lembrete que elas não tinham como apagar.

Abraçando *saidar*, Elayne canalizou para deixar sua própria mensagem, o número quinze aparentemente riscado na mesa pesada que havia sido a escrivaninha de Egwene. Inverter a trama e amarrá-la significava que apenas alguém que passasse os dedos pelos numerais perceberia que eles não estavam realmente ali. Talvez não levasse quinze dias para chegar a Caemlyn, mas mais de uma semana, ela tinha certeza.

Nynaeve foi até a janela e olhou para os dois lados, tomando cuidado para não colocar a cabeça para fora pela janela aberta. Era noite lá fora como no mundo desperto, uma lua cheia brilhando na neve brilhante, embora o ar não estivesse frio. Ninguém mais deveria estar lá, exceto elas, e se alguém estivesse ali, era alguém que deviam evitar. "Espero que ela não esteja tendo problemas com seus planos", ela murmurou.

“Ela nos disse para não mencioná-los nem uma para a outra, Nynaeve. 'Um segredo falado encontra asas.'" Esse tinha sido outro dos muitos favoritos de Lini.

Nynaeve fez uma careta por cima do ombro, depois voltou a espiar pelo beco estreito. “É diferente para você. Cuidei dela quando criança, troquei suas fraldas, bati em seu traseiro uma ou duas vezes. E agora eu tenho que pular quando ela estala os dedos. É difícil.”

Elayne não pôde evitar. Ela estalou os dedos.

Nynaeve girou tão rápido que saiu de foco, o rosto arregalado de horror. Seu vestido também estava borrado, as sedas de montaria azuis indo a um branco com faixas de Aceita, até o que ela usava a boa e robusta lã de Dois Rios, escura e grossa. Quando ela percebeu que Egwene não estava lá, não estava ouvindo, quase desmaiou de alívio.

Quando voltaram para seus corpos e acordaram o suficiente para dizer às outras que podiam ir para a cama, Aviendha certamente achou uma boa piada, e Birgitte riu também. Nynaeve teve sua vingança, no entanto. Na manhã seguinte, ela acordou Elayne com um pingente de gelo. Os gritos de Elayne acordaram todo mundo em toda a aldeia.

Três dias depois, veio a primeira explosão.



CAPÍTULO

21



Atendendo às Convocações

As grandes tempestades de inverno chamadas de cemaros continuaram a surgir do Mar de Tempestades, mais duras do que qualquer outra na memória. Alguns disseram que este ano o cemaros estava tentando compensar os meses de atraso. Relâmpagos estalaram nos céus, o suficiente para tornar a escuridão irregular à noite. O vento açoitava a terra e a chuva a agitava, transformando todas as estradas, exceto as mais duras, em rios de lama. Às vezes, a lama congelava depois do anoitecer, mas o nascer do sol sempre trazia um degelo, mesmo sob o céu cinza, e o chão voltava a ser pântanos. Rand ficou surpreso com o quanto tudo isso atrapalhava seus planos.

Os Asha'man que ele havia enviado vieram rapidamente, no meio da manhã do dia seguinte, saindo de um portão para uma chuva torrencial que obscurecia o sol de modo que poderia muito bem ter sido o crepúsculo. Através do buraco no ar, a neve caiu de volta em Andor, grandes flocos brancos rodopiando e escondendo o que havia atrás deles. A maioria dos homens da pequena colina estava embrulhada em pesados mantos negros, mas a chuva parecia deslizar ao redor deles e de seus cavalos. Não era óbvio, mas qualquer um que percebesse olharia duas vezes, se não três vezes. Manter-se seco exigia apenas uma trama simples, desde que você

não se importasse em exhibir o que era. Mas então, o disco preto e branco trabalhado em um círculo carmesim no peito de suas capas fazia isso. Mesmo meio escondidos pela chuva, havia um orgulho neles, uma arrogância na maneira como se sentavam nas selas. Um desafio. Eles se gloriavam no que eram.

Seu comandante, Charl Gedwyn, era alguns anos mais velho que Rand, de estatura mediana e usava a Espada e o Dragão, como Torval, em um casaco de gola alta e muito bem cortado da melhor seda preta. Sua espada foi montada exuberantemente com prata, seu cinto de espada trabalhado em prata preso com uma fivela de prata em forma de punho fechado. Gedwyn se autodenominava Tsorovan'm'hael; na Língua Antiga, Líder da Tempestade, o que quer que isso significasse. Parecia apropriado para o clima, pelo menos.

Mesmo assim, ele parou na entrada da tenda verde ornamentada de Rand e fez uma careta para a chuva em cascata. Uma guarda de Companheiros montados cercava a tenda, a não mais de trinta passos de distância, mas eles mal eram visíveis. Eles podiam ser estátuas, ignorando a torrente.

“Como você espera que eu encontre alguém nisso?” Gedwyn murmurou, olhando por cima do ombro para Rand. Um segundo atrasado, ele acrescentou: “Meu Lorde Dragão”. Seus olhos eram duros e desafiadores, mas sempre foram, seja olhando para um homem ou para um poste de cerca. “Rochaid e eu trouxemos oito Dedicados e quarenta Soldados, o suficiente para destruir um exército ou acovardar dez reis. Podemos até fazer uma Aes Sedai piscar,” ele disse ironicamente. “Que me queime, nós dois poderíamos fazer um trabalho justo sozinhos. Ou você poderia. Por que você precisa de mais alguém?”

“Espero que você obedeça, Gedwyn,” Rand disse friamente. Líder da Tempestade? E Manel Rochaid, o segundo de Gedwyn, chamava-se Baijan'm'hael, Líder de Ataque. O que Taim estava fazendo, criando novas fileiras? O importante era que o homem fabricava

armas. O importante era que as armas permanecessem sãs por tempo suficiente para serem usadas. "E não espero que você perca tempo questionando minhas ordens."

"Como você comanda, meu Lorde Dragão," Gedwyn murmurou. "Vou enviar homens imediatamente." Com uma saudação curta, punho no peito, ele caminhou para a tempestade. O dilúvio se afastou dele, cobrindo o pequeno escudo que ele teceu em torno de si. Rand se perguntou se o homem suspeitava o quão perto estava de morrer quando agarrou *saidin* sem aviso prévio.

Você deve matá-lo antes que ele mate você, Lews Therin deu uma risadinha. *Eles vão, você sabe. Homens mortos não podem trair ninguém.* A voz na cabeça de Rand ficou imaginando. *Mas às vezes eles não morrem. Eu estou morto? Você está?*

Rand empurrou as palavras para o zumbido de uma mosca, apenas no limite da atenção. Desde seu reaparecimento dentro da cabeça de Rand, Lews Therin raramente ficava em silêncio, a menos que fosse forçado. O homem parecia mais louco do que nunca na maioria das vezes, e geralmente mais raivoso também. Mais forte às vezes também. Essa voz invadia os sonhos de Rand, e quando ele se via em um sonho, nem sempre era ele mesmo o que ele via. Nem sempre era Lews Therin, o rosto que ele reconhecera como o de Lews Therin. Às vezes era indistinto, mas vagamente familiar, e Lews Therin também parecia assustado com isso. Isso era uma indicação de quão longe a loucura do homem tinha ido. Ou talvez a dele mesmo.

Ainda não, pensou Rand. *Não posso me dar ao luxo de enlouquecer ainda.*

Então quando? Lews Therin sussurrou antes que Rand pudesse silenciá-lo novamente.

Com a chegada de Gedwyn e dos Asha'man, seu plano de varrer os Seanchan para o oeste começou. Partiu e avançou tão lentamente quanto um homem que trabalha ao longo de uma daquelas estradas

atoladas. Ele mudou de acampamento imediatamente, sem fazer nenhum esforço para esconder seus movimentos. Não havia muito sentido em se esforçar por sigilo. A notícia viajava devagar por pombo, e muito mais devagar por mensageiro, uma vez que as cemaros chegaram, mas ele não tinha dúvidas de que estava sendo observado, pela Torre Branca, pelos Abandonados, por qualquer um que visse ganho ou perda em onde o Dragão Renascido ia e pudesse dar ao luxo de escorregar moeda para um soldado. Talvez até pelos Seanchan. Se ele podia explorá-los, por que eles não podiam a ele? Mas nem mesmo os Asha'man sabiam por que ele estava se movendo.

Enquanto Rand observava distraidamente os homens dobrarem sua barraca em uma carroça de rodas altas, Weiramon apareceu em um de seus muitos cavalos, um capão branco empinado do melhor sangue taireno. A chuva havia diminuído, embora as nuvens cinza ainda encobrissem o sol do meio-dia e o ar parecia que você poderia espremer água com as mãos. A Bandeira do Dragão e a Bandeira da Luz pendiam moles e encharcadas em seus bastões altos.

Defensores de Tairen substituíram os Companheiros, e enquanto Weiramon cavalgava através de seu círculo montado, ele franziu a testa para Rodrivar Tihera, um sujeito magro, moreno mesmo para um taireno, com uma barba curta aparada em uma ponta muito afiada. Um nobre muito menor que teve que crescer através de suas habilidades, Tihera era meticoloso ao extremo. As gordas plumas brancas balançando em seu elmo de aro acrescentavam embelezamento à elaborada reverência que ele deu a Weiramon. A carranca do Grão-Senhor se aprofundou.

Não havia necessidade de o Capitão da Pedra ser pessoalmente responsável pelo guarda-costas de Rand, mas ele frequentemente era, assim como Marcolin frequentemente comandava os próprios Companheiros. Uma rivalidade muitas vezes amarga havia crescido entre Defensores e Companheiros, centrada em quem deveria escoltar Rand. Os tairenos reivindicaram o direito porque ele havia

governado por mais tempo em Tear, os illianenses porque ele era, afinal, Rei de Illian. Talvez Weiramon tivesse ouvido alguns dos murmúrios entre os Defensores de que era hora de Tear ter seu próprio rei, e quem melhor do que o homem que tomou a Pedra? Weiramon mais do que concordava com a necessidade, mas não com a escolha de quem deveria usar a coroa. Ele não era o único.

O homem suavizou suas feições assim que viu Rand olhando, e desceu de sua sela de ouro para oferecer uma reverência que fez Tihera parecer simples. Com a coluna de ferro como estava, ele podia inflar e se pavonear durante o sono. Embora ele tenha feito uma leve careta ao colocar sua bota polida na lama. Usava uma capa de chuva para manter a névoa longe de suas roupas finas, mas mesmo ela estava incrustada com bordados de ouro e tinha um colar de safiras. Apesar de todo o casaco de seda verde profundo de Rand, com abelhas douradas subindo pelas mangas e lapelas, qualquer um poderia ter sido perdoado por pensar que a Coroa de Espadas pertencia à cabeça do outro, não à dele.

“Meu Lorde Dragão,” Weiramon entoou. “Eu não posso expressar o quão feliz estou em vê-lo guardado por tairenos, meu Lorde Dragão. Certamente o mundo choraria se algo desagradável acontecesse.” Ele era inteligente demais para sair e chamar os Companheiros de não confiáveis. Por bem pouco, ele era.

“Mais cedo ou mais tarde aconteceria,” Rand disse secamente. Depois de uma boa parte terminar de comemorar. “Eu sei o quanto você choraria, Weiramon.”

O sujeito realmente se enfeitava, acariciando a ponta de sua barba raiada de cinza. Ele ouviu o que queria ouvir. “Sim, meu Lorde Dragão, você pode ter certeza de minha constância. É por isso que estou preocupado com as ordens que seu homem me trouxe esta manhã.” Esse era Adley; muitos dos nobres pensavam que fingir que os Asha'man eram apenas servos de Rand os tornaria de alguma forma menos perigosos. “Sábio de sua parte mandar embora a

maioria dos cairhienos. E os illianenses, é claro; é óbvio. Posso até entender por que você limita Gueyam e os outros.” As botas de Weiramon pisaram na lama quando ele se aproximou, e sua voz assumiu um tom confiante. “Acredito em alguns deles — eu não diria que conspiraram contra você, mas acho que talvez a lealdade deles nem sempre tenha sido inquestionável. Como a minha é. Inquestionável.” Sua voz mudou novamente, para forte e confiante, um homem preocupado apenas com as necessidades de quem ele servia. Aquele que certamente faria dele o primeiro Rei de Tear. “Permita-me trazer todos os meus homens armados, meu Lorde Dragão. Com eles e os Defensores, posso garantir a honra do Senhor da Manhã e sua segurança.”

Em todos os acampamentos individuais do outro lado da charneca, carroções e carroças estavam sendo carregadas, cavalos selados. A maioria das barracas já estava desmontada. A Alta Dama Rosana estava cavalgando para o norte, seu estandarte encabeçando uma coluna grande o suficiente para causar estragos entre os bandidos e pelo menos fazer os Shaido pararem. Mas não o suficiente para plantar noção em sua cabeça, especialmente quando metade eram retentores de Gueyam e Maraconn misturados com Defensores da Pedra. O mesmo se aplicava a Spiron Narettin, cavalgando para o leste sobre o alto cume com tantos Companheiros e homens jurados a outros do Conselho dos Nove quanto seus próprios vassalos, para não mencionar mais cem atrás a pé, alguns dos companheiros que haviam se rendido na floresta além daquele cume no dia anterior. Um número surpreendente escolheu seguir o Dragão Renascido, mas Rand não confiava neles o suficiente para deixá-los juntos. Tolmeran estava indo para o sul com o mesmo tipo de mistura, e outros estariam marchando assim que carregassem suas carroças e carroções. Cada um em uma direção diferente, e nenhum capaz de confiar nos homens às suas costas o suficiente para que fizessem mais do que seguir as ordens que Rand havia dado. Trazer a paz para Illian era uma tarefa importante, mas todos

os últimos lordes e damas se arrependeram de terem sido enviados para longe do Dragão Renascido, perguntando-se claramente se isso significava que eles haviam escorregado em sua confiança. Embora alguns possam ter considerado por que ele escolheu manter aqueles que fizeram isso sob seus olhos. Rosana certamente parecia pensativa.

“Sua preocupação me toca”, disse Rand a Weiramon, “mas de quantos guarda-costas um homem precisa? Não vou começar uma guerra.” Era um bom ponto, talvez, mas esta guerra estava bem encaminhada. Começara em Falme, senão antes. “Prepare seu pessoal.”

Quantos morreram por meu orgulho? Lews Therin gemeu. *Quantos morreram pelos meus erros?*

“Posso pelo menos perguntar para onde estamos indo?” A pergunta de Weiramon, não muito exasperada, veio logo acima da voz na cabeça de Rand.

“A Cidade,” Rand retrucou. Ele não sabia quantos morreram por seus erros, mas nenhum por seu orgulho. Ele tinha certeza disso.

Weiramon abriu a boca, claramente confuso se ele queria dizer Tear ou Illian, ou talvez até mesmo Cairhien, mas Rand gesticulou para longe com o Cetro de Dragão, um movimento penetrante que fez a borla verde e branca balançar. Ele meio que desejou poder esfaquear Lews Therin com ela. “Eu não pretendo ficar aqui o dia todo, Weiramon! Vá para os seus homens!”

Menos de uma hora depois, ele pegou a Fonte Verdadeira e se preparou para fazer um portal para *Viajar*. Ele tinha que lutar contra a vertigem que o dominava ultimamente sempre que pegava ou soltava o Poder; ele não balançou na sela de Tai'daishar. Com a sujeira derretida flutuando em *saidin*, o lodo congelado, tocando a Fonte, chegou perto de esvaziar seu estômago. Ver o dobro, mesmo que por apenas alguns momentos, tornava os fluxos de tecelagem difíceis, se não impossíveis, e ele poderia ter dito a Dashiva ou Flinn

ou a um dos outros para fazer isso, mas Gedwyn e Rochaid estavam segurando as rédeas de seus cavalos na frente de uma dúzia. ou então soldados de jaleco preto, todos que não tinham saído para procurar. Apenas parados lá pacientemente. E assistindo Rand. Rochaid, não mais do que um palmo mais baixo que Rand e talvez dois anos mais novo, também era um Asha'man completo, e seu casaco também era de seda. Um pequeno sorriso brincou em seu rosto, como se ele soubesse coisas que os outros não sabiam e se divertisse. O que ele sabia? Sobre os Seanchan, com certeza, se não os planos de Rand para eles. O que mais? Talvez nada, mas Rand não estava disposto a mostrar qualquer fraqueza na frente daquele par. A vertigem desapareceu rapidamente, a visão gêmea um pouco mais lenta, como sempre acontecia nas últimas semanas, e ele completou a trama, então, sem esperar, enfiou os calcanhares e cavalgou pela abertura que se abriu diante dele.

A cidade que ele queria dizer era Illian, embora o portão se abrisse ao norte daquela cidade. Apesar das supostas preocupações de Weiramon, ele dificilmente ficava desprotegido e sozinho. Quase três mil homens cavalgaram por aquele alto buraco quadrado no ar, em direção ao prado ondulante não muito longe da estrada larga e lamacenta que descia até a Calçada da Estrela do Norte. Mesmo quando cada lorde tinha apenas um punhado de homens armados — para homens acostumados a liderar mil, senão milhares, cerca de cem eram um punhado — eles somavam. Tairenos e cairhienos e illianenses, Defensores da Pedra sob o comando de Tihera e Companheiros sob o de Marcolin, Asha'man seguindo Gedwyn. Os Asha'man que vieram com ele, de qualquer maneira. Dashiva e Flinn e o resto mantiveram seus cavalos atrás de Rand. Todos menos Narishma. Narishma ainda não havia voltado. O homem sabia onde encontrá-lo, mas Rand não gostava daquilo.

Cada tipo se mantinha o máximo possível. Gueyam, Maraconn e Aracome cavalgavam com Weiramon, todos olhando Rand mais do que para onde estavam indo, e Gregorin Panar com três outros do

Conselho dos Nove, inclinando-se em suas selas para falar baixinho e inquietos entre si. Semaradrid, com um grupo de senhores cairhienos de rosto rígido atrás dele, observou Rand quase tão de perto quanto os tairenos. Rand havia escolhido aqueles que o acompanhavam com tanto cuidado quanto aqueles que ele mandava embora, nem sempre pelas razões que outros poderiam ter usado.

Se houvesse espectadores, teria sido uma exibição corajosa, com todos os seus estandartes e flâmulas brilhantes, e pequenos golpes subindo de algumas das costas dos cairhienos. Brilhantes e corajosos e muito perigosos. Alguns conspiravam contra ele, e ele soube que a Casa Maravin de Semaradrid tinha antigas alianças com a Casa Riatin, que estava em rebelião aberta contra ele em Cairhien. Semaradrid não negou a conexão, mas também não a mencionou antes de Rand ouvir. O Conselho dos Nove era muito novo para ele para arriscar deixá-los para trás. E Weiramon era um tolo. Deixado por conta própria, ele poderia muito bem tentar ganhar o favor do Lorde Dragão marchando um exército contra os Seanchan, ou Murandy, ou somente a Luz sabia quem ou onde. Estúpido demais para deixar para trás, poderoso demais para ser empurrado para o lado, então ele cavalgou com Rand e se sentiu honrado. Era quase uma pena que ele não fosse estúpido o suficiente para fazer algo que o executasse.

Atrás vinham os criados e as carroças — ninguém entendia por que Rand havia enviado todas as carroças com os outros, e ele não estava disposto a explicar; quem era o dono do próximo par de ouvidos que ouviria? — e então as longas cordas de montarias sobressalentes conduzidas por adestradores de cavalos, e filas de homens em couraças surradas que não se encaixavam muito bem ou coletes de couro costurados com discos de aço enferrujados, carregando arcos ou bestas ou lanças e até algumas lanças longas; mais dos companheiros que obedeceram à convocação de “Lord Brend” e decidiram não ir para casa desarmados. Seu líder era o homem de nariz escorrendo com quem Rand havia falado na beira

da floresta, Eagan Padros era seu nome, e muito mais inteligente do que parecia. Era difícil para um plebeu subir muito longe, na maioria dos lugares, mas Rand havia marcado Padros. O sujeito juntou seus homens de um lado, mas todos eles se aglomeravam, acotovelando-se um no outro para ter uma visão melhor do sul.

A Calçada da Estrela do Norte se estendia em linha reta através dos quilômetros de pântano marrom que cercava Illian, uma estrada larga de terra batida quebrada por pontes de pedra planas. Um vento do sul trazia sal marinho e um toque de curtumes. Illian era uma cidade extensa, facilmente tão grande quanto Caemlyn ou Cairhien. Telhas de telhado de cores vivas e centenas de torres imponentes, brilhando ao sol, eram apenas visíveis através daquele mar de grama onde garças de pernas longas caminhavam e bandos de pássaros brancos voavam baixo emitindo gritos estridentes. Illian nunca precisou de muralhas. Não que os muros fossem servir de alguma forma à cidade contra ele.

Houve uma decepção considerável porque ele não pretendia entrar em Illian, embora ninguém falasse uma reclamação, pelo menos não onde ele pudesse ouvir. Ainda assim, havia muitos rostos tristes e murmúrios azedos quando os acampamentos apressados começaram a ser erguidos. Como a maioria das grandes cidades, Illian tinha fama para mistérios exóticos, bartenders de mão livre e mulheres dispostas. Pelo menos entre os homens que nunca estiveram lá, mesmo quando era sua própria capital. A ignorância sempre inflava a reputação de uma cidade para essas coisas. Do jeito que estava, apenas Morr galopou pela calçada. Os homens se endireitavam ao martelar as estacas das barracas ou estabelecer piquetes para os cavalos e o seguiam com olhos ciumentados. Nobres observavam com curiosidade, enquanto tentavam fingir que não faziam isso.

Os Asha'man com Gedwyn não prestaram atenção a Morr enquanto montavam seu próprio acampamento, que consistia em uma tenda escura como breu para Gedwyn e Rochaid e um espaço

onde a grama úmida marrom e a lama eram espremidas e secas, para o resto dormir embrulhado em seus mantos. Isso foi feito com o Poder, é claro; faziam tudo com o Poder, nem se preocupavam em fazer fogueiras para cozinhar. Alguns dos outros acampamentos olhavam para eles, de olhos arregalados, enquanto a barraca parecia se erguer por conta própria e os cestos flutuavam para longe dos alforjes, mas a maioria olhava para qualquer outro lugar assim que percebia o que estava acontecendo. Dois ou três dos soldados de jaleco preto pareciam estar falando sozinhos.

Flinn e os outros não se juntaram ao grupo de Gedwyn — eles tinham um par de tendas que não ficavam longe de Rand —, mas Dashiva vagou até onde o “Líder da Tempestade” e o “Líder de Ataque” estavam parados à vontade, e ocasionalmente emitindo uma ordem afiada. Algumas palavras, e ele vagou para trás balançando a cabeça e resmungando com raiva baixinho. Gedwyn e Rochaid não eram um par amigável. Não eram mesmo.

Rand foi para sua barraca assim que ela foi armada e se esparramou completamente vestido em sua cama, olhando para o teto inclinado. Havia abelhas bordadas também por dentro, em um teto falso de seda. Hopwil trouxe uma caneca fumegante de estanho com vinho quente — Rand havia deixado seus criados para trás —, mas o vinho esfriou em sua escrivania. Sua mente trabalhava febrilmente. Mais dois ou três dias, e os Seanchan receberiam um golpe que os derrubaria. Depois voltaria a Cairhien para ver como tinham corrido as negociações com o Povo do Mar, para saber o que Cadsuane procurava — devia-lhe uma dívida, mas ela queria alguma coisa! — talvez para pôr fim ao que restava da rebelião lá. Será que Caraline Damodred e Darlin Sisnera escaparam na confusão? O Grão-Senhor Darlin em suas mãos podia acabar com a rebelião em Tear também. Andor. Se Mat e Elayne estivessem em Murandy, do jeito que parecia, levaria mais semanas, na melhor das hipóteses, antes que Elayne pudesse reivindicar o Trono do Leão. Uma vez que isso acontecesse, ele teria que ficar longe de Caemlyn. Mas ele

precisava falar com Nynaeve. Ele poderia limpar *saidin*? Podia funcionar. Pode destruir o mundo também. Lews Therin balbuciou para ele em absoluto terror. Luz, onde *estava* Narishma?

Uma tempestade cemaros se abateu, ainda mais feroz perto do mar. A chuva batia em sua barraca como um tambor. Relâmpagos enchiam a entrada com luz azul-esbranquiçada, e trovões retumbavam, o som como montanhas caindo pela terra.

Do meio daquilo, Narishma entrou na tenda, pingando, o cabelo escuro grudado na cabeça. Suas ordens tinham sido evitar ser notado a todo custo. Nada de ostentação para ele. Seu casaco encharcado era marrom liso, e seu cabelo escuro estava preso para trás, não trançado. Mesmo sem sinos, o cabelo perto da cintura de um homem atraía os olhos. Ele também usava uma carranca, e trazia debaixo do braço uma trouxa cilíndrica amarrada com corda, mais gorda que a perna de um homem, como um pequeno tapete.

Saltando da cama, Rand pegou o embrulho antes que Narishma pudesse oferecê-lo. "Alguém viu você?" Ele demandou. "Por que demorou tanto? Eu esperava você ontem à noite!"

"Demorou um pouco para descobrir o que eu tinha que fazer," Narishma respondeu com uma voz monótona. "Você não me contou tudo. Você quase me matou."

Isso era ridículo. Rand lhe disse tudo o que ele precisava saber. Estava certo disso. Não havia sentido em confiar no homem tanto quanto ele, apenas para que morresse e arruinasse tudo. Cuidadosamente, enfiou o pacote debaixo do berço. Suas mãos tremiam com o desejo de tirar os embrulhos, para ter certeza de que eles seguravam o que Narishma havia sido enviado para buscar. O homem não ousaria voltar se não fosse o caso. "Vista um casaco adequado antes de se juntar aos outros", disse ele. "E Narishma..." Rand se endireitou, fixando o outro homem com um olhar firme. "Se contar a alguém sobre isso, eu *vou* te matar."

Mate o mundo inteiro, riu Lews Therin, com um gemido de escárnio. De desespero. *Eu matei o mundo, e você também pode, se se esforçar*.

Narishma golpeou-se com força no peito com o punho. “Como você ordenar, meu Lorde Dragão,” ele disse amargamente.

Bem cedo na manhã seguinte, mil homens da Legião do Dragão marcharam para fora de Illian, atravessando a Calçada da Estrela do Norte, pisando no ritmo constante dos tambores. Bem, era cedo, de qualquer maneira. Nuvens grossas cinza agitavam-se no céu, e uma forte brisa marítima cortante com sal chicoteava mantos e estandartes, resmungando sobre outra tempestade a caminho. A Legião atraiu bastante a atenção dos armeiros já no acampamento, com seus capacetes andoreanos pintados de azul e seus longos casacos azuis trabalhados no peito com um dragão vermelho e dourado. Uma flâmula Azul com o Dragão e um número marcando cada uma das cinco companhias. Os homens da Legião eram diferentes em muitos aspectos. Por exemplo, eles usavam couraças, mas por baixo de seus casacos, para não esconder os Dragões — a mesma razão pela qual os casacos abotoavam de um lado — e cada homem carregava uma espada curta no quadril e uma besta armada com aço, cada uma colocada no ombro exatamente igual a todos os outros. Os oficiais caminhavam, cada um com uma pluma vermelha alta no capacete, logo à frente do tambor e da flâmula. Os únicos cavalos eram o capão cor de rato de Morr, à frente, e animais de carga na retaguarda.

“Marchando,” Weiramon murmurou, batendo as rédeas em uma mão enluvada. “Que queime minha alma, eles não são bons, marchando. Eles vão se espalhar na primeira batalha. Antes dela.” O primeiro da coluna saiu da calçada. Eles ajudaram a tomar Illian, e não se dispersaram.

Semaradrid balançou a cabeça. "Sem lanças", ele murmurou. "Já vi marcha bem conduzida com lanças, mas sem..." Ele fez um som de desgosto em sua garganta.

Gregorin Panar, o terceiro homem sentado em sua sela perto de Rand para observar os recém-chegados, não disse nada. Talvez ele não tivesse preconceito contra a infantaria — embora, se não tivesse, seria um dos poucos nobres que Rand conheceria sem ele —, mas se esforçou para não franzir a testa e quase conseguiu. Todos sabiam agora que os homens com o Dragão em seus peitos carregavam armas porque eles escolheram seguir Rand, escolheram seguir o Dragão Renascido, por nenhuma outra razão além de que eles queriam. O illianense devia estar se perguntando para onde eles estavam indo que Rand queria que a Legião e o Conselho dos Nove não soubessem. Por causa disso, Semaradrid olhava para Rand de lado. Só Weiramon era estúpido demais para pensar.

Rand afastou Tai'daishar. O pacote de Narishma havia sido reembrolhado, em um pacote mais fino, e amarrado sob o couro do estribo esquerdo. "Avisar o acampamento; vamos nos mexer", disse ele aos três nobres.

Desta vez, deixou Dashiva tecer o portal para levá-los todos embora. O sujeito de rosto comum franziu a testa para ele e murmurou para si mesmo — Dashiva realmente parecia ofendido, por algum motivo! — e Gedwyn e Rochaid, seus cavalos ombro a ombro, observavam com sorrisos sardônicos enquanto o raio prateado de luz girava em um buraco no nada. Assistiam Rand mais do que Dashiva. Bem, que assistissem. Quantas vezes ele poderia agarrar *saidin* e arriscar cair vertiginosamente de cara no chão antes que realmente caísse? Não podia ser onde eles pudessem ver.

Desta vez, o portão os levou a uma estrada larga esculpida no sopé das montanhas baixas e recortadas a oeste. As Montanhas Nemarellin. Não eram iguais à Montanha da Névoa, e nem um pedaço da Espinha do Mundo, mas elas se erguiam escuras e severas

contra o céu, picos pontiagudos que cercavam a costa oeste de Illian. Além deles estava Kabal Deep, e além disso...

Os homens começaram a reconhecer os picos logo. Gregorin Panar deu uma olhada ao redor e assentiu com satisfação repentina. Os outros três Conselheiros e Marcolin frearam perto dele para conversar enquanto os cavaleiros ainda passavam pelo portão. Semaradrid precisou apenas de um pouco mais de tempo para decifrar, e Tihera, e eles também pareciam entender agora.

A Estrada da Prata ia da cidade a Lugard e transportava todo o comércio interior para o oeste. Havia também uma Estrada do Ouro, que levava a Far Madding. As estradas e nomes datavam de antes de haver uma Illian. Séculos de rodas de carroças, cascos e botas os haviam espancado com força, e as cemaros só podiam roçá-los com lama. Elas estavam entre as poucas rodovias confiáveis em Illian para transportar grandes grupos de homens no inverno. Todos sabiam sobre os Seanchan em Ebou Dar nessa época, embora muitas das histórias que Rand ouvira entre os homens armados fizessem os invasores parecerem primos mais malvados dos Trollocs. Se os Seanchan pretendiam atacar Illian, a Estrada da Prata era um bom lugar para se reunir para defesa.

Semaradrid e os outros achavam que sabiam o que ele planejava: ele deve ter sabido que os Seanchan estavam chegando, e os Asha'man estavam lá para destruí-los quando o fizessem. Dadas as histórias sobre os Seanchan, ninguém parecia muito chateado porque isso deixava pouco para eles fazerem. Claro, Weiramon teve que explicar a ele finalmente, por Tihera, e ele ficou chateado, embora tentasse mascarar isso atrás de um grande discurso sobre a sabedoria do Lorde Dragão e o gênio militar do Senhor da Manhã, junto com como ele, pessoalmente, lideraria a primeira investida contra esses Seanchan. Uma tolice gigantesca. Com sorte, qualquer outra pessoa que soubesse de uma reunião na Estrada da Prata não seria pelo menos muito mais brilhante do que Semaradrid ou

Gregorin. Com sorte, ninguém que importasse saberia antes que fosse tarde demais.

Preparando-se para esperar, Rand pensou que seria apenas mais um ou dois dias, mas à medida que os dias se estenderam, ele começou a se perguntar se poderia ser um tolo tão grande quanto Weiramon.

A maioria dos Asha'man estava procurando em Illian e Tear e nas Planícies de Maredo pelo resto daqueles que Rand queria. Procurando através das cemaros. Portais e Viajar estavam muito bem, mas mesmo Asha'man levavam tempo para encontrar quem eles procuravam quando as chuvas ocultavam qualquer coisa a cinquenta passos de distância e os pântanos arrastavam os rumores para quase um fim. A busca dos Asha'man passou a menos de um quilômetro e meio de sua presa na ignorância, apenas para descobrir que os homens haviam se mudado novamente. Alguns tinham que ir mais longe, procurando pessoas não necessariamente ansiosas para serem encontradas. Dias se passaram antes que o primeiro trouxesse notícias.

O Grão-Senhor Sunamon juntou-se a Weiramon, um homem gordo com maneiras untuosas — para Rand, pelo menos. Suave em seu casaco de seda fino, sempre sorrindo, ele era volúvel em suas declarações de lealdade, mas havia conspirado contra Rand por tanto tempo que provavelmente o fazia durante o sono. O Grão-Senhor Torean veio, com seu rosto volumoso de fazendeiro e sua vasta riqueza, gaguejando sobre a honra de cavalgar mais uma vez ao lado do Lorde Dragão. O ouro preocupava os Toreanos mais do que qualquer outra coisa, exceto possivelmente os privilégios que Rand havia tirado dos nobres em Tear. Ele parecia particularmente consternado ao saber que não havia garotas de serviço no acampamento, e nem mesmo uma aldeia próxima onde as camponesas submissas poderiam ser encontradas. Torean tinha conspirado contra Rand com a mesma frequência que Sunamon. Talvez até mais do que Gueyam, Maraconn ou Aracome.

Havia outros. Lá estava Bertome Saighan, um homem baixo, robusto e bonito, com a frente da cabeça raspada. Ele supostamente não lamentou muito a morte de sua prima Colavaere, tanto porque isso fez dele o novo Alto Assento da Casa Saighan, tanto porque rumores diziam que Rand a havia executado. Ou a assassinado. Bertome curvou-se e sorriu, e seu sorriso nunca alcançou seus olhos escuros. Alguns diziam que ele gostava muito de sua prima. Ailil Riatin veio, uma mulher esbelta e digna, com grandes olhos escuros, não jovem, mas muito bonita, protestando que tinha um capitão da Lança para liderar seus homens armados e não desejava entrar em campo pessoalmente. Protestando sua lealdade ao Lorde Dragão também. Mas seu irmão Toram reivindicou o trono que Rand queria para Elayne, e foi sussurrado que ela faria qualquer coisa por Toram, qualquer coisa. Até juntar-se aos seus inimigos; dificultar ou espionar, ou ambos, é claro. Dalthanes Annallin veio, e Amondrid Osiellin e Doressin Chuliandred, senhores que apoiaram a tomada do Trono do Sol por Colavaere quando pensaram que Rand nunca retornaria a Cairhien.

Cairhienos e tairenos, eles foram trazidos um a um, com cinquenta retentores, ou no máximo cem. Homens e mulheres em quem confiava ainda menos do que Gregorin ou Semaradrid. A maioria eram homens, não porque ele achasse as mulheres menos perigosas — ele não era tão bobo assim; uma mulher o mataria duas vezes mais rápido que um homem, e geralmente por metade do motivo! —, mas porque ele não conseguia levar nenhuma mulher, exceto a mais perigosa, para onde estava indo. Ailil podia sorrir calorosamente enquanto calculava onde colocar a faca em suas costelas. Anaiyella, uma esbelta e sorridente Alta Dama que fazia uma bela imitação de um belo cérebro de ganso, havia retornado a Tear de Cairhien e começou a falar abertamente de si mesma pelo ainda inexistente trono de Tear. Talvez ela fosse uma tola, mas conseguiu ganhar muito apoio, tanto entre os nobres quanto nas ruas.

Então ele os reuniu, todas as pessoas que estavam há muito tempo longe de seus olhos. Não podia vigiar a todos eles o tempo todo, mas não podia permitir que eles esquecessem que ele assistia às vezes. Ele os reuniu e esperou. Por dois dias. Rangendo os dentes, ele esperou. Cinco dias. Oito.

A chuva batia em sua barraca quando o último homem que ele esperava finalmente chegou.

Sacudindo uma pequena torrente de sua capa de tecido oleado, Davram Bashere soprou seus bigodes grossos e raiados de cinza em desgosto e jogou a capa sobre uma cadeira de barril. Um homem baixo com um grande nariz adunco, ele parecia maior do que era. Não porque se pavoneasse, mas porque supunha que era tão alto quanto qualquer homem presente, e outros homens o consideravam assim. Homens sábios faziam. O bastão de marfim com cabeça de lobo do marechal-general de Saldeia, enfiado descuidadamente atrás de seu cinto de espada, havia sido conquistado em dezenas de campos de batalha e em tantas mesas do conselho. Ele era um dos poucos homens em que Rand confiaria sua vida.

"Eu sei que você não gosta de explicar", Bashere murmurou, "mas eu poderia usar um pouco de esclarecimento." Ajustando sua espada serpentina, ele se esparramou em outra cadeira e jogou uma perna sobre o braço dela. Ele sempre parecia à vontade, mas podia desenrolar mais rápido que um chicote. "Aquele Asha'man não disse mais do que o fato de que você precisava de mim ontem, mas disse para não trazer mais de mil homens. Eu só tinha metade disso comigo, mas eu trouxe. Não pode ser uma batalha. Metade dos símbolos que vi lá fora pertencem a homens que morderiam a língua se vissem um sujeito atrás de você com uma faca, e a maior parte do resto a homens que tentariam distrair sua atenção. Se eles não tivessem pagado o homem da faca em primeiro lugar."

Sentado atrás de sua escrivaninha em mangas de camisa, Rand pressionou cansadamente as palmas das mãos contra os olhos. Com

Boreane Carivin deixado para trás, os pavios da lâmpada precisavam ser aparados adequadamente, e uma leve névoa de fumaça pairava no ar. Além disso, passara a maior parte da noite acordado debruçado sobre os mapas espalhados pela mesa. Mapas do sul de Altara. E nem dois concordavam muito.

“Se você vai lutar uma batalha”, ele disse a Bashere, “quem melhor para pagar a conta do açougueiro do que homens que querem você morto? De qualquer forma, não são os soldados que vencerão esta batalha. Tudo o que eles precisam fazer é impedir que alguém se aproxime dos Asha'man. O que você acha disso?”

Bashere bufou com tanta força que seus bigodes pesados se mexeram. “Eu acho que é um ensopado mortal, é o que eu acho. Alguém vai morrer engasgado com ele. A Luz que manda, não somos nós.” E então ele riu como se isso fosse uma boa piada.

Lews Therin riu também.



CAPÍTULO

22



As Nuvens se Reúnem

Sob uma garoa constante, o pequeno exército de Rand formou colunas nas colinas baixas curvadas de frente para os picos de Nemarellin, escuras e afiadas contra o céu ocidental. Não havia necessidade real de enfrentar a direção que pretendia viajar, mas isso sempre parecia torto para Rand. Apesar da chuva, as nuvens cinza, cada vez mais finas, deixavam passar um sol surpreendentemente brilhante. Ou talvez o dia só parecesse claro, depois de toda a penumbra recente.

Quatro das colunas eram chefiadas pelos saldaeanos de Bashere, homens desarmados de pernas tortas e casacos curtos parados pacientemente ao lado de suas montarias sob uma pequena floresta de cabeças de lanças brilhantes; as outras cinco por homens de casaco azul com o Dragão no peito, comandados por um baixinho atarracado chamado Jak Masond. Quando Masond se movia, era sempre com surpreendente rapidez, mas ele estava totalmente imóvel agora, os pés plantados e as mãos cruzadas atrás das costas. Seus homens estavam a postos, assim como os Defensores e Companheiros, mal-humorados por estarem atrás da infantaria. Eram os nobres e seu povo, principalmente, que circulavam como se não soubessem para onde ir. Lama espessa sujava cascos e botas, e

rodas de carroças atoladas; maldições gritadas se ergueram. Levou tempo para alinhar quase seis mil homens encharcados, ficando mais molhados a cada minuto. E isso sem contar os carrinhos de suprimentos e os animais de remonta.

Rand vestiu o seu melhor, então ele se destacaria de relance. Uma lambida com o Poder poliu a ponta de lança do Cetro do Dragão para espelhar o brilho, e outra poliu a Coroa de Espadas para que o ouro brilhasse. A fivela dourada de dragão de seu cinto de espada refletia a luz, assim como o bordado de fio de ouro que cobria seu casaco de seda azul. Por um momento, ele se arrependeu de ter dado as gemas que uma vez enfeitaram o punho e a bainha de sua espada. O couro de javali escuro era útil, mas qualquer armeiro poderia tê-lo usado. Deixe os homens saberem quem ele era. Deixe os Seanchan saberem quem veio para destruí-los.

Guiando Tai'daishar para uma ampla planície, ele observava impacientemente os nobres se agitarem nas colinas. A pouca distância da planície, Gedwyn e Rochaid sentaram em suas selas na frente de seus homens, todos formando uma caixa precisa, Dedicados na primeira fila, Soldados alinhados atrás. Eles pareciam prontos para desfilar. Tantos tinham cabelo cinza, ou quase nenhum quanto quando eram jovens — vários eram tão jovens quanto Hopwil ou Morr —, mas todos eram fortes o suficiente para fazer um portal. Isso tinha sido um requisito. Flinn e Dashiva esperavam atrás de Rand em um grupo casual com Adley e Morr, Hopwil e Narishma. E um par rígido de vassalos montados, um taireno e um cairhieno, suas couraças e elmos e até suas manoplas de aço polido, e polido até brilharem. O Estandarte de Luz carmesim e o longo Estandarte do Dragão branco pendiam flácidos e pingando. Rand tomara o Poder em sua tenda, onde seu cambaleio momentâneo não seria visto, e a chuva esparsa não chegava a tocar nele ou em seu cavalo.

A mácula em *saidin* parecia especialmente pesada hoje, um óleo grosso e fétido que escorria em seus poros e manchava seus ossos profundamente. Manchava sua alma. Ele se achava acostumado com

a vileza, de certa forma, mas hoje era nauseante, mais forte do que o fogo congelado e o frio derretido do próprio *saidin*. Ele se agarrou à Fonte com a maior frequência possível agora, aceitando a vileza para evitar o novo enjoo de aproveitá-la. Poderia ser mortal, se ele deixasse o enjoo distraí-lo dessa luta. Talvez estivesse ligado às tonturas, de alguma forma. Luz, ele ainda não podia enlouquecer e não podia morrer. Ainda não. Ainda havia muito a ser feito.

Ele pressionou a perna esquerda contra o flanco de Tai'daishar apenas para sentir o longo pacote amarrado entre o couro do estribo e o tecido escarlate da sela. Toda vez que ele fazia isso, algo se contorcia do lado de fora do Vazio. Antecipação, e talvez um toque de medo. Bem treinado, o capão começou a virar à esquerda, e Rand teve que controlá-lo. Quando os nobres se resolveriam? Ele rangeu os dentes com impaciência.

Ele se lembrava, quando menino, de ouvir os homens rirem que quando a chuva caía no sol, o Tenebroso batia em Semirrage. Algumas daquelas risadas tinham sido desconfortáveis, porém, e o velho e esquelético Cenn Buie sempre rosnava que Semirhage ficaria irritada e zangada depois disso, e viria atrás de meninos pequenos que não se afastassem dos mais velhos. Isso era o suficiente para mandar Rand fugir quando ele era pequeno. Desejou que Semirhage viesse buscá-lo agora, naquele instante. Ele a faria chorar.

Nada faz Semirhage chorar, murmurou Lews Therin. Ela dá lágrimas aos outros, mas ela mesma não tem nenhuma.

Rand riu baixinho. Se ela viesse hoje, ele a faria chorar. Ela e o resto dos Abandonados juntos, se viessem hoje. Certamente ele faria os Seanchan chorar.

Nem todos estavam satisfeitos com as ordens que ele havia dado. O sorriso oleoso de Sunamon desapareceu quando pensou que Rand não via. Torean tinha um frasco em seus alforjes, sem dúvida conhaque, ou talvez vários frascos, porque ele bebia sem parar e nunca parecia acabar. Semaradrid, Marcolin e Tihera apareceram

cada um na frente de Rand para protestar contra os números com rostos sombrios. Alguns anos antes, cerca de seis mil homens teriam sido exército suficiente para qualquer guerra, mas tinham visto exércitos às dezenas de milhares, agora, centenas de milhares, como na época de Artur Asa de Gavião, e para ir contra os Seanchan, eles queriam muito mais. Ele os mandou embora descontentes. Eles não entendiam que cinquenta e poucos Asha'man eram um martelo tão grande quanto qualquer um poderia desejar. Rand se perguntou o que eles teriam dito se ele lhes dissesse que já era martelo o suficiente sozinho. Havia considerado fazer isso sozinho. Podia chegar a isso ainda.

Weiramon veio; ele não gostava de ter que receber ordens de Bashere, ou do fato de que eles estavam indo para as montanhas — muito difícil montar uma investida decente nas montanhas — ou várias outras coisas — Rand tinha certeza de que havia pelo menos várias outras — que Rand não o deixou proferir.

“O saldaeano parece acreditar que eu deveria cavalgar no flanco direito,” Weiramon murmurou depreciativamente. Ele torceu os ombros como se o flanco direito fosse um grande insulto, por algum motivo. “É a marcha, meu Lorde Dragão. Realmente, eu acho...”

“Acho que você deveria preparar seus homens,” Rand disse friamente. Parte do calafrio era o efeito de flutuar no vazio sem emoção. “Ou você não estará em nenhum flanco.” Ele quis dizer que deixaria o homem para trás se ele não estivesse pronto a tempo. Certamente um tolo desses não poderia causar muitos problemas neste local remoto com apenas alguns homens armados. Rand estaria de volta antes que pudesse cavalgar para algo maior do que uma aldeia.

O sangue drenou do rosto de Weiramon, no entanto. “Como meu Lorde Dragão ordena,” ele disse, rapidamente para ele, e estava girando seu cavalo para longe antes que as palavras saíssem de sua boca. Sua montaria era um baio alto e profundo, hoje.

A pálida Lady Ailil freou até parar na frente de Rand, acompanhada pela Alta Lady Anaiyella, um estranho par para estar em companhia, e não apenas porque suas nações se odiavam. Ailil era alta para uma mulher cairhiena, mesmo que apenas para uma cairhiena, e tudo nela era dignidade e precisão, desde o arco de sua sobancelha até a curva de seu pulso com luva vermelha, até a forma como sua capa de chuva com colarinho de pérolas estava estendida sobre a garupa de sua égua cinza-fumo. Ao contrário de Semaradrid ou Marcolin, Weiramon ou Tihera, ela nem sequer piscou ao ver as gotas de chuva deslizando ao redor dele. Anaiyella piscou. E suspirou. E riu atrás de sua mão. Anaiyella era esbelta e de uma beleza sombria, sua capa de chuva com gola de rubis e bordada de ouro além disso, mas ali qualquer semelhança com Ailil terminava. Anaiyella era toda elegante e simpática. Quando ela se curvou, seu cavalo branco também o fez, dobrando as patas dianteiras. O animal empinado era vistoso, mas Rand suspeitava que não tivesse rabo. Como sua dona.

“Meu Lorde Dragão,” Ailil disse, “eu devo fazer mais um protesto contra minha inclusão nesta... expedição.” Sua voz era friamente neutra, se não exatamente hostil. “Vou enviar meus retentores onde você comandar e quando, mas não tenho nenhum desejo de estar no meio de uma batalha.”

“Ah, não”, acrescentou Anaiyella, com um estremecimento delicado. Até o tom dela sorria! “Coisas desagradáveis, as batalhas. Assim diz meu Mestre do Cavalo. Certamente você não vai realmente nos fazer ir, meu Lorde Dragão? Ouvimos dizer que você tem um cuidado especial com as mulheres. Não foi, Ailil?”

Rand ficou tão surpreso que o Vazio desabou e *saidin* desapareceu. Pingos de chuva começaram a escorrer por seu cabelo e penetrar em seu casaco, mas por um momento, segurando o punho alto da sela para se manter ereto, vendo quatro mulheres em vez de duas, ele ficou atordoado demais para perceber. Quanto elas sabiam? Elas tinham ouvido? Quantas pessoas sabiam? Como

alguém sabia? Luz, o boato o fez matar Morgase, Elayne, Colavaere, provavelmente uma centena de mulheres, e cada uma de uma maneira pior que a anterior! Ele engoliu contra a vontade de vomitar. Isso foi apenas parcialmente culpa de *saidin*. *Que me queime, quantos espiões estão me observando?* O pensamento foi um grunhido.

Os mortos vigiam, sussurrou Lews Therin. *Os mortos nunca fecham os olhos*. Rand estremeceu.

"Eu tento ser cuidadoso com as mulheres", disse-lhes quando conseguiu falar. Mais rápido que um homem, e por metade da razão. "É por isso que quero mantê-las por perto nos próximos dias. Mas se vocês realmente não gostam tanto da ideia, eu poderia contar a um dos Asha'man. Vocês estariam seguras na Torre Negra." Anaiyella guinchou lindamente, mas seu rosto ficou cinza.

"Obrigada, não", disse Ailil depois de um momento, absolutamente calma. "Acho melhor conversar com meu capitão de lança sobre o que esperar." Mas ela parou ao virar a égua e olhou para Rand com um olhar de soslaio. "Meu irmão Toram é... impetuoso, meu Lorde Dragão. Até difícil. Eu não sou."

Anaiyella sorriu docemente demais para Rand, e na verdade se contorceu um pouco antes de segui-la, mas uma vez que ela olhou para longe dele, enfiou os calcanhares e moveu seu punho de joias, passando rapidamente pela outra mulher. Aquele capão branco mostrou uma surpreendente mudança de velocidade.

Por fim, tudo estava pronto, as colunas se formaram, serpenteando pelas colinas baixas.

"Comecem," Rand disse a Gedwyn, que virou seu cavalo e começou a latir ordens para seus homens. Os oito Dedicados avançaram e desmontaram no terreno que haviam memorizado, de frente para as montanhas. Um deles parecia familiar, um sujeito grisalho cuja barba pontiaguda parecia estranha em seu rosto enrugado de homem do campo. Oito linhas verticais de luz azul

afiada viraram e se tornaram aberturas que mostravam vistas ligeiramente diferentes de um longo vale de montanha escassamente arborizado subindo para uma passagem íngreme. Em Altara. Nas montanhas de Venir.

Mate-os, Lews Therin chorou suplicante. *Eles são muito perigosos para viver!* Sem pensar, Rand suprimiu a voz. Outro homem que canalizava muitas vezes provocava essa reação de Lews Therin, ou mesmo um homem que pudesse canalizar. Ele não se perguntava mais por quê.

Rand murmurou uma ordem, e Flinn piscou surpreso antes de se apressar para se juntar à fila e tecer um novo portal. Nenhum era tão grande quanto Rand poderia fazer, mas em qualquer um passaria uma carroça, se estivesse de perto. Ele tinha a intenção de fazer isso sozinho, mas não queria correr o risco de agarrar *saidin* novamente na frente de todos. Ele notou que Gedwyn e Rochaid o observavam, com sorrisos idênticos. E Dashiva também, franzindo a testa, os lábios se movendo enquanto falava consigo mesmo. Era sua imaginação, ou Narishma estava olhando para ele de soslaio também? E Adley? Morr?

Rand estremeceu antes que pudesse se conter. Desconfiança de Gedwyn e Rochaid era sensato, mas ele estava caindo com o que Nynaeve chamava de pavor? Uma espécie de loucura, uma suspeita sombria e incapacitante de tudo e de todos? Havia um Coplin, Benly, que achava que todo mundo estava tramando contra ele. Ele morrera de fome quando Rand era menino, recusando-se a comer por medo de veneno.

Abaixando-se no pescoço de Tai'daishar, Rand guiou o capão pelo maior portão. De Flinn, por acaso, mas ele teria passado por um feito por Gedwyn naquele momento. Ele era o primeiro em solo de Altara.

Os outros o seguiram rapidamente, os Asha'man em primeiro lugar. Dashiva olhou na direção de Rand, franzindo a testa, e Narishma também, mas Gedwyn imediatamente começou a dirigir

seus soldados. Um por um, eles avançaram, abriram um portão e dispararam, arrastando suas montarias atrás deles. À frente do vale, flashes brilhantes de luz falavam de portões abrindo e fechando. Os Asha'man podiam Viajar curtas distâncias sem primeiro memorizar o terreno de onde partiram e cobrir o terreno muito mais rápido do que cavalgando. Em pouco tempo, apenas Gedwyn e Rochaid permaneceram, além dos Dedicados segurando os portões. Os outros estariam se espalhando para o oeste, procurando por Seanchan. Os saldaeanos tinham acabado de sair de Illian e estavam montando. Legionários se espalharam pelas árvores a trote, bestas preparadas. Neste país, eles poderiam se mover tão rápido quanto homens a cavalo.

Quando o resto do exército começou a emergir, Rand cavalgou pelo vale na direção em que os Asha'man haviam ido. Montanhas erguiam-se atrás dele, uma parede de frente para o Abismo, mas a oeste, os picos corriam quase até Ebou Dar. Ele acelerou o passo do capão para um galope.

Bashere o pegou antes que ele chegasse à passagem. O baio do homem era pequeno — a maioria dos saldaeanos montava cavalos pequenos — mas rápidos. “Não há Seanchan aqui, ao que parece,” ele disse quase à toa, acariciando seus bigodes com um nó dos dedos. “Mas poderia ter havido. Tenobia provavelmente terá minha cabeça em uma lança em breve por seguir um Dragão Renascido vivo, ainda mais um morto.”

Rand fez uma careta. Talvez ele pudesse levar Flinn, para cuidar de sua retaguarda, e Narishma, e... Flinn salvara sua vida; o homem tinha que ser verdadeiro. Os homens podem mudar, no entanto. E Narishma? Mesmo depois...? Ele sentiu frio com o risco que havia corrido. Não os pavores. Narishma *provou* ser verdade, mas ainda tinha sido um risco louco. Tão louco quanto fugir de olhares que ele nem tinha certeza se eram reais, correndo para onde não tinha noção do que estava esperando. Bashere estava certo, mas Rand não queria falar mais sobre isso.

As encostas que levavam ao desfiladeiro eram de pedra nua e pedregulhos de todos os tamanhos, mas entre a pedra natural havia pedaços desgastados do que deveria ter sido uma enorme estátua. Alguns eram apenas reconhecíveis como pedra trabalhada, outros mais. Uma mão cheia de anéis quase grande como seu peito, segurando o punho de uma espada com um toco de lâmina quebrado mais largo que sua mão. Uma grande cabeça, uma mulher com rachaduras no rosto e uma coroa que parecia feita de adagas erguidas, algumas ainda inteiras.

“Quem você acha que ela era?” ele perguntou. Uma rainha, claro. Mesmo que mercadores ou estudiosos tivessem usado coroas em algum tempo distante, apenas governantes e generais ganhavam estátuas.

Bashere se contorceu em sua sela para estudar a cabeça antes de falar. “Uma Rainha de Shiota, eu aposto,” ele disse finalmente. “Não mais velha. Eu vi uma estátua feita em Eharon uma vez, e estava tão desgastada que você não poderia dizer se era homem ou mulher. Uma conquistadora, ou eles não a teriam mostrado com uma espada. E me lembro que Shiota dava uma coroa assim para governantes que expandiram as fronteiras. Talvez eles a chamassem de Coroa de Espadas, hein? Uma irmã Marrom poderia lhe dizer mais.”

“Não é importante,” Rand disse a ele irritado. Pareciam espadas.

Bashere continuou de qualquer maneira, sobrelhas grisalhas abaixadas, gravemente sérias. “Acho que milhares a aplaudiram, a chamaram de esperança de Shiota, talvez até acreditassem que ela fosse. Em seu tempo, ela pode ter sido tão temida e respeitada quanto Artur Asa de Gavião foi depois, mas agora nem as irmãs Marrons podem saber seu nome. Quando você morre, as pessoas começam a esquecer quem você era e o que você fez ou tentou fazer. Todo mundo morre eventualmente, e todo mundo é esquecido, eventualmente, mas não faz sentido morrer antes da sua hora chegar.”

"Eu não pretendo", disse Rand bruscamente. Ele sabia onde deveria morrer, se não quando. Ele pensava que sim.

O canto de seu olho captou um movimento, lá embaixo, onde a pedra nua dava lugar ao mato e a algumas pequenas árvores. A cinquenta passos de distância, um homem entrou no campo aberto e ergueu um arco, puxando suavemente as penas na bochecha. Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo.

Rosnando, Rand puxou Tai'daishar, observando o arqueiro se ajustar para segui-lo. Ele agarrou *saidin* e doce vida e imundície se derramaram nele juntos. Sua cabeça girou. Havia dois arqueiros. A bile subiu em sua garganta enquanto lutava contra as ondas selvagens e descontroladas do Poder que tentavam queimá-lo até os ossos e congelar sua carne. Ele não podia controlá-las; era tudo o que podia fazer para se manter vivo. Desesperadamente, ele lutou para limpar sua visão, para ser capaz de ver bem o suficiente para tecer os fluxos que mal conseguia formar, com a náusea inundando-o tão fortemente quanto o Poder. Ele pensou ter ouvido Bashere gritar. Dois arqueiros à solta.

Rand deveria ter morrido. A essa distância, um menino poderia ter acertado seu alvo. Talvez ser *ta'veren* o tivesse salvado. Quando o arqueiro disparou, um bando de codornas de asas cinzentas irrompeu quase aos seus pés emitindo assobios penetrantes. Não o suficiente para desanimar um homem experiente e, de fato, o sujeito apenas se encolheu. Rand sentiu o vento da passagem da flecha contra sua bochecha.

Bolas de fogo do tamanho de punhos de repente atingiram o arqueiro. Ele gritou quando seu braço girou, a mão ainda segurando o arco. Outra acertou sua perna esquerda no joelho e ele caiu gritando.

Inclinando-se na sela, Rand vomitou no chão. Seu estômago tentava vomitar todas as refeições que ele já havia comido. O Vazio e

saidin saíram dele com um puxão doentio. Era quase mais do que ele conseguia lidar para não cair.

Quando conseguiu se sentar de novo, pegou o lenço de linho branco que Bashere lhe oferecia silenciosamente e enxugou a boca. O saldaeano franziu a testa com preocupação, como poderia. O estômago de Rand queria encontrar mais para vomitar. Ele pensou que seu rosto devia estar pálido. Respirou fundo. Perder *saidin* assim podia matá-lo. Mas ele ainda podia sentir a Fonte; pelo menos *saidin* não o havia exaurido. Pelo menos ele podia ver corretamente; havia apenas um Davram Bashere. Mas o enjoo parecia um pouco pior cada vez que ele agarrava *saidin*.

“Vamos ver se sobra o suficiente desse sujeito para falar”, disse ele a Bashere. Não havia.

Rochaid estava de joelhos, examinando calmamente o casaco rasgado e manchado de sangue do cadáver. Além do braço e da perna perdidos, o morto tinha um buraco enegrecido do tamanho de sua cabeça até o peito. Era Eagan Padros; seus olhos cegos fitavam o céu com surpresa. Gedwyn ignorou o corpo a seus pés, estudando Rand, tão frio quanto Rochaid. Ambos os homens seguravam *saidin*. Surpreendentemente, Lews Therin apenas gemeu.

Em um barulho de cascos na pedra, Flinn e Narishma vieram galopando pela colina, seguidos por quase uma centena de saldaeanos. À medida que se aproximavam, Rand podia sentir o Poder no velho grisalho e no mais novo, talvez tanto quanto eles pudessem suportar. Ambos ganharam força desde os Poços de Dumai. Era assim com os homens; as mulheres pareciam ganhar suavemente, mas os homens de repente saltavam. Flinn era mais forte do que Gedwyn ou Rochaid, e Narishma não estava muito atrás. Por enquanto; não havia como saber como aquilo terminaria. Nenhum chegava perto de combinar com Rand, no entanto. Ainda não, de qualquer maneira. Não havia como dizer o que o tempo traria. Não os pavores.

“Parece que é bom que decidimos segui-lo, meu Lorde Dragão.” A voz de Gedwyn assumiu preocupação, quase tímida para zombar. “Você está sofrendo de um estômago sensível esta manhã?”

Rand apenas balançou a cabeça. Ele não conseguia tirar os olhos do rosto de Padros. Por quê? Porque ele tinha conquistado Illian? Porque o homem tinha sido leal a “Lord Brend”?

Com uma exclamação alta, Rochaid arrancou uma bolsa de couro do bolso do casaco de Padros e a virou. Moedas douradas brilhantes caíram no chão pedregoso, quicando e tilintando. “Trinta coroas”, ele rosnou. “Coroas de Tar Valon. Sem dúvida, quem o pagou.” Ele pegou uma moeda e jogou para Rand, mas Rand não fez nenhum esforço para pegá-la, e ela resvalou em seu braço.

“Há muitas moedas de Tar Valon para serem encontradas”, disse Bashere calmamente. “Metade dos homens deste vale tem algumas nos bolsos. Eu mesmo.” Gedwyn e Rochaid se viraram para olhá-lo. Bashere sorriu por trás de seus bigodes grossos, ou pelo menos mostrou os dentes, mas alguns dos saldaeanos se mexiam inquietos em suas selas, os dedos nas bolsas dos cintos.

Lá em cima, onde o desfiladeiro se nivelava um pouco entre as encostas íngremes das montanhas, um raio de luz se transformou em um portão, e um shienarano de coque alto em um casaco preto liso passou trotando, puxando seu cavalo atrás dele. Parecia que o primeiro Seanchan havia sido encontrado, e não muito longe se o homem voltava tão rápido.

“Hora de se mexer”, disse Rand a Bashere. O homem assentiu, mas não se mexeu. Em vez disso, ele estudou os dois Asha'man parados perto de Padros. Eles o ignoraram.

“O que vamos fazer com ele?” Gedwyn exigiu, gesticulando para o cadáver. “Devemos mandá-lo de volta para as bruxas, pelo menos.”

“Deixe-o,” Rand respondeu.

Você está pronto para matar agora? perguntou Lews Therin. Ele não parecia insano.

Ainda não, pensou Rand. *Em breve*.

Cravando os calcanhares nos flancos de Tai'daishar, ele galopou de volta para seu exército. Dashiva e Flinn seguiram de perto, e Bashere e os cem saldaeanos. Todos olhavam em volta como se esperassem outro atentado contra sua vida. A leste, nuvens negras se formavam entre os picos, outra tempestade cemaros. Em breve.

O acampamento no topo da colina estava bem organizado, com um riacho sinuoso próximo para a água, e boas linhas de visão para os caminhos mais prováveis até o longo prado da montanha. Assid Bakuun não sentia orgulho no acampamento. Durante trinta anos no Exército Sempre Vitorioso, ele fez centenas de acampamentos; teria sentido orgulho em atravessar uma sala sem cair. Nem sentia orgulho de onde estava. Trinta anos servindo a Imperatriz, se ela pudesse viver para sempre, e embora tivesse havido a rebelião ocasional de algum arrivista louco com os olhos no Trono de Cristal, a maior parte desses anos tinha sido gasto se preparando para isso. Por duas gerações, enquanto os grandes navios foram construídos para levar o Retorno, o Exército Sempre Vitorioso treinou e se preparou. Bakuun certamente ficou orgulhoso quando soube que seria um dos Precursores. Certamente, ele poderia ser perdoado dos sonhos de retomar as terras roubadas dos herdeiros legítimos de Artur Asa de Gavião, até mesmo sonhos loucos para completar esta nova Consolidação antes da chegada de Corenne. Afinal, não era um sonho tão louco, como se via, mas não do jeito que ele havia imaginado.

Uma patrulha de cinquenta lanceiros taraboneanos que voltava cavalgava pela encosta, listras vermelhas e verdes pintadas em suas couraças sólidas, véus de cota de malha escondendo seus bigodes grossos. Eles cavalgavam bem, e até lutavam bem, quando tinham

líderes decentes. Mais de dez vezes mais já estavam entre as fogueiras dos cozinheiros, ou nas linhas de piquete cuidando de suas montarias, e três patrulhas ainda estavam fora. Bakuun nunca esperou encontrar-se com mais da metade de seu comando sendo descendentes de ladrões. E sem vergonha disso; eles o olhariam diretamente nos olhos. O comandante da patrulha curvou-se para ele quando seus cavalos de pernas enlameadas passaram, mas muitos dos outros continuaram falando com seus sotaques peculiares, falando rápido demais para Bakuun entender sem ouvir muito. Eles também tinham noções peculiares de disciplina.

Balançando a cabeça, Bakuun caminhou até a grande tenda das *sul'dam*. Maior que a dele, por necessidade. Quatro delas estavam sentadas em banquinhos do lado de fora com seus vestidos azuis escuros com os raios bifurcados nas saias, aproveitando o sol durante essa pausa nas tempestades. Aqueles eram bastante raros, agora. A *damane* vestida de cinza estava sentada a seus pés, com Nerith trançando seus cabelos claros. Conversando com ela também, todos se juntando e rindo baixinho. A pulseira na ponta da coleira prateada do *a'dam* estava no chão. Bakuun grunhiu amargamente. Ele tinha um cão de caça favorito, em casa, e até falava com ele às vezes, mas nunca esperava que Nip continuasse uma conversa!

“Ela está bem?” ele perguntou a Nerith, não pela primeira vez. Ou a décima. “Está tudo bem com ela?” A *damane* baixou os olhos e ficou em silêncio.

“Ela está muito bem, Capitão Bakuun.” Uma mulher de rosto quadrado, Nerith, colocou o grau adequado de respeito em sua voz e não um bigode além. Mas ela acariciou a cabeça da *damane* suavemente enquanto falava. “Qualquer que fosse a indisposição, ela se foi, agora. Uma coisa pequena, em qualquer caso. Nada para se preocupar.” A *damane* estava tremendo.

Bakuun grunhiu novamente. Não muito longe da resposta que ele havia recebido antes. Algo estava errado, porém, em Ebou Dar, e não

apenas com esta *damane*. As *sul'dam* estavam todas de boca fechada como mariscos — e o Sangue não diria nada, é claro, não para pessoas como ele! — mas ele ouviu muitos sussurros. Disseram que as *damane* estavam todas doentes, ou insanas. Luz, ele não tinha visto uma única sendo usada em torno de Ebou Dar uma vez que a cidade estava segura, nem mesmo para uma exibição de vitória das Luzes do Céu, e quem já ouviu falar disso!

"Bem, eu espero que ela..." ele começou, e cortou quando um *raken* apareceu, varrendo a passagem leste. Suas grandes asas de couro batiam poderosamente pela altura, e logo acima da colina, ele se inclinou de repente e cortou um círculo apertado, a ponta de uma asa apontada quase diretamente para baixo. Uma flâmula vermelha fina caiu sob o peso de uma bola de chumbo.

Bakuun engoliu uma maldição. Os voadores estavam sempre se exibindo, mas se esse par ferisse um de seus homens entregando seu relatório de reconhecimento, ele teria suas peles, não importava quem tivesse que enfrentar para pegá-las. Ele não gostaria de lutar sem voadores para explorar, mas eles eram mimados como o animal de estimação favorito de algum Sangue.

Em linha reta, a serpentina despencou. O peso de chumbo atingiu o chão e ricocheteou na crista, quase ao lado do poste de mensagem alto e fino, que era muito longo para ser abaixado, a menos que houvesse uma mensagem para enviar. Além disso, quando era posto para baixo, alguém estava sempre pisando nele com um cavalo e quebrando as juntas.

Bakuun foi direto para sua tenda, mas seu primeiro-tenente já estava esperando com a serpentina manchada de lama e o tubo de mensagens. Tiras era um homem ossudo uma cabeça mais alto que ele, com um infeliz pedaço de barba grudado na ponta do queixo.

O relatório enrolado no tubo de metal fino, em um pedaço de papel que Bakuun quase podia ver, foi escrito de forma simples. Ele nunca tinha sido forçado a montar em *raken* ou *to'raken* — que a

Luz seja agradecida, e a Imperatriz, que ela viva para sempre, seja louvada! — mas duvidava que fosse fácil manusear uma caneta em uma sela amarrada às costas de um lagarto voador. O que dizia o fez abrir a tampa de sua pequena mesa de acampamento e escrever apressadamente.

"Há uma força a menos de dez milhas a leste daqui", disse ele a Tiras. "Cinco ou seis vezes o nosso número." Os voadores às vezes exageravam, mas nem sempre muito. Como tantos penetraram naquelas montanhas até agora sem serem vistos antes? Ele tinha visto a costa a leste e queria que suas orações fúnebres fossem pagas antes de tentar desembarcar ali. Queime seus olhos, os voadores se gabavam de ver uma pulga se mover em qualquer lugar ao alcance. "Não há razão para pensar que eles sabem que estamos aqui, mas eu não me importo com alguns reforços."

Tiras riu. "Vamos dar-lhes uma amostra das *damane*, e isso funcionará mesmo se eles nos superarem em vinte vezes." Sua única falha real foi um toque de excesso de confiança. Mas era um bom soldado.

"E se eles tiverem algumas... Aes Sedai?" Bakuun disse baixinho, mal tropeçando no nome, enquanto enfiava o relatório do voador de volta no tubo com sua própria breve mensagem. Ele realmente não acreditava que alguém pudesse deixar aquelas... mulheres correrem livremente.

O rosto de Tiras mostrou que ele se lembrava das histórias sobre uma arma Aes Sedai. A serpentina vermelha flutuou atrás dele enquanto ele corria com o tubo de mensagens.

Logo o tubo e a serpentina foram presos à ponta do poste de mensagens, uma brisa minúscula agitando a longa faixa vermelha quinze passos acima do cume do morro. O *raken* voou em direção a ele ao longo do vale, as asas estendidas ainda como a morte. Abruptamente, uma das voadoras desceu da sela e ficou pendurado — de cabeça para baixo! — sob as garras do *raken*. Isso fez o

estômago de Bakuun doer ao assistir. Mas sua mão se fechou na serpentina, o poste flexionou, então vibrou de volta na vertical quando o tubo de mensagem se soltou do clipe, e ela subiu de volta enquanto a criatura subia em círculos lentos.

Bakuun felizmente tirou *rakens* e voadores de sua mente enquanto observava o vale. Largo e longo, quase plana, exceto por esta colina, e cercada por encostas íngremes e arborizadas; somente uma cabra poderia entrar, exceto pelas passagens à sua vista. Com as *damane*, ele poderia cortar qualquer um em pedaços antes que tentassem atacar através daquele prado lamacento. Ele havia repassado a notícia, no entanto; se o inimigo viesse direto, eles chegariam antes de qualquer reforço possível em três dias, no máximo. Como eles chegaram tão longe sem serem vistos?

Ele havia perdido as últimas batalhas da Consolidação por duzentos anos, mas algumas dessas rebeliões não foram pequenas. Dois anos lutando em Marendalar, trinta mil mortos, e cinquenta vezes mais que despachados para o continente como propriedade. Tomar conhecimento do estranho mantinha um soldado vivo. Ordenando que o acampamento fosse levantado e todos os sinais dele fossem eliminados, ele começou a mover seu comando para as encostas florestais. Nuvens escuras estavam se formando no leste, outra daquelas malditas tempestades chegando.



CAPÍTULO

23



Névoa de Guerra, Tempestade de Batalha

Nenhuma chuva caiu, por enquanto. Rand guiou Tai'daishar em torno de uma árvore arrancada que jazia na encosta e franziu a testa para um homem morto esparramado de costas atrás do tronco da árvore. O sujeito era baixo e atarracado, seu rosto enrugado e sua armadura toda sobreposta de placas laqueadas azuis e verdes, mas olhando sem ver as nuvens negras acima, ele parecia muito com Eagan Padros, até mesmo na perna que faltava. Um oficial, claramente; a espada ao lado de sua mão estendida tinha um punho de marfim esculpido em forma de mulher, e seu capacete laqueado, em forma de cabeça de um enorme inseto, tinha duas longas e finas plumas azuis.

Árvores arrancadas e quebradas, um bom número queimando de ponta a ponta, cobriam a encosta da montanha por uns bons quinhentos passos. Corpos também, homens quebrados ou dilacerados quando *saidin* afligiu a encosta da montanha. A maioria usava véus de aço em seus rostos e couraças pintadas em listras horizontais. Nenhuma mulher, graças à Luz. Os cavalos feridos tinham sido sacrificados, outra coisa a agradecer. Era incrível o quão alto um cavalo podia gritar.

Você acha que os mortos são silenciosos? A risada de Lews Therin era áspera. Acha? Sua voz se transformou em raiva dolorosa. Os mortos uivam para mim!

Para mim também, Rand pensou tristemente. Eu não posso me dar ao luxo de ouvir, mas como você os cala? Lews Therin começou a chorar por sua Ilyena perdida.

“Uma grande vitória,” Weiramon entoeu atrás de Rand, então murmurou, “Mas há pouca honra nisso. Os métodos antigos são os melhores.” A lama decorava generosamente o casaco de Rand, mas, surpreendentemente, Weiramon parecia tão imaculado quanto na Estrada da Prata. Seu capacete e armadura brilhavam. Como ele conseguiu? Os taraboneanos carregaram, no final, lanças e coragem contra o Poder Único, e Weiramon liderou sua própria guarnição para derrubá-los. Sem ordens, e seguido por todos os tairenos, exceto os Defensores, até mesmo um Torean meio bêbado, surpreendentemente. Por Semaradrid e Gregorin Panar, também, com a maioria dos cairhienos e illianenses. Ficar parado tinha sido difícil naquele momento, e todo homem queria enfrentar algo que realmente pudesse enfrentar. Os Asha'man poderiam ter feito isso mais rápido. Mas com um pouco mais de bagunça.

Rand não havia participado da luta, exceto para sentar em sua sela onde os homens pudessem vê-lo. Tinha medo de tomar o poder. Não se atreveu a mostrar fraqueza para eles verem. Nem um pouco. Lews Therin balbuciava horrorizado com a ideia.

Igualmente surpreendente como o casaco imaculado de Weiramon, Anaiyella cavalgou com ele, e pela primeira vez sem sorrir. Seu rosto estava contraído e desaprovador. Estranhamente, isso não estragava sua aparência tanto quanto seus sorrisos untuosos. Ela não se juntou à luta, é claro, como Ailil, mas o Mestre dos Cavalos de Anaiyella sim, e o homem estava definitivamente morto, com uma lança de taraboneana atravessada no peito. Ela não gostou nem um pouco disso. Mas por que ela acompanhou

Weiramon? Eram apenas tairenos reunidos? Podia ser. Ela estivera com Sunamon, da última vez que Rand vira.

Bashere subiu a encosta com seu baio, abrindo caminho entre os mortos enquanto parecia não prestar mais atenção a eles do que a um tronco de árvore lascado ou a um toco em chamas. Seu elmo pendia de sua sela, e suas manoplas estavam enfiadas atrás do cinto da espada. Ele estava todo enlameado em seu lado direito, e seu cavalo também.

“Aracome se foi”, disse ele. “Flinn tentou curá-lo, mas não acho que Aracome quisesse viver assim. Há quase cinquenta mortos até agora, e alguns dos outros podem não sobreviver.” Anaiyella empalideceu. Rand a tinha visto perto de Aracome, esvaziando-se. Os plebeus mortos não o afetavam tanto.

Rand sentiu um momento de pena. Não dela, e não muito de Aracome. De Min, embora ela estivesse de volta em segurança em Cairhien. Min havia predito a morte de Aracome em uma de suas visões, e a de Gueyam e Maraconn também. O que quer que ela tivesse visto, Rand esperava que não estivesse nem perto da realidade.

A maioria dos soldados estava novamente explorando, mas lá embaixo no amplo prado, portões tecidos pelos Dedicados de Gedwyn espalhavam as carroças de suprimentos e as montarias. Os homens que vinham com eles ficaram boquiabertos assim que ficou claro o suficiente para ver. O terreno lamacento não era tão bem arado quanto a encosta da montanha, mas havia sulcos enegrecidos, de dois passos de largura e cinquenta de comprimento, esculpidos na grama marrom, e buracos abertos que um cavalo talvez não pudesse saltar. Eles não tinham encontrado a *damane* até agora. Rand pensou que deveria haver apenas uma; mais delas teria causado um dano consideravelmente maior naquelas circunstâncias.

Os homens se moviam em torno de uma série de pequenas fogueiras onde a água fervia para o chá, entre outras coisas. Pela

primeira vez, tairenos, cairhienos e illianenses se misturaram. Não apenas os plebeus. Semaradrid estava compartilhando seu frasco de sela com Gueyam, que, cansado, passou a mão na cabeça calva. Maraconn e Kiril Drapaneos, um homem cegonha cuja barba quadrada parecia estranha em seu rosto estreito, estavam agachados perto de uma das fogueiras. Jogando cartas, pelo jeito! Torean tinha um círculo inteiro de fidalgos cairhienos rindo ao seu redor, embora eles pudessem ter se divertido menos com suas piadas do que com a maneira como ele balançava e esfregava seu nariz de batata. Os Legionários mantiveram-se separados, mas acolheram os “voluntários” que seguiram Padros até o Estandarte da Luz. Esse grupo parecia mais ansioso do que qualquer um desde que soube como Padros morreu. Legionários de casacas azuis estavam mostrando a eles como mudar de direção sem desmoronar como um *bando* de gansos.

Flinn estava entre os feridos com Adley e Morr e Hopwil. Narishma podia Curar pouco mais do que pequenos cortes, não melhor do que Rand, e Dashiva nem isso. Gedwyn e Rochaid estavam conversando bem separados de todos os outros, segurando seus cavalos pelas rédeas no topo da colina no meio do vale. A colina onde eles esperavam pegar os Seanchan de surpresa quando saíram correndo dos portões que a cercavam. Quase cinquenta mortos, e mais por vir, mas teria sido mais de duzentos sem Flinn e o resto que poderia gerenciar a cura em um grau ou outro. Gedwyn e Rochaid não quiseram sujar as mãos e fizeram uma careta quando Rand os levou a isso. Um dos mortos era um Soldado, e outro Soldado, um cairhieno de rosto redondo, estava caído ao lado de uma fogueira com um olhar atordoado que Rand esperava que viesse de ter sido jogado no ar pelo chão em erupção quase sob seus pés.

Lá embaixo, nas planícies sulcadas, Ailil conversava com seu capitão de lança, um homenzinho pálido chamado Denharad. Seus

cavalos quase se tocavam, e ocasionalmente eles olhavam para a montanha em direção a Rand. O que eles estavam tramando?

"Faremos melhor da próxima vez", murmurou Bashere. Ele correu seu olhar ao redor do vale, então balançou a cabeça. "O pior erro é cometer o mesmo duas vezes, e nós não faremos isso."

Weiramon o ouviu e repetiu a mesma coisa, mas usando vinte vezes mais palavras, e florido o suficiente para um jardim na primavera. Sem admitir que houve algum erro, certamente não de sua parte. Ele evitou os erros de Rand com igual habilidade.

Rand assentiu, sua boca apertada. Da próxima vez fariam melhor. Eles tinham que fazer, a menos que ele quisesse deixar metade de seus homens enterrados nestas montanhas. Naquele momento, estava se perguntando o que fazer com os prisioneiros.

A maioria dos que escaparam da morte na encosta da montanha conseguiu se retirar por entre as árvores que permaneceram de pé. Considerando a ordem incrivelmente boa, Bashere afirmou, mas era improvável que eles fossem uma grande ameaça agora. Não a menos que eles tivessem a *damane* com eles. Mas cerca de cem homens estavam amontoados no chão, despidos de armas e armaduras, sob os olhos atentos de duas dúzias de Companheiros e Defensores montados. Os taraboneanos, em sua maioria, não haviam lutado como homens levados a isso pelos conquistadores. Um bom número levantou a cabeça e zombou de seus guardas. Gedwyn queria matá-los, depois de colocá-los em questão. Weiramon não se importava se eles tivessem suas gargantas cortadas, mas ele considerava a tortura uma perda de tempo. Ninguém saberia nada útil, ele sustentou; não havia um nascido nobre.

Rand olhou para Bashere. Weiramon ainda continuava sonoramente. "...varrer estas montanhas para você, meu Lorde Dragão. Vamos pisoteá-los sob nossos cascos e..." Anaiyella estava balançando a cabeça em aprovação sombria.

"Seis para cima e meia dúzia para baixo", disse Bashere suavemente. Ele raspou a lama de um lado de seu bigode grosso com uma unha. "Ou, como alguns dos meus inquilinos dizem, o que você ganha nos balanços, você perde nas rotatórias." O que na Luz era uma rotatória? Uma grande ajuda que foi!

E então uma das patrulhas de Bashere piorou as coisas.

Os seis homens vieram cutucando uma prisioneira ao longo da encosta à frente de seus cavalos com a coronha de suas lanças. Era uma mulher de cabelos pretos com um vestido azul escuro rasgado e sujo, com painéis vermelhos no peito e saias com relâmpagos bifurcados. Seu rosto também estava sujo e manchado de lágrimas. Ela tropeçou e meio que caiu, mas o estímulo foi mais um gesto do que um toque real. Ela olhou com desdém para seus captores, até mesmo cuspiendo uma vez. Ela zombou de Rand também.

"Vocês a machucaram?" Ele perguntou. Uma pergunta estranha, talvez, sobre um inimigo depois do que aconteceu neste vale. Sobre uma *sul'dam*. Mas saiu.

"Não nós, meu Lorde Dragão," o líder de patrulha de rosto áspero disse. "Nós a encontramos assim." Coçando o queixo através de uma barba preta esvoaçante, ele olhou Bashere como se procurasse apoio. "Ela afirma que nós matamos seu Gille. Um cachorro de estimação, ou gato, ou algo assim, pelo jeito que ela continua falando. O nome dela é Nerith. Conseguimos muito dela." A mulher se virou e rosnou para ele novamente.

Rand suspirou. Não era um cão de estimação. Não! Esse nome não pertencia à lista! Mas ele podia ouvir a litania de nomes recitando em sua cabeça, e "Gille, a *damane*" estava lá. Lews Therin gemeu por sua Ilyena. O nome dela também estava na lista. Rand pensou que tinha o direito.

"Esta é uma Seanchan Aes Sedai?" Anaiyella perguntou de repente, inclinando-se sobre o punho de sua sela para espiar Nerith. Nerith cuspiu nela também, os olhos arregalados de indignação.

Rand explicou o pouco que sabia sobre *sul'dam*, que elas controlavam as mulheres que podiam canalizar com a ajuda de um *ter'angreal* de coleira e guia, mas não podiam canalizar elas mesmas, e para sua surpresa, a delicada e sorridente Alta Dama disse friamente: "Se meu Lorde Dragão se sentir constrangido, eu a enforcarei por ele." Nerith cuspiu nela de novo! Com desprezo, desta vez. Não havia falta de coragem nela.

"Não!" Rand rosnou. Luz, as coisas que as pessoas fariam para ficar do lado dele! Ou talvez Anaiyella estivesse mais perto de seu Mestre do Cavalo do que era considerado adequado. O homem era robusto e calvo — e um plebeu; isso contava muito com os tairenos — mas as mulheres tinham gostos estranhos para os homens. Ele sabia disso por um fato puro.

"Assim que estivermos prontos para nos mover novamente", ele disse a Bashere, "solte os homens lá embaixo". Levar prisioneiros quando lançasse seu próximo ataque estava fora de questão, e deixar cem homens — cem agora; mais tarde, com certeza — deixá-los seguir com os carrinhos de suprimentos arriscava cinquenta tipos de travessuras. Eles não poderiam causar problemas se deixados para trás. Mesmo os companheiros que fugiram a cavalo não podiam levar um aviso mais rápido do que ele podia Viajar.

Bashere deu de ombros levemente; ele pensou que poderia ser assim, mas, novamente, sempre havia uma chance estranha. Coisas estranhas aconteciam mesmo sem um *ta'veren* por perto.

Weiramon e Anaiyella abriram a boca quase juntos, rostos em protesto, mas Rand insistiu. "Eu falei, e está feito! Nós vamos manter a mulher, no entanto. E mais mulheres que capturarmos."

"Que minha alma queime," Weiramon exclamou. "Por que?" O homem parecia estupefato e, por falar nisso, Bashere deu um aceno de cabeça assustado. A boca de Anaiyella se torceu em desprezo antes que ela conseguisse transformá-la em um sorriso afetado para o Lorde Dragão. Claramente, ela o achava muito mole para mandar

uma mulher embora com os outros. Elas teriam dificuldade para caminhar neste terreno, para não mencionar rações curtas. E o clima não era o clima para virar uma mulher do avesso.

“Tenho Aes Sedai suficientes contra mim sem enviar *sul'dam* de volta ao seu grupo”, disse-lhes. A Luz sabia que era verdade! Eles assentiram, e se Weiramon foi lento com isso, Bashere parecia aliviado, e Anaiyella desapontada. Mas o que fazer com a mulher, e mais outras que capturasse? Ele não pretendia transformar a Torre Negra em uma prisão. Os Aiel poderiam segurá-los. Só que as Sábias poderiam cortar suas gargantas no momento em que ele virasse as costas. E as irmãs que Mat estava levando para Caemlyn com Elayne? “Quando isso for feito, vou entregá-la a alguma Aes Sedai que eu escolher.” Eles podem ver isso como um gesto de boa vontade, um pouco de mel para adoçar o fato de terem que aceitar sua proteção.

Assim que as palavras saíram de sua boca, o rosto de Nerith ficou branco e ela gritou a plenos pulmões. Uivando sem cessar, ela se jogou ladeira abaixo, rastejando por cima de árvores caídas, caindo e subindo novamente.

“Maldita—! Pegue ela!” Rand estalou, e a patrulha saldaeana saltou atrás da mulher, saltando com suas montarias pela encosta coberta de árvores sem se importar com as pernas e pescoços quebrados. Ainda gemendo, ela se esquivava e disparava entre os cavalos com ainda menos cuidado.

Na boca da passagem mais a leste, um portão se abriu em um flash de luz prateada. Um soldado de casaca preta puxou seu cavalo, saltou para a sela quando o portão piscou para fora e colocou sua montaria a galope, em direção ao topo da colina onde Gedwyn e Rochaid esperavam. Rand assistiu impassível. Em sua cabeça, Lews Therin rosnou para matar, matar todos os Asha'man antes que fosse tarde demais.

No momento em que os três começaram a subir a encosta em direção a Rand, quatro dos saldaeanos tinham Nerith no chão, amarrando suas mãos e pés. Precisaram de quatro, do jeito que ela se debateu e mordeu, e um Bashere divertido estava perguntando se havia chances de ela superá-los em vez disso. Anaiyella murmurou algo sobre quebrar a cabeça da mulher. Ela quis dizer abri-la? Rand franziu a testa para ela.

O Soldado entre Gedwyn e Rochaid olhou para Nerith inquieto enquanto eles passavam. Rand se lembrava vagamente de tê-lo visto na Torre Negra, no dia em que ele entregou as Espadas de prata pela primeira vez e deu a Taim o primeiro broche de dragão. Ele era um jovem, de nome Varil Nensen, ainda usando um véu transparente para cobrir seus bigodes grossos. No entanto, ele não hesitou quando se viu diante de seus compatriotas. A lealdade era para a Torre Negra e o Dragão Renascido agora, assim Taim sempre dizia. A segunda parte disso sempre soava como uma reflexão tardia.

“Você pode ter a honra de fazer seu relatório para o Dragão Renascido, Soldado Nensen,” disse Gedwyn. Irônico.

Nensen endireitou-se na sela. “Meu Lorde Dragão!” ele bradou, batendo com o punho no peito. “Há mais deles cerca de trinta milhas a oeste, meu Lorde Dragão.” Trinta milhas era a distância que Rand dissera aos batedores para irem antes de retornar. De que adiantaria se um Soldado encontrasse Seanchan enquanto o resto continuasse se movendo cada vez mais para o oeste? “Talvez metade do que estava aqui,” Nensen continuou. E...” Seus olhos escuros se voltaram para Nerith novamente. Ela estava amarrada, agora, os saldaeanos lutando para levá-la sobre um cavalo. “E não vi nenhum sinal de mulheres, meu Lorde Dragão.”

Bashere olhou para o céu. Nuvens escuras formavam um cobertor de pico de montanha a pico de montanha, mas o sol ainda deveria estar alto. “Hora de alimentar os homens antes que o resto volte”, disse ele, assentindo com satisfação. Nerith tinha conseguido cravar

os dentes no pulso de um saldaeano e estava se segurando como um texugo.

"Alimente-os rápido", disse Rand irritado. Cada *sul'dam* que ele capturasse seria tão difícil? Era muito provável. Luz, e se eles pegassem uma *damane*? "Não quero passar o inverno todo nestas montanhas." Gille, a *damane*. Ele não podia apagar um nome uma vez que entrasse nessa lista.

Os mortos nunca ficam em silêncio, sussurrou Lews Therin. *Os mortos nunca dormem*.

Rand desceu em direção às fogueiras. Ele não tinha vontade de comer.

Da ponta de um ombro de pedra, Furyk Karede estudou cuidadosamente as montanhas arborizadas que se erguiam ao seu redor, picos afiados como presas escuras. Seu cavalo, um capão alto e malhado, enrijeceu as orelhas como se estivesse captando um som que havia perdido, mas fora isso o animal estava imóvel. De vez em quando, Karede tinha de parar e limpar a lente do espelho. Uma chuva leve caiu do céu matinal cinza. As duas plumas pretas de seu capacete estavam curvadas em vez de ficarem retas, e a água escorria por suas costas. Uma chuva leve em comparação com o dia anterior, de qualquer maneira, e provavelmente em comparação com o seguinte. Ou esta tarde, talvez. O trovão retumbou ameaçadoramente no sul. A preocupação de Karede não tinha nada a ver com o clima, no entanto.

Abaixo dele, o último de 2.300 homens serpenteava pelos desfiladeiros sinuosos, homens reunidos em quatro postos avançados. Bem montados, razoavelmente bem conduzidos, mas apenas duzentos eram Seanchan, e apenas dois além dele usavam o vermelho e verde da Guarda. A maioria dos restantes eram taraboneanos — ele conhecia sua coragem —, mas um bom terço eram amadicios e altaranos, novos demais em seus juramentos para

que qualquer um tivesse certeza de como eles se defenderiam. Alguns altaranos e amadicios já haviam trocado de aliança duas ou três vezes. Tentado, pelo menos. As pessoas deste lado do Oceano Aryth não tinham vergonha. Uma dúzia de *sul'dam* cavalgava perto da frente da coluna, e ele desejou que todas as doze tivessem *damanes* amarradas a seus cavalos e andando, em vez de apenas duas.

Cinquenta passos adiante, os dez homens da ponta de lança observavam as encostas acima deles, embora não tão cuidadosamente quanto deveriam. Muitos homens que cavalgavam como ponta de lança confiavam nos batedores avançados para encontrar quaisquer perigos. Karede fez uma nota para falar com eles pessoalmente. Eles cumpririam seus deveres corretamente depois disso, ou os enviaria para os impostos trabalhistas.

Um *raken* apareceu no leste à frente, deslizando sobre as copas das árvores, girando e dando voltas para seguir as curvas da terra como um homem passando a mão pelas costas de uma mulher. Peculiar. *Morat'raken*, voadores, sempre gostavam de voar alto, a menos que o céu estivesse realmente cheio de relâmpagos. Karede baixou o espelho para observar.

“Talvez finalmente consigamos outro relatório de patrulha”, disse Jadranka. Aos outros oficiais que esperavam atrás de Karede, não a ele. Três dos dez correspondiam ao posto de Karede, mas poucos, exceto o Sangue, perturbaram um homem no verde, vermelho-sangue e quase preto da Guarda da Morte. Não que muitos entre o Sangue o fizessem.

Segundo as histórias que ouvira quando criança, um dos seus antepassados, um nobre, seguira Luthair Paendrag até Seanchan por ordem de Artur Asa de Gavião, mas duzentos anos depois, com apenas o norte seguro, outro antepassado tentou esculpir um reino próprio e acabou vendido no quarteirão em vez disso. Talvez fosse assim; muitos *da'covale* reivindicavam ter nobres ancestrais. Entre

eles, pelo menos; poucos do Sangue achavam tal conversa divertida. Seja como for, Karede sentira-se sortudo quando os Escolhedores o escolheram, um menino robusto que ainda não tinha idade suficiente para receber tarefas, e ainda sentia orgulho dos corvos tatuados em seus ombros. Muitos Guardas da Vigia da Morte ficavam sem casaco ou camisa sempre que possível, para exibi-los. Os humanos, de qualquer maneira. Jardineiros Ogier não eram marcados ou possuídos, mas isso era entre eles e a Imperatriz.

Karede era *da'covale* e se orgulhava disso, como todo homem da Guarda, propriedade do Trono de Cristal, de corpo e alma. Ele lutava onde a Imperatriz apontava, e morreria no dia em que ela dissesse para morrer. Somente à Imperatriz a Guarda respondia, e onde eles apareciam, apareciam como sua mão, uma lembrança visível dela. Não era de admirar que alguns entre os Sangue pudessem ficar inquietos vendo um destacamento de Guardas passar. Uma vida muito melhor do que limpar os estábulos de um Lorde ou servir *kaf* para uma Dama. Mas ele amaldiçoou a sorte que o enviou a essas montanhas para inspecionar os postos avançados.

O *raken* disparou para o oeste, os dois voadores agachados na sela. Não havia nenhum relatório de reconhecimento, nenhuma mensagem para ele. Furyk sabia que era sua imaginação, mas o pescoço longo e esticado da criatura de alguma forma parecia... ansioso. Se ele fosse qualquer outra pessoa, poderia estar ansioso também. Havia poucas mensagens para ele desde suas ordens três dias atrás para assumir o comando e se mover para o leste. Cada mensagem havia engrossado o nevoeiro mais do que o limpou.

Os habitantes locais, esses altaranos, haviam se movido para as montanhas com força, ao que parecia, mas como? As estradas ao longo da fronteira norte desta cordilheira eram patrulhadas e vigiadas quase até a fronteira de Illian, por voadores e *morat'torm*, bem como grupos montados a cavalo. O que poderia ter feito os altaranos decidirem mostrar tantos dentes? A ficarem juntos? Um homem podia se encontrar em um duelo por uma olhada — embora

eles tenham começado a aprender que desafiar um Guarda era apenas uma maneira mais lenta de cortar sua própria garganta —, mas ele viu nobres desta chamada nação tentando vender uns aos outros e sua Rainha pela mera sugestão de que suas próprias terras poderiam ser protegidas e talvez as de seu vizinho adicionadas a elas.

Nadoc, um homem grande com um rosto enganosamente suave, torceu-se em sua sela para observar o *raken*. "Eu não gosto de marchar às cegas", ele murmurou. "Não quando os altaranos conseguiram colocar quarenta mil homens aqui. Quarenta, pelo menos."

Jadranka bufou com tanta força que seu alto capão branco se mexeu. Jadranka era o mais velho dos três capitães atrás de Karede, tendo servido tanto quanto o próprio Karede. Um homem baixo e magro com um nariz proeminente e tais ares que você poderia ter pensado que ele era do Sangue. Aquele cavalo se destacaria a uma milha. "Quarenta mil ou cem, Nadoc, eles estão espalhados daqui até o fim da cordilheira, distantes demais para se sustentarem. Esfaqueie meus olhos, provavelmente metade já está morta. Eles devem estar emaranhados com postos avançados em todos os lugares. É por isso que não estamos recebendo relatórios. Espera-se que apenas varramos os restos."

Karede engoliu um suspiro. Ele esperava que Jadranka não fosse um tolo no topo de seus ares. Elogios aos vencedores se espalharam rapidamente, fossem eles um exército ou metade de uma bandeira. Foram as raras derrotas que foram engolidas em silêncio e esquecidas. Tanto silêncio era... sinistro.

"Esse último relatório não soou como restos para mim," Nadoc persistiu. *Ele* não era tolo. "Há cinco mil homens a menos de oitenta quilômetros de nós, e duvido que os peguemos com vassouras."

Jadranka bufou novamente. "Vamos esmagá-los, com espadas ou vassouras. Que a Luz queime meus olhos, mal posso esperar por um

engajamento decente. Eu disse aos batedores para continuarem até encontrá-los. Não vou deixá-los escapar de nós."

"Você fez o que?" Karede disse suavemente.

Suave ou não, suas palavras atraíram todos os olhos para ele. Embora Nadoc e alguns dos outros tivessem que lutar para parar de olhar boquiaberto para Jadranka. Os batedores diziam para seguir em frente, os batedores diziam o que procurar. O que passou despercebido nessas ordens?

Antes que alguém pudesse abrir a boca, gritos se ergueram dos homens na passagem, berros e guinchos de cavalos.

Karede pressionou o tubo de couro do espelho no olho. Ao longo do desfiladeiro à sua frente, homens e cavalos morriam sob uma saraivada do que ele achava que deviam ser setas de besta, do jeito que martelavam através de couraças de aço, explodiam em peitos protegidos por cota de malha. Centenas já estavam mortos, centenas mais caídos feridos em suas selas ou a pé e correndo de cavalos se debatendo no chão. Muitos estavam correndo. Mesmo enquanto olhava, os homens ainda montados giravam seus cavalos para tentar fugir de volta pela passagem. Onde na Luz estavam as *sul'dam*? Ele não conseguiu encontrá-las. Enfrentou rebeldes que tinham *sul'dam* e *damane*, e elas sempre tinham que ser mortas o mais rápido possível. Talvez os locais tivessem aprendido isso.

De repente, de forma chocante, o chão começou a explodir em fontes rugindo ao longo da serpente contorcida sob seu comando, fontes que arremessavam homens e cavalos no ar tão facilmente quanto terra e pedras. Um relâmpago brilhou no céu, raios azuis e brancos estilhaçando a terra e os homens. Outros homens simplesmente explodiram, despedaçados por nada que ele pudesse ver. Os locais tinham *damanes* próprias? Não, seriam aquelas Aes Sedai.

"O que nós vamos fazer?" disse Nadoc. Ele parecia abalado. Assim como ele poderia parecer.

"Você pensa em abandonar seus homens?" Jadranka rosnou. "Nós os reunimos e atacamos, você...!" Ele se interrompeu, gorgolejando, quando a ponta da espada de Karede entrou perfeitamente em sua garganta. Havia momentos em que os tolos podiam ser tolerados, e outros não. Quando o homem caiu da sela, Karede habilmente limpou a lâmina na crina branca do capão antes que o animal fugisse. Houve momentos para um pequeno show, também.

"Nós reunimos o que pode ser reunido, Nadoc", disse ele como se Jadranka nunca tivesse falado. Como se nunca tivesse existido. "Salvamos o que pode ser salvo e recuamos."

Virando-se para descer a passagem onde relâmpagos brilhavam e trovões rugiam, ele ordenou a Anghar, um jovem de olhos firmes com um cavalo rápido, que cavalgasse para o leste e relatasse o que havia acontecido ali. Talvez um voador visse e talvez não, embora Karede suspeitasse que agora sabia por que eles voavam baixo. Suspeitava que a Alta Dama Suroth e os generais em Ebou Dar já sabiam o que estava acontecendo ali também. Era aquele o dia em que morreria pela Imperatriz? Ele cravou os calcanhares nos flancos de seu cavalo.

Do cume plano e arborizado, Rand espiou para o oeste sobre a floresta à sua frente. Com o Poder nele — vida, tão doce; vileza, ah, tão vil — ele podia ver folhas individuais, mas não era suficiente. Tai'daishar bateu um casco. Os picos irregulares atrás, de ambos os lados e ao redor ultrapassavam o cume por uma milha ou mais, mas o cume ficava bem acima das copas das árvores abaixo, um vale arborizado ondulante com cinco quilômetros de comprimento e quase a mesma largura. Tudo ainda estava lá embaixo. Tão quieto quanto o Vazio em que ele flutuava. Silencioso no momento, pelo menos. Aqui e ali, nuvens de fumaça subiam de onde duas ou três árvores em uma moita ardiam como tochas. Só a chuva geral as impedia de transformar o vale em uma conflagração.

Flinn e Dashiva eram os únicos Asha'man ainda com ele. Todo o resto estava no vale. A dupla estava um pouco longe dele na beira das árvores, segurando seus cavalos pelas rédeas e olhando para a floresta abaixo. Bem, Flinn olhava, tão intensamente quanto o próprio Rand. Dashiva olhava ocasionalmente, torcendo a boca, às vezes murmurando para si mesmo de uma forma que fazia Flinn mover os pés e olhar para ele de lado. O Poder enchia os dois homens, quase transbordando, mas para variar, Lews Therin não disse nada. O homem parecia cada vez mais ter voltado a se esconder nos últimos dias.

No céu, havia realmente luz do sol, e as nuvens espalhadas eram cinzentas. Fazia cinco dias desde que Rand trouxera seu pequeno exército para Altara, cinco dias desde que vira seu primeiro Seanchan morto. Tinha visto alguns desde então. O pensamento deslizou pela superfície do Vazio. Ele podia sentir a garça marcada em sua palma pressionando contra o Cetro do Dragão através de sua luva. Silencioso. Não havia nenhuma das criaturas voadoras à vista. Três delas morreram, cortadas do céu por relâmpagos, antes que seus cavaleiros aprendessem a ficar longe. Bashere ficou fascinado pelas criaturas. Tranquilo.

“Talvez esteja terminado, meu Lorde Dragão.” A voz de Ailil era calma e fria, mas ela deu um tapinha no pescoço de sua égua, embora o animal não precisasse ser acalmado. Ela olhou Flinn e Dashiva de lado e se endireitou, sem vontade de revelar um pingo de desconforto na frente deles.

Rand se viu cantarolando e parou abruptamente. Esse era o hábito de Lews Therin, olhar para uma mulher bonita, que não fosse a dele. Não a dele! Luz, se ele começasse a assumir os maneirismos do sujeito, e quando ele não estava lá, então...!

Abruptamente, um trovão oco ressoou no vale. O fogo jorrava das árvores a uns bons três quilômetros de distância ou mais, depois de novo, e de novo, e de novo. Relâmpagos caíram na floresta não muito

longe de onde as chamas altas haviam florescido, cortes únicos como lanças brancas azuladas irregulares. Uma enxurrada de relâmpagos e fogo, e tudo ficou quieto novamente. Nenhuma árvore pegou fogo, desta vez.

Algumas coisas eram *saidin*. Algumas delas.

Gritos se ergueram, fracos e distantes, de outra parte do vale, pensou ele. Longe demais para que até mesmo seus ouvidos aprimorados por *saidin* pudessem ouvir o estrondo do aço. Apesar de tudo, nem todos os combates estavam sendo feitos por Asha'man e Dedicados e Soldados.

Anaiyella soltou um longo suspiro que ela devia estar segurando desde que a luta com o Poder começou. Homens lutando com aço não a perturbavam. Então ela deu um tapinha no pescoço de sua montaria. O capão tinha apenas acenado uma orelha. Rand tinha notado isso nas mulheres. Muitas vezes, quando uma mulher estava agitada, ela tentava acalmar os outros, quer eles precisassem de calmante ou não. Um cavalo serviria. Onde estava Lews Therin?

Irritado, ele se inclinou para estudar o dossel da floresta novamente. Muitas dessas árvores eram sempre-vivas — carvalhos, pinheiros e folhas de couro — e, apesar da seca tardia, eram uma proteção eficaz, mesmo para sua visão intensificada. Como se estivesse à toa, ele tocou o pacote estreito sob o couro do estribo. Ele poderia dar uma mão. E atacar cegamente. Poderia descer para a floresta. E poder ver dez passos no máximo. Lá embaixo, seria pouco mais eficaz do que um dos soldados.

Um portão se abria entre as árvores um pouco ao longo do cume, uma fenda prateada se alargando em um buraco que mostrava diferentes árvores e a espessa vegetação rasteira de inverno marrom. Um soldado de pele acobreada com um bigode fino no lábio superior e uma pequena pérola na orelha saiu a pé e deixou o portão desaparecer. Estava empurrando uma *sul'dam* à sua frente com os pulsos amarrados atrás dela, uma mulher bonita, exceto pelo nó

roxo na lateral da cabeça. Isso parecia combinar com sua carranca, no entanto, assim como com seu vestido amarrotado e manchado de folhas. Ela zombou do soldado por cima do ombro enquanto ele a empurrava ao longo do cume até Rand, e então ela zombou de Rand.

O Soldado enrijeceu, saudando com elegância. “Soldado Arlen Nalaam, meu Lorde Dragão,” ele bradou, olhando diretamente para a sela de Rand. “As ordens do meu Lorde Dragão eram trazer qualquer mulher capturada para ele.”

Rand assentiu. Era apenas para dar a ele a aparência de estar fazendo alguma coisa, inspecionando prisioneiros para ter certeza de que elas eram o que qualquer idiota poderia ver que elas eram. “Leve-a de volta para as carroças, Soldado Nalaam, depois volte para a luta.” Ele quase rangeu os dentes dizendo isso. Volte para a luta. Enquanto Rand al'Thor, Dragão Renascido e Rei de Illian, montava seu cavalo e observava as copas das árvores!

Nalaam voltou a saudar antes de afastar a mulher à sua frente, mas não foi lento. Ela continuou olhando por cima do ombro novamente, mas não para o Soldado dessa vez. Para Rand. Com espanto de olhos arregalados e boca aberta. Por alguma razão, Nalaam não a fez parar até chegar ao ponto de onde tinha saído. Tudo o que era necessário era ir longe o suficiente para evitar ferir os cavalos.

“O que você está fazendo?” Rand exigiu quando *saidin* encheu o homem.

Nalaam se virou para ele, hesitando brevemente. “Parece mais fácil, aqui, se eu usar um lugar que já fiz um portal, meu Lorde Dragão. *Saidin*... *Saidin* parece... estranho... para mim aqui.” Sua prisioneira virou-se para franzir a testa para ele.

Depois de um momento, Rand fez um gesto para ele ir em frente. Flinn fingiu estar interessado na circunferência da sela de seu cavalo, mas o velho careca sorriu levemente. Presunçosamente. Dashiva... riu. Flinn tinha sido o primeiro a mencionar uma sensação

estranha de dizer neste vale. Claro, Narishma e Hopwil o ouviram, e Morr acrescentou suas histórias sobre a “estranheza” em torno de Ebou Dar. Não era de admirar que todos afirmassem sentir algo agora, embora ninguém pudesse dizer o quê. *Saidin* parecia... estranho. Luz, com a mácula espessa na metade masculina da Fonte, como mais se sentiria? Rand esperava que não estivessem todos pegando sua nova doença.

O portão de Nalaam se abriu e desapareceu atrás dele e de sua prisioneira. Rand se deixou realmente sentir *saidin*. Vida e corrupção se misturavam; gelo para aquecer o coração do inverno e fogo para esfriar as chamas de uma forja; morte, esperando que ele escorregasse. Querendo que ele escorregasse. Não parecia diferente. Estava? Ele fez uma careta para onde Nalaam havia desaparecido. Nalaam e a mulher.

Ela foi a quarta *sul'dam* capturada esta tarde. Isso fazia vinte e três prisioneiras *sul'dam* com as carroças. E duas *damane*, cada uma ainda em sua coleira e guia prateadas, carregadas em carrinhos separados; com esses colares, elas não podiam andar três passos antes de ficarem mais violentamente doentes do que Rand ficava ao agarrar a Fonte. Ele não tinha certeza se as irmãs com Mat ficariam satisfeitas em recebê-las, afinal. A primeira *damane*, três dias antes, ele não tinha pensado como uma prisioneira. Uma mulher esbelta, com cabelos claros amarelos e grandes olhos azuis, ela era uma cativa Seanchan a ser libertada. Ele havia pensado. Mas quando ele forçou uma *sul'dam* a remover o colar da mulher, seu *a'dam*, ela gritou para que a *sul'dam* a ajudasse e imediatamente começou a atacar com o Poder. Ela até ofereceu seu pescoço para a *sul'dam* substituir a coisa! Nove Defensores e um Soldado morreram antes que ela pudesse ser blindada. Gedwyn a teria matado na hora se Rand não tivesse impedido. Os Defensores, quase tão desconfortáveis com mulheres que podiam canalizar quanto outras pessoas ficavam com homens que podiam — os Defensores ainda a

queriam morta. Eles sofreram baixas nos combates nos últimos dias, mas ter homens mortos por uma prisioneira parecia ofendê-los.

Houve mais baixas do que Rand esperava. Trinta e um Defensores mortos e quarenta e seis Companheiros. Mais de duzentos entre os legionários e os armeiros dos nobres. Sete Soldados e um Dedicado, homens que Rand nunca conhecera antes de responderem à sua convocação para Illian. Muitos, considerando que todos, exceto o com ferimento mais grave, poderiam ser curados, se um homem pudesse aguentar até que houvesse tempo. Mas ele estava dirigindo os Seanchan para o oeste. Conduzindo-os com força.

Mais gritos se ergueram em algum lugar distante no vale. O fogo desabrochou a uns bons cinco quilômetros a oeste, e relâmpagos caíram, derrubando árvores. Árvores e pedras irrompiam de uma encosta de montanha mais adiante, fontes estranhas marchando ao longo da encosta. Os barulhos estrondosos engoliram os gritos. Os Seanchan estavam recuando.

"Desçam lá," Rand disse a Flinn e Dashiva. "Vocês dois. Encontrem Gedwyn e diga a ele que eu disse empurre! Empurre!"

Dashiva fez uma careta para a floresta abaixo, então começou a puxar seu cavalo desajeitadamente ao longo do cume. O homem era desajeitado com cavalos, cavalgando ou conduzindo. Ele quase tropeçou em sua espada!

Flinn olhou para Rand preocupado. "Você pretende ficar aqui sozinho, meu Lorde Dragão?"

"Difícilmente estou sozinho", disse Rand secamente, olhando para Ailil e Anaiyella. Elas haviam cavalgado de volta para seus homens armados, quase duzentos lanceiros esperando perto de onde o cume começava a descer para o leste. À frente delas, Denharad franziu a testa através das barras de seu capacete. Ele tinha o comando de ambos os grupos, agora, e se sua preocupação era com Ailil e Anaiyella, seus companheiros ainda faziam um show adequado para afastar a maioria dos atacantes. Além disso, Weiramon tinha a

extremidade norte dessa cordilheira protegida para que uma mosca não pudesse passar, afirmou ele, e Bashere mantinha o sul. Sem ostentação; Bashere acabara de erguer uma parede de lanças sem falar sobre isso. E os Seanchan estavam recuando. "E eu não estou desamparado, de qualquer maneira, Flinn."

Flinn realmente parecia duvidoso e coçou sua franja de cabelo branco antes de saudar e conduzir seu cavalo para onde o portão de Dashiva já estava piscando. Mancando, Flinn balançou a cabeça, murmurando para si mesmo, digno de Dashiva. Rand queria rosnar. Ele não podia enlouquecer, e eles também não.

O portal de Flinn desapareceu e Rand voltou ao seu estudo das copas das árvores. Ficou quieto novamente. O tempo se estendia na quietude. Essa ideia de tomar os postos avançados nas montanhas tinha sido ruim; ele estava disposto a admitir isso, agora. Neste terreno, ele podia estar a meia milha de um exército sem saber. Naquela floresta emaranhada lá embaixo, poderia estar a três metros deles sem saber! Ele precisava enfrentar os Seanchan em terreno melhor. Ele precisava...

Abruptamente estava lutando com *saidin*, lutando contra as ondas selvagens que tentavam perfurar seu crânio. O Vazio estava desaparecendo, derretendo sob o ataque. Frenético, atordoado, ele liberou a Fonte antes que ela pudesse matá-lo. Náusea torceu sua barriga. A visão dupla mostrou-lhe duas Coroas de Espadas. Deitado na espessa cobertura de folhas mortas na frente de seu rosto! Ele estava no chão! Ele não conseguia respirar direito e lutava para sugar o ar. Havia uma lasca quebrada em uma das folhas douradas de louro da coroa, e sangue manchava várias das minúsculas pontas de espada douradas. Um nó de dor quente em seu lado lhe disse que aquelas feridas que nunca cicatrizavam haviam se aberto. Ele tentou se levantar e gritou. Com espanto atordoado, ele olhou para as penas escuras de uma flecha enfiada em seu braço direito. Com um gemido, ele desmoronou. Algo correu pelo seu rosto. Algo gotejou na frente de seu olho. Sangue.

Vagamente ele se deu conta de gritos ululantes. Cavaleiros apareceram entre as árvores ao norte, galopando ao longo do cume, alguns com lanças abaixadas, alguns trabalhando com arcos curtos tão rápido quanto podiam encaixar e puxar. Cavaleiros em armaduras azul e amarela de placas sobrepostas e capacetes como cabeças de insetos enormes. Seanchan, várias centenas deles, parecia. Do Norte. Aquela era a mosca de Weiramon.

Rand lutou para alcançar a Fonte. Tarde demais para se preocupar em vomitar ou cair de cara. Outra vez, ele poderia ter rido disso. Ele lutou... Era como procurar um alfinete no escuro com dedos dormentes.

Hora de morrer, sussurrou Lews Therin. Rand sempre soube que Lews Therin estaria lá no final.

A menos de cinquenta passos de Rand, tairenos gritando e cairhienos colidiram com os Seanchan.

"Lutem, seus cães!" Anaiyella gritou, balançando para baixo de sua sela ao lado dele. "Lutar!" A senhora salgueiro em suas sedas e rendas lançou uma série de maldições que teriam feito a língua de um motorista de carroça ficar seca.

Anaiyella estava segurando as rédeas de sua montaria, olhando da confusão de homens e aço para Rand. Foi Ailil quem o virou de costas. Ajoelhada ali, ela olhou para ele com uma expressão ilegível em seus grandes olhos escuros. Não conseguia se mover. Se sentia esgotado. Não tinha certeza se poderia piscar. Gritos e o choque de aço ressoaram em seus ouvidos.

"Se ele morrer em nossas mãos, Bashere vai enforcar nós dois!" Anaiyella certamente não estava sorrindo agora. "Se esses monstros de casaco preto nos pegarem...!" Ela estremeceu e se inclinou para mais perto de Ailil, gesticulando com um canivete que ele não havia notado em sua mão antes. Um rubi brilhava vermelho-sangue no cabo. "Seu capitão de lança poderia separar homens suficientes para

nos levar embora. Podemos estar a quilômetros de distância antes que ele seja encontrado e de volta às nossas propriedades quando...”

“Acho que ele pode nos ouvir,” Ailil interrompeu calmamente. Suas mãos com luvas vermelhas se moveram em sua cintura. Embainhar uma faca de cinto? Ou pegando uma? “Se ele morrer aqui...” Ela cortou tão bruscamente quanto a outra mulher, e sua cabeça virou.

Os cascos passaram trovejando por Rand em ambos os lados em valas espessas. Galopando para o norte, em direção aos Seanchan. Espada na mão, Bashere mal freou antes de pular de sua sela. Gregorin Panar desmontou mais lentamente, mas acenou com a espada para os homens que passavam. “Golpeie em casa para o Rei e Illian!” ele gritou. “Golpeie em casa! O Senhor da Manhã! O Senhor da Manhã!” O estrondo do aço subiu mais alto. E os gritos.

“*Seria* assim no final,” Bashere rosnou, favorecendo as duas mulheres com olhares desconfiados. Ele desperdiçou apenas um instante, porém, antes de levantar a voz acima do barulho da batalha. “Morr! Queime sua pele de Asha'man! Aqui agora!” Ele não gritou que o Lorde Dragão estava caído, graças à Luz.

Com esforço, Rand virou a cabeça, talvez uma mão. O suficiente para ver illianenses e saldaeanos se dirigindo para o norte. Os Seanchan deviam ter cedido.

“Morr!” O nome rugiu através do bigode de Bashere, e o próprio Morr caiu de um cavalo galopando quase em cima de Anaiyella. Ela parecia descontente com a falta de um pedido de desculpas quando o homem se ajoelhou ao lado de Rand, tirando o cabelo escuro de seu rosto. Ela recuou rápido o suficiente quando percebeu que ele pretendia canalizar, praticamente pulando para longe. Ailil foi muito mais suave ao levantar, mas não visivelmente mais lenta ao se afastar. E ela deslizou uma faca de cinto com cabo de prata de volta em sua bainha em sua cintura.

A cura era uma questão simples, se não exatamente confortável. As penas foram quebradas e a flecha atravessou o resto do caminho com um puxão afiado que trouxe um suspiro aos lábios de Rand, mas isso foi apenas para limpar o caminho. Sujeira e fragmentos levemente embutidos caíam quando a carne se retesasse, mas apenas Flinn e alguns outros poderiam usar o Poder para remover o que estava profundamente enfiado. Descansando dois dedos no peito de Rand, Morr prendeu a língua entre os dentes com uma expressão fixa e teceu Cura. Era assim que ele sempre fazia; não funcionava para ele, caso contrário. Não eram as tramas complexas que Flinn usava. Poucos conseguiam isso, e nenhum tão bem quanto Flinn, até agora. Isso era mais simples. Mais áspero. Ondas de calor correram por Rand, fortes o suficiente para fazê-lo grunhir e enviar suor jorrando de todos os poros. Ele estremeceu violentamente da cabeça aos pés. Um assado no forno devia se sentir assim.

A súbita inundação de calor diminuiu lentamente, e Rand ficou ofegante. Em sua cabeça, Lews Therin também ofegava. *Mate-o! Mate-o!* De novo e de novo.

Silenciando a voz para um zumbido fraco, Rand agradeceu a Morr — o jovem piscou como se estivesse surpreso! — então pegou o Cetro de Dragão do chão e se forçou a ficar de pé. Ereto, ele balançou ligeiramente. Bashere começou a oferecer um braço, então recuou com um gesto. Rand podia ficar de pé sem ajuda. Por muito pouco. Ele poderia ter voado acenando com os braços como se canalizasse, no entanto. Quando ele tocou seu lado, sua camisa escorregou no sangue, mas a velha cicatriz redonda e o novo corte sobre ela apenas pareciam macios. Apenas parcialmente curados, mas eles nunca estiveram melhores do que isso desde que ele os conseguiu.

Por um momento, ele estudou as duas mulheres. Anaiyella murmurou algo vagamente congratatório e ofereceu-lhe um sorriso que o fez se perguntar se ela pretendia lambe-lo seu pulso. Ailil ficou muito ereta, muito fria, como se nada tivesse acontecido. Elas pretendiam deixá-lo morrer? Ou matá-lo? Mas se fosse assim,

por que enviar seus homens armados e correr para ver como ele estava? Por outro lado, Ailil havia sacado sua faca assim que começou a conversa sobre ele morrer.

A maioria dos saldaeanos e illianenses estava galopando para o norte ou descendo a encosta do cume, perseguindo os últimos dos Seanchan. E então Weiramon apareceu do norte, montando um cavalo preto alto e brilhante em um galope lento que aumentou quando viu Rand. Seus armeiros cavalgavam em fila dupla às suas costas.

“Meu Lorde Dragão,” o Lorde Supremo entoou enquanto desmontava. Ele ainda parecia tão limpo quanto em Illian. Bashere simplesmente parecia amarrotado e um pouco sujo aqui e ali, mas a elegância de Gregorin estava decididamente manchada de sujeira, e cortou uma manga além disso. Weiramon fez uma reverência para envergonhar a corte de um rei. “Perdoe-me, meu Lorde Dragão. Achei ter visto Seanchan avançando na frente do cume e fui ao encontro deles. Nunca desconfiei dessa outra empresa. Você não pode saber como me doeria se você estivesse ferido.”

“Eu acho que sei,” Rand disse secamente, e Weiramon piscou. Seanchan avançando? Talvez. Weiramon sempre teria uma chance de glória no ataque. “O que você quis dizer com ‘os últimos’, Bashere?”

“Eles estão recuando”, respondeu Bashere. No vale, fogo e relâmpagos irromperam por um momento como se quisessem desmenti-lo, mas quase no fim.

“Seus... batedores dizem que todos eles estão recuando”, disse Gregorin, esfregando a barba, e deu a Morr um olhar de soslaio, desconfortável. Morr sorriu para ele com dentes. Rand tinha visto o illianense no meio da luta liderando seus homens, gritando encorajamentos e manejando sua espada com um abandono selvagem, mas ele se encolheu com o sorriso de Morr.

Gedwyn avançou então, conduzindo seu cavalo descuidadamente, insolentemente. Ele quase zombou de Bashere e Gregorin, franziu a testa para Weiramon como se já conhecesse o erro do homem e olhou para Ailil e Anaiyella como se pudesse beliscá-las. As duas mulheres se afastaram dele rapidamente, mas os homens também o fizeram, exceto Bashere. Até Morr. A saudação de Gedwyn a Rand foi um toque casual de punho no peito. “Enviei batedores assim que vi que esse lote estava pronto. Há mais três colunas dentro de dez milhas.”

“Todas indo para o oeste,” Bashere disse calmamente, mas ele olhou para Gedwyn afiado o suficiente para cortar pedra. “Você conseguiu”, disse ele a Rand. “Todos estão retrocedendo. Duvido que parem de chegar a Ebou Dar. As campanhas nem sempre terminam com uma grande marcha na cidade, e esta acabou.”

Surpreendentemente — ou talvez não — Weiramon começou a argumentar por um avanço, para “tomar Ebou Dar para a glória do Senhor da Manhã”, como ele disse, mas certamente foi um choque ouvir Gedwyn dizer que não se importaria em levar mais alguns golpes nesses Seanchan e ele certamente não se importaria de ver Ebou Dar. Até Ailil e Anaiyella acrescentaram suas vozes a favor de “acabar com os Seanchan de uma vez por todas”, embora Ailil tenha acrescentado que gostaria de evitar ter que voltar para terminar. Ela tinha certeza de que o Lorde Dragão insistiria em sua companhia para isso. Isso em um tom tão frio e seco quanto a noite no Deserto Aiel.

Apenas Bashere e Gregorin falaram para voltar atrás, e levantaram suas vozes cada vez mais enquanto Rand permanecia em silêncio. Silencioso e olhando para o oeste. Em direção a Ebou Dar.

“Fizemos o que viemos fazer”, insistiu Gregorin. “Pela misericórdia da Luz, você pensa em tomar a própria Ebou Dar?”

Tomar Ebou Dar, pensou Rand. Por que não? Ninguém esperaria isso. Uma surpresa total, para os Seanchan e todos os outros.

“Os tempos como estão, você aproveita a vantagem e segue em frente,” Bashere rosnou. “Outras vezes, você pega seus ganhos e vai para casa. Eu digo que é hora de ir para casa.”

Eu não me importaria com você na minha cabeça, disse Lews Therin, soando quase são, *se você não estivesse tão claramente louco.*

Ebou Dar. Rand apertou a mão no Cetro do Dragão e Lews Therin gargalhou.



CAPÍTULO

24



Um Tempo para Ferro

A quase sessenta quilômetros a leste de Ebou Dar, o *raken* deslizou para fora do nascer do sol raiado de nuvens para pousar em um longo pasto marcado como o campo dos voadores por serpentinas coloridas em postes altos. As gramas marrons foram pisoteadas e marcaram dias desde então. Toda a graça das criaturas no ar foi perdida assim que suas garras tocaram o chão em uma corrida pesada, asas de couro de trinta passos ou mais de largura erguidas como se o animal quisesse se lançar de volta para cima. Havia pouca beleza também no *raken* que corria desajeitadamente pelo campo batendo asas com nervuras, voadores agachados na sela como se quisessem puxar a fera para cima à força, correndo até que finalmente tropeçou no ar, as pontas das asas mal evitando as copas das oliveiras na extremidade do campo. Somente quando eles ganhavam altura e se voltavam para o sol, subindo em direção às nuvens, os *rakens* recuperavam a grandeza digna. Os voadores que desembarcaram não se preocuparam em desmontar. Enquanto um planador segurava uma cesta para que o *raken* engolissem frutas murchas inteiras aos dois punhados de cada vez, um dos voadores entregava seu relatório de reconhecimento a um planador ainda mais experiente, e o outro se inclinava do outro lado para receber

novos pedidos de um voador muito sênior para lidar com as rédeas pessoalmente com muita frequência. Quase tão rápido depois de parar, a criatura foi puxada pelas rédeas para cambalear até onde quatro ou cinco outros esperavam sua vez para fazer aquela longa e desajeitada corrida para o céu.

A toda velocidade, esquivando-se entre formações móveis de cavalaria e infantaria, os mensageiros levaram os relatórios de reconhecimento para a enorme tenda de comando com bandeira vermelha. Havia altivos lanceiros taraboneanos e impassíveis lanceiros amadicios em quadrados bem ordenados, couraças listradas horizontalmente nas cores dos regimentos aos quais estavam ligados. Cavaleiros leves altaranos em grupos desordenados faziam suas montarias empinar, vaidosos dos talões vermelhos que cruzavam seus peitos, tão diferentes das marcas que qualquer outro usava. Os altaranos não conheciam essas marcas irregulares de fiabilidade duvidosa. Entre os soldados Seanchan, regimentos nomeados com honras orgulhosas estavam representados, de todos os cantos do Império, homens de olhos pálidos de Alqam, homens de marrom-mel de N'Kon, homens negros como carvão de Khoweal e Dalenshar. Havia *morat'torm* em suas sinuosas montarias de escamas de bronze que faziam os cavalos relinchar e dançar de medo, e até mesmo alguns *morat'grolm* com suas cargas atarracadas e bocas de bico, mas uma coisa que sempre acompanhava um exército Seanchan era notável por sua ausência. A *sul'dam* e a *damane* ainda estavam em suas tendas. O capitão-general Kennar Miraj pensava muito em *sul'dam* e *damane*.

De seu assento no estrado, ele podia ver claramente a mesa de mapas, onde subtenentes sem capacete verificavam os relatórios e colocavam marcadores para representar as forças em campo. Um pequeno estandarte de papel estava acima de cada marcador, símbolos com tinta indicando o tamanho e a composição da força. Encontrar mapas decentes nessas terras era quase impossível, mas o mapa copiado em cima da grande mesa era suficiente. E

preocupante, no que lhe dizia. Discos pretos para postos avançados invadidos ou dispersos. Havia muitos deles, pontilhando toda a metade leste da cordilheira de Venir. As cunhas vermelhas, para comandos em movimento, marcavam a extremidade oeste como grossa, todas apontadas para Ebou Dar. E espalhados entre os discos pretos, dezessete totalmente brancos. Enquanto observava, um jovem oficial, vestido com o marrom e preto de um *morat'torm*, cuidadosamente colocou um décimo oitavo. Forças inimigas. Algumas podiam ser o mesmo grupo visto duas vezes, mas na maioria das vezes, eles estavam muito distantes, o momento dos avistamentos errado.

Ao longo das paredes da tenda, escriturários em casacos marrom simples, marcados apenas com insígnias de posto entre os escriturários nas golas largas, esperavam em suas escrivaninhas, canetas na mão, que Miraj emitisse ordens para que copiassem para distribuição. Ele já havia dado todas as ordens que podia. Havia até noventa mil soldados inimigos nas montanhas, quase o dobro do que ele poderia reunir aqui, mesmo com as tropas nativas. Muitos para acreditar, exceto que os batedores não mentiam; mentirosos tinham suas gargantas cortadas por seus companheiros. Eram muitos, saltando do chão como minhocas no Sen T'jore. Pelo menos eles ainda tinham cento e sessenta quilômetros de montanha para cobrir se pretendessem ameaçar Ebou Dar. Quase trezentos, para os discos brancos mais a leste. E a região montanhosa depois disso por mais cento e sessenta quilômetros. Certamente o general inimigo não queria permitir que suas forças dispersas fossem confrontadas uma a uma. Reuni-los levaria mais tempo. Só o tempo estava do seu lado, naquele momento.

As abas de entrada da tenda se abriram, e a Alta Dama Suroth deslizou para dentro, o cabelo preto uma crista orgulhosa caindo pelas costas, o vestido branco como a neve plissado e o manto ricamente bordado, de alguma forma intocado pela lama do lado de fora. Ele pensara que ela ainda estava em Ebou Dar; ela devia ter

voador por *to'raken*. Estava acompanhada por uma pequena comitiva, para ela. Um par de Guardas da Vigília da Morte com borlas pretas no punho de suas espadas seguravam as abas da tenda, e mais eram visíveis do lado de fora, homens de rosto de pedra em vermelho e verde. A encarnação da Imperatriz, que ela viva para sempre. Até o Sangue tomava nota deles. Suroth passou voando, como se fossem servos como os *da'covale* de corpo luxuriante, de chinelos e uma túnica branca quase transparente, seu cabelo cor de mel amarelo em uma infinidade de tranças finas, que carregavam a escrivainha dourada da Alta Dama a dois passos de mansos atrás. A Voz do Sangue de Suroth, Alwhin, uma mulher carrancuda em vestes verdes com o lado esquerdo da cabeça raspado e o restante de seu cabelo marrom claro em uma trança severa, seguiu de perto os calcanhares de sua senhora. Quando Miraj desceu do estrado, ele percebeu com choque que a segunda *da'covale* atrás de Suroth, baixa e de cabelos escuros e esbelta em seu manto diáfano, era *damane*! Uma *damane* vestida como propriedade era desconhecida, mas mais estranho ainda, foi Alwhin quem a conduziu pelo *a'dam*!

Ele não deixou transparecer seu espanto enquanto se ajoelhava, murmurando: “Que a Luz esteja sobre a Grã-Senhora Suroth. Todas as honras para a Alta Dama Suroth.” Todos os outros prostraram-se sobre a lona, de olhos baixos. Miraj era do Sangue, embora baixo demais para raspar as laterais do couro cabeludo como Suroth. Apenas as unhas de seus dedinhos estavam envernizadas. Muito baixo para registrar surpresa se uma Alta Dama permitisse que sua Voz continuasse agindo como *sul'dam* depois de ser elevada a *so'jhin*. Tempos estranhos em uma terra estranha, onde o Dragão Renascido andava e *marath'damane* corriam soltas para matar e escravizar onde quisessem.

Suroth mal olhou para ele antes de se virar para estudar a mesa de mapas, e se seus olhos negros se estreitaram com o que viu, ela tinha um motivo. Sob o comando dela, a Hailene tinha feito muito

mais do que havia sonhado, recuperando grandes extensões das terras roubadas. Tudo o que eles mandaram foi para explorar o caminho, e depois de Falme, alguns achavam até isso impossível. Ela tamborilou os dedos na mesa irritada, as longas unhas pintadas de azul nos dois primeiros estalando. Sucesso contínuo, e ela poderia raspar a cabeça inteiramente e pintar uma terceira unha em cada mão. A adoção na família imperial não era inédita para realizações tão grandes. E se ela fosse longe demais, ultrapassasse, ela poderia encontrar suas unhas cortadas e ela mesma enfiada em uma túnica transparente para servir um dos Sangue, se não fosse vendida a um fazendeiro para ajudar a lavrar seus campos, ou suar em um armazém. Na pior das hipóteses, Miraj só teria que abrir suas próprias veias.

Ele continuou a observar Suroth em paciente silêncio, mas ele tinha sido um tenente escoteiro, *morat'raken*, antes de ser elevado ao Sangue, e ele não podia deixar de estar ciente de tudo ao seu redor. Um batedor vivia ou morria pelo que via ou não, e outros também. Os homens deitados de bruços ao redor da tenda; alguns mal pareciam respirar. Suroth deveria tê-lo chamado de lado e deixá-los continuar com seu trabalho. Um mensageiro estava sendo devolvido pelos soldados na entrada. Quão terrível era a mensagem que a mulher tentou passar pelos Guardas da Vigília da Morte?

A *da'covale* com a escrivanhinha nos braços chamou sua atenção. Carrancas brilharam no rosto de sua linda boneca, nunca escondidas por mais de alguns momentos. Propriedade mostrando raiva? E havia algo mais. Seu olhar vacilou para a *damane*, que estava com a cabeça baixa, mas ainda olhava ao redor com curiosidade. *Da'covale* de olhos castanhos e *damane* de olhos claros pareciam tão diferentes quanto duas mulheres, mas havia algo nelas. Algo em seus rostos. Estranho. Ele não poderia ter dito quantos anos tinham.

Por mais rápido que fosse seu olhar, Alwhin notou. Com um movimento da coleira prateada do *a'dam*, ela colocou a *damane* virada para baixo no pano de chão. Estalando os dedos, ela apontou

para a tela com a mão livre do bracelete do *a'dam*, então fez uma careta quando a *da'covale* de cabelos cor de mel não se mexeu. "Para baixo, Liandrin!" ela assobiou quase em voz baixa. Com um olhar para Alwhin — um olhar! — a *da'covale* caiu de joelhos, as feições pintadas de mau humor.

Muito estranho. Mas pouco importante. Com o rosto impassível e explodindo de impaciência, ele esperou. Impaciência e não pouco desconforto. Havia sido elevado ao Sangue depois de cavalgar oitenta quilômetros em uma única noite com três flechas nele para trazer a notícia de um exército rebelde marchando sobre Seandar, e suas costas ainda doíam.

Finalmente, Suroth virou-se da mesa de mapas. Ela não lhe deu permissão para se levantar, muito menos o abraçou como um dos Sangue. Não que ele esperasse isso. Ele estava muito abaixo dela. "Está pronto para marchar?" ela exigiu secamente. Pelo menos ela não falou com ele através de sua Voz. Diante de tantos de seus oficiais, a vergonha teria colocado seus olhos no chão por meses, senão anos.

"Eu estarei, Suroth," ele respondeu calmamente, encontrando seu olhar. Ele era do Sangue, por mais baixo que fosse. "Eles não podem marchar em menos de dez dias, com pelo menos outros dez antes de poderem sair das montanhas. Bem antes disso, eu..."

"Eles podem chegar aqui amanhã", ela retrucou. "Hoje! Se eles vierem, Miraj, eles virão pela antiga arte de Viajar, e parece muito possível que venham."

Ele ouviu homens se mexendo em suas barrigas antes que pudessem se conter. Suroth perdeu o controle de suas emoções e balbuciou sobre lendas? "Você tem certeza?" As palavras saíram de sua boca antes que pudesse detê-las.

Ele só tinha pensado que ela tinha perdido o controle antes. Seus olhos brilharam. Ela agarrou as bordas de seu manto bordado de flores, com os nós dos dedos brancos, e suas mãos tremiam. "Você

me questiona?” ela rosnou incrédula. “Basta que eu tenha minhas fontes de informação.” E estava furiosa com eles tanto quanto com ele, ele percebeu. “Se eles vierem, haverá talvez até cinquenta desses grandiosos Asha’man, mas não mais do que cinco ou seis mil soldados. Parece que não houve mais desde o início, independente do que dizem os voadores.”

Miraj assentiu lentamente. Cinco mil homens, movimentados de alguma forma com o Poder Único, explicariam muita coisa. Quais eram suas fontes, para ela saber os números com tanta precisão? Ele não foi tolo o suficiente para perguntar. Ela certamente tinha Ouvintes e Buscadores a seu serviço. Observando-a também. Cinquenta Asha'man. A própria ideia de um homem canalizando o fez querer cuspir com desgosto. Rumores afirmavam que eles estavam sendo reunidos de todas as nações pelo Dragão Renascido, este Rand al'Thor, mas ele nunca esperava que pudesse haver tantos. O Dragão Renascido podia canalizar, dizia-se. Isso podia ser verdade, mas ele era o Dragão Renascido.

As Profecias do Dragão eram conhecidas em Seanchan antes mesmo de Luthair Paendrag começar a Consolidação. Em forma corrompida, dizia-se, muito diferente da versão pura que Luthair Paendrag trouxe. Miraj tinha visto vários volumes do Ciclo de Karaethon impressos nessas terras, e eles também estavam corrompidos — nenhum o mencionou servindo ao Trono de Cristal! — mas as Profecias mantinham as mentes e os corações dos homens parados. Muitos esperavam que o Retorno viesse logo, que essas terras pudessem ser recuperadas antes de Tarmon Gai'don para que o Dragão Renascido pudesse vencer a Última Batalha pela glória da Imperatriz, que ela vivesse para sempre. A Imperatriz certamente gostaria que al'Thor fosse enviado a ela, para que ela pudesse ver que tipo de homem a servia. Não haveria dificuldade com al'Thor uma vez que ele se ajoelhasse para ela. Poucos se livraram facilmente do espanto que sentiam, ajoelhando-se diante do Trono de Cristal, com a sede de obedecer secando a língua. Mas parecia

óbvio que empacotar o sujeito em um navio seria mais fácil se a eliminação do Asha'man — eles tinham que ser eliminados, certamente — esperasse até que al'Thor estivesse a caminho de Seandar, atravessando o Oceano Aryth.

O que o trouxe de volta ao problema que ele estava tentando evitar, ele percebeu com um sobressalto. Não era um homem que se esquivava das dificuldades, muito menos as ignorava cegamente, mas isso era diferente de tudo que já havia enfrentado antes. Havia lutado em duas dúzias de batalhas com *damane* usadas em ambos os lados; ele conhecia o jeito delas. Não se tratava apenas de golpear com o Poder. *Sul'dam* experientes podiam de alguma forma ver o que *damane* ou *marath'damane* faziam e *damane* contava às outras, para que elas pudessem se defender também. *Sul'dam* poderiam ver o que um homem fazia também? Pior...

"Você vai liberar a *sul'dam* e a *damane* para mim?" ele disse. Respirando fundo apesar de tudo, ele acrescentou: "Se elas ainda estiverem doentes, será uma luta curta e sangrenta. Para o nosso lado."

O que produziu outra agitação entre os homens esperando por perto. Cada segundo rumor no acampamento era sobre que doença havia confinado a *sul'dam* e a *damane* em suas tendas. Alwhin reagiu abertamente, o que era muito impróprio em uma *so'jhin*, com um olhar furioso. A *damane* estremeceu novamente e começou a tremer onde estava. Estranhamente, a *da'covale* de cabelos cor de mel também se encolheu.

Sorrindo, Suroth deslizou para onde a *da'covale* estava ajoelhada. Por que ela sorriria para uma criada mal treinada? Ela começou a acariciar as tranças finas da mulher ajoelhada, e um beicinho mal-humorado apareceu naquela boca de botão de rosa. Uma ex-nobre dessas terras? As primeiras palavras de Suroth confirmaram isso, embora obviamente fossem para ele. "Pequenas falhas trazem pequenos custos; grandes fracassos trazem custos dolorosamente

grandes. Você terá a *damane* que você precisa, Miraj. E ensinará a esses Asha'man que eles deveriam ter permanecido no norte. Vai varrê-los da face da terra, os Asha'man, os soldados, todos eles. Pelo homem. Miraj. Eu falei."

"Será como você diz, Suroth", ele respondeu. "Eles serão destruídos. Pelo homem." Não havia mais nada que ele pudesse dizer, agora. Desejou, porém, que ela tivesse lhe dado uma resposta sobre se as *sul'dam* e a *damane* ainda estavam doentes.

Rand freou Tai'daishar perto do cume da colina nua e pedregosa para ver a maior parte de seu pequeno exército saindo de outros buracos no ar. Segurou com força a Fonte Verdadeira, tão forte que parecia tremer em seu alcance. Com o Poder nele, as pontas afiadas da Coroa de Espadas perfurando suas têmporas pareciam ao mesmo tempo mais afiadas do que nunca e totalmente removidas, o frio do meio da manhã parecia mais frio e imperceptível. As feridas que nunca cicatrizavam em seu lado eram uma dor surda e distante. Lews Therin parecia ofegante de incerteza. Ou talvez medo. Talvez depois de chegar tão perto da morte no dia anterior, ele não quisesse mais tanto morrer. Mas então, ele nem sempre queria morrer. A única constante no homem era o desejo de matar. O que por acaso incluía se matar, com bastante frequência.

Haverá matança suficiente para qualquer um, em breve, pensou Rand. Luz, os últimos seis dias foram suficientes para adoecer um abutre. Foram apenas seis dias? O desgosto não o tocou, no entanto. Ele não deixaria. Lews Therin não respondeu. Sim. Era uma época para corações de ferro. E estômagos de ferro também. Ele se inclinou um momento para tocar o longo pacote embrulhado em tecido sob o couro do estribo. Não. Ainda não era hora. Talvez nunca fosse. A incerteza brilhou através do Vazio, e talvez algo mais. Que nunca fosse, ele esperava. Incerteza, sim, mas a outra coisa não era medo. Não era!

Metade das colinas baixas ao redor estavam cobertas de oliveiras atarracadas e retorcidas, manchadas pela luz do sol, onde lanceiros já cavalgavam ao longo das fileiras para se certificar de que estavam limpas. Não havia sinal de trabalhadores naqueles pomares, nenhuma casa de fazenda, nenhuma estrutura à vista. Alguns quilômetros a oeste, as colinas eram mais escuras, cobertas de florestas. Legionários, surgindo em filas trotando abaixo de Rand, tomavam forma, seguidos por um quadrado irregular de voluntários illianenses, agora alistados na Legião. Assim que suas fileiras foram alinhadas, eles marcharam para fora do caminho para abrir espaço para Defensores e Companheiros. O chão parecia principalmente de barro, e botas e cascos deslizavam na fina camada de lama. Por uma maravilha, porém, apenas algumas nuvens pairavam no céu, brancas e limpas. O sol era uma bola pálida amarela. E nada voava lá em cima maior do que um pardal.

Dashiva e Flinn estavam entre os homens que seguravam os portões, assim como Adley e Hopwil, Morr e Narishma. Alguns dos portões ficavam fora da vista de Rand atrás das colinas dobradas. Ele queria que todos passassem o mais rápido possível e, com exceção de alguns soldados examinando o céu, todos os homens de casaco preto que ainda não estavam explorando seguravam uma trama. Até Gedwyn e Rochaid, embora ambos tenham feito caretas, um para o outro e na direção dele. Rand achava que eles não estavam mais acostumados a fazer algo tão comum quanto manter um portal para os outros usarem.

Bashere galopou encosta acima, muito à vontade consigo mesmo e com seu baio curto. Seu manto estava jogado para trás, apesar do frescor da manhã, não tão frio quanto as montanhas, mas ainda invernal. Ele assentiu casualmente para Anaiyella e Ailil, que devolveram olhares sombrios. Bashere sorriu através daqueles bigodes grossos, como chifres curvados para baixo, um sorriso não inteiramente agradável. Ele tinha tantas dúvidas das mulheres quanto Rand. As mulheres sabiam, pelo menos sobre as reservas de

Bashere. Virando a cabeça rapidamente do saldaeano, Anaiyella voltou a acariciar a crina de seu cavalo capão; Ailil segurou as rédeas com muita rigidez.

Esse par não se afastou muito de Rand desde o incidente no cume, mesmo tendo suas barracas armadas ao alcance da voz dele na noite anterior. Em uma encosta de grama marrom do lado oposto, Denharad se moveu para estudar os retentores das duas nobres, reunidos atrás dele, então rapidamente voltou a observar Rand. Muito provavelmente ele observava Ailil, e talvez Anaiyella também, mas observava Rand sem dúvida. Rand não tinha certeza se eles ainda temiam levar a culpa se ele fosse morto ou simplesmente queriam ver isso acontecer. A única coisa de que tinha certeza era que, se o quisessem morto, não lhes daria oportunidade.

Quem conhece o coração de uma mulher? Lews Therin riu ironicamente. Ele parecia em um de seus humores mais sãos. *A maioria das mulheres vai dar de ombros pelo que um homem mataria você, e te mataria pelo que um homem ignoraria.*

Rand o ignorou. O último portal na visão de Rand piscou. O Asha'man montando em seus cavalos estava longe demais para ele dizer com certeza se algum ainda segurava *saidin*, mas isso não importava, desde que ele o fizesse. O desajeitado Dashiva tentou montar rapidamente e quase caiu duas vezes antes de alcançar com sucesso sua sela. A maioria dos homens de casaco preto à vista começou a cavalgar para o norte ou para o sul.

O resto dos nobres se reuniu rapidamente com Bashere na encosta logo abaixo de Rand, os de patente mais alta e aqueles com mais poder na frente depois de um pequeno empurrão aqui e ali, onde a precedência permanecia incerta. Tihera e Marcolin mantinham seus cavalos à margem, em lados opostos da massa de nobres, rostos cuidadosamente inexpressivos; podiam pedir conselhos, mas ambos sabiam que as decisões finais cabiam a outros. Weiramon abriu a boca com um grande gesto, sem dúvida

para começar outra esplêndida peroração sobre as glórias de seguir o Dragão Renascido. Sunamon e Torean, acostumados com seus discursos e poderosos o suficiente para não se importar com ele, frearam seus cavalos juntos e começaram a falar baixinho. O rosto de Sunamon tinha uma dureza inusitada, e Torean parecia pronto para brigar por uma linha de fronteira, apesar das listras de cetim vermelho nas mangas do casaco. Bertome de queixo quadrado e alguns dos outros cairhienos não ficaram quietos, rindo das piadas um do outro. Todos estavam fartos das grandes declamações de Weiramon. Embora a carranca de Semaradrid se aprofundasse cada vez que ele olhava para Ailil e Anaiyella — ele não gostava que elas permanecessem perto de Rand, especialmente sua compatriota — então talvez sua amargura tivesse mais raízes do que o vento de Weiramon.

“A cerca de 16 quilômetros de nós”, Rand disse em voz alta, “uns bons cinquenta mil homens estão se preparando para marchar.” Eles estavam cientes disso, mas atraiu todos os olhos para ele e silenciou todas as línguas. A boca de Weiramon se fechou amargamente; o sujeito adorava ouvir a si mesmo falar. Gueyam e Maraconn, puxando as barbas oleadas, sorriram em antecipação, os tolos. Semaradrid parecia um homem que tinha comido uma tigela inteira de ameixas podres; Gregorin e os três senhores dos Nove com ele apenas usavam uma determinação sombria em seus rostos. Não eram tolos. “Os batedores não viram sinais de *sul’dam* ou *damane*,” Rand continuou, “mas mesmo sem elas, mesmo com Asha’man, isso é o suficiente para matar muitos de nós se alguém esquecer o plano. Ninguém vai esquecer, porém, tenho certeza.” Sem cobranças e sem pedidos, desta vez. Ele deixou isso claro como vidro e duro como pedra. Nada de reclamar porque você pensou que talvez tivesse visto alguma coisa também.

Weiramon sorriu, conseguindo colocar tanto óleo no sorriso quanto Sunamon poderia.

Era um plano simples, à sua maneira. Eles avançariam para o oeste em cinco colunas, cada um com Asha'man, e tentariam cair sobre os Seanchan de todos os lados ao mesmo tempo. Ou o mais próximo possível de todos os lados. Planos simples eram os melhores, insistiu Bashere. *Se você não ficar satisfeito com uma ninhada inteira de leitões gordos, ele murmurou, se você tiver que correr para a floresta para encontrar a porca velha, então não seja muito extravagante, ou ela vai estripar você.*

Nenhum plano de batalha sobrevive ao primeiro contato, disse Lews Therin na cabeça de Rand. Por um momento, ele ainda parecia lúcido. Por um momento. *Algo está errado,* ele rosnou de repente. Sua voz começou a ganhar intensidade e se transformou em uma gargalhada selvagem e incrédula. *Não pode estar errado, mas está. Algo estranho, algo errado, deslizando, pulando, se contorcendo.* Suas gargalhadas se transformaram em choro. *Não pode ser! Eu devo estar louco!* E ele desapareceu antes que Rand pudesse silenciá-lo. Que o queime, não havia nada de errado com o plano, ou Bashere estaria em cima dele como um pato em um besouro.

Lews Therin estava louco, sem dúvida. Mas enquanto Rand al'Thor permanecesse são... Uma piada amarga para o mundo, se o Dragão Renascido enlouquecesse antes mesmo da Última Batalha começar. “Tomem seus lugares,” ele comandou com um aceno do Cetro de Dragão. Teve que lutar contra a vontade de rir daquela piada.

O grande grupo de nobres se desfez com sua ordem, moendo e resmungando enquanto se organizavam. Poucos gostaram da maneira como Rand os dividiu. Qualquer que fosse a quebra de barreiras que tenha ocorrido no choque da primeira luta nas montanhas, elas surgiram de novo quase imediatamente.

Weiramon franziu a testa por causa de seu discurso não proferido, mas depois de uma elaborada reverência que enfiou a barba em Rand como uma lança, ele cavalgou para o norte sobre as

colinas, seguido por Kiril Drapaneos, Bertome, Doressin e vários senhores cairhienos menores, cada um deles com cara de pedra para um taireno sendo colocado sobre eles. Gedwyn cavalgava ao lado de Weiramon quase como se ele fosse o líder, e fez uma carranca sombria por isso, que ele fingiu não notar. Os outros agrupamentos eram igualmente mistos. Gregorin também se dirigiu para o norte, com um Sunamon mal-humorado, tentando fingir que estava indo na mesma direção por acaso, e Dalthanes levando o menor cairhieno atrás. Jeordwyn Semaris, outro dos Nove, seguiu Bashere para o sul com Amondrid e Gueyam. Aqueles três aceitaram o saldaeano quase avidamente pela simples razão de que ele não era taireno, nem cairhieno, nem illianense, dependendo do homem. Rochaid parecia estar tentando o mesmo com Bashere que Gedwyn estava com Weiramon, mas Bashere parecia ignorá-lo. Um pouco longe do grupo de Bashere, Torean e Maraconn cavalgavam com as cabeças juntas, provavelmente desabafando por ter Semaradrid colocado sobre eles. Aliás, Ershin Netari não parava de olhar na direção de Jeordwyn, e de pé nos estribos para olhar para trás, para Gregorin e Kiril, embora fosse improvável que pudesse vê-los além das colinas. Semaradrid, com as costas retas como uma barra de ferro, parecia tão imperturbável quanto Bashere.

Era o mesmo princípio que Rand usara o tempo todo. Ele confiava em Bashere, e achava que poderia confiar em Gregorin, e nenhum dos outros ousaria pensar em se voltar contra ele com tantos forasteiros ao seu redor, tantos velhos inimigos e tão poucos amigos. Rand riu baixinho, observando todos eles partirem de sua encosta. Eles lutariam por ele, e lutariam bem, porque não tinham outra escolha. Mais do que ele tinha.

Loucura, sibilou Lews Therin. Rand empurrou a voz para longe com raiva.

Ele não estava sozinho, é claro. Tihera e Marcolin tinham a maioria dos Defensores e Companheiros montados em fileiras entre as oliveiras nas colinas que ladeavam aquela onde ele montava seu

cavalo. O resto estava espalhado como uma tela contra as surpresas. Uma companhia de legionários de casaco azul esperou pacientemente na cavidade abaixo do olho de Masond, e em sua retaguarda, tantos homens com o que vestiram se rendendo na charneca em Illian. Eles estavam tentando imitar a calma dos Legionários — os outros Legionários, agora — tentando sem muito sucesso.

Rand olhou para Ailil e Anaiyella. A mulher tairena deu a ele um sorriso afetado, mas vacilou fracamente. O rosto da mulher cairhiena estava gelado. Ele não conseguia esquecê-las, nem Denharad e seus armadores. Sua coluna, no centro, seria a maior e a mais forte por uma margem razoável. Uma margem muito razoável.

Flinn e os homens que Rand escolheu depois dos Poços de Dumai subiram a colina em direção a ele. O velho careca sempre liderava, embora todos, exceto Adley e Narishma, agora usassem o Dragão, assim como a Espada, e Dashiva a usasse primeiro. Em parte, foi porque os homens mais jovens se submeteram a Flinn, com sua longa experiência como vassalo na Guarda da Rainha Andoreana. Em parte, era porque Dashiva não parecia se importar. Ele só parecia se divertir com os outros. Quando podia poupar tempo de falar sozinho, quer dizer. Na maioria das vezes, ele mal parecia estar ciente de qualquer coisa além de seu próprio nariz.

Por esse motivo, foi um choque quando Dashiva desajeitadamente guiou sua montaria para a frente do resto. Aquele rosto simples, tantas vezes vago ou confuso com os próprios pensamentos do sujeito, estava fixo em uma carranca preocupada. Foi mais do que um choque quando ele agarrou o *saidin* assim que alcançou Rand e teceu uma barreira ao redor deles contra espionagem. Lews Therin não desperdiçou fôlego — se uma voz desencarnada tivesse fôlego — em murmúrios sobre matar; ele cambaleou para a Fonte rosnando sem palavras, tentando arrancar o Poder de Rand. E tão abruptamente ficou em silêncio e desapareceu.

"Há algo estranho com *saidin* aqui, algo errado", disse Dashiva, não soando nada vago. Na verdade, ele soou... preciso. E irritadiço. Um professor dando aula para um aluno particularmente difícil. Até apontou um dedo para Rand. "Não sei o que é. Nada pode distorcer *saidin*, e se pudesse ser distorcido, teríamos sentido nas montanhas. Bem, havia algo lá, ontem, mas tão pequeno... Sinto claramente aqui, no entanto. *Saidin* está... ansioso. Eu sei; eu sei. *Saidin* não está vivo. Mas esses... pulsos aqui. É difícil controlar."

Rand forçou sua mão a soltar o Cetro do Dragão. Ele sempre teve certeza de que Dashiva era quase tão louco quanto o próprio Lews Therin. Normalmente, o homem mantinha um controle melhor sobre si mesmo, embora precariamente. "Estou canalizando há mais tempo que você, Dashiva. Você está apenas sentindo mais a mácula." Ele não conseguiu suavizar seu tom. Luz, ele ainda não podia enlouquecer, e eles também não! "Vá para o seu lugar. Vamos nos mover em breve." Os batedores tiveram que voltar logo. Mesmo neste país mais plano, mesmo limitados a não mais longe do que eles pudessem ver, dezesseis quilômetros não levariam muito tempo para percorrer Viajando.

Dashiva não fez nenhum movimento para obedecer. Em vez disso, abriu a boca com raiva, então a fechou. Tremendo visivelmente, ele respirou fundo. "Estou bem ciente de quanto tempo você canaliza," ele disse com uma voz gélida, quase desdenhosa, "mas certamente até você pode sentir isso. Sinta, homem! Eu não gosto de 'estranho' aplicado a *saidin*, e eu não quero morrer ou... ou ser exaurido porque você é cego! Olhe para a minha defesa! Olhe para isso!"

Rand olhou. Dashiva empurrando-se para a frente era bastante peculiar, mas Dashiva com um temperamento? E então ele olhou para a defesa. Realmente olhou. Os fluxos deveriam ter sido tão firmes quanto os fios em uma tela de tecido apertado. Eles vibravam. A proteção permaneceu sólida como deveria estar, mas os fios individuais do Poder brilharam com um leve movimento. Morr havia

dito que *saidin* era estranho perto de Ebou Dar, e por cem milhas ao redor. Eles estavam mais perto de cem milhas, agora.

Rand se fez sentir *saidin*. Ele estava sempre ciente do Poder — qualquer outra coisa significava morte ou pior —, mas ele se acostumou com a luta. Ele lutava pela vida, mas a luta se tornou tão natural quanto a vida. A luta era a vida. Ele se fez sentir aquela batalha, sua vida. Frio para fazer pedra quebrar em pó. Fogo para transformar a pedra em vapor. Sujeira para fazer uma fossa podre cheirar a um jardim em plena floração. E... uma pulsação, como algo tremendo em seu punho. Este não era o tipo de pulsação que ele sentiu em Shadar Logoth, quando a mácula em *saidin* ressoou com o mal daquele lugar, e *saidin* pulsava com ela. A vileza era forte, mas firme aqui. O próprio *saidin* parecia cheio de correntes e ondas. Ansioso, Dashiva tinha dito, e Rand podia ver o porquê.

Descendo a encosta, atrás de Flinn, Morr passou a mão pelo cabelo e olhou em volta, inquieto. Flinn alternadamente se mexia na sela e enfiava a espada na bainha. Narishma, observando o céu em busca de criaturas voadoras, piscava com muita frequência. Um músculo se contraiu na bochecha de Adley. Cada um deles mostrou algum sinal de nervosismo, e não era de admirar. O alívio brotou em Rand. Não era loucura, afinal.

Dashiva sorriu, um sorriso torcido de autossatisfação. "Eu não posso acreditar que você não percebeu antes." Havia muito perto de um escárnio em sua voz. "Você tem dito isso praticamente dia e noite desde que começamos esta expedição louca. Esta é uma proteção simples, mas não queria se formar, então se juntou como se fosse arrancada das minhas mãos."

O corte azul-prateado de um portão se abriu no topo de uma das colinas nuas, 800 metros a oeste, e um soldado puxou seu cavalo e montou apressadamente, retornando do serviço de batedor. Mesmo à distância, Rand podia distinguir o leve brilho das tramas que cercavam o portão antes que eles desaparecessem. O cavaleiro não

havia alcançado a base da colina antes que outro portão se abrisse no cume, e depois um terceiro, um quarto, mais, um após o outro, quase tão rápido quanto o homem anterior conseguia sair do caminho.

“Mas se formou”, disse Rand. Assim como os portais dos patrulheiros. “Se *saidin* é difícil de controlar, é sempre difícil, e ainda faz o que você quer.” Mas por que mais difícil ali? Uma pergunta para outra hora. Luz, ele desejou que Herid Fel ainda estivesse vivo; o velho filósofo poderia ter uma resposta. “Volte com os outros, Dashiva”, ele ordenou, mas o homem olhou para ele com espanto, e ele teve que se repetir antes que o sujeito deixasse a proteção desaparecer, sacudisse seu cavalo sem uma continência e empurrasse o animal de volta para baixo inclinando com os calcanhares.

“Algum problema, meu Lorde Dragão?” Anaiyella sorriu. Ailil apenas olhou para Rand com olhos vazios.

Vendo o primeiro batedor a caminho de Rand, os outros se espalharam para o norte e para o sul, onde se juntariam a uma das outras colunas. Encontrá-los à moda antiga seria mais rápido do que explorar portais. Puxando as rédeas na frente de Rand, Nalaam deu um soco no peito — ele parecia um pouco descontrolado? Não importava. *Saidin* ainda fazia o que o homem que o empunhava fazia. Nalaam saudou e deu seu relatório. Os Seanchan não estavam acampados a dezesseis quilômetros de distância, não estavam a mais de cinco ou seis de distância, marchando para o leste. E eles tinham *sul'dam* e *damane* na contagem.

Rand emitiu suas ordens enquanto Nalaam galopava, e sua coluna começou a se mover para o oeste. Os Defensores e os Companheiros cavalgavam em ambos os flancos. Os legionários marchavam na retaguarda, logo atrás de Denharad. Um lembrete para as mulheres nobres e seus armadores, se precisassem de um. Anaiyella certamente olhava por cima do ombro com bastante frequência, e a

recusa de Ailil foi apontada. Rand formou a investida principal da coluna, Rand e Flinn e os outros, assim como seria com as outras colunas. Asha'man para atacar, e homens com aço para proteger suas costas enquanto matavam. O sol ainda tinha um longo caminho a subir antes do meio-dia. Nada havia mudado para alterar o plano.

A loucura espera por alguns, sussurrou Lews Therin. Infiltra-se sobre os outros.

Miraj cavalgava perto da frente de seu exército marchando para o leste ao longo de uma estrada lamacenta que serpenteava por olivais montanhosos e florestas irregulares. Não na frente. Um regimento completo, a maioria Seanchan, cavalgava entre ele e os batedores avançados. Ele tinha conhecido generais que queriam estar na frente. A maioria estava morta. A maioria havia perdido as batalhas em que morreu. A lama mantinha a poeira baixa, mas a notícia de um exército em movimento corria como fogo nas planícies de *sa'las*, qualquer que fosse a terra. Aqui e ali, entre as oliveiras, ele viu um carrinho de mão virado ou um podador abandonado, mas os trabalhadores haviam desaparecido há muito tempo. Felizmente, eles evitariam seus oponentes tanto quanto o faziam. Com sorte, sem *raken*, seus oponentes não saberiam que ele estava com eles até que fosse tarde demais. Kennar Miraj não gostava de confiar na sorte.

Além de suboficiais prontos para produzir mapas ou copiar ordens e mensageiros prontos para carregá-los, ele cavalgava acompanhado apenas por Abaldar Yulan, pequeno o suficiente para fazer seu capão marrom bastante comum parecer imenso, um homem fogo com as unhas de seus dedinhos pintadas de verde, e usava uma peruca preta para esconder sua calvície, e Lisaine Jarath, uma mulher de cabelos grisalhos da própria Seandar, cujo rosto pálido e gordo e olhos azuis eram um estudo de serenidade. Yulan não estava calmo; o Capitão do Ar escuro como carvão de Miraj

muitas vezes usava uma carranca para as regras que raramente o deixavam tocar as rédeas de um *raken*, mas hoje sua carranca era profunda. O céu estava claro, o clima perfeito para *raken*, mas por ordem de Suroth, nenhum de seus voadores estaria na sela hoje, não aqui. Havia muito poucos *rakens* com a Hailene para arriscá-los desnecessariamente. A calma de Lisaine incomodou ainda mais Miraj. Mais do que a *der'sul'dam* sênior sob seu comando, ela era uma amiga com quem ele havia compartilhado muitas xícaras de *kaf* e muitas partidas de pedras. Uma mulher animada, sempre borbulhando de entusiasmo e diversão. E ela estava calma como gelo, tão silenciosa quanto qualquer *sul'dam* que ele tentou questionar.

Dentro de sua visão havia vinte *damane* flanqueando os cavaleiros, cada uma caminhando ao lado da montaria de sua *sul'dam*. As *sul'dam* balançavam em suas selas, curvando-se para acariciar a cabeça de uma *damane*, endireitando-se apenas para se curvar novamente para acariciar seus cabelos. A *damane* parecia firme o suficiente aos seus olhos, mas claramente a *sul'dam* estava no fio da navalha. E a efervescente Lisaine cavalgava silenciosa como uma pedra.

Um *torm* apareceu à frente, correndo pela coluna. Bem ao lado, na beira dos bosques, mas os cavalos relinchavam e estremeciam quando a criatura de escamas de bronze passava. Um *torm* treinado não atacaria cavalos — pelo menos não a menos que o frenesi da matança o ultrapassasse, razão pela qual *torm* não era bom em batalha — mas cavalos treinados para ficar calmos perto de *torm* eram tão escassos quanto os próprios *torm*.

Miraj enviou um subtenente magricela chamado Varek para buscar o relatório de reconhecimento do *morat'torm*. A pé, e a Luz o consumisse se Varek perdesse *sei'taer*. Ele não perderia tempo com Varek tentando controlar uma montaria adquirida localmente. O homem voltou mais rápido do que foi e fez uma reverência firme,

começando seu relatório antes que suas costas estivessem retas novamente.

“O inimigo está a menos de oito quilômetros a leste, meu Senhor Capitão-General, marchando em nossa direção. Eles estão implantados em cinco colunas espaçadas aproximadamente uma milha de distância.”

Tanta sorte. Mas Miraj havia pensado em como atacaria quarenta mil com apenas cinco ele mesmo e cinquenta *damane*. Rapidamente os homens galopavam com ordens de desdobrar-se para enfrentar uma tentativa de envolvimento, e os regimentos atrás dele começaram a entrar nos bosques, *sul'dam* cavalgando entre eles com suas *damane*.

Recolhendo sua capa contra um vento frio repentino, Miraj notou algo que o fez sentir ainda mais frio. Lisaine estava assistindo a *sul'dam* desaparecer nas árvores também. E ela começou a suar.

Bertome cavalgava com facilidade, deixando o vento soprar seu manto para um lado, mas ele estudou a região florestada à frente com uma cautela que mal tentou esconder. De seus quatro compatriotas atrás dele, apenas Doressin era realmente habilidoso no Jogo das Casas. Aquele cão tairino idiota, Weiramon, era cego, é claro. Bertome olhou para as costas do bufão inchado. Weiramon cavalgava bem à frente dos outros em uma conversa profunda com Gedwyn, e se Bertome precisava de mais alguma prova de que o tairino sorriria para quem amordaçava uma cabra, era como ele tolerava aquele jovem monstro de olhos quentes. Ele notou Kiril olhando de lado para ele, e freou seu cavalo cinza mais longe do homem alto. Ele não tinha inimizade particular com o illianense, mas odiava as pessoas que o cercavam. Mal podia esperar para voltar a Cairhien, onde não precisava ser cercado por gigantes desajeitados. Kiril Drapeneos não era cego, embora fosse alto demais. Ele havia

enviado uma dúzia de batedores para a frente também. Weiramon tinha enviado um.

“Doressin”, Bertome disse baixinho, depois, um pouco mais alto, “Doressin, seu idiota!”

O homem ossudo deu um pulo na sela. Como Bertome, como os outros três, ele se barbeou e passou pó na frente da cabeça; o estilo de marcar-se como um soldado tinha se tornado moda. Doressin deveria tê-lo chamado de sapo em troca, como faziam desde a infância, mas em vez disso ele colocou seu capão ao lado de Bertome e se inclinou para perto. Ele estava preocupado, e deixando transparecer, sua testa franziu profundamente. “Você percebe que o Lorde Dragão quer que nós morramos?” ele sussurrou, olhando para a coluna atrás deles. “Sangue e fogo, eu só escutei Colavaere, mas eu sabia que era um homem morto desde que ele a matou.”

Por um momento, Bertome olhou para a coluna de homens armados, serpenteando de volta pelas colinas ondulantes. As árvores estavam mais espalhadas aqui do que à frente, mas ainda o suficiente para proteger um ataque até que estivesse bem em cima de você. O último olival estava quase um quilômetro e meio atrás. Os homens de Weiramon cavalgavam à frente, claro, naqueles paletós ridículos com suas mangas gordas listradas de branco, e depois os illianenses de Kiril em verde e vermelho suficientes para envergonhar os Latoeiros. Seu próprio povo, decentemente vestido de azul escuro sob suas couraças, ainda estava fora de sua vista com Doressin e os outros, à frente apenas da companhia da Legião. Weiramon parecia surpreso que a marcha o acompanhasse, embora dificilmente tivesse estabelecido um ritmo difícil.

No entanto, não foram realmente os armeiros que Bertome olhou. Sete homens cavalgavam antes mesmo de Weiramon, sete homens com rostos duros e olhos frios como a morte, em casacos pretos. Um usava um broche em forma de espada de prata em seu colarinho alto.

"Uma maneira elaborada de fazer isso", disse ele secamente a Doressin. "E duvido que al'Thor teria enviado aqueles sujeitos conosco, se estivéssemos apenas alimentando um moedor de salsichas." Com a testa ainda franzida, Doressin abriu a boca novamente, mas Bertome disse: "Preciso falar com o taireno". Ele não gostava de ver seu amigo de infância dessa maneira. Al'Thor o havia desequilibrado.

Absorvidos um no outro, Weiramon e Gedwyn não o ouviram cavalgando sobre eles. Gedwyn brincava preguiçosamente com as rédeas, as feições frias de desprezo. O taireno estava com o rosto vermelho. "Eu não me importo com quem você é," ele estava dizendo para o homem de casaco preto em uma voz baixa e dura, o cuspe voando, "não vou me arriscar mais sem um comando direto dos lábios de..."

Abruptamente, a dupla tomou conhecimento de Bertome, e a boca de Weiramon se fechou. Ele olhou como se quisesse matar Bertome. O sorriso sempre presente do Asha'man derreteu. O vento soprou, frio e cortante como nuvens flutuando pelo sol, mas não mais frio do que o olhar súbito de Gedwyn. Com um pequeno choque, Bertome percebeu que o homem também queria matá-lo no local.

O olhar gélido e assassino de Gedwyn não mudou, mas o rosto de Weiramon passou por uma transformação notável. A vermelhidão desvaneceu-se lentamente enquanto ele produzia um sorriso em um instante, um sorriso oleoso com apenas um traço de condescendência zombeteira. "Estive pensando em você, Bertome", disse ele com entusiasmo. "Uma pena que al'Thor estrangulou sua prima. Com as próprias mãos, eu ouvi. Francamente, fiquei surpreso que você veio quando ele chamou. Eu o vi observando você. Temo que ele planeje algo mais... interessante... para você do que bater os calcanhares no chão enquanto os dedos dele apertam sua garganta."

Bertome reprimiu um suspiro, e não apenas pela falta de jeito do tolo. Muitos pensaram em manipulá-lo com a morte de Colavaere. Ela tinha sido sua prima favorita, mas ambiciosa além da razão. Saighan tinha bons direitos ao Trono do Sol, mas ela não poderia tê-lo mantido contra a força de Riatin ou Damodred, muito menos ambos juntos, não sem as bênçãos abertas da Torre Branca ou do Dragão Renascido. Ainda assim, ela tinha sido sua favorita. O que Weiramon queria? Certamente não o que parecia na superfície. Mesmo esse idiota tairino não era tão simples.

Antes que ele pudesse formular qualquer resposta, um cavaleiro veio galopando em direção a eles através das árvores à frente. Um cairhieno, e ao frear bruscamente diante deles, o que fez seu cavalo sentar-se sobre as ancas, Bertome reconheceu um de seus próprios homens armados, um sujeito desdentado com cicatrizes em ambas as faces. Doile, pensou. Das propriedades de Colchaine.

“Meu Lord Bertome,” o sujeito ofegou, curvando-se apressadamente. “Há dois mil taraboneanos atrás de mim. E as mulheres com eles! Com relâmpagos em seus vestidos!”

“Firme em seus calcanhares”, Weiramon murmurou depreciativamente. “Vamos ver o que meu homem tem a dizer quando voltar. Eu certamente não vejo nenhum-!”

Gritos súbitos a curta distância à frente o interromperam, e o trovão de cascos, e então lanceiros galopando rapidamente apareceram, uma maré fluindo se espalhando pelas árvores. Direto para Bertome e os outros.

Weiramon riu. “Mate quem você quiser, onde quiser, Gedwyn,” ele disse, desembainhando a espada com um floreio. “Eu uso os métodos que uso, e é isso!” Correndo de volta para seus homens armados, ele balançou a lâmina sobre sua cabeça gritando: “Santiago! Santiago e glória!” Não foi surpresa que ele não tenha acrescentado um grito por seu país aos de sua Casa e seu maior amor.

Esporeando na mesma direção, Bertome levantou sua própria voz. “Saighan e Cairhien!” Não havia necessidade de acenar a espada ainda. “Saighan e Cairhien!” O que o homem estava procurando?

O trovão ribombou e Bertome olhou para o céu, perplexo. Havia pouco mais nuvens do que antes. Não; Doile — Dalyn? — tinha mencionado aquelas mulheres. E então ele esqueceu tudo sobre o que o tolo taireno queria enquanto taraboneanos cobertos de aço se derramavam sobre as colinas arborizadas em direção a ele, a terra florescendo fogo e o céu chovendo relâmpagos à frente deles.

“Saighan e Cairhien!” ele gritou.

O vento aumentou.

Cavaleiros colidiram em meio a árvores grossas e arbustos pesados, onde as sombras pairavam pesadamente. A luz parecia estar diminuindo, as nuvens se adensando no alto, mas era difícil dizer com o dossel da floresta densa como teto. Rugidos estrondosos quase afogaram o bater de aço contra aço, os gritos dos homens, os gritos dos cavalos. Às vezes o chão tremia. Às vezes o inimigo levantava gritos.

“Den Lushenos! Den Lushenos e as abelhas!”

“Annalin! Rally por Annallin!”

“Haelina! Haelin! Pelo Grão-Senhor Sunamon!”

O último foi o único grito que Varek entendeu, embora suspeitasse que qualquer um dos locais que se autodenominavam Grão-Senhores ou Damas não teria a chance de fazer o Juramento.

Ele puxou sua espada para fora de onde a havia enfiado na axila de seu oponente, logo acima do peitoral, e deixou o homenzinho pálido cair. Um lutador perigoso, até que cometeu o erro de levantar a lâmina muito alto. O baio do homem caiu na vegetação rasteira, e Varek poupou um momento para se arrepender. O animal parecia melhor do que o pardo de patas brancas que ele foi forçado a

montar. Um momento apenas, e então ele estava espiando através das árvores próximas, onde parecia que vinhas pendiam de metade dos galhos e cachos de alguma planta cinzenta e plumosa, de quase todos.

Sons de batalha vinham de todas as direções, mas a princípio ele não conseguia ver nada que se movesse. Então uma dúzia de lanceiros de Altara apareceu a cinquenta passos, andando com seus cavalos e espiando cuidadosamente, embora a maneira como eles falavam alto entre si mais do que justificasse as barras vermelhas cruzando suas couraças. Varek pegou as rédeas, pretendendo levá-los. Uma escolta, mesmo essa ralé indisciplinada, poderia ser a diferença entre entregar a mensagem urgente que ele levava para o general-de-bandeira Chianmai e não entregar.

Listras pretas brilharam entre as árvores, esvaziando as selas dos altaranos. Seus cavalos correram em todas as direções enquanto os cavaleiros caíam, e então havia apenas uma dúzia de cadáveres esparramados no tapete úmido de folhas mortas, pelo menos uma flecha de besta projetando-se de cada homem. Nada se moveu. Varek estremeceu apesar de si mesmo. Aqueles homens em casacos azuis pareciam fáceis no começo, sem lanças para ficar atrás, mas eles nunca vieram à tona, escondendo-se atrás de árvores, em buracos no chão. Não eram os piores. Depois da frenética retirada para os navios em Falme, tivera certeza de que tinha visto o pior que podia ver, o Exército Sempre Vitorioso em debandada. Nem meia hora se passou, porém, ele viu uma centena de taraboneanos enfrentar um homem solitário de casaco preto. Cem lanceiros contra um, e os taraboneanos foram despedaçados. Literalmente rasgados em pedaços, homens e cavalos simplesmente explodindo o mais rápido que ele podia contar; a matança continuou depois que os taraboneanos se viraram para fugir, continuou enquanto um deles permaneceu à vista. Talvez não fosse pior do que ter o chão explodindo sob seus pés, mas pelo menos *damane* geralmente deixava o suficiente de você para ser enterrado.

O último homem com quem conseguiu falar naquela floresta, um veterano grisalho de casa liderando uma centena de lanças amadicianas, lhe dissera que Chianmai estava naquela direção. À frente, ele avistou cavalos sem cavaleiros amarrados a árvores e homens a pé. Talvez eles pudessem lhe dar mais orientação. E ele lhes daria o chicote de sua língua por ficarem de pé enquanto uma batalha acontecia.

Quando cavalgou entre eles, esqueceu as chicotadas. Havia encontrado o que procurava, mas não o que queria encontrar. Uma dúzia de cadáveres gravemente queimados estavam enfileirados. Um, com o rosto de mel marrom intocado, era reconhecivelmente Chianmai. Os homens de pé eram todos taraboneanos, amadicianos, altaranos. Alguns deles também ficaram feridos. O único Seanchan era uma *sul'dam* de rosto fechado acalmando uma *damane* chorosa.

"O que aconteceu aqui?" Varek exigiu. Ele não achava que era típico desses Asha'man deixar sobreviventes. Talvez a *sul'dam* tenha lutado com ele.

"Loucura, meu senhor." Um taraboneano corpulento afastou o homem que estava espalhando pomada pelo braço esquerdo queimado. A manga parecia ter sido queimada até o peitoral do sujeito, mas apesar de suas queimaduras, ele não fez careta. Seu véu de cota de malha de aço pendia de um canto de seu capacete cônico de plumas vermelhas, mostrando um rosto duro com bigodes grossos cinza que quase escondiam sua boca, e seus olhos eram insultuosamente diretos. "Um grupo de illianenses caiu sobre nós sem avisar. No início, tudo correu bem. Eles não tinham nenhum dos casacos pretos com eles. O Senhor Chianmai, ele nos liderou bravamente, e a... a mulher... canalizou relâmpagos. Então, assim que os illianenses chegaram, os relâmpagos caíram entre nós também." Ele interrompeu com um olhar significativo para a *sul'dam*.

Ela estava de pé em um instante, sacudindo o punho livre e caminhando tão longe em direção ao taraboneano quanto a coleira

presa ao outro pulso permitia. Sua *damane* jazia em um monte de choro. “Eu não vou ouvir as palavras deste cachorro contra a minha Zakai! Ela é uma boa *damane*! Uma boa *damane*!”

Varek fez gestos tranquilizadores para a mulher. Ele tinha visto *sul’dam* fazerem suas pupilas uivarem por más ações, e algumas que aleijavam as recalcitrantes, mas a maioria se irritaria mesmo com um dos Sangue que difamasse uma favorita. Esse taraboneano não era do Sangue, e pelo olhar da trêmula *sul’dam*, ela estava pronta para matar. Se o homem tivesse expressado sua acusação ridículas e tácitas, Varek pensou que ela poderia tê-lo matado na hora.

“As orações pelos mortos devem esperar,” Varek disse sem rodeios. O que ele estava prestes a fazer terminaria com ele nas mãos dos Buscadores, se ele falhasse, mas não havia um Seanchan parado ali, exceto a *sul’dam*. “Estou assumindo o comando. Vamos nos desvencilhar e virar para o sul.”

“Desvencilhar!” o taraboneano de ombros pesados latiu. “Vamos levar dias para nos desvencilhar! Os illianenses lutam como texugos encurralados, os cairhienos como furões numa caixa. Os tairenos, eles não são tão duros quanto eu ouvi, mas talvez haja uma dúzia desses Asha’man, certo? Eu nem sei onde estão três quartos dos meus homens, nessa bolsa de confusão!” Encorajados por seu exemplo, os outros começaram a protestar também.

Varek os ignorou. E evitou perguntar o que era uma “bolsa de confusão”; olhando para a floresta emaranhada ao redor, ouvindo o estrondo da batalha, os estrondos de explosões e relâmpagos, ele podia imaginar. “Você vai reunir seus homens e começar a recuar”, disse ele em voz alta, cortando sua conversa. “Não muito rápido; vocês agirão em uníssono.” As ordens de Miraj para Chianmai diziam “com toda a velocidade possível” — ele as havia memorizado, caso algo acontecesse com a cópia em seus alforjes — “toda a velocidade possível”, mas muita velocidade nisso, e metade dos homens ficaria para trás, picado em lascas à vontade do inimigo.

“Agora, mexa-se! Você luta pela Imperatriz, que ela viva para sempre!”

Essa última parte era o tipo de coisa que se dizia a novos recrutas, mas, por alguma razão, os ouvintes estremeceram como se ele tivesse golpeado a todos com sua espingarda. Curvando-se rápida e profundamente, com as mãos nos joelhos, todos voaram para seus cavalos. Estranho. Agora cabia a ele encontrar as unidades Seanchan. Uma delas seria comandada por alguém acima dele, e ele poderia passar sua responsabilidade.

A *sul'dam* estava de joelhos, acariciando os cabelos da *damane* ainda chorando e cantando baixinho. “Acalme-a,” ele disse a ela. Com toda a velocidade possível. E ele pensou ter visto um toque de ansiedade nos olhos de Miraj. O que poderia deixar Kennar Miraj ansioso? “Acho que vamos depender de você *sul'dam* ao sul.” Agora, por que isso fazia o sangue escorrer de seu rosto?

Bashere estava bem dentro da borda das árvores, franzindo a testa através das barras de rosto de seu capacete com o que viu. Seu baio se aninhou em seu ombro. Ele segurou seu manto contra o vento. Mais para evitar qualquer movimento que chamasse a atenção do que para o frio, embora ele gelasse sua carne. Teria sido uma brisa de primavera em Saldeia, mas meses nas terras do sul o suavizaram. Brilhando entre nuvens cinza que navegavam rapidamente, o sol ainda estava um pouco antes do meio-dia. E à frente dele. Só porque você começa uma batalha de frente para o oeste não significa que você termina dessa maneira. Diante dele havia um amplo pasto onde rebanhos de cabras pretas e brancas pastavam na grama marrom de maneira desordenada, como se não houvesse batalha travando ao redor delas. Não que houvesse algum sinal disso aqui. No momento. Um homem poderia se cortar em trapos de boneca atravessando aquele prado. E nas árvores, sejam florestas, olivais ou matagais,

você nem sempre vê o inimigo antes de estar em cima dele, batedor ou não.

“Se vamos atravessar”, Gueyam murmurou, esfregando uma mão larga sobre sua cabeça careca, “devemos atravessar. A verdade é que estamos perdendo tempo.” Amondrid fechou a boca; provavelmente, o cairhieno com cara de lua estava prestes a dizer a mesma coisa. Ele concordaria com um taireno quando os cavalos subissem em árvores.

Jeordwyn Semaris bufou. O homem deveria ter deixado crescer a barba para esconder aquela mandíbula estreita. Isso fazia sua cabeça parecer uma cunha rachada de um guarda florestal. “Eu digo dar uma volta”, ele murmurou. “Já perdi homens suficientes para aquelas *damane* amaldiçoadas pela Luz, e...” Ele parou com um olhar inquieto para Rochaid.

O jovem Asha'man ficou sozinho, boca apertada, dedilhando aquele broche de dragão em seu colarinho. Talvez se perguntando se valeu a pena, pelo jeito dele. Não havia ar de conhecimento sobre o menino agora, apenas preocupação carrancuda.

Guiando Quick pelas rédeas, Bashere caminhou até o Asha'man e o puxou para mais longe nas árvores. Empurrou-o mais para o lado. Rochaid fez uma careta, indo com relutância. O homem era alto o suficiente para pairar sobre Bashere, mas Bashere não queria nada disso.

“Posso contar com o seu pessoal da próxima vez?” Bashere exigiu, sacudindo um bigode em irritação. “Sem atrasos?” Rochaid e seus companheiros pareciam ter ficado cada vez mais lentos em responder quando se viram diante de *damane*.

“Eu sei o que estou fazendo, Bashere,” Rochaid rosnou. “Não estamos matando o suficiente deles para você? Até onde posso ver, estamos quase terminando!”

Bashere assentiu lentamente. Não concordando com a última parte. Havia muitos soldados inimigos restantes, quase em qualquer

lugar que você olhasse com bastante atenção. Mas muitos estavam mortos. Ele havia modelado seus movimentos no que havia estudado sobre as Guerras dos Trollocs, quando as forças da Luz raramente chegavam perto dos números que tinham de enfrentar. Corte nos flancos e corra. Corte na parte traseira e corra. Golpeie, e corra, e quando o inimigo o perseguir, vire-se no terreno que você escolheu de antemão, onde os legionários esperavam com suas bestas, vire-se e corte-o até que seja hora de correr novamente. Ou até que ele quebre. Já hoje ele havia quebrado taraboneanos, amadicianos, altaranos e esses Seanchan em suas estranhas armaduras. Ele tinha visto mais inimigos mortos do que em qualquer luta desde a Neve Sangrenta. Mas se ele tinha Asha'man, o outro lado tinha aquelas *damane*. Um bom terço de seus saldaeanos jazia morto a quilômetros de distância. Quase metade de sua força estava morta, ao todo, e ainda havia mais Seanchan lá fora com suas mulheres amaldiçoadas, e taraboneanos, e amadicians e altaranos. Eles continuavam vindo, mais aparecendo assim que ele terminava com o último. E os Asha'man estavam ficando... hesitantes.

Subindo na sela de Quick, ele voltou para Jeordwyn e os outros. "Nós damos a volta," ele ordenou, ignorando os acenos de Jeordwyn tanto quanto as carrancas de Gueyam e Amondrid. "Olheiros triplos na frente. Pretendo forçar muito, mas não quero tropeçar em uma *damane*." Ninguém riu.

Rochaid reuniu os outros cinco Asha'man ao seu redor, um com uma espada de prata presa ao colarinho, os outros sem. Havia mais dois com colarinhos nus quando partiram naquela manhã, mas se Asha'man sabiam matar, *damane* também sabiam. Acenando com os braços com raiva, Rochaid parecia estar discutindo com eles. Seu rosto estava vermelho, o deles em branco e teimoso. Bashere só esperava que Rochaid pudesse evitar que todos desertassem. Hoje o preço tinha sido alto o suficiente sem adicionar esse tipo de homem vagando soltos.

Uma chuva leve caía. Rand franziu o cenho para as grossas nuvens negras se reunindo no céu, já começando a obscurecer um sol pálido a meio caminho do horizonte distante. Chuva fraca agora, mas iria engrossar como aquelas nuvens! Irritado, ele voltou a estudar a terra à sua frente. A Coroa de Espadas espetou-lhe as têmporas. Com o poder nele, a terra estava clara como um mapa, apesar do clima. Clara o suficiente, de qualquer maneira. Colinas afundando, algumas cobertas de moitas ou oliveiras, outras de grama nua ou apenas pedras e ervas daninhas. Ele pensou ter visto um movimento na beira de um bosque, depois novamente entre as fileiras de um pomar de oliveiras em outra colina a um quilômetro e meio do bosque. Pensar não era suficiente. Homens mortos jaziam a quilômetros de distância, inimigos mortos. Mulheres mortas também, ele sabia, mas ficara longe de qualquer lugar onde *sul'dam* e *damane* tivessem morrido, recusando-se a ver seus rostos. A maioria achava que era ódio por aquelas que mataram tantos de seus seguidores.

Tai'daishar deu alguns passos no topo da colina antes que Rand o freasse com uma mão firme e a pressão de seus joelhos. Uma coisa boa se uma *sul'dam* visse seu movimento. As poucas árvores ao seu redor não eram suficientes para esconder muito. Vagamente, ele percebeu que não reconhecia nenhuma delas. Tai'daishar balançou a cabeça. Rand enfiou o Cetro de Dragão em seus alforjes, apenas a extremidade esculpida da coroa saindo, para liberar as duas mãos caso o capão não ficasse satisfeito. Ele poderia ter tirado o cansaço do cavalo com *saidin*, mas não sabia como fazê-lo obedecer ao Poder.

Ele não conseguia ver como o capão retinha energia suficiente. *Saidin* o enchia, borbulhava nele, mas seu corpo distante queria ceder de cansaço. Parte disso era pela enorme quantidade de Poder que ele havia manipulado hoje. Parte era a tensão de lutar com *saidin* para fazê-lo fazer o que ele queria. Sempre, *saidin* tinha que ser conquistado, forçado, mas nunca antes como hoje. As feridas meio curadas e nunca cicatrizadas em seu lado esquerdo eram uma

agonia, quanto mais velha fosse uma sonda tentando perfurar o Vazio, mais nova era a labareda de chamas cruas.

“Foi um acidente, meu Lorde Dragão,” Adley disse de repente. “Eu juro que foi!”

“Cala a boca e olhe!” Rand disse a ele asperamente. Os olhos de Adley desceram para as mãos nas próprias rédeas por um momento, então ele afastou o cabelo úmido do rosto e ergueu a cabeça obedientemente.

Hoje, aqui, controlar o *saidin* era mais difícil do que nunca, mas deixá-lo escapar a qualquer hora, em qualquer lugar, podia te matar. Adley deixou escapar, e homens morreram em rajadas descontroladas de fogo, não apenas os amadicianos que ele estava mirando, mas quase trinta dos homens armados de Ailil e quase tantos de Anaiyella.

Não fosse por seu deslize, Adley estaria com Morr, com os Companheiros na floresta a meia milha ao sul. Narishma e Hopwil estavam com os Defensores, ao norte. Rand queria Adley sob seus olhos. Algum outro “acidente” aconteceu, fora de sua vista? Ele não podia vigiar a todos, o tempo todo. O rosto de Flinn estava sombrio como a morte de um dia, e Dashiva, longe de parecer vago, parecia a ponto de suar de concentração. Ele ainda murmurava para si mesmo baixinho, tão baixo que Rand não conseguia ouvir mesmo com o Poder dentro dele, mas o homem enxugava a chuva do rosto continuamente com um lenço de linho encharcado com borda de renda que havia ficado mais do que sujo com o passar do dia. Rand não achava que eles tivessem deslizado. De qualquer forma, nem eles nem Adley detinham o poder agora. Nem o fariam até que ele os instrísse a agarrá-lo.

“Está feito?” Anaiyella perguntou atrás dele.

Sem se importar com quem poderia estar observando lá fora, Rand virou Tai'daishar para encará-la. A mulher tairena começou a voltar em sua sela, o capuz de sua capa de chuva ricamente

elaborada caindo em seus ombros. Sua bochecha deu uma contração. Seus olhos podiam estar cheios de medo ou ódio. A seu lado, Ailil manuseava calmamente as rédeas com as mãos enluvadas em vermelho.

"O que mais você pode querer?" a mulher menor perguntou com uma voz fria. Uma senhora sendo educada com um serviçal. Por muito pouco. "Se o tamanho de uma vitória é contabilizado por inimigos mortos, acho que só hoje colocará seu nome nas histórias."

"Quero jogar os Seanchan no mar!" Rand estalou. Luz, ele tinha que acabar com eles agora, quando tivesse a chance! Não podia lutar contra os Seanchan e os Abandonados e só a Luz sabia quem ou o que mais, tudo ao mesmo tempo! "Já fiz isso antes e farei de novo!"

Você tem a Trombeta de Valere escondida no bolso desta vez? Lews Therin perguntou maliciosamente. Rand rosnou para ele silenciosamente.

"Tem alguém lá embaixo," Flinn disse de repente. "Andando para cá. Do oeste."

Rand puxou sua montaria de volta. Legionários cercavam as encostas da colina, embora se escondessem o suficiente para que ele raramente avistasse um casaco azul. Nenhum deles tinha um cavalo. Quem estaria cavalgando...

O baio de Bashere subia a encosta quase como se fosse um terreno plano. O capacete de Bashere estava pendurado em sua sela, e o próprio homem parecia cansado. Sem preâmbulos, ele falou com uma voz monótona. "Nós terminamos, aqui. Parte da luta é saber quando ir, e é hora. Deixei quinhentos mortos para trás, quase o suficiente, e dois de seus soldados para salgar. Enviei mais três para encontrar Semaradrid, Gregorin e Weiramon e dizer a eles para se unirem a você. Duvido que estejam em melhores condições do que eu. Como funciona a conta do seu açougueiro?"

Rand ignorou a pergunta. Seus próprios mortos superavam os de Bashere por quase duzentos. "Você não tinha o direito de mandar

ordens para os outros. Enquanto houver meia dúzia de Asha'man sobrando — enquanto houver eu! — tenho o suficiente! Pretendo encontrar o resto do exército Seanchan e destruí-lo, Bashere. Não vou deixá-los adicionar Altara a Tarabon e Amadicia.”

Bashere juntou seus bigodes grossos com uma risada irônica. “Você quer encontrá-los. Olhe lá fora.” Ele varreu a mão enluvada pelas colinas a oeste. “Não posso apontar para um ponto específico, mas há dez, talvez quinze mil perto o suficiente para ver daqui, se aquelas árvores não estivessem no caminho. Dancei com o Tenebroso passando por eles sem ser visto para chegar até você. Talvez haja uma centena de *damane* lá embaixo. Talvez mais. Tem mais vindo, com certeza, e mais homens. Parece que o general deles decidiu se concentrar em você. Acho que nem sempre é queijo e cerveja sendo *ta'veren*.

“Se eles estão lá fora...” Rand examinou as colinas. A chuva caiu mais forte. Onde ele tinha visto movimento? Luz, ele estava cansado. *Saidin* martelava nele. Inconscientemente, tocou o embrulho sob o couro do estribo. Sua mão se afastou por vontade própria. Dez mil, até quinze... Uma vez que Semaradrid o alcançasse, e Gregorin e Weiramon... Mais importante, uma vez que o resto dos Asha'man o alcançasse... “Se eles estiverem lá fora, é lá que eu os destruirei, Bashere. Vou acertá-los de todos os lados, do jeito que pretendíamos em primeiro lugar.”

Franzindo a testa, Bashere puxou as rédeas do cavalo para mais perto, até que seu joelho quase tocou o de Rand. Flinn afastou sua montaria, mas Adley estava muito concentrado em olhar através da chuva para notar algo tão próximo, e Dashiva, ainda enxugando o rosto sem parar, olhava com interesse aberto. Bashere baixou a voz para um murmúrio. “Você não está pensando direito. Esse foi um bom plano, no começo, mas o general deles pensa rápido. Ele se espalhou para amortecer nossos ataques antes que pudéssemos cair sobre ele, marchando. Nós lhe custamos mesmo assim, ao que parece, e agora ele está juntando tudo. Você não vai pegá-lo de

surpresa. Ele quer que nós vamos até ele. Ele está lá fora esperando por isso. Com Asha'man ou sem Asha'man, se ficarmos cara a cara com esse sujeito, acho que talvez os abutres engordam e ninguém vá embora.

“Ninguém fica cara a cara com o Dragão Renascido,” Rand rosnou. “Os Abandonados poderiam dizer isso a ele, seja ele quem for. Certo, Flinn? Dashiva?” Flinn assentiu incerto. Dashiva se encolheu. “Você acha que eu não posso surpreendê-lo, Bashere? Veja!” Puxando o longo pacote solto, ele despiu a cobertura de pano, e Rand ouviu suspiros enquanto gotas de chuva brilhavam em uma espada aparentemente feita de cristal. A espada que não é uma espada. “Vamos ver se ele ficará surpreso com *Callandor* nas mãos do Dragão Renascido, Bashere.”

Embalando a lâmina translúcida na dobra do cotovelo, Rand montou Tai'daishar alguns passos adiante. Não havia razão para isso. Ele não tinha uma visão mais clara de lá. Exceto... Algo cruzou a superfície externa do Vazio, uma teia negra se contorcendo. Ele estava com medo. A última vez que usou *Callandor*, realmente a usou, ele tentou trazer os mortos de volta à vida. Tinha certeza de que poderia fazer qualquer coisa, na época, qualquer coisa. Como um louco pensando que poderia voar. Mas ele era o Dragão Renascido. Ele podia fazer qualquer coisa. Não provou isso uma e outra vez? Ele alcançou a Fonte através da Espada Que Não É uma Espada.

Saidin pareceu pular em *Callandor* antes de tocar a Fonte através dele. Do punho à ponta, a espada de cristal brilhava com uma luz branca. Ele só pensava que o Poder o preenchia antes. Agora ele segurava mais de dez homens sem ajuda, cem, não sabia quantos. As chamas do sol, queimando em sua cabeça. O frio de todos os invernos de todas as Eras, comendo seu coração. Naquela torrente, a mácula eram todos os monturos do mundo se esvaziando em sua alma. *Saidin* ainda tentou matá-lo, tentou varrer, queimar, congelar,

cada pedaço dele, mas ele lutou, e ele viveu por mais um momento, e outro momento, outro. Ele queria rir. Podia fazer qualquer coisa!

Certa vez, segurando *Callandor*, ele havia feito uma arma que buscava Crias das Sombras através da Pedra da Tear, matando-os com raios de caça onde quer que estivessem, corressem ou se escondessem. Certamente devia haver algo assim, para usar contra seus inimigos aqui. Mas quando chamou Lews Therin, apenas gemidos angustiados responderam, como se aquela voz desencarnada temesse a dor do *saidin*.

Com *Callandor* ardendo em sua mão — ele não se lembrava de ter levantado a lâmina no alto — ele olhou para as colinas onde seus inimigos se escondiam. Elas estavam cinza agora, com chuva espessa e densas nuvens negras bloqueando o sol. O que foi que ele disse a Eagan Padros?

“Eu sou a tempestade,” ele sussurrou — um grito em seus ouvidos, um rugido — e ele canalizou.

Acima, as nuvens ferviam. Onde antes eram o preto da fuligem, tornaram-se meia-noite, o coração da meia-noite. Ele não sabia o que estava canalizando. Muitas vezes, ele não sabia, apesar dos ensinamentos de Asmodean. Talvez Lews Therin o estivesse guiando, apesar do choro do homem. Fluxos de *saidin* giraram pelo céu, Vento, Água e Fogo. Incêndio. O céu realmente choveu relâmpagos. Uma centena de flechas de uma vez, centenas, flechas bifurcadas azul-esbranquiçadas atingindo até onde ele podia ver. As colinas diante dele entraram em erupção. Alguns se separaram sob a torrente de relâmpagos como formigueiros chutados. Chamas brotaram em moitas, árvores se transformando em tochas na chuva, chamas correndo pelos pomares de oliveiras.

Algo o atingiu com força, e ele percebeu que estava se levantando do chão. A coroa havia caído de sua cabeça. *Callandor* ainda ardia em sua mão, no entanto. Vagamente, ele estava ciente de Tai'daishar se levantando, tremendo. Então eles pensaram em revidar, não é?

Empurrando *Callandor* alto, ele gritou para eles. “Venha contra mim, se vocês se atrevem! Eu sou a tempestade! Venha se tiver coragem, *Shai'tan*! Eu sou o Dragão Renascido!” Mil relâmpagos crepitantes desceram das nuvens.

Novamente algo o derrubou. Ele tentou lutar novamente. *Callandor*, ainda brilhando, estava a um passo de sua mão estendida. O céu se despedaçou com relâmpagos. De repente, ele percebeu que o peso em cima dele era Bashere, que o homem o estava sacudindo. Deve ter sido Bashere quem o jogou no chão!

“Pare com isso!” gritou o saldaeano. Sangue escorria por seu rosto de uma fenda em seu couro cabeludo. “Você está nos matando, homem! Pare!”

Rand virou a cabeça, e um olhar atordoado foi o suficiente. Relâmpagos brilhavam ao redor dele, em todas as direções. Uma flecha atingiu a encosta reversa, onde Denharad e os homens armados estavam; os gritos de homens e cavalos aumentaram. Anaiyella e Ailil estavam ambas a pé, tentando em vão acalmar as montarias que empinavam, revirando os olhos, tentando soltar as rédeas. Flinn estava curvado sobre alguém, não muito longe de um cavalo morto com as pernas já rígidas.

Rand soltou *saidin*. Ele o soltou, mas por momentos ainda fluiu para ele, e um relâmpago se enfureceu. O fluxo para ele diminuiu, diminuiu e desapareceu. A tontura o varreu em seu lugar. Por mais três batimentos cardíacos, duas de *Callandor* brilharam onde estavam no chão, e um relâmpago caiu. Então, silêncio, exceto pelo tambor crescente da chuva. E os gritos atrás do morro.

Lentamente, Bashere desceu dele, e Rand se levantou sem ajuda sobre as pernas trêmulas, piscando quando sua visão voltou ao normal. O saldaeano observou-o como se tivesse vendo um leão raivoso, dedilhando o punho da espada. Anaiyella deu uma olhada em Rand em pé e desmaiou; seu cavalo saiu correndo, as rédeas penduradas. Ailil, ainda lutando contra seu animal de criação, lançou

alguns olhares para Rand. Rand deixou *Callandor* ficar onde estava no momento. Ele não tinha certeza se ousaria pegá-la. Ainda não.

Flinn se endireitou, balançando a cabeça, então ficou em silêncio enquanto Rand cambaleava para ficar ao lado dele. A chuva caiu sobre os olhos cegos de Jonan Adley, esbugalhados como se estivessem horrorizados. Jonan tinha sido um dos primeiros. Aqueles gritos atrás da colina pareciam cortar a chuva. Quantos mais, Rand se perguntou. Entre os Defensores? Os Companheiros? Entre...?

A chuva grossa como um cobertor escondia as colinas onde o exército Seanchan estava. Ele os havia machucado, atacando cegamente? Ou eles ainda estavam esperando lá fora com todas as suas *damane*? Esperando para ver quantos mais ele poderia matar por eles.

“Coloque qualquer guarda que você acha que precisamos”, disse Rand a Bashere. Sua voz era de ferro. Uma das primeiras. Seu coração era de ferro. “Quando Gregorin e os outros chegarem até nós, Viajaremos para onde as carroças estão esperando o mais rápido que pudermos.” Bashere assentiu sem falar e se virou na chuva.

Eu perdi, Rand pensou estupidamente. *Sou o Dragão Renascido, mas pela primeira vez perdi.*

De repente, Lews Therin enfureceu-se dentro dele, as escavações astutas esquecidas. *Eu nunca fui derrotado*, ele rosnou. *Eu sou o Senhor da Manhã! Ninguém pode me derrotar!*

Rand sentou na chuva, girando a Coroa de Espadas em suas mãos, olhando para *Callandor* jogada na lama. E deixou Lews Therin se enfurecer.

* * *

Abaldar Yulan chorou, grato pela chuva que escondia as lágrimas em seu rosto. Alguém teria que dar a ordem. Eventualmente, alguém teria que se desculpar com a Imperatriz, que ela vivesse para sempre, e talvez com Suroth ainda mais cedo. Mas não foi por isso que ele chorou, nem mesmo por um camarada morto. Rasgando grosseiramente uma manga de seu casaco, ele a colocou sobre os olhos arregalados de Miraj para que a chuva não caísse neles.

“Envie ordens para a retirada,” Yulan ordenou, e viu os homens em pé ao redor dele estremecerem. Pela segunda vez naquelas margens, o Exército Sempre Vitorioso sofrera uma derrota devastadora, e Yulan não achava que fosse o único a chorar.



CAPÍTULO

25



Um Retorno Indesejado

Sentada atrás de sua escrivaninha dourada, Elaida manuseou uma escultura de marfim escuro e envelhecido de um estranho pássaro com um bico tão comprido quanto o corpo e ouviu com alguma diversão as seis mulheres de pé do outro lado da mesa. Cada uma deles Votante para sua Ajah, elas franziam a testa uma para a outra, mexiam chinelos de veludo no tapete brilhantemente estampado que cobria a maior parte dos ladrilhos avermelhados, se contorciam em xales trançados como vinhas para que as franjas coloridas dançassem, e geralmente pareciam e soavam como um bando de servas rabugentas, desejando ter coragem de atacar a garganta umas das outras na frente de sua patroa. O gelo cobria os caixilhos de vidro encaixados nas janelas, de modo que dificilmente era possível ver a neve rodopiando lá fora, embora às vezes os ventos uivassem com uma fúria gelada. Elaida estava bem quente, e não apenas pelas grossas toras que ardiam na lareira de mármore branco. Quer essas mulheres soubessem ou não — bem, Duhara sabia, com certeza, e talvez as outras soubessem — ela era sua ama. O elaborado relógio de caixa coberto de ouro que Cemaile havia encomendado tiquetaqueou. O sonho perdido de Cemaile se tornaria

realidade; a Torre voltaria à sua glória. E firmemente nas mãos capazes de Elaida do Avriny a'Roihan.

"Nunca foi encontrado nenhum *ter'angreal* que possa 'controlar' a canalização de uma mulher", Velina estava dizendo em uma voz fria e precisa, mas quase feminina e aguda, uma voz em forte desacordo com seu nariz de bico de águia e seus afiados olhos inclinados. Ela tomava assento ali para a Ajah Branca, e era o próprio modelo de uma irmã Branca, em tudo, menos em sua aparência feroz. Seu vestido liso e nevado parecia rígido e frio. "Muito poucos já foram encontrados que desempenham a mesma função. Portanto, logicamente, se tal *ter'angreal* fosse encontrado, ou mais de um, por mais improvável que fosse, não poderia haver um número suficiente deles para controlar mais de duas ou três mulheres no máximo. Isso quer dizer que os relatos sobre esses chamados Seanchan são enormemente exagerados. Se existem mulheres com 'coleiras', elas não podem canalizar. Claramente não. Eu não nego que essas pessoas detêm Ebou Dar, e Amador, e talvez mais, mas claramente elas são apenas uma criação de Rand al'Thor, talvez para assustar as pessoas e fazê-las se unir a ele. Como este Profeta dele. É uma lógica simples."

"Estou muito feliz que você não nega Amador e Ebou Dar, pelo menos, Velina," Shevan disse secamente. E ela poderia estar muito seca mesmo. Tão alta quanto a maioria dos homens, e ossuda desta forma, a Votante Marrom tinha um rosto anguloso e um queixo comprido, não melhorado por uma touca de cachos. Com dedos de aranha, ela reorganizou seu xale e alisou as saias de seda dourada escura, e sua voz assumiu uma diversão aguda. "Estou desconfortável em dizer o que pode e o que não pode ser. Por exemplo, há pouco tempo, todos "sabiam" que apenas uma blindagem tecida por uma irmã poderia impedir uma mulher de canalizar. Então vem uma erva simples, a forquilha, e qualquer um pode lhe dar um chá que a deixa incapaz como uma pedra de canalizar por horas. Útil com rebeldes Bravias ou coisas do gênero,

suponho, mas uma surpresa desagradável para quem pensava que sabia tudo, não é? Talvez em algum tempo, alguém aprenda a fazer *ter'angreal* novamente.”

A boca de Elaida se apertou. Ela não se preocupava com impossibilidades, e se nenhuma irmã havia conseguido redescobrir a fabricação de *ter'angreal* em três mil anos, nunca se conseguiria e pronto. Foi o conhecimento que escorregou por entre os dedos quando ela queria que ficasse perto da língua enrolada de Elaida. Apesar de todos os seus esforços, até a última noviça na Torre tinha descoberto sobre a forquilha, agora. Ninguém deveria saber, para dizer o mínimo. Ninguém gostaria de ficar vulnerável, de repente, a alguém com conhecimento de ervas e um pouco de água quente. Esse conhecimento era pior que veneno, como as Votantes ali deixaram claro.

À menção da erva, os olhos grandes e escuros de Duhara ficaram inquietos em seu rosto acobreado, e ela se manteve mais rígida do que de costume, as mãos segurando as saias tão vermelhas que pareciam quase pretas. Sedore realmente engoliu em seco, e seus dedos apertaram a pasta de couro trabalhado que Elaida lhe entregara, embora a Amarela de rosto redondo geralmente se comportasse com uma elegância gelada. Andaya estremeceu! Ela realmente enrolou seu xale de franjas cinzas ao redor de si convulsivamente.

Elaida se perguntou o que elas fariam se soubessem que os Asha'man haviam redescoberto como Viajar. Do jeito que estava, elas mal conseguiam se fazer falar deles. Pelo menos ela conseguiu manter esse conhecimento restrito a poucas.

“Acho que podemos nos preocupar melhor com o que sabemos ser verdade, certo?” Andaya disse com firmeza, de volta ao controle de si mesma. Seu cabelo castanho claro, escovado até brilhar, pendia solto pelas costas, e seu vestido azul com bordas prateadas era cortado no estilo de Andor, mas Tarabon ainda aparecia fortemente

em sua língua. Embora nem particularmente pequena nem particularmente magra, ela de alguma forma sempre lembrava a Elaida um pardal prestes a pular em um galho. Uma negociadora de aparência muito improvável, embora sua reputação tivesse sido conquistada. Ela sorriu para as outras, não muito agradavelmente, e isso também parecia um pardal. Talvez fosse como ela posicionava a cabeça. “Especulação ociosas desperdiçam um tempo precioso. O mundo está por um fio, e eu mesma não desejo desperdiçar horas valiosas tagarelando sobre suposta lógica ou tagarelando sobre o que todo tolo e noviça sabe. Alguém tem algo útil a dizer?” Para um pardal, ela poderia colocar ácido em suas palavras. O rosto de Velina ficou vermelho e o de Shevan escureceu.

Rubinde torceu os lábios para a Cinza. Talvez eles fossem feitos para sorrir, mas apenas pareciam se contorcer. Com cabelos negros e olhos como safiras, a mayena geralmente parecia que pretendia atravessar uma parede de pedra, e plantando os punhos nos quadris agora, ela parecia pronta para atravessar duas. “Nós lidamos com o que podemos por enquanto, Andaya. A maior parte, de qualquer maneira. As rebeldes foram apanhadas pela neve em Murandy, e vamos tornar o inverno quente o suficiente para que na primavera elas voltem rastejando para se desculpar e implorar penitência. Tear será cuidada assim que descobrirmos para onde o Lorde Supremo Darlin desapareceu, e Cairhien assim que tirarmos Caraline Damodred e Toram Riatin de seus esconderijos. Al'Thor tem a coroa de Illian no momento, mas isso está em andamento. Então, a menos que você tenha um esquema para enfiar o homem na Torre ou fazer esses chamados Asha'man' desaparecerem, eu tenho negócios da minha Ajah para tratar.”

Andaya se ergueu, suas penas bem verdadeiramente eriçadas. Ao falar daquilo, os olhos de Duhara se estreitaram; a menção de homens que podiam canalizar sempre acendia fogos em sua cabeça. Shevan estalou a língua como se as crianças estivessem brigando — embora parecesse satisfeita em ver isso — e Velina franziu a testa,

por algum motivo certo de que Shevan tinha mirado nela. Isso era divertido, mas estava fora de controle.

“Os negócios das Ajahs são importantes, filhas.” Elaida não levantou a voz, mas todas as cabeças se voltaram para ela. Ela substituiu a escultura de marfim pelo resto de sua coleção na grande caixa coberta de rosas e pergaminhos dourados, ajustou cuidadosamente as posições de seu estojo de escrita e caixa de correspondência para que as três caixas lacadas ficassem alinhadas sobre a mesa, e uma vez que o silêncio delas foi perfeito, ela continuou. “O negócio da Torre é *mais* importante, no entanto. Confio que vocês efetuarão meus decretos prontamente. Vejo muita preguiça na Torre. Temo que Silviana fique muito ocupada se as coisas não derem certo logo.” Ela não expressou mais nenhuma ameaça. Apenas sorriu.

“Como você ordenar, Mãe”, murmuraram seis vozes não tão firmes quanto suas donas poderiam desejar. Até o rosto de Duhara estava pálido enquanto elas faziam suas reverências. Duas Votantes tinham sido despojadas de suas cadeiras, e meia dúzia tinha cumprido dias de trabalho por penitência — o que era suficientemente humilhante em sua posição, que algo além disso seria Mortificação do Espírito; Shevan e Sedore certamente estavam de boca fechada, pois se lembravam muito bem de esfregar o chão e trabalhar nas lavanderias, mas nenhuma havia sido enviada a Silviana para Mortificação da Carne. Ninguém queria ser. A Mestra das Noviças recebia duas ou três visitas por semana de irmãs que recebiam penitência de suas Ajahs ou estabeleciam uma para si mesmas — uma dose da correia, por mais dolorosa que fosse, era feita com muito mais rapidez do que varrer os caminhos do jardim por um mês —, mas Silviana possuía consideravelmente menos misericórdia com as irmãs do que com as noviças e Aceitas sob seu controle. Mais de uma irmã deve ter passado os próximos dias se perguntando se um mês puxando um ancinho poderia não ter sido preferível, afinal.

Elas correram em direção às portas, ansiosas para ir embora. Votantes ou não, ninguém teria pisado tão alto na Torre sem a convocação direta de Elaida. Manuseando sua estola listrada, Elaida deixou seu sorriso se tornar um de prazer. Sim, ela era a ama da Torre Branca. Como era próprio do Trono de Amyrlin.

Antes que aquele bando de Votantes de passos rápidos chegasse à porta, a porta da esquerda se abriu e Alviarin entrou, a estreita estola branca da Guardiã quase desaparecendo contra um vestido de seda que fazia o de Velina parecer encardido.

Elaida sentiu seu sorriso ficar torto e começar a escorregar de seu rosto. Alviarin tinha uma única folha de pergaminho em uma mão fina. Estranho o que alguém podia notar em um tempo como este. A mulher havia sumido por quase duas semanas, sumiu da Torre sem uma palavra ou aviso, sem que ninguém sequer a visse partir, e Elaida começara a ter pensamentos afetuosos sobre Alviarin caída em um banco de neve, ou arrastada por um rio, deslizando sob o gelo.

As seis Votantes pararam, incertas, quando Alviarin não saiu do caminho. Mesmo uma Guardiã com influência de Alviarin não impedia Votantes. Embora Velina, normalmente a mulher mais controlada da Torre, se encolhesse por algum motivo. Alviarin olhou uma vez para Elaida, friamente, estudou as Votantes por um momento e entendeu tudo.

"Acho que você deveria deixar isso comigo", disse ela a Sedore em um tom apenas uma fração mais quente do que a neve lá fora. "A Mãe gosta de considerar cuidadosamente seus decretos, como você sabe. Esta não seria a primeira vez que ela muda de ideia depois de assinar." Ela estendeu uma mão fina.

Sedore, cuja arrogância era notável mesmo entre as Amarelos, mal hesitou antes de lhe entregar a pasta de couro.

Elaida rangeu os dentes em fúria. Sedore a odiou por cinco dias quando ficou metida até os cotovelos em água quente e tábuas de

esfregar. Elaida encontraria algo menos confortável para ela da próxima vez. Talvez Silviana, afinal. Talvez limpar as fossas!

Alviarin afastou-se sem dizer uma palavra, e as Votantes se foram, ajeitando os xales, resmungando para si mesmas, retomando a dignidade do Salão. Rapidamente, Alviarin fechou a porta atrás delas e caminhou em direção a Elaida folheando os papéis da pasta. Os decretos que ela havia assinado esperando que Alviarin estivesse morta. Claro, ela não tinha confiado na esperança. Não havia falado com Seaine, para o caso de alguém ver e contar a Alviarin quando ela voltasse, mas Seaine certamente estava trabalhando conforme as instruções, seguindo o caminho da traição que certamente levaria a Alviarin Freidhen. Mas Elaida tinha esperança. Ah, como ela tinha.

Alviarin murmurou para si mesma enquanto vasculhava a pasta. “Isso pode passar, eu suponho. Mas não isso. Ou isto. E certamente não isso!” Ela amassou um decreto, assinado e selado pelo Trono de Amyrlin, e o jogou no chão com desprezo. Parando ao lado da cadeira dourada de Elaida, com a Chama de Tar Valon em pedras da lua no alto de seu encosto, ela bateu a pasta e seu próprio pergaminho sobre a mesa. E então deu um tapa no rosto de Elaida com tanta força que ela viu manchas pretas.

“Achei que tínhamos resolvido isso, Elaida.” A voz da mulher monstruosa fez a tempestade de neve lá fora parecer quente. “Eu sei como salvar a Torre de seus erros, e não quero que você faça novos pelas minhas costas. Se persistir, tenha certeza de que a verei deposta, quieta e uivando sob a bétula diante de todas as noviças e até dos serviçais!”

Com esforço, Elaida manteve a mão longe do rosto. Ela não precisava de um espelho para lhe dizer que estava vermelho. Tinha que ser cuidadosa. Seaine ainda não havia encontrado nada, ou teria vindo. Alviarin poderia abrir a boca diante do Salão e revelar todo o sequestro desastroso do menino al’Thor. Ela poderia vê-la deposta, quieta e sob bétula só com isso, mas Alviarin tinha outra corda em

seu arco. Toveine Gazal liderava cinquenta irmãs e duzentos homens da Guarda da Torre contra uma Torre Negra. Ela tinha certeza, quando deu as ordens, de ter talvez dois ou três homens que pudessem canalizar. No entanto, mesmo com as centenas — centenas! Com Alviarin olhando friamente para ela, esse pensamento ainda fazia o estômago de Elaida coagular! — mesmo com centenas desses Asha'man, ela tinha esperança em Toveine. A Torre Negra seria rasgada em fogo e sangue, ela previra, e as irmãs caminhariam por seus terrenos. Certamente isso significava que, de alguma forma, Toveine triunfaria. Além disso, o resto da Predição havia dito a ela que a Torre recuperaria todas as suas antigas glórias sob o comando dela, que o próprio al'Thor iria se abalar com a raiva dela. Alviarin ouvira as palavras saindo da boca de Elaida quando a Predição a tomou. E ela não se lembrava mais tarde, quando começou sua chantagem; não havia entendido sua própria condenação. Elaida esperava com paciência. Retribuiria a mulher três vezes! Mas ela poderia ser paciente. Por enquanto.

Sem fazer nenhuma tentativa de esconder seu escárnio, Alviarin empurrou a pasta para o lado e colocou o único pergaminho na frente de Elaida. Ela abriu o estojo de escrita verde e dourado, mergulhou a caneta de Elaida no tinteiro e a empurrou para ela. "Assine."

Elaida pegou a caneta imaginando em que loucura ela estaria colocando seu nome desta vez. Mais um aumento na Guarda da Torre, quando as rebeldes estariam acabadas antes de cegar lá, haveria qualquer utilidade para os soldados? Outra tentativa de fazer as Ajahs revelarem publicamente quais irmãs as chefiavam? Isso certamente falhava por si só! Lendo rapidamente, ela sentiu um nó de gelo crescer em sua barriga e continuar crescendo. Dar a cada Ajah autoridade final sobre qualquer irmã em seus domínios, independentemente de sua própria Ajah, tinha sido a pior insanidade até agora — como destruir o próprio tecido da Torre poderia salvá-la? — mas isso!

O mundo agora sabe que Rand al'Thor é o Dragão Renascido. O mundo sabe que ele é um homem que pode tocar o Poder Único. Tais homens estão sob a autoridade da Torre Branca desde tempos imemoriais. Ao Dragão Renascido é concedida a proteção da Torre, mas quem tentar aproximar-se dele, salvo através da Torre Branca, será acusado de traição à Luz, e anátema é pronunciado contra eles agora e para sempre. O mundo pode ficar tranquilo sabendo que a Torre Branca guiará com segurança o Dragão Renascido à Última Batalha e ao inevitável triunfo.

Automaticamente, entorpecida, ela acrescentou “da Luz” depois de “triunfo”, mas então sua mão congelou. Reconhecer publicamente al'Thor como o Dragão Renascido podia ser suportado, uma vez que ele era de verdade, e isso poderia levar muitos a aceitar os rumores de que ele já havia se ajoelhado para ela, o que seria útil, mas quanto ao resto, ela não podia acreditar tanto danos podiam ser contidos em tão poucas palavras.

“A Luz tenha misericórdia,” ela respirou fervorosamente. “Se isso for proclamado, será impossível convencer al'Thor de que seu sequestro não foi autorizado.” Já seria bastante difícil sem aquilo, mas ela já tinha visto pessoas convencidas de que o que tinha acontecido, não tinha acontecido, e elas estavam no meio da coisa acontecendo. “E ele estará dez vezes em guarda contra outra tentativa. Alviarín, na melhor das hipóteses, isso assustará alguns de seus seguidores. Na melhor!” Muitos provavelmente tinham ido tão fundo com ele que não ousavam tentar voltar. Certamente, não se eles pensassem que o anátema já pairava sobre suas cabeças! “Eu poderia muito bem atear fogo na Torre com minha própria mão ao assinar isso!”

Alviarín suspirou impaciente. “Você não esqueceu seu catecismo, não é? Diga para mim, como eu te ensinei.”

Os lábios de Elaida se comprimiram por vontade própria. Um prazer na ausência da mulher — não o maior, mas um prazer muito real — foi não ser forçada a repetir essa ladainha vil todos os dias. “Vou fazer o que me manda”, disse ela finalmente, com uma voz monótona. Ela era o Trono de Amyrlin! “Falarei as palavras que você me disser para falar, e nada mais.” Sua Predição ordenava seu triunfo, mas, ah, Luz, que viesse logo! “Vou assinar o que você me disser para assinar, e nada mais. Eu sou...” Ela engasgou com a última parte. “Sou obediente à sua vontade.”

“Você soa como se precisasse ser lembrada da verdade disso”, disse Alviarín com outro suspiro. “Acho que deixei você sozinha por muito tempo.” Ela bateu no pergaminho com um dedo peremptório. “Assine.”

Elaida assinou, arrastando a caneta pelo pergaminho. Não havia mais nada que pudesse fazer.

Alviarín mal esperou que a ponta da caneta se levantasse antes de pegar o decreto. “Vou selar isso eu mesma”, disse ela, dirigindo-se para a porta. “Eu não deveria ter deixado o selo de Amyrlin onde você poderia encontrá-lo. Quero falar com você mais tarde. Deixei você sozinha por muito tempo. Esteja aqui quando eu voltar.”

“Mais tarde?” disse Elaida. “Quando? Alviarín? Alviarín?”

A porta se fechou atrás da mulher, deixando Elaida fumegando. Estar lá quando Alviarín voltasse! Confinada em seus aposentos como uma noviça nas celas de punição!

Por um tempo, ela manuseou sua caixa de correspondência, com seus falcões dourados lutando entre nuvens brancas em um céu azul, mas não conseguiu abri-la. Sem Alviarín, aquela caixa começara mais uma vez a conter cartas e relatórios importantes, não apenas os restos de mesa que Alviarín deixava cair para ela, mas com o retorno da mulher, poderia muito bem estar vazia. Levantando-se, ela começou a reorganizar as rosas em seus vasos brancos, cada

uma em cima de um pedestal de mármore branco em um canto da sala. Rosas azuis; as mais raras.

De repente, percebeu que estava olhando para um caule de rosa quebrado em suas mãos, partido em dois. Meia dúzia mais cobria os ladrilhos do chão. Ela fez um som irritado em sua garganta. Estava pensando em suas mãos em volta da garganta de Alviarin. Não era a primeira vez que ela pensava em matar a mulher. Mas Alviarin teria tomado precauções. Documentos lacrados, para serem abertos caso algo de impróprio acontecesse, sem dúvida haviam sido deixados com as irmãs que Elaida menos suspeitaria. Essa fora sua única preocupação real durante a ausência de Alviarin, que outra pessoa pudesse pensar que a mulher estava morta e apresentar a evidência que tiraria a estola de seus ombros. Mais cedo ou mais tarde, porém, de uma forma ou de outra, Alviarin estaria acabada, tão certo quanto aquelas rosas...

“Você não atendeu minha batida, Mãe, então eu entrei,” uma mulher disse rispidamente atrás dela.

Elaida se virou, pronta para esfolar com a língua, mas ao ver a mulher atarracada de rosto quadrado em um xale de franjas vermelhas de pé dentro do cômodo, o sangue sumiu de suas próprias bochechas.

“A Guardiã disse que você queria falar comigo,” Silviana disse irritada. “Sobre uma penitência privada.” Mesmo para o Trono de Amyrlin, ela não fez nenhum esforço para esconder seu desgosto. Silviana considerava a penitência privada uma afetação ridícula. A penitência era pública; apenas a punição ocorria em privado. “Ela também me pediu para lembrá-la de algo, mas saiu correndo antes de dizer o quê.” Ela terminou com uma bufada. Silviana via qualquer coisa que tirasse tempo de suas noviças e Aceitas como interrupção desnecessária.

“Acho que me lembro”, Elaida disse a ela estupidamente.

Quando Silviana finalmente foi embora — depois de apenas meia hora pelas badaladas do relógio de Cemaile, mas uma eternidade sem fim — tudo o que impediu Elaida de chamar o Salão para se sentar imediatamente, para que ela pudesse exigir que Alviarin fosse despojado da estola de Guardiã, foi a certeza de sua Predição e a certeza de que Seaine traçaria esse rastro de traição até Alviarin. Isso, e o fato certo de que, quer Alviarin caísse ou não no confronto, ela mesma definitivamente cairia. Assim, Elaida do Avriny a'Roihan, Guardiã dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin, certamente a governante mais poderoso da mundo, deitou-se de bruços em sua cama e chorou em seus travesseiros, muito mole para vestir a camisola que estava jogado no chão, certa de que, quando Alviarin voltasse, a mulher insistiria para que ela ficasse sentada durante toda a entrevista. Ela chorou e, em meio às lágrimas, rezou para que a queda de Alviarin viesse logo.

“Eu não disse para você ter Elaida... espancada,” aquela voz de sinos de cristal disse. “Você se eleva acima de si mesma?”

Alviarin se jogou de joelhos sobre a barriga diante da mulher que parecia feita de sombras escuras e luz prateada. Agarrando a bainha do vestido de Mesaana, ela o lotou de beijos. A trama da Ilusão — devia ser aquilo, embora ela não pudesse ver um único fio de *saidar* mais do que podia sentir a capacidade de canalizar na mulher que estava sobre ela — não aguentou completamente, com ela movendo freneticamente a borda da saia. Cintilações de seda bronze com uma borda fina de arabescos pretos intrincadamente bordados apareciam.

“Eu vivo para servir e obedecer a você, Grande Mestra,” Alviarin ofegou entre beijos. “Sei que estou entre os mais baixos dos baixos, um verme em sua presença, e rezo apenas por seu sorriso.” Ela havia sido punida uma vez por “se elevar acima de si mesma” — não por desobediência, graças ao Grande Senhor das Trevas! — e ela sabia

que quaisquer que fossem os uivos que Elaida estivesse soltando naquele momento, eles não poderiam ser tão altos quanto os dela.

Mesaana deixou o beijo continuar por algum tempo e finalmente sinalizou o fim ao erguer o rosto de Alviarin com a ponta de um chinelo sob o queixo. “O decreto saiu”. Não era uma pergunta, mas Alviarin respondeu apressadamente.

“Sim, Grande Senhora. As cópias foram para o Porto Norte e o Porto Sul antes mesmo de eu ter Elaida assinando. Os primeiros mensageiros se foram e nenhum mercador sairá da cidade sem cópias para distribuir.” Mesaana sabia de tudo isso, é claro. Ela sabia de tudo. Uma cãibra apertou a nuca desajeitadamente esticada de Alviarin, mas ela não se mexeu. Mesaana diria a ela quando se mexer. “Grande Mestra, Elaida é uma casca vazia. Com toda humildade, não seria melhor fazer tudo sem a necessidade de usá-la?” Ela prendeu a respiração. Perguntas podiam ser perigosas com os Escolhidos.

Um dedo prateado com unhas de sombra tocou os lábios prateados franzidos em um sorriso divertido. “Melhor se você usar a estola de Amyrlin, criança?” Mesaana disse finalmente. “Uma ambição pequena o suficiente para caber em você, mas tudo em seu tempo. Por enquanto, tenho uma pequena tarefa para você. Apesar de todos os muros que foram erguidos entre as Ajahs, as cabeças das Ajahs parecem se encontrar com uma frequência surpreendente. Por acaso, elas fazem parecer. Todas menos a Vermelha, pelo menos; uma pena que Galina tenha se matado, ou ela poderia lhe dizer do que se trata. Muito provavelmente é trivial, mas você descobrirá por que elas mostram os dentes uma para a outra em público e depois sussurram juntas em particular.

“Eu ouço e obedeço, Grande Mestra”, respondeu Alviarin prontamente, grata por Mesaana considerar isso sem importância. O grande “segredo” de quem chefiava as Ajahs não era nada para ela — cada irmã Negra era obrigada a retransmitir ao Conselho

Supremo cada sussurro dentro de sua suposta Ajah — mas apenas Galina entre elas havia sido Negra. Isso significava interrogar a irmã Negras entre as Votantes, o que significava percorrer todas as camadas entre elas e ela. Isso levaria tempo, e sem qualquer certeza de sucesso. Exceto por Ferane Neheran e Suana Dragand, que eram as chefes de suas Ajahs, Votantes raramente parecia saber o que a chefe de sua Ajah estava pensando até que lhes dissessem. "Eu vou te dizer assim que eu descobrir, Grande Mestra."

Mas ela arquivou um boato para si mesma. Trivial ou não, Mesaana não sabia de tudo o que acontecia na Torre Branca. E Alviarin manteria os olhos abertos para uma irmã com saias de bronze bordadas na bainha com arabescos pretos. Mesaana estava se escondendo na Torre, e conhecimento era poder.



CAPÍTULO

26



O Pouco Extra

Seaine percorreu os corredores da Torre com uma sensação crescente de ser confundida a cada passo. A Torre Branca era bem grande, é verdade, mas ela estava nisso há horas. Queria muito estar confortável em seus próprios quartos. Apesar dos caixilhos instalados em todas as janelas, as correntes de ar fluíam pelos amplos corredores cobertos de tapeçarias e faziam as lâmpadas piscarem. Correntes frias e difíceis de ignorar quando deslizavam sob suas saias. Seus quartos eram quentes e confortáveis, e seguros.

As empregadas faziam medidas e as criadas faziam reverências em seu rastro, parcialmente vistos e completamente ignorados. A maioria das irmãs estava nos aposentos de suas próprias Ajahs, e aquelas poucas circulavam com orgulho cauteloso, muitas vezes em pares, sempre da mesma Ajah, tinham xales estendidos ao longo dos braços e exibidos como estandartes. Ela sorriu e acenou agradavelmente para Talene, mas a escultural Votante de cabelos dourados retribuiu um olhar duro, beleza esculpida no gelo, então se afastou estremecendo seu xale de franjas verdes.

Era tarde demais agora para abordar Talene sobre fazer parte da busca, mesmo que Pevara tivesse concordado. Pevara aconselhou cautela, depois mais cautela, e para dizer a verdade, Seaine estava

mais do que disposta a ouvir, dadas as circunstâncias. Era só que Talene era uma amiga. Tinha sido uma amiga.

Talene não era a pior. Várias irmãs comuns a cheiraram abertamente. Uma Votante! Nenhuma Branca, é claro, mas isso não deveria ter feito diferença. Não importa o que estivesse acontecendo na Torre, as conveniências deveriam ser observadas. Juilaine Madome, uma mulher alta e atraente, de cabelos pretos curtos e que detinha um assento para a Marrom há menos de um ano, passou por ela sem sequer um murmúrio de desculpas e saiu com aqueles seus passos masculinos. Saerin Asnobar, outra Votante Marrom, fez uma carranca feroz para Seaine e tocou a faca curva que ela sempre carregava atrás do cinto antes de desaparecer por um corredor lateral. Saerin era altarana, leves toques de branco em suas têmporas escuras enfatizando uma fina cicatriz branca desbotada pela idade em uma bochecha verde-oliva, e apenas um Guardião poderia igualá-la em carranca.

Talvez essas coisas fossem todas esperadas. Houve vários incidentes infelizes recentemente, e nenhuma irmã se esqueceria de ser expulsa sem cerimônia dos corredores ao redor dos aposentos de outra Ajah, muito menos do que às vezes acontecia com isso. Os rumores diziam que uma Votante — uma Votante! — teve mais do que sua dignidade abalada pelas Vermelhas, embora não por quem. Uma pena que o Salão não pudesse obstruir o decreto louco de Elaida, mas primeiro uma Ajah, depois outra, saltou sobre as novas prerrogativas, poucas Votantes estavam dispostas a pensar em desistir deles agora que estavam no lugar, e o resultado foi uma Torre quase dividida em campos armados. Uma vez Seaine pensou que o ar na Torre parecia uma geleia quente e trêmula de suspeita e calúnia; agora era uma geleia quente trêmula com uma mordida ácida.

Estalando a língua em irritação, ela ajustou seu próprio xale de franjas brancas enquanto Saerin desaparecia. Era ilógico recuar porque uma altarana fez uma careta — mesmo Saerin não iria mais

longe; certamente não — e mais do que ilógico se preocupar com o que não podia mudar quando tinha uma tarefa.

E então, depois de toda a sua busca naquela manhã, ela deu um único passo e viu sua caçada há muito procurada caminhando em sua direção. Zerah Dacan era uma garota esbelta, de cabelos pretos, com um ar orgulhoso, apropriadamente autocontrolada e, por todas as evidências externas, intocada pelas correntes quentes que fluíam pela Torre nos dias de hoje. Bem, não exatamente uma garota, mas Seaine tinha certeza de que ela ainda não usava aquele xale de franjas brancas há cinquenta anos. Ela era inexperiente. Relativamente inexperiente. Isso podia ajudar.

Zerah não fez nenhum movimento para evitar uma Votante de sua própria Ajah, curvando a cabeça em respeito quando Seaine se colocou ao lado dela. Um monte de bordados dourados intrincados subia pelas mangas de seu vestido de neve e formavam uma faixa larga na parte inferior de sua saia. Era um grau incomum de exibição para a Ajah Branca. “Votante” ela murmurou. Seus olhos azuis tinham um toque de preocupação?

"Eu preciso de você para uma coisa", disse Seaine com mais calma do que sentia. Muito provavelmente ela estava transplantando seus próprios sentimentos para os grandes olhos de Zerah. "Venha comigo." Não havia nada a temer, não no coração da Torre Branca, mas manter as mãos cruzadas na cintura, abertas, exigia um esforço surpreendente.

Como esperado — como ela tinha esperança — Zerah foi junto com apenas outro murmúrio, este de aquiescência. Ela deslizou para o lado de Seaine graciosamente enquanto desciam amplas escadarias de mármore e amplas rampas curvas, e fez apenas uma leve carranca quando Seaine abriu uma porta no térreo, para escadas estreitas que desciam em espiral na escuridão.

"Depois de você, irmã", disse Seaine, canalizando uma pequena bola de luz. Por protocolo, ela deveria ter precedido a outra mulher, mas não conseguiu fazer isso.

Zerah não hesitou em descer. Logicamente, ela não tinha nada a temer de uma Votante, uma Votante Branca. Logicamente, Seaine lhe diria o que ela queria quando chegasse a hora, e não seria nada que ela não pudesse fazer. Ilogicamente, o estômago de Seaine tremeu como uma mariposa enorme. Luz, ela segurou *saidar* e a outra mulher não. Zerah era mais fraca em qualquer caso. Não havia nada a temer. O que não fez nada para acalmar aquelas asas esvoaçantes em seu ventre.

Desceram cada vez mais, passando por portas que davam para porões e subsolos, até chegarem ao nível mais baixo, abaixo até mesmo de onde as Aceitas eram testadas. O corredor escuro era iluminado apenas pela pequena luz de Seaine. Eles seguravam suas saias no alto, mas seus chinelos levantavam pequenas nuvens de poeira por mais cuidadosamente que eles pisassem. Portas de madeira simples revestiam as paredes de pedra lisa, muitas com grandes pedaços de ferrugem como dobradiças e fechaduras.

"Votante," Zerah perguntou, finalmente mostrando dúvida, "o que podemos buscar aqui embaixo? Eu não acredito que alguém tenha vindo tão fundo em anos."

Seaine tinha certeza de que sua própria visita, alguns dias antes, tinha sido a primeira a esse nível em pelo menos um século. Essa foi uma das razões pelas quais ela e Pevara o escolheram. "Bem aqui", disse ela, abrindo uma porta que se moveu com apenas um pequeno guincho. Nenhuma quantidade de óleo poderia soltar toda a ferrugem, e os esforços para usar o Poder foram inúteis. Suas habilidades com a Terra eram melhores que as de Pevara, mas isso não significava muito.

Zerah entrou e piscou surpresa. Em uma sala vazia, Pevara estava sentada atrás de uma mesa robusta, embora bastante gasta, com

três pequenos bancos ao redor. Descer aquelas poucas peças sem ser vista tinha sido difícil, especialmente quando os servos não eram confiáveis. Limpar a poeira tinha sido muito mais simples, se não mais agradável, e alisar a poeira no corredor do lado de fora, necessário após cada visita, tinha sido simplesmente oneroso.

“Eu estava prestes a desistir de ficar sentada aqui no escuro,” Pevara rosnou. O brilho de *saidar* a rodeou quando ela ergueu uma lanterna debaixo da mesa e a acendeu, lançando tanta iluminação quanto o antigo depósito de paredes ásperas merecia. Um tanto roliça e normalmente bonita, a Votante Vermelha parecia um urso com dois dentes doloridos. “Queremos fazer algumas perguntas, Zerah.” E ela blindou a mulher quando Seaine fechou a porta.

O rosto sombrio de Zerah permaneceu totalmente calmo, mas ela engoliu em seco. “Sobre o quê, Votantes?” Havia o mais leve tremor na voz da mulher mais jovem também. Poderia ser simplesmente o clima da Torre, no entanto.

“A Ajah Negra”, Pevara respondeu secamente. “Queremos saber se você é uma Amiga das Trevas.”

O espanto e a indignação destruíram a calma de Zerah. A maioria teria tomado isso como negação suficiente sem que ela dissesse “Eu não tenho que aguentar isso de você! Vocês Vermelhas têm criado falsos Dragões há anos! Se você me perguntar, não há necessidade de procurar além dos aposentos Vermelhos para encontrar as irmãs Negras!”

O rosto de Pevara escureceu de fúria. Sua lealdade a sua Ajah era forte, o que nem era preciso dizer, mas pior, ela havia perdido toda a sua família para os Amigos das Trevas. Seaine decidiu intervir antes que Pevara recorresse à força bruta. Elas não tinham provas. Ainda não.

“Sente-se, Zerah,” ela disse com tanto calor quanto conseguiu reunir. “Sente-se, irmã.”

Zerah virou-se para a porta como se fosse desobedecer a uma ordem de uma Votante — e de sua própria Ajah! —, mas por fim ela se acomodou em um dos bancos, rigidamente, sentada bem na beirada.

Antes que Seaine terminasse de se sentar, o que colocava Zerah entre elas, Pevara colocou o Bastão dos Juramentos branco-marfim sobre a mesa surrada. Seaine suspirou. Eram Votantes, com todo o direito de usar qualquer *ter'angreal* que quisessem, mas fora ela quem o furtara — não podia deixar de pensar nisso como furto quando não seguira nenhum dos procedimentos apropriados — e o tempo todo, na parte de trás de sua cabeça, tinha certeza de que se viraria para encontrar Sereille Bagand, morta há muito tempo, de pé ali, pronta para levá-la ao escritório da Mestra das Noviças pela orelha. Irracional, mas não menos real.

"Queremos ter certeza de que você diz a verdade", disse Pevara, ainda soando como um urso bravo, "então você vai jurar sobre isso, e então eu pergunto de novo."

"Eu não deveria ser submetida a isso," Zerah disse com um olhar acusador para Seaine, "mas vou jurar novamente todos os Juramentos, se isso for o que você precisa para satisfazê-la. E vou exigir um pedido de desculpas de vocês *duas*, depois." Ela mal soava como uma mulher blindada e a que tinha sido feita tal demanda. Quase com desprezo, ela pegou o bastão fino de trinta centímetros. Ele brilhou na luz fraca da lanterna.

"Você vai jurar obedecer a nós duas absolutamente", disse Pevara, e aquela mão foi puxada para trás como se fosse uma víbora enrolada. Pevara seguiu em frente, chegando a deslizar o Bastão para mais perto da mulher com dois dedos. "Dessa forma, podemos dizer-lhe para responder com verdade e saber que o fará, e se você der a resposta errada, podemos saber que você será obediente e prestativa para nos ajudar a caçar suas irmãs Negras. O Bastão pode ser usado para libertá-la do juramento, se você der a resposta certa."

"Liberar, libertar-?" exclamou Zera. "Nunca ouvi falar de ninguém que tenha sido dispensada de juramento no Bastão dos Juramentos."

"É por isso que estamos tomando todas essas precauções", disse Seaine. "Logicamente, uma irmã Negra deve ser capaz de mentir, o que significa que ela deve ter sido libertada pelo menos daquele Juramento e provavelmente dos três. Pevara e eu testamos e descobrimos que o procedimento é muito parecido com um juramento." Ela não mencionou como tinha sido doloroso, porém, deixando as duas chorando. Ela também não mencionou que Zerah não seria libertada de seu juramento qualquer que fosse sua resposta, não até que a busca pela Ajah Negra chegasse a uma conclusão. Por um lado, ela não poderia fugir e reclamar desse interrogatório, o que ela certamente faria, com todo o direito, se não fosse do Negra. Apenas se.

Luz, mas Seaine desejou ter encontrado uma irmã de outra Ajah que se encaixasse nos critérios que haviam estabelecido. Uma Verde ou uma Amarela teria feito muito bem. Esse grupo era arrogante na melhor das hipóteses, e ultimamente...! Não. Ela não ia ser vítima da doença que se espalhava pela Torre. No entanto, não pôde evitar os nomes que passaram por sua cabeça, uma dúzia de Verdes, o dobro de Amarelas, e cada uma delas há muito tempo vencida, derrubada alguns degraus. Fungar para uma Votante?

"Vocês se *libertaram* de um dos Juramentos?" Zerah parecia assustada, enojada, inquieta, tudo ao mesmo tempo. Respostas perfeitamente razoáveis.

"E os fizemos de novo", resmungou Pevara, impaciente. Agarrando a haste fina, ela canalizou um pouco de Espírito em uma extremidade enquanto mantinha a blindagem de Zerah. "Sob a Luz, prometo não falar nenhuma palavra que não seja verdadeira. Sob a Luz, prometo não fazer nenhuma arma para um homem matar outro. Sob a Luz, prometo não usar o Poder Único como arma a não ser contra Amigos das Trevas ou Crias das Sombras, ou na última

defesa da minha vida, a vida do meu Guardião, ou a de outra irmã.” Ela não fez careta com a parte sobre Guardiões; as novas irmãs com destino à Ajah Vermelha muitas vezes faziam. “Eu não sou uma Amiga das Trevas. Espero que isso a satisfaça.” Ela mostrou os dentes a Zerah, mas era difícil dizer se sorria ou rosnava.

Seaine retomou os juramentos, cada um produzindo uma leve pressão momentânea em todos os lugares, desde o couro cabeludo até as solas dos pés. Na verdade, a pressão era difícil de detectar, com sua pele ainda muito apertada por ter retomado o Juramento contra falar uma mentira. Afirmar que Pevara tinha barba ou que as ruas de Tar Valon eram pavimentadas com queijo tinha sido estranhamente estimulante por um tempo — até Pevara deu uma risadinha — mas dificilmente valia o desconforto agora. O teste não parecia realmente necessário para ela. Logicamente, devia ser assim. Dizer que ela não era das Negras torceu a língua — uma coisa vil para ser forçada a negar — mas ela entregou a Zerah o Bastão dos Juramentos com um aceno decisivo.

Movendo-se em seu banco, a mulher esbelta girou a haste branca e lisa em seus dedos, engolindo convulsivamente. A luz pálida da lanterna a fez parecer doente. Ela olhou de uma deles para a outra, de olhos arregalados, então suas mãos apertaram o Bastão, e ela assentiu.

“Exatamente como eu disse,” Pevara rosnou, canalizando o Espírito para o Bastão novamente, “ou você vai jurar até acertar.”

“Eu prometo obedecer a vocês duas absolutamente,” Zerah disse em uma voz firme, então estremeceu quando o juramento aconteceu. Era sempre mais apertado no primeiro momento. “Pergunte-me sobre a Ajah Negra,” ela exigiu. Suas mãos tremiam segurando a Vara. “Pergunte-me sobre a Ajah Negra!” Sua intensidade disse a Seaine a resposta antes mesmo de Pevara liberar o fluxo do Espírito e fazer a pergunta, ordenando a verdade

absoluta. "Não!" Zerah praticamente gritou. "Não, eu não sou da Ajah Negra! Agora tire este juramento de mim! Liberte-me!"

Seaine caiu desanimada, apoiando os cotovelos na mesa. Ela certamente não *queria* que Zerah respondesse sim, mas tinha certeza de que haviam descoberto a outra mulher mentindo. Uma mentira encontrada, ou assim parecia, depois de semanas de busca. Quantas semanas mais de busca estavam pela frente? E de olhar por cima do ombro do acordar até o dormir? Quando ela conseguia dormir.

Pevara apontou um dedo acusador para a mulher. "Você disse às pessoas que você veio do norte."

Os olhos de Zerah se arregalaram novamente. "Eu vim", disse ela lentamente. "Desci a margem do Erinin até Jualdhe. Agora me livre deste juramento!" Ela lambeu os lábios.

Seaine franziu a testa para ela. "Sementes de Espinheiro Dourado e um Carrapicho Vermelho foram encontrados em sua sela, Zerah. Espinheiro Dourado e Carrapicho Vermelho não podem ser encontrados a cem milhas ao *sul* de Tar Valon.

Zerah ficou de pé e Pevara retrucou: "Sente-se!"

A mulher caiu no banco com um estalo alto, mas nem estremeceu. Ela estava estremecendo. Não, tremendo. Sua boca estava fechada, caso contrário Seaine tinha certeza de que seus dentes estariam batendo. Luz, a questão do norte ou do sul a assustava mais do que uma acusação de ser uma Amiga das Trevas.

"De onde você começou", Seaine perguntou lentamente, "e por quê?" Ela queria perguntar por que a mulher tinha dado a volta — o que claramente ela fez — apenas para esconder de que direção ela veio, mas as respostas saíram da boca de Zerah.

"De Salidar," ela gritou. Não havia outra palavra para isso. Ainda agarrada ao Bastão dos Juramentos, ela se contorcia em seu banco. Lágrimas escorriam de seus olhos, olhos tão arregalados quanto

podiam e fixos em Pevara. As palavras saíram, embora seus dentes realmente batessem agora. “Eu v-vim para m-me certificar de que todas as irmãs aqui saibam sobre as V-Vermelhas e Logain, para que eles d-deponham Elaida e a T-Torre possa ser completa novamente.” Com um gemido, ela caiu em prantos de boca aberta enquanto olhava para a Votante Vermelha.

“Bem”, disse Pevara. Então, novamente, mais sombriamente, “Bem!” Seu rosto estava totalmente calmo, mas o brilho em seus olhos escuros estava longe da travessura que Seaine lembrava como novata e Aceita. “Então você é a fonte desse... boato. Você vai ficar diante do Salão e revelá-lo pela mentira que é! Admita a mentira, garota!”

Se os olhos de Zerah estavam arregalados antes, agora estavam saltando. O Bastão caiu de suas mãos para rolar sobre a mesa, e ela apertou a garganta. Um som de asfixia veio de sua boca subitamente aberta. Pevara olhou para ela em choque, mas de repente Seaine entendeu.

“Pela misericórdia da luz”, ela respirou. “Você não precisa mentir, Zerah.” As pernas de Zerah se debateram sob a mesa como se ela estivesse tentando se levantar e não conseguisse colocar os pés sob ela. “Diga a ela, Pevara. Ela acredita que é verdade! Você ordenou que ela falasse a verdade e mentisse. Não me olhe assim! Ela acredita!” Um tom azulado apareceu nos lábios de Zerah. Suas pálpebras tremeram. Seaine se acalmou com as duas mãos. “Pevara, você deu a ordem, então aparentemente você deve livrá-la, ou ela vai sufocar bem na nossa frente.”

“Ela é uma *rebelde*.” O murmúrio de Pevara investiu essa palavra com todo o desprezo que poderia conter. Mas então ela suspirou. “Ela ainda não foi julgada. Você não precisa... mentir... garota. Zerah tombou para a frente e ficou deitada com o rosto pressionado contra o tampo da mesa, engolindo ar entre gemidos.

Seaine balançou a cabeça, maravilhada. Elas não haviam considerado a possibilidade de juramentos *conflitantes*. E se a Ajah Negra não apenas removesse o Juramento contra a mentira, mas o substituísse por um próprio? E se elas substituíssem todos os Três por seus próprios juramentos? Ela e Pevara precisariam ir com muito cuidado se encontrassem uma irmã Negra, ou poderiam fazê-la cair morta antes de saberem qual era o conflito. Talvez primeiro uma renúncia a todos os juramentos — não havia como fazer isso com mais cuidado sem saber o que a irmã Negras jurou — seguida de retomar os Três? Luz, a dor de se desprender de tudo de uma vez seria pouco menos do que posta em questão. Talvez nem mesmo pouco. Mas certamente uma Amiga das Trevas merecia isso e muito mais. Se eles encontrassem uma.

Pevara olhou para a mulher ofegante sem o menor toque de piedade em seu rosto. “Quando ela for julgada por rebelião, pretendo sentar em seu tribunal.”

“Quando ela *for* julgada, Pevara”, disse Seaine pensativa. “É uma pena perder a assistência de alguém que sabemos que não é uma Amigo das Trevas. E como ela *é* uma rebelde, não precisamos nos preocupar muito em usá-la.” Houve uma série de discussões, nenhuma com uma conclusão, sobre a segunda razão para deixar o novo juramento em vigor. Uma irmã que jurasse obedecer poderia ser compelida — Seaine se mexeu inquieta; isso soava muito próximo da vileza proibida da Compulsão — ela poderia ser induzida a ajudar na procura, contanto que não se importassem de forçá-la a aceitar o perigo, querendo ou não. “Eu não posso pensar que elas enviariam apenas uma,” ela continuou. “Zerah, quantas de vocês vieram para espalhar essa história?”

“Dez,” a mulher murmurou contra o tampo da mesa, então se ergueu, olhando em desafio. “Eu não vou trair minhas irmãs! Eu não vou...!” Abruptamente ela se cortou, os lábios torcendo amargamente quando ela percebeu que tinha feito exatamente isso.

“Nomes!” Pevara latiu. “Dê-me seus nomes, ou eu esfolarei sua pele aqui e agora!”

Nomes saíram dos lábios relutantes de Zerah. Por causa do comando, certamente, mais do que pela ameaça. Olhando para o rosto sombrio de Pevara, porém, Seaine teve certeza de que ela precisava de pouca provocação para atacar Zerah como uma noviça pega roubando. Estranhamente, ela mesma não sentia a mesma animosidade. Repulsa, sim, mas claramente não tão forte. A mulher era uma rebelde que ajudou a quebrar a Torre Branca quando uma irmã devia aceitar qualquer coisa para manter a Torre inteira, e ainda assim... Era muito estranho.

“Você concorda, Pevara?” ela disse quando a lista terminou. A mulher teimosa deu-lhe apenas um aceno feroz de acordo. “Muito bem. Zerah, você trará Bernaile para meus aposentos esta tarde. Havia duas de cada Ajah, exceto a Azul e a Vermelha, ao que parecia, mas era melhor começar com a outra Branca. “Você dirá apenas que desejo falar com ela sobre um assunto particular. Você não a avisará por palavra, ação ou omissão. Então ficará quieta e deixará Pevara e eu fazermos o que for necessário. Você está sendo recrutada para uma causa mais digna do que sua rebelião equivocada, Zerah.” Claro que foi mal orientada. Não importa o quão louca com o poder Elaida tenha ficado. “Você vai nos ajudar a caçar a Ajah Negra.”

A cabeça de Zerah assentia relutante a cada injunção, seu rosto doído, mas com a menção de uma caçada à Ajah Negra, ela engasgou. Luz, seu juízo devia ter sido totalmente desequilibrado por suas experiências para não ver isso!

“E você vai parar de espalhar essas... histórias”, Pevara interveio severamente. “A partir deste momento, você não mencionará a Ajah Vermelha e os falsos dragões juntos. Estou entendida?”

O rosto de Zerah vestiu uma máscara de teimosia sombria. A boca de Zerah disse: “Eu entendo, Votante”. Ela parecia pronta para começar a chorar novamente de pura frustração.

“Então saia da minha vista”, disse Pevara, soltando a blindagem e *saidar* juntos. “E recomponha-se! Lave o rosto e alise o cabelo!” Essa última parte foi direcionada para as costas da mulher que já saltava da mesa. Zerah teve que tirar as mãos do cabelo para abrir a porta. Quando a porta se fechou atrás dela, Pevara bufou. “Eu não deixaria passar ela ir até esta Bernaile como uma desleixada, esperando avisá-la dessa maneira.”

“Um ponto válido”, admitiu Seaine. “Mas a quem vamos avisar se fizermos cara feia para essas mulheres? No mínimo, atrairemos atenção.”

“Do jeito que as coisas estão, Seaine, não atrairíamos atenção chutando-as pelos terrenos da Torre.” Pevara soou como se isso fosse uma ideia atraente. “Elas são rebeldes, e eu pretendo segurá-las com tanta força que elas chiem se uma delas tiver um pensamento errado!”

Elas deram voltas e voltas sobre isso. Seaine insistiu que o cuidado nas ordens que davam, sem deixar brechas, seria suficiente. Pevara apontou que elas estavam deixando dez rebeldes — dez! — andar pelos corredores da Torre impunes. Seaine disse que elas enfrentariam punição eventualmente, e Pevara rosnou que eventualmente não era o suficiente. Seaine sempre admirou a força de vontade da outra mulher, mas, na verdade, às vezes era pura teimosia.

Um leve rangido de uma dobradiça foi todo o aviso que Seaine teve para pegar o Bastão dos Juramentos em seu colo, escondendo-o nas dobras da saia quando a porta se abriu. Ela e Pevara abraçaram a Fonte quase como uma.

Saerin entrou na sala calmamente, segurando uma lanterna, e ficou de lado para Talene, que foi seguida pela pequena Yukiri, com uma segunda luz, e Doesine juvenilmente esbelta, alta para uma cairhiena, que fechou a porta com firmeza e recostou-se contra ela, como se quisesse impedir que alguém fosse embora. Quatro

Votantes, representando todas os Ajahs restantes na Torre. Pareciam ignorar o fato de Seaine e Pevara abraçarem *saidar*. De repente, para Seaine, a sala parecia bastante lotada. Era imaginação e irracional, mas...

"Estranho ver vocês duas juntas", disse Saerin. Seu rosto podia estar sereno, mas ela deslizou os dedos pelo cabo daquela faca curvada atrás do cinto. Havia ocupado sua cadeira por quarenta anos, mais do que qualquer outra pessoa no Salão, e todas aprendiam a ter cuidado com seu temperamento.

"Podemos dizer o mesmo de vocês", Pevara respondeu secamente. O temperamento de Saerin nunca a aborreceu. "Ou você veio aqui para ajudar Doesine a tentar recuperar um pouco de si mesma?" Um rubor repentino fez o rosto da Amarela parecer ainda mais de um menino bonito, apesar de seu porte elegante, e disse a Seaine que Votante havia se aproximado demais dos domínios Vermelhos com resultados infelizes. "Eu não teria pensado que isso as uniria, no entanto. Verdes na garganta das Amarelas, Marrons na garganta das Cinzas. Ou você apenas as trouxe para um duelo tranquilo, Saerin?"

Freneticamente, Seaine procurou por qual motivo teria levado essas quatro tão fundo no leito rochoso de Tar Valon. O que poderia uni-las? Suas Ajahs — *todas* as Ajahs — realmente estavam na garganta umas das outras. Todos as quatro receberam penitências de Elaida. Nenhuma Votante podia gostar de Trabalho físico, especialmente quando todas sabiam exatamente por que estavam esfregando o chão ou as panelas, mas isso dificilmente era um vínculo. O que mais? Nenhuma nasceu nobremente. Saerin e Yukiri eram filhas de estalajadeiros, Talene de fazendeiros, enquanto o pai de Doesine era cuteleiro. Saerin tinha sido treinada primeiro pelas Filhas do Silêncio, a única daquele grupo a alcançar o xale. Bobagem absolutamente inútil. De repente, algo a atingiu e secou sua garganta. Saerin com seu temperamento muitas vezes mal controlado. Doesine, que na verdade fugira três vezes como noviça,

embora só uma vez tivesse chegado às pontes. Talene, que poderia ter recebido mais punições do que qualquer outra noviça na história da Torre. Yukiri, sempre a última cinza a se juntar ao consenso de suas irmãs quando queria seguir outro caminho, a última a se juntar ao Salão, aliás. Todas as quatro eram consideradas rebeldes, de certa forma, e Elaida havia humilhado todas. Elas poderiam estar pensando que cometeram um erro, levantando-se para depor Siuan e elevar Elaida? Elas poderiam ter descoberto sobre Zerah e as outras? E se sim, o que pretendiam fazer?

Mentalmente, Seaine se preparou para tecer o *saidar*, embora sem muita esperança de que pudesse escapar. Pevara igualava Saerin e Yukiri em força, mas ela mesma era mais fraca do que qualquer uma ali, exceto Doesine. Ela se preparou, e Talene deu um passo à frente e explodiu todas as suas deduções lógicas.

“Yukiri notou vocês duas se esgueirando juntas, e queremos saber o porquê.” Sua voz surpreendentemente profunda continha calor apesar do gelo que parecia cobrir seu rosto. “As chefes de suas Ajahs lhe deram uma tarefa secreta? Em público, as cabeças das Ajah rosnam umas para as outras pior do que qualquer outra pessoa, mas elas estão se esgueirando pelos cantos para conversar, ao que parece. O que quer que estejam tramando, o Salão tem o direito de saber.”

“Ah, desista, Talene.” A voz de Yukiri sempre foi uma surpresa ainda maior que a de Talene. A mulher parecia uma rainha em miniatura, em seda prateada escura com renda marfim, mas parecia uma mulher do campo confortável. Ela alegou que o contraste ajudava nas negociações. Ela sorriu para Seaine e Pevara, uma monarca que talvez não tivesse certeza de quão graciosa deveria ser. “Eu vi vocês duas farejando como furões no galinheiro,” ela disse, “mas segurei minha língua — vocês podem ser amigas de travesseiro, pelo que eu sei, e quem tem algo a ver com isso além de vocês mesmas? — eu segurei minha língua até que Talene começou a gritar sobre quem está se amontoando nos cantos. Eu mesma já vi

um pouco de amontoado nos cantos, e suspeito que algumas dessas mulheres também podem liderar suas Ajahs, então... Às vezes seis e seis fazem uma dúzia, e às vezes fazem uma bagunça. Diga-nos se puderem, agora. O Salão tem o direito."

"Nós não vamos embora até que vocês digam", Talene colocou ainda mais acaloradamente do que antes.

Pevara bufou e cruzou os braços. "Se a chefe da minha Ajah me dissesse duas palavras, não veria razão para lhe dizer quais eram. Acontece que o que Seaine e eu estávamos discutindo não tem nada a ver com a Ajah Vermelha ou a Branca. Bisbilhotem em outro lugar." Mas ela não soltou *saidar*. Nem Seaine.

"Malditamente inútil e eu sabia disso," Doesine murmurou de seu lugar perto da porta. "Por que eu deixei você me convencer disso... Tão malditamente bem que ninguém mais sabe, ou nós teríamos uma carranca em todos os rostos para toda a maldita Torre ver." Às vezes, ela também tinha a língua de um menino, um menino que precisava lavar a boca.

Seaine teria se levantado para sair se não temesse que seus joelhos a trairiam. Pevara se levantou e ergueu uma sobrancelha impaciente para as mulheres entre ela e a porta.

Saerin tocou o cabo da faca e olhou para elas com curiosidade, sem dar um passo. "Um quebra-cabeça", ela murmurou. De repente, deslizou para frente, sua mão livre mergulhando no colo de Seaine tão rapidamente que Seaine engasgou. Ela tentou manter o Bastão dos Juramentos escondido, mas o único resultado foi que ela acabou com Saerin segurando o Bastão na cintura com uma mão enquanto ela segurava a outra ponta e um punhado de suas saias. "Eu gosto de quebra-cabeças", disse Saerin.

Seaine soltou e ajustou o vestido; parecia não haver mais nada a fazer.

A aparição do Bastão produziu um balbúcio momentâneo enquanto quase todas falavam ao mesmo tempo.

“Sangue e fogo” rosnou Doesine. “Você está aqui elevando novas malditas irmãs?”

“Ah, deixe com elas, Saerin,” Yukiri riu bem em cima dela. “O que quer que elas estejam fazendo, é problema delas.”

Em cima de ambas, Talene latiu: “Por que mais elas estão se esgueirando — juntas! — se não tem a ver com as cabeças da Ajah?”

Saerin acenou com a mão, e depois de um momento ficaram quietas. Todas as presentes eram Votantes, mas ela tinha o direito de falar primeiro no Salão, e seus quarenta anos também contavam para alguma coisa. “Esta é a chave do quebra-cabeça, eu acho,” ela disse, acariciando o Bastão com o polegar. “Por que isso, afinal?” Abruptamente, o brilho do *saidar* a cercou também, e ela canalizou o Espírito para o Bastão. “Sob a Luz, não direi nenhuma palavra que não seja verdadeira. Eu não sou uma Amigo das Trevas.”

No silêncio que se seguiu, um espirro de camundongo teria soado alto.

“Estou certa?” Saerin disse, liberando o Poder. Ela estendeu o Bastão para Seaine.

Pela terceira vez, Seaine retomou o Juramento contra a mentira, e pela segunda vez repetiu que não era das Negras. Pevara fez o mesmo com dignidade congelada. E olhos afiados como os de uma águia.

“Isso é ridículo”, disse Talene. “Não existe Ajah Negra.”

Yukiri pegou o Bastão de Pevara e canalizou. “Sob a Luz, não direi nenhuma palavra que não seja verdadeira. Eu não sou Ajah Negra.” A luz de *saidar* ao redor dela se apagou, e ela entregou o Bastão para Doesine.

Talene franziu a testa em desgosto. “Afastese, Doesine. Eu, pelo menos, não vou tolerar essa sugestão imunda.”

“Sob a Luz, não direi nenhuma palavra que não seja verdade”, disse Doesine quase com reverência, o brilho ao redor dela como

uma auréola. “Não sou da Ajah Negra.” Quando as coisas eram sérias, sua língua era tão limpa quanto qualquer Mestra das Noviças poderia desejar. Ela estendeu o Bastão para Talene.

A mulher de cabelos dourados recuou como na presença de uma cobra venenosa. “Mesmo perguntar isso é uma calúnia. Pior que calúnia!” Algo selvagem se moveu em seus olhos. Um pensamento irracional, talvez, mas foi o que Seaine viu. “Agora saiam do meu caminho,” Talene exigiu com toda a autoridade de uma Votante em sua voz. “Eu estou saindo!”

“Acho que não”, disse Pevara baixinho, e Yukiri assentiu lentamente com a cabeça. Saerin não acariciou o cabo da faca; ela o agarrou até os nós dos dedos ficarem brancos.

Cavalgando pelas neves profundas de Andor, tropeçando nelas, Toveine Gazal amaldiçoou o dia em que nasceu. Baixa e ligeiramente roliça, com a pele lisa acobreada e cabelos escuros longos e brilhantes, ela parecera bonita para muitos ao longo dos anos, mas ninguém jamais a chamara de bonita. Certamente ninguém faria isso agora. Os olhos escuros que antes eram diretos agora penetravam no que quer que ela olhasse. Aquilo foi quando ela não estava com raiva. Ela estava brava hoje. Quando Toveine estava com raiva, as serpentes fugiam.

Quatro outras vermelhas cavalgavam — atrapalhadas — atrás dela, e atrás delas vinte homens da Guarda da Torre em casacos e capas escuros. Nenhum dos homens gostou que suas armaduras estivessem guardadas nos cavalos de carga, e eles observaram a floresta ao longo dos dois lados da estrada como se esperassem um ataque a qualquer momento. Como eles pensavam em atravessar trezentas milhas de Andor despercebidos, vestindo casacos e capas com a Chama de Tar Valon brilhando sobre eles, Toveine não podia imaginar. A viagem estava quase terminada, no entanto. Mais um dia, talvez dois, com estradas até os joelhos de neve, sobre os

cavalos, ela se juntaria a nove outros grupos exatamente como o dela. Nem todas as irmãs neles eram Vermelhas, infelizmente, mas isso não a incomodava muito. Toveine Gazal, uma vez uma Votante pelas Vermelhas, entraria nas histórias como a mulher que destruiu esta Torre Negra.

Ela tinha certeza de que Elaida a achava grata pela chance, chamada de volta do exílio e da desgraça, dada a oportunidade de redenção. Ela zombou, e se um lobo estivesse olhando para o capuz profundo de sua capa, poderia ter se acovardado. O que havia sido feito há vinte anos era necessário, e a Luz queimava todos aqueles que murmuravam que a Ajah Negra devia estar envolvida. Tinha sido necessário e certo, mas Toveine Gazal tinha sido expulsa de sua cadeira no Salão e forçada a uivar por misericórdia sob o chicote, com as irmãs reunidas assistindo, e até mesmo noviças e testemunhas Aceitas de que Votantes também estavam sob a lei, embora não lhes fosse dito qual lei. E então ela foi mandada para trabalhar nos últimos vinte anos na fazenda isolada de Black Hills da Sra. Jara Doweel, uma mulher que considerava uma Aes Sedai cumprindo penitência no exílio não diferente de qualquer outra mão trabalhando no sol e na neve. As mãos de Toveine se mexeram nas rédeas; ela podia sentir os calos. A Sra. Doweel — mesmo agora, ela não conseguia pensar na mulher sem o título honorífico que ela havia exigido — a Sra. Doweel acreditava no trabalho duro. E disciplina tão rígida quanto qualquer noviça enfrentou! Ela não tinha piedade de ninguém que tentasse evitar o trabalho exaustivo que ela mesma compartilhava, e menos do que isso para uma mulher que escapulia para se consolar com um menino bonito. Essa foi a vida de Toveine por quinze anos. E Elaida havia escapado pelas rachaduras sem ser pega, dançando seu caminho até o Trono de Amyrlin que Toveine uma vez sonhara para si mesma. Não, ela não estava agradecida. Mas tinha aprendido a esperar sua chance.

Abruptamente, um homem alto de casaco preto, cabelos escuros caindo sobre os ombros, esporeou seu cavalo para fora da floresta

para a estrada à frente dela, espalhando neve. “Não adianta lutar,” ele anunciou com firmeza, levantando a mão enluvada. “Renda-se pacificamente e ninguém será ferido.”

Não foi sua aparência nem suas palavras que fizeram Toveine parar, deixando que as outras irmãs se reunissem ao lado dela. “Peguem-no”, disse ela calmamente. “É melhor vocês se ligarem. Ele me blindou.” Parecia que um desses Asha'man tinha vindo até ela. Que conveniente da parte dele.

Abruptamente ela percebeu que nada estava acontecendo e desviou os olhos do sujeito para franzir a testa para Jenare. O rosto quadrado e pálido da mulher parecia absolutamente exangue. “Toveine,” ela disse vacilante, “eu também estou blindada.”

“Eu também estou blindada,” Lemai respirou incrédula, e as outras entraram na conversa, cada vez mais frenéticas. Todas blindadas.

Mais homens em casacos pretos apareceram entre as árvores, seus cavalos andando devagar, por todos os lados. Toveine parou de contar aos quinze. Os Guardas murmuraram com raiva, esperando o comando de uma irmã. Eles ainda não sabiam nada, exceto que um bando de bandidos os havia atacado. Toveine estalou a língua em irritação. Esses homens nem todos podiam canalizar, é claro, mas aparentemente todos os Asha'man que podiam fazê-lo vieram contra ela. Ela não entrou em pânico. Ao contrário de algumas das irmãs com ela, estes não foram os primeiros homens que canalizavam que ela enfrentava. O homem alto começou a cavalgar em direção a ela, sorrindo, aparentemente pensando que elas haviam obedecido sua ordem ridícula.

“Ao meu comando,” ela disse calmamente, “vamos partir em todas as direções. Assim que vocês estiverem longe o suficiente para que o homem perca a blindagem”, os homens sempre pensaram que tinham que ser capazes de ver para segurar suas tramas, o que significava que eles precisavam mesmo, “voltem e ajudem os

guardas. Preparem-se.” Ela levantou a voz para um grito. “Guardas, lutem com eles!”

Rugindo, os guardas avançaram, agitando suas espadas e sem dúvida pensando em cercar e proteger as irmãs. Puxando sua égua para a direita, Toveine cravou os calcanhares e se agachou sobre o pescoço de *Pardal*, esquivando-se entre os guardas assustados, depois entre dois rapazes muito jovens de casaco preto que a olhavam boquiabertos. Então ela estava nas árvores, pedindo mais velocidade, a neve espirrando descontroladamente, sem se importar se a égua quebrasse uma perna. Ela gostava do animal, mas mais do que um cavalo morreria hoje. Atrás dela, havia gritos. E uma voz, rugindo por toda a cacofonia. A voz do homem alto.

“Leve-as vivas, por ordem do Dragão Renascido! Prejudique uma Aes Sedai e vocês responderão a mim!”

Por ordem do Dragão Renascido. Pela primeira vez, Toveine sentiu medo, um pingente de gelo em seu ventre. O Dragão Renascido. Ela bateu no pescoço de *Pardal* com as rédeas. A blindagem ainda estava nela! Certamente já havia árvores suficientes entre eles para bloquear a visão dos homens amaldiçoados sobre ela! Ah, Luz, o Dragão Renascido!

Ela grunhiu quando algo a atingiu no meio, um galho onde não havia galho, arrancando-a da sela. Ela ficou ali, observando *Pardal* sair a galope o máximo que a neve permitia. Ela ficou pendurada lá. No meio do ar, os braços presos ao lado do corpo, os pés balançando um passo ou mais acima do solo. Ela engoliu. Fortemente. Tinha que ser a parte masculina do Poder segurando-a. Nunca tinha sido tocada por *saidin* antes. Podia sentir a faixa grossa de nada confortável em torno de sua cintura. Pensou que podia sentir a mácula do Tenebroso. Estremeceu, lutando contra os gritos.

O homem alto parou seu cavalo na frente dela, e ela flutuou até sentar de lado na frente de sua sela. No entanto, ele não parecia particularmente interessado na Aes Sedai que havia capturado.

“Hardlin!” ele gritou. “Norley! Kajima! Um de vocês malditos jovens idiotas venham aqui agora!”

Ele era muito alto, com ombros largos como o cabo de um machado. Era assim que a Sra. Doweel diria. Pouco antes de sua meia-idade, bonito de uma forma taciturna e áspera. Nem um pouco como os meninos bonitos que Toveine gostava, ansiosos e agradecidos e tão facilmente controlados. Uma espada de prata decorava a gola alta de seu casaco de lã preta de um lado, com uma criatura peculiar em ouro e esmalte vermelho do outro. Ele era um homem que podia canalizar. E a mantinha blindada e prisioneira.

O grito que explodiu de sua garganta assustou até ela. Ela teria segurado se pudesse, mas outro saiu atrás dele, mais alto ainda, e outro ainda mais alto, outro e outro. Chutando descontroladamente, ela se jogou de um lado para o outro. Era inútil contra o Poder. Ela sabia disso, mas apenas em um pequeno canto de sua mente. O resto dela uivava a plenos pulmões, uivando súplicas sem palavras pelo resgate da Sombra. Gritando, ela lutou como uma fera louca.

Vagamente, estava ciente de seu cavalo mergulhando e dançando enquanto seus calcanhares batiam em seu ombro. Vagamente, ouviu o homem falando. “Calma, seu saco de carvão de orelhas grossas! Calma, irmã. Eu não vou... Calma, sua mula esfolada! Luz! Minhas desculpas, irmã, mas é assim que aprendemos a fazer isso.” E então ele a beijou.

Ela teve apenas um batimento cardíaco para perceber que os lábios dele estavam tocando os dela, então a visão desapareceu, e o calor a inundou. Mais do que calor. Ela era mel derretido por dentro, mel borbulhante, correndo em direção à fervura. Ela era uma corda de harpa, vibrando cada vez mais rápido, vibrando até a invisibilidade e ainda mais rápido. Ela era um vaso de cristal fino, tremendo à beira de quebrar. A corda da harpa arrebitou; o vaso quebrou.

“Aaaaaaaaaaaaaaaaaah!”

A princípio, ela não percebeu que o som vinha de sua boca aberta. Por um momento, não conseguiu pensar coerentemente. Ofegante, olhou para o rosto masculino acima dela, perguntando-se a quem pertencia. Sim. O homem alto. O homem que poderia...

"Eu poderia ter feito sem o pouco extra", ele suspirou, acariciando o pescoço do cavalo; o animal bufou, mas não saltou mais, "mas suponho que seja necessário. Você dificilmente é uma esposa. Fique calma. Não tente escapar, não ataque ninguém com um casaco preto e não toque na Fonte a menos que eu lhe dê permissão. Agora, qual é o seu nome?"

A menos que ele desse permissão? O descaramento do homem!

"Toveine Gazal," ela disse, e piscou. Agora, por que ela respondeu a ele?

"Aí estão vocês", disse outro homem de casaco preto, guiando seu cavalo na neve até eles. Este seria muito mais do seu agrado — se ele não pudesse canalizar, pelo menos. Ela duvidava que aquele rapaz de bochechas rosadas se barbeasse mais de duas vezes na semana. "Luz, Logain!" o menino bonito exclamou. "Você tomou uma *segundo*? O M'Hael não vai gostar disso! Eu não acho que ele goste que nós tomemos nenhuma! Talvez não importe, no entanto, vocês dois sendo tão próximos e tudo mais."

"Próximos, Vinchova?" Login disse ironicamente. "Se o M'Hael conseguisse, eu estaria capinando nabos com os novos garotos. Ou enterrado sob o campo," ele acrescentou em um murmúrio que ela não achava que ele queria ser ouvido.

Por mais que ouvisse, o menino bonito riu com descrença incrédula. Toveine mal o ouviu. Ela estava olhando para o homem que pairava sobre ela. Logain. O falso dragão. Mas ele estava morto! Amansado e morto! E segurando-a diante de sua sela com uma mão casual. Por que ela não estava gritando, ou batendo nele? Até seu canivete serviria, tão perto assim. No entanto, ela não tinha o menor desejo de alcançar o cabo de marfim. E podia, ela percebeu. Essa

faixa em torno de seu ventre se foi. Ela poderia pelo menos descer do cavalo e tentar... Ela também não tinha vontade de fazer isso.

"O que você fez comigo?" ela exigiu. Calmamente. Pelo menos ela conseguiu se conter nisso!

Virando o cavalo para voltar para a estrada, Logain contou a ela o que havia feito, e ela encostou a cabeça naquele peito largo, sem se importar com o tamanho dele, e chorou. Ela ia fazer Elaida pagar por isso, ela jurou. Se Logain deixasse, ela o faria. Esse último foi um pensamento especialmente amargo.



CAPÍTULO

27



A Barganha

Sentada de pernas cruzadas em uma cadeira pesadamente dourada e de espaldar alto, Min tentou se perder na cópia encadernada em couro de *Razão e Desrazão*, de Herid Fel, aberta sobre os joelhos. Não foi fácil. Ah, o livro em si era fascinante; os escritos do Mestre Fel sempre a levaram a mundos de pensamento com os quais ela não havia sonhado enquanto trabalhava nos estábulos. Ela lamentou muito a morte do doce velho. Esperava encontrar uma pista em seus livros sobre por que ele havia sido morto. Seus cachos escuros balançaram quando ela balançou a cabeça e tentou se concentrar.

O livro era fascinante, mas a sala era opressiva. A pequena sala do trono de Rand no Palácio do Sol era cheia de dourados, desde as amplas cornijas até os espelhos altos nas paredes substituindo aqueles que Rand havia quebrado, das duas fileiras de cadeiras como aquela em que ela se sentava até o estrado à frente das fileiras, e o Trono do Dragão no topo do estrado. Aquilo era uma monstruosidade, no estilo de Tear como imaginado pelos artesãos cairhienos, descansando nas costas de um par de dragões com mais dois dragões para os braços e outros subindo pelas costas, todos com grandes pedras do sol como olhos, o tudo brilhando com dourado e esmalte vermelho. Um enorme Sol Nascente dourado,

com raios ondulados, no chão de pedra polida, só aumentava a sensação de peso. Pelo menos os fogos ardendo em duas grandes lareiras, altas o suficiente para ela entrar, davam um calor agradável, especialmente com a neve caindo do lado de fora. E esses eram os quartos de Rand; o conforto disso por si só superava qualquer quantidade de opressão. Um pensamento irritante. Este seria o quarto de Rand se ele se dignasse a voltar. Um pensamento muito irritante. Estar apaixonada por um homem parecia consistir, em grande parte, em muitas admissões irritantes para si mesma!

Movendo-se em uma tentativa vã de deixar a cadeira dura confortável, ela tentou ler, mas seus olhos continuavam se movendo para as portas altas, cada uma escalada por sua própria linha de Sol Nascente dourado. Ela esperava ver Rand entrar; temia ver Sorilea, ou Cadsuane. Inconscientemente, ajustou seu casaco azul claro, tocando as minúsculas flores de neve bordadas nas lapelas. Mais enroladas em torno das mangas, e as pernas das calças eram tão justas que ela mal conseguiu se enfiar. Não era uma grande mudança em relação ao que ela sempre usava. Não de verdade. Até então, evitara vestidos, por mais bordados que usasse, mas temia muito que Sorilea quisesse enfiá-la em um vestido se a Sábua tivesse que tirá-la do que estava vestindo com as próprias mãos.

A mulher sabia tudo sobre ela e Rand. Tudo. Ela sentiu suas bochechas esquentarem. Sorilea parecia estar tentando decidir se Min Farshaw era uma... amante adequada... para Rand al'Thor. Essa palavra a fez se sentir tolamente tonta; ela não era uma garota de cérebro fofo! Essa palavra a fez querer olhar por cima do ombro com culpa pelas tias que a criaram. *Não*, ela pensou com ironia, *você não é estúpida. Fofo tem juízo em comparação com você!*

Ou talvez Sorilea quisesse saber se Rand era adequado para Min; parecia assim, às vezes. As Sábias aceitaram Min como uma delas, ou quase, mas nas últimas semanas, Sorilea a havia torcido como uma torneira de lavadeira. A Sábua com cara enrugada e cabelos brancos queria saber cada fragmento sobre Min, e cada fragmento sobre

Rand. Ela queria a poeira do fundo dos bolsos dele! Duas vezes, Min tentou se opor ao interrogatório incessante, e duas vezes Sorilea lhe deu uma chicotada! Aquela velha terrível simplesmente a empurrou para o lado da mesa mais próxima e depois disse a ela que talvez *aquilo* afrouxasse outra parte em sua mente. Nenhuma das outras Sábias teve a menor compaixão, também! Luz, as coisas que se tinha que aturar por um homem! E ela não poderia tê-lo só para ela, aliás!

Cadsuane era uma proposta completamente diferente. A imensamente digna Aes Sedai, tão grisalha quanto Sorilea tinha cabelos brancos, não parecia se importar nem um pouco com Min ou Rand, mas passava muito tempo no Palácio do Sol. Evitá-la inteiramente era impossível; ela parecia vagar onde quer que ela quisesse. E quando Cadsuane olhava para Min, ainda que brevemente, Min não podia deixar de ver uma mulher que sabia ensinar touros a dançar e ursos a cantar. Continuava esperando que a mulher apontasse para ela e anunciasse que era hora de Min Farshaw aprender a equilibrar uma bola no nariz. Mais cedo ou mais tarde, Rand teria que enfrentar Cadsuane novamente, e o pensamento dava um nó no estômago de Min.

Ela se obrigou a se curvar sobre seu livro. Uma das portas se abriu e Rand entrou com o Cetro de Dragão aninhado na dobra de seu braço. Usava uma coroa de ouro, uma larga argola de folhas de louro — devia ser essa coroa de espadas de que todos falavam —, calções justos que mostravam as pernas em vantagem e um casaco de seda verde trabalhado a ouro que lhe caía lindamente. Ele era lindo.

Marcando seu lugar com a nota que Mestre Fel escreveu dizendo que ela era “muito bonita”, ela cuidadosamente fechou o livro e cuidadosamente o colocou no chão ao lado de sua cadeira. Então cruzou os braços e esperou. Se estivesse de pé, teria batido o pé, mas ela não teria o homem pensando que ela estava saltando só porque ele finalmente apareceu.

Por um momento ele ficou sorrindo para ela, e puxando o lóbulo de sua orelha por algum motivo — ele parecia estar cantarolando! —, então abruptamente ele se virou para franzir a testa para as portas. “As Donzelas lá fora não me disseram que você estava aqui. Elas mal disseram uma palavra. Luz, elas pareciam prontas para velar ao me ver.”

“Talvez elas estejam chateadas”, disse ela calmamente. “Talvez elas tenham se perguntado onde você estava. Do jeito que eu perguntei. Talvez *elas* tenham se perguntado se você estava ferido, doente ou com frio.” *Do jeito que eu perguntei*, ela pensou amargamente. O homem parecia confuso!

“Eu escrevi para você,” ele disse lentamente, e ela fungou.

“Duas vezes! Com Asha'man para entregar suas cartas, você escreveu duas vezes, Rand al'Thor. Se você chama isso de escrever!”

Ele cambaleou como se ela o tivesse esbofeteado — não; como se ela o tivesse chutado na barriga! — e piscou. Ela segurou firme em si mesma e se acomodou contra o encosto da cadeira. Dê simpatia a um homem no momento errado, e você nunca recuperará o terreno perdido. Uma parte dela queria jogar os braços ao redor dele, confortá-lo, tirar todas as suas dores, aliviar todas as suas mágoas. Ele tinha tantas, e se recusava a admitir uma sequer. Ela *não* ia pular e correr para ele, doida para saber o que estava errado ou... Luz, ele tinha que estar bem.

Algo a pegou gentilmente sob os cotovelos e a levantou da cadeira. Botas azuis no ar, ela flutuou em direção a ele através do ar. O Cetro de Dragão flutuou para longe dele. Então, ele pensava que poderia sorrir, não é? Ele pensava que um sorriso bonito poderia transformá-la? Ela abriu a boca para lhe dar um pedaço do que estava pensando. Uma resposta bem afiada! Cruzando os braços ao redor dela, ele a beijou.

Quando ela conseguiu respirar novamente, olhou para ele através de seus cílios. “A primeira vez...” Ela engoliu em seco para limpar a

voz. “Primeiro, Jahar Narishma tentou olhar dentro do crânio de todo mundo do jeito que ele faz, e desapareceu depois de me entregar um pedaço de pergaminho. Deixe-me ver. Dizia: ‘Eu reivindiquei a coroa de Illian. Não confie em ninguém até eu voltar. Rand.’ Um pouco aquém de uma carta de amor adequada, eu diria.”

Ele a beijou novamente.

Desta vez, recuperar o fôlego levou mais tempo. Isso não estava indo como ela esperava. Por outro lado, não estava indo muito mal. “Na segunda vez, Jonan Adley entregou um pedaço de papel que dizia: ‘Voltarei quando terminar aqui. Não acredite em ninguém. Rand.’ Adley me encontrou no meu banho,” ela acrescentou, “e ele não teve vergonha de dar uma olhada.” Rand sempre tentava fingir que não estava com ciúmes — como se houvesse um homem no mundo que não estivesse —, mas ela notou sua carranca para os homens que olhavam para ela. E seu ardor muito considerável ficou mais aquecido depois disso também. Ela se perguntou como seria esse beijo. Talvez ela devesse sugerir se retirarem para o quarto? Não, ela não seria tão ousada, não importava...

Rand a colocou no chão, seu rosto subitamente sombrio. “Adley está morto”, disse ele. De repente, a coroa voou de sua cabeça, girando ao longo da sala como se fosse arremessada. Justamente quando ela pensou que iria colidir com a parte de trás do Trono do Dragão, talvez esfaquear, o grande anel de ouro parou e pousou lentamente no assento do trono.

A respiração de Min ficou presa quando ela olhou para ele. O sangue brilhava nos cachos vermelhos escuros acima de sua orelha esquerda. Puxando um lenço de renda de sua manga, ela alcançou sua têmpora, mas ele segurou seu pulso.

“Eu o matei,” ele disse calmamente.

Ela estremeceu ao som de sua voz. Silencioso, como um túmulo era quieto. Talvez o quarto fosse uma ideia muito boa. Não importa o quão atirada fosse. Fazendo-se sorrir — e corando quando

percebeu como era fácil sorrir, pensando naquela cama enorme — ela agarrou a frente de sua camisa, preparando-se para rasgar a camisa e o casaco de suas costas ali mesmo.

Alguém bateu às portas.

As mãos de Min saltaram da camisa de Rand. Ela pulou para longe também. Quem poderia ser, ela se perguntou irritada. As Donzelas anunciavam visitantes quando Rand estava lá ou simplesmente os mandavam entrar.

"Entre", disse ele em voz alta, dando-lhe um sorriso pesaroso. E ela corou novamente com isso.

Dobraine enfiou a cabeça na porta, depois entrou e fechou a porta atrás de si quando os viu juntos. O lorde cairhieno era um homem pequeno, um pouco mais alto que ela, com a frente da cabeça raspada e o resto do cabelo principalmente grisalho caindo sobre os ombros. Listras de azul e branco decoravam a frente de seu casaco quase preto até abaixo da cintura. Mesmo antes de ganhar o favor de Rand, ele era uma potência na terra. Agora, ele governava ali, pelo menos até que Elayne pudesse reivindicar o Trono do Sol. "Meu Lorde Dragão," ele murmurou, curvando-se. "Minha Senhora *Ta'veren*."

"Uma piada," Min murmurou, quando Rand arqueou uma sobrancelha para ela.

"Talvez," Dobraine disse, dando de ombros levemente, "ainda que metade das mulheres nobres da cidade agora usem cores vivas em imitação de Lady Min. Calções que exibem as pernas, e muitas em casacos que nem cobrem o corpo..." Ele tossiu discretamente, percebendo que o casaco de Min não cobria seus quadris completamente.

Ela pensou em dizer a ele que ele tinha pernas muito bonitas, mesmo que fossem decididamente nodosas, então rapidamente pensou melhor. O ciúme de Rand poderia ser uma chama maravilhosa se eles estivessem sozinhos, mas ela não queria que ele

atacasse Dobraine. Ele era capaz disso, ela temia. Além disso, ela pensou que realmente era um deslize; Lorde Dobraine Taborwin não era do tipo que fazia piadas nem um pouco rudes.

“Então você está mudando o mundo também, Min.” Sorrindo, Rand bateu na ponta de seu nariz com um dedo. Ele tocou no nariz dela! Como uma criança, ele se divertia! Pior, ela se sentiu sorrindo de volta para ele como uma tola. “De maneiras melhores do que eu, ao que parece,” ele continuou, e aquele momentâneo sorriso juvenil se desvaneceu como névoa.

“Está tudo bem em Tear e Illian, meu Lorde Dragão?” perguntou Dobraine.

“Em Tear e Illian tudo está bem,” Rand respondeu severamente. “O que você tem para mim, Dobraine? Sente-se, homem. Sente-se.” Ele apontou para as fileiras de cadeiras e pegou uma para si.

“Eu agi de acordo com todas as suas cartas”, disse Dobraine, sentando-se em frente a Rand, “mas há pouco de bom para relatar, eu temo.”

“Vou pegar algo para bebermos”, disse Min com a voz tensa. Cartas? Não era fácil andar com botas de salto alto — ela havia se acostumado a elas, mas as coisas faziam você balançar com o que quer que fizesse — não era fácil, mas raiva suficiente tornava tudo possível. Ela caminhou até a pequena mesa dourada sob um dos enormes espelhos onde havia um jarro de prata e taças. Ela se ocupou em servir vinho condimentado, derramando-o furiosamente. Os servos sempre traziam taças extras, caso ela tivesse visitas, embora raramente tivesse, exceto Sorilea ou um monte de nobres. O vinho mal estava quente, mas estava mais do que quente o suficiente para os gostos daquele par. Ela recebera duas cartas, mas apostaria que Dobraine recebera dez! Vinte! Batendo jarra e taças, ela ouviu com atenção. O que eles estavam fazendo pelas costas dela com suas dezenas de cartas?

“Toram Riatin parece ter desaparecido”, disse Dobraine, “embora rumores, pelo menos, digam que ele ainda vive, por azar. Rumores também dizem que Daved Hanlon e Jeraal Mordeth — Padan Fain, como você chama o homem — o abandonaram. A propósito, acomodei a irmã de Toram, Lady Ailil, em aposentos generosos, com criados que são... fidedignos.” Por seu tom, ele claramente quis dizer confiáveis para si mesmo. A mulher não poderia trocar de vestido sem que ele soubesse. “Eu posso entender o motivo de trazê-la aqui, e Lorde Bertome e os outros, mas por que o Grão-Senhor Weiramon, ou Alta Dama Anaiyella? Não é preciso dizer, é claro, que seus servos também são confiáveis.”

“Como você sabe quando uma mulher quer te matar?” Rand meditou.

“Quando ela souber seu nome?” Dobraine não parecia estar brincando. Rand inclinou a cabeça pensativamente, então assentiu. Assentiu! Ela esperava que ele ainda não estivesse ouvindo vozes.

Rand gesticulou como se afastasse as mulheres que queriam matá-lo. Uma coisa perigosa, com ela por perto. Ela não queria matá-lo, certamente, mas não se importaria de ver Sorilea ir até ele com aquele chicote! As calças não davam muita proteção.

“Weiramon é um tolo que comete muitos erros”, disse Rand a Dobraine, que concordou com a cabeça. “Meu erro foi pensar que eu poderia usá-lo. Ele parece feliz o suficiente para ficar perto do Dragão Renascido de qualquer maneira. O que mais?” Min entregou-lhe uma taça, e ele sorriu para ela apesar do vinho que derramou em seu pulso. Talvez ele tenha pensado que foi um acidente.

“Pouco mais e muita coisa,” Dobraine começou, então se jogou para trás em sua cadeira para evitar derramar vinho enquanto Min empurrava o segundo cálice de prata para ele. Ela não tinha gostado de seu breve período como taverneira. “Meus agradecimentos, minha Lady Min,” ele murmurou graciosamente, mas ele a olhou de

soslaio enquanto pegava a taça. Ela caminhou calmamente de volta para buscar seu próprio vinho. Calmamente.

“Temo que Lady Caraline e o Grão-Senhor Darlin estejam no palácio de Lady Arilyn aqui na Cidade,” o lorde cairhieno continuou, “sob a proteção de Cadsuane Sedai. Talvez proteção não seja a palavra correta. Foi-me recusada a entrada para vê-los, mas ouvi dizer que eles tentaram deixar a cidade e foram trazidos de volta como sacos. Em um saco, uma história afirma. Tendo conhecido Cadsuane, quase posso acreditar.”

“Cadsuane,” Rand murmurou, e Min sentiu um calafrio. Ele não parecia com medo, precisamente, mas parecia mais do que inquieto. “O que você acha que eu deveria fazer sobre Caraline e Darlin, Min?”

Sentando-se em uma cadeira a duas de distância da dele, Min estremeceu ao ser incluída de repente. Com tristeza, ela olhou para o vinho encharcando sua melhor blusa de seda creme, e suas calças também. “Caraline apoiará Elayne no Trono do Sol”, disse ela com tristeza. Para vinho quente, parecia muito frio, e ela duvidava que a mancha saísse da blusa. “Não é uma visão, mas eu acredito nela.” Ela não olhou para Dobraine, embora ele assentisse sabiamente. Todo mundo sabia sobre suas visões, agora. O único resultado foi um fluxo de mulheres nobres que queriam saber seu futuro, e bem aborrecidas também, quando ela disse que não podia contar a elas. A maioria não teria ficado satisfeita com o pouco que ela tinha visto; nada terrível, mas não as maravilhas brilhantes que os adivinhos na feira previam. “Quanto a Darlin, além do fato de que ele vai se casar com Caraline, depois que ela o torceu e o pendurou, tudo o que posso dizer é que um dia ele será rei. Eu vi a coroa em sua cabeça, uma coisa com uma espada na frente, mas não sei a que país pertence. E, ah, sim. Ele vai morrer na cama, e ela vai sobreviver a ele.”

Dobraine engasgou com o vinho, cuspiendo e enxugando os lábios com um lenço de linho simples. A maioria dos que sabiam não

acreditava. Bastante satisfeita consigo mesma, Min bebeu o pouco que restava em sua taça. E então ela estava engasgando e ofegando, puxando o lenço da manga para limpar a boca. Luz, ela *teria* que se entregar à escória!

Rand simplesmente assentiu, olhando para sua taça. “Então eles viverão para me incomodar,” ele murmurou. Uma voz muito suave, para palavras duras. Ele era duro como uma lâmina, o pastor de ovelhas dela. “E o que eu faço sobre...”

Abruptamente, ele se virou na cadeira, em direção às portas. Uma estava abrindo. Ele tinha ouvidos muito aguçados. Min não tinha ouvido nada.

Nenhuma das duas Aes Sedai que entraram era Cadsuane, e Min sentiu os ombros afrouxarem enquanto guardava o lenço. Enquanto Rafela fechava a porta, Merana fez uma reverência profunda para Rand, embora os olhos cor de avelã da irmã Cinza pegassem Min e Dobraine e os arquivassem, e então Rafela de rosto redondo estava abrindo suas saias azuis profundas também. Nenhuma se levantou até que Rand gesticulou. Elas deslizaram para ele usando serenidade fria enquanto seguravam seus vestidos. Exceto que a roliça irmã Azul passou os dedos no xale brevemente, como se quisesse se lembrar de que estava lá. Min já tinha visto aquele gesto antes, de outras irmãs que juraram fidelidade a Rand. Não poderia ser fácil para elas. Apenas a Torre Branca comandava Aes Sedai, mas Rand estalava um dedo e elas vinham, apontava e iam. Aes Sedai falavam com reis e rainhas como iguais, talvez ligeiramente como suas superiores, mas as Sábias as chamavam de aprendizes e esperavam que obedecessem duas vezes mais rápido que Rand.

Nada disso apareceu no rosto liso de Merana. “Meu Lorde Dragão,” ela disse respeitosamente. “Acabamos de saber que você voltou e achamos que você podia estar ansioso para saber como as coisas aconteceram com os Atha’an Miere.” Ela apenas olhou para

Dobraine, mas ele se levantou imediatamente. Cairhienos estavam acostumados com pessoas querendo falar em particular.

“Dobraine pode ficar,” Rand disse secamente. Ele havia hesitado? Ele não ficou de pé. Com seus olhos como gelo azul, ele estava sendo o Dragão Renascido por tudo o que valia. Min lhe dissera que aquelas mulheres eram suas de verdade, que todas as cinco que o acompanharam ao navio do Povo do Mar eram dele, totalmente leais ao juramento e, portanto, obedientes à sua vontade, mas ele parecia achar difícil confiar em qualquer Aes Sedai. Ela entendia, mas ele ia ter que aprender como.

“Como você quiser”, respondeu Merana, inclinando a cabeça brevemente. “Rafela e eu fizemos uma barganha com o Povo do Mar. A Barganha, como chamam.” A diferença era clara ao ouvido. Com as mãos paradas sobre as saias verdes com barras cinzas, ela respirou fundo. Ela precisou. “Harine din Togara Dois Ventos, Mestra das Ondas do Clã Shodein, falando por Nesta din Reas Duas Luas, Senhora dos Navios dos Atha'an Miere, e assim vinculando todos os Atha'an Miere, prometeu navios como o Dragão Renascido precisa, para navegar quando e onde precisar, para os fins que precisar.” Merana parecia ter um toque pontifício quando não havia Sábias por perto; as Sábias não permitiram. “Em troca, Rafela e eu, falando por você, prometemos que o Dragão Renascido não mudará nenhuma lei dos Atha'an Miere, como tem feito entre os...” Por um momento, ela vacilou. “Me perdoe. Estou acostumada a entregar acordos exatamente como foram feitos. A palavra que elas usaram foi ‘litorâneos’, mas o que elas querem dizer é o que você fez em Tear and Cairhien.” Uma pergunta apareceu em seus olhos e desapareceu. Talvez ela estivesse se perguntando se ele tinha feito o mesmo em Illian. Expressou alívio por ele não ter mudado nada em sua terra natal Andor.

“Acho que posso viver com isso”, ele murmurou.

“Em segundo lugar”, Rafela continuou, cruzando as mãos gordas na cintura, “você deve dar terras aos Atha’an Miere, uma milha quadrada de lado, em cada cidade com águas navegáveis que você controla agora ou venha a controlar.” Ela parecia menos pomposa que sua companheira, mas apenas justa. Nem parecia inteiramente satisfeita com o que estava dizendo. Afinal, ela era tairana, e poucos portos tinham um controle mais rígido sobre seu comércio do que Tear. “Dentro dessa área, as leis dos Atha’an Miere devem prevalecer sobre quaisquer outras. Esse acordo também deve ser feito pelos governantes desses portos para que...” Foi sua vez de vacilar, e suas bochechas escuras ficaram um pouco cinzas.

"Então o acordo vai sobreviver a mim?" Rand disse secamente. Ele deu uma risada. "Posso viver com isso também."

"Toda cidade com água?" exclamou Dobraine. "Eles querem dizer aqui também?" Ele se levantou de um salto e começou a andar de um lado para o outro, derramando mais vinho do que Min. Ele não pareceu notar. "Uma milha quadrada? Somente a Luz sabe quais leis peculiares? Já viajei em navio do Povo do Mar, e é peculiar! Pernas nuas não são nem o começo! E quanto aos direitos aduaneiros, e taxas de ancoragem, e..." De repente, ele se virou para Rand. Fez uma careta para a Aes Sedai, que não prestou atenção nele, mas foi para Rand que falou, em um tom que beirava a aspereza. "Eles vão arruinar Cairhien em um ano, meu Lorde Dragão. Eles vão arruinar qualquer porto onde você permitir que eles façam isso."

Min concordou, silenciosamente, mas Rand apenas acenou com a mão e riu novamente. "Eles podem pensar assim, mas eu sei alguma coisa sobre isso, Dobraine. Eles não disseram quem escolhe a terra, então não precisa ser na água. Terão que comprar sua comida de você e viver com suas leis quando partirem, então não podem ser muito arrogantes. Na pior das hipóteses, você pode coletar sua alfândega quando as mercadorias saírem de seu... santuário. Sobre o resto... Se eu posso aceitar, você também pode." Não havia riso em sua voz agora, e Dobraine baixou a cabeça.

Min se perguntou onde ele aprendeu tudo isso. Ele parecia um rei, e alguém que sabia o que estava fazendo. Talvez Elayne o tivesse ensinado.

"'Segundo' implica que tem mais", disse Rand para as duas Aes Sedai.

Merana e Rafela trocaram olhares, tocaram inconscientemente em saias e xales, e então Merana falou, sua voz nada pomposa. Na verdade, era muito leve. "Em terceiro lugar, o Dragão Renascido concorda em manter sempre consigo um embaixador escolhido pelos Atha'an Miere. Harine din Togara se nomeou. Ela será acompanhada por sua Chamadora de Vento, seu Mestre de Espadas e uma comitiva."

"O que?" Rand rugiu, saltando da cadeira.

Rafela interrompeu correndo, na dele frente, como se temesse que ele pudesse interrompê-la. "E em quarto lugar, o Dragão Renascido concorda em ir prontamente a uma convocação da Senhora dos Navios, mas não mais de duas vezes em três anos consecutivos." Ela terminou ofegando um pouco, tentando fazer a última parte soar mais fraca.

O Cetro do Dragão voou do chão atrás de Rand, e ele o pegou no ar sem olhar. Seus olhos não eram mais gelo. Eles eram fogo azul. "Um embaixador do Povo do Mar agarrado aos meus calcanhares?" ele gritou. "Obedecer à convocação?" Ele balançou a ponta de lança esculpida para eles, a borla verde e branca batendo. "Há um povo lá fora que quer conquistar todos nós, e pode ser capaz de fazê-lo! Os Abandonados estão por aí! O Tenebroso está esperando! Por que vocês não concordaram que eu calafetaria seus cascos enquanto falavam sobre isso!"

Normalmente, Min tentava acalmar seu temperamento quando ele explodia, mas, desta vez, ela se inclinou para frente e olhou para as Aes Sedai. Ela concordava plenamente com ele. Elas tinham dado o celeiro todo para vender um cavalo!

Rafela realmente balançou com aquela explosão, mas Merana se ergueu, seus próprios olhos conseguindo uma boa imitação do fogo marrom salpicado de ouro. “Você *nos* castiga?” ela estalou em tons tão gelados quanto seus olhos estavam quentes. Ela era Aes Sedai como a criança que Min vira nelas, majestosa acima das rainhas, poderosa acima dos poderes. “Você estava presente no começo, *ta’veren*, e você as torceu como queria. Poderia tê-las todas ajoelhadas perante si! Mas você foi embora! Elas não gostaram de saber que estavam dançando para um *ta’veren*. Em algum lugar, elas aprenderam a tecer blindagens, e antes que você estivesse bem longe do navio delas, Rafela e eu estávamos blindadas. Então não podíamos tirar vantagem com o Poder, disseram. Mais de uma vez, Harine ameaçou nos enforcar no cordame pelos dedos dos pés até que recuperássemos o juízo, e eu acredito que ela estivesse falando sério! Sinta-se sortudo por ter os navios que deseja, Rand al'Thor. Harine teria lhe dado um punhado! Sinta-se sortudo por ela não querer suas novas botas e aquele seu trono medonho também! Ah, a propósito, ela formalmente reconheceu você como o Coramoor, que você fique com dor de barriga!”

Min olhou para ela. Rand e Dobraine olharam para ela, e a mandíbula do cairhieno ficou aberta. Rafela ficou olhando, sua boca mexendo silenciosamente. Por falar nisso, o fogo desapareceu dos olhos de Merana, e eles lentamente ficaram cada vez mais amplos, como se só agora ela estivesse ouvindo o que havia dito.

O Cetro de Dragão tremeu no punho de Rand. Min tinha visto sua fúria crescer até perto de explodir por muito menos. Ela rezou por uma maneira de evitar a explosão e não conseguiu ver uma.

“Parece,” ele disse finalmente, “que as palavras que um *ta’veren* arrasta nem sempre são as palavras que ele quer ouvir.” Ele parecia... calmo; Min não pensaria nisso, mas parecia são. “Você fez bem, Merana. Eu te dei um jantar de cachorro, mas você e Rafela se saíram bem.”

As duas Aes Sedai balançaram e, por um momento, Min pensou que poderiam desmoronar em poças no chão de puro alívio.

“Pelo menos conseguimos esconder os detalhes de Cadsuane”, disse Rafela, alisando as saias, vacilante. “Não havia como impedir que todos soubessem que tínhamos feito algum tipo de acordo, mas escondemos isso dela.”

“Sim,” Merana disse sem fôlego. “Ela até nos emboscou no caminho para cá. É difícil esconder qualquer coisa dela, mas nós conseguimos. Não achamos que você gostaria que ela...” Ela parou ao ver o olhar de pedra no rosto de Rand.

“Cadsuane de novo”, disse ele sem rodeios. Ele franziu a testa para o comprimento esculpido da ponta de lança em sua mão, então o jogou sobre uma cadeira como se não confiasse em si mesmo com isso. “Ela está no Palácio do Sol, não é? Min, diga às Donzelas lá fora que levem uma mensagem para Cadsuane. Ela deve se apresentar ao Dragão Renascido com toda a pressa.”

“Rand, eu não acho,” Min começou apreensiva, mas Rand interrompeu. Não asperamente, mas com bastante firmeza.

“Faça isso, por favor, Min. Essa mulher é como um lobo olhando para o aprisco. Pretendo descobrir o que ela quer.”

Min demorou a se levantar e arrastou os pés até as portas. Ela não era a única a achar que isso era uma má ideia. Ou pelo menos querer estar em outro lugar quando o Dragão Renascido enfrentasse Cadsuane Melaidhrin. Dobraine passou por ela no caminho para a porta, fazendo uma reverência apressada com apenas uma pausa, e até Merana e Rafela saíram da sala antes dela, embora parecessem que não estavam com pressa. Dentro da sala, elas não pareceram, de qualquer maneira. Quando Min colocou a cabeça no corredor, as duas irmãs pegaram Dobraine e estavam correndo a um trote.

Estranhamente, a meia dúzia de Donzelas que estavam do lado de fora quando Min entrou mais cedo agora tinham crescido em número, alinhando-se no corredor até onde ela podia ver em ambas

as direções, mulheres altas e de rosto duro nos tons de cinza, marrom e cinza do *cadin'sor*, *shoufa* enroladas em suas cabeças com o longo véu preto pendurado. Muitas carregavam suas lanças e escudos de couro de touro como se esperassem uma batalha. Algumas estavam jogando um jogo de dedos chamado “faca, papel, pedra”, e o resto observava atentamente.

Não tão atentamente que elas não a vissem, no entanto. Quando ela passou a mensagem de Rand, a conversa de mão brilhou para cima e para baixo nas fileiras, então duas Donzelas esguias saíram trotando. As outras prontamente voltaram ao jogo, jogando ou assistindo.

Coçando a cabeça em perplexidade, Min voltou a entrar. As Donzelas muitas vezes a deixavam nervosa, mas sempre tinham uma palavra para ela, às vezes respeitosa, como a uma Sábia, às vezes brincando, embora seu humor fosse estranho, para dizer o mínimo. Nunca a tinham ignorado assim.

Rand estava no quarto. Esse simples fato fez seu coração disparar. Ele estava sem o casaco, a camisa nevada desamarrada no pescoço e nos punhos e puxada para fora das calças. Sentando no pé da cama, ela se recostou em uma das pesadas colunas de madeira preta e levantou os pés, cruzando os tornozelos. Ela não tivera a chance de ver Rand se despir antes, e pretendia se divertir.

Em vez de continuar, porém, ele ficou ali olhando para ela. “O que Cadsuane pode me ensinar?” ele perguntou de repente.

“Você e todos os Asha'man”, ela respondeu. Essa tinha sido sua visão. “Não sei o quê, Rand. Só sei que você tem que aprender. Todos vocês têm.” Não parecia que ele pretendia progredir além de deixar sua camisa pendurada. Suspirando, ela continuou. “Você precisa dela, Rand. Não pode se dar ao luxo de deixá-la com raiva. Não pode se dar ao luxo de afastá-la.” Na verdade, ela não achava que cinquenta Myrddraal e mil Trollocs pudessem perseguir Cadsuane em qualquer lugar, mas o ponto era o mesmo.

Um olhar distante surgiu nos olhos de Rand e, depois de um momento, ele balançou a cabeça. “Por que eu deveria ouvir um louco?” ele murmurou quase em voz baixa. Luz, ele realmente acreditava que Lews Therin Telamon falava em sua cabeça? “Deixe alguém saber que você precisa deles, Min, e eles te seguram. Com uma coleira, para te puxar para onde eles quiserem. Não vou colocar um cabresto no meu próprio pescoço para nenhuma Aes Sedai. Não vou fazer isso para qualquer uma!” Lentamente, seus punhos se abriram. “De você, eu preciso, Min”, disse ele simplesmente. “Não pelas suas visões. Eu apenas preciso de você.”

Que a queimasse, mas o homem poderia varrer os pés dela com algumas palavras!

Com um sorriso tão ansioso quanto o dela, ele agarrou a barra da camisa com as duas mãos e se inclinou para começar a puxá-la sobre a cabeça. Enlaçando os dedos sobre o estômago, ela se acomodou para assistir.

As três Donzelas que entraram no quarto não usavam mais a *shoufa* que escondia seus cabelos curtos no corredor. Elas estavam de mãos vazias e também não usavam mais aquelas facas de cinto de lâmina pesada. Isso foi tudo que Min teve tempo de notar.

A cabeça e os braços de Rand ainda estavam dentro da camisa, e Somara, de cabelos louros e alta até mesmo para uma mulher Aiel, agarrou o linho branco e o enrolou, prendendo-o. Quase no mesmo movimento, ela o chutou entre as pernas. Com um gemido estrangulado, ele se inclinou ainda mais, cambaleando.

Nesair, de cabelos cor de fogo e linda apesar das cicatrizes brancas em ambas as bochechas escuras pelo sol, plantou um punho em seu lado direito com força suficiente para fazê-lo tropeçar para o lado.

Com um grito, Min se lançou da cama. Ela não sabia que loucura estava acontecendo ali, não podia nem começar a adivinhar. Uma de suas facas saiu suavemente de cada manga, e ela se jogou nas

Donzelas, gritando: “Socorro! Ah, Rand! Alguem AJUDE!” Pelo menos, foi isso que ela tentou gritar.

A terceira Donzela, Nandera, virou-se como uma cobra, e Min encontrou um pé plantado em seu estômago. A respiração saiu dela em um chiado. Suas facas voaram de mãos dormentes, e ela deu uma cambalhota sobre o pé da Donzela grisalha, caindo de costas com um estrondo que expulsou o pouco ar que restava nela. Tentando se mover, tentando respirar — tentando entender! — tudo o que ela podia fazer era ficar deitada e assistir.

As três mulheres foram bastante meticulosas. Nesair e Nandera bateram em Rand com os punhos, enquanto Somara o segurava curvado e preso em sua própria camisa. De novo e de novo e de novo, elas deram golpes estudados na barriga dura de Rand, em seu lado direito. Min teria rido histericamente se tivesse algum fôlego. Elas estavam tentando espancá-lo até a morte, e com muito cuidado evitavam bater em qualquer lugar perto da cicatriz redonda do lado esquerdo, com o corte semicurado passando por ela.

Ela sabia muito bem o quão duro era o corpo de Rand, quão forte, mas ninguém poderia resistir a isso. Lentamente, seus joelhos dobraram, e quando eles bateram no piso, Nandera e Nesair recuaram. Cada uma acenou com a cabeça, e Somara soltou a camisa de Rand. Ele caiu de cara. Ela podia ouvi-lo ofegante, lutando contra gemidos que borbulhavam apesar de seus esforços. Ajoelhando-se, Somara puxou a camisa para baixo quase com ternura. Ele ficou ali com o rosto no chão, olhos esbugalhados, lutando para respirar.

Nesair se inclinou para pegar um punhado de seu cabelo e erguer sua cabeça. “Nós ganhamos o direito para isso,” ela rosnou, “mas toda Donzela queria colocar as mãos em você. Deixei meu clã por você, Rand al'Thor. Não vou deixar você cuspir em mim!”

Somara moveu a mão como se estivesse alisando o cabelo do rosto, depois o puxou de volta. “É assim que tratamos um primeiro-

irmão que nos desonra, Rand al'Thor", disse ela com firmeza. "Na primeira vez. Na próxima, usaremos cintas."

Nandera estava ao lado de Rand com o punho plantado nos quadris e um rosto de pedra. "Você carrega a honra das Far Dareis Mai, filho de uma Donzela," ela disse severamente. "Você prometeu nos chamar para dançar as lanças para você, e então correu para a batalha e nos deixou para trás. Não vai fazer isso de novo."

Ela passou por cima dele para sair, e as outras duas a seguiram. Apenas Somara olhou para trás, e se simpatia tocou seus olhos azuis, não havia nada em sua voz quando ela disse: "Não faça isso ser necessário novamente, filho de uma donzela."

Rand já estava de quatro quando Min conseguiu rastejar até ele. "Elas devem estar loucas", ela resmungou. Luz, mas a barriga dela doía! "Rhuarc vai...!" Ela não sabia o que Rhuarc faria. Não seria o suficiente, o que quer que fosse. "Sorilea." Sorilea as colocaria ao sol! Para começar! "Quando contarmos a ela..."

"Nós não contamos a ninguém", disse ele. Ele quase soou como se tivesse recuperado o fôlego, embora ainda estivesse com os olhos ligeiramente arregalados. Como ele pôde fazer isso? "Elas têm o direito. Elas conquistaram o direito."

Min reconheceu esse tom muito bem. Quando um homem decidia ser teimoso, ele se sentava nu em um canteiro de urtigas e negava na sua cara que elas faziam seu traseiro doer! Ela estava quase satisfeita ao ouvi-lo gemer enquanto o ajudava a ficar de pé. Bem, quando eles se ajudaram. Se ele ia ser um idiota de pura cabeça de lã, merecia algumas contusões!

Ele se acomodou na cama, deitando-se nos travesseiros empilhados, e ela se aconchegou ao lado dele. Não era o que ela esperava, mas que ia acontecer, ela tinha certeza.

"Não é para isso que eu estava esperando usar esta cama ", ele murmurou. Ela não tinha certeza se deveria ouvir.

Ela riu. “Gosto de você me segurando tanto quanto... da outra coisa”. Estranhamente, ele sorriu para ela como se soubesse que ela estava mentindo. Sua tia Miren afirmou que era uma das três mentiras que qualquer homem acreditaria de uma mulher.

“Se estou interrompendo”, disse a voz fria de uma mulher da porta, “acho que posso voltar quando for mais conveniente.”

Min se afastou de Rand como se estivesse queimada, mas quando ele a puxou de volta, ela se acomodou contra ele novamente. Ela reconheceu a Aes Sedai parada na porta, uma pequena cairhiena roliça com quatro listras finas de cor em seus seios fartos e barras brancas em suas saias escuras. Daigian Moseneillin era uma das irmãs que vieram com Cadsuane. E ela era quase tão arrogante quanto a própria Cadsuane, na opinião de Min.

“Quem você é quando está em casa?” Rand disse preguiçosamente. “Quem quer que seja, ninguém nunca te ensinou a bater?” Min percebeu que cada músculo do braço que a segurava estava duro como uma rocha, no entanto.

A pedra da lua pendurada na testa de Daigian em uma fina corrente de prata balançava enquanto ela balançava a cabeça lentamente. Claramente, ela não estava satisfeita. “Cadsuane Sedai recebeu seu pedido”, disse ela, ainda mais friamente do que antes, “e me pediu para transmitir suas desculpas. Ela deseja muito terminar o pedaço de bordado em que está trabalhando. Talvez ela possa vê-lo outro dia. Se ela encontrar tempo.

“Foi isso que ela disse?” Rand perguntou perigosamente.

Daigian fungou com desdém. “Vou deixar você retomar... o que quer que você estivesse fazendo.” Min se perguntou se ela poderia se safar dando um tapa em uma Aes Sedai. Daigian a olhou friamente, como se ouvisse o pensamento, e virou-se para sair do quarto.

Rand sentou-se com um xingamento abafado. “Diga a Cadsuane que ela pode ir ao Poço da Perdição!” ele gritou para a irmã em retirada. “Diga a ela que ela pode apodrecer!”

“Isso não vai servir, Rand,” Min suspirou. Isso ia ser mais difícil do que ela pensava. “Você precisa de Cadsuane. Ela não precisa de você.”

“Ela não precisa?” ele disse suavemente, e ela estremeceu. Antes disso, ela só tinha pensado que a voz dele era perigosa.

Rand se preparou com cuidado, vestindo o casaco verde novamente, enviando Min com mensagens para as Donzelas carregarem. Pelo menos elas ainda fariam isso. Suas costelas doíam quase tanto no lado direito quanto as feridas do lado esquerdo, e sua barriga parecia ter sido espancado com uma tábua. Ele havia prometido a elas. Ele agarrou *saidin* sozinho em seu quarto, não querendo deixar que mesmo Min o visse vacilar novamente. Poderia mantê-la segura, pelo menos, de alguma forma, mas como ela poderia se sentir segura se o visse prestes a cair? Ele tinha que ser forte, pelo bem dela. Tinha que ser forte, pelo mundo. Aquele pacote de emoções na parte de trás de sua cabeça que era Alanna o lembrou do custo do descuido. Naquele momento, Alanna estava de mau humor. Ela devia ter ido longe demais com uma Sábia, porque se ela estava sentada, estava sentada com cautela.

“Eu ainda acho que isso é loucura, Rand al’Thor,” Min disse enquanto colocava a Coroa de Espadas cuidadosamente em sua cabeça. Ele não queria que aquelas pequenas lâminas tirassem sangue de novo agora. “Você está me ouvindo? Bem, se você pretende continuar com isso, eu vou com você. Você admitiu que precisa de mim, e vai precisar de mim mais do que nunca para isso!” Ela estava completamente vestida, punhos nos quadris, pés batendo, olhos quase brilhando.

“Você vai ficar aqui,” ele disse a ela com firmeza. Ele ainda não tinha certeza do que pretendia fazer, não totalmente, e não queria que ela o visse tropeçar. Ele estava com muito medo de tropeçar. Esperava uma discussão, no entanto.

Ela franziu a testa para ele, e seu pé parou de bater. A luz raivosa em seus olhos se desvaneceu em preocupação que desapareceu em um piscar de olhos. “Bem, suponho que você tenha idade suficiente para atravessar o estábulo sem a mão, pastor de ovelhas. Além disso, estou ficando para trás na minha leitura.”

Deixando-se cair em uma das altas cadeiras douradas, ela dobrou as pernas e pegou o livro que estava lendo quando ele entrou. Em instantes, ela parecia totalmente absorta na página diante dela.

Rand assentiu. Era isso que ele queria; ela ali, e segura. Ainda assim, ela não precisava esquecê-lo tão completamente.

Havia seis Donzelas agachadas no corredor do lado de fora de sua porta. Elas o encararam com os olhos inexpressivos, sem falar, o olhar de Nandera o mais vazio de todos. Embora Somara e Nesair chegassem perto. Ele achava que Nesair era Shaído; teria que ficar de olho nela.

Os Asha'man também estavam esperando — Lews Therin murmurou sombriamente sobre matar na cabeça de Rand — todos menos Narishma com o Dragão em seus colares, assim como a Espada. Curtamente, ele ordenou que Narishma montasse guarda em seus aposentos, e o homem fez uma continência brusca, aqueles olhos escuros grandes demais vendo demais, acusando levemente. Rand não achava que as Donzelas iriam descontar seu descontentamento em Min, mas ele não ia se arriscar. Luz, ele havia contado a Narishma tudo sobre as armadilhas que havia tecido na Pedra quando enviou o homem para buscar *Callandor*. O homem estava imaginando coisas. Que o queime, mas isso tinha sido um risco louco de correr.

Só os loucos nunca confiam. Lews Therin parecia divertido. E bem louco. As feridas na lateral de Rand latejavam; elas pareciam ressoar umas com as outras em uma dor distante.

“Mostre-me onde encontrar Cadsuane,” ele comandou. Nandera levantou-se suavemente e partiu sem olhar para trás. Ele a seguiu, e

os outros vieram atrás dele, Dashiva e Flinn, Morr e Hopwil. Ele lhes deu instruções apressadas enquanto caminhavam. Flinn, de todas as pessoas, tentou protestar, mas Rand o silenciou; não era hora para covardes. O antigo guarda grisalho era o último que Rand de quem esperava isso. Morr ou Hopwil, talvez. Se não eram mais exatamente olhos-úmidos, ainda eram jovens o suficiente para deixar suas navalhas secas tantos dias quanto molhada. Mas não Flinn. As botas macias de Nandera não faziam barulho; seus passos ressoavam no alto teto abobadado, afugentando todos com a sombra de um motivo para ter medo. Suas feridas pulsavam.

Todas as pessoas no Palácio do Sol já conheciam o Dragão Renascido à primeira vista, e também sabiam quem eram os homens de casaca preta. Servos de libré preta fizeram profundas mesuras ou reverências e correram para sair de sua vista. A maioria dos nobres era quase tão rápida quanto eles em colocar distância entre eles e cinco homens que podiam canalizar, indo para algum lugar com propósito em seus rostos. Ailil os observou passar com uma expressão ilegível. Anaiyella sorriu, é claro, mas quando Rand olhou para trás, ela estava olhando para ele com um rosto igual ao de Nandera. Bertome sorriu ao dobrar a perna, um sorriso sombrio sem alegria nem prazer.

Nandera não falou mesmo quando chegaram ao seu destino, apenas apontou para uma porta fechada com uma de suas lanças, girou nos calcanhares e voltou pelo caminho de onde vieram. O *Car'a'carn* sem uma única Donzela para guardá-lo. Elas achavam que quatro Asha'man eram suficientes para mantê-lo seguro? Ou sua partida foi outro sinal de desagrado?

"Façam o que eu disse", disse Rand.

Dashiva deu um puxão como se estivesse voltando a si, então agarrou a Fonte. A porta larga, esculpida em linhas verticais, se abriu com um estrondo em um fluxo de ar. Os outros três seguraram *saidin* e seguiram Dashiva, os rostos sombrios.

“O Dragão Renascido”, soou alta a voz de Dashiva, levemente ampliada pelo Poder, “o Rei de Illian, o Senhor da Manhã, vem ver a mulher, Cadsuane Melaidhrin.”

Rand entrou, de pé. Ele não reconheceu a outra trama que Dashiva havia criado, mas o ar parecia zumbir com ameaça, uma sensação de algo inexorável se aproximando, se aproximando cada vez mais.

"Eu mandei chamar você, Cadsuane", disse Rand. Ele não usava tramas. Sua voz era dura e plana o suficiente sem ajuda.

A irmã Verde que ele se lembrava estava sentada ao lado de uma mesinha com um bastidor de bordar nas mãos, uma cesta aberta no tampo polido derramando novelos de linha brilhante de alguns de seus muitos compartimentos. Ela era exatamente como ele se lembrava. Aquele rosto forte encimado por um coque cinza-ferro decorado com pequenos peixes e pássaros dourados pendurados, estrelas e luas. Aqueles olhos escuros, parecendo quase pretos em seu rosto claro. Fria, considerando os olhos. Lews Therin soltou um gemido e fugiu ao vê-la.

“Bem”, disse ela, colocando o bastidor de bordar na mesa, “devo dizer que já vi coisa melhor sem pagar. Com tudo o que tenho ouvido sobre você, garoto, o mínimo que eu esperava eram trovões, trombetas nos céus, luzes piscando no céu.” Calmamente, ela olhou para os cinco homens de rosto de pedra que podiam canalizar, o que deveria ter sido suficiente para fazer qualquer Aes Sedai recuar. Calmamente, ela olhou para o Dragão Renascido. “Espero que pelo menos um de vocês faça malabarismos”, disse ela. “Ou comer fogo? Eu sempre gostei de ver os homens alegres comendo fogo.”

Flinn deu uma risada antes de se conter, e mesmo assim passou a mão pela franja do cabelo e parecia estar lutando com a diversão. Morr e Hopwil trocaram olhares confusos e mais do que um pouco indignados. Dashiva sorriu desagradavelmente, e a trama que ele estava segurando ficou mais forte, até que Rand sentiu como se

quisesse olhar por cima do ombro para ver o que estava correndo em sua direção.

“É o suficiente que você saiba que eu sou quem eu sou,” Rand disse a ela. “Dashiva, todos vocês, esperem lá fora.”

Dashiva abriu a boca como se fosse protestar. Isso não fazia parte das instruções de Rand, mas eles não iriam intimidar a mulher, não dessa maneira. O homem foi, porém, murmurando para si mesmo. Hopwil e Morr realmente saíram ansiosos, com olhares de soslaio para Cadsuane. Flinn foi o único a fazer uma retirada digna, apesar de mancar. E ele ainda parecia divertido!

Rand canalizou, e uma pesada cadeira esculpida em leopardo flutuou no ar de seu lugar perto da parede, girando de ponta a ponta em cambalhotas antes de se acomodar como uma pena na frente de Cadsuane. Ao mesmo tempo, uma pesada jarra de prata surgiu de uma mesa comprida e drapeada do outro lado da sala, fazendo um ping alto ao ser subitamente aquecida; vapor jorrou do topo, e ela se tombou, girando e rodando como um pião lento, enquanto uma xícara de prata se arremessava para pegar o líquido escuro derramando.

"Muito quente, eu acho", disse Rand, e os caixilhos de vidro saltaram das janelas altas e estreitas. Flocos de neve subiram em uma rajada de gelo, e a xícara voou através de uma das janelas, voou de volta, direto para sua mão enquanto ele se sentava. Que ela visse o quão calma poderia ficar com um louco olhando para ela. O líquido escuro era chá, forte demais depois da fervura e amargo o suficiente para fazer seus dentes ficarem no limite. Mas o calor estava certo. Sua pele se arrepiou nas rajadas que uivavam na sala e batiam as tapeçarias contra as paredes, mas no Vazio, aquilo estava longe, era a pele de outra pessoa.

“A Coroa de Louros é mais bonita do que algumas”, disse Cadsuane com um leve sorriso. Seus enfeites de cabelo balançavam sempre que o vento aumentava, e pequenas mechas se agitavam em

seu coque, mas o único aviso que ela deu foi pegar seu bastidor de bordar pouco antes de ser soprado da mesa. “Prefiro esse nome. Mas você não pode esperar que eu fique impressionada com coroas. Eu bati na bunda de dois reis em exercício e três rainhas. Não podiam sentar, você entende, uma vez que terminei com eles, por um dia ou mais, mas isso chamou a atenção deles. Você pode ver por que as coroas não me impressionam, no entanto.”

Rand aliviou sua mandíbula. Apertar os dentes não ajudaria. Ele arregalou os olhos, esperando parecer louco em vez de simplesmente furioso. “A maioria das Aes Sedai evita o Palácio do Sol”, ele disse a ela. “Exceto aquelas que juraram fidelidade a mim. E essas eu mantenho prisioneiras.” Luz, o que ele faria com isso? Enquanto as Sábias as mantivessem longe de seus cabelos, tudo estava bem.

“Os Aiel parecem pensar que eu deveria ir e vir quando eu quisesse”, disse ela distraidamente, olhando para o aro em sua mão como se pensasse em pegar sua agulha novamente. “Uma questão de alguma ajuda insignificante que dei a um menino ou outro. Mas por que alguém, exceto suas mães, deveria pensar que eles valem a pena, eu mal posso dizer.”

Rand fez outro esforço para não ranger os dentes. A mulher *tinha* salvado sua vida. Ela, com Darner Flinn entre elas, e muitos outros na barganha, Min entre eles. Mas ainda devia algo a Cadsuane por isso. Que a queime. “Quero que você seja minha conselheira. Eu sou o Rei de Illian agora, e os reis têm conselheiras Aes Sedai.”

Ela deu à sua coroa um olhar desdenhoso. “Certamente não. Uma conselheira tem que ficar de pé e observar seu encarregado fazer uma confusão com muita frequência para me agradar. Ela também tem que receber ordens, algo em que sou particularmente ruim. Outra pessoa não serve? Alanna, talvez?”

Apesar de tudo, Rand endireitou-se. Ela sabia sobre o vínculo? Merana disse que era difícil esconder qualquer coisa dela. Não; ele

poderia se preocupar mais tarde com o quanto suas “fiéis” Aes Sedai estavam dizendo a Cadsuane. Luz, ele desejou que Min pudesse estar errada pelo menos uma vez. Mas acreditaria estar respirando água, primeiro. “Eu...” Ele não conseguiu dizer a ela que precisava dela. Sem cabresto! “E se você não tivesse que fazer nenhum juramento?”

“Acho que isso poderia funcionar”, disse ela em dúvida, olhando para sua maldita costura. Seus olhos se ergueram para os dele. Considerando. “Você parece... inquieto. Eu não gosto de dizer a um homem que ele está com medo, mesmo quando ele tem razão para estar. Inquieto que uma irmã que você não transformou em um cachorrinho manso possa te pegar de alguma forma? Deixe-me ver. Posso te fazer algumas promessas; talvez elas acalmem sua mente. Espero que você escute, é claro — me faça perder o fôlego e você vai gritar por isso —, mas não vou obrigar você a fazer o que eu quero. Não vou tolerar ninguém mentindo para mim, certamente — isso é outra coisa que você vai achar decididamente desconfortável —, mas também não espero que você me diga os anseios mais profundos do seu coração. Ah, sim. O que quer que eu faça, será para o seu próprio bem; não meu, nem o bem da Torre Branca, o seu. Agora, isso alivia seus medos? Perdoe-me. Pelo seu desconforto.”

Imaginando se deveria rir, Rand olhou para ela. “Elas te ensinam como fazer isso?” Ele perguntou. “Fazer uma promessa parecer uma ameaça, quero dizer.”

“Ah, eu vejo. Você quer regras. A maioria dos meninos quer, independente do que digam. Muito bem. Deixe-me ver. Não posso tolerar a incivilidade. Então você será devidamente civilizado comigo, com meus amigos e meus convidados. Isso inclui não canalizar para eles, caso você não tenha adivinhado, e manter a calma, o que eu entendo ser memorável. Também serve para os seus... companheiros naqueles casacos pretos. Uma pena se eu tivesse que bater em você por algo que um deles fez. Isso basta? Eu posso fazer mais, se você precisar.”

Rand colocou sua xícara ao lado da cadeira. O chá tinha ficado frio e amargo. A neve estava começando a se acumular em montes sob as janelas. “Eu é que deveria enlouquecer, Aes Sedai, mas você já está louca.” Levantando-se, ele caminhou para a porta.

“Espero que você não tenha tentado usar *Callandor*,” ela disse complacente atrás dele. “Ouvi dizer que desapareceu da Pedra. Você conseguiu escapar uma vez, mas talvez não duas vezes.”

Ele parou de repente, olhando por cima do ombro. A mulher estava enfiando aquela agulha ensanguentada no pano esticado em seu aro! O vento soprava em rajadas, fazendo redemoinhos de neve ao redor dela, e ela nem mesmo levantou a cabeça. “O que você quer dizer com escapar?”

“O que?” Ela não olhou para cima. “Ah. Muito poucas pessoas, mesmo na Torre, sabiam o que era *Callandor* antes de você pegá-la, mas há coisas surpreendentes escondidas nos cantos mofados da Biblioteca da Torre. Fui vasculhar alguns anos atrás, quando pela primeira vez tive a suspeita de que você poderia estar mamando no peito de sua mãe. Pouco antes de eu decidir voltar para a aposentadoria. Bebês são coisas confusas, e eu não conseguia ver como encontrar você antes que você parasse de pingar em uma extremidade ou na outra.”

“O que você quer dizer?” ele exigiu grosseiramente.

Cadsuane ergueu os olhos e, com o cabelo solto e a neve caindo sobre o vestido, parecia uma rainha. “Já lhe disse que não posso tolerar a incivilidade. Se você pedir minha ajuda novamente, espero que peça educadamente. E espero um pedido de desculpas pelo seu comportamento hoje!”

“O que você quer dizer sobre *Callandor*?”

“É falha,” ela respondeu secamente, “não tem o amortecedor que torna os outros *sa’angreal* seguros de usar. E aparentemente aumenta a mácula, induzindo a selvageria da mente. Desde que um homem o esteja usando, de qualquer maneira. A única maneira

segura de você usar A Espada Que Não É Espada, a única maneira de usá-la sem o risco de se matar, ou tentar fazer só a Luz sabe que insanidade, é estando ligado a duas mulheres, e uma delas guiando os fluxos”.

Tentando não curvar os ombros, ele se afastou dela. Portanto, não foi apenas a selvageria de *saidin* em torno de Ebou Dar que matou Adley. Ele havia assassinado o homem no momento em que mandou Narishma buscar a coisa.

A voz de Cadsuane o perseguiu. “Lembre-se, garoto. Você deve pedir muito gentilmente, e pedir desculpas. Eu poderia até concordar, se suas desculpas soarem verdadeiramente sinceras.”

Rand mal a ouviu. Ele esperava usar *Callandor* novamente, esperava que fosse forte o suficiente. Agora só restava uma chance, e isso o aterrorizava. Parecia ouvir a voz de outra mulher, a voz de uma mulher morta. *Você poderia desafiar o Criador.*



CAPÍTULO

28



Espinheiro Carmesim

Difícilmente parecia o cenário para a explosão que Elayne temia. Harlon Bridge era uma vila de tamanho moderado, com três pousadas e casas suficientes para que ninguém tivesse que dormir em um palheiro. Quando Elayne e Birgitte desceram para o salão comunal naquela manhã, a senhora Dill, a estalajadeira redonda, sorriu calorosamente e fez uma reverência tanto quanto seu tamanho permitia. Não era só que Elayne era Aes Sedai. A dona Dill ficou tão satisfeita que sua estalagem estivesse cheia, com as estradas cheias de neve, que ela circulava em volta de quase todo mundo. Com entrada delas, Aviendha engoliu apressadamente o resto do pão e queijo do café da manhã, limpou algumas migalhas do vestido verde e pegou o manto escuro para se juntar a elas.

Lá fora, o sol estava apenas espreitando no horizonte, uma cúpula baixa de amarelo pálido. Apenas algumas nuvens marcavam um lindo céu azul, e elas eram brancas e fofas, não do tipo que carregam neve. Parecia um dia maravilhoso para viajar.

Exceto que Adeleas estava pisando em um caminho pela rua nevada, e a irmã de cabelos brancos estava arrastando uma das Kin, Garenia Rosoinde, pelo braço. Garenia era uma saldaeana de quadris

finos que passara os últimos vinte anos como comerciante, embora parecesse apenas alguns anos mais velha do que Nynaeve. Normalmente, seu nariz fortemente adunco lhe dava uma aparência forte, de uma mulher que faria negociações difíceis e não recuaria. Agora seus olhos escuros e inclinados estavam grandes em seu rosto e sua boca larga estava aberta, emitindo um gemido sem palavras. Um grupo crescente de Mulheres Kin seguia atrás, as saias erguidas para fora da neve, sussurrando entre si, com mais correndo de todas as direções para se juntar a elas. Reanne e o resto do Círculo de Tricô estavam na frente, todas carrancudas, exceto Kirstian, que parecia ainda mais pálida do que o habitual. Alise também estava lá, com uma expressão totalmente vazia.

Adeleas parou na frente de Elayne e empurrou Garenia com tanta força que a mulher caiu de quatro na neve. Onde ela ficou, ainda chorando. As Mulheres Kin se reuniram atrás dela, mais do seu número reunindo-se.

“Estou trazendo isso para você porque Nynaeve está ocupada”, disse a irmã Marrom a Elayne. Ela quis dizer que Nynaeve estava aproveitando um pouco de tempo sozinha com Lan em algum lugar, mas pela primeira vez, nem mesmo um esboço de sorriso cruzou seus lábios. “Fique quieta, criança!” ela repreendeu Garenia. Que prontamente ficou em silêncio. Adeleas deu um aceno satisfeito. “Esta não é Garenia Rosoinde”, disse ela. “Eu finalmente a reconheci. Zarya Alkaese, uma noviça que fugiu pouco antes de Vandene e eu decidirmos nos aposentar e escrever nossa história do mundo. Ela admitiu isso, quando eu a confrontei. Estou surpresa que Careane não a reconheceu antes disso; elas foram noviças juntas por dois anos. A lei é clara, Elayne. Uma fugitiva deve ser vestida de branco o mais rápido possível e mantida sob estrita disciplina até que possa ser devolvida à Torre para a devida punição. Ela não vai pensar em correr de novo depois disso!”

Elayne assentiu lentamente, tentando pensar no que dizer. Se Garenia — Zarya — ia ou não pensar em fugir novamente, ela não

teria a oportunidade. Era muito forte no Poder; a Torre não a deixaria ir mesmo se levasse o resto de sua vida para ganhar o xale. Mas Elayne estava se lembrando de algo que ouvira aquela mulher dizer na primeira vez que a conhecera. O significado não havia sido registrado na época, mas agora sim. Como Zarya enfrentaria a roupa branca de noviça novamente, depois de viver como sua própria mulher por setenta anos? Pior, aqueles sussurros entre as Mulheres Kin começaram a soar como estrondos.

Ela não teve muito tempo para pensar. De repente, Kirstian caiu de joelhos, agarrando a saia de Adeleas com uma mão. “Eu me submeto,” ela disse calmamente, seu tom de admiração vindo daquele rosto exangue. “Fui inscrita no livro de noviças há quase trezentos anos e fugi menos de um ano depois. Eu me submeto, e... e imploro misericórdia.”

Foi a vez de Adeleas, de cabelos brancos, ficar de olhos arregalados. Kirstian estava alegando ter fugido da Torre Branca quando ela mesma era criança, se não antes de nascer! A maioria das irmãs ainda não acreditava realmente nas idades reivindicadas pelas Kin. De fato, Kirstian parecia estar apenas em sua meia-idade.

Mesmo assim, Adeleas se recuperou rapidamente. Por mais velha que a outra mulher fosse, Adeleas era Aes Sedai há tanto tempo quanto qualquer pessoa viva. Ela carregava uma aura de idade e autoridade. “Se é assim, criança,” sua voz vacilou um pouco com isso, “temo que devemos colocar você de branco também. Você ainda será punida, mas se você se render como fez, ganhará alguma mitigação.”

“É por isso que eu fiz isso.” O tom firme de Kirstian foi um pouco prejudicado por uma tragada dura. Ela era quase tão forte quanto Zarya — nenhuma do Círculo de Tricô era fraca — e ela seria mantida bem perto. “Eu sabia que você iria me descobrir mais cedo ou mais tarde.”

Adeleas assentiu como se isso fosse claramente óbvio, mas como a mulher teria sido descoberta, Elayne não conseguia adivinhar. Ela duvidava muito que Kirstian Chalwin fosse o nome com o qual a mulher havia nascido. A maioria das Kin acreditava na onisciência das Aes Sedai, no entanto. Elas tinham acreditado, pelo menos.

"Bobagem!" A voz rouca de Sarainya Vostovan cortou o murmúrio das Kin. Nem forte o suficiente para se tornar Aes Sedai, nem quase velha o suficiente para se destacar entre as Kin, ela ainda saiu do meio do bando desafiadoramente. "Por que devemos entregá-las à Torre Branca? Nós ajudamos as mulheres a fugir, e com razão! Não faz parte das regras devolvê-las!"

"Controle-se!" Reanne disse bruscamente. "Alise, pegue Sarainya pela mão, por favor. Parece que ela esquece muitas das regras que afirma conhecer."

Alise olhou para Reanne, seu rosto ainda ilegível. Alise, que impôs as regras das Kin com mão firme. "Não faz parte de nossas regras devolver fugitivas, Reanne," ela disse.

Reanne estremeceu como se tivesse sido atingida. "E como você sugere mantê-las?" ela exigiu finalmente. "Sempre separamos as fugitivas até termos certeza de que não eram mais caçados e, se fossem encontradas antes, deixávamos que as irmãs as levassem. Essa é a regra, Alise. Que outra regra você propõe violar? Você sugere que realmente nos coloquemos *contra* a Aes Sedai?" O ridículo de tal noção encheu sua voz, mas Alise ficou olhando para ela, em silêncio.

"Sim!" uma voz gritou da multidão de Mulheres Kin. "Nós somos muitas, e eles são poucas!" Adeleas olhou para a multidão incrédula. Elayne abraçou *saidar*, embora soubesse que a voz estava certa — as Kin eram muitas. Ela sentiu Aviendha abraçando o Poder, e Birgitte se preparando.

Dando uma sacudida em si mesma como se estivesse voltando a si, Alise fez algo muito mais prático, certamente muito mais eficaz.

“Sarainya,” ela disse em voz alta, “você vai se reportar a mim quando pararmos esta noite, com um chicote você se castigue antes de sairmos esta manhã. Você também, Asra; eu reconheço sua voz!” E então, tão alto, ela disse a Reanne: “Eu me apresentarei para seu julgamento quando pararmos esta noite. Não vejo ninguém se preparando!”

As Mulheres Kin se separaram rapidamente, indo pegar suas coisas, mas Elayne viu algumas delas conversando baixinho enquanto iam. Quando elas atravessaram a ponte sobre o riacho congelado que descia ao lado da aldeia, com Nynaeve incrédula sobre o que havia perdido e procurando alguém para dar um sermão, Sarainya e Asra carregavam chicotes — assim como Alise — e Zarya e Kirstian usavam vestidos brancos que encontraram apressadamente sob seus mantos escuros. As Chamadoras de Vento apontaram para elas e riram ruidosamente. Mas muitas das Mulheres Kin ainda falavam em grupos, silenciando sempre que uma irmã ou uma mulher do Círculo de Tricô olhava para elas. E havia uma escuridão em seus olhos quando elas olhavam para Aes Sedai.

Mais oito dias debatendo-se na neve quando ela não estava caindo, e rangendo os dentes em uma estalagem quando estava. Mais oito dias meditando pelas Kin, olhando friamente para as irmãs, dias desfilando pelas Chamadoras de Vento ao redor das Kin e das Aes Sedai. Na manhã do nono dia, Elayne começou a desejar que todas tivessem simplesmente pulado nas gargantas de todas as outras.

Ela estava acabando de se perguntar se elas poderiam cobrir os últimos dezesseis quilômetros até Caemlyn sem um assassinato, quando Kirstian bateu em sua porta e entrou correndo sem esperar por uma resposta. O vestido simples de lã da mulher não era do tom de branco adequado para uma noiva, e ela havia recuperado muito de sua dignidade de alguma forma, como se o conhecimento de seu futuro tivesse suavizado seu presente, mas agora ela fez uma reverência apressada, quase tropeçando em sua capa, e seus olhos

quase negros estavam ansiosos. “Nynaeve Sedai, Elayne Sedai, Lord Lan disse que vocês devem vir imediatamente,” ela disse sem fôlego. “Ele me disse para não falar com ninguém, e vocês também não.”

Elayne e Nynaeve trocaram olhares com Aviendha e Birgitte. Nynaeve grunhiu algo baixinho sobre o homem não saber distinguir o privado do público, mas ficou claro antes que ela corasse que não acreditava. Elayne sentiu o foco de Birgitte, a flecha puxada, caçando um alvo.

Kirstian não sabia o que Lan queria, apenas para onde deveria levá-las. A pequena cabana fora da Travessia dos Cullen, onde Adeleas tinha levado Ispan na noite anterior. Lan ficou do lado de fora, com os olhos frios como o ar, e não deixou Kirstian entrar. Quando Elayne entrou, viu por quê.

Adeleas estava deitada de lado, ao lado de um banco virado, uma xícara no chão de madeira áspera não muito longe de uma mão estendida. Seus olhos encaravam, e uma poça de sangue coagulado se espalhava do corte profundo em sua garganta. Ispan estava deitada em uma pequena cama, olhando para o teto. Lábios puxados para trás em uma expressão que mostravam seus dentes, e seus olhos esbugalhados pareciam cheios de horror. Bem que poderiam ter estado, já que uma estaca de madeira da espessura de um pulso se destacava entre seus seios. O martelo que claramente tinha sido usado para cravá-la estava ao lado da cama, na beira de uma mancha escura que corria de volta para debaixo da cama.

Elayne se obrigou a parar de pensar em esvaziar o estômago na hora. “Luz,” ela respirou. “Luz! Quem poderia fazer isso? Como alguém pôde fazer isso?” Aviendha balançou a cabeça, pensativa, e Lan nem se incomodou com isso. Ele apenas observou nove direções ao mesmo tempo, como se esperasse que quem, ou o que quer que tivesse cometido esse assassinato, entrasse por uma das duas pequenas janelas, se não pelas paredes. Birgitte sacou seu canivete

e, junto ao rosto, desejou ter seu arco. Aquela flecha puxada estava mais forte do que nunca na cabeça de Elayne.

A princípio, Nynaeve simplesmente ficou parada em um ponto, estudando o interior da cabana. Havia pouco para ver, além do óbvio. Um segundo banquinho de três pés, uma mesa rústica com uma lâmpada bruxuleante, um bule verde e uma segunda xícara, uma lareira de pedra rústica com cinzas frias na lareira. Isso era tudo. A cabana era tão pequena que Nynaeve só deu um passo para chegar à mesa. Mergulhando o dedo no bule, ela o tocou na ponta da língua, depois cuspiu vigorosamente e esvaziou o bule inteiro na mesa em uma lavagem de chá e folhas de chá. Elayne piscou pensativa.

"O que aconteceu?" Vandene perguntou friamente da porta. Lan moveu-se para barrar seu caminho, mas ela o deteve com um pequeno gesto. Elayne começou a colocar um braço em volta dela e recebeu outra mão levantada para ficar para trás. Os olhos de Vandene permaneceram na irmã, calmos no rosto de serenidade da Aes Sedai. A mulher morta no catre poderia muito bem não ter existido. "Quando vi todas vocês indo para cá, pensei... Sabíamos que não tínhamos muitos anos restantes, mas..." Sua voz soava com serenidade, mas não era de se admirar que fosse uma máscara. "O que você encontrou, Nynaeve?"

A simpatia parecia estranha no rosto de Nynaeve. Limpando a garganta, ela apontou para as folhas de chá sem tocá-las. Para lascas brancas entre as folhas pretas emaranhadas. "Isso é raiz de espinheiro carmesim," ela disse, tentando soar prosaica e falhando. "É doce, então você pode não sentir no chá, a menos que saiba o que é, especialmente se você tomar muito mel."

Vandene assentiu, sem tirar os olhos da irmã. "Adeleas desenvolveu o gosto pelo chá doce em Ebou Dar."

"Um pouco mata a dor", disse Nynaeve. "Isso... Isso mata, mas lentamente. Mesmo alguns goles seriam suficientes." Respirando

fundo, ela acrescentou: “Elas podem ter permanecido conscientes por horas. Incapazes de se mover, mas conscientes. Ou quem fez isso não queria arriscar alguém chegando cedo demais com um antídoto – não que eu conheça um, para uma bebida tão forte – ou então eles queriam que uma ou outra soubesse quem as estava matando.” Elayne engasgou com a brutalidade, mas Vandene simplesmente assentiu.

“Ispan, eu acho, já que eles parecem ter levado mais tempo com ela.” A Verde de cabelos brancos quase parecia estar pensando em voz alta, resolvendo um quebra-cabeça. Cortar uma garganta levava menos tempo do que enfiar uma estaca no coração de alguém. A calma dela fez a pele de Elayne arrepiar. “Adeleas nunca aceitaria beber nada de alguém que ela não conhecesse, não aqui com Ispan. Esses dois fatos nomeiam seu assassino, de certa forma. Um amigo das Trevas, e um em nosso grupo. Uma de nós.” Elayne sentiu dois calafrios, o dela e o de Birgitte.

“Uma de nós,” Nynaeve concordou com tristeza. Aviendha começou a testar a ponta do canivete no polegar e, pela primeira vez, Elayne não sentiu nenhuma objeção.

Vandene pediu para ficar sozinha com a irmã por alguns instantes e sentou-se no chão para embalar Adeleas nos braços antes de saírem pela porta. Jaem, o velho Guardião retorcido de Vandene, estava esperando do lado de fora com uma Kirstian trêmula.

De repente, um lamento irrompeu dentro da cabana, o grito a plenos pulmões de uma mulher lamentando a perda de tudo. Nynaeve, de todas as pessoas, virou-se para voltar, mas Lan colocou a mão em seu braço e Jaem se plantou diante da porta com olhos não muito mais calorosos do que os de Lan. Não havia nada a fazer além de deixá-los, Vandene para gritar sua dor, e Jaem para guardá-la nela. E compartilhar, Elayne percebeu, sentindo aquele nó de emoções em sua cabeça que era Birgitte. Ela estremeceu, e Birgitte colocou um braço em volta de seus ombros. Aviendha fez o mesmo

do outro lado e fez sinal para Nynaeve se juntar a elas, o que ela fez, depois de um momento. O assassinato em que Elayne pensara tão levemente havia acontecido, uma de seus companheiros era um Amigo das Trevas, e de repente o dia parecia frio o suficiente para quebrar ossos, mas havia um calor na proximidade de suas amigas.

As últimas dez milhas fúnebres até Caemlyn levaram dois dias na neve, com até mesmo as Chamadoras de Vento decentemente subjugadas. Não que elas pressionassem Merilille com menos força. Não que as Kin parassem de falar e ficassem em silêncio sempre que uma irmã ou uma mulher do Círculo de Tricô se aproximava. Vandene, com a sela prateada de sua irmã em seu cavalo, parecia tão serena quanto estava ao lado do túmulo de Adeleas, mas os olhos de Jaem carregavam uma silenciosa promessa de morte que certamente cavalgava no coração de Vandene também. Elayne não poderia estar mais feliz em ver as muralhas e torres de Caemlyn, a não ser se a simples visão lhe tivesse dado a Coroa de Rosas e trazido de volta Adeleas.

Até mesmo Caemlyn, uma das grandes cidades do mundo, nunca tinha visto gente como aquele grupo antes, e uma vez dentro das muralhas de quinze metros de pedra cinza, eles atraíram a atenção ao cruzarem a Cidade Nova por ruas largas, cheias de lama e movimentadas com pessoas, carroções e carroças. Os lojistas estavam parados em suas portas e boquiabertos. Os guias das carroças frearam suas montarias para encarar. Homens Aiel imponentes e Donzelas altas os olhavam de todos os cantos, ao que parecia. As pessoas pareciam não notar os Aiel, mas Elayne sim. Ela amava Aviendha como a si mesma, mais até, mas não poderia amar um exército Aiel armado andando pelas ruas de Caemlyn.

O centro da cidade, cercado por altas muralhas brancas com listras prateadas, era um deleite de lembrança, e Elayne finalmente começou a sentir que estava voltando para casa. As ruas seguiam as curvas das colinas, e cada elevação apresentava uma nova vista de parques e monumentos cobertos de neve, dispostos para serem

vistos de cima e de perto, de torres de azulejos brilhantes brilhando com cem cores ao sol da tarde. E então o próprio Palácio Real estava diante deles, uma confecção de pináculos pálidos e cúpulas douradas e intrincados rendilhados de pedra. A bandeira de Andor acenava de quase todas as proeminências, o Leão Branco em fundo vermelho. E outras, a Bandeira do Dragão ou a Bandeira da Luz.

Nos altos portões dourados do Palácio, Elayne avançou sozinha em seu vestido de montaria cinza manchado de viagem. A tradição e a lenda diziam que as mulheres que primeiro se aproximavam do Palácio em esplendor sempre falhavam. Ela deixou claro que tinha que fazer isso sozinha, mas quase desejou que Aviendha e Birgitte tivessem conseguido convencê-la. Metade das duas dúzias de guardas na frente dos portões eram Donzelas Aiel, os outros homens com capacetes azuis e casacos azuis com um dragão vermelho e dourado marchando sobre o peito.

“Eu sou Elayne Trakand,” ela anunciou em voz alta, surpresa com o quão calma ela soava. Sua voz foi carregada, e através da grande praça, as pessoas deixaram de olhar seus companheiros para olhar para ela. A fórmula antiga rolou de sua língua. “Em nome da Casa Trakand, por direito de descendência de Ishara, vim reivindicar o Trono do Leão de Andor, se a Luz assim o desejar.”

Os portões se abriram.

Não seria tão fácil, é claro. Mesmo a posse do Palácio não era suficiente para manter o trono de Andor por si só. Passando seus companheiros aos cuidados de uma atônita Reese Harfor — e muito satisfeita ao ver que a grisalha Primeira Dama, redonda e régia como qualquer rainha, ainda tinha o Palácio em suas mãos capazes — e um círculo de servos em libré vermelho e branco, Elayne correu para o Grande Salão, a sala do trono de Andor. Sozinha de novo. Isso não fazia parte do ritual, ainda não. Deveria vestir a seda vermelha com o corpete trabalhado em pérolas e leões brancos subindo pelas

mangas, mas sentiu-se compelida. Desta vez, nem mesmo Nynaeve tentou se opor.

Colunas brancas de vinte passos de altura desciam pelas laterais do Grande Salão. A sala do trono estava vazia, ainda. Isso não duraria muito. A luz clara da tarde através dos caixilhos de vidro nas janelas altas ao longo das paredes misturava-se com a luz colorida através das grandes janelas colocadas no teto, onde o Leão Branco de Andor alternava com cenas de vitórias andoreanas e os rostos das primeiras rainhas da terra, começando com a própria Ishara, tão sombria quanto qualquer Atha'an Miere, tão cheia de autoridade quanto qualquer Aes Sedai. Nenhuma governante de Andor poderia esquecer, com as predecessoras que forjaram esta nação olhando para ela.

Uma coisa que ela temia ver — a enorme monstruosidade de um trono, todo de dragões dourados, que ela tinha visto em pé no estrado na extremidade do Salão em *Tel'aran'rhiod*. Não estava lá, graças à Luz. O Trono do Leão também não repousava sobre um pedestal alto como um troféu, mas mantinha seu devido lugar sobre o estrado, uma cadeira maciça, esculpida e dourada, mas do tamanho de uma mulher. O Leão Branco, destacado em pedras da lua em um campo de rubis, ficaria acima da cabeça de qualquer mulher que estivesse sentada ali. Nenhum homem poderia se sentir à vontade sentado naquele trono, porque, segundo a lenda, ele saberia que havia selado seu destino. Elayne achou mais provável que os construtores tivessem simplesmente se assegurado de que um homem não caberia nele facilmente.

Subindo os degraus de mármore branco do estrado, ela colocou a mão em um braço do trono. Não tinha o direito de sentar nele, ainda não. Não até que fosse reconhecida como Rainha. Mas fazer juramentos no Trono do Leão era um costume tão antigo quanto Andor. Teve que resistir ao desejo de simplesmente cair de joelhos e chorar no assento do trono. Reconciliada com a morte de sua mãe,

ela poderia até estar, mas isso trouxe de volta toda a dor. Ela não podia quebrar agora.

“Sob a Luz, honrarei sua memória, Mãe,” ela disse suavemente. “Vou honrar o nome de Morgase Trakand e tentar trazer apenas honra à Casa Trakand.”

“Ordenei aos guardas que mantivessem os curiosos e os que buscavam favores afastados. Suspeitei que você gostaria de ficar sozinha aqui por um tempo.”

Elayne virou-se lentamente para encarar Dyelin Taravin, enquanto a mulher de cabelos dourados percorria o salão principal. Dyelin tinha sido uma das primeiras apoiadoras de sua mãe em sua própria busca pelo trono. Havia mais cinza em seu cabelo do que Elayne se lembrava, mais rugas nos cantos dos olhos. Ela ainda era muito bonita. Uma mulher forte. E poderosa como amiga ou inimiga.

Ela parou ao pé do estrado, olhando para cima. “Há dois dias que ouço que você estava viva, mas não acreditei muito até agora. Você veio para aceitar o trono do Dragão Renascido, então?”

“Eu reivindico o trono por direito próprio, Dyelin, com minhas próprias mãos. O Trono do Leão não é uma bugiganga para ser aceita através de um homem.” Dyelin assentiu, como se fosse uma verdade evidente. O que era, para qualquer andoreano. “Como você está, Dyelin? Com Trakand, ou contra? Ouvi seu nome muitas vezes no meu caminho até aqui.”

“Desde que você reivindique o trono por seu próprio direito, com você.” Poucas pessoas poderiam soar tão secas quanto ela. Elayne sentou-se no degrau mais alto e fez sinal para a mulher mais velha se juntar a ela. “Existem alguns obstáculos, é claro,” Dyelin continuou enquanto ela pegava suas saias azuis para se sentar. “Já houve vários reclamantes, como você deve saber. Naeon e Elenia, eu tranquei com segurança. Sob a acusação de traição que a maioria das pessoas parece disposta a aceitar. Por enquanto. O marido de Elenia ainda está ativo no partido dela, embora discretamente, e Arymilla

anunciou uma reivindicação, a pata boba. Ela está recebendo algum tipo de apoio, mas nada que precise te preocupar. Suas verdadeiras preocupações — além de Aiel por toda a cidade esperando o Dragão Renascido voltar — são Aemlyn, Arathelle e Pelivar. No momento, Luan e Ellorien estarão apoiando você, mas podem passar para o lado desses três.

Uma lista muito sucinta, entregue em um tom adequado para discutir um possível comércio de cavalos. Naeon e Elenia ela já sabia, talvez até que Jarid ainda achava que sua esposa tinha uma chance ao trono. Arymilla era uma pata em acreditar que seria aceita, qualquer que fosse seu apoio. Os últimos cinco nomes eram preocupantes, no entanto. Cada um tinha sido um forte defensor de sua mãe, como Dyelin, e cada um liderava uma Casa forte.

“Então Arathelle e Aemlyn querem o trono,” Elayne murmurou. “Não posso acreditar nisso de Ellorien, não para si mesma.” Pelivar podia estar representando uma de suas filhas, mas Luan tinha apenas netas, nenhuma com idade suficiente. “Você falou como se eles pudessem se unir, todas as cinco Casas. Apoiando de quem?” Isso seria uma ameaça terrível.

Sorrindo, Dyelin apoiou o queixo na mão. “Eles parecem pensar que eu deveria ter o trono. Agora, o que você pretende com o Dragão Renascido? Ele não volta aqui há algum tempo, mas ele pode sair do ar, parece.”

Elayne fechou os olhos com força por um momento, mas, quando os abriu, ainda estava sentada nos degraus do estrado do Salão Principal, e Dyelin ainda sorria para ela. Seu irmão lutava por Elaida, e seu meio-irmão era um Manto Branco. Ela havia enchido o Palácio de mulheres que poderiam se voltar umas contra as outras a qualquer momento, sem mencionar o fato de que uma era uma Amiga das Trevas, talvez até da Ajah Negra. E a ameaça mais forte que ela enfrentou ao reivindicar o trono, muito forte, estava atrás de

uma mulher que dizia apoiar Elayne. O mundo estava muito louco. Ela poderia muito bem adicionar sua parte a isso.

"Quero amarrá-lo como meu Guardião", disse ela, e continuou antes que a outra mulher pudesse mais do que piscar de espanto. "Também espero me casar com ele. Essas coisas não têm nada a ver com o Trono do Leão, no entanto. A primeira coisa que pretendo..."

Enquanto ela prosseguia, Dyelin começou a rir. Elayne desejou saber se era de prazer com seus planos ou porque Dyelin viu seu próprio caminho para o Trono do Leão sendo facilitado. Pelo menos, ela sabia o que estava enfrentando agora.

Entrando em Caemlyn, Daved Hanlon não pôde deixar de pensar que cidade para saques ela era. Em seus anos de soldado, tinha visto muitas aldeias e cidades saqueadas, e uma vez, vinte anos atrás, uma grande cidade, Cairhien, depois que os Aiel partiram. Estranho que todos esses Aiel tivessem deixado Caemlyn tão aparentemente intocada, mas então, se as torres mais altas de Cairhien não estivessem queimando, poderia ter sido difícil saber que eles estavam lá; muito ouro, entre outras coisas, espalhados para a coleta, e muitos homens para fazer a coleta. Podia ver aquelas ruas largas cheias de cavaleiros e pessoas fugindo, mercadores gordos que entregavam seu ouro antes que a fada os tocasse, na esperança de que suas vidas fossem poupadas, garotas magras e mulheres roliças tão aterrorizadas quando eram arrastadas para um canto, que mal conseguiam gritar, muito menos lutar. Ele tinha visto essas coisas e as feito, e esperava fazer novamente. Não em Caemlyn, porém, admitiu com um suspiro. Se as ordens que o enviaram para cá fossem do tipo que ele pudesse desobedecer, teria ido para onde as colheitas talvez não fossem tão ricas, mas definitivamente mais fáceis de colher.

Suas instruções foram claras. Parando o cavalo no Touro Vermelho, na Cidade Nova, caminhou cerca de um quilômetro e

meio até uma casa alta de pedra em uma rua lateral, a casa de um rico comerciante discreto sobre seu ouro, marcada com um diminuto sigilo pintado nas portas, um coração vermelho em uma mão dourada. O sujeito corpulento que o deixou entrar não era nenhum servo de mercador, com seus dedos encovados e olhos carrancudos. Sem dizer uma palavra, o homem enorme o conduziu para dentro da casa, depois para baixo, em direção aos porões. Hanlon enfiou a espada na bainha. Entre as coisas que ele tinha visto, estavam homens e mulheres, fracassados, levados a suas próprias execuções muito elaboradas. Ele não achava que tivesse falhado, mas, sinceramente, tinha dificilmente conseguido. Tinha seguido ordens, no entanto. O que nem sempre era suficiente.

No porão de pedra áspero, iluminado por lâmpadas douradas ao redor, seus olhos foram primeiro para uma mulher bonita em um vestido de seda escarlate debruado em renda, com o cabelo preso em uma rede de renda espumosa. Ele não sabia quem era essa Lady Shiaine, mas suas ordens eram para obedecê-la. Fez sua melhor medida, sorrindo. Ela simplesmente olhou para ele, como se esperasse que ele notasse o que mais havia no porão.

Ele dificilmente poderia ter perdido isso, já que, exceto por alguns barris, a sala continha apenas uma grande mesa pesada, decorada de uma maneira muito estranha. Dois ovais haviam sido cortados no tampo da mesa, e de um deles saía a cabeça e os ombros de um homem, sua cabeça puxada para trás contra a superfície de madeira e mantida ali por meio de tiras de couro pregadas no tampo da mesa e presas a um bloco de madeira colocado entre seus dentes. Uma mulher, preparada do mesmo jeito, fornecia a outra decoração. Sob a mesa, eles se ajoelhavam com os pulsos amarrados aos tornozelos. Bastante seguro para qualquer tipo de prazer. O homem tinha um toque de grisalho no cabelo e o rosto de um lorde, mas, sem surpresa, seus olhos fundos rolavam descontroladamente. O cabelo da mulher, espalhado sobre a mesa, era escuro e brilhante, mas seu rosto era um pouco comprido para o gosto de Hanlon.

De repente, ele realmente viu o rosto dela, e sua mão saltou para a espada antes que pudesse se deter. Soltar o cabo exigiu algum esforço, que ele fez questão de esconder. O rosto de uma Aes Sedai, mas uma Aes Sedai que se deixava prender assim não era uma ameaça.

"Então você tem algum cérebro", disse Shiaine. Por seu sotaque, ela era uma nobre, e certamente tinha o ar de comando, varrendo a mesa para espiar o rosto do homem amarrado. "Pedi ao Grande Mestre Moridin que me enviasse um homem com cérebro. O pobre Jaichim aqui tem muito pouco."

Hanlon franziu a testa e a endireitou imediatamente. Suas ordens tinham vindo da própria Moghedien. Quem no Poço da Perdição era Moridin? Isso não importava. Suas ordens tinham vindo de Moghedien; isso era o suficiente.

O sujeito corpulento entregou a Shiaine um funil, que ela encaixou em um buraco perfurado no bloco de madeira entre os dentes deste Jaichim. Os olhos do homem pareciam prontos para saltar de sua cabeça. "O pobre Jaichim aqui falhou muito", disse Shiaine, sorrindo como uma raposa olhando para uma galinha. "Moridin deseja que ele seja punido. O pobre Jaichim gosta de seu conhaque."

Ela deu um passo para trás, não tão longe que não pudesse ver claramente, e Hanlon sobressaltou-se quando o homem corpulento veio até a mesa com um dos barris. Hanlon achou que poderia ter levantado a coisa sem ajuda, mas o homem grande a derrubou facilmente. O homem amarrado gritou uma vez, e então um fluxo de líquido escuro foi derramado do barril no funil, transformando seu grito em um som borbulhante. O cheiro áspero de conhaque bruto encheu o ar. Preso como estava, o homem lutou, debatendo-se, até conseguindo levantar a mesa de lado, mas o conhaque não parava de derramar. Bolhas subiam no funil enquanto ele tentava gritar ou berrar, mas o fluxo constante nunca vacilou. E então sua luta

diminuiu e parou. Olhos arregalados e vidrados olhavam para o teto, e conhaque escorria de suas narinas. O grandalhão ainda não parou até que as últimas gotas caíssem de um barril vazio.

“Acho que o pobre Jaichim finalmente bebeu conhaque suficiente”, disse Shiaine, e riu de alegria.

Hanlon assentiu. Ele supôs que o homem tinha bebido, com aquilo. Ele se perguntou quem ele tinha sido.

Shiaine ainda não tinha terminado. A um gesto dela, o homem corpulento arrancou uma das tiras que seguravam a mordaca da Aes Sedai de seu prego. Hanlon pensou que o bloco de madeira poderia ter afrouxado alguns de seus dentes ao sair de sua boca, mas se assim fosse, ela não perdeu tempo com eles. Ela começou a balbuciar antes que o sujeito soltasse a alça.

“Eu vou te obedecer!” ela uivou. “Eu obedecerei, como o Grande Mestre ordenou! Ele programou a blindagem em mim para dissolver para que eu pudesse obedecer! Ele me disse isso! Deixe-me provar a mim mesma! Vou rastejar! Eu sou um verme, e você é o sol! Ah, por favor! Por favor! Por favor!”

Shiaine abafou as palavras, se não gemidos, colocando a mão sobre a boca da Aes Sedai. “Como eu sei que você não vai falhar novamente, Falion? Você falhou antes, e Moridin deixou sua punição para mim. Ela me deu outra; eu preciso de duas de vocês? Posso lhe dar uma segunda chance de defender seu caso, Falion, talvez, mas se eu fizer isso, você terá que me convencer. Vou esperar um verdadeiro entusiasmo.”

Falion começou a gritar súplicas novamente, fazendo promessas extravagantes, no momento em que a mão de Shiaine se moveu, mas logo ela foi reduzida a gritos e lágrimas sem palavras quando a mordaca foi recolocada, o prego enfiado na alça novamente e o funil de Jaichim colocado acima de sua garganta aberta. O homem corpulento colocou outro barril na mesa ao lado de sua cabeça. A

Aes Sedai parecia enlouquecer, revirando os olhos esbugalhados, atirando-se por baixo da mesa até ela estremecer.

Hanlon ficou impressionado. Uma Aes Sedai deve ser mais difícil de quebrar do que um mercador gordo ou sua filha de bochechas redondas. Ainda assim, ela teve a ajuda de um dos Escolhidos, ao que parecia. Percebendo que Shiaine estava olhando para ele, ele parou de sorrir para Falion. Sua primeira regra na vida era nunca ofender aqueles que os Escolhidos colocavam acima dele.

“Diga-me, Hanlon,” disse Shiaine, “o quanto você gostaria de colocar suas mãos em uma rainha?”

Ele lambeu os lábios a despeito de si mesmo. Rainha? Isso, ele nunca tinha feito.



CAPÍTULO

29



Uma Xícara de Sono

“Não seja um cabeça de lã completo, Rand,” Min disse. Fazendo-se ficar sentada, ela cruzou as pernas e chutou o pé preguiçosamente, mas não conseguiu evitar a exasperação na voz. “Vá até ela! Fale com ela!”

"Por que?" ele perdeu a cabeça. "Eu sei em qual carta acreditar, agora. É melhor assim. Ela está segura agora. De quem quiser me atacar. Segura de mim! É melhor!" Mas ele andava para cima e para baixo em mangas de camisa entre as duas fileiras de cadeiras em frente ao Trono do Dragão, seus punhos duros, brilhando para bater nas nuvens negras além das janelas, que estavam colocando um novo manto de neve em Cairhien.

Min trocou olhares com Fedwin Morr, que estava parado junto às portas esculpidas pelo sol. As Donzelas agora deixavam qualquer um que não fosse uma ameaça óbvia entrar sem aviso prévio, mas aqueles que Rand não queria ver esta manhã seriam rejeitados pelo menino robusto. Ele usava o Dragão e a Espada em seu colarinho preto, e Min sabia que ele já tinha visto mais batalhas — mais horror — do que a maioria dos homens com três vezes sua idade, mas ele era um menino. Hoje, lançando olhares inquietos para Rand, ele

parecia mais jovem do que nunca. A espada em seu quadril ainda parecia deslocada, na opinião dela.

“O Dragão Renascido é um homem, Fedwin”, disse ela. “E como qualquer homem, ele está de mau humor porque acha que uma mulher não quer vê-lo novamente.”

Com os olhos arregalados, o menino estremeceu como se ela o tivesse arrebatado. Rand parou para encará-la carrancudo. Tudo o que a impedia de rir era saber que ele escondia uma dor tão real quanto qualquer facada. Isso, e a certeza de que ele ficaria magoado se ela tivesse feito o que havia sido feito. Não que ela algum dia tivesse a chance de rasgar seus estandartes, mas a lógica se aplicava. Rand ficou surpreso a princípio com as notícias que Taim trouxe de Caemlyn ao amanhecer, mas assim que o homem saiu, ele parou de parecer um touro derrotado e começou... Isso!

De pé, ela ajustou o casaco verde claro, cruzou os braços sob os seios e o confrontou diretamente. “O que mais pode ser?” ela perguntou calmamente. Bem, ela tentou se acalmar, e quase conseguiu. Amava o homem, mas depois de uma manhã disso, queria dar um soco nos ouvidos dele. “Você não mencionou Mat duas vezes e nem sabe se ele está vivo.”

“Mat está vivo,” Rand rosnou. “Eu saberia se ele estivesse morto. O que você quer dizer com eu estar...!” Sua mandíbula se apertou como se não conseguisse dizer a palavra.

“De mau humor”, ela forneceu. “Em breve, você estará fazendo beicinho. Algumas mulheres acham que os homens são mais bonitos quando fazem beicinho. Eu não sou uma delas.” Bem, chega disso. Seu rosto havia escurecido e ele não estava corando. “Você não se contorceu fazendo nós para ter certeza de que ela conseguisse o trono de Andor? Que é dela por direito, devo acrescentar. Você não disse que queria que ela tivesse Andor inteira, não desmembrada como Cairhien ou Tear?”

"Eu disse!" ele rugiu. "E agora é dela, e ela me quer fora disso! É bom o suficiente, eu digo! E não me diga novamente para parar de gritar! Eu não estou...!" Ele percebeu que estava, e cerrou os dentes. Um grunhido baixo veio de sua garganta. Morr começou a estudar um de seus botões, torcendo-o para frente e para trás. Ele tinha feito muito isso esta manhã.

Min manteve o rosto suave. Ela não ia bater nele, e ele era grande demais para ela bater. "Andor é dela, assim como você queria," ela disse. Calmamente. Quase. "Nenhum dos Abandonados está indo atrás dela agora que ela derrubou suas bandeiras." Uma luz perigosa apareceu naqueles olhos azul-acinzentados, mas ela continuou. "Assim como você queria. E você não pode acreditar que ela está do lado de seus inimigos. Andor seguirá o Dragão Renascido, e você sabe disso. Então, a única razão para você estar irritado é porque você acha que ela não quer vê-lo. Vá até ela, seu tolo!" A próxima parte foi a mais difícil de dizer. "Antes que você possa dizer duas palavras, ela estará te beijando." Luz, ela amava Elayne quase tanto quanto Rand — talvez tanto, de uma maneira muito diferente — mas como uma mulher poderia competir com uma bela rainha de cabelos dourados que tinha uma nação poderosa à sua disposição?

"Eu não estou... bravo," Rand disse em uma voz tensa. E começou a andar de novo. Min considerou chutá-lo bem na bunda. Com força.

Uma das portas se abriu para admitir a enrugada Sorilea de cabelos brancos, que empurrou Morr para o lado enquanto olhava para ver se Rand queria que ela entrasse. Rand abriu a boca — com raiva ou o que quer que escolhesse para reivindicar — e cinco mulheres em grossas túnicas pretas molhadas de neve derretida seguiram a Sábria para dentro da sala, de mãos cruzadas, olhos para baixo e capuzes profundos que não escondiam seus rostos. Seus pés estavam envoltos em trapos.

O couro cabeludo de Min se arrepiou. Aos seus olhos, imagens e auras dançavam e desapareciam e eram substituídas em torno de

todas as seis mulheres, assim como em torno de Rand. Ela esperava que ele tivesse esquecido que aquelas cinco estavam vivas. O que, em nome da Luz, aquela velha perversa estava fazendo?

Sorilea gesticulou uma vez em um barulho de pulseiras de ouro e marfim, e as cinco se organizaram apressadamente em uma linha em cima do Sol Nascente dourado no chão de pedra. Rand caminhou ao longo daquela fileira, tirando os capuzes, expondo rostos que ele olhava com olhos frios.

Todas as mulheres vestidas de preto não estavam lavadas, seus cabelos escorridos e sujos de suor. Elza Penfell, uma irmã Verde, encontrou seu olhar ansiosamente, um olhar estranhamente fervoroso em seu rosto. Nesune Bihara, uma morena esbelta, estudou-o tão atentamente quanto ele a ela. Sarene Nemdahl, tão bonita mesmo em sua sujeira, que você pensaria que sua eternidade devia ser natural, parecia estar segurando sua frieza de Ajah Branca com uma unha. Beldeine Nyram, nova demais no xale para ter as feições eternas, esboçou um sorriso incerto que se derreteu sob seu olhar. Erian Boroleos, pálido e quase tão adorável quanto Sarene, se encolheu, então visivelmente se obrigou a olhar para aquele olhar gélido. Essas duas últimas também eram Verdes, e todas as cinco estavam entre as irmãs que o sequestraram por ordem de Elaida. Algumas estiveram entre aquelas que o torturaram enquanto tentavam carregá-lo para Tar Valon. Às vezes, Rand ainda acordava, suando e ofegante, resmungando sobre estar confinado, sendo espancado. Min esperava que não visse assassinato em seu olhar.

"Estas foram nomeadas *da'tsang*, Rand al'Thor", disse Sorilea. "Eu acho que elas sentem a vergonha no osso, agora. Erian Boroleos foi a primeira a pedir para ser espancada como você foi, do nascer ao pôr do sol, mas agora cada uma o fez. Esse fundamento foi deferido. Cada uma pediu para servi-lo como quisesse. O *toh* por sua traição não pode ser cumprido," sua voz escureceu por um momento; para os Aiel, a traição do sequestro era muito pior do que o que elas

fizeram depois, “mas elas conhecem sua vergonha e desejam tentar. Decidimos deixar a escolha para você.”

Min franziu a testa. Deixar a escolha para ele? Sábias raramente deixavam qualquer escolha que pudessem fazer a qualquer outra pessoa. Sorilea *nunca* fez isso. A musculosa Sábia casualmente colocou o xale escuro nos ombros e observou Rand como se isso não tivesse a menor importância. Mas ela lançou um olhar de gelo azul para Min, e de repente Min teve certeza de que se ela dissesse a coisa errada aqui, aquela velha ossuda teria sua pele. Não foi uma visão. Ela só conhecia Sorilea melhor do que queria, agora.

Determinada, começou a estudar o que estava aparecendo e desaparecendo ao redor das mulheres. Não era tarefa fácil quando estavam tão próximas, que ela não podia ter certeza se uma imagem em particular pertencia a uma mulher ou à mulher ao lado dela. Pelo menos as auras eram sempre certas. Luz, que ela fosse capaz de entender pelo menos um pouco do que via!

Rand aceitou o anúncio de Sorilea friamente, na superfície. Ele esfregou as mãos lentamente, então examinou pensativamente as garças marcadas em suas palmas. Examinou cada um daqueles rostos de Aes Sedai por sua vez. Finalmente, ele se concentrou em Erian.

“Por que?” ele perguntou a ela em uma voz suave. “Matei dois de seus Guardiões. Por que?” Min estremeceu. Rand era muitas coisas, mas raramente suave. E Erian era uma das poucos que o havia derrotado mais de uma vez.

A pálida irmã illianense se endireitou. Imagens dançaram, e auras brilharam e desapareceram. Nada que Min pudesse ler. Com o rosto sujo e seu longo cabelo preto emaranhado, Erian reuniu a autoridade das Aes Sedai ao seu redor e encontrou seu olhar. Mas sua resposta veio simples e direta. “Nós estávamos erradas em levá-lo. Eu considereei muito sobre isso. Você deve lutar a Última Batalha,

e nós devemos ajudá-lo. Se você não me aceitar, eu entendo, mas vou ajudar como você precisar, se você permitir.”

Rand a encarou sem expressão.

Ele fez a mesma pergunta curta para cada uma, e suas respostas foram tão diferentes quanto as mulheres.

"A Verde é a Ajah de Batalha ", Beldeine disse a ele com orgulho, e apesar das manchas nas bochechas e olheiras sob os olhos, ela parecia uma Rainha das Batalhas. Mas então, as mulheres saldaeanas pareciam encontrar essa segunda natureza. "Quando você for para Tarmon Gai'don, a Verde deve estar lá. Eu o seguirei, se você me aceitar." Luz, ela ia vincular um Asha'man como Guardião! Como...? Não; não era importante agora.

"O que fizemos era lógico na época." A serenidade fria de Sarene se transformou em clara preocupação, e ela balançou a cabeça. "Digo isso para explicar, não para desculpar. As circunstâncias mudaram. Para você, o curso lógico pode parecer..." Ela respirou decididamente instável. Imagens e auras; um caso de amor tempestuoso, entre todas as coisas! A mulher era gelo, por mais bonita que fosse. E não havia nada de útil em saber que algum homem a derreteria! "Nos mandar de volta ao cativeiro", ela continuou, "ou até mesmo nos executar. Para mim, a lógica diz que devo servi-lo."

Nesune inclinou a cabeça, e seus olhos quase negros pareciam estar tentando guardar cada pedaço dele. Uma aura vermelha e verde falava de honras e fama. Um enorme edifício apareceu acima de sua cabeça e desapareceu. Uma biblioteca que ela encontraria. "Eu quero estudar você," ela disse simplesmente. "Difícilmente posso fazer isso carregando pedras ou cavando buracos. Eles deixam muito tempo para pensar, mas servir você parece uma troca justa pelo que eu poderia aprender. Rand piscou com a franqueza disso, mas por outro lado, sua expressão não se alterou.

A resposta mais surpreendente veio de Elza, mais na maneira de falar do que nas palavras. Caindo de joelhos, ela olhou para Rand com olhos febris. Todo o seu rosto parecia brilhar com fervor. Auras flamejaram e imagens cascadearam ao redor dela, sem dizer nada. “Você é o Dragão Renascido,” ela disse sem fôlego. “Você deve estar lá para a Última Batalha. Eu devo ajudá-lo a estar lá! O que for necessário, eu farei!” E ela se jogou de bruços, pressionando os lábios no chão de pedra polida na frente das botas dele. Até Sorilea pareceu surpresa, e a boca de Sarene caiu aberta. Morr ficou boquiaberto para ela e rapidamente voltou a apertar o botão. Min pensou que ele riu nervosamente, quase em voz baixa.

Girando nos calcanhares, Rand caminhou até o Trono do Dragão, onde seu cetro e a coroa de Illian repousavam sobre seu casaco vermelho bordado a ouro. Seu rosto estava tão sombrio que Min queria correr até ele, não importa quem estivesse olhando, mas ela continuou a estudar as Aes Sedai. E Sorileia. Ela nunca tinha visto nada realmente útil em torno daquela megera de cabelos brancos.

Abruptamente, Rand se virou, caminhando em direção à fila de mulheres tão rapidamente que Beldeine e Sarene recuaram. Um gesto brusco de Sorilea as empurrou no lugar novamente.

“Vocês aceitariam ficar confinadas em uma caixa?” Sua voz rangia, pedra triturando pedra congelada. “Trancadas em um baú o dia todo, e espancadas antes de entrar e quando saem?” Foi isso que fizeram com ele.

“Sim!” Elza gemeu contra o chão. “O que eu tiver que fazer, eu farei!”

“Se você precisar,” Erian conseguiu dizer trêmula, e, de rostos horrorizados, as outras assentiram lentamente.

Min olhou com espanto, atando os punhos nos bolsos do casaco. Que ele pudesse pensar em se vingar da mesma maneira parecia quase natural, mas ela tinha que parar com isso, de alguma forma. Ela o conhecia melhor do que ele mesmo; sabia onde ele era duro

como uma lâmina de faca, e onde era vulnerável, não importa o quanto ele negasse. Ele nunca se perdoaria por isso. Mas como? A fúria contorceu seu rosto, e ele balançou a cabeça como fazia quando discutia com aquela voz que ouvia. Ele murmurou uma palavra em voz alta que ela entendeu. *Ta'veren*. Sorilea ficou lá calmamente examinando-o tão de perto quanto Nesune. Nem mesmo a ameaça do baú abalou a Marrom. Com exceção de Elza, ainda gemendo e beijando o chão, as outras estavam com os olhos vazios, como se se vissem dobradas e amarradas como ele.

Entre todas aquelas imagens espalhadas em torno de Rand e das mulheres, de repente uma aura brilhou, azul e amarela tingida de verde, abrangendo todas elas. E Min sabia seu significado. Ela engasgou, meio surpresa, meio aliviada.

“Eles servirão a você, cada um à sua maneira, Rand,” ela disse apressadamente. “Eu vi.” *Sorilea* o serviria? De repente, Min se perguntou exatamente o que significava “à sua maneira”. As palavras vieram com o conhecimento, mas ela nem sempre sabia o que as próprias palavras significavam. Mas elas serviriam; isso era claro.

A fúria sumiu do rosto de Rand enquanto ele estudava silenciosamente as Aes Sedai. Algumas delas olharam para Min com as sobrancelhas levantadas, obviamente maravilhadas que algumas palavras dela carregavam tanto peso, mas na maioria, elas observavam Rand e mal pareciam respirar. Até Elza levantou a cabeça para olhá-lo. Sorilea deu a Min um olhar rápido e um leve aceno de cabeça. Aprovador, Min pensou. Então a velha fingia não se importar de um jeito ou de outro, não é?

Por fim, Rand falou. “Vocês podem se jurar para mim como Kiruna e as outras fizeram. Isso, ou voltar para onde quer que as Sábias as tenham guardado. Não aceitarei nada menos.” Apesar de uma pitada de exigência em sua voz, ele parecia como se ele também

não se importasse, braços cruzados, olhos impacientes. O juramento que ele exigiu delas saiu com pressa.

Min não esperava brigas, não depois de ver, mas ainda assim foi uma surpresa quando Elza ficou de joelhos, e as outras se abaixaram. Em uníssono e desentoadas, mais cinco Aes Sedai juraram sob a Luz e por sua esperança de salvação servir fielmente ao Dragão Renascido até que a Última Batalha tivesse chegado e passado. Nesune pronunciou as palavras como se examinasse cada uma, Sarene como se declarasse um princípio de lógica, Elza exibindo um sorriso largo e vitorioso, mas todas juraram. Quantas Aes Sedai ele reuniria ao seu redor?

Com o juramento, Rand pareceu perder o interesse. “Encontre roupas para elas e coloque-as com suas outras ‘aprendizes’”, ele disse a Sorilea distraidamente. Estava franzindo a testa, mas não para ela ou para a Aes Sedai. “Com quantas você acha que vai acabar?” Min quase pulou com o eco de seu próprio pensamento.

“No entanto, muitas são necessárias,” Sorilea disse secamente. “Acho que mais virão.” Ela bateu palmas uma vez e gesticulou, e as cinco irmãs se levantaram de um salto. Apenas Nesune pareceu surpresa com a vivacidade com que elas obedeceram. Sorilea sorriu, um sorriso muito satisfeito para uma Aiel, e Min não achou que fosse causado pela obediência das outras mulheres.

Assentindo, Rand se virou. Ele já estava começando a andar de novo, já começando a fazer uma careta por causa de Elayne. Min se acomodou em sua cadeira mais uma vez, desejando ter um dos livros do Mestre Fel para ler. Ou para jogar em Rand. Bem, um dos de Mestres Fel para ler, e de outra pessoa para jogar.

Sorilea conduziu as irmãs vestidas de preto para fora da sala, mas por fim, ela parou com uma mão segurando uma porta e olhou para Rand se afastando dela em direção ao trono dourado. Seus lábios franziram pensativamente. “Aquela mulher, Cadsuane Melaidhrin, está sob este teto novamente hoje”, disse ela finalmente, às costas

dele. “Eu acho que ela acredita que você tem medo dela, Rand al’Thor, do jeito que você evita o paradeiro dela.” Com isso, ela foi embora.

Por um longo momento, Rand ficou olhando para o trono. Ou talvez para algo além dele. Abruptamente, ele se sacudiu e caminhou a distância restante para pegar a Coroa de Espadas. A ponto de colocá-la em sua cabeça, porém, ele hesitou, então a colocou de volta. Vestindo o casaco, ele deixou coroa e cetro onde estavam.

“Quero descobrir o que Cadsuane quer”, anunciou. “Ela não vem ao palácio todos os dias porque gosta de uma viagem pela neve. Você vem comigo, Min? Talvez você tenha uma visão.”

Ela estava de pé mais rápido do que qualquer uma daquelas Aes Sedai. Uma visita com Cadsuane provavelmente seria tão prazerosa quanto uma visita com Sorilea, mas qualquer coisa era melhor do que ficar ali sozinha. Além disso, talvez ela *tivesse* uma visão. Fedwin veio atrás dela e Rand com um olhar alerta.

As seis Donzelas do lado de fora no alto corredor abobadado se levantaram, mas não os seguiram. Somara era a única que Min conhecia; ela deu a Min um breve sorriso, e a Rand um olhar de desaprovação. As outras franziram o cenho. As Donzelas aceitaram sua explicação sobre por que ele tinha ido sem elas em primeiro lugar, para que qualquer observador acreditasse pelo maior tempo possível que ele ainda estava em Cairhien, mas ainda exigiram saber por que ele não as chamou depois, e Rand não teve respostas. Ele murmurou algo baixinho e acelerou o passo, então Min teve que esticar as pernas para acompanhá-lo.

“Observe Cadsuane com cuidado, Min”, disse ele. “E você também, Morr. Ela está tramando algum esquema de Aes Sedai, mas que me queime se eu puder ver o quê. Não sei. Há...”

Um muro de pedra pareceu atingir Min por trás; ela pensou ter ouvido um rugido, um estrondo. E então Rand a estava virando — ela estava deitada no chão? — olhando para ela com o primeiro

medo que ela se lembrava de ter visto naqueles olhos azuis matinais. Só desapareceu quando ela se sentou, tossindo. O ar estava cheio de poeira! E então ela viu o corredor.

As Donzelas foram embora da frente das portas de Rand. As próprias portas haviam desaparecido, junto com a maior parte da parede, e um buraco irregular quase tão grande estava aberto na parede oposta. Ela podia ver claramente seus aposentos apesar da poeira, pura devastação. Pilhas maciças de escombros estavam por toda parte e, acima, o teto se abria para o céu. A neve rodava sobre as chamas dançando entre os escombros. Um dos postes maciços de madeira preta de sua cama estava queimando na pedra quebrada, e ela percebeu que podia ver todo o caminho do lado de fora até as torres escalonadas veladas pela nevasca. Foi como se um enorme martelo tivesse esmagado o Palácio do Sol. E se eles estivessem lá, em vez de irem ver Cadsuane... Min estremeceu.

"O que...?" ela começou vacilante, então abandonou a pergunta inútil. Qualquer tolo veria o que tinha acontecido. "Quem?" ela perguntou em vez disso.

Cobertos de poeira, cabelos para todos os lados e com lágrimas nos casacos, os dois homens pareciam ter sido rolados pelo corredor, e talvez tivessem sido. Ela pensou que eles estavam todos a uns bons dez passos mais longe das portas do que ela se lembrava. De onde as portas estavam. Ao longe, gritos ansiosos se ergueram, ecoando pelos corredores. Nenhum dos homens respondeu a ela.

"Posso confiar em você, Morr?" Rand perguntou.

Fedwin encontrou seu olhar abertamente. "Com sua vida, meu Lorde Dragão," ele disse simplesmente.

"É isso que estou confiando a você", disse Rand. Seus dedos roçaram sua bochecha, e então ele se levantou abruptamente. "Guarda-a com sua vida, Morr." Dura como aço era sua voz. Sombria como a morte. "Se eles ainda estiverem no Palácio, sentirão se você tentar fazer um portal e atacarão antes que possa terminar. Não

canalize a menos que precise, mas esteja pronto. Leve-a para os aposentos dos empregados e mate qualquer um ou qualquer coisa que tente chegar até ela. Qualquer um!"

Com um último olhar para ela — ah, Luz, em qualquer outro momento, ela teria pensado que poderia morrer feliz, vendo aquele olhar em seus olhos! — ele saiu correndo, para longe da ruína. Longe dela. Quem quer que tivesse tentado matá-lo estaria o caçando.

Morr deu-lhe um tapinha no braço com a mão empoeirada e deu-lhe um sorriso juvenil. "Não se preocupe, Min. Eu cuidarei de você."

Mas quem iria cuidar de Rand? Posso confiar em você, ele perguntou a esse menino que foi um dos primeiros a vir pedir para aprender. Luz, quem o deixaria seguro?

* * *

Dobrando uma esquina, Rand parou com a mão contra uma parede para agarrar a Fonte. Uma coisa tola, não querer que Min o visse cambalear quando alguém tentou matá-lo, mas lá estava. Não qualquer pessoa. Um homem, Demandred, ou talvez Asmodean que voltou finalmente. Talvez ambos; havia uma estranheza, como se a trama viesse de direções diferentes. Sentiu a canalização tarde demais para fazer qualquer coisa. Teria morrido em seus aposentos. Ele estava pronto para morrer. Mas não Min, não, não Min. Elayne estava melhor, voltando-se contra ele. Ah, Luz, ela estava!

Ele agarrou a Fonte, e *saidin* o inundou com frio derretido e calor congelante, com vida e doçura, sujeira e morte. Seu estômago revirou, e o corredor à sua frente se dobrou. Por um instante, ele pensou ter visto um rosto. Não com os olhos; em sua cabeça. Um homem, brilhante e irreconhecível, se foi. Ele flutuou no Vazio, vazio e cheio de Poder.

Você não vai ganhar, ele disse a Lews Therin. Se eu morrer, eu morro sendo eu!

Eu deveria ter mandado Ilyena embora, Lews Therin sussurrou de volta. Ela teria vivido.

Empurrando a voz para longe enquanto se afastava da parede, Rand deslizou pelos corredores do Palácio com toda a discrição que pôde reunir, pisando levemente, deslizando perto de paredes cobertas de tapeçarias, em torno de baús trabalhados em ouro e armários dourados com frágeis porcelanas douradas e estatuetas de marfim. Seus olhos procuraram por seus atacantes. Eles não ficariam satisfeitos em encontrar seu corpo, mas teriam muito cuidado ao se aproximar de seus aposentos, caso ele tivesse sobrevivido por algum redemoinho *ta'veren* do destino. Eles esperariam, para ver se ele se mexia. No Vazio, ele estava tão próximo do Poder quanto qualquer homem poderia viver. No Vazio, como com uma espada, ele era um com seu entorno.

Gritos e clamores frenéticos se ergueram em todas as direções, alguns gritando para saber o que havia acontecido, outros chorando que o Dragão Renascido enlouqueceu. O pacote de frustração em sua cabeça, que era Alanna, forneceu um pequeno conforto. Ela estava fora do Palácio, como estivera a manhã toda, talvez até fora dos muros da cidade. Ele desejou que Min também estivesse. Às vezes ele via homens e mulheres em um corredor ou outro, principalmente criados de libré preta, correndo, caindo e subindo para correr de novo. Eles não o viram. Com o poder nele, podia ouvir cada sussurro. Incluindo o sussurro de botas macias correndo, com os pés leves.

Encostado na parede ao lado de uma longa mesa com tampo de porcelana, ele rapidamente teceu Fogo e Ar em torno de si e ficou muito quieto envolto em Luz Dobrada.

Apareceram Donzelas, uma torrente delas, veladas, e correram sem vê-lo. Em direção a seus aposentos. Ele não podia deixá-las

acompanhá-lo; ele havia prometido, mas deixá-las lutar, não levá-las ao matadouro. Quando ele encontrasse Demandred e Asmodean, tudo o que as Donzelas podiam fazer era morrer, e ele já tinha cinco nomes para aprender e adicionar à sua lista. Somara do Pico Vurvado Daryne já estava lá. Uma promessa que ele teve que fazer, uma promessa que ele teve que cumprir. Só por essa promessa, ele merecia morrer!

Águias e mulheres só podem ser mantidas a salvo em gaiolas, disse Lews Therin, como se estivesse citando, e de repente começou a chorar quando a última das Donzelas desapareceu.

Rand seguiu em frente, varrendo o palácio de um lado para o outro em arcos que se afastavam lentamente de seus aposentos. Luz Dobrada usava muito pouco do Poder — tão pouco que nenhum homem poderia sentir o uso de *saidin* a menos que estivesse em cima dele — e ele o usava sempre que alguém parecia prestes a vê-lo. Seus atacantes não atacaram seus aposentos com o chute de que ele estava lá. Eles tinham olhos e ouvidos no Palácio. Talvez tenha sido o trabalho de *ta'veren* que o tirou dos aposentos, se um *ta'veren* pudesse influenciar a si mesmo, e talvez apenas por acaso, mas talvez seu puxão no Padrão pudesse trazer seus atacantes ao seu alcance enquanto eles o julgavam morto ou ferido. Lews Therin riu com o pensamento. Rand quase podia sentir o homem esfregando as mãos em antecipação.

Mais três vezes ele teve que se esconder atrás do Poder, enquanto Donzelas veladas passavam correndo, e uma vez quando ele viu Cadsuane varrendo o corredor à frente com nada menos que seis Aes Sedai em seus calcanhares, e nenhuma outra que ele reconhecesse além dela. Pareciam estar caçando. Ele não tinha medo da irmã grisalha, precisamente. Não, claro que não tinha medo! Mas ele esperou até que ela e suas amigas estivessem bem fora de vista antes de deixar sua trama oculta. Lews Therin não riu de Cadsuane. Ele ficou mortalmente silencioso até que ela se foi.

Rand se afastou da parede, uma porta se abriu bem ao lado dele e Ailil espiou para fora. Ele não sabia que estava perto de seus aposentos. Atrás de seu ombro estava uma mulher morena com anéis dourados gordos em suas orelhas e uma corrente dourada cheia de medalhão que atravessava sua bochecha esquerda até o piercing no nariz. Shalon, Chamadora de Vento de Harine din Togara, a embaixadora Atha'an Miere que se mudou para o Palácio com sua comitiva quase quando Merana o informou do acordo. E encontrando-se com uma mulher que poderia querê-lo morto. Seus olhos se arregalaram ao vê-lo.

Ele foi tão gentil quanto podia ser, mas tinha que ser rápido. Alguns momentos depois que a porta se abriu, ele estava colocando uma Ailil um tanto amarrotada debaixo da cama ao lado de Shalon. Talvez elas não fossem parte do que estava acontecendo. Talvez. Prevenir era melhor do que remediar. Olhando para ele acima das bocas cheias dos lenços de Ailil, as duas mulheres se contorceram contra as tiras rasgadas do lençol que ele usara para amarrar seus pulsos e tornozelos. A blindagem que ele havia amarrado em Shalon a seguraria por um dia ou dois antes que o nó se desfizesse, mas alguém as encontraria e cortaria seus outros laços antes de muito mais tempo.

Preocupado com aquela blindagem, ele abriu a porta o suficiente para verificar o corredor e saiu apressado pelo corredor vazio. Ele não poderia ter deixado a Chamadora de Vento livre para canalizar, mas blindar uma mulher não era uma questão de dribles do Poder. Se um de seus atacantes estivesse perto o suficiente... Mas ele também não viu ninguém em nenhum dos corredores cruzados.

Cinquenta passos além dos aposentos de Ailil, o corredor se abria para uma sacada quadrada de mármore azul com amplas escadas em cada extremidade, diante de uma câmara quadrada com teto alto e abobadado e o mesmo tipo de sacada do outro lado. Tapeçarias de dez passos pendiam das paredes, pássaros voando para os céus em padrões rígidos. Abaixo, Dashiva ficou olhando em volta, lambendo

os lábios incerto. Gedwyn e Rochaid estavam com ele! Lews Therin chilreou para matar.

“... dizendo a você que não senti nada,” Gedwyn estava dizendo. “Ele está morto!”

E Dashiva viu Rand, no alto da escada.

O único aviso que ele teve foi o rosnado repentino que contorceu o rosto de Dashiva. Dashiva canalizou e, sem tempo para pensar, Rand teceu — como tantas vezes, ele não sabia o quê; algo dragado das memórias de Lews Therin; ele nem mesmo tinha certeza de ter criado a trama inteiramente sozinho, ou se Lews Therin agarrou *saidin* — Ar, Fogo e Terra entrelaçados em torno de si mesmo assim. O fogo que saltou de Dashiva irrompeu, estilhaçando mármore, arremessando Rand de volta pelo corredor, saltando e rolando em seu casulo.

Essa barreira impediria qualquer coisa que não fosse um fogo devastador. Incluindo ar para respirar. Rand a soltou ofegante, raspando o chão, com o estrondo das explosões ainda ressoando no ar, poeira ainda pendurada e pedaços de mármore quebrado caindo. Quanto ao fôlego, porém, ele o soltou porque o que poderia manter o Poder fora, o mantinha dentro. Antes que ele parasse de deslizar, canalizou Fogo e Ar, mas tecidos de maneira muito diferente da Luz Dobrada. Fios vermelhos finos saltaram de sua mão esquerda, espalhando-se enquanto cortavam a pedra intermediária em direção a onde Dashiva e os outros estavam parados. De sua esquerda dispararam bolas de fogo, Fogo tecido com Ar, mais rápido do que ele podia contar, e elas queimaram através da pedra antes de explodir naquela câmara. Um rugido ensurdecido contínuo fez o Palácio tremer. A poeira que havia caído se levantou novamente, e pedaços de pedra saltaram.

Quase imediatamente, porém, ele estava de pé e correndo, passando pelos aposentos de Ailil. O homem que atacou e ficou em um ponto estava pedindo para morrer. Ele estava pronto para

morrer, mas ainda não. Rosnando silenciosamente, ele acelerou por outro corredor, desceu as escadas estreitas dos criados e saiu no andar de baixo.

Teve o cuidado de voltar para onde tinha visto Dashiva, tramas mortais prontas para arremessar ao menos de relance.

Eu deveria ter matado todos eles no começo, Lews Therin ofegou. Eu deveria ter matado todos eles!

Rand o deixou furioso.

A grande câmara parecia ter sido lavada pelo fogo. Apenas fragmentos carbonizados lambidos pelas chamas sobravam das tapeçarias, e grandes entalhes de um passo de distância haviam sido queimados no chão e nas paredes. A escada que Rand estava prestes a descer terminava em uma abertura de três metros na metade do caminho. Não havia sinal dos três homens. Eles não teriam sido consumidos completamente. Alguma coisa teria permanecido.

Um criado de casaco preto enfiou a cabeça cautelosamente por uma pequena porta ao lado da escada do outro lado da câmara. Seus olhos pousaram sobre Rand, revirados em sua cabeça, e ele caiu para a frente em uma pilha. Outra criada espiou de um corredor, depois recolheu as saias e correu de volta por onde viera, gritando a plenos pulmões que o Dragão Renascido estava matando todos no Palácio.

Rand saiu da câmara fazendo uma careta. Ele era muito bom em assustar as pessoas que não podiam prejudicá-lo. Muito bom em destruir.

Destruir, ou ser destruído, Lews Therin riu. Quando essa é a sua escolha, há alguma diferença?

Em algum lugar do Palácio, um homem canalizou o suficiente do Poder para fazer um portal. Dashiva e os outros fugindo? Ou querendo que ele pensasse isso?

Ele andou pelos corredores do Palácio, não se preocupando mais em se esconder. Todos os outros pareciam estar se escondendo. Os poucos servos que viu fugiram gritando. Corredor após corredor, ele caçou, quase explodindo com *saidin*, cheio de fogo e gelo tentando aniquilá-lo tão certamente quanto Dashiva, cheio da mácula se infiltrando em sua alma. Ele não precisava que a risada esfarrapada e os delírios de Lews Therin fossem preenchidos com o desejo de matar.

Um vislumbre de um casaco preto à frente, e sua mão disparou, o fogo riscando, explodindo, rasgando o canto onde os dois corredores se encontravam. Rand deixou a trama diminuir, mas não a soltou. Ele o havia matado?

“Meu Lorde Dragão,” uma voz gritou além da pedra rasgada, “sou eu, Narishma! E Flinn!”

“Eu não reconheci você,” Rand mentiu. “Venha aqui.”

“Eu acho que talvez seu sangue esteja quente,” a voz de Flinn chamou. “Acho que talvez devêssemos esperar que todos se acalmassem.”

“Sim,” Rand disse lentamente. Ele realmente tentou matar Narishma? Ele não achava que poderia reivindicar a desculpa de que era Lews Therin. “Sim, isso pode ser melhor. Por mais um pouco de tempo.” Não houve resposta. Ele ouviu botas recuando? Forçou as mãos para baixo e virou-se para outro lado.

Vasculhou o Palácio por horas sem encontrar um sinal de Dashiva ou dos outros. Os corredores e grandes salões, até as cozinhas, estavam vazios de gente. Ele não encontrou nada, e não descobriu nada. Não. Percebeu que tinha descoberto uma coisa. A confiança era uma faca, e o cabo era tão afiado quanto a lâmina.

Então ele encontrou dor.

A pequena sala com paredes de pedra ficava bem abaixo do Palácio do Sol e estava quente apesar da falta de uma lareira, mas Min sentia frio. Três lâmpadas douradas na pequena mesa de madeira davam luz mais do que suficiente. Rand havia dito que, a partir daí, ele poderia afastá-la mesmo que alguém tentasse arrancar o Palácio do chão. Ele não souou como se estivesse brincando.

Segurando a coroa de Illian no colo, ela observou Rand. Observou Rand observando Fedwin. Suas mãos apertaram a coroa e afrouxaram imediatamente com os golpes daquelas pequenas espadas escondidas entre as folhas de louro. Estranho, que a coroa e o cetro tenham sobrevivido quando o próprio Trono do Dragão era uma pilha de lascas douradas enterradas em escombros. Um grande alforje de couro ao lado de sua cadeira, com o cinto da espada de Rand e a espada embainhada descansando contra ele, continha o que mais ele conseguiu salvar. Escolhas estranhas na maior parte, em sua opinião.

Sua idiota sem cérebro, ela pensou. Não pensar no que está bem na sua frente não fará com que isso desapareça.

Rand estava sentado de pernas cruzadas no chão de pedra nua, ainda coberto de poeira e arranhões, o casaco rasgado. Seu rosto poderia ter sido esculpido. Ele parecia observar Fedwin sem piscar. O menino também estava sentado no chão, com as pernas estendidas. Com a língua presa entre os dentes, Fedwin estava concentrado em fazer uma torre com blocos de madeira. Min engoliu em seco.

Ela ainda podia se lembrar do horror quando percebeu que o garoto que a “guardava” agora tinha a mente de uma criança pequena. A tristeza também permaneceu — Luz, ele era apenas um menino! Não estava certo! — mas ela esperava que Rand ainda o tivesse blindando. Não foi fácil convencer Fedwin a brincar com aqueles blocos de madeira em vez de puxar pedras das paredes com o Poder para fazer uma “grande torre para mantê-lo seguro”. E

então ela sentou, vigiando-o até Rand chegar. Ah, Luz, ela queria chorar. Por Rand ainda mais do que para Fedwin.

“Você se esconde nas profundezas, parece.”

A voz profunda não terminou de falar da porta antes que Rand estivesse de pé, de frente para Mazrim Taim. Como sempre, o homem de nariz adunco usava um casaco preto com dragões azuis e dourados subindo em espiral pelos braços. Ao contrário dos outros Asha'man, ele não tinha espada nem dragão em sua gola alta. Seu rosto escuro tinha quase tão pouca expressão quanto o de Rand. Agora, olhando para Taim, Rand parecia estar cerrando os dentes. Min sorrrateiramente enfiou uma faca na manga do casaco. Tantas imagens e auras dançavam em torno de uma como da outra, mas não foi uma visão que a deixou subitamente cautelosa. Ela tinha visto um homem tentando decidir se mataria outro antes, e ela estava vendo de novo.

"Você vem aqui segurando *saidin*, Taim?" Rand disse, muito suavemente. Taim abriu as mãos e Rand disse: "Assim está melhor". Mas ele não relaxou.

"Foi só que eu pensei que poderia ser esfaqueado por acidente," Taim disse, "fazendo meu caminho até aqui através de corredores cheios de mulheres Aiel. Parecem agitadas." Seus olhos nunca deixaram Rand, mas Min tinha certeza de que ele tinha notado ela tocando sua faca. "Compreensivelmente, é claro", ele continuou suavemente. "Não posso expressar minha alegria por encontrá-lo vivo depois de ver o que vi lá em cima. Vim para denunciar desertores. Normalmente, eu não teria me incomodado, mas esses são Gedwyn, Rochaid, Torval e Kisman. Parece que eles estavam descontentes com os acontecimentos em Altara, mas nunca pensei que iriam tão longe. Não vi nenhum dos homens que deixei com você. Por um instante, seu olhar vacilou para Fedwin. Por não mais que um instante. "Houve... outras... baixas? Levarei *este* comigo, se você desejar."

"Eu disse a eles para ficarem fora de vista", disse Rand em uma voz áspera. "E vou cuidar de Fedwin. Fedwin Morr, Taim; não 'este'." Ele realmente voltou para a mesinha para pegar a taça de prata que estava entre as lâmpadas. A respiração de Min ficou presa.

"A Sabedoria da minha aldeia pode curar qualquer coisa", disse Rand enquanto se ajoelhava ao lado de Fedwin. De alguma forma, ele conseguiu sorrir para o menino sem tirar os olhos de Taim. Fedwin sorriu alegremente e tentou pegar a xícara, mas Rand a segurou para ele beber. "Ela sabe mais sobre ervas do que qualquer pessoa que eu já conheci. Aprendi um pouco com ela, quais são seguras, quais não." Fedwin suspirou quando Rand pegou a xícara e segurou o menino contra o peito. "Durma, Fedwin," Rand murmurou.

Parecia que o menino ia dormir. Seus olhos se fecharam. Seu peito subia e descia mais lentamente. Mais devagar. Até que parou. O sorriso nunca deixou seus lábios.

"Uma coisinha no vinho," Rand disse suavemente enquanto colocava Fedwin no chão. Os olhos de Min ardiam, mas ela não choraria. Ela não choraria!

"Você é mais duro do que eu pensava," Taim murmurou.

Rand sorriu para ele, um sorriso duro e feroz. "Adicione Corlan Dashiva à sua lista de desertores, Taim. Da próxima vez que eu visitar a Torre Negra, espero ver a cabeça dele na Árvore dos Traidores."

"Dashiva?" Taim rosnou, seus olhos se arregalando de surpresa. "Será como você diz. Da próxima vez que você visitar a Torre Negra." Tão rapidamente, ele se recuperou, todo pedra polida e equilíbrio mais uma vez. Como ela desejava poder ler suas visões dele.

"Volte para a Torre Negra e não venha aqui novamente." De pé, Rand encarou o outro homem sobre o corpo de Fedwin. "Posso estar me mudando por um tempo."

A reverência de Taim foi minúscula. "Como você mandar."

Quando a porta se fechou atrás dele, Min soltou um longo suspiro.

"Não adianta perder tempo, e não há tempo a perder," Rand murmurou. Ajoelhando-se diante dela, ele pegou a coroa e a enfiou na algibeira com as outras coisas. "Min, eu pensei que era toda a matilha de cães, perseguindo um lobo atrás do outro, mas parece que eu sou o lobo."

"Que você queime ", ela respirou. Enrolando ambas as mãos em seu cabelo, ela olhou em seus olhos. Agora azul, agora cinza, um céu matinal ao nascer do sol. E seco. "Você pode chorar, Rand al'Thor. Você não vai derreter se chorar!"

"Eu também não tenho tempo para lágrimas, Min," ele disse gentilmente. "Às vezes, os cães pegam o lobo e desejam não ter feito isso. Às vezes, ele se volta contra eles ou espera em uma emboscada. Mas primeiro, o lobo tem que correr."

"Quando vamos?" ela perguntou. Não soltou o cabelo dele. Nunca iria deixá-lo ir. Nunca.



CAPÍTULO

30



Começos

Segurando seu manto forrado de pele com uma mão, Perrin deixou Stayer andar no próprio ritmo do baio. O sol do meio da manhã não dava calor, e a neve esburacada na estrada que levava a Abila tornava o terreno ruim. Ele e sua dúzia de companheiros dividiam o caminho com apenas duas pesadas carroças de bois e um punhado de camponeses em simples lãs escuras. Todos eles se arrastavam com a cabeça baixa, agarrando um chapéu ou boné sempre que uma rajada surgia, mas concentrando-se no chão sob seus sapatos.

Atrás dele, ele ouviu Neald fazer uma piada obscena em voz baixa; Grady grunhiu em resposta, e Balwer fungou discretamente. Nenhum dos três parecia afetado pelo que viram e ouviram no mês passado desde que cruzaram a fronteira para Amadicia, ou pelo que estava por vir. Edarra estava repreendendo duramente Masuri por deixar seu capuz escorregar. Edarra e Carelle usavam os xales enrolados na cabeça e nos ombros, além das capas, mas mesmo depois de admitir a necessidade de cavalgar, elas se recusaram a trocar as saias volumosas, de modo que suas pernas com meias escuras estavam expostas acima do joelho. O frio não parecia incomodá-las nem um pouco; apenas a estranheza da neve. Carelle

começou a aconselhar Seonid em silêncio sobre o que aconteceria se ela não mantivesse o rosto escondido.

Claro que, se deixasse ver o rosto cedo demais, uma dose de chicote seria o mínimo que ela teria a temer, como ela e a Sábia bem sabiam. Perrin não precisou olhar para trás para saber que os três Guardiões das irmãs, na retaguarda em mantos comuns, eram homens que esperavam a qualquer momento a necessidade de desembainhar a espada e abrir caminho. Eles estavam assim desde que deixaram o acampamento ao amanhecer. Ele passou um polegar enluvado ao longo do machado pendurado em seu cinto, então recolocou sua própria capa antes que uma rajada repentina pudesse fazê-la ondular. Se isso corresse mal, os Guardiões podiam ter razão.

À esquerda, perto de onde a estrada cruzava uma ponte de madeira sobre um riacho congelado que serpenteava ao longo da beira da cidade, vigas carbonizadas projetavam-se da neve em cima de uma grande plataforma quadrada de pedra com montes de neve empilhados ao redor do fundo. Lento em proclamar fidelidade ao Dragão Renascido, o senhor local teve a sorte de ser apenas açoitado e multado por tudo o que possuía. Um grupo de homens de pé na ponte observou o grupo montado se aproximando. Perrin não viu nenhum sinal de elmos ou armaduras, mas todos os homens seguravam lanças ou bestas quase com tanta força quanto seus mantos. Eles não falavam um com o outro. Apenas observavam, a névoa de sua respiração se curvando diante de seus rostos. Havia outros guardas amontoados por toda a cidade, em todas as estradas que saíam dela, em todos os espaços entre dois prédios. Este era o país do Profeta, mas os Mantos Brancos e o exército do Rei Ailron ainda detinham grande parte dele.

"Eu estava certo em não trazê-la", ele murmurou, "mas vou pagar por isso de qualquer maneira."

"Claro que você vai pagar", Elyas bufou. Para um homem que passou a maior parte dos últimos quinze anos a pé, ele lidava bem

com seu cavalo capão cor de rato. Ele havia adquirido um manto forrado de raposa negra, jogando dados com Gallenne. Aram, cavalgando do outro lado de Perrin, olhou para Elyas sombriamente, mas o homem barbudo o ignorou. Eles não se deram bem. “Um homem sempre paga mais cedo ou mais tarde, com qualquer mulher, devendo ou não. Mas eu estava certo, não estava?”

Perrin assentiu. De má vontade. Ainda não parecia certo receber conselhos sobre sua esposa de outro homem, mesmo de circunspecto, oblíquo, mas parecia estar funcionando. É claro que levantar a voz para Faile era tão difícil quanto não a levantar para Berelain, mas ele conseguira essa última com bastante frequência e a primeira várias vezes. Seguiu o conselho de Elyas ao pé da letra. Bem, a maior parte. Tão bem quanto podia. Aquele cheiro pontiagudo de ciúme ainda queimava ao ver Berelain, mas, por outro lado, o cheiro ferido havia desaparecido enquanto eles faziam seu caminho lento para o sul. Ainda assim, ele estava inquieto. Quando ele disse a ela com firmeza que ela não iria com ele esta manhã, ela não levantou uma única palavra de protesto! Ela até cheirava... satisfeita! Entre outras coisas, inclusive assustada. E como ela poderia estar satisfeita e zangada ao mesmo tempo? Nem um pedacinho disso aparecia em seu rosto, mas seu nariz nunca mentiu. De alguma forma, parecia que quanto mais ele aprendia sobre as mulheres, menos ele sabia!

Os guardas da ponte franziram a testa e manusearam suas armas enquanto os cascos de Stayer batiam ocos nas tábuas de madeira. Eles eram a mistura estranha de sempre que seguia o Profeta, sujeitos de rosto sujo em casacos de seda grandes demais para eles, valentões de rua com cicatriz na cara e aprendizes de bochechas rosadas, ex-comerciantes e artesãos que pareciam ter dormido por meses em suas roupas de lã outrora finas. Suas armas pareciam bem cuidadas, no entanto. Alguns dos homens tinham febre nos olhos; o resto usava rostos de madeira cautelosos. Junto com a sujeira, eles

cheiravam impacientes, ansiosos, fervorosos, com medo, tudo misturado.

Eles não fizeram nenhum movimento para barrar a passagem, apenas observaram, mal piscando. Pelo que Perrin tinha ouvido, todos os tipos, de senhoras em sedas a mendigos em trapos, vieram ao Profeta, esperando que se submeter a ele pessoalmente pudesse trazer bênçãos adicionais. Ou talvez proteção adicional. Foi por isso que ele veio para cá com apenas um punhado de companheiros. Ele assustaria Masema se fosse preciso, se Masema pudesse ser assustado, mas parecia melhor tentar alcançar o homem sem travar uma batalha. Podia sentir os olhos do guarda em suas costas até que ele e os outros estavam do outro lado da ponte curta e nas ruas pavimentadas de Abila. Quando essa pressão foi embora, porém, não trouxe nenhuma sensação de alívio.

Abila era uma cidade de bom tamanho, com várias torres de vigia altas e muitos prédios de quatro andares, cada um com telhado de ardósia. Aqui e ali, pedras e madeiras amontoadas preenchiam uma lacuna entre duas estruturas onde uma estalagem ou a casa de algum comerciante havia sido demolida. O Profeta desaprovava tanto a riqueza obtida pelo comércio quanto a farra ou o que seus seguidores chamavam de comportamento lascivo. Ele desaprovava muitas coisas e mostrou seus sentimentos com exemplos contundentes.

As ruas estavam cheias de gente, mas Perrin e seus companheiros eram os únicos a cavalo. A neve há muito tinha sido pisoteada até virar um mingau meio congelado na altura dos tornozelos. Muitas carroças de bois abriram caminho lentamente pela multidão, mas muito poucos carroções, e nenhuma carruagem. Exceto aqueles que usavam refugos gastos ou roupas possivelmente roubadas, todos usavam roupas de lã sem graça. A maioria das pessoas se apressava, mas estavam como as pessoas na estrada, de cabeça baixa. Aqueles que não se apressaram eram grupos de homens dispersos portando armas. Nas ruas, o cheiro era principalmente de sujeira e medo. Isso

fez com que os pelos de Perrin se arrepiassem. Pelo menos, se chegasse a isso, sair de uma cidade sem muro não seria mais difícil do que entrar.

"Meu Senhor," Balwer murmurou quando eles chegaram ao lado de um daqueles montes de escombros. Ele mal esperou pelo aceno de Perrin antes de virar sua montaria de nariz de martelo e seguir em outra direção, curvado em sua sela com sua capa marrom apertada ao seu redor. Perrin não se preocupava com o homenzinho seco saindo sozinho, mesmo ali. Para um secretário, ele conseguiu aprender uma quantidade surpreendente nessas suas incursões. E parecia saber do que tudo se tratava.

Dispensando Balwer de seus pensamentos, Perrin voltou-se para o que ele estava fazendo ali.

Bastou apenas uma pergunta, feita a um jovem esguio com uma luz de êxtase no rosto, para saber onde o Profeta estava hospedado, e mais três para outras pessoas nas ruas para encontrar a casa do comerciante, quatro andares de pedra cinza com molduras de mármore e caixilhos nas janelas. Masema desaprovava a busca por dinheiro, mas estava disposto a aceitar acomodações daqueles que a fizessem. Por outro lado, Balwer disse que dormiu em uma casa de fazenda com vazamentos com a mesma frequência e ficou satisfeito. Masema só bebia água e, onde quer que fosse, contratava uma pobre viúva e comia a comida que ela preparava, boa ou ruim, sem reclamar. O homem tinha feito aquela caridade a muitas viúvas para o gosto de Perrin.

A multidão que lotava as ruas em outros lugares estava ausente na frente da casa alta, mas o número de guardas armados como os da ponte quase compensava isso. Eles olharam para Perrin mal-humorados, aqueles que não zombaram insolentemente. As duas Aes Sedai mantinham seus rostos escondidos em seus capuzes profundos e suas cabeças abaixadas, o hálito branco subindo dos capuzes como vapor. Pelo canto do olho, Perrin viu Elyas

manuseando o cabo de sua longa faca. Era difícil não pegar seu machado.

“Venho com um recado para o Profeta, do Dragão Renascido”, anunciou. Quando nenhum dos homens se moveu, ele acrescentou: “Meu nome é Perrin Aybara. O Profeta me conhece.” Balwer o havia alertado sobre os perigos de usar o nome de Masema, ou chamar Rand de qualquer coisa menos que Lorde Dragão Renascido. Ele não estava lá para começar um motim.

A alegação de conhecer Masema pareceu acender uma faísca nos guardas. Vários trocaram olhares arregalados, e um entrou correndo. O resto olhou para ele como se ele fosse um homem alegre. Em alguns momentos, uma mulher veio até a porta. Bonita, de cabelo branco nas têmporas, com um vestido de gola alta de lã azul que seria bom se não tivesse adornos, ela mesma poderia ser a comerciante. Masema não jogava nas ruas aqueles que lhe ofereciam hospitalidade, mas seus servos ou lavradores geralmente acabavam com um dos bandos “espalhando as glórias do Lorde Dragão”.

“Se você vier comigo, Mestre Aybara,” a mulher disse calmamente, “você e seus amigos, eu os levarei ao Profeta do Lorde Dragão, que a Luz ilumine seu nome.” Ela podia parecer calma, mas o terror enchia seu cheiro.

Mandando Neald e os Guardiões vigiarem os cavalos até que eles voltassem, Perrin a seguiu para dentro com os outros. O interior estava escuro, com poucas lamparinas acesas, e não muito mais quente do que do lado de fora. Até as Sábias pareciam subjugadas. Elas não cheiravam a medo, mas estavam quase tão perto disso quanto a Aes Sedai, e Grady e Elyas cheiravam a cautela, os pelos arrepiados e orelhas caídas. Estranhamente, o cheiro de Aram era de ansiedade. Perrin esperava que o homem não tentasse desembainhar aquela espada nas suas costas.

A grande sala acarpetada para a qual a mulher os levou, com fogos acesos nas lareiras em cada extremidade, poderia ser o

escritório de um general, todas as mesas e metade das cadeiras cobertas com mapas e papéis, e quente o suficiente para Perrin jogar a capa para trás e se arrepender de estar vestindo duas camisas sob o casaco. Mas foi Masema, parado no meio da sala, que atraiu seus olhos imediatamente, como limalha de ferro atraía uma magnetita, um homem moreno e carrancudo, com a cabeça raspada e uma cicatriz triangular clara em uma das bochechas, com um casaco cinza amarrotado e botas surradas. Seus olhos fundos queimavam com um fogo negro, e seu cheiro... O único nome que Perrin podia dar a esse cheiro, duro como aço e afiado como lâmina e tremendo com intensidade selvagem, era loucura. E Rand pensava que poderia colocar uma coleira nisso?

“Então, é você,” Masema rosnou. “Eu não pensei que você ousaria mostrar seu rosto. Sei o que você tem feito! Hari me contou há mais de uma semana, e eu me mantive informado.” Um homem se mexeu em um canto da sala, um sujeito de olhos estreitos e nariz empinado, e Perrin censurou-se por não o ter notado antes. O casaco de seda verde de Hari era muito mais fino do que o que ele usava quando negou colecionar orelhas. O sujeito esfregou as mãos e sorriu ferozmente para Perrin, mas ficou em silêncio enquanto Masema prosseguia. A voz do Profeta ficou mais quente com a palavra, não com raiva, mas como se ele quisesse queimar cada sílaba profundamente na carne de Perrin. “Eu sei sobre você assassinando homens que vieram ao Lorde Dragão. Eu sei sobre você tentando esculpir seu próprio reino! Sim, eu sei sobre Manetheren! Sobre a sua ambição! Sua ganância pela glória! Você virou as costas...!”

De repente, os olhos de Masema se arregalaram e, pela primeira vez, a raiva ardeu em seu cheiro. Hari fez um som estrangulado e tentou atravessar a parede. Seonid e Masuri tinham baixado seus capuzes e estavam com rostos nus, calmos e frios, e claramente Aes Sedai para quem conhecia a aparência. Perrin se perguntou se elas detinham o Poder. Ele teria apostado que as Sábias detinham. Edarra e Carelle observavam silenciosamente todas as direções ao

mesmo tempo, e rostos lisos ou não, se ele já tinha visto alguém pronto para lutar, eram elas. Aliás, Grady usava prontidão como seu casaco preto; talvez ele detivesse o Poder também. Elyas estava encostado na parede ao lado das portas abertas, por fora tão composto quanto as irmãs, mas cheirava a vontade de morder. E Aram ficou olhando para Masema com a boca aberta! Luz!

“Então isso também é verdade!” Masema estalou, saliva voando de seus lábios. “Com rumores imundos se espalhando contra o santo nome do Lorde Dragão, você se atreve a cavalgar com essas... essas...!”

“Elas juraram fidelidade ao Lorde Dragão, Masema,” Perrin interrompeu. “Elas o servem! Você? Ele me enviou para parar a matança. E para levá-lo até ele.” Ninguém estava lhe oferecendo uma cadeira, então ele empurrou uma pilha de papéis de uma e se sentou. Desejou que o resto se sentasse também; gritar parecia mais difícil quando você estava sentado.

Hari olhou para ele, e Masema estava praticamente tremendo. Porque ele tomou uma cadeira sem ser convidado? Ah. Sim.

“Eu desisti dos nomes dos homens”, disse Masema friamente. “Eu sou simplesmente o Profeta do Lorde Dragão, que a Luz o ilumine e o mundo venha se ajoelhar diante dele.” Por seu tom, o mundo e a Luz lamentariam o fracasso igualmente. “Há muito o que fazer aqui, mas são grandes obras. Todos devem obedecer quando o Lorde Dragão chamar, mas no inverno, a viagem é sempre lenta. Um atraso de algumas semanas fará pouca diferença.”

“Eu posso ter você em Cairhien hoje”, disse Perrin. “Uma vez que o Lorde Dragão tenha falado com você, você pode retornar do mesmo jeito e estar de volta aqui em alguns dias.” Se Rand o deixasse voltar.

Masema realmente recuou. Mostrando os dentes, ele olhou para a Aes Sedai. “Algum artifício do Poder? Eu não serei tocado pelo Poder! É uma blasfêmia para os mortais tocá-lo!”

Perrin quase ficou boquiaberto. “Os canais do Dragão Renascido, homem!”

“O abençoado Lorde Dragão não é como os outros homens, Aybara!” Masema rosnou. “Ele é a Luz feita em carne! Eu obedecerei a sua convocação, mas não serei tocado pela sujeira que essas mulheres fazem!”

Afundando na cadeira, Perrin suspirou. Se o homem era tão ruim por causa das Aes Sedai, como ele ficaria quando descobrisse que Grady e Neald podiam canalizar? Por um momento, ele pensou em simplesmente bater na cabeça de Masema, e... Homens estavam passando no corredor, parando para olhar antes de seguir em frente. Bastava um deles dar um grito e Abila poderia se tornar um matadouro. “Então nós cavalgamos, Profeta,” ele disse amargamente. Luz, Rand disse para manter esse segredo até que Masema estivesse na frente dele! Como administrar aquela viagem até Cairhien? “Mas sem atrasos. O Lorde Dragão está muito ansioso para falar com você.”

“Estou ansioso para falar com o Lorde Dragão, que seu nome seja abençoado pela Luz.” Seus olhos se voltaram para as duas Aes Sedai. Ele tentou esconder, sorrindo para Perrin. Mas ele cheirava... sombrio. “Estou realmente muito ansioso.”

“Minha Senhora gostaria que eu pedisse a um dos manipuladores para trazer um falcão para ela?” perguntou Maiddin. Um dos quatro adestradores de falcões de Alliandre, todos homens tão esguios quanto seus pássaros, incitou um gavião-pato lustroso, usando um capuz de penas em sua manopla pesada, do suporte de madeira na frente de sua sela, e ergueu o pássaro cinza em direção a ela. O falcão, com suas asas de ponta azul, estava no pulso com luva verde de Alliandre. Aquele pássaro estava reservado para ela, infelizmente. Alliandre conhecia seu lugar como vassala, mas Faile entendia que não queria abrir mão de um pássaro favorito.

Ela apenas balançou a cabeça, e Maighdin curvou-se na sela e afastou sua égua mesclada de Andorinha, longe o suficiente para não se intrometer, mas perto o suficiente para estar à mão sem que Faile levantasse a voz. A digna mulher de cabelos dourados provou ser tão boa dama de companhia quanto Faile esperava, conhecedora, capaz. Pelo menos, uma vez que ela aprendeu que quaisquer que fossem suas posições relativas com sua ex-ama, Lini era a primeira entre as servas de Faile e disposta a usar sua autoridade. Surpreendentemente, isso realmente levou a um episódio com um chicote, mas Faile fingiu não saber. Apenas um completo tolo envergonhava seus servos. Ainda havia a questão de Maighdin e Tallanvor, é claro. Ela estava certa de que Maighdin tinha começado a compartilhar sua cama, e se ela encontrasse provas, eles se casariam se ela tivesse que soltar Lini em ambos. Ainda assim, isso era um assunto pequeno, e não poderia estragar sua manhã.

Falcoaria foi ideia de Alliandre, mas Faile não se opôs a um passeio por essa floresta esparsa, onde a neve cobria tudo com um cobertor e se espalhava espessa e branca nos galhos nus. O verde das árvores que ainda mantinham suas folhas parecia mais nítido. O ar estava puro e cheirava a novo e fresco.

Bain e Chiad insistiram em acompanhá-la, mas ficaram agachadas ali perto, a *shoufa* enrolada em suas cabeças, observando-a com expressões descontentes. Sulin queria vir com todas as Donzelas, mas com uma centena de histórias de depredações de Aiel fluindo por toda parte, a visão de um Aiel era suficiente para fazer a maioria das pessoas em Amadicia sair correndo ou pegar uma espada. Devia haver alguma verdade nessas histórias, ou muitos *não* conheceriam um Aiel, embora somente a Luz soubesse quem eles eram ou de onde eles vieram, mas mesmo Sulin concordou que quem quer que fossem, eles haviam se movido para o leste, talvez para Altara.

De qualquer forma, tão perto de Abila, vinte soldados de Alliandre e tantos guardas alados mayenos forneciam escolta suficiente. As flâmulas em suas lanças, vermelhas ou verdes,

erguiam-se como fitas quando a brisa soprava. A presença de Berelain era a única praga. Embora ver a mulher estremecer em seu manto vermelho debruado de pele, grosso o suficiente para dois cobertores, foi certamente divertido. Mayene não tinha um inverno de verdade. Era como os últimos dias do outono. Em Saldaea, o coração do inverno podia congelar a carne exposta, deixando-a dura como madeira. Fail respirou fundo. Sentiu vontade de rir.

Por algum milagre, seu marido, seu amado lobo, começou a se comportar como deveria. Em vez de gritar com Berelain ou fugir dela, Perrin agora tolerava as lisonjas da mulher, tolerava-as claramente como faria com uma criança brincando sob seus joelhos. E o melhor de tudo, não havia mais necessidade de reprimir sua raiva quando ela queria deixá-la solta. Quando ela gritou, ele gritou de volta. Ela sabia que ele não era saldaeano, mas tinha sido tão difícil, pensar em seu coração que ele acreditava que ela era fraca demais para enfrentá-lo. Algumas noites antes, durante o jantar, ela quase disse a ele que Berelain cairia para fora do vestido se ela se inclinasse mais sobre a mesa. Bem, ela não iria tão longe, não com Berelain; a meretriz *ainda* achava que poderia conquistá-lo. E naquela mesma manhã, ele estava no comando, silenciosamente não tolerando nenhuma briga, o tipo de homem que uma mulher sabia que tinha que ser forte para merecer, para se igualar. Claro, ela teria que beliscá-lo por causa disso. Um homem no comando era maravilhoso, desde que não chegasse a acreditar que sempre poderia comandar. Rindo? Ela poderia estar cantando!

"Maighdin, acho que depois de tudo eu vou..." Maighdin estava lá imediatamente, com um sorriso inquiridor, mas Faile parou ao ver três cavaleiros à sua frente, cavando a neve o mais rápido que podiam empurrar seus cavalos.

"Pelo menos há muitas lebres, minha senhora", disse Alliandre, caminhando com seu alto capão branco ao lado de Andorinha, "mas eu esperava... Quem são eles?" Seu falcão se mexeu na luva grossa,

os sinos nas faixas de couro de sua perna tilintando. "Ora, parece com pessoas do seu povo, minha senhora."

Faile assentiu sombriamente. Ela os reconheceu também. Parelean, Arrela e Lacile. Mas o que eles estavam fazendo aqui?

Os três puxaram as rédeas diante dela, seus cavalos ofegantes. Parelean parecia tão de olhos arregalados quanto seu mesclado. Lacile, o rosto pálido quase escondido no capuz profundo do manto, engolia ansiosamente, e o rosto escuro de Arrela parecia cinzento. "Minha Senhora," Parelean disse com urgência, "notícias terríveis! O Profeta Masema está se encontrando com os Seanchan!"

"Os Seanchan!" exclamou Alliandre. "Certamente ele não pode acreditar que eles virão ao Lorde Dragão!"

"Pode ser mais simples", disse Berelain, puxando sua égua branca muito vistosa para o outro lado de Alliandre. Sem Perrin para tentar impressionar, seu vestido azul escuro de montaria tinha um corte bastante modesto, com um decote sob o queixo. Ela ainda estremeceu. "Masema não gosta de Aes Sedai, e os Seanchan mantêm mulheres que podem canalizar como prisioneiras."

Faile estalou a língua em aborrecimento. Uma notícia terrível de fato, se fosse verdade. E ela só podia esperar que Parelean e os outros retivessem o suficiente de sua inteligência para pelo menos fingir que simplesmente ouviram uma conversa por acaso. Mesmo assim, ela tinha que ter certeza, e rapidamente. Perrin podia já ter alcançado Masema. "Que prova você tem, Parelean?"

"Conversamos com três fazendeiros que viram uma grande criatura voadora pousar quatro noites atrás, minha senhora. Trouxe uma mulher que foi levada para Masema e permaneceu com ele por três horas".

"Conseguimos rastreá-la até onde Masema fica em Abila", acrescentou Lacile.

“Todos os três homens pensaram que a criatura era Cria das Sombras”, acrescentou Arrela, “mas pareciam bastante confiáveis”. Para ela, dizer que qualquer homem que não fosse do *Cha Faile* era bastante confiável era o mesmo que qualquer outra pessoa dizer que achava que ele era honesto como um sino.

“Acho que devo cavalgar até Abila”, disse Faile, pegando as rédeas de Andorinha. “Alliandre, leve Maighdin e Berelain com você.” Em qualquer outro momento, o aperto dos lábios de Berelain sobre isso teria sido divertido. “Parelean, Arrela e Lacile me acompanharão...” Um homem gritou, e todos estremeceram.

A cinquenta passos de distância, um dos soldados de casaco verde de Alliandre estava caindo de sua sela e, um momento depois, um Guarda Alado caiu com uma flecha saindo de sua garganta. Aiel apareceram entre as árvores, velados e empunhando arcos enquanto corriam. Mais soldados caíram. Bain e Chiad estavam de pé, véus escuros escondendo seus rostos até os olhos; suas lanças foram enfiadas nas alças dos estojos de arco em suas costas, e elas trabalharam seus arcos suavemente, mas também lançaram olhares para Faile. Havia Aiel ao redor, centenas ao que parecia, um grande laço se fechando. Soldados montados baixaram as lanças, recuando em seu próprio círculo ao redor de Faile e das outras, mas brechas apareceram imediatamente quando as flechas de Aiel atingiram o alvo.

“Alguém deve levar essas notícias de Masema a Lorde Perrin”, disse Faile a Parelean e às duas mulheres. “Um de vocês deve alcançá-lo! Cavalgue como fogo!” Seu olhar arrebatador alcançou Alliandre e Maighdin. E Berelain também. “Todas vocês, cavalguem como fogo, ou morram aqui!” Mal esperando por seus acenos, ela transformou as palavras em ação e cravou os calcanhares nos flancos de Andorinha, rompendo o círculo inútil de soldados. “Cavalguem!” ela gritou. Alguém tinha que dar a notícia a Perrin. “Cavalguem!”

Inclinando-se para baixo no pescoço de Andorinha, ela incitou a égua preta a se apressar. Os cascos da frota salpicavam neve enquanto Andorinha corria, leve como seu homônimo. Por cem passos, Faile pensou que ela poderia se libertar. E então Andorinha gritou e tropeçou, lançando-se para frente com o estalo agudo de uma perna quebrada. Faile voou pelo ar e pousou com força, a maior parte do fôlego sendo expelida dela quando ela mergulhou de bruços na neve. Lutando por ar, ela lutou para ficar de pé e arrancou uma faca do cinto. Andorinha gritou antes de tropeçar, antes daquele estalo horrível.

Um Aiel velado surgiu diante dela como se estivesse no ar, cortando seu pulso com a mão rígida. Sua faca caiu dos dedos subitamente dormentes, e antes que ela pudesse tentar sacar outra com a mão esquerda, o homem estava em cima dela.

Ela lutou, chutando, socando, até mordendo, mas o sujeito era tão largo quanto Perrin e uma cabeça mais alto. Ele também parecia tão duro quanto Perrin, apesar de toda a impressão que ela causou nele. Ela poderia ter chorado de frustração pela facilidade humilhante com que ele a tratou, primeiro arrancando todas as suas facas e colocando-as atrás do cinto, depois usando uma de suas próprias lâminas para cortar suas roupas. Quase antes que ela percebesse, estava nua na neve, os cotovelos amarrados atrás das costas com uma de suas meias, a outra amarrada no pescoço como uma coleira.

Ela não teve escolha a não ser segui-lo, tremendo e tropeçando na neve. Sua pele endureceu com o frio. Luz, como ela poderia ter pensado que este dia era algo menos que gelo? Luz, que alguém tivesse conseguido escapar com a notícia de Masema! Para levar a notícia de sua captura para Perrin, é claro, mas ela poderia escapar de alguma forma. A outra parte era mais importante.

O primeiro corpo que viu foi o de Parelean, esparramado de costas com a espada na mão estendida e sangue por todo o casaco fino com as mangas listradas de cetim. Havia muitos cadáveres

depois, Guardas Alados em suas couraças vermelhas, soldados de Alliandre em seus capacetes verde-escuros, um dos vendedores ambulantes, o gavião encapuzado batendo em vão contra as tiras de couro ainda agarradas no punho do morto. Ela manteve a esperança, no entanto.

As primeiros outras prisioneiras que ela viu, ajoelhadas entre alguns Aiel, homens e Donzelas com seus véus pendurados no peito, foram Bain e Chiad, cada uma nua, com as mãos desamarradas sobre os joelhos. O sangue escorria pelo rosto de Bain e emaranhava seu cabelo vermelho-fogo. A bochecha esquerda de Chiad estava roxa e inchada, e seus olhos cinza pareciam levemente vidrados. Elas se ajoelhavam ali, com as costas retas, impassíveis e sem vergonha, mas quando o grande homem Aiel a empurrou bruscamente para ficar de joelhos ao lado delas, elas se levantaram.

"Isso não está certo, Shaido," Chiad murmurou com raiva.

"Ela não segue o *ji'e'toh*," Bain latiu. "Você não pode fazê-la *gai'shain*."

"As *gai'shain* ficarão quietas," uma Donzela grisalha disse distraidamente. Bain e Chiad lançaram olhares pesarosos a Faile, depois voltaram à calma espera. Aconchegada, tentando esconder sua nudez contra os joelhos, Faile não sabia se chorava ou ria. As duas mulheres que ela teria escolhido para ajudá-la a escapar de qualquer lugar, e nenhuma delas levantaria a mão para tentar por causa do *ji'e'toh*.

"Repito, Efallin" murmurou o homem que a capturou, "isso é tolice. Nós viajamos rastejando nesta... neve." Ele disse a palavra sem jeito. "Há muitos homens armados aqui. Deveríamos estar nos movendo para o leste, não levando mais *gai'shain* para nos desacelerar ainda mais."

"Sevanna quer mais *gai'shain*, Rolan," a Donzela grisalha respondeu. Ela franziu a testa, porém, e seus olhos duros cinzas pareceram desaprovadores por um momento.

Tremendo, Faile piscou quando os nomes foram absorvidos. Luz, mas o frio estava deixando seu juízo lento. Sevanna. Shaido. Eles estavam na Adaga do Fratricida, o mais longe possível dali sem cruzar a Espinha do Mundo! Mas claramente não estavam, no entanto. Isso era algo que Perrin deveria saber, outra razão para ela escapar em breve. Parecia haver pouca chance disso, agachada ali na neve e imaginando quais partes dela iriam congelar primeiro. A Roda equilibrava sua diversão com os arrepios de Berelain com uma vingança. Ela estava realmente ansiosa pelas vestes grossas de lã que os *gai'shain* usavam. Seus captores não fizeram nenhum movimento para partir, no entanto. Havia outros cativos a serem trazidos.

Primeiro foi Maighdin, despida e amarrada como Faile, e lutando a cada passo do caminho. Até que a Donzela que a estava empurrando abruptamente chutou seus pés debaixo dela. Maighdin caiu sentada na neve, e seus olhos se arregalaram tanto que Faile poderia ter rido se não sentisse pena da mulher. Alliandre veio em seguida, quase dobrada em um esforço para se proteger, e depois Arrela, que parecia meio paralisada por sua nudez e estava quase sendo arrastada por um par de Donzelas. Finalmente, outro homem Aiel alto apareceu com uma Lacile chutando furiosamente, debaixo de um braço como um pacote.

"O resto está morto ou fugiu", disse o homem, deixando cair a pequena mulher cairhiena ao lado de Faile. "Sevanna terá que ficar satisfeita, Efallin. Ela dá muita importância a aceitar pessoas que usam seda."

Faile não lutou nem um pouco quando foi empurrada para ficar de pé e começou a se mexer na neve à frente das outras prisioneiras. Estava muito atordoada para lutar. Parelean morto, Arrela e Lacile cativas, e Alliandre e Maighdin. Luz, alguém tinha que avisar Perrin sobre Masema. Alguém. Parecia um golpe final. Ali estava ela, tremendo e rangendo os dentes para evitar que batessem, tentando ao máximo fingir que não estava nua e amarrada, a caminho de um

cativeiro incerto. Tudo isso, e ela tinha que esperar que aquela gata furtiva — aquela meretriz fazendo beicinho! — Berelain, tivesse conseguido escapar para que ela pudesse alcançar Perrin. Juntamente com todo o resto, isso parecia o pior de tudo.

Egwene acompanhou Daishar ao longo da coluna de iniciados, irmãs em seus cavalos entre as carroças, aceitas e noviças a pé apesar da neve. O sol brilhava em um céu com poucas nuvens, mas a névoa saía das narinas de seu cavalo capão. Sheriam e Siuan cavalgavam atrás dela, conversando baixinho sobre as informações descobertas pelos olhos e ouvidos de Siuan. Egwene havia considerado a mulher de cabelos cor de fogo uma Guardiã eficiente quando ela percebeu que não era a Amyrlin, mas, dia após dia, Sheriam parecia se tornar cada vez mais assídua em relação a seus deveres. Chesa a seguiu em sua égua gordinha para o caso de a Amyrlin querer alguma coisa, e diferente do normal, ela estava murmurando novamente sobre Meri e Selame terem fugido, as miseráveis ingratas, deixando-a para fazer o trabalho de três. Cavalgaram devagar, e Egwene com muito cuidado não olhou para a coluna.

Um mês de recrutamento, um mês do livro de noviças aberto a todas, trouxe números surpreendentes, uma enxurrada ansiosa para se tornar Aes Sedai, mulheres de todas as idades, algumas a centenas de quilômetros de distância. Havia agora o dobro de noviças com o grupo do que antes. Quase mil! A maioria, de longe, nunca usaria o xale, mas o número delas deixava todos olhando. Algumas podiam causar problemas menores, e uma, uma avó chamada Sharina com um potencial acima até mesmo de Nynaeve, certamente surpreendeu a todas, mas não foi a visão de uma mãe e filha brigando, porque a filha seria de longe a mais forte um dia, que ela estava tentando evitar, ou mulheres nobres que estavam começando a pensar que tinham feito a escolha errada ao pedir para serem testadas, ou mesmo os olhares perturbadoramente diretos de Sharina. A mulher de cabelos grisalhos obedecia a todas as regras e

mostrava todo o respeito devido, mas ela havia governado sua grande família pela força de sua presença, e até algumas das irmãs a rodeavam com cautela. O que Egwene não queria ver eram as jovens que se juntaram a elas dois dias antes. As duas irmãs que as trouxeram ficaram mais do que surpresas ao encontrar Egwene como Amyrlin, mas as garotas com elas não podiam acreditar, não em Egwene al'Vere, a filha do prefeito de Campo de Emond. Ela não queria ordenar que ninguém fosse punido, mas teria que fazer isso se visse outra mostrar a língua para ela.

Gareth Bryne também tinha seu exército em uma ampla coluna, cavalaria e infantaria todas dispostas e se estendendo para fora da vista por entre as árvores. O sol pálido brilhava em couraças e elmos e nas pontas de lanças. Os cavalos batiam os cascos na neve, impacientes.

Bryne caminhou em seu robusto baio para encontrá-la antes que ela chegasse às Votantes que esperavam seus cavalos, em uma grande clareira à frente de ambas as colunas. Ele sorriu para ela através das barras de seu capacete. Um sorriso reconfortante, ela pensou. "Uma bela manhã para isso, Mãe", disse ele. "Aqui."

Ela apenas assentiu, e ele foi atrás dela, ao lado de Siuan. Que não começou imediatamente a resmungar sobre ele. Egwene não tinha certeza exatamente de qual acordo Siuan havia feito com o homem, mas ela raramente resmungava sobre ele na presença de Egwene, e nunca quando ele estava presente. Egwene estava feliz por ele estar ali agora. O Trono de Amyrlin não podia deixar seu general saber que queria a garantia dele, mas ela sentia a necessidade disso esta manhã.

As Votantes tinham seus cavalos em fila na beira das árvores, e mais treze irmãs montavam suas montarias um pouco distantes, observando atentamente as Votantes. Romanda e Lelaine esporearam seus animais quase juntas, e Egwene mal pôde deixar de suspirar quando se aproximaram, as capas esvoaçando atrás

delas, os cascos espalhando neve como se estivessem atacando. O Salão a obedeceu porque não tinha escolha. Em assuntos relativos à guerra contra Elaida, eles obedeciam, mas Luz, como elas poderiam discutir sobre o que dizia respeito ou não à guerra. Quando isso não acontecia, tirar qualquer coisa delas era como arrancar os dentes de um pato! Não fosse Sharina, elas poderiam ter encontrado uma maneira de acabar com a aceitação de mulheres de qualquer idade. Até Romanda ficou impressionada com Sharina.

A dupla parou diante dela, mas antes que pudessem abrir a boca, ela falou. “É hora de continuarmos com isso, filhas, e não há tempo para perder em conversa fiada. Vamos continuar.” Romanda fungou, embora suavemente, e Lelaine pareceu querer.

Elas viraram seus cavalos como uma só, então olharam uma para a outra por um momento. Acontecimentos no mês passado só aumentaram sua antipatia uma pela outra. Lelaine balançou a cabeça com raiva em concessão, e Romanda sorriu, uma leve curva de seus lábios. Egwene quase sorriu também. Essa animosidade mútua ainda era sua maior força no Salão.

“O Trono de Amyrlin ordena que você prossiga,” Romanda anunciou, levantando uma mão grandiosamente.

A luz do *saidar* surgiu ao redor das treze irmãs perto das Votantes, ao redor de todas elas juntas, e uma grossa faixa de prata apareceu no meio da clareira, girando em um portão de dez passos de altura e cem de largura. A neve caindo flutuou do outro lado. Ordens gritadas se ergueram entre os soldados, e a primeira cavalaria com armaduras pesadas passou. A neve rodopiante além do portão era espessa demais para ser vista de longe, mas Egwene imaginou que poderia distinguir as Muralhas Reluzentes de Tar Valon e a própria Torre Branca.

“Começou, Mãe,” Sheriam disse, soando quase surpresa.

“Começou”, concordou Egwene. E a Luz querendo, logo Elaida cairia. Ela deveria esperar até que Bryne dissesse que um número

suficiente de seus soldados havia passado, mas não conseguiu se conter. Cravando os calcanhares nos flancos de Daishar, ela cavalgou pela neve que caía, até a planície onde o Monte do Dragão se erguia negro e fumegante contra um céu branco.



CAPÍTULO

31



Depois

Os ventos do inverno e as neves do inverno retardaram a passagem do comércio por terras de onde não saíam até a primavera, e para cada três pombos enviados pelos mercadores, dois morriam por causa de falcões ou intempéries, mas onde o gelo não cobria os rios, os navios ainda navegavam, e os rumores voavam mais rápido que os relâmpagos. Mil rumores, cada um lançando mil sementes que brotavam e cresciam na neve e no gelo como em solo fértil.

Em Tar Valon, contam algumas histórias, grandes exércitos entraram em confronto, e as ruas estavam cheias de sangue, e as rebeldes Aes Sedai haviam espetado a cabeça de Elaida a'Roihan em uma lança. Não; Elaida fechara o cerco, e aquelas que sobreviveram entre os rebeldes rastejavam aos pés de Elaida. Não havia rebeldes, nenhuma divisão da Torre Branca. Foi a Torre Negra que foi quebrada, pelos projetos das Aes Sedai e o poder das Aes Sedai, e Asha'man caçava Asha'man em todas as nações. A Torre Branca despedaçou o Palácio do Sol em Cairhien, e o próprio Dragão Renascido estava agora ligado ao Trono de Amyrlin, seu boneco e sua ferramenta. Alguns contos diziam que Aes Sedai estavam ligadas

a ele, ligadas aos Asha'man, mas poucos acreditavam nisso, e esses poucos eram ridicularizados.

Os exércitos de Artur Asa de Gavião voltaram para reclamar seu império há muito morto, e os Seanchan estavam varrendo tudo à sua frente, até mesmo tirando o Dragão Renascido derrotado de Altara. Os Seanchan vieram para servi-lo. Não; ele havia lançado os Seanchan no mar, destruindo totalmente seu exército. Levaram embora o Dragão Renascido, para se ajoelhar diante de sua Imperatriz. O Dragão Renascido estava morto, e houve tanta festa quanto luto, tantas lágrimas quanto gritos de alegria.

Através das nações, as histórias se espalharam como teias de aranha sobre teias de aranha, e homens e mulheres planejaram o futuro, acreditando que conheciam a verdade. Eles planejaram, e o Padrão absorveu seus planos, tecendo em direção ao futuro predito.

Fim do
Oitavo Livro de
A Roda do Tempo



GLOSSÁRIO



A Note on Dates in This Glossary. The Toman Calendar (devised by Toma dur Ahmid) was adopted approximately two centuries after the death of the last male Aes Sedai, recording years After the Ruptura of the World (AB). So many records were destroyed in the Trolloc Wars that at their end there was argument about the exact year under the old system. A new calendar, proposed by Tiam of Gazar, celebrated freedom from the Trolloc threat and recorded each year as a Free Year (FY). The Gazaran Calendar gained wide acceptance within twenty years after the Wars' end. Artur Asa de Gavião attempted to establish a new calendar based on the founding of his empire (FF, From the Founding), but only historians now refer to it. After the death and destruction of the War of the Hundred Years, a third calendar was devised by Uren din Jubai Soaring Gull, a scholar of the Povo do Mar, and promulgated by the Panarch Farede of Tarabon. The Farede Calendar, dating from the arbitrarily decided end of the War of the Hundred Years and recording years of the New Era (NE), is currently in use.

armsmen: Soldiers who owe allegiance or fealty to a particular lord or lady.

Asha'man: (1) In the Old Tongue, "Guardian" or "Guardians," but always a guardian of justice and truth. (2) The name given, both collectively and as a rank, to the men who have come to the

Black Tower, near Caemlyn in Andor, in order to learn to channel. Their training concentrates on the ways in which the Poder Único can be used as a weapon, and in another departure from the usages of the White Tower, once they learn to seize *saidin*, the male half of the Power, they are required to perform all chores and labors with the Power. When newly enrolled, a man is termed a Soldier; he wears a plain black coat with a high collar, in the Andoran fashion. Being raised to Dedicated brings the right to wear a silver pin, called the Sword, on the collar of his coat. Promotion to Asha'man brings the right to wear a Dragon pin, in gold and Vermelha enamel, on the collar opposite the Sword. Although many women, including wives, flee when they learn that their men actually can channel, a fair number of men at the Black Tower are married, and they use a version of the Guardiã bond to create a link with their wives. This same bond, altered to compel obedience, has recently been used to bond captured Aes Sedai as well.

Balwer, Sebban: Formerly Pedron Niall's secretary, in public, and secretly Niall's spymaster. He aided Morgase's escape from the Seanchan in Amador for his own reasons, and now is employed as secretary to Perrin t'Bashere Aybara and Faile ni Bashere t'Aybara.

Blood, the: Term used by the Seanchan to designate the nobility. One can be raised to the Blood as well as born to it.

Cha Faile: (1) In the Old Tongue, "the Falcon's Talon." (2) Name taken by the young Cairhienin and Tairens, attempted followers of *ji'e'toh*, who have sworn fealty to Faile ni Bashere t'Aybara. In secret, they act as her personal scouts and spies.

Companions, the: The elite military formation of Illian, currently commanded by First Captain Demetre Marcolin. The Companions provide a bodyguard for the King of Illian and

guard key points around the nation. Additionally, the Companions have traditionally been used in battle to assault the enemy's strongest positions, to exploit weaknesses, and, if necessary, to cover the retreat of the King. Unlike most other such elite formations, foreigners (excepting Tairens, Altaranos and Murandians) are not only welcome, they can rise even to the highest rank, as can commoners, which also is unusual. The uniform of the Companions consists of a Verde coat, a breastplate worked with the Nine Bees of Illian, and a conical helmet with a faceguard of steel bars. The First Captain wears four rings of golden braid on the cuffs of his coat, and three thin golden plumes on his helmet. The Second Captain wears three rings of golden braid on each cuff, and three golden plumes tipped with green. Lieutenants wear two Amarela rings on their cuffs, and two thin Verde plumes, under-lieutenants one Amarela ring and a single Verde plume. Bannermen are designated by two broken rings of Amarela on the cuffs and a single Amarela plume, squadmen by a single broken ring of yellow.

Consolidation, the: When the armies sent by Artur Asa de Gavião under his son Luthair landed in Seanchan, they discovered a shifting quilt of nations often at war with one another, where Aes Sedai often reigned. Without any equivalent of the White Tower, Aes Sedai worked for their own individual power, using the Power. Forming small groups, they schemed against one another constantly. In large part it was this constant scheming for personal advantage and the resulting wars among the myriad nations that allowed the armies from east of the Aryth Ocean to begin the conquest of an entire continent, and for their descendants to complete it. This conquest, during which the descendants of the original armies became Seanchan as much as they conquered Seanchan, took more than nine hundred years and is called the Consolidation.

Corenne: In the Old Tongue, “the Return.” The name given by the Seanchan both to the fleet of thousands of ships and to the hundreds of thousands of soldiers, craftsmen and others carried by those ships, who will come behind the Forerunners to reclaim the lands stolen from Artur Asa de Gavião’s descendants. *See also* Forerunners.

Daughters of Silence, the: During the history of the White Tower (over three thousand years), various women who have been put out have been unwilling to accept their fates and have tried to band together. Such groups—most of them by far, at least—have been dispersed by the White Tower as soon as found and punished severely and publicly to make sure that the lesson is carried to everyone. The last group to be dispersed called themselves the Daughters of Silence (794–798 NE). The Daughters consisted of two Accepted who had been put out of the Tower and twenty-three women they had gathered and trained. All were carried back to Tar Valon and punished, and the twenty-three were enrolled in the novice book. Only one of those managed to reach the shawl. *See also* Kin, the.

da’covale: (1) In the Old Tongue, “one who is owned,” or “person who is property.” (2) Among the Seanchan, the term often used, along with property, for slaves. Slavery has a long and unusual history among the Seanchan, with slaves having the ability to rise to positions of great power and open authority, including over those who are free. *See also* so’jhin.

Vigília da Morte Guards, the: The elite military formation of the Seanchan Empire, including both humans and Ogier. The human members of the Vigília da Morte Guard are all *da’covale*, born as property and chosen while young to serve the Empress, whose personal property they are. Fanatically loyal and fiercely proud, they often display the ravens tattooed on their shoulders, the mark of a *da’covale* of the Empress. The helmets

and armor are lacquered in dark Verde and blood-red, their shields are lacquered black, and their spears and swords carry black tassels. *See also da'covale.*

Defenders of the Stone, the: The elite military formation of Tear. The current Captain of the Stone (commander of the Defenders) is Rodrivar Tihera. Only Tairens are accepted into the Defenders, and officers are usually of noble birth, though often from minor Houses or minor branches of strong Houses. The Defenders are tasked to hold the great fortress called the Stone of Tear, in the city of Tear, to defend the city, and to provide police services in place of any City Watch or the like. Except in times of war, their duties seldom take them far from the city. Then, as with other elite formations, they are the core around which the army is formed. The uniform of the Defenders consists of a black coat with padded sleeves striped black-and-gold with black cuffs, a burnished breastplate, and a rimmed helmet with a faceguard of steel bars. The Captain of the Stone wears three short white plumes on his helmet, and on the cuffs of his coat three intertwined golden braids on a white band. Captains wear two white plumes and a single line of golden braid on white cuffs, lieutenants one white plume and a single line of black braid on white cuffs and under-lieutenants one short black plume and plain white cuffs. Bannermen have gold-colored cuffs on their coats, and squadmen have cuffs striped black-and-gold.

Delving: (1) The ability to use the Poder Único to diagnose physical condition and illness. (2) The ability to find deposits of metal ores with the Poder Único. That this has long been a lost ability among Aes Sedai may account for the name becoming attached to another ability.

der'morat-: (1) In the Old Tongue, “master handler.” (2) Among the Seanchan, the suffix applied to indicate a senior and highly skilled handler of one of the exotics, one who trains others, as

in *der'morat'raken*. *Der'morat* can have a fairly high social status, the highest of all held by *der'sul'dam*, the trainers of *sul'dam*, who rank with fairly high military officers. *See also morat*.

Fain, Padan: Former Darkfriend, now more and worse than a Darkfriend, and an enemy of the Abandonado as much as he is of Rand al'Thor, whom he hates with a passion. Last seen using the name Jeraal Mordeth, advising Lord Toram Riatin in his rebellion against the Dragão Renascido in Cairhien.

Fists of Heaven, the: Lightly armed and lightly armored Seanchan infantry carried into battle on the backs of the flying creatures called *to'raken*. All are small men, or women, largely because of limits as to how much weight a *to'raken* can carry for any distance. Considered to be among the toughest soldiers, they are used primarily for raids, surprise assaults on positions at an enemy's rear, and where speed in getting soldiers into place is of the essence.

Forerunners, the: *See* Hailene.

Abandonado, the: The name given to thirteen powerful Aes Sedai, men and women both, who went over to the Shadow during the Age of Legends and were trapped in the sealing of the Bore into the Tenebroso's prison. While it has long been believed that they alone abandoned the Light during the War of the Shadow, in fact others did as well; these thirteen were only the highest ranking among them. The Abandonado (who call themselves the Chosen) are somewhat reduced in number since their awakening in the present day. The known survivors are Demandred, Semirhage, Graendal, Mesaana, Moghedien, and two who were reincarnated in new bodies and given new names, Osan'gar and Aran'gar. Recently, a man calling himself Moridin has appeared, and may be yet another of the dead Abandonado brought back from the grave by the Tenebroso.

The same possibility may exist regarding the woman calling herself Cyndane, but since Aran'gar was a man brought back as a woman, speculation as to the identities of Moridin and Cyndane may prove futile until more is learned.

Hailene: In the Old Tongue, “Forerunners,” or “Those Who Come Before.” The term applied by the Seanchan to the massive expeditionary force sent across the Aryth Ocean to scout out the lands where Artur Asa de Gavião once ruled. Now under the command of the High Lady Suroth, its numbers swollen by recruits from conquered lands, the Hailene has gone far beyond its original goals.

Hanlon, Daved: A Darkfriend, formerly commander of the White Lions in service to the Abandonado Rahvin while he held Caemlyn using the name Lord Gaebril. From there, Hanlon took the White Lions to Cairhien under orders to further the rebellion against the Dragão Renascido. The White Lions were destroyed by a “bubble of evil,” and Hanlon has been ordered back to Caemlyn for purposes as yet unknown.

Ishara: The first Queen of Andor (circa FY 994–1020). At the death of Artur Asa de Gavião, Ishara convinced her husband, one of Asa de Gavião's foremost generals, to raise the siege of Tar Valon and accompany her to Caemlyn with as many soldiers as he could break away from the army. Where others tried to seize the whole of Asa de Gavião's empire and failed, Ishara took a firm hold on a small part and succeeded. Today, nearly every noble House in Andor contains some of Ishara's blood, and the right to claim the Lion Throne depends both on direct descent from her and on the number of lines of connection to her that can be established.

Kin, the: Even during the Trolloc Wars, more than two thousand years ago (circa 1000–1350 AB), the White Tower continued to maintain its standards, putting out women who failed to measure up. One group of these women, fearing to return home in the midst of the wars, fled to Barashta (near the present-day site of Ebou Dar), as far from the fighting as was possible to go at that time. Calling themselves the Kin, and Mulheres Kins, they kept in hiding and offered a safe haven for others who had been put out. In time, their approaches to women told to leave the Tower led to contacts with runaways, and while the exact reasons may never be known, the Kin began to accept runaways, as well. They made great efforts to keep these girls from learning anything about the Kin until they were sure that Aes Sedai would not swoop down and retake them. After all, everyone knew that runaways were always caught sooner or later, and the Kin knew that unless they held themselves secret, they themselves would be punished severely.

Unknown to the Kin, Aes Sedai in the Tower were aware of their existence almost from the very first, but prosecution of the wars left no time for dealing with them. By the end of the wars, the Tower realized that it might not be in their best interests to snuff out the Kin. Prior to that time, a majority of runaways actually had managed to escape, whatever the Tower's propaganda, but once the Kin began helping them, the Tower knew exactly where any runaway was heading, and they began retaking nine out of ten. Since Mulheres Kins moved in and out of Barashta (and later Ebou Dar) in an effort to hide their existence and their numbers, never staying more than ten years lest someone notice that they did not age at a normal speed, the Tower believed they were few, and they certainly were keeping themselves low. In order to use the Kin as a trap for runaways, the Tower decided to leave them alone, unlike any other similar

group in history, and to keep the very existence of the Kin a secret known only to full Aes Sedai.

The Kin do not have laws, but rather rules based in part on the rules for novices and Accepted in the White Tower, and in part on the necessity of maintaining secrecy. As might be expected given the origins of the Kin, they maintain their rules very firmly on all of their members.

Recent open contacts between Aes Sedai and Mulheres Kins, while known only to a handful of sisters, have produced a number of shocks, including the facts that there are twice as many Mulheres Kins as Aes Sedai and that some are more than a hundred years older than any Aes Sedai has lived since before the Trolloc Wars. The effect of these revelations, both on Aes Sedai and on Mulheres Kins, is as yet a matter for speculation. *See also* Daughters of Silence, the; Knitting Circle, the.

Knitting Circle, the: The leaders of the Kin. Since no member of the Kin has ever known how Aes Sedai arrange their own hierarchy—knowledge passed on only when an Accepted has passed her test for the shawl—they put no store in strength in the Power but give great weight to age, with the older woman always standing above the younger. The Knitting Circle (a title chosen, like the Kin, because it is innocuous) thus consists of the thirteen oldest Mulheres Kins resident in Ebou Dar, with the oldest given the title of Eldest. By the rules, all will have to step down when it is time for them to move on, but so long as they are resident in Ebou Dar, they have supreme authority over the Kin, to a degree that any Trono de Amyrlin would envy. *See also* Kin, the.

Lance-Captain: In most lands, noblewomen do not personally lead their armymen into battle under normal circumstances. Instead, they hire a professional soldier, almost always a commoner, who is responsible both for training and leading

their armsmen. Depending on the land, this man can be called a Lance-Captain, Sword-Captain, Master of the Horse, or Master of the Lances. Rumors of closer relationships than Lady and servant often spring up, perhaps inevitably. Sometimes they are true.

Legion of the Dragon, the: A large military formation, all infantry, giving allegiance to the Dragão Renascido, trained by Davram Bashere along lines worked out by himself and Mat Cauthon, lines which depart sharply from the usual employment of foot. While many men simply walk in to volunteer, large numbers of the Legion are scooped up by recruiting parties from the Black Tower, who first gather all of the men in an area who were willing to follow the Dragão Renascido, and only after taking them through gateways to near Caemlyn winnow out those who can be taught to channel. The remainder, by far the greater number, are sent to Bashere's training camps.

marath'damane: In the Old Tongue, "those who must be leashed," and also "one who must be leashed." The term applied by the Seanchan to any woman capable of channeling who has not been collared as a *damane*.

Master of the Lances: *See* Lance-Captain.

Master of the Horse: *See* Lance-Captain.

Mera'din: In the Old Tongue, "the Brotherless." The name adopted, as a society, by those Aiel who abandoned clan and sept and went to the Shaido because they could not accept Rand al'Thor, a aguacento, as the *Car'a'carn*, or because they refused to accept his revelations concerning the history and origins of the Aiel. Deserting clan and sept for any reason is anathema among the Aiel, therefore their own warrior societies among

the Shaído were unwilling to take them in, and they formed this society, the Brotherless.

morat-: In the Old Tongue, “handler.” Among the Seanchan, it is used for those who handle exotics, such as *morat’raken*, a *raken* handler or rider, also informally called a flier. *See also* *der’morat*.

Prophet, the: More formally, the Prophet of the Lord Dragon. Once known as Masema Dagar, a Shienaran soldier, he underwent a revelation and decided that he had been called to spread the word of the Dragon’s Rebirth. He believes that nothing—nothing!—is more important than acknowledging the Dragão Renascido as the Light made flesh and being ready when the Dragão Renascido calls, and he and his followers will use any means to force others to sing the glories of the Dragão Renascido. Forsaking any name but “the Prophet,” he has brought chaos to much of Ghealdan and Amadicia, large parts of which he controls.

Return, the: *See* Corenne.

Povo do Mar hierarchy: The Atha’an Miere, the Povo do Mar, are ruled by the Mistress of the Ships to the Atha’an Miere. She is assisted by the Chamadora de Vento to the Mistress of the Ships, and by the Master of the Blades. Below this come the clan Wavemistresses, each assisted by her Chamadora de Vento and her Swordmaster. Below her are the Sailmistresses (ship captains) of her clan, each assisted by her Chamadora de Vento and her Cargomaster. The Chamadora de Vento to the Mistress of the Ships has authority over all Chamadoras de Vento to clan Wavemistresses, who in turn have authority over all the Chamadoras de Vento of her clan. Likewise, the Master of the Blades has authority over all Swordmasters, and they in turn

over the Cargomasters of their clans. Rank is not hereditary among the Povo do Mar. The Mistress of the Ships is chosen, for life, by the First Twelve of the Atha'an Miere, the twelve most senior clan Wavemistresses. A clan *Mestra das Ondas* is elected by the twelve seniormost Sailmistresses of her clan, called simply the First Twelve, a term which is also used to designate the senior Sailmistresses present anywhere. She can also be removed by a vote of those same First Twelve. In fact, anyone other than the Mistress of the Ships can be demoted, even all the way down to deckhand, for malfeasance, cowardice or other crimes. Also, the Chamadora de Vento to a *Mestra das Ondas* or Mistress of the Ship who dies will, of necessity, have to serve a lower ranking woman, and her own rank thus decreases. The Chamadora de Vento to the Mistress of the Ships has authority over all Chamadoras de Vento, and the Chamadora de Vento to a clan *Mestra das Ondas* authority over all Chamadoras de Vento of her clan. Likewise, the Master of the Blades has authority over all Swordmasters and Cargomasters, and a Swordmaster over the Cargomaster of his clan.

sei'mosiev: In the Old Tongue, "lowered eyes," or "downcast eyes." Among the Seanchan, to say that one has "become *sei'mosiev*" means that one has "lost face." *See also sei'taer.*

sei'taer: In the Old Tongue, "straight eyes," or "level eyes." Among the Seanchan, it refers to honor or face, to the ability to meet someone's eyes. It is possible to "be" or "have" *sei'taer*, meaning that one has honor and face, and also to "gain" or "lose" *sei'taer*. *See also sei'mosiev.*

Shen an Calhar: In the Old Tongue, "the Band of the Vermelha Hand." (1) A legendary group of heroes who had many exploits, finally dying in the defense of Manetheren when that land was destroyed during the Trolloc Wars. (2) A military formation put together almost by accident by Mat Cauthon and organized along the lines of military forces during what is considered the

height of the military arts, the days of Artur Asa de Gavião and the centuries immediately preceding.

***so'jhin*:** The closest translation from the Old Tongue would be “a height among lowness,” though some translate it as meaning “both sky and valley” among several other possibilities. *So'jhin* is the term applied by the Seanchan to hereditary upper servants. They are *da'covale*, property, yet occupy positions of considerable authority and often power. Even the Blood step carefully around *so'jhin* of the Imperial family, and speak to *so'jhin* of the Empress herself as to equals. *See also* Blood, the; *da'covale*.

Sword-Captain: *See* Lance-Captain.

Wise Woman: Honorific used in Ebou Dar for women famed for their incredible abilities at healing almost any injury. A Wise Woman is traditionally marked by a Vermelha belt. While some have noted that many, indeed most, Ebou Dari Wise Women were not even from Altara, much less Ebou Dar, what was not known until recently, and still is known only to a few, is that all Wise Women are in fact Mulheres Kins and use various versions of Healing, giving out herbs and poultices only as a cover. With the flight of the Kin from Ebou Dar after the Seanchan took the city, no Wise Women remain there. *See also* Kin, the.



About the Author

Robert Jordan was born in 1948 in Charleston, South Carolina. He taught himself to read when he was four with the incidental aid of a twelve-years-older brother, and was tackling Mark Twain and Jules Verne by five. He was a graduate of The Citadel, The Military College of South Carolina, with a degree in physics. He served two tours in Vietnam with the U.S. Army; among his decorations are the Distinguished Flying Cross with bronze oak leaf cluster, the Bronze Star with "V" and bronze oak leaf cluster, and two Vietnamese Gallantry Crosses with Palm. A history buff, he also wrote dance and theater criticism. He enjoyed the outdoor sports of hunting, fishing, and sailing, and the indoor sports of poker, chess, pool, and pipe collecting. He began writing in 1977 and continued until his death on September 16, 2007.